UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

SILVIA REGINA PAVERCHI

Memória da diáspora armênia nos relatos de seus descendentes
no Brasil e Argentina
(cidades São Paulo e Buenos Aires)

São Paulo
2015

SILVIA REGINA PAVERCHI

**Memória da diáspora armênia nos relatos de seus descendentes
no Brasil e Argentina**
(cidades São Paulo e Buenos Aires)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa Comunicação e Cultura, no nível doutorado.

Área de concentração: Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Julio Manuel Pires

São Paulo
2015

SILVIA REGINA PAVERCHI

**Memória da diáspora armênia nos relatos de seus descendentes
no Brasil e Argentina**
(cidades São Paulo e Buenos Aires)

Tese aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Julio Manuel Pires – Orientador
PROLAM – Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Renato Braz de Oliveira Seixas
PROLAM – Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Lusinê Yeghiazaryan
FFLCH – Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Yone de Carvalho
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Prof. Dr. Pedro Henrique Demercian
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

PAVERCHI, Silvia Regina.

Memória da diáspora armênia nos relatos de seus descendentes no Brasil e Argentina (cidades São Paulo e Buenos Aires) / Silvia Regina Paverchi. – São Paulo: PROLAM da USP, 2015.

XV, 294p. : il. ; 31 cm.

Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Integração da América Latina, São Paulo, BR-SP, 2015. Orientador: Julio Manuel Pires

1. Armênios. 2. Diáspora armênia. 3. Genocídio armênio. 4. Memória. 5. Imigração.

A todas as vítimas do genocídio armênio
que perderam a vida, os sobreviventes
e seus descendentes.

AGRADECIMENTOS

A todos os entrevistados deste trabalho, pela disponibilidade e generosidade em partilhar memórias carinhosas e dolorosas.

Ao meu orientador, professor Julio Manuel Pires, pelo constante auxílio e apoio em todas as etapas da pesquisa.

Aos professores e funcionários do Programa Interunidades para Integração da América Latina (PROLAM) e do curso de armênio do Departamento de Línguas Orientais da Universidade de São Paulo.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, à CAPES, ao Zoryan Institute, à Fundação Luiza Hairabedián, e à Universidade Federal de Sergipe.

Aos professores: Mineko Yamashita e Vahan Sarkssian (*in memoriam*), Lusinê Yeghiararyan, Deize Crespim Pereira, Maria da Conceição Golobovante, Mamede Mustafá, Jarouche, Reginaldo Mattar Nasser, Paulo José dos Reis Pereira, Jerusa Pires Ferreira, Marijane Vieira Lisboa, Yone de Carvalho, Heitor Andrade Loureiro, Joyce Apsel e Tomás Esposito Neto. À Nara Melikjanian, Priscila Lee, Ana Sofia Salas, Gabriela Muenta, Aline Santos, Horácio Terzian, Bruno Lourenço dos Santos, Fernando Januário Pimenta e Beatriz Rodrigues Lima.

Aos meus alunos, da Armênia, do Brasil, todos eles, com quem tanto tenho aprendido nesses já maduros anos de vida enveredados e dedicados à docência, muito obrigada pelo aprendizado que me têm proporcionado.

E, por último, não menos importantes e sim vitaliciamente fundamentais, por todo o afeto e apoio devotados: aos meus pais Oswaldo Paverchi (*in memoriam*) e Maria Izaura de Almeida, aos meus filhos Haroldo Fernando Paverchi de Araújo, Athos Oswaldo Paverchi de Araújo e Thomaz Henrique Paverchi Santana Bento, e netos Luíza de Hollanda Paverchi e Julio Cezar de Oliveira Paverchi. Ao meu companheiro de todas as horas, José Ednaldo Santana Bento.

IN MEMORIAM (PÁSCOA, 1915)

*As flores que esta noite se adensam nas ramadas
recordam-nos os homens distantes de seu povo.
Nesta Páscoa as teriam colhido com as amadas;
Entretanto jamais as colherão de novo.*

EDWARD THOMAS (1878–1917)

Memória da diáspora armênia nos relatos de seus descendentes no Brasil e Argentina (cidades São Paulo e Buenos Aires)

RESUMO

Este trabalho trata dos descendentes da diáspora armênia, cujas comunidades se fixaram na Argentina e no Brasil após o genocídio armênio perpetrado pelo Império Otomano durante a Primeira Grande Guerra. O objetivo principal é apresentar relatos de indivíduos descendentes e integrantes das comunidades formadas a partir de 1920, especialmente as de Buenos Aires e São Paulo. Busca-se averiguar a presença de uma memória coletiva que evidencie elementos comuns a uma possível identidade cultural armênia nesses grupos de descendentes. Objetivos secundários: abordagens sobre a formação das comunidades na América do Sul, processo de imigração da diáspora armênia e condição refugiada no contexto de outros fluxos migratórios para Argentina e Brasil no início século XX. É uma pesquisa exploratória investigativa, sem postulados de memória, que busca na memória individual traços comuns a uma identidade coletiva.

Palavras-chave: Diáspora armênia. Migrações. Identidade cultural. Memória. América Latina.

Memoria de la diáspora armenia en los relatos de sus descendientes en Brasil y Argentina (ciudades de San Pablo y Buenos Aires)

RESUMEN

Esta investigación trata de los descendientes de la diáspora armenia, cuyas comunidades se instalaron en Argentina y Brasil después del genocidio armenio perpetrado por el Imperio Otomano durante la Primera Gran Guerra. El objetivo principal es presentar relatos de individuos descendientes y integrados en las comunidades formadas desde 1920, especialmente las de Buenos Aires y San Pablo. Se busca averiguar la presencia de una memoria colectiva que pueda evidenciar elementos comunes a una posible identidad cultural armenia en estos grupos de descendientes. Objetivos secundarios: abordajes sobre la formación de las comunidades en Sudamérica, proceso de inmigración de la diáspora armenia y condición refugiada en el contexto de otros flujos migratorios para Argentina y Brasil en el inicio del siglo XX. Es trabajo exploratorio investigativo, sin postulados de memoria, que busca en la memoria individual rasgos comunes a una identidad colectiva.

Palabras-claves: Diáspora armenia. Migraciones. Identidad cultural. Memoria. América Latina.

Memory of the Armenian diaspora in the story of their descendants in Brazil and Argentina (cities of São Paulo and Buenos Aires)

ABSTRACT

This research deals with Armenian diaspora which migrated to Argentina and Brazil after Armenian Genocide perpetrated by Ottoman Empire during the Great War. The main objective is presenting reports of descendants from communities created since 1920 in Buenos Aires and Sao Paulo. The purpose is check the presence of collective memory which can shows common elements belonging to a possible Armenian cultural identity in these descendants. Approaches about community formation to South America as well as the immigration process of Armenian diaspora and the refugee status in the context of other migration flows to Argentina and Brazil in the XX Century constitutes secondary objectives. Exploratory and investigative research without memory postulates or filters aiming to find common traces belonging to a collective memory through the individual memory nature.

Keywords: Armenian Diaspora; Migrations; Cultural Identity; Memory; Latin America.

Բրազիլիայում և Արգենտինայում Հայկական Սփյուռքի հիշողությունները իրենց ժառանգների պատմություններում (Սան Պաուլո և Բուենոս Այրես քաղաքներում)

ԱՄՓՈՓՈՒՄ

Այս աշխատությունը պատմում է Արգենտինայի եւ Բրազիլիայի հայկական համայնքների մասին, որոնք այդ երկրներում ձևավորվեցին Առաջին համաշխարհային պատերազմի տարիներին Օսմանյան կայսրությունում իրականացված Հայոց ցեղասպանության հետևանքով: Հիմնական նպատակն է ներկայացնել հատկապես Բուենոս Այրեսում և Սան Պաուլոյում 1920 թ-ից ձևավորված համայնքների անդամ, ինչպես նաև անհատ ժառանգների պատմությունները: Նպատակ ունի պարզելու կոլեկտիվ հիշողության գոյությունը, որն ակնհայտ կդարձնի ժառանգների այդ խմբերում հայկական մշակութային ինքնության ընդհանուր տարրերի առկայությունը: Երկրորդական նպատակներն են՝ Հարավային Ամերիկայում համայնքների ձևավորման վերաբերյալ մոտեցումները, 20-րդ դարասկզբին Արգենտինայում և Բրազիլիայում հայկական սփյուռքի ներգաղթի և փախստականի կարգավիճակի գործընթացը այլ միգրացիոն հոսքերի համատեքստում: Սա հանդիսանում է հետազոտական քննչական ուսումնասիրություն, առանց հիշողության դրույթների, և նպատակ ունի անհատական հիշողության մեջ գտնել կոլեկտիվ ինքնության ընդհանուր գծեր:

Հիմնաբառեր: Հայկական սփյուռք, Միգրացիա, Մշակութային ինքնություն, Հիշողություն, Լատինական Ամերիկա.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O monte Ararat visto de Ierevan	32
Figura 2 – Alfabeto armênio inicial.....	36
Figura 3 – Origens do Alfabeto armênio	37
Figura 4 – Alfabeto armênio atual.....	39
Figura 5 – Alfabeto armênio atual usado na Armênia.....	40
Figura 6 – Túmulo com restos mortais de Mesrop Mashtots no Interior da Capela da região de Oshakan, Armênia	40
Figura 7 – Certidão Nansen	105
Figura 8 – Refugiados sírios em números nos países vizinhos	170

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Dimensão geográfica do reino de Ararat.....	26
Mapa 2 – Século XIX: Armênia Russa e Armênia Otomana.....	28
Mapa 3 – Províncias administrativas armênias do Império Otomano.....	28
Mapa 4 – A Armênia atual e o enclave Nagorno-Karabakh.....	29
Mapa 5 – Armênia atual e fronteiras com países vizinhos.....	30
Mapa 6 – Armênia atual: divisão administrativa.....	30
Mapa 7 – Armênia ancestral e divisão territorial por períodos	31
Mapa 8 – Centros e rotas de deportações	50
Mapa 9 – Tratado de Sèvres- 1920.....	60
Mapa 10 – Tratado de Lausanne – 1923	60
Mapa 11 – Províncias e cidades do Império Otomano.....	66
Mapa 12 – Diáspora armênia distribuída por países (2013).....	82
Mapa 13 – Novas fronteiras: Turquia, Armênia e Curdistão	171

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Os dez estágios do Genocídio.....	52
Quadro 2 – Genocídio armênio: países que reconhecem	54
Quadro 3 – As 12 organizações internacionais que reconhecem o genocídio armênio	55
Quadro 4 – Regiões de população armênia do Império Otomano entre 1914-1922	57
Quadro 5 – População estrangeira na Argentina-Censos: 1869 a 1914	68
Quadro 6 – Brasil: entrada de imigrantes (1884-1939)	78
Quadro 7 – Diáspora armênia em números estimados: 2010	83
Quadro 8 – Diáspora armênia na América do Sul: 2003	83
Quadro 9 – Ingresso de Cidadãos do Leste Europeu em Buenos Aires (1994-2003)	84
Quadro 10 – Número de escolas armênias: Argentina e Brasil (1928-2015).....	85
Quadro 11 – Imprensa Armênia na Argentina e Brasil (1923-1967)	85
Quadro 12 – Apresentação do Grupo	101
Quadro 13 – Grupo de Buenos Aires: Regiões de origem e países de passagem.....	102
Quadro 14 – Grupo de São Paulo: Regiões de origem e países de passagem	102
Quadro 15 – Regiões de origem dos ancestrais:.....	103
Quadro 16 – Ascendências e casamentos armênios declarados	106
Quadro 17 – Parentes em outros países	109

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CSCE	Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa
CUP	Comitê União e Progresso
EIIS	Estado Islâmico do Iraque e da Síria
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
RSSA	República Socialista Soviética da Armênia
UGAB	União Geral Armênia de Beneficência
UJA	<i>Unión Juventud Armenia</i>

SUMÁRIO

RESUMO	VIII
RESUMEN	IX
ABSTRACT	X
ՉՄՓՈՓՈՒՄ	XI
LISTA DE FIGURAS	XII
LISTA DE MAPAS	XIII
LISTA DE QUADROS	XIV
LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES	XV
SUMÁRIO.....	1
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – QUEM SÃO OS ARMÊNIOS?	26
1.1 Formação (recente) do país Armênia	28
1.1.1 Elos para construção da identidade armênia.....	30
1.1.2 As terras ancestrais	31
1.1.3 O mito da fundação.....	32
1.1.4 Religiosidade armênia: do panteão de Zoroastro à primeira nação cristã	33
1.1.5 A Armênia Cristã	34
1.1.6 Um alfabeto armênio exclusivo para a con-formação nacional.....	35
1.1.6.1 As origens do alfabeto armênio na escrita pictográfica	37
1.1.6.2 Evolução da língua armênia	38
1.2 Armênios e história contemporânea	41
1.2.1 Impérios Otomano e Russo.....	41
1.2.2 O Império Otomano	42
1.2.2.1 Tanzimat e Guerra russo-turca	43
1.2.2.2 Os Massacres Hamidianos	45
1.2.2.3 Ascensão e governo dos Jovens Turcos.....	46
1.3 O Genocídio armênio como processo ou os seus antecedentes	46
1.3.1 Os motivos e os pretextos	48
1.3.2 O Genocídio e a Primeira Grande Guerra.....	48
1.3.2.1 Planejamento e execução dos massacres	48
1.4 Por que “genocídio”?	51
1.4.1 A Convenção para a Prevenção e Repressão ao Crime de Genocídio.....	51
1.4.2 Os dez estágios do Genocídio – Gregory Stanton	52
1.4.3 A Negação e as 12 táticas (Israel Charny).....	53
1.4.4 Países e organizações internacionais que reconhecem o genocídio armênio	54
CAPÍTULO 2 – ARMÊNIOS: REFÚGIOS, DIÁSPORAS E FORMAÇÃO DE COMUNIDADES	57
2.1 A grande diáspora pós-genocídio.....	57

2.1.1 Os anos 1920.....	59
2.1.2 A condição refugiada	61
2.1.3 Destinos de refúgio: Oriente Médio, países europeus... América do Norte	62
2.2 América do Sul.....	63
2.2.1 Formação de Comunidades e políticas migratórias	64
2.3 Argentina.....	67
2.3.1 Buenos Aires.....	70
2.3.2 Bairros de instalação	70
2.3.3 Primeiros ofícios	71
2.3.4 Associações de ajuda mútua	72
2.3.5 Imprensa e escolas armênias.....	72
2.3.6 Inserção econômica a partir de 1970	73
2.4 Brasil.....	74
2.4.1 Década de 1930: a Era Vargas e o quadro econômico geral	74
2.4.2 Políticas migratórias e legislação trabalhista	76
2.4.3 São Paulo	79
2.4.4 As condições de chegada e os que acolheram	79
2.4.5 Regiões de assentamento e primeiros ofícios	80
2.4.6 Estruturação no ramo calçadista	80
2.4.7 Inserção econômica em períodos distintos	81
2.5 As comunidades armênias em números	82
2.5.1 Âmbito mundial e América do Sul	82
2.5.2 As novas diásporas: Buenos Aires 1990-2003	83
2.6 Escolas e imprensa armênia em retrospectiva: São Paulo e Buenos Aires	85
 CAPÍTULO 3 – MEMÓRIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO	 87
3.1 Procedimentos Metodológicos: a análise qualitativa	87
3.1.1 Estudo de caso, pesquisa documental e etnografia	88
3.2 Buscando a essência da memória	91
3.2.1 Memórias: individual, coletiva, histórica	92
3.2.2 Memória e con-formação identitária.....	94
3.3 Identidade e Identidades.....	95
3.3.1 Identidade e Nacionalidade.....	97
3.3.2 Identidade e pertencimento	97
3.3.3 Viver na comunidade	98
 CAPÍTULO 4 – MEMÓRIA DOS ANCESTRAIS E CONSTRUÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES, NOVAS “ARMENIDADES”	 100
4.1 Relatos e notas prévias	100
4.1.1 Quem são os entrevistados.....	100
4.1.2 Origem dos ancestrais.....	101
4.1.3 Casamentos intergeracionais	106
4.1.4 Parentes em outros países	109
4.1.5 Línguas familiares: armênia, turca, outras.....	112

4.1.6 Vida na comunidade e participação na coletividade.....	118
4.2 Memória ancestral do genocídio	129
4.2.1 Reflexos do genocídio	133
4.2.2 Reparação	134
4.2.3 População turca	146
4.2.4 “Turco”, “turca” ofende?	148
4.2.5 Armênios da Armênia atual	151
4.2.6 Descendentes e comunidades na América do Sul: Argentina, Uruguai, Brasil.....	153
4.3 Ser armênio	154
4.3.1 “Como evoca a ‘sua’ Armênia?”	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
ANEXO I	184
ANEXO II.....	229

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a uma contribuição para o aprofundamento dos estudos sobre a diáspora armênia da América do Sul que se estabeleceu na Argentina e Brasil, em decorrência do genocídio armênio de 1915, perpetrado pelo Império Otomano, ocorrido na atual região da Turquia.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem interdisciplinar, de natureza exploratória investigativa, com foco na memória individual e sem postulados de memória ou filtros, cuja problemática se centrou nas categorias de análise: memória, identidade e pertencimento.

Os relatos ativados pela na memória individual dos entrevistados, buscaram identificar uma espécie de imaginário coletivo acerca do genocídio e da existência de uma espécie de “armenidade” (SAPSEZIAN, 2010) nos indivíduos pertencentes aos espaços geográficos objeto da pesquisa. A esse imaginário foram acrescentadas influências de uma “cultura local” (GARCIA CANCLINI, 2011), ou ainda, na acepção de Homi Bahba (1998), de várias outras culturas locais em ação simultânea e, também, conforme Bauman (2003), uma mescla que se opera entre as várias nuances da cultura de diáspora, resultando em identidades contíguas e não excludentes.

Tais pressupostos teóricos favoreceram a percepção e análise das inter-relações com grupos de vários outros países por onde a diáspora armênia passou e/ou se fixou. Indicam traços de miscigenação e/ou hibridização cultural que marcaram outras levadas de imigrantes chegados cá na América do Sul de tempos em tempos, metamorfoseando modos de pensar de seus grupos originários pela chegada e necessidade de integração em cada região.

A interrogação frequente ao longo da pesquisa sobre a existência de uma memória cultural peculiar em cada grupo de indivíduos da diáspora armênia que possa ser diferenciada entre as suas múltiplas comunidades, em especial as existentes no Brasil e na Argentina, serviu como baliza para a busca do entendimento da amplitude dessa “armenidade”, bem como o reconhecimento de sua heterogeneidade. Dada a vizinhança geográfica entre Argentina e Brasil, a despeito dos laços de “latinidade” presentes, denotando grande proximidade cultural, a memória cultural dessas comunidades se diferencia em cada localidade estudada em relação às comunidades de países vizinhos por traços de uma suposta “brasilidade” ou de uma “platinidade”, constituída por elementos culturais locais específicos e exclusivos (BAHBA, 1998). Verificou-se também, em que medida as influências políticas,

mediáticas e artísticas a que indivíduos das comunidades de São Paulo e de Buenos Aires tenham sido expostos por outros grupos de mesma etnia migrados para demais países, especialmente os grupos formados na América do Norte e Europa, exerceram e ainda exercem papel preponderante. E, prosseguindo com os termos conjuntos, são “latinoarmenidades” comuns ou específicas de cada região? A pesquisa teve justamente o intuito de conhecer mais essa descendência sul-americana de armênios através da coleta de depoimentos.

Os procedimentos metodológicos consistiram na aplicação de entrevistas com 12 descendentes de armênios integrantes da segunda à quinta geração, sendo 10 delas ao vivo e duas por internet, cujos ancestrais foram vítimas sobreviventes do genocídio, de idades compreendidas entre 18 e 65 anos à época das entrevistas, realizadas entre os anos de 2013 e 2015. Considerou ainda a participação ativa desses indivíduos, residentes nas principais regiões metropolitanas dos países objeto da pesquisa, Buenos Aires e São Paulo, nas associações da diáspora estabelecidas nas cidades onde vivem. Teve como condição primeira o respeito à disponibilidade e vontade de cada participante (entrevistado) para fazer relatos ouvidos de seus ancestrais sobre o dito genocídio e sobre seu sentimento de perpetuação e pertencimento a uma possível identidade cultural armênia no ambiente da diáspora.

Nos discursos dos entrevistados se buscou identificar as impressões dessas atuais gerações acerca de sua própria origem, diáspora, integração cultural ao longo das gerações nos países de fixação, as relações com a língua e cultura armênia, e com destaque para, via relatos reproduzidos, as impressões sobre o genocídio armênio de 1915, que originou a partida forçada de seus ancestrais e formação das comunidades existentes em vários locais do planeta.

As perguntas contribuíram para traçar um esboço do perfil das últimas gerações com base na composição da estrutura familiar, no que se refere à frequência de casamentos intracomunitários ou não, periodicidade dos contatos mantidos e graus de envolvimento com as associações comunitárias da diáspora; existência de parentes e/ou amigos armênios de ascendência armênia dentro e fora do país; ancestralidade: se há conhecimento da região da Armênia ancestral e/ou outras intermediárias antes da chegada à Argentina e ao Brasil; e sobre as línguas faladas em casa: bisavós, avós, pais, tios, tios avós, bem como a existência e/ou frequência de outras línguas utilizadas na atual comunicação cotidiana entre parentes, amigos e indivíduos dos grupos da diáspora.

Outras questões intrínsecas à condição da diáspora, envolvendo nacionalidade e pertencimento a mais de uma nação, se fizeram presentes no seio desse contingente migratório e se reproduzem nas falas dos descendentes entrevistados, trazendo à tona

elementos para a compreensão da formação de uma memória cultural imigrante, suas formas de adaptação à região de chegada e, principalmente, como as influências geracionais vêm se processando em relação aos elos de identificação étnica e cultural, considerando também as diversas áreas geográficas de onde vieram seus ancestrais, e os determinados pelo solo onde nasceram e/ou vivem; alguns nasceram em outros países e se naturalizaram argentinos e brasileiros. Através dos relatos, importa-nos destacar como articulam esses conceitos de nação e nacionalidade e em que medida “negociam”, a partir deles, a formação de sua própria identidade.

O trabalho considera que o genocídio armênio ocorreu não apenas como flagelo histórico no bojo da Primeira Grande Guerra, mas principalmente como processo planejado de extermínio que se iniciou no século anterior, marcado pelo período de decadência do Império Otomano, e se prorrogou até 1923.

O genocídio armênio exterminou aproximados um milhão e quinhentos mil armênios (SUMMA, 2007) e provocou uma das primeiras maiores diásporas do século XX se comparada ao tamanho da população armênia residente na Anatólia, Cilícia e Sul do Cáucaso, e o número de armênios que, para fugir à morte, se viram obrigados a migrar para outros continentes na condição de refugiados.

Políticas migratórias do século passado, implantadas a partir da década de 1920 nos países objeto da pesquisa, não definiam exatamente a condição refugiada dos armênios e também a nacionalidade (OLIVEIRA, 2001; QUINTEROS, 2008), embora registros de chegada se baseassem no documento familiar apátrida, o Passaporte Nansen, ou outros tipos de vistos que eram fornecidos pela Organização Internacional do Trabalho, destinados para partida de outras regiões intermediárias de refúgio, especialmente Aleppo (Síria), Beirute (Líbano), Marselha (França) e Londres (Inglaterra), além da própria Turquia.

Dado ser um fluxo migratório essencialmente urbano, justificamos o recorte e a opção pelos habitantes das duas grandes metrópoles mencionadas. Assim, se pretendeu coletar dados e relatos de indivíduos, tendo em vista, de acordo com Celso Furtado (1986)¹, a existência de cenários sociopolíticos e econômicos distintos, as peculiaridades locais e seus graus de miscigenação cultural com os povos latino-americanos pré-existentes e descendentes de outras etnias migrados para a região.

De forma peculiar, a composição atual das sociedades argentina e brasileira é fruto de diversos fluxos migratórios, de diáspora ou não. No caso do Brasil, sua maior diáspora, a

¹ A primeira edição da obra data de 1969.

africana, foi extirpada das suas terras de origem, sob as condições ainda mais adversas e prolongadas, constituindo mão de obra forçada para a formação do Brasil Colonial e Imperial entre os séculos XVI e XIX.

A Argentina não teve passado colonial tão longo. Até o final do século XVIII era um país muito pobre e de grande vazio demográfico devido ao grande extermínio das primeiras populações da região, os índios, por colonizadores espanhóis e, também, corroborando a prática ancestral de guerras entre diferentes tribos. Naquela época, metade da população de Buenos Aires era constituída por portugueses e brasileiros que organizavam e faziam contrabando. O grande vazio demográfico e a permanente carência de mão de obra foram preenchidos posteriormente, no século XIX, pela chegada de fluxos migratórios de origem predominantemente europeia.

A Argentina enriqueceu muito e rapidamente no século XIX. Um dos fatores dessa prosperidade foi o navio frigorificado para exportação de carne bovina congelada. A região dos pampas, ótima para criação de gado, tornou a economia argentina complementar à Inglaterra e concorrente dos EUA naquele período. Outra vertente de análise, baseada no modelo de Furtado e da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), é explicada pela prosperidade dos centros econômicos, cuja dinâmica tende a rebaixar os salários nas periferias. No caso argentino, esse processo não foi determinante porque o país tinha, na verdade, problema de escassez de mão de obra, o que, aliada a greves frequentes favorecidas pela capacidade de organização dos imigrantes impossibilitavam o rebaixamento de salários. Naquele período foi grande e rápida a prosperidade de Buenos Aires, que passou a ter padrão de vida semelhante ao da Europa Ocidental e desde então ficou conhecida como a “Paris das Américas”, posição que manteve até as três primeiras décadas do século XX.

Logo após se iniciou um período de declínio econômico, com alta taxa de desemprego aliado à continuidade de recebimento de fluxos migratórios durante e, principalmente, após a Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, as condições de chegada do contingente de refugiados armênios durante e pós-genocídio de 1915 na Argentina (HEKIMIAN, 1990), foram marcadas pelo sofrimento com a falta sistêmica de empregos em diversos países das Américas. Em determinados momentos, a proibição de entrada de imigrantes na América do Norte, fazia com que o porto de Buenos Aires se constituísse como alternativa para desembarque desses grupos diversos, cujo número era muito superior à possibilidade de acolhida, resultando numa total falta de estrutura para recebê-los. Esses, como os turcos e outros fluxos do Leste Europeu e Cáucaso, tinham como possibilidade primeira as cidades de

Buenos Aires e de Córdoba (HEKIMIAN, 1990), mas ao longo das décadas de 1920, 1930 e também depois, dado o agravamento da crise econômica no bojo da eclosão da Segunda Guerra Mundial e consequente fechamento do porto platino, foram enviados grupos maiores para o Uruguai e também para o Brasil.

Especificamente no caso brasileiro, os armênios, ainda que se trate de grupo minoritário e contemporâneo, estão inseridos num contexto de fluxos migratórios urbanos que ajudaram a potencializar uma mão de obra autônoma mascate e manufatureira, posteriormente empregadora fabril com expansão no ramo calçadista (GRÜN, 1992, p.45-49), necessária ao processo de industrialização em curso no Brasil nas primeiras décadas do século XX (VILLELA; SUZIGAN, 1973).

Os imigrantes armênios se concentraram essencialmente nas regiões urbanas da América do Sul, sendo também necessário compreender os contextos histórico e econômico regional do Brasil e Argentina, desde o final do século XIX envolvendo vários fatores: processo de industrialização e políticas de migração, fechamento dos portos nos EUA e Buenos Aires aos imigrantes, declínio econômico da Argentina e, de forma abrangente, o estudo da América Latina como área periférica e exportadora de bens primários, assimétrica, de “modernidade tardia” e sem modernização, que viveu períodos ditatoriais recentes, e manteve a identidade cultural das minorias abafada pelo contexto histórico.

Nesse sentido, parte do capítulo 2 apresentará breve histórico do perfil socioeconômico dessas comunidades a partir dos primeiros ofícios nas terras de chegada às atividades profissionais atuais dessas comunidades, tendo a economia como pano de fundo para a abordagem e o desenvolvimento das questões ora apresentadas no campo da comunicação e cultura.

A necessidade de coletar dados sobre o grupo estudado advém da sua pouca visibilidade na região, surgindo necessidade de primeiro indagar: Quem são? De onde vieram? Quando vieram? Por que vieram? Onde estão seus descendentes e o que fazem agora? Como se identificam, tendo em vista a mestiçagem cultural e genética que vem se operando ao longo das gerações e de acordo com cada região objeto desse mapeamento proposto pela pesquisa? Como reproduzem as memórias familiares? Como sentem essa origem? O que sabem sobre a Armênia, os armênios e o genocídio? Como convivem com o tema genocídio? O que sabem sobre a Turquia atual, o governo e o povo turco?

Por fim, se procurou, a partir dos relatos coletados, desenvolver a pesquisa tendo ainda o pressuposto de existência de um povo e cultura cujos registros históricos datam de três milênios de existência.

Embora as relações com outros povos da antiguidade sejam relevantes para inseri-los nas questões contemporâneas envolvendo o genocídio e perdas territoriais, o presente trabalho não as abordou detalhadamente, preferindo estabelecer tônica ao recorte a partir da grande diáspora pós-genocídio e a formação de comunidades no contexto dinâmico que caracteriza o estudo das migrações e fluxos migratórios.

Justificamos que o trabalho se limitou apenas a recuperar uma parcela contemporânea de seu legado histórico, com breve menção a alguns períodos marcantes da antiguidade, cuja formação identitária está diretamente associada ao genocídio e, logo a seguir, à história antiga ou ao cristianismo, conforme se pôde atestar a partir das próprias respostas dos entrevistados.

Nos últimos dez anos tem havido crescimento do número de pesquisas acerca da história, literatura, cultura, alfabeto, língua armênia original e suas variações faladas pelas diversas diásporas espalhadas pela Ásia, Europa e América. Registra-se também o aprofundamento de estudos desenvolvidos por pesquisadores das ciências humanas no Brasil, Argentina e Uruguai, no âmbito do genocídio e das migrações e relações de e entre grupos de diásporas e a Armênia atual, compreendendo a região do Cáucaso, Rússia, Síria, Irã e a própria Turquia.

O não reconhecimento do genocídio armênio pela própria Turquia e por vários governos de potências dominantes, bem como os países que já reconheceram também será abordado. Trata-se de um dos primeiros genocídios do século XX. Na época não havia ordenamento jurídico internacional para categorizar este crime contra a humanidade.

Antes de iniciar seu plano de matança dos judeus e outras minorias na Alemanha nazista, Adolph Hitler mencionou “ninguém mais se lembra dos armênios” (BRYCE; TOYNBEE, 2003). O termo genocídio foi criado em 1944, após e justamente por causa do holocausto, pelo judeu de origem polonesa Rafael Lemkin, juntando a raiz grega *génos* (família, tribo ou raça) e *caedere* (do latim: matar).

O presente estudo se debruça sobre relatos de indivíduos contemporâneos de um povo ao qual se atribui a formação de uma das primeiras civilizações do Oriente próximo. E a civilização, de acordo com Huntington (1993, p.48) é “a história mais comprida de todas. Os impérios ascendem e caem, os governos vêm e vão, as civilizações perduram e sobrevivem às

convulsões políticas, sociais, econômicas, até mesmo ideológicas”. Nesse sentido, complementa o autor:

(...) a história internacional documenta com acerto a tese de que os sistemas políticos são expedientes transitórios na superfície da civilização e de que o destino de cada comunidade unificada linguística e moralmente depende, em última análise, da sobrevivência de certas ideias fundamentais de estruturação em torno das quais gerações sucessivas se congregam e que assim simbolizam a continuidade da sociedade (p.48-49).

Para o caso dos descendentes dessa diáspora, considerando sua notável longevidade no processo da humanidade, se busca compreender em que medida ainda se pode verificar sua perpetuação face o exposto.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos. No capítulo 1, intitulado “Quem são os armênios?”, para melhor compreensão dos espaços geográficos denominados Armênia, país atual e região considerada ancestral, são apresentados dados gerais sobre o país Armênia e população. Em breve retrospectiva histórica, trata-se os períodos anteriores recentes: a formação da Armênia República Socialista Soviética, e seu período de existência entre 1920 e 1991, mesmo território da Armênia atual. E também anteriormente, mencionando os espaços dos Impérios Russo e Otomano. No último, residiam os armênios que foram vítimas diretas do genocídio de 1915 e de seus massacres antecedentes e cujo espaço geográfico integra o território da atual Turquia. As abordagens também têm o intuito de apresentar a amplitude do espaço geográfico denominado Armênia, aludido à terra ancestral e seu legado cultural mítico-religioso, do panteão de Zoroastro ao período cristão, formação de alfabeto próprio e exclusivo. Os mapas apresentados visam proporcionar melhor visualização das regiões em questão.

O capítulo 2 tratará de refúgios e das diásporas, condição refugiada e formação das comunidades armênias no mundo, com destaque para as da América do Sul, e em especial para os grupos originados na Argentina e Brasil, com recorte específico para as comunidades de Buenos Aires e São Paulo.

O capítulo 3, intitulado “Memória, identidade e pertencimento”, apresenta a metodologia adotada, considerando que se trata de trabalho interdisciplinar de natureza exploratória investigativa com aplicação do método qualitativo que, direcionado ao longo do seu desenvolvimento (NEVES, 1996), vem a justificar a opção pelas perguntas abertas na entrevista, com o intuito de deixar o entrevistado falar, constituindo, por assim dizer, um conjunto de “oraturas”, próprio das ciências linguareiras. Embora sem utilização de postulados ou filtros para aplicação das entrevistas objeto da pesquisa, as categorias de análise:

memória, identidade e pertencimento se pautaram na essência da memória individual, sua relação com as memórias coletiva e histórica para, a partir daí, buscar sua íntima relação com a conformação identitária individual e comunitária no ambiente da diáspora.

O trabalho com foco na memória individual implica no reconhecimento da existência de relatos parciais “dados simbólicos em determinados contextos revelam parte da realidade ao mesmo tempo em que escondem outra parte.” (MAANEN, 1979a, p.521 *Apud* NEVES, 1996, p.1). Assim, a própria condução da entrevista expõe a habilidade do pesquisador na busca da revelação ou o seu contrário. Nesse sentido, a pesquisadora justifica a existência lacunas, atribuindo-as não aos entrevistados e sim ao seu manejo de dados.

O capítulo 4, “Memória dos ancestrais e construção de novas identidades, novas armenidades”, tratará das comunidades formadas atualmente, com foco exclusivo para os relatos dos 12 indivíduos selecionados, descendentes da segunda a quinta geração de armênios sobreviventes do genocídio, residentes em Buenos Aires e São Paulo, cuja tônica recai sobre a ancestralidade armênia, envolvendo memória, constituição de identidade e, também, sua relação de pertencimento, envolvendo comunidade(s), nação e nacionalidade. Nesse capítulo também são apresentadas as análises dos relatos mencionados.

O quinto e último capítulo recupera, a partir do conflito na Síria, questões envolvendo os armênios e o cruzamento de novos e antigos conflitos, inserindo-os na problemática dos refugiados num contexto multissecular de tantos outros genocídios ocorridos, quiçá em curso.

Esse trabalho constitui um olhar de fora da sociedade armênia e não pertencente a sua diáspora e descendência.

CAPÍTULO 1 – QUEM SÃO OS ARMÊNIOS?

“A história dos armênios é uma parábola viva da grandeza e da miséria desta vasta humanidade a que todos pertencemos” (SAPSEZIAN, 2010, p.14).

A gênese do povo armênio data três milênios de existência, tendo registros de seus primeiros vestígios a partir do século VII a. C.

Sua terra ancestral é atribuída à região montanhosa, onde nascem os rios Tigre, Eufrates e Araks, e que compreende a parte oriental da Turquia, conhecida como Anatólia, e a região da Cilícia, que em tempos de expansão chegou a se estender até o noroeste da Síria e o norte do Irã. Ao centro está o monte Ararat² onde, de acordo com vários historiadores, desde os gregos antigos aos contemporâneos ocidentais, se instalou o vasto reino de Urartu³ ou reino de Ararat.

Mapa 1 – Dimensão geográfica do reino de Ararat⁴

Fonte: Portal Armenica.org. Disponível em: <<http://www.armenica.org>>. Acesso em: 05 jul.2015.

A região aqui descrita é parte integrante do chamado Crescente Fértil, e se destacou pela riqueza natural:

² Referência bíblica onde Noé teria aportado sua arca após o dilúvio: “assim foi até o sétimo mês, e no dia dezessete a arca repousou sobre os Montes de ‘Ararate’” (Gênesis 8:4).

³ Etimologia da palavra urartu: termo assírio para designar a região geográfica que corresponde ao planalto montanhoso entre a Ásia Menor, Mesopotâmia e Cáucaso. Outras referências a mencionam como variação, em língua acadiana, do *Ararate* da Bíblia hebraica. Das citações na Bíblia cristã, além da mencionada citação em Gênesis, *Ararate* também aparece como nome de um reino em Jeremias (51: 27), mencionado junto dos de Minni e Asquenaz a serem convocados contra o reino de Babilônia. Em período posterior, de dominação assíria por Dario I, há registro trilingue na Inscrição de Behistun, que trata da extensão dos domínios territoriais do império do “Xá” Dario I, a menção de *urartu* em assírio, *arminiya* em persa antigo e *harminuia* em elamita.

⁴ Séculos IX ao VI a. C.

Propícia à produção agrícola, criação de cavalos e a existência metais e pedras preciosas, e despertou a cobiça de outros povos que posteriormente e com frequência a invadiram, dominaram, repovoaram e a transformaram em importante, senão a principal, rota para comércio da antiguidade (REDGATE, 2000, p.10).

Os perigos geográficos presentes em sua vasta cadeia montanhosa e o clima que conta com invernos e verões intensos, registrando temperaturas na faixa de -20°C e verões acima de 40°C, fatores importantes que contribuíram para a afirmação muito repetida por vários armenólogos ao longo dos tempos de que a geografia forjou a história dos armênios, ora dificultando o acesso dos dominadores, ora impedindo sua própria defesa devido ao isolamento nas montanhas.

Estas brevíssimas palavras sobre a gênese histórica dos armênios, assim como outras menções sobre sua constituição como primeira nação cristã⁵ e a formação de alfabeto próprio e exclusivo, citadas no decorrer deste e outros capítulos, buscam apresentar pontualmente, e não exaustivamente, períodos que favoreçam a compreensão e identificação deste povo em relação à atribuição de uma mítica civilizacional relacionada ao espaço geográfico ancestral.

A pesquisa se concentra nos períodos e fatos mais recentes vividos pelo povo armênio, com ênfase para os séculos XIX e XX, com o intuito de inseri-los numa problemática identitária contemporânea, especialmente seus descendentes da diáspora pós-genocídio, a ele diretamente associada e suas consequências no que se refere à perda territorial pela migração forçada, dentre outras perdas. Optou-se por apresentar a seguir o país Armênia atual e relacioná-lo com períodos históricos imediatamente anteriores: a decadência do Império Otomano e a formação da Armênia Soviética, com respectivas referências geográficas, para abordagem do genocídio armênio, seus antecedentes e relação com a Primeira Grande Guerra. O panorama aqui apresentado visa traçar uma relação geográfica e histórica entre as ditas terras armênias ancestrais e o país Armênia atual, enfocando a partir do século XIX, conforme os mapas 2 e 3, a existência de duas regiões armênias⁶: uma pertencente ao Império Russo e outra, maior em extensão e volume de riquezas, composta por 6 províncias⁷ do Império Otomano. Ambas, juntas, compreendem a quase totalidade da Armênia histórica.

⁵ O mito cristão da fundação, a partir do século III, da Armênia como região oficial do primeiro grupo cristão. Acreditamos que o termo “região” seja mais apropriado, posto que “Estado-nação” é termo contemporâneo, surgido a partir do século XIX. Contudo, a região cristã ali oficialmente formada teve a partir de então, o *status* de “Estado”, dada a espécie de organização ali surgida, além de contar na época com a criação de alfabeto próprio que perdura até a atualidade.

⁶ Divisão pelo Tratado de Turkmen Chai, em 1823.

⁷ *Vilayets* é o termo utilizado por muitos autores que tratam do tema.

Mapa 2 – Século XIX: Armênia Russa e Armênia Otomana

Fonte: SAPSEZIAN (2010, p.100).

Mapa 3 – Províncias administrativas armênicas do Império Otomano⁸

Fonte: SAPSEZIAN (2010, p.128).

1.1 Formação (recente) do país Armênia

A Armênia, proclamada República independente⁹ em 1991, após ter sido 70 anos uma das 15 Repúblicas Socialistas Soviéticas, tem proporção 10 vezes menor que a região conhecida como Armênia ancestral ou Armênia histórica.

⁸ Divisão dos 6 *Vilayets* após Tratado de Berlim em 1878 (SAPSEZIAN, 2010, p.128).

O enclave Nagorno-Kharabah (Mapa 4) é uma república independente com maioria da população armênia. É uma região disputada pela Armênia e Azerbaijão, com períodos de conflito armado entre 1991 e 1994, resultando no crescimento da animosidade entre as populações dos dois países, cujos representantes dos governos vem negociando a paz, sob a mediação do Grupo de Minsk¹⁰, no âmbito da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). Essa região também é conhecida como Artsah pelos armênios, em alusão a um dos reinos antigos da Armênia, e o termo surgiu com certa frequência nas falas dos entrevistados deste trabalho.

Mapa 4 – A Armênia atual e o enclave Nagorno-Karabakh

Fonte: Armenia Main Portal.

Disponível em: <http://www.welcomearmenia.com/armenia/map_of_armenia>. Acesso em: 05 jul.2015.

A Armênia atual (Mapa 4) é uma República semipresidencialista¹¹ que conta com uma extensão territorial de 29.743 km². Está dividida em 11 áreas administrativas, com aproximados três milhões de habitantes¹², dos quais cerca de um milhão residem na capital Ierevan. Como

⁹ Trata-se do terceiro período de independência. A primeira República independente ocorreu entre 1918 e 1920, após República Socialista Soviética da Armênia (RSSA).

¹⁰ Criado em 1992 pela Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa (CSCE), atualmente OSCE, com intuito de encorajar a negociação pacífica deste conflito entre Armênia e Azerbaijão.

¹¹ Sistema de governo híbrido em que um presidente eleito divide com um primeiro-ministro e seu gabinete a responsabilidade de governo. O presidente não é uma figura cerimonial como no parlamentarismo puro, nem o único responsável pelo poder executivo como no presidencialismo.

¹² De acordo com o Banco Mundial, população de 2.983.990 habitantes em 2014. Disponível em <<http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>>. Acesso em 25 ago.2015.

se vê no Mapa 5 e 6, o país faz fronteira ao norte com a Geórgia, a leste com o Azerbaijão, a oeste com a Turquia e ao sul com o Irã e o enclave de Nakhichevan¹³. Desses países apenas a fronteira com o Irã não apresenta restrições para entrada de armênios nascidos e residentes na Armênia.

Mapa 5 – Armênia atual e fronteiras com países vizinhos

Fonte: Portal Wikimedia.org.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Armenia_2002_CIA_map.jpg>.

Acesso em: 05 jul.2015.

Mapa 6 – Armênia atual: divisão administrativa

Fonte: SAPSEZIAN (2010, p.224).

1.1.1 Elos para construção da identidade armênia

A questão que une os armênios nascidos na Armênia atual e os da diáspora, além de remeter ao trauma do genocídio, também dialoga com o mito da ancestralidade no que se

¹³ República autônoma do Azerbaijão. Anteriormente anexada pela Rússia em 22/02/1828 e República Autônoma Soviética em 09/02/1924.

refere ao espaço geográfico e à religiosidade, com especial destaque para a religião cristã e a língua própria, cujo alfabeto exclusivo foi justamente concebido por ocasião da cristianização. Embora o genocídio tenha forjado a construção de uma identidade contemporânea mesclada pela dor, perda e trauma, pode-se identificar também nas falas dos entrevistados certo orgulho ao relacionar seu pertencimento a um povo tão longo, de história multissecular.

1.1.2 As terras ancestrais

A região da Armênia ancestral (Mapa 7) é basicamente formada pelas regiões da Anatólia (na Turquia atual), Cilícia (Turquia e Síria) e sul do Cáucaso, onde fica a Armênia atual. Trata-se de um espaço fronteiro situado entre a Ásia Menor e Europa, que marca a imaginária linha geográfica e cultural entre o Oriente e o Ocidente¹⁴.

Mapa 7 – Armênia ancestral e divisão territorial por períodos

Fonte: KILIKIAN (2013, p.12).

Esse espaço ancestral teve a gênese de sua formação a partir da junção de alguns povos (tribos), entre os quais destacamos dois¹⁵ deles, os “Armê” e os “Haiasa”. Dentre outras tribos, essas nomenclaturas são importantes para a compreensão das duas diferentes grafias vigentes utilizadas para designar o país Armênia e, principalmente, as relações que se estabelecem entre os armênios nascidos no país e os da diáspora.

¹⁴ Integra a Eurásia, termo que define parte da Turquia e parte da Rússia.

¹⁵ De acordo com historiador armênio contemporâneo S.T. Eremian, os armê e os haiasa se destacaram desde o século XV a. C. pela capacidade de aglutinar os demais povos da região leste da Anatólia. Esta versão é parcialmente refutada por outros autores (SAPSEZIAN, 2010, p.23).

1.1.3 O mito da fundação

O nome Armênia¹⁶ designa o país e seu reconhecimento por outros países. Já Haiastan é a terra do povo de Haik, numa alusão aos haiasa¹⁷, resultando que, entre si, os armênios se tratam por “haieren” (descendentes de Haik, linhagem de Noé) e os descendentes por “hai serunt”, forte alusão cristã à linhagem de Noé (SAPSEZIAN, 2010, p.22).

Em relação ao símbolo maior da Armênia e do povo armênio, o monte Ararat¹⁸, devido à nova divisão geopolítica pós-Primeira Guerra Mundial definida pelo Tratado de Lausanne em 1923, passou a pertencer ao território turco e pode ser visto desde Ierevan, marca profunda da dor do genocídio que se fixou na memória dos armênios e de seus descendentes não só por visível perda territorial, mas outras perdas registradas pelo genocídio de 1915, conforme várias falas dos entrevistados desta pesquisa requisitando-o como território armênio a ser devolvido.

Figura 1 – O monte Ararat visto de Ierevan

Fonte: KILIKIAN (2013, p.13).

¹⁶ Dois nomes oficiais: República da Armênia (Armênia) e Hayastany Hanrapetoutyun (Hayastan). Em armênio: Պաշտոնական անվանումը Հայաստանի Հանրապետություն (Հայաստան). Portal do Governo da República da Armênia (em inglês). Disponível em <<http://www.gov.am/en/official/>>. Acesso em 26 ago.2015.

¹⁷ E a Haik, atribuído tataraneto de Noé que fundou o Haiastan, nação cristã, após luta com Bel (ou Baal, deus das religiões pagãs), conforme Moises Khorenatzi, historiador armênio do século VIII, que alguns autores preferem situar no século VI.

¹⁸ Região montanhosa onde se atribui a localização do Éden bíblico, ou ainda onde Noé aportou a arca após dilúvio. (Gênesis 2:10-14: “Um rio regando o jardim fluiu do Éden; De lá, ele foi separado em quatro cabeceiras. O nome do segundo rio é Giom”; é tomado como o rio Arax, que flui através de Armênia. Essa afirmação é feita em especial porque as (palavras “Giom” em hebraico e “Araxes”, a forma grega, tem significados semelhantes, aproximadamente “arrojado”, “jorrando”, ou “correndo rápido”). Um mapa moderno pode colocar assim o paraíso de Adão e Eva no leste da Turquia, ou territórios historicamente habitados por armênios. Portal do Projeto 100 Anos 100 Fatos. Disponível em: <<http://100anos100fatos.com.br/fatos/garden-eden-traditions-located-armenia/>>. Acesso em 26 ago.2015.

1.1.4 Religiosidade armênia: do panteão de Zoroastro à primeira nação cristã

Antes do cristianismo a Armênia era uma região onde se cultuava o zoroastrismo (REDGATE, 2000, p.81-82) e o mazdeísmo, dentre outras formas religiosas¹⁹. Do legado religioso, registram-se dos ritos ao deus Khaldi, as práticas de enterrar os mortos nobres em cemitérios e também a cremação pós-morte, já iniciada na Era do Bronze; no caso específico de Urartu, destinada aos indivíduos comuns com guarda das cinzas em urnas (REDGATE, 2000, p.45).

No período de 590 a.C. a 190 d.C., de dominações grega e persa, ora concomitantes, ora prevalentes uma à outra, registra-se o crescimento das religiões derivadas do panteão helenista e zoroastrista que foram difundidas por toda a região da Armênia histórica. Resultantes de sincretismo religioso se metamorfosearam em deidades que tinham características regionais e, em sua maioria, mais se identificam com o mazdeísmo, religião persa prévia e matriz do cristianismo, judaísmo e islamismo.

Nesse contexto, importa-nos destacar seu papel exercido na formação da gênese cultural e religiosa dos armênios, e sua espécie de sincretismo com as religiões greco-romanas e persas, numa fusão de panteões de deuses, alguns equivalentes na linhagem armênia do mazdeísmo, como os deuses Aramazt (Ahura Mazda), Vartan (da guerra), Anahid (da beleza e do fogo) e Amanor (do tempo), caracterizando o período pré-cristão.

Entre a alternância do domínio persa e grego de 189 a.C a 63 d.C, os armênios criaram um curto reino independente liderado por Tigran Metz, que chegou ao apogeu em 95 a.C. Posteriormente, a Armênia voltou a ser dividida entre partos e romanos, situação que se estendeu até a formação de um Estado Armênio, propiciado pela conversão oficial ao cristianismo em 301 d.C., o qual alternou períodos de independência e submissão ao longo da Idade Média até o início da Era contemporânea²⁰.

¹⁹ E curiosamente nomes que foram atribuídos aos deuses de algumas destas religiões e contos da dita era pagã são comumente utilizados entre os habitantes da Armênia atual e outros da diáspora: Vahan, Anahi, Satenik.

²⁰ Quando novas divisões geopolíticas pós-Primeira Guerra Mundial vieram a alterar o mapa armênio para, finalmente, após fim do domínio soviético, apresentar as dimensões geográficas atuais e constituir-se uma república independente.

1.1.5 A Armênia Cristã

A Armênia como nação cristã vem a ter seu primeiro e importante registro simbólico a partir da lenda da batalha de Avarair. Esse mito fundacional, escrito por Khorenatzi²¹, é a narrativa da luta entre Haik, tataraneto de Noé²², e Bel, referência mítica ao deus profano Baal. O primeiro vence, e se torna o fundador do Haiastan. Largamente difundida entre o povo armênio, é uma das lendas mais populares contadas às crianças. Com versões multilíngues impressas até os dias atuais; ressignifica como os armênios identificam a si próprios e sua relação com o solo ancestral, desde a fundação da nação mítica Haiastan (terra dos haieren, filhos de Haik) ou Armênia, terra dos Armê, como os outros “estrangeiros” os evocam até hoje, denotando a importância dessa narrativa na formação e reverberação identitárias.

Entretanto, o cristianismo foi introduzido oficialmente na Armênia em 301 d. C., antes da batalha de Avarair. Ao contrário da lenda, os armênios foram derrotados pelos povos sassânidas de origem persa e devotos do zoroastrismo, mas puderam, através do tratado de Nevarsak, usufruir certa autonomia de governo e de liberdade religiosa sem represálias dos dominantes. Sua penetração e implantação ocorreu durante a dinastia dos arsácidas, povo de origem persa que governou de 54 d.C. a 428 d.C., período em que a cidade de Edessa (Síria) era importante centro irradiador do cristianismo. Outros dados imprecisos, envolvendo a tradição cristã do povo armênio, se referem ao processo de cristianização muito anteriormente, atribuindo sua fundação aos discípulos de Jesus Cristo, os apóstolos Bartolomeu e Tadeu. (ORMANIAN, 2003, p.35-37).

Soberanos armênios, entre os séculos I e II d.C., perseguiram o povo cristão. No entanto, registros do historiador armênio Agathangelo²³ indicam a existência de uma comunidade cristã desde o início do século III na já mencionada região armênia de Arthasah (atual Nagorno-Kharabah) onde Gregório²⁴, o sacerdote fundador do cristianismo armênio, exerceu atividades religiosas (SAPSEZIAN, 2010, p.39).

²¹ Historiador armênio (410–490 d. C.) escreveu “A história dos armênios” e recuperou tradições orais pré-cristãs, reproduzindo lendas de narrativa ficcional e épica em língua armênia.

²² Embora não haja comprovação precisa acerca desse parentesco, ou ainda, do pouso da arca de Noé no monte Ararat, essa narrativa faz parte da mítica de terra santa atribuída à Armênia pelo povo armênio, bem como alusão à região geográfica do Éden bíblico.

²³ Fontes atribuem que foi secretário do rei Tirídates III. Viveu no século IV d.C. e produziu: *História do Reino de Dertad, ou Tirídates, e da Pregação de São Gregório, o Iluminador*. Traduzida em várias línguas, com manutenção ou exagero dos fatos históricos imprecisos misturados com uso de acréscimos lendários. As traduções grega e latina dos originais são encontradas na *Acta Sanctorum Bollandistarum*, tomo VIII.

²⁴ Gregório, O Iluminador. De origem parta, raptado ainda criança pelos sassânidas persas, foi educado em Cesaréia, sob a influência da cultura helenística e da fé cristã. Serviu na corte do rei armênio Dertad 3º e sofreu duras perseguições religiosas desse rei que o libertou após anos de reclusão, após se aludir intercessão de

O processo de cristianização da Armênia foi longo e de forma alguma pacífica, como observa Sapsezian:

(...) as divindades tradicionais foram banidas, lançou-se por todo o país implacável repressão contra seus seguidores e destruição de seus santuários. Tudo indica que a fé cristã não foi automática nem unânime (SAPSEZIAN, 2010, p.41).

Em que pese os fatores acima, acrescidos pela resistência de alguns grupos e elites armênias na manutenção do culto a Zoroastro e a disputa de poderes entre a dinastia clerical então formada²⁵ (REDGATE, 2000, p.111), o processo de cristianização iniciado por Gregório facilitou a demarcação das terras armênias graças aos tratados de paz firmados entre a Pérsia Sassânida e o Império Romano, que assegurou protetorado à Armênia mediante cobrança de impostos.

Esse período adverso, fruto das rivalidades e disputas de importantes povos e impérios vizinhos da antiguidade favoreceu aos armênios a construção de um senso de identidade nacional, tendo sido a adoção do cristianismo a força vital para sua cultura, que propiciou o *status* de Estado e, a partir desse marco, a criação de outro referencial identitário poderoso, responsável pela distinção e manutenção de um legado cultural desse grupo em relação aos muitos outros que compunham essa disputada região geográfica: o alfabeto armênio próprio, que tem garantido o reconhecimento de língua e cultura peculiares (REDGATE, 2000, p.2).

1.1.6 Um alfabeto armênio exclusivo para a con-formação nacional

Além da atribuição à identidade cristã, outra marca importante, senão fundamental, que define os armênios é a língua, cujo alfabeto exclusivo foi criado por ocasião da implantação do cristianismo e tem mantido a língua viva até os dias atuais, em que pese algumas diferenças lexicais e fonéticas entre a língua falada na armênia e a da diáspora.

A escrita armênia, idealizada no ano de 405 d.C. por Mesrop Mashtots (360-440 d.C.)²⁶ juntamente com um grupo de discípulos, foi fruto de um pedido do Rei Sahak, que visava a unificação religiosa, cultural e linguística (KEROUZIAN, 1970, p.28). O processo de concepção alfabética levou anos para ser finalizado. Os provérbios bíblicos foram os

Gregório junto a Deus para cura de sua enfermidade. Dertad se converte e proclamou o cristianismo como religião oficial.

²⁵ A própria Catedral de Etchimiadzim, principal centro religioso do cristianismo armênio, foi construída sobre o altar de fogo Valarshapat, do zoroastrismo.

²⁶ Foi militar, monge e teólogo, possuía conhecimentos de línguas e escritas estrangeiras, como o grego, o sírio e o persa, línguas que constavam do currículo dos secretários da época.

primeiros textos a serem traduzidos para a língua armênia então recém-concebida. (ORMANIAN, 2003, p.52-53).

O alfabeto armênio (Figura 2) em sua tabela evolutiva inclui a gênese de falas e línguas que remontam períodos muito anteriores. Pesquisas linguísticas apontam que todas as línguas utilizadas na antiguidade apresentavam palavras semelhantes, mas com significados diversos²⁷, desde a adoção da escrita cuneiforme²⁸, reinventada pelos persas, a partir das escrituras dos povos vencidos, que a simplificaram padronizando-a para 36 silabogramas²⁹, mesmo número utilizado posteriormente por Mashtots para a criação dos caracteres do alfabeto armênio, indicando que, resguardada a grafia e peculiaridades fonéticas, sua origem muito provavelmente tenha se pautado nesse vasto histórico linguístico e alfabético da região da Ásia Menor. Ramo único da matriz de línguas indo-europeias é relativamente unânime entre os linguistas a influência das línguas grega e siríaca³⁰ na sua constituição.

Figura 2 – Alfabeto armênio inicial³¹

Fonte: Página do Grupo de Cultura de Armenia. Disponível em:
<http://grupos.emagister.com/cultura_de_armenia/11555>. Acesso em: 05 jul.2015.

²⁷ Os ideogramas usados pelos sumérios, de modo a simplificar a escrita, tornaram-se logogramas – em vez de representar uma ideia, representavam palavras e, no processo de evolução a fim de evitar confusão de significados, passaram a designar apenas sílabas (muitas das palavras eram silábicas) – tornando-se silabogramas, acrescentados ao final das palavras já então constituídas.

²⁸ Escrita dotada e adaptada por muitas outras culturas da antiguidade, além de ser também usada como língua franca para comércio e para a política pelos hititas e urartianos, bem como os povos elamitas, hurrianos e persas.

²⁹ Caracteres formados por vogais e consoantes + vogais, aos quais se juntavam um punhado de logogramas, números e determinativos. Desta escrita comum surgiu o aramaico.

³⁰ Língua semítica dialetal oriunda do aramaico médio, família linguística afro-asiática.

³¹ Sem diferenciação de maiúsculas e minúsculas.

1.1.6.1 As origens do alfabeto armênio na escrita pictográfica

De acordo com Kerouizian (1970, p.48), há registros pré-históricos paleográficos da participação dos armênios, desde a pré-história, no processo de formação e uso da pré-escrita e escrita propriamente dita³². Nesses registros se atribui aos armênios a escrita pictográfica “caprina” datada do VII século anterior à nossa era, como se pode observar através da Figura 3.

Figura 3 – Origens do Alfabeto armênio

THE EVOLUTION OF ARMENIAN ALPHABET																																																																																																																																																																																																																																																																																																																			
PETROGLYPH		HIEROGLYPH		SYLLABIC		ALPHABETS																																																																																																																																																																																																																																																																																																													
<p>PALEOLITHIC 15,000-12,000 B.C. MESOLITHIC 12,000-7,000 B.C. NEOLITHIC 7,000-5,000 B.C. ARMENIA</p>		<p>CHALCOLITHIC ROCK CARVING COPPER-BRONZE AGE 5,000-2,000 B.C. ARMENIA</p>		<p>METZAKON INSCRIPTION 2000-1000 B.C. ARMENIA</p>		<p>HYKSOSIAN INSCRIPTION 1700-1000 B.C. SYRIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 1500 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 1200-1000 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 1000 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 900-800 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 800-700 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 700-600 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 600-500 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 500-400 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 400-300 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 300-200 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 200-100 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 100-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 50-0 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 50-0 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<p>ARMATIAN INSCRIPTION 0-50 B.C. ARMENIA</p>		<	

Muitas gravações rupestres de cabras e, também, cães de caça, cavalos, danças e corpos celestiais ainda podem ser vistos próximos ao lago de Sevan, no monte Aragatz e na província de Siunik, regiões que fazem parte da Armênia atual. Também se registrou a descoberta de ideogramas e dos hieróglifos hititas, em Karkemish, região da Cilícia³³ que hoje é parte da Síria, e que representaram textos sacros da era pagã com finalidade cabalística, cujo uso secreto persistiu mesmo após a criação do alfabeto armênio na era cristã e dos quais ainda há documentação nos antigos manuscritos armênios³⁴.

Variações da escrita cuneiforme antiga foram encontradas na região da província de Van³⁵ e a descoberta de outras em Erzerun (Turquia), e ao sul do lago de Urmia (Irã), são registros de orgulho para o povo armênio, sendo que o mais importante deles data a primeira metade do século VIII a.C.:

numa lápide de basalto fala-se da fundação da cidade-fortaleza Erebuni, a atual capital da Armênia Ierevan, que, por essa certidão de nascimento, data do ano de 782 a.C., revela-se mais antiga que Roma (KEROUZIAN, 1970, p.47).

A partir do nascimento da escrita armênia, se iniciou o processo de produção de vastos registros escritos, com o florescimento das artes e da tradução literárias a partir dos séculos seguintes considerados como períodos de Ouro e Prata da literatura armênia (ANTUNES, 2012, p.68-70).

1.1.6.2 Evolução da língua armênia

Uma extensa produção literária em língua armênia continuou a permear universo armênio durante a Idade Média e também em períodos contemporâneos, através das obras literárias de autores da armênia ocidental (otomana) e oriental (russa). Esse universo armênio se expandiu posteriormente em literatura produzida nas regiões da Anatólia e Cilícia, Geórgia, no país Armênia e no ambiente da diáspora, sendo esta última produzida nas línguas dos países receptores da diáspora³⁶. Este vasto patrimônio escrito é referencial importante para a

³³ Monumentos que podem ter sido extintos devido aos conflitos recentes ocorridos desde 2011 na região entre grupos extremistas pró-governo sírio, de Bashar Al Assad, e integrantes das redes Al-Qaeda e Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS).

³⁴ Alguns ainda podem ser vistos no museu Matenadaran, na cidade de Ierevan, Armênia.

³⁵ Armênia ancestral, Turquia atual, que na época era capital do Reino Tushpa; outras próximas ao lago de Sevan (Armênia atual), referindo-se ao o rei urartiano Rusas, que governou entre 730-714 a.C..

³⁶ Sobre a categorização e reconhecimento da literatura armênia produzida na diáspora armênia em línguas dos países receptores, por romancistas descendentes de armênios cuja nacionalidade é a do país receptor dos ancestrais, mas tratando de temas sobre armênios, genocídio, Armênia, diáspora em PEREIRA, Deize Crespim. "O genocídio armênio e seus reflexos na literatura". In Revista de Estudos Orientais (2010), n.8, p.104.

compreensão de uma coletividade mundial que culturalmente se reconhece pela existência de uma produção literária ao longo dos séculos.

A incorporação posterior de 2 caracteres, sons de “o” e “f”³⁷, ao alfabeto armênio, teve o intuito de facilitar as traduções de nomes e expressões estrangeiras, cuja fonética não encontrava equivalência na fala armênia, bem como diferenciação dos caracteres maiúsculos e minúsculos, além do início do processo de distinção mais precisa entre o armênio clássico “grabar” e o moderno “ashkharabar” (YEGHIAZARYAN, 2006, p.191), além do armênio vulgar “rancoren”.

Hoje em dia, as diferentes diásporas formadas no planeta utilizam o mesmo alfabeto. Contudo, os habitantes da Armênia atual utilizam um caractere a mais, “iev”³⁸, que é a fusão de dois caracteres já existentes, totalizando num alfabeto de 39 caracteres. A fala armênia atualmente se identifica, basicamente, pela prevalência de duas variantes: a utilizada no país Armênia e a da diáspora.

Figura 4 – Alfabeto armênio atual

upper case	Ա	Բ	Գ	Դ	Ե	Զ	Է	Ը	Թ	Ժ	Ի	Լ	Խ
lower case	ա	բ	գ	դ	ե	զ	է	ը	թ	ժ	ի	լ	խ
transliteration	a	b	g	d	e	z	e	a	t'	z'	i	l	x
upper case	Ծ	Կ	Հ	Ճ	Ղ	Ջ	Մ	Յ	Ն	Շ	Ո	Չ	Պ
lower case	ծ	կ	հ	ճ	ղ	ձ	մ	յ	ն	շ	ո	չ	պ
transliteration	ts'	k'	h	dz	g	tsh'	m	h	n	sh	o	tsh'	p'
upper case	Ջ	Դ	Ս	Վ	Տ	Ր	Ց	Ի	Փ	Ք	Օ	Ֆ	
lower case	ջ	դ	ս	վ	տ	ր	ց	ի	փ	ք	օ	ֆ	
transliteration	dzh	π	s	y	t'	r	ts'	y	p'	k'	o	f	

Fonte: Página do Grupo de Cultura de Armenia.

Disponível em: <http://grupos.emagister.com/imagen/alfabeto_armenio_y_su_correspondencia_latina/11555-343686>. Acesso em: 05 jul.2015.

³⁷ Alfabeto armênio: “O” e “Ֆ”, respectivamente.

³⁸ Junção dos caracteres “ե” e “լ” = ել (refere-se à partícula de ligação “e”).

Figura 5 – Alfabeto armênio atual usado na Armênia

Աս Բբ Գգ Դդ Եե
Զզ Էէ Ըը Թթ Ժժ
Իի Լլ Խխ Ծծ Կկ
Յհ Ձձ Դդ Նն Սս
Յյ Լլ Ըը Ոո Զզ
Պպ Ջջ Ռռ Սս Վվ
Տտ Բբ Յյ Նն Փփ
Քք Էլլ Ծծ Ֆֆ

Fonte: Pinterest. Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/434878907743222058/>>.
Acesso em: 05 jul.2015.

Figura 6 – Túmulo com restos mortais de Mesrop Mashtots no Interior da Capela da região de Oshakan, Armênia

Fonte: Arquivo da pesquisadora

1.2 Armênios e história contemporânea

A Armênia ancestral³⁹ sofreu invasões árabe-muçulmanas a partir de 650 d.C. e, após o período masdeísta (428-636), foi um Emirado junto ao Império Árabe governado por príncipes locais reconhecidos pelos califas e imperadores bizantinos, situação que perdurou até 884 a.C. Em seguida, foi governada até 1045 pela dinastia dos bagrátidas⁴⁰, quando foi separada em alguns reinos e principados independentes, dominados a seguir pelos bizantinos até o início da dominação do Império Seljúcida (1071-1100)⁴¹ que fez migrar vários grupos de armênios da parte oriental para a região montanhosa do Taurus, onde fundaram o Reino Armênio da Cilícia.

Com o fim do período seljúcida, alguns territórios daquela parte oriental foram recuperados pelos armênios, mas entre os anos de 1200 e 1400 a região armênia sofreu várias outras invasões de povos oriundos da Ásia Central e se enfraqueceu, sendo dividida a partir do século XVI entre os Impérios Otomano⁴² e Safávida⁴³.

De 1813 em diante o Império Russo passou a incorporar terras da porção armênia oriental.

1.2.1 Impérios Otomano e Russo

A designação “Armênia Otomana” é um termo especialmente utilizado para compreensão do período histórico marcado a partir do século XIII⁴⁴ em que parte da região armênia histórica passou a ser dominada pelo Império Otomano, situação que perdurou até o início do século passado quando aquele império entrou em declínio, produzindo o genocídio armênio no bojo da 1ª Guerra Mundial.

Outro espaço territorial contíguo, de população armênia (Mapa 2), chamado “Armênia russa”⁴⁵, foi de dominação czarista desde o início século XIX, viveu brevíssimo período de independência entre 1918 e 1920 e a partir de então se transformou em uma das Repúblicas

³⁹ Os limites territoriais de sucessivos reinados não são exatamente precisos, característica que permeia o estudo do povo armênio durante toda a Idade Média.

⁴⁰ Membros da hereditária nobreza armênia.

⁴¹ Compostos pelos turcos seljúcidas.

⁴² Império estabelecido por uma tribo de turcos no oeste da Anatólia em 1299, tendo se estendido até 1922. Dominou a Anatólia, o Oriente Médio, parte do norte de África e do sudeste europeu, região dos Balcãs.

⁴³ Dinastia xiita iraniana formada por azeris e curdos.

⁴⁴ De acordo com o historiador Perry Anderson (1989) o sultanato *Osmanli* unifica várias instituições turcas que estavam abaladas pelas invasões mongóis, formando o Império Otomano que dura aproximadamente 500 anos.

⁴⁵ Espaço que integrou o Império Russo, potência que emerge no cenário internacional do século XIX. Esse império se opôs frontalmente ao Império Otomano, trazendo para perto de si a aristocracia dos Balcãs.

Soviéticas (ANTUNES, 2012, p.23) para, em 1991, se tornar o país independente Armênia atual⁴⁶.

1.2.2 O Império Otomano

A constituição do Império Otomano ocorreu no Sultanato de *Osmanli*, em meados do século XIII com a unificação de vários estados turcos, dominando um mosaico de emirados para a composição do Império Otomano, potência estatal cujo poder e influência se estenderam por cerca de 500 anos (ANDERSON, 1989 *Apud* LOUREIRO, 2015, p.4).

Sobre a forma de governar para expansão, (LOUREIRO, 2015, p.7) destaca a “relação dúbia” mantida com as populações não islâmicas do império:

(...) se, por um lado, havia a necessidade de conversão do ‘infiel’ para que o Império prosperasse; por outro – a conversão de todos os cristãos – ainda que isso fosse possível – não seria viável do ponto de vista administrativo, uma vez que o Islã prevê a tolerância a não muçulmanos, desde que esses sejam devidamente tributados pelo Estado. Tal tributação, seja ela em gêneros alimentícios, metais, animais, ou mesmo em pessoas – *devshirme* – era vital para a sobrevivência do Império (p.4).

E Somel (2003) complementa especificamente sobre a forma de governo do sultanato otomano estabelecida para governar as suas comunidades legítimas, os *millet*:

A lei islâmica também foi aplicada no que se refere à política para com os povos não-muçulmanos. Devido a uma tradição abraâmica compartilhada, comunidades monoteístas – como cristãos e judeus considerados “Povo do Livro” (Ehli Kitab) e “Pessoas Protegidas” (Ehli Zimma) – ortodoxos e os povos grego, armênio, judeu, mais tarde também os católicos e protestantes, foram reconhecidos (todos) como legítimas comunidades, *millet*, sob jurisdição de seus respectivos chefes eclesiásticos. Apesar da garantia de suas vidas, crenças e propriedades, os membros dessas comunidades tinham que pagar um imposto especial (Cizye), não eram autorizados a se alistar no serviço militar e não podiam participar da burocracia (estatal) (p.124-125, tradução nossa).

Ermeni Suleiman (ou Koca), governante de origem armênia (SOMEL, 2003, p.111), é citado na extensa lista de *pashas* (KERIMIAN, 1998. p.380) do Império Otomano⁴⁷ – governou no curto período de 1655- 1656. A menção contribui para compreensão do termo *dervishme* e as relações ora tênues estabelecidas com os grupos cristãos dentro daquele império, bem como seus tensos desdobramentos:

Criado na década de 1380 – constituía no recrutamento de crianças oriundas de terras cristãs, enviadas para serem educadas sob a égide do Islã. Essas crianças, uma

⁴⁶ “Em 1922, os três Estados Transcaucasianos (Armênia, Geórgia e Azerbaijão) formaram as Repúblicas Soviéticas da Transcaucásia. Em 1936, a nova constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) viabilizou oficialmente o surgimento da República Socialista Soviética da Armênia”.

⁴⁷ Pashas ou paxás, títulos honoríficos dados a três diferentes hierarquias de governantes do Império Otomano e egípcio.

vez formadas, constituíam um corpo de escravos que eram empregados na burocracia do Império Otomano e no exército. (...) O status de escravo não tinha sentido pejorativo e ser escravo via *devirshime* era sinal de proximidade com o poder do Império (ANDERSON, ANO, p.365-367 *Apud* LOUREIRO, 2015, p.4).

A expansão das fronteiras otomanas teve seu apogeu no século XVII, abrangendo três continentes⁴⁸, se estendendo do Oriente Médio à África Setentrional e Balcãs. Para a última região, especificamente, se deslocou desde o século anterior, seu eixo político, econômico e administrativo, contexto que favoreceu o crescimento econômico da porção otomana do Oriente Médio, especialmente as províncias da Anatólia, Síria e Egito, que constituíam rota importante de comércio de especiarias.

A Anatólia, onde a maioria dos armênios otomanos se concentrava⁴⁹, teve grande desenvolvimento rural e urbano. Contudo, já no século XVI o abastecimento de alimentos não era suficiente para suprir o excedente populacional da região. De forma geral, “fome e ondas inflacionárias, no transcorrer do Império Otomano, assolaram principalmente as classes mais baixas” (PAMUK, 2001, p.73-82 *Apud* LOUREIRO, 2015, p.6).

1.2.2.1 Tanzimat e Guerra russo-turca

O Tanzimat (1839-1876), ou reorganização administrativa, surgiu como alternativa para o fim da expansão das fronteiras otomanas na Europa. O otomanismo foi uma política de modernização adotada pelo império para governar todos os habitantes otomanos e não otomanos, permitindo a ascensão dos grupos cristãos ao aparelho estatal, com exceção das pastas de Finanças e de Relações Internacionais. (ASTOURIAN, 2004, p.5 *Apud* LOUREIRO, 2015 p.5).

No período se destacam a criação de decretos, um deles o Regulamento da Nação Armênia⁵⁰ foi “de particular interesse dos armênios otomanos por garantir liberdades religiosas e culturais pouco comuns entre as outras minorias otomanas” (LOUREIRO, 2015, p.5).

A reorganização abrangeu também o sistema de *millet* (KERIMIAN, 1998, p.380) do Estado Otomano⁵¹ e o redesenho das seis províncias armênias na região da Anatólia⁵².

⁴⁸ “Eurafrásia”: Europa, África e Ásia.

⁴⁹ Ver mapa com limites da Armênia histórica.

⁵⁰ Os armênios referiam-se ao texto como “A Constituição Nacional Armênia” (TERNON, 1996, p.33 *Apud* LOUREIRO, 2015, p.5).

⁵¹ Millet: de origem árabe, povo, nação. Estavam divididos segundo sua religião.

⁵² Os “Ermeni Millet”.

O Tanzimat, benéfico aos armênios em princípio por acenar garantias legais e ascensão a algumas pastas do governo, trazia dificuldade de aplicação dessas garantias devido à própria estrutura de funcionamento dos *millet* que, em última instância, garantia a aplicação da jurisprudência islâmica e não as leis internas das províncias.

O sistema de *millet* controlou a estrutura social, política e legal das minorias religiosas. Membros desses grupos não eram aceitos para serviço militar, deveriam pagar taxas e jurar lealdade e obediência ao sultão, sem direito à rebelião. Tal condição de cidadãos de segunda classe disseminou a discriminação e o tratamento desigual a essas minorias, que se deteriorou nos anos seguintes daquele império por ocasião dos conflitos russo-turcos e a sucessiva perda de territórios otomanos conquistados nos Balcãs (BALAKIAN, 2004, p.36-37).

As medidas do Tanzimat vinham ao encontro de se evitar a dissolução do império, ameaçado pelos movimentos de independência a partir da região dos Balcãs e pelo surgimento da Rússia como potência mundial nas primeiras décadas do século XIX. Esses foram alguns dos fatores responsáveis por seu enfraquecimento e dissolução no início do século XX.

Balakian (2003, p.37) descreve como:

Inflamável a relação russo-turca no decorrer do século XIX, que contou com quatro conflitos⁵³ que se transformaram em movimentos nacionalistas para controle e dominação de áreas estratégicas nos Balcãs, ao longo do Mar Negro e Cáucaso.

Medidas do Tanzimat para governar e proteger suas minorias e, em especial, o atendimento das reivindicações do grupo armênio favoreceu a ratificação de documento com *status* de constituição. Contudo, foi incapaz de evitar os maus tratos sucessivos a que foram submetidos os cristãos otomanos, não garantindo a extensão de sua aplicabilidade para todas as partes daquele império, especialmente para as províncias cristãs da Anatólia.

Esses apuros foram agravados, no decorrer da referida guerra Russo-Turca⁵⁴, pelo estreitamento da relação com os russos, que se solidarizavam com os cristãos dos Balcãs e através do pan-eslavismo contribuíram de forma decisiva para o processo de independência dos países daquela região.

Esse cenário passou a configurar o medo crescente do Império Otomano em relação ao surgimento e crescimento de movimentos separatistas dos cristãos na Anatólia.

As províncias armênias especialmente gozavam de certa prosperidade devido ao crescimento da economia agrária e da organização política em relação às demais comunidades,

⁵³ Guerra de 1806-1812, 1828-1829, 1853-1856 e 1877-1878 (BALAKIAN, 2004, p.37).

⁵⁴ Na guerra Russo-Turca, os alemães e ingleses ficaram do lado do império Otomano. Entretanto, o Congresso de Berlim ratificou a divisão e fragmentação dos territórios otomanos na porção europeia dos Balcãs, reconhecendo sua emancipação.

inclusive as muçulmanas. Os armênios otomanos também mantinham relações com países europeus como a França e o Reino Unido, enviando seus filhos para estudar nesses países, além das relações comerciais travadas com bancos daqueles países.

1.2.2.2 Os Massacres Hamidianos

No final do século XIX, o império multinacional Otomano se encontrava em franco processo de declínio, tornando-se alvo de potências europeias. As sucessivas perdas territoriais nos Balcãs⁵⁵ traziam de volta grupos de otomanos, intensificando disputas desde cargos a abrigo e alimentos na porção ainda restante do Império (TERNON, 1996, p.83 *Apud* LOUREIRO, 2015, p.7-8).⁵⁶

Nesse contexto surgiu o panturquismo como política de Estado, liderada pelo Sultão Abdul Hamid II, que consistia na defesa de um Império para os turcos e não mais para todas as suas populações otomanas, como foi o otomanismo. Esse regime teve por causa e por motor o rápido empobrecimento daquele Império e o medo do crescente número de movimentos separatistas na Anatólia. O grupo armênio, dada sua organização social anteriormente descrita e as pretensões de emancipação apoiadas pela Rússia, passou a ser alvo. Somam-se a esses fatores os vários pedidos de ajuda ao Império para que a Constituição armênia fosse cumprida e, na falta de resposta efetiva, feitos posteriormente às potências europeias, denunciavam a violência praticada principalmente por tribos curdas nômades contra os cristãos na disputa da mesma região geográfica (TERNON, 1996, p.56-57⁵⁷ *Apud* LOUREIRO, 2015, p.8).

Os massacres hamidianos constituíram a primeira matança de armênios em larga escala. Ocorridos entre 1894-1896 deixaram um saldo de 300 mil mortos. Para o autor Peter Balakian (2003), esses massacres “preventivos” já marcam o início do genocídio como processo.

⁵⁵ Emancipação de países balcânicos em processo desde 1870 e em 1908: Macedônia, Bulgária, Creta e Grécia declaram independência.

⁵⁶ A esses problemas aliou-se a dificuldade de negociação da dívida externa e em 1876 o Império Otomano declarou moratória. A partir de então o Deutsche Bank passou a operar dentro de seu território e a Alemanha, estendendo sua política expansionista dentro e fora do território europeu, passou a financiar o exército otomano com materiais bélicos e treinamento. Foi o início de uma duradoura aliança que se estendeu até a Primeira Grande Guerra, responsável pelo planejamento e execução do genocídio dos armênios.

⁵⁷ TERNON, Y. Les arméniens: histoire d'un génocide. Paris: Seuil, 1996, 2ª.ed.

1.2.2.3 Ascensão e governo dos Jovens Turcos

O movimento revolucionário dos Jovens Turcos, inspirado pela Revolução Russa, foi liderado pelos três paxás: Mehmet Talat, Ismail Enver e Ahmed Djemal. Eles constituíram a cúpula do Comitê União e Progresso, entidade paraestatal de ideário positivista, que depôs o sultão em 1908 após nova onda de independência nos Balcãs, assumindo definitivamente o poder em 1913.

Quando criada, essa organização foi inicialmente benéfica aos armênios, restaurando a constituição de 1876, propiciando que partidos políticos armênios disputassem as eleições no parlamento otomano, além de reintegrá-los ao exército. Entretanto, os Jovens Turcos mudaram radicalmente a forma de governar entre os anos de 1912 e 1914, a partir da independência dos países balcânicos: Sérvia, Grécia e Bulgária, que até então eram integrados ao Império Otomano. Esse processo resultou na perda de 75% do território europeu até então conquistado, provocando drástica baixa no seu exército. A população turca do Império Otomano passou a ser minoria desde então.

1.3 O Genocídio armênio como processo ou os seus antecedentes

Alguns autores consideram os massacres hamidianos como data de início do genocídio armênio, outros como um genocídio prévio ao grande genocídio. Esse período representa um marco inicial para a compreensão dos antecedentes dos fatos ocorridos a partir de abril de 1915 e que se desdobraram até 1923.

Os massacres Hamidianos (1890), os Conflitos em Adana (1909) e o ápice das matanças ocorrido entre abril de 1915 a 1917, esses dois últimos sob o comando do Comitê União e Progresso (CUP), foram caracterizados por longa perseguição e matança do povo armênio otomano em sua maioria residente na região da Anatólia.

Recuperamos ainda que o Estado Turco Otomano funcionava através do Sistema de *millet*⁵⁸, ou de comunidades religiosas, para governar suas minorias, constituídas basicamente por armênios, gregos, judeus, dentre outras. Esse sistema garantia o controle sobre a estrutura social, política e legal dessas minorias, uma vez que membros desses grupos não eram aceitos para serviço militar, deveriam pagar taxas e jurar lealdade e obediência ao sultão, sem direito

⁵⁸ Sistema administrativo que agrupava uma mesma coletividade que vivia sob o controle otomano.

à rebelião. O status de cidadãos de segunda classe disseminou a discriminação e tratamento desigual a essas minorias.

No final do século XIX, os armênios passam a lutar por seus direitos previstos na Constituição ratificada no período do Tanzimat, culminando nos massacres hamidianos⁵⁹ ocorridos entre 1894 e 1896, que exterminaram cerca de 300 mil armênios, período que marca o início do enfraquecimento do controle governamental, justificando a cultura da violência que passaria a ser instaurada.

Autores como Gocek observam que muitos turcos voltaram das regiões dos balcãs independentes na situação de refugiados, com sentimento de derrota e revolta. Elementos que vão justificar o crescimento do nacionalismo, das tensões religiosas, com especial ódio aos cristãos dentro do Império Turco Otomano.

Numa tentativa de compreender o crescimento da animosidade contra os cristãos da Anatólia, especialmente contra os gregos ortodoxos e armênios, Vahakan Dadrian – no filme “Armenian Genocide and Exploring Issues” descreve que, em 1912, esses refugiados chegaram a Istambul em situação de desespero miséria, fome e privações, se refugiando nas mesquitas e ruas e trazendo relatos de histórias horríveis sobre as atrocidades que os cristãos dos Balcãs fizeram com eles.

E Frierson complementa no citado filme, a necessidade de se entender essa animosidade e sentimento de vingança para compreender que o conceito de inimigo, de origem cristã, ali floresceu (e se expandiu) na vivência desses refugiados, abrindo caminhos para a constatação de que esse (e outros genocídios) jamais teria(m) acontecido sem o apoio popular. (grifo nosso).

Ainda para o Império Turco Otomano, aliado da Alemanha e inimigo da Rússia naquele contexto da Primeira Guerra Mundial, a Anatólia seria o último pedaço de terra a perder. Alia-se a isso temos a provável continuidade do movimento de independência armênia na região, que recrutou armênios para o lado do exército russo, fato decisivo para que o Comitê União e Progresso (CUP), divisão interna do partido Jovens Turcos, liderado pelos governadores de províncias Jemal, Talaat e Enver, declarasse todos os armênios como traidores. Ali estaria aberto o precedente para o início de uma execução em massa e planejada daquele povo, a qual, de acordo com relatos publicados do Embaixador americano Morgenthau⁶⁰ (2010), contou com ativa participação dos soldados e da diplomacia alemã.

⁵⁹ Conhecido também como massacre dos armênios foi ordenado pelo sultão Abdul Hamid II como forma de reafirmar o pan-islamismo como ideologia de Estado.

⁶⁰ Henry Morgenthau (1856 – 1946), diplomata americano, embaixador na Turquia em 1915.

1.3.1 Os motivos e os pretextos

Os objetivos do Comitê União e Progresso (CUP) dos Jovens Turcos eram preencher a Anatólia com populações turcas, principal espaço territorial do império entre a Europa e a Ásia (TERNON, 1996, p.197 *Apud* LOUREIRO, 2015, p.10) para viabilizar a construção da ferrovia Berlin- Bagdá, projeto expansionista alemão que tinha o CUP por aliado.

A remoção das populações armênias que ali viviam nos seis distritos administrativos visava ainda, e principalmente, evitar uma onda emancipatória vinda dos Balcãs. Assim, esses seis *vilayets* armênios eram uma ameaça constante de emancipação para o Império Otomano em decadência, cujas últimas perdas territoriais (e humanas) eram os maiores fatores de seu enfraquecimento (LOUREIRO, 2015, p.16).

As minorias cristãs e principalmente os armênios passaram a ser confundidos com o poder das outras potências ocidentais, que não a Alemanha, primeira potência europeia de então e aliada do Império (BALAKIAN, 2004, p.43).

1.3.2 O Genocídio e a Primeira Grande Guerra

É relevante destacar que a formação da grande diáspora armênia pós-genocídio de 1915 é fenômeno que também deve ser analisado no contexto da Primeira Guerra Mundial. Contudo, o genocídio armênio não foi mero reflexo ou mesmo efeito colateral daquele momento, mas sim um processo de extermínio de Estado que se iniciou na segunda metade do século XIX orquestrado pelo Império Otomano e com participação ativa de países europeus, enquanto testemunhas ou mesmo apoiadores da “questão armênia” e seu desfecho dramático.

O genocídio armênio foi um dos primeiros genocídios do século XX, sendo, segundo Bauman (2003), “produto da modernidade que teve a IGM como parteira”⁶¹.

1.3.2.1 Planejamento e execução dos massacres

O marco histórico do início do genocídio armênio data de 24 de abril de 1915 com o assassinato de 250 intelectuais armênios na cidade de Constantinopla. A partir daí, estágios paralelos do extermínio foram iniciados pelo massacre de soldados e autoridades religiosas, para depois dar início à remoção forçada das famílias armênias de seus lares e dar início às

⁶¹ Revista de Estudios sobre o genocídio, p.25.

deportações em marchas a pé, alguns de trem, rumo ao deserto sírio de Del Er Zor⁶² (BALAKIAN, 2003).

Os massacres ocorridos foram uma sucessão de ações coordenadas pelo Comitê União e Progresso e executadas pela sua milícia, O Teskilaat I Masusa, com apoio de grupos locais⁶³.

Sobre a autoria dessa coordenação, destaca-se o documento conhecido por "Dez Mandamentos do Comitê União e Progresso", conjunto de ordens que partiram da cúpula do Ministério do Interior e que foram enviadas para serem lidas aos chefes (valis) de diferentes províncias armênias, com instruções e imediata devolução e destruição dos originais⁶⁴. Abaixo segue reproduzido em português:

1). Utilizar-produção: 3 e 4⁶⁵ do Comitê União e Progresso, fechem todas as sociedades armênias, e prendam todos os que, em qualquer momento (se constatou que), trabalharam contra o governo e os enviem para as províncias de Bagdad ou Mosul. Extermine-os lá ou na estrada a caminho de lá. (2) Recolher (suas) armas. (3) Excitar a opinião muçulmana por meios adequados e especiais, em lugares como Van, Erzeroum, Adana, onde, de fato, os armênios já ganharam o ódio dos muçulmanos. Provocar massacres organizados como os russos fizeram em Baku. (4) Manter toda a executiva nas províncias como Erzerum, Van, Mumuret ul Aziz, e Bitlis, e usar forças disciplinares militares (ou seja, gendarmes) ostensivamente para parar (possíveis) massacres. Ao contrário, em lugares como Adana, Sivas, Broussa, Ismidt Smyrna ajudar ativamente os muçulmanos com força militar. (5) Aplicar medidas destinadas a exterminar todos os homens com menos de 50, sacerdotes e mestres, deixem as meninas e as crianças para serem islamizadas. (6) Remover as famílias e, para todos os que conseguiram escapar, aplicar medidas para cortá-los de qualquer ligação com sua terra natal. (7) No terreno onde as autoridades armênias podem ser espíões, expulsar todos de cada departamento governamental ou do serviço de correios. (8) Matar de forma adequada todos os armênios no Exército, isso é, deixem que os militares façam a tarefa. (9) Toda a ação deve começar em todos os lugares ao mesmo tempo e, assim, não deixar tempo para a preparação de medidas defensivas. (10) Prestar atenção à natureza estritamente confidencial dessas instruções, que não podem seguir para mais de duas ou três pessoas. (tradução nossa).

Em outras palavras, Loureiro resume as ações do CUP para as execuções dos massacres:

Desarmar homens aptos para o exército e recrutá-los para servir de linha de frente; prender os que podem oferecer resistência aos grupos de massacre; preparação do Teskilaat pelo CUP para exterminar armênios e pilhar suas propriedades, iniciando pelas regiões de resistência aos massacres hamidianos em 1895-96, como Zeytun; utilização da resistência dos armênios, a exemplo da cidade de Van, para legitimar os ataques otomanos, servindo como pretexto para o Comitê União e Progresso alegar que os morticínios foram resposta à traição armênia; eliminação dos intelectuais armênios em Constantinopla no dia 24 de abril de 1915; organização das

⁶² Variação Deir Ezzor.

⁶³ Detalhamento em Loureiro, 2015, p.16-18.

⁶⁴ Memorandum of the "Ten Commandments" of the Committee of Union and Progress. Disponível em <<http://www.armenian-genocide.org/br-cup-memo-text.html>>. Acesso em: 25 jul.2015. O documento não era assinado. Versão rascunho se atribui à caligrafia de Essad Bey, secretário responsável pelos arquivos secretos do Ministério do Interior da época.

⁶⁵ Menção à existência de outras instruções.

deportações e massacres, com aparato legal que o CUP montou para legitimá-los constitucionalmente (BALAKIAN, 2003, p.176-214 *Apud* LOUREIRO, 2015, p.19).

O mapa dos centros e rotas de deportações identifica a extensa área geográfica onde ocorreu o genocídio armênio, cujo saldo de mortos foi computado entre um milhão e um milhão e meio de armênios no período de 1915-1923 (SUMMA, 2007, p.6).

O Teskilaat I Masusa, segundo centro paramilitar de deportações⁶⁶, de natureza ilegal, secreta e clandestina era formado por prisioneiros anistiados e militares fiéis ao CUP, ao qual grupos locais de curdos e turcos, da vizinhança armênia, também se agregaram. Ao Teskilaat pode ser atribuída a legitimação da violência em larga escala e o previsto “escape ao controle estatal”⁶⁷, desde os saques às propriedades e pertences dos armênios à tortura, maus-tratos, assassinatos e violência sexual contra mulheres e crianças, além de aliciamentos para prostituição, ocorridos com frequência durante as deportações, culminando na morte de muitos e busca de refúgio, quando possível, dos sobreviventes.

Na propagação da violência, se utilizaram formas de tortura “cristãs” da época da inquisição e anteriores, como: queimar, crucificar, empalar, especialmente as pessoas ligadas ao clero da igreja armênia. Contudo, o pior destino ficou reservado para crianças e jovens do sexo feminino em haréns turcos⁶⁸.

Mapa 8 – Centros e rotas de deportações

Fonte: Portal Armenian National Institute.

Disponível em: <<http://armenian-genocide.org/map-full.htm>>. Acesso em: 05 jul.2015.

⁶⁶ Liderado por Baherd Shaker.

⁶⁷ E envolvimento de pessoas comuns, premissa que confirma a tese de que o genocídio jamais teria acontecido sem o apoio e participação popular.

⁶⁸ Cujos relatos de Aurora Mardiganian, uma das sobreviventes que se refugiou nos EUA, podem ser encontrados no livro de sua coautoria “Ravished Armenia”, e no filme homônimo nele inspirado, lançado nos EUA em 1919 para levantamento de fundos de ajuda aos sobreviventes do genocídio armênio; conta com cópia remasterizada em 2009.

1.4 Por que “genocídio”?

Cabe, a essa altura da pesquisa, esclarecimento acerca do uso do termo “genocídio” até aqui empregado para categorizar as matanças em massa do povo armênio otomano, ocorridas de forma planejada e a mando do Estado Otomano, nas regiões que hoje fazem parte da Turquia.

Justifica-se ainda que o genocídio como campo de estudos da sociologia abarca o conceito de processo iniciado no final do século XIX pelos massacres hamidianos e que se estendeu até a assinatura do Tratado de Lausanne e a criação do país Turquia atual.

O genocídio, enquanto matéria de direito internacional, se apoia nos fatos ocorridos entre 1915 e 1917, data da grande concentração de extermínios planejados para caracterizá-lo como tal.

Nesse sentido, os esclarecimentos que seguem se referem às duas áreas de estudo que favoreceram não só a cunhagem da palavra genocídio pelo jurista Rafael Lemkin, em 1944 (raiz grega *genos*=povo, e latina *caedere*=extermínio), para tipificar crimes contra a humanidade ocorridos durante o holocausto judeu, como os caminhos percorridos para a elaboração de ordenamento jurídico internacional destinado à sua: prevenção, identificação, punição e, no que tange à negação, as 12 táticas utilizadas pelos perpetradores. Tais documentos são baliza não só para nomear de genocídio os fatos atrozes ocorridos aos armênios otomanos a que a este trabalho se refere, como também muitos outros ocorridos no decorrer do século XX, os quais, infelizmente, não foram evitados.

1.4.1 A Convenção para a Prevenção e Repressão ao Crime de Genocídio

Aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas de 9 de dezembro de 1948, o documento declara que o genocídio é um crime contra o Direito Internacional. Em seus 19 artigos, destacamos os artigos 2º e 3º que se referem à definição e punição, respectivamente:

Artigo 2º Na presente Convenção, entende-se por genocídio qualquer dos seguintes atos, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tal como: a) Assassinato de membros do grupo. b) Dano grave à integridade física ou mental de membros do grupo. c) Submissão intencional do grupo a condições de existência que lhe ocasionem a destruição física total ou parcial. d) Medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo. e) Transferência forçada de menores do grupo para outro.

O Artigo 3º Serão punidos os seguintes atos: a) O genocídio. b) O conluio para cometer o genocídio. c) A incitação direta e pública a cometer o genocídio. d) A tentativa de genocídio. e) A cumplicidade no genocídio.

1.4.2 Os dez estágios do Genocídio – Gregory Stanton

Os oito Estágios do Genocídio elaborados por Gregory H. Stanton como documento informativo do Departamento de Estado dos EUA, foram posteriormente desmembrados em dez. São eles: Classificação, Simbolização, Discriminação, Organização, Desumanização, Polarização, Preparação, Perseguição, Extermínio, Negação. Os oito passos originais não abrangiam a discriminação e a perseguição. Abaixo são apresentados em tabela resumida:

Quadro 1 – Os dez estágios do Genocídio

1. Classificação	Uso das categorias culturais para distinção entre "nós e eles" por etnia, raça, religião ou nacionalidade.
2. Simbolização	Nomeação ou outros símbolos para as classificações, aplicação dos símbolos para os membros de grupos, uso de palavras e/ou códigos para designá-los
3. Discriminação	Grupo dominante usa a lei, costume e poder político para negar os direitos de outros grupos. Ao grupo impotente não podem ser concedidos plenos direitos civis ou mesmo a cidadania.
4. Desumanização	Um grupo nega a humanidade do outro grupo. Os membros do outro grupo são equiparados a animais, vermes, insetos ou doenças. A desumanização supera a repulsa humana normal contra o assassinato. Propagação do ódio na imprensa e nas rádios, ódio para difamar o grupo vítima.
5. Organização	Genocídio é sempre organizado, geralmente pelo Estado, muitas vezes usando milícias para fornecer negação da responsabilidade do Estado. Pode ser organização informal ou descentralizada, unidades militares especiais ou milícias frequentemente treinadas e armadas. Elaboração de planos de assassinatos genocidas.
6. Polarização	Extremistas conduzem os grupos separados. Grupos de ódio transmitem propaganda de polarização. As leis podem proibir casamentos mistos ou interação social. O terrorismo extremista tem como alvo os moderados, com o intuito de intimidar e silenciar o centro. Moderados do próprio grupo dos agressores são mais capazes de parar o genocídio, assim como são os primeiros a serem presos e mortos.
7. Preparação	Líderes nacionais ou o grupo agressor planeja a "Solução Final". Costumam usar eufemismos para disfarçar suas intenções, tais como referindo-se aos seus objetivos: "limpeza étnica", "purificação" ou "contra-terrorismo". Constroem exércitos, compram armas e treinam suas tropas e milícias. Doutrinam a população para temer o grupo vítima. Afirmam várias vezes "se não matá-los, eles vão nos matar."
8. Perseguição	As vítimas são identificadas e separadas por causa de sua identidade étnica ou religiosa. Listas de morte são elaboradas. No estado patrocinador do genocídio, membros de grupos de vítimas podem ser forçado a usar os símbolos de identificação. Sua propriedade é muitas vezes expropriada. Às vezes, eles sequer são segregados em guetos, deportados para campos de concentração ou confinados a uma região atingida pela fome. Massacres genocidas começam e são atos de genocídio porque eles intencionalmente destroem parte de um grupo.
9. Extermínio	Começa, e rapidamente se torna a matar legalmente em massa chamado de "genocídio". É "extermínio" para os assassinos porque eles não acreditam que suas vítimas sejam plenamente humanas. Quando é patrocinado pelo Estado, as forças armadas muitas vezes trabalham com milícias para fazer a matança. Às vezes, os resultados do genocídio em mortes por vingança por parte de grupos uns contra os outros, criando o ciclo descendente de genocídio bilateral.
10. Negação	É o estágio final que ocorre em toda parte e sempre segue um genocídio. Ele está entre os indicadores mais seguros de outros massacres genocidas. Os autores de genocídio desenterram as valas comuns, queimam os corpos, tentam encobrir as provas e intimidar as testemunhas. Eles negam. Alegam que não cometeram crime algum. Culpam as vítimas pelo que aconteceu. Bloqueiam investigações dos crimes e continuam a governar até serem expulsos do poder pela força, então fogem para o exílio e permanecem impunes.

Fonte: Portal do Genocide Watch.

Disponível em: <<http://www.genocidewatch.org/genocide/tenstagesofgenocide.html>>.

Acesso em: 05 jul. 2015, tradução nossa.

Sobre a existência de estágios, Stanton complementa que o processo não é linear e as fases ditas precedentes podem também ocorrer simultaneamente durante todo o processo.

1.4.3 A Negação e as 12 táticas (Israel Charny)

De acordo com a Organização *Genocide Watch* os “assassinatos em massa por fome tem sido um método de genocídio durante séculos”, para que as mortes ocorridas sejam atribuídas à “‘fome’, ‘doença’, ‘conflitos tribais antigos’, ou ‘guerra civil’, ou mais cinicamente, ‘o fracasso da comunidade internacional para fornecer ajuda necessária’”⁶⁹.

As 12 táticas de negação de Israel Charny⁷⁰, abaixo resumidas, embora se tratando de estudo recente aplicado ao genocídio de Darfur, também trazem elementos inquestionáveis acerca do ocorrido ao povo armênio, ainda que passados cem anos.

1. Minimizar as estatísticas
2. Ataque às motivações e à veracidade dos fatos relatados (pelos sobreviventes).
3. Reivindicação que as mortes foram resultado da fome, migração, ou doença, não por causa de homicídio doloso.
4. Enfatizar a estranheza das vítimas. “Eles são diferentes de nós.”
5. Racionalizar as mortes como resultado de conflitos tribais
6. Forças “fora de controle” cometeram os assassinatos, distanciando a responsabilidade do governo.
7. Evitar antagonizar os genocidas, que podem sair do “processo de paz”. (argumento da *real politique*, usado para assustar diplomatas que temem “perturbar o processo de paz”)
8. Justificar a recusa em favor de interesses econômicos vigentes.
9. Alegação de que as vítimas estão recebendo um bom tratamento.
10. Afirmar que o que está acontecendo não se enquadra na definição de genocídio. O negacionismo é mais comum entre os advogados e os decisores políticos, que querem

⁶⁹ “Cujos métodos foram aperfeiçoados pelos turcos na Armênia em 1915 e por Stalin em 1933 na Ucrânia” e “tem sido a estratégia de escolha do governo sudanês, tanto no sul e no Darfur. É uma estratégia astuta porque a morte vem lentamente e a negação é fácil. Tudo o que um governo precisa fazer é apoiar milícias que levam um povo auto-suficiente de suas terras por meio do terror; (arrebando-os) em pessoas deslocadas e campos de refugiados; em seguida, impedindo sistematicamente a ajuda, (deixando-os) morrer lentamente de fome e doença”. Disponível em: <<http://genocidewatch.org/genocide/12waystodenygenocide.html>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

⁷⁰ Disponível em <<http://genocidewatch.org/genocide/12waystodenygenocide.html>>. Acesso em 04 set.2015.

evitar a intervenção para além de prestação de ajuda humanitária, resultando em "paralisia da análise".

1.4.4 Países e organizações internacionais que reconhecem o genocídio armênio

Dos 23 países que reconhecem o genocídio armênio, destaca-se o pioneirismo do Uruguai em 1965. A existência de uma comunidade ativa, aliada a um momento de manifestações na Armênia soviética para seu reconhecimento, marcaram o cinquentenário daquele flagelo (SAPSEZIAN, 2010, p.208).

Os Estados Unidos não reconhecem o genocídio armênio⁷¹ e, paradoxalmente, o Estado de Israel também não o reconhece, ainda que os judeus também tenham sido vítimas de genocídio no Holocausto.

Na Argentina, ações da entidade Conselho Nacional Armênia junto à sociedade viabilizaram o reconhecimento em 2004.

Até setembro de 2015, o Brasil se encontra na lista de países que não reconheceram o genocídio armênio⁷². Em 02 de junho de 2015, o Senado Federal aprovou em plenário voto de solidariedade ao povo armênio no centenário da campanha de extermínio de sua população.

A Alemanha, em 24 de abril de 2015, data histórica de rememoração, reconheceu o genocídio armênio, bem como a participação do governo alemão no planejamento dos massacres.

Quadro 2 – Genocídio armênio: países que reconhecem

Ano	Países
1965	Uruguai
1982	Chipre
1995	Armênia, Rússia
1996	Canadá, Grécia
1997	Curdistão, Líbano
1998	Bélgica, França
2000	Itália, Suécia, Vaticano
2003	Suíça
2004	Argentina, Eslováquia, Países Baixos, Polónia
2007	Chile, País Basco
2015	Alemanha

Fonte: Portal Genocídio Armênio.

Disponível em <<http://genocidioarmenio.com.br/historia/quem-reconhece>>. Acesso em: 04 set.2015.

⁷¹ Na esfera estadual: há reconhecimento em 42 dos 50 estados dos EUA. Extraída do sítio: Genocídio Armênio 2015. Disponível em <<http://genocidioarmenio.com.br/historia/quem-reconhece/>>. Acesso em 04 set.2015.

⁷² Entretanto Estados e cidades que o reconhecem são: Estado de São Paulo (1989 e 2003), cidades: São Paulo (2011), São José do Rio Preto (2006), São Paulo (2007) e Osasco(2013);Estado do Paraná (2013), Estado do Ceará (2006) e cidade de Fortaleza (2005). Disponível em <<http://genocidioarmenio.com.br/historia/quem-reconhece/>> em 04 set.2015.

Quadro 3 – As 12 organizações internacionais que reconhecem o genocídio armênio

Associação Cristã de Moços (YMCA)
Associação dos Acadêmicos em Genocídio
Centro Internacional para Justiça Transicional
Congregação para Reforma do Judaísmo
Conselho Mundial das Igrejas
Corte Internacional de Justiça
Liga Anti-difamação
Liga dos Direitos Humanos
Mercosul
Parlamento Europeu
Sub-comissão de Proteção e Promoção dos Direitos Humanos (ONU)
Tribunal Permanente dos Povos

Fonte: Portal Genocídio Armênio 2015.

Disponível em <<http://genocidioarmenio.com.br/historia/quem-reconhece>>. Acesso em: 04 set.2015.

Ante o exposto, se conclui esse capítulo com a observação da necessidade premente, tanto para os turcos como armênios e descendentes, de se debruçar sobre aqueles fatos ocorridos que representam um período sombrio para a história desses dois povos, cuja gênese cultural foi compartilhada ao longo de séculos numa mesma região geográfica.

O caso armênio foi transformado em “causa armênia”, luta dos armênios e seus descendentes para o não esquecimento e reconhecimento do genocídio perpetrado pelo Estado Otomano, do qual seus ancestrais eram originários.

Transcorrido um século do genocídio armênio, não houve até o momento o reconhecimento de sua autoria pela Turquia e seus sucessivos governos, sob a alegação de que se trata de outro país a partir de 1922. Sobre a negação do genocídio armênio pela Turquia, Loureiro observa:

A questão armênia permanece em aberto até os dias atuais. O governo da República da Turquia, herdeira do Império Otomano, não reconhece os episódios de 1915-1923 como Genocídio. O reconhecimento poderia implicar em reivindicações de devolução de terras, pagamento de indenizações, construção e restauração de bens culturais, além dos danos morais causados pelo trauma e pelo desastre social. Assim, o genocídio armênio também perpassa questões de Direitos Humanos e de Direito Internacional (2015, p.3).

O tempo transcorrido da negação turca é a prova maior da resistência de sucessivos governos desde a fundação da Turquia em 1923, na abertura de arquivos que possam esclarecer os massacres. Mais grave, no próprio Código Penal Turco consta o artigo 301 que pune com prisão àqueles que ofenderem os valores da nação turca, tendo sido utilizado diversas vezes contra cidadãos turcos que acreditaram e manifestaram a crença de que os armênios otomanos foram vítimas de um genocídio.

E num quase inefável estágio dessa calamidade, residiu constrangimento e emudecimento das sobreviventes vítimas de violência sexual, e seus filhos frutos dessa violência, que vivem islamizados ou não, dentro ou fora do território turco moderno.

Desse continuo emudecimento se estabeleceu um tabu sobre o tema, que favorece a estreita e dolorosa delimitação da noção de agressor e vítima pautados em etnias e, sendo tabu, não leva em consideração as híbridas formações étnicas, sociais e culturais, já anteriormente híbridas por dividirem vasta herança histórica e cultural, atualmente presa e escamoteada por essa lacuna de dor.

E, para além do genocídio, recuperando aqui os estudos sobre a Ásia Menor ou Oriente Próximo, Edward Said (2007, p.30), observa que Europa tem tido tendência de se pautar nos pontos de vista e interesses europeus. Semelhante situação tem ocorrido com as pesquisas realizadas na América do Norte, mais precisamente Estados Unidos e Canadá, onde a história da Europa é contada a partir de pontos de vista e interesses dessas outras regiões. E complementa que o mesmo se passa em relação ao Oriente e seus estudos no Ocidente, em especial os mais recentes produzidos nos Estados Unidos, denominados “Orientalismo” (SAID, 2007, p.27).

A Ásia Menor, e mais especificamente a Armênia histórica, é uma região fronteiriça que demarca uma imaginária linha geográfica (e cultural) entre o Oriente e o Ocidente. Os estudos ocidentais desenvolvidos sobre o oriente usualmente exprimem uma visão de atraso, exotismo e distância daquela região em relação ao ocidente. No entanto, estudá-la no âmbito da história mundial e comparada torna-se vital para:

Conhecer a história da Armênia, e registros de sua presença e interação com outros povos da antiguidade desde a pré-história, é relevante para os territórios e povos que tem dividido a herança da civilização greco-romana e a religião Judaico-cristã (REDGATE, 2000, xi).

Nesse sentido, é também relevante para os povos latino-americanos, cuja tradição cristã foi trazida pelos colonizadores espanhóis e portugueses, além de ter contado com o recebimento de levas de imigrantes da Ásia Menor e Europa, herdeiros também de certa forma dessa herança civilizatória e religiosa.

CAPÍTULO 2 – ARMÊNIOS: REFÚGIOS, DIÁSPORAS E FORMAÇÃO DE COMUNIDADES

2.1 A grande diáspora pós-genocídio

A grande diáspora armênia pós-genocídio se formou mundialmente a partir da década de 1920. Trata-se de grupo oriundo da porção asiática do Império Otomano, especialmente das regiões da Anatólia e Cilícia.

O genocídio armênio exterminou aproximados dois terços da população armênia do Império Otomano. A formação dos grupos da diáspora dele decorrente permite, pelo Quadro 4, visualizar as regiões onde viviam os armênios e o saldo de mortos dessas regiões comparando aquela população residente em determinadas províncias do Império Otomano em 1914 e o que dela restou em 1922. De acordo com a autora, os números apresentados correspondem ao extermínio de mais da metade da população armênia ali residente.

Quadro 4 – Regiões de população armênia do Império Otomano entre 1914-1922

Nome da Região	População em 1914	Deportados ou mortos	População em 1922
Erzerum	215.000	213.500	1.500
Van	197.000	196.000	500
Kharput	204.000	169.000	35.000
Bitlis	220.000	164.000	56.000
Sivas	225.000	208.200	16.800
Trebizonda	73.390	58.390	5.000
Anatólia Ocidental	371.800	344.800	27.000
Cilícia & Norte da Síria	309.000	239.000	70.000
Turquia europeia	194.000	163.000	31.000
TOTAL	2.133.190	1.745.390	387.800

Fonte: SUMMA, (2007, p.28).

A indefinição de números em separado referente aos “deportados ou mortos”, traz maior complexidade para os estudos dessa diáspora porque os sobreviventes das deportações traçaram diferentes rotas à procura de refúgio.

O “termo armênio ‘spiurk’ (Սփյուռք), para definir ‘diáspora’ a partir de 1931, passa a nomear a diáspora pós-genocídio formada em vários países do mundo, fora das fronteiras da mãe pátria e do Oriente Médio” (MATIOSSIAN, 2011, p.22).

A década de 1930, especialmente, registrou um marco de fixação e permanência desses grupos aos países de chegada, sendo possível contabilizá-los a partir de controles portuários e posteriores censos de imigração dos países receptores. Nesse sentido, o estudo da

evolução geracional da diáspora armênia a subdivide em: “protodiáspora ou pré-diáspora”, referindo-se aos sobreviventes do genocídio e a primeira geração nascida no exílio, num período que se estende até o final da Segunda Grande Guerra; e “diáspora”, como período posterior à última grande conflagração (MATIOSSIAN, 2011, p.17)⁷³. De acordo com essa divisão, considera-se diáspora propriamente dita o período de fixação de um grupo no solo hospedeiro com respectiva constituição de família com prole nascida e registrada no solo receptor, e não só o assentamento em seu caráter provisório que constituía uma ou mais passagens intermediárias por países do Oriente Médio e proximidades. Considera-se ainda a mobilidade da própria dinâmica dos fluxos migratórios devido às duas guerras e às medidas restritivas à imigração, adotadas em diferentes países receptores temporários, especialmente os europeus e Estados Unidos, constatadas nos relatos de memória indireta dos entrevistados desse trabalho.

Outra subdivisão proposta por Brisa Varela distingue e nomeia três fases do processo migratório armênio, compreendidas em: “pioneira (1910-1923); massiva: a partir do Tratado de Lausanne até os anos 1940 e tardia: decréscimo acentuado do fluxo migratório até 1950” (2002, p.71).

A diáspora armênia pós-genocídio tipifica-se como diáspora vítima⁷⁴(COHEN, 1997, p.178), produto da destruição provocada pela modernidade, sendo a Primeira Grande Guerra a parteira do genocídio (BAUMAN, 1998).

A definição clássica de diáspora de Willian Safran (1991, p.84-90) envolve:

Retenção de uma memória coletiva da pátria original, idealização da pátria ancestral e a ideia de retorno; dispersão de um centro original; crença de que todos devem comprometer-se com a manutenção, restauração, segurança e prosperidade da pátria original; uma forte consciência étnica de grupo baseada em um sentido que os distingue; uma história comum e a crença de um destino comum.

Stuart Hall (2013, p.33) menciona a dolorosa experiência da diáspora em relação à terra de origem:

A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas.

Do que resulta a impossibilidade de retorno: “não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio” (HALL, 2013, p.30).

⁷³ E pós-diáspora: a diáspora mais recente surgida a partir de 1990 devido à dissolução da União Soviética.

⁷⁴ Junto com judeus, africanos, irlandeses e palestinos.

No campo das relações internacionais a diáspora é um estado. No caso da diáspora armênia moderna as autoridades turcas a “criaram”, porque um milhão e meio de armênios foram forçados ao exílio e a busca dessa homogeneização nacional se dá através da abordagem do genocídio (SHAIN; BARTH, 2003, p.466).

A diáspora abordada nesse trabalho é acima de tudo um estado não físico, mas mental permanente nas gerações sucessivas da diáspora física (MATIOSSIAN, 2011, p.17) e que tem na cronologia dos fatos elo importante para ativação das memórias indiretas dos ancestrais e diretas enquanto vivência. Considera-se ainda a formação de identidades múltiplas (HALL, 2013, p.29), próprias à situação de diáspora, ainda que para os grupos estudados tenhamos recorrido aos indivíduos participantes da chamada “coletividade”, que envolve as associações, igreja e partidos políticos a que pertencem grupos de São Paulo e de Buenos Aires.

2.1.1 Os anos 1920

O fenômeno da formação da grande diáspora armênia pós-genocídio ocorre mais precisamente entre os anos de 1923 e 1930.

O ápice do flagelo do genocídio se estendeu até 1922, entre perseguições continuadas na fase final desagregação do Império Otomano e do exército turco e a ocupação da Anatólia pelos países aliados que gerava expectativas em relação à assinatura e cumprimento dos Tratados Internacionais para recuperação da porção territorial armênia daquele império. Especialmente o Tratado de Sévres⁷⁵ reconhecia a República da Armênia como participante e apresentava uma delimitação fronteiriça importante para os armênios, conforme conteúdo dos artigos 88 a 93:

A Turquia reconhecia oficialmente a Armênia como um estado livre e independente. Pelo Tratado, a Turquia e a Armênia concordavam em deixar a delimitação das fronteiras entre os dois estados, o que tange às províncias de Erzerum, Trabizonda, Van e Bitlis, à definição dos Estados Unidos da América e aceitar a decisão desta, assim como as alternativas visando uma faixa litorânea à Armênia e a desmilitarização de todas as áreas otomanas adjacentes às fronteiras.

⁷⁵ “Assinado no dia 10 de agosto de 1920 em Sèvres (cercanias de Paris), entre o governo do sultanato (otomano) da Turquia e os estados aliados vencedores na primeira guerra mundial – 1914 a 1918 (Grã-Bretanha, França, Itália, Japão, Bélgica, Grécia, Polônia, Portugal, Romênia, Armênia, Checoslováquia, reino servo-croata, Hedjaz).” Do Portal Estação Armênia. Disponível em: <<http://estacaoarmenia.com.br/15048>>. Acesso em: 08 ago. 2015.

Mapa 9 – Tratado de Sèvres- 1920

Fonte: Portal Estação Armênia. Disponível em: <<http://estacaoarmenia.com.br/15048>> Acesso em: 05 jul.2015.

Contudo, a assinatura do Tratado de Lausanne, em 1923, pôs fim às esperanças de retorno às regiões de origem. Os espaços geográficos das províncias armênias do Império Otomano passaram a integrar definitivamente o território do então recém-criado país Turquia. Esse período marca o início da vinda de grandes levas de refugiadas, definindo seus destinos provisórios e permanentes a partir das políticas migratórias, especialmente nos países europeus e América do Norte, cujos destinos eram prioritários e mais desejados.

Mapa 10 – Tratado de Lausanne – 1923

Fonte: ALTMAN (2014). Disponível em:

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/37148/hoje-na-historia++1923+turquia+assina+tratado+de+lausanne+que+legitima+limpezas+eticas+e+redefine+suas+fronteiras.shtml>>. Acesso em: 08 ago. 2015.

Nesse contexto, a criação do documento apátrida Passaporte Nansen, emitido pela Liga das Nações⁷⁶, tinha objetivo de documentar os refugiados e, através desse controle viabilizar sua distribuição nos países signatários da Liga, ou ainda, para repatriação posterior. Ainda que a Argentina não fosse país signatário da Liga e o Brasil tenha sido temporariamente, a entrada massiva de refugiados armênios se tornou possível porque a condição de refugiado em pouco ou nada diferia da condição de imigrante.

A partir de 1930, fatores que contribuíram para o fim da chegada massiva dessa leva refugiada pós-genocídio na região foram: implantação de políticas migratórias na Argentina para erradicação da imigração devido à falta sistêmica de empregos na indústria e implantação da Lei dos 2/3 no Brasil, que priorizou o trabalhador brasileiro em detrimento do estrangeiro, dando início à migração interna; registra-se também o período de início da industrialização por substituição de importações⁷⁷ na Argentina e no Brasil.

2.1.2 A condição refugiada

A designação “refugiada” ou “apátrida” surgiu na Europa a partir da Primeira Grande Guerra “quando se produziu um fenômeno excepcional, o êxodo de milhões de pessoas que perderam a proteção de seus estados e buscaram refúgio em outros países” (BOULGORDJIAN, 2012, p.8).

Seu decorrente *status* jurídico para aplicação de políticas humanitárias⁷⁸ de pós-guerra se deu no âmbito do Alto Comissariado para Refugiados da referida Liga das Nações (BOULGORDJIAN, 2012, p.10). Àquela estrutura se atribuiu o direcionamento das questões que envolviam o controle de populações nacionais e estrangeiras, e dentre os últimos especialmente a proteção dos grupos desterritorializados de pós-guerra em decorrência da Revolução Russa e a extensão do atendimento aos armênios expulsos do Império Otomano em 1921. Tratava-se de um vasto contingente de pessoas que necessitava de garantias formais

⁷⁶ Organização internacional (1919-1946) destinada à preservação da paz e à resolução dos conflitos internacionais por meio da mediação e do arbitramento. Países-membros permanentes: Grã-Bretanha, França, Itália, Japão; posteriormente, Alemanha e União Soviética. Ao extinguir-se, transferiu responsabilidades à recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU). Liga das Nações, disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDasNacoes>>. Acesso em: 08 ago. 2015.

⁷⁷ Cuja lógica de funcionamento comum a todos os países latino-americanos se pautou na proteção garantida pelo Estado às atividades econômicas e ao trabalho assalariado. (CACCIAMALI, 2000, p.69 *Apud* MORAES, 2004, p.27)

⁷⁸ “A categoria ‘stateless’ (sem estado), foi primeiramente reconhecida pela Sociedade das Nações, durante a Primeira Grande Guerra, quando russos e armênios abandonados por seus estados receberam ajuda internacional”.

de integração aos países europeus e outros mais signatários ou não daquele órgão, no sentido de acolhida provisória ou mesmo definitiva, uma vez que muitos não poderiam reintegrar-se aos seus locais de origem.

Em sentido amplo, de acordo com Morêz (2009, p.2), a finalidade da Liga das Nações era:

(...) o reestabelecimento do equilíbrio rompido pelos traumas da Grande Guerra, através da promoção da cooperação, da paz e da segurança internacionais. A Convenção da Liga das Nações ainda estabelecia sanções econômicas e militares a serem impostas aos Estados que violassem suas obrigações.

O Passaporte Nansen, criado pela Liga em 1921⁷⁹, tinha o intuito de formalizar a existência desses apátridas, uma vez impedidos de solicitar documentos em seus países de origem, garantindo-lhes identificação para migrar, bem como sua aceitação nos países que estivessem dispostos a recebê-los (BOUGOURDJIAN, 2012, p.8). O Nansen propiciou a migração e formação de comunidades armênias em várias regiões do planeta.

Por oportuno, é relevante mencionar que o *status* jurídico de refugiado passou a ter força de lei a partir da década de 1930, no âmbito da continuidade de assistência internacional aos refugiados (BOULGORDJIAN, 2012, p.10), quando:

(...) se passou a garantir o princípio de não expulsão do refugiado ao seu país de origem, e também certo número de direitos de natureza econômica e social que colocou o refugiado no mesmo plano de igualdade que o nacional.

Tais garantias, além da ampliação do enrijecimento de políticas migratórias em vários países receptores da diáspora em questão, representaram igualmente marco importante para compreensão de sua permanência massiva a partir desse período.

2.1.3 Destinos de refúgio: Oriente Médio, países europeus... América do Norte

Entre os destinos desejados e possíveis, a recomendação do periódico *Hairenik*⁸⁰ bem espelha os caminhos de refúgio percorridos:

Quanto mais longe permaneça o imigrante armênio da América, mais próximo estará da mãe pátria e menor perigo terá sua existência nacional. E se o imigrante armênio, por circunstâncias imperiosas, está obrigado a aguardar por bastante tempo no exterior até que o caminho para a Armênia se abra amplamente para ele e se criem as garantias de uma existência livre e segura lá, é melhor que espere às portas de sua pátria histórica, mas não em

⁷⁹ Documento concebido pelo ativista humanitário Fritjof Nansen.

⁸⁰ Publicação da comunidade armênia de Massachussets, Estados Unidos, criada em 1899.

países longínquos, onde uma ou duas gerações depois só estarão os apenas perceptíveis rastros dos armênios. A partir deste ponto de vista Síria, Mesopotâmia, Egito, Grécia, Bulgária e Pérsia são preferíveis aos armênios, como refúgio provisório, à América, tanto setentrional como meridional. (MATIOSSIAN, 2011, p.61, tradução nossa).

Tal recomendação partida de periódico da diáspora armênia nos Estados Unidos tinha os propósitos de: alertar para a Lei Johnson Reed sancionada em 1924, em complementação à lei de cotas de 1921, inviabilizando a imigração da Europa meridional e oriental para aquele país; manter os armênios próximos às fronteiras do país Armênia na expectativa de alterações dos Tratados Internacionais para recuperação territorial, realocação e garantia de um solo ancestral convertido em país; desestimular a vinda para a América, considerada como continente com alto poder de assimilação, o que impossibilitava a manutenção da identidade armênia através de sua língua e costumes.

Enquanto destino possível, a imagem da América do Sul era enfaticamente denegrida pelos periódicos da diáspora. Pela longa distância que a separa da América do Norte a alcunharam de “pseudo América”, “sud amerigá”, ou “os infernos longínquos, com os desertos vastíssimos de insetos no Uruguai, Paraguai, Brasil e Argentina”⁸¹. A contínua conotação pejorativa foi utilizada por visitantes eclesiásticos armênios à região denominando-a de “crepúsculo do armênio”⁸² em 1969, ou “tumba da diáspora”⁸³ em 1997.

Os países mencionados, Grécia, Egito e Síria são citados pelos entrevistados desse trabalho como passagens intermediárias ou locais de instalação dos ancestrais por uma geração aproximada, para depois seguir para Argentina e Brasil.

2.2 América do Sul

“Um confim austral”, expressão também aludida à região⁸⁴ para designá-la como zona periférica e mal conhecida. Derivação complementar ao espaço mais amplo que a comporta denominado América Latina, esta última englobando mais recentemente uma categoria geopolítica estabelecida em função “da natureza dos nexos entre essa região e os Estados Unidos no mundo contemporâneo” (SANTOS, 2015, p.6).

⁸¹ Proferido por Sahak II, Catolicós da Grande Casa da Cilícia, em 1929 (NERSESIAN, Josrov, 1922 *Apud* MATIOSSIAN, 2011, p.13).

⁸² NAIRÍ, 1969, p.5-21 *Apud* MATIOSSIAN, 2011, p.14.

⁸³ BODRUMIÁN, 1997 *Apud* MATIOSSIAN, 2011, p.14.

⁸⁴ MATIOSSIAN, 2011, p.10.

Nessa região, mais especificamente Brasil e Argentina, em que pese elementos nacionalistas que se adensaram no final da década de 1920, culminando na elaboração de uma legislação trabalhista e migratória contrária e restritiva a imigrações, a condição de refugiado pouco ou nada diferia na prática da condição de imigrante. Ambas passaram a ter acepção discriminatória, contudo em sua gênese representavam uma força de trabalho que viria a dar sustentação ao crescimento industrial nas regiões sudeste e sul, especialmente em São Paulo.

Na Argentina, o estímulo era dado no sentido de povoar um território de grande vazio populacional já iniciado pelas políticas migratórias do século XIX, priorizando mais uma vez as atividades agrárias, posto também que a recessão em curso agravava o desemprego nas áreas urbanas (BOULGORDIJIAN, 2012, p.3).

2.2.1 Formação de Comunidades e políticas migratórias

Um contexto anterior de perseguições a essas minorias culminou, entre 1894-1896, no massacre de cerca de 300 mil armênios ordenados pelo sultão Abdul Hamid⁸⁵, ocasião em que já se registra “a primeira e pequena leva migratória dessa população rumo aos países vizinhos, Europa, América do Norte e do Sul, inclusive para o Uruguai e Brasil” (MARCARIAN, 2008, p.110).

Antes da grande migração (1920-1930), pequenos grupos de armênios vieram a se estabelecer nessas regiões apontadas. Ao chegar, especialmente na Argentina e no Brasil, por volta de 1893, eram confundidos com os sírios e libaneses⁸⁶, e a maioria passou a se dedicar ao comércio ambulante. Alguns enriqueceram adentrando o setor têxtil industrial, como atesta GRÜN (1992, p.19) para o grupo brasileiro, com acréscimo para a produção de tapetes para o argentino (HEKIMIAN, 1990, p.109).

A partir daquele período registra-se ainda, referindo-se a essa primeira diáspora, a formação de estruturas de ajuda mútua⁸⁷ para o encaminhamento dos refugiados nos orfanatos e hospitais, quando não a própria criação de casas comunitárias de abrigo⁸⁸. Essas estruturas foram fundadas entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX, com o propósito

⁸⁵ Conhecidos também por massacres hamidianos.

⁸⁶ Dificultando a localização de informações precisas acerca da origem armênia junto aos registros de imigração.

⁸⁷ Uma das estruturas importantes: União Geral Armênia de Beneficência (UGAB), fundação em 1906 no Cairo, Egito; abertura de filial em Buenos Aires em 1911.

⁸⁸ No Brasil, a Casa da Bóia, mencionada a seguir, cumpriu o papel de acolhida e distribuição para os primeiros ofícios.

de dar abrigo e alimentar os armênios inicialmente refugiados em Beirute, Cairo, Jerusalém, Alepo e Damasco (MARCARIAN, 2008, p.110).

O cenário de fixação populacional anterior favorece a compreensão das condições de formação das comunidades armênias em São Paulo e em Buenos Aires a partir das duas primeiras décadas do século passado, cujos integrantes atuais são objeto dessa pesquisa.

Registros portuários sobre períodos de chegada dos refugiados armênios pós-genocídio, corroborados pelas informações presentes em Varela (2002, p.60) e Sapsezian (2010, p.286), apontam 1920 como ano de início das vindas massivas. A partir de 1924 registra-se o adensamento do contingente em Buenos Aires; 1926 o aumento dos desembarques no porto de Santos, tendo como destino principal a cidade de São Paulo, sendo o ano de 1930 o marco final de entrada da leva massiva aqui tratada.

Sobre a origem geográfica desses fluxos sul-americanos, os referidos autores apontam que a maioria, cerca de dois terços, era originária de Adana, região da Cilícia, e das cidades de Aintab (atual Gaziantep), Marach (atual Kahramanmaras) e Haijin⁸⁹ (HEKIMIAN, 1990 p.108), e o grupo de São Paulo constituído por maioria proveniente de Marach (KECHICHIAN, 1983, p.12 *Apud* LOUREIRO, 2010, p.13).

Nas falas dos entrevistados desse trabalho aparecem menções às cidades de Urfá, Amasia, Rodostof (atual Tekirdag), Cesaréia (atual Kaiseri), Konia, Yosgat, Esmirna, entre outras. Os nomes atuais das cidades, entre parênteses, visam facilitar sua localização no mapa da Turquia atual e, particularmente, constituíram um dos grandes desafios geográficos da pesquisa. Nesse sentido, as regiões de origem dos entrevistados retornarão no capítulo 4, das entrevistas.

Reproduzimos a seguir o mapa do Império Otomano para localização preliminar dessas regiões:

⁸⁹ Para designar a mesma cidade, leia-se também “Hadin”, “Hadjan” ou “Hajam”.

Mapa 11 – Províncias e cidades do Império Otomano

Fonte: ARTINIAN; PAPAIZIAN (2013, p.16).

A vinda dessas levas migratórias, contou com passagens pela Síria e Líbano, regiões de protetorado francês (SAPSEZIAN, 2010, p.286), sendo corroborada por relatos de autores e romancistas da literatura da diáspora⁹⁰, em relação às passagens provisórias pelos portos da França, Grécia e Reino Unido, tempo para obtenção do passaporte Nansen e tentar se estabelecer na Europa ou conseguir algum trabalho e juntar dinheiro para partir.

Na condição de refugiados, Argentina, Brasil e Uruguai constituíram os destinos possíveis. A fixação na América do Sul aconteceu em decorrência do enrijecimento das mencionadas políticas migratórias de pós-guerra nos Estados Unidos, destino prioritário em virtude da formação já consolidada de comunidades armênias na região da Califórnia, cuja migração decorreu da fuga dos massacres hamidianos.

As políticas migratórias⁹¹ implantadas nos países objeto da pesquisa desde o início do século passado não definiam exatamente a condição refugiada dos armênios e também a nacionalidade, dificultando o levantamento de estatísticas precisas acerca do número de chegadas e permanências na região (BOULGORDJIAN, 2012, p.94). Naquela ocasião, informações contidas nos *Resúmenes Estadísticos* do Departamento de Imigração argentino

⁹⁰ Henri Verneuil (Ashot Malakian), no romance autobiográfico *Mairig*.

⁹¹ Política migratória refere-se ao controle de fluxo migratório e administração dos imigrantes ingressados no país.

caracterizavam como indesejáveis todos os imigrantes e/ou refugiados oriundos da Ásia Menor, e essas impressões tinham igual repercussão nas políticas migratórias brasileiras com ênfase no conceito de “inassimiláveis” e “exóticas”, em relação à língua e cultura locais (BOULGORDJIAN, 2012, p.204)⁹².

Em que pese existência de políticas migratórias restritivas, no Brasil, esse fluxo migratório essencialmente urbano ajudou a potencializar a mão de obra mascate e manufatureira, logo após empregadora fabril com expansão no ramo calçadista (GRÜN, 1992, p.39-44). O mesmo se verifica para o caso platino em relação aos ramos de inserção econômica; as mesmas características profissionais urbanas se mantiveram (HEKIMIAN, 1990, p.109), com acréscimo da política de expansão do trabalho nas áreas rurais, dado a crise econômica que atingiu o setor industrial do país a partir de 1920 e a necessidade de preenchimento de seu grande vazio demográfico.

A acolhida aos recém-chegados dessa maior e mais numerosa leva de refugiados pós-genocídio contou, tanto em Buenos Aires como em São Paulo, com apoio de pequenos grupos de indivíduos da mesma etnia vinculados às associações de ajuda mútua⁹³, com intuito de acolhê-los e também os direcioná-los para os primeiros ofícios (HEKIMIAN, 1990, p.95).

Os novos integrantes viriam a trabalhar em atividades do mesmo ramo econômico que já tinha famílias armênias como proprietárias, ou então essas serviam de avalistas para que os iniciantes pudessem abrir seu próprio negócio, geralmente com a venda ambulante de produtos de armarinhos ou calçados (GRÜN, 1992, p.45-49). Tal prática, comum entre as ditas nações comerciantes⁹⁴, foi ainda mais estimulada no contexto argentino, devido à recessão que gerou desemprego nas áreas urbanas, e brasileiro, com implantação de política restritiva para contratação de mão de obra estrangeira a partir de 1930⁹⁵.

2.3 Argentina

Em breve resumo, a imigração na Argentina se iniciou a partir de meados do século XIX enquanto política demográfica para solucionar seu grande déficit populacional. Essa

⁹² ALSINA, 1910 *Apud* BOULGORDJIAN, 2012, p.5.

⁹³ Embora a Cruz Vermelha tenha atuado em vários acampamentos do Oriente Médio e em Buenos Aires, nesta última não foi suficiente para garantir auxílio à leva massiva de armênios.

⁹⁴ Das quais juntamente com os judeus e árabes, sírios e libaneses, os armênios fazem parte.

⁹⁵ Culmina com a Constituição de 1934 que institui reserva de 2/3 das vagas de empregos existentes para brasileiros.

política migratória foi sustentada mediante uma ativa propaganda em determinadas cidades europeias para captar potenciais migrantes.

Sob o lema “povoar é governar”⁹⁶, a Constituição argentina de 1853 viabilizou a entrada dos imigrantes na medida em que “passou a garantir os mesmos direitos civis dos nativos aos estrangeiros, mas não lhes outorgava direitos políticos” (BOULGOURDIJIAN, 2012, p.4).

A Lei de Imigração e Colonização de 1876 enfatizava a vinda de imigrantes europeus focados a determinadas atividades: “o imigrante chegava para estabelecer-se, de barco à vela ou a vapor, de portos europeus, dedicando-se ao trabalho na terra e na indústria.” (BOULGORDJIAN, 2012, p.4)

Os imigrantes causaram grande transformação demográfica no país, conforme tabela abaixo com censos a partir de 1869 que registram a porcentagem crescente de estrangeiros.

Quadro 5 – População estrangeira na Argentina-Censos: 1869 a 1914

Ano	População	% de estrangeiros
1869	1.830.214	16.6
1895	3.956.060	25.4
1914	7.885.237	30.0

Fonte: BOULGORDJIAN (2012, p.1).

Entre os anos de 1878 e 1926 chegaram a Buenos Aires cinco milhões de pessoas: 46% de italianos, 33% de espanhóis 3,5% de franceses e 3% de russos. Dessas cifras, há dificuldades para detectar números referentes aos armênios devido à ausência de registros completos e também por causa da designação da nacionalidade dos povos provenientes do Império Otomano. De qualquer forma, representava número muito reduzido, posto que, em 1936, Buenos Aires tinha uma população armênia de 3.057 pessoas, representando 0,12% do total da população.

As políticas migratórias argentinas para coerção das novas levas de imigrantes se iniciaram devido à crise financeira que o país ingressou a partir da década de 1920 e a aceitação de imigrantes ficou sujeita à exigência de apresentação de documentos suplementares para desembarque no porto de Buenos Aires, como: atestados de saúde, de não mendicância e de bom comportamento nos cinco anos prévios à viagem, além de documento formal de acolhida por membros da comunidade da qual os recém-chegados faziam parte⁹⁷.

⁹⁶ Máxima atribuída a José Maria Alberdi, mentor da Constituição argentina de 1853.

⁹⁷ DEVOTO, 1991 *Apud* BOULGORDJIAN, 2012.

A análise da condição de recepção e operacionalização desses desembarques era alternada entre a Direção Geral de Migrações e um Comitê Consultivo formado por agentes dos Ministérios de Relações Exteriores e Culto, Ministério de Interior e Ministério da Agricultura (QUINTEROS, 2008, p.37-62), resultando em práticas arbitrárias que favoreciam a corrupção, caracterizando uma política migratória ambígua, “que oscilava entre a multiplicidade de normas e as exceções a partir da aceitação do ingresso de pessoas com documentação incompleta, mulheres sós ou com filhos e menores de idade” (BOULGORDJIAN, 2012, p.6).

No período, grupos de armênios tiveram restrição de entrada por alegação diversa e subjetiva, cujo real intuito era afastar os grupos direcionados aos ofícios de natureza urbana devido ao desemprego em massa, especialmente no setor industrial, que atingiu a capital Buenos Aires e outras cidades urbanizadas, tendo também o Brasil e o Uruguai como alternativas massivas de desembarque.

A partir de 1925, políticas de controle de imigrantes se tornaram mais rígidas e se estenderam também aos refugiados⁹⁸, conforme carta do ministro do interior aos prefeitos:

Chamou minha atenção os inconvenientes que podem apresentar à manutenção da ordem pública assim como a tranquilidade da população, a formação sobre nosso território de importantes grupos de trabalhadores estrangeiros que, em diversas localidades, começariam a superar as possibilidades de utilização de mão de obra tanto na agricultura como na indústria. Essa situação deve ser objeto de um estudo profundo com a finalidade de determinar as medidas de ordem geral que conviria tomar para assegurar a proteção da paz pública e o equilíbrio da nossa economia nacional. (BOULGORDJIAN, 2012, p.2)⁹⁹

Em 1932, devido à crise econômica, se aplicou decreto para frear a imigração. A simpatia pelo regime soviético foi justificativa para muitas expulsões de estrangeiros, “incluindo armênios”, contudo a razão determinante era a continuada dificuldade de inserção no mercado de trabalho (BOULGORDJIAN, 2012, p.13).¹⁰⁰

⁹⁸As elites argentinas se negavam a reconhecer a especificidade da figura do refugiado (DEVOTO, 2003, p.35 *Apud* BOULGORDJIAN, 2012).

⁹⁹ ARCHIVES NACIONALES, 1925 *Apud* BOULGORDJIAN, 2012, p.12. Tradução nossa.

¹⁰⁰ BOULGORDJIAN, 2012, p.13.

2.3.1 Buenos Aires

Devido às dificuldades de infraestrutura no acolhimento, a recepção aos novos integrantes refugiados no Porto de Buenos Aires era acompanhada e auxiliada pelos próprios integrantes de uma pequena comunidade armeno-platina recém-formada.

Os armênios, assim como turcos e outras nacionalidades da Ásia Menor, não eram considerados imigrantes preferenciais pelo governo argentino e não tinham, desde o início das migrações, a possibilidade de acolhida nas estalagens preparadas para os imigrantes europeus.

Da comunidade já residente, alguns integrantes eram designados para acompanhar o desembarque dos recém-chegados e auxiliar na difícil tarefa de oferecer abrigo, alimentação e trabalho. O Exército de Salvação e a Cruz Vermelha atuaram como parceiros da comunidade, pedindo inclusive dinheiro à população argentina para evitar a continuidade da situação de penúria dos recém-chegados quando este fluxo atingiu seu ápice, dificultando a ajuda dos membros da própria comunidade para recebê-los em suas casas ou mesmo permanecer na estalagem improvisada oferecida por aquela organização. Na ocasião, 1923, formou-se o chamado “quartirão armênio”, um grande acampamento improvisado a céu aberto, com refugiados de todas as idades, doenças e fome (HEKIMIAN, 1990, p.95).

2.3.2 Bairros de instalação

De acordo com Varela (2002, p.77) “entre 1920 e 1930 se produziu um grande aumento de chegadas de armênios a Buenos Aires e paralelamente se diversificou o espaço ocupado tanto dentro de Buenos Aires como em seus arredores”.

Ainda que dentro da cidade de Buenos Aires a estrutura de transportes facilitasse a locomoção por metrô, inaugurado em 1908 e expandido a partir de 1913, a escolha da moradia dependia:

(d)os preços mais acessíveis (que) correspondiam às áreas mais baixas, inundáveis, de difícil acesso e carentes de infraestrutura de serviços. Esses bairros, pouco habitados, constituíam os mesmos limites da Capital Federal e eram La Boca e Barracas a sudeste, Pompeya e Villa Soldati a sudoeste e Palermo a noroeste. (VARELLA, 2002, p.77 – Tradução Nossa).

Essas áreas de vivência de indivíduos de mesma nacionalidade foram denominadas “bairros étnicos”, e garantiram distinção histórica dos outros bairros da cidade a partir do crescimento da densidade dos grupos étnicos que os habitavam (VARELLA, 2002, p.78).

Em relação aos lugares comunitários num sentido mais amplo, além de Palermo se incluem também as áreas ao sul mais próximas ao centro, San Telmo e Constitución, com habitações em casas de cômodo e um espaço comum destinado à cozinha coletiva. Em San Telmo, especialmente a *calle* San Juan era composta nos anos de 1920 por 50% de armênios nessa condição, tendo outro grupo expressivo na *calle* Constitución. Na proximidade sul da grande Buenos Aires, destaca-se formação de grupo armênio em Valentín Alsina (Partido de Lanús) (VARELLA, 2002, p.79).

2.3.3 Primeiros ofícios

De acordo com os *Resúmenes Estadísticos* do Departamento argentino de Imigração, os imigrantes oriundos da Ásia Menor: sírios, palestinos e armênios eram especialmente considerados como indesejáveis, sendo referidos como “mercadores ou vendedores de ruas que carregavam suas mercadorias nas costas” e “sua admissão no país contribuía ainda mais para o aumento do desemprego nas cidades argentinas, particularmente Buenos Aires”. (HEKIMIAN, 1990, p.87)

Era o início da segunda década do século XX, período particularmente adverso que marcou o princípio do declínio da economia argentina, até então próspera. Devido à falta crônica de empregos, novas medidas para conter a imigração passavam a ser adotadas.

Dos primeiros ofícios desenvolvidos destacou-se a mascateação, venda ambulante de armarinhos, roupas, calçados, viabilizado pelas estruturas de ajuda mútua que já contavam com proprietários da etnia, especialmente no ramo têxtil, para fornecer a mercadoria a ser vendida. Oficinas de costura e pequenos reparos de roupas e sapatarias foram se instalando no decorrer dos anos de 1930.

Outro recurso utilizado pela comunidade para viabilizar a instalação e procura de trabalho foi a preparação de pequeno manual armênio-espanhol, citado no relato de Artin Djordalian, com 16 anos em 1926:

Eu ia de porta em porta pedindo emprego (...) eu tinha um pequeno folheto em mãos com frases do armênio para o espanhol (...) mas eu fazia gestos e tentava dizer que eu era alfaiate na Europa (...) um dia disse a meu pai que se não conseguisse trabalho, não voltaria mais para casa (...) fiz uma jaqueta e sai mostrando na rua, era melhor que tentar falar (...) um senhor gostou do trabalho e disse que eu voltasse no dia seguinte, mas eu não compreendia o espanhol e achei que ele tinha me dado uma resposta negativa (...) no dia seguinte ele apareceu na porta de casa com cesto cheio de tecidos e encomendou várias jaquetas (...) eu e meu pai quase caímos pra trás de tanta

alegria, finalmente tínhamos trabalho (HEKIMIAN, 1990, p.93-94, tradução nossa).

2.3.4 Associações de ajuda mútua

Também no início de 1930, estruturas das associações de ajuda mútua formadas em nível mundial vieram a se consolidar no seio da comunidade armênia na Argentina.

Dessas, destacam-se também as de cunho religioso, com o término da construção, em 1928, da primeira igreja apostólica armênia em Buenos Aires. Os partidos políticos FRA-Tashnagtsutiun¹⁰¹, Ramgavar Azadagan e Huntchag, igualmente responsáveis por congregar as comunidades da diáspora em todo o mundo, atuaram e ainda atuam de forma conjunta ou separada às associações religiosas (ligadas às igrejas apostólica, católica e evangélica) e União Geral Armênia de Beneficência (UGAB).

Apesar das grandes divergências, tanto de natureza religiosa como política, que se sucederam entre os grupos e partidos dessa comunidade platina, todos participaram da criação e funcionamento das estruturas comunitárias armênias em Buenos Aires, especialmente a formação de escolas armênias, cujo foco principal era o ensino da língua armênia para as crianças¹⁰².

2.3.5 Imprensa e escolas armênias

Tendo sido criada a primeira escola, em 1928, nas dependências da referida igreja apostólica Armênia, Surp Khach, no bairro de Flores, o número delas rapidamente se proliferou na área central e periferia de Buenos Aires, chegando a somar sete escolas em 1931 e quinze em 1934.

¹⁰¹ Tashnag ou Dashnag: partido político formado por intelectuais militantes, trabalhadores urbanos, primeiros soldados camponeses. Liderou as eleições do governo armênio de antes de 1920, quando foi rendido pelo exército vermelho, seus integrantes fugiram primeiro para o Irã e depois para a França. Mesmo no exílio clamavam por legítima representatividade no país de origem e criaram um governo independente no exílio. Eventualmente recorreram a atos de violência e terrorismo através de sua ramificação ASALÁ. A Armênia soviética, região geográfica que ocupou 1/6 do território histórico da Armênia- da independência em 1991 e posteriores governos há interferência da diáspora e do partido Tashnag e outros nos assuntos locais e em Nagorno-Kharabah e a manutenção do reconhecimento do genocídio na pauta dos assuntos com a Turquia, aumentando o grau de complexidade das ações do governo local com os turcos. (TOLOLYAN, 1991 *Apud* SHAIN; BARTH, 2003).

¹⁰² E garantir a homogeneização do grupo pela língua, considerando que muitos falavam turco.

Dados atuais consultados recentemente nos sites da UGAB no mundo e ramificações do Tashnag nos mostram a existência de três escolas armênicas em funcionamento na cidade de Buenos Aires, todas contam com ensino bilíngue espanhol-armênio.

O contínuo exercício da língua materna via número vários de escolas em Buenos Aires, aliado as mencionadas organizações partidárias da diáspora, favoreceu também o desenvolvimento de uma imprensa armênia da diáspora platina que se iniciou até mesmo antes da fundação das escolas. Em 1923, juntamente com o mencionado pequeno manual de frases em armênio-espanhol, para auxiliar os recém-chegados na comunicação local, se registra a primeira publicação intitulada *Arjantinian Mamul* (Imprensa Argentina); entre 1925-1931 passou a ser em formato tabloide de periodicidade semanal. O periódico *Armenia* foi publicado a partir de 1931, com edições semanais até 1936, duas edições por semana até 1954 e daí por diante passou a ser de tiragem diária. Todas as edições desses periódicos foram publicadas exclusivamente em armênio. Somente a partir de 1967 o *Armenia* passou a ter um suplemento semanal em espanhol (HEKIMIAN, 1990, p.93).

2.3.6 Inserção econômica a partir de 1970

Em 1974, a coletividade armênia era, em número aproximado, de 100.000 habitantes. Se no passado foram considerados indesejáveis, naquele momento representavam grande contribuição no controle da indústria argentina, com as seguintes cifras de participação: 1/3 correspondente ao ramo têxtil, 50% da produção de tapetes e 10% da produção de calçados; além de registrar expressiva e crescente participação nos negócios em geral (HEKIMIAN, 1990, p.109). Eles prosperaram.

Em 1992, foi criado o Fundo Nacional Armênia, autarquia destinada à cooperação humanitária entre a Armênia e a diáspora através de doações.

Em termos de investimento argentino na Armênia, se registra na mesma década “a atuação da Corporação América, que administra o aeroporto de Zvartnots (Ierevan) e importante participação nas atividades de *Converse Bank* e na produção agrícola.” (MATIOSSIAN, 2011, p.128).

Em relação às estruturas diplomáticas, a Embaixada da Armênia em Buenos Aires foi estabelecida em 1993 e em 2010 a Embaixada da Argentina se estabelece na capital armênia, Ierevan.

2.4 Brasil

Registros oficiais apontam a chegada de armênios no Brasil já no final do século XIX. Era um grupo de poucas pessoas, membros de mesmas famílias que haviam fugido das perseguições ocorridas na região de origem sob o Império Turco Otomano¹⁰³.

A partir da matança sistemática de armênios nos anos de 1895 e 1896, o movimento diaspórico se intensifica especificamente para os Estados Unidos da América. Nessa mesma época famílias armênicas chegam ao Brasil (MARCARIAN, 2008, p.10).

Estas famílias desempenharam importante papel na acolhida do grande fluxo de armênios que chegaram ao Brasil, vítimas sobreviventes do genocídio armênio de 1915, que vieram na condição de refugiados e portadores do passaporte Nansen ou ainda como imigrantes de nacionalidades turca, síria ou libanesa.

A chegada do fluxo migratório armênio para o Brasil tem seu marco simbólico a partir de 1926 e pode ser compreendida nos anos seguintes a partir do quadro geral da economia no período entre 1930 e 1945, conhecido como Era Vargas.

O contexto histórico e o processo de industrialização em curso que, apesar do enrijecimento das políticas migratórias e da criação de legislação trabalhista desfavorável à imigração, ainda assim propiciou a vinda de grupos minoritários da Ásia Menor e, principalmente, sua fixação na região metropolitana de São Paulo e contribuição para o desenvolvimento da economia industrial de bens não duráveis no país, que buscava superar o antigo modelo agroexportador.

E, no âmbito da formação das associações de ajuda mútua, a igreja armênia (nas suas distintas ramificações: apostólica, ortodoxa e evangélica) desempenhou importante papel na vida comunitária do grupo da diáspora pós-genocídio, desde sua chegada à fixação definitiva em São Paulo, com destaque inicial para o ramo calçadista.

2.4.1 Década de 1930: a Era Vargas e o quadro econômico geral

O período marca início do processo de industrialização, entendido como:

Não a simples instalação de indústrias no País — o que já vinha ocorrendo desde, pelo menos, meados do século XIX —, mas um conceito mais abrangente, no qual a produção e o emprego industrial passam a crescer a taxas mais elevadas do que os demais setores da economia, tornando o

¹⁰³ Ocorridos entre os anos de 1894 e 1896 sob a ordem de Abdul Hamid II.

investimento industrial um dos mais rentáveis e, portanto, mais atrativos da economia, permitindo-lhe obter influxos de capital em detrimento do restante da economia. (PIRES; PAVERCHI, 2013, p.4-5)¹⁰⁴

E, nesse sentido, a crise de 1929 e a recessão mundial dos anos 30, gerou um novo modelo de desenvolvimento baseado no dinamismo do setor industrial¹⁰⁵ e “o Brasil foi um dos países que mais rapidamente se recuperou dos impactos recessivos daquela crise, passando, já desde 1932, a apresentar taxas positivas de crescimento de seu produto total” (PIRES; PAVERCHI, 2013, p.6). A economia brasileira nos anos 30 alcançou um padrão de crescimento que:

Assegurou ao setor industrial o papel mais importante na definição das taxas de crescimento global, reservando ao setor primário uma função crucial para a própria industrialização — a oferta de divisas para a importação das máquinas, equipamentos e outros insumos essenciais à atividade industrial —, mas um papel secundário no que tange à geração de renda e emprego (PIRES; PAVERCHI, 2013, p.6).

A industrialização brasileira faz parte das industrializações promovidas; ocorreu rapidamente e com apoio decisivo do setor público (PIRES; PAVERCHI, 2013).¹⁰⁶ Avançou internamente pela instalação dos setores industriais de acordo com seu grau de complexidade tecnológico e volume de capital exigido na seguinte ordem: bens de consumo não duráveis, bens de consumo duráveis, bens intermediários e bens de capital.

A indústria nacional de bens de consumo não duráveis (calçados, têxteis, alimentos industrializados, bebidas etc.) alcançou, já no final dos anos 30, expressiva participação no total da oferta total: mais de 90% (ABREU, 1989, p.82). Todavia, os demais setores apresentavam, nesse mesmo ano, participações bem mais modestas, a indústria doméstica de bens de consumo duráveis e a de bens de capital respondiam por apenas 2,5% e 4,9% da

¹⁰⁴ O processo de industrialização no Brasil correspondeu de forma geral à época da proclamação da república, em 1889. O sistema republicano organizado no país incorporou os princípios federativos, o liberalismo econômico e uma ampliação apenas formal da representatividade política, dado que manteve parte da legislação imperial que proibia o voto dos analfabetos e negou direitos políticos aos estrangeiros, importante parcela do proletariado naquele momento (BILHÃO, 2009). Tradução nossa.

¹⁰⁵ Esta visão, desenvolvida e consolidada a partir das proposições da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina, nos anos 50, teve em Celso Furtado um de seus principais formuladores e divulgadores no caso do Brasil). Para maiores detalhes, veja-se Furtado, 1986, especialmente capítulos XXX a XXXII.

¹⁰⁶ Nesse sentido, podemos observar uma participação fundamental do Estado brasileiro no processo de industrialização — notadamente após a Segunda Guerra Mundial — mediante não só a articulação de um arcabouço institucional adequado à industrialização (legislação trabalhista, agências estatais como o Conselho de Política Aduaneira, Conselho Federal de Comércio Exterior, Grupo Executivo da Indústria Automobilística etc.), mas também por meio da geração de infraestrutura básica, principalmente transporte e energia, e fornecimento de insumos básicos por via das empresas estatais como a Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Vale do Rio Doce, Petrobrás, Companhia Nacional de Álcalis etc (VASCONCELLOS; GREMAUD; TONETO JR, 1996).

oferta total, respectivamente (ABREU, 1989, p.85). Apenas na década de 50 é que tais setores passarão a se responsabilizar por atender parcela expressiva da demanda doméstica¹⁰⁷.

A partir do crescimento da atividade industrial em relação ao setor agroexportador se verificou o aumento das migrações internas, Entre 1934 e 1940 aproximados 322 mil migrantes brasileiros dos quais 67% provenientes do Nordeste, vieram para São Paulo, configurando a transição da imigração internacional para a migração interna (VILLELA; SUZIGAN, 1973, p.81).

2.4.2 Políticas migratórias e legislação trabalhista

De acordo com Bilhão (2009, p.157), a legislação trabalhista brasileira entre 1889-1930 é como fruto de uma problemática social:

Derivada da forma com que foi abolida a escravidão no Brasil em 1888, sem indenização nem garantias de sobrevivência dos escravos, e por ingresso de um contingente massivo de imigrantes, as reivindicações da classe trabalhadora eram respondidas com violência e intolerância pelo governo brasileiro entre os anos de 1889-1930, com aplicação de leis repressivas e expulsão de estrangeiros, refletindo a inadequação do Estado em prover uma legislação social para regulamentação das relações entre patrões e empregados, acentuando as dificuldades que os trabalhadores precisaram enfrentar para garantir seus direitos mínimos (Tradução Nossa).

No início do século XX, a república federalista então formada direcionou a colonização e a imigração para a tutela dos estados. São Paulo foi então o grande beneficiado e, a partir de então, podia subvencionar os imigrantes através do pagamento de passagem. Foi esse migrante subvencionado que participou ativamente do processo de industrialização no Estado, quer como proprietário ou empregado dela em detrimento da mão de obra brasileira, pois os governos privilegiavam a chegada do trabalhador estrangeiro. Por essa razão, surgiram, no período da Primeira Guerra Mundial, vários movimentos nacionalistas que se posicionavam contra a vinda de imigrantes e apontavam neles as influências anarquistas e comunistas nos movimentos de resistência dos quais faziam parte, em protesto contra as más condições de trabalho e exploração (OLIVEIRA, 2001).

Como exemplo de visão crítica ao estrangeiro e sua permanência no Brasil, podemos citar o caso de Arthur Hehl Neiva, que integrou posteriormente o alto escalão do Governo Vargas, o qual não distinguia os imigrantes da condição de refugiados propriamente dita e classificando-os de desajustados ao meio de origem: “ou tem ambições econômicas que não

¹⁰⁷ VASCONCELLOS; GREMAUD; TONETO JR, 1996.

podem realizar no país de origem, ou é perseguido político, ou possui convicções religiosas às quais não pode dar expansão” (OLIVEIRA, 2001, p.19).

Nos anos 30 se observa um declínio na entrada de imigrantes no Brasil e o aumento da migração interna. Tal migração provém basicamente do Nordeste rumo ao Centro-Sul do país, especialmente para São Paulo.

Contribuiu para este fato não só o quadro recessivo que marcava a economia brasileira naquele momento, como também o preconceito contra o imigrante estrangeiro, conforme atesta documento da época.

Logo após o triunfo da revolução de 1930, preocupou-se o Governo provisório seriamente do fenômeno dos desempregados e, entre outros consideramos o Decreto 19.842 que limitou a entrada no território durante um ano, de passageiros de 3ª. Classe, (...) a entrada desordenada de estrangeiros que viriam aumentar a desordem econômica e a insegurança social. Entrávamos, pois, no regime claro da legislação defensiva em prol dos trabalhadores nacionais (...) (PAIVA, 2000, p.32).

Especialmente as constituições brasileiras de 1934 e de 1937 apresentaram severas restrições à entrada de imigrantes. A primeira instituiu a reserva de 2/3 das vagas de empregos existentes para os brasileiros, além de estabelecer cotas de 2% sobre os estrangeiros fixados no Brasil nos últimos 50 anos e a última dava o direito de suspensão da entrada de imigrantes pelo governo federal, proibiu o ensino de língua estrangeira para menores e a produção e circulação de jornais em língua estrangeira. Em plena vigência do Estado Novo, em 1939, é criado o Conselho Nacional de Imigração, cujo ideário previa uma política de governo para o abasileiramento, aqui entendido como assimilação, cuja facilidade era maior das etnias portuguesas e espanholas. As outras, geralmente eslavas e asiáticas ou ainda, os do “eixo” (referindo-se aos oriundos da Alemanha, Japão e Itália), ditas exóticas e inassimiláveis, deviam ser evitadas – criando-se sérios problemas à permanência desses grupos no decorrer e depois da Segunda Guerra Mundial (OLIVEIRA, 2001).

O impacto dessas leis sobre o grupo armênio pode ter sido uma das razões para a interrupção das vindas massivas, considerando que o grande volume de chegadas se deu entre os anos de 1924 e 1930 e se reduziu drasticamente a partir dessa data, justamente no período em que o Brasil passa a investir na migração interna.

Além das dificuldades linguísticas e condição refugiada formal ou não da grande maioria, esse contingente, não amparado totalmente pelas políticas migratórias, contou com a ajuda da própria comunidade previamente estabelecida, fator decisivo para sua permanência.

A comunidade foi capaz de estabelecer um sistema de ajuda mútua, aos moldes do que ocorreu em Buenos Aires, garantindo aos novos integrantes a acolhida e destino ao trabalho em ofícios do ramo econômico que já contava com famílias da etnia como proprietárias, ou, quando não, essas funcionavam como avalistas para inseri-los na atividade comercial (GRÜN, 1992).

Os armênios, diferentemente dos grupos europeus, dado o contexto brasileiro nos anos 1920, não vieram para trabalhar nas empresas brasileiras em geral. Mesmo se tratando de empresas de patrícios, eram estimulados a abrir seu próprio negócio e tal prática, embora corrente entre os árabes, sírios e libaneses, – as ditas nações comerciantes – era ainda mais estimulada tendo em vista um impedimento significativo para contratação de mão de obra estrangeira: a questão legal dos 2/3 mencionada.

Para melhor compreensão do tamanho do grupo migrante objeto desse estudo, introduzimos dados do IBGE publicados no ano 2000 sobre a chegada de imigrantes no Brasil entre os anos de 1884 e 1939.

Quadro 6 – Brasil: entrada de imigrantes (1884-1939)

Nacionalidade	Total	%
Alemães	170.645	4,1
Espanhóis	581.718	13,99
Italianos	1.412.263	33,96
Japoneses	185.799	4,47
Portugueses	1.204.394	28,96
Sírios e turcos	98.962	2,38
Outros	504.936	12,14
Total	4.158.717	100

Fonte: OLIVEIRA (2001, p.23).

Tratando-se de grupo minoritário, os armênios estão presentes na cifra “outros”, e também incluídos na porcentagem “sírios e turcos”. De qualquer forma, trata-se de contingente pequeno em relação a outros grupos étnicos.

Não há estudo exaustivo que apresente números precisos de chegadas por nacionalidade “armênia”. Como na Argentina, a imprecisão de dados decorreu das políticas migratórias que não reconheciam a especificidade dos refugiados, bem como equívocos acerca da nacionalidade para emissão de documentos de viagem e registros de chegada pelas passagens anteriores por outros portos europeus.

2.4.3 São Paulo

Do período de chegada dos grupos armênios a partir de 1926¹⁰⁸, se destacam as condições de instalação e primeiros ofícios, foi facilitada pela existência reduzida de um grupo pequeno de famílias armênias pré-instaladas em São Paulo, o que caracterizou uma migração essencialmente urbana, integrando os grupos conhecidos como etnias comerciantes ou nações comerciantes, juntamente com as demais da Ásia Menor que também se instalaram na capital paulista.

2.4.4 As condições de chegada e os que acolheram

Como já observado, os registros dos primeiros armênios que aportaram no Brasil datam do final do século XIX. Vinham fugidos dos massacres hamidianos e das instabilidades no período czarista e eram confundidos com os sírios e libaneses. Chegaram para trabalhar nas obras dos portos do Rio de Janeiro e de Santos, mas a maioria passou a se dedicar ao comércio ambulante. Alguns enriqueceram adentrando o ramo industrial. Dessa primeira leva as famílias Gasparian e Keutenedjian, ligadas ao setor têxtil, formaram grandes indústrias, o Lanifício Varan, Gasparian e Fileppo, por exemplo, e lojas de tecidos acumuladas a partir da mascateagem (GRÜN, 1992, p.19). Corroborando, Marcarian (2008, p.111) assinala sobre esse grupo pioneiro “os primeiros armênios trabalharam como mascates e, portanto, trilharam os caminhos do Brasil em todas as direções”.

E Rizkallah Jorge, nascido no Líbano e de origem armênia, desempenhou papel decisivo na acolhida aos recém-chegados dessa segunda e mais numerosa leva pós-genocídio e seu direcionamento para os primeiros ofícios (GRÜN, 1992; SEMERDJIAN: 2001; LOUREIRO, 2011). A descrição de Marcarian (2008, p.110) ilustra bem o itinerário percorrido por esses refugiados até chegar ao Porto de Santos:

(...) No período de 1924 a 1926 (...), quando grande número de imigrantes provenientes da Síria, Líbano, Egito e Turquia aportou em terras brasileiras. Eles eram sobreviventes do Genocídio Armênio de 1915 e num primeiro momento tinham conseguido refúgio nos orfanatos, hospitais e casas comunitárias mantidas por organizações armênias fundadas especialmente para dar abrigo e alimentar os armênios, estabelecidos em cidades como Beirute, Cairo, Jerusalém, Aleppo, Damasco.

¹⁰⁸ Vindos de vilas da Síria e Líbano, mas oriundos da região de Marach (KECHICHIAN, 1983, p.12).

2.4.5 Regiões de assentamento e primeiros ofícios

A hospedaria dos Imigrantes não foi o único espaço de recepção dessa leva que chegou a partir de 1924. Ao desembarcar no Porto de Santos eram recebidos pelo “Conselho dos quarenta”, formado pelos principais integrantes da colônia engajados na ação comunitária da época (GRÜN, 1992, p.22) e utilizavam o andar de cima do estabelecimento comercial “Casa da Boia”, de propriedade de Rizkallah Jorge, como albergue nos primeiros dias. A seguir eram designados por aquele conselho, que decidia para onde enviar cada indivíduo e/ou família nova para os postos de trabalho urbanos ou rurais. Os primeiros permaneceriam em São Paulo, na região central nas imediações das ruas Florêncio de Abreu, Pajé e Santo André e Mercado Municipal para ingresso imediato na atividade de mascateação e auxílio na produção e venda de calçados. Os últimos eram encaminhados para a região de Presidente Altino, que mais tarde se tornaria um bairro do município de Osasco¹⁰⁹, para trabalhar na criação de gado e produção de leite e coalhadas.

2.4.6 Estruturação no ramo calçadista

O grupo de vocação urbana representou a grande força de trabalho responsável pela estruturação dos armênios no ramo calçadista em São Paulo. Praticamente informal a princípio, uma vez que a prática da venda ambulante já era corrente, calçados eram vendidos de porta em porta (e provavelmente junto com outras mercadorias têxteis e armarinhos) com a ajuda daqueles já instalados e conhecedores, ao menos um pouco, dos espaços geográficos a trilhar e com noções básicas de português necessárias à comercialização. Contudo, além da venda, a confecção de calçados passou a desempenhar papel primordial na vida dessa comunidade urbana enquanto ofício promissor. Ela empregava famílias inteiras após expedientes de trabalho ambulante, fábricas ou lojas de calçados e ofícios de alfaiataria dos patrícios, envolvendo famílias inteiras num segundo expediente doméstico para confecção de calçados. Moldes usados nas fabricações de modelos anteriores, em desuso na estação seguinte, eram a princípio jogados fora. Sua comercialização entre os patrícios estabelecidos e o recém-chegado empregado constituía negócio rentável para ambos, pois os moldes passavam a ser vendidos a preços muito acessíveis, restando ao adquirente o crédito liberado pela Casa da Bóia para ali comprar cola e outros aviamentos, além do aval de crédito para

¹⁰⁹ Emancipado em 1962, tendo como primeiro prefeito Hirant Sanazar, descendente de armênios.

compra de couro no comércio italiano situado no bairro do Brás. Enfim, aos indivíduos dessa nova leva tornou-se disponível uma estrutura através de uma rede de ajuda mútua que garantia os recursos necessários à confecção de novos pares, sem, contudo competir com o benemérito no mesmo ramo de atividade:

O patricio ‘contemplado’ com os moldes (de calçados) antigos e matéria prima refugada não será concorrente do fabricante “benemérito”, já que os produtos que ele oferecerá ao mercado serão de qualidade inferior ao original, tanto pela matéria-prima, quanto pelo modelo. (GRÜN, 1992, p.46).

Como atestam Grün e Semerdjian, a concentração maciça desse grupo no segmento dos calçados, um ‘ramo mole’ da economia, de baixa composição orgânica de capital, sem barreira para entrada, tinha sido pouco explorado em São Paulo até aquele período. A isso se aliaram as sociedades oriundas e continuadas por casamentos intracomunitários.

2.4.7 Inserção econômica em períodos distintos

Para melhor compreensão do sucesso da inserção econômica dos grupos de armênios que ingressaram no Brasil, mais especificamente em São Paulo, e seus descendentes, Grün (1992, p.67) apresenta esquema geracional sumarizado:

1ª geração: desconhecedores dos hábitos, língua e costumes brasileiros, inseridos na pequena indústria e/ou iniciando suas atividades através da confecção de chinelos de lã, circulando fundamentalmente na colônia, investimentos tímidos na direção do comércio; 2ª geração, formada em geral, pelos já nascidos no Brasil e que começam a se mover para o comércio, principalmente para a clientela de baixa renda (...); 3ª geração, formada por pessoas que já foram socializadas em ambientes próximos, ou mesmo formadores da moda (...) os empreendimentos Zoomp (Kherlakian) e Gureg (Gureguian).

De acordo com essa síntese, apresentamos breve linha temporal da expansão comercial do grupo entre a década de 1930 e a partir de 1990.

Em 1936, havia 57 estabelecimentos calçadistas de propriedade armênia na cidade de São Paulo e “grande quantidade deles situados na Rua Pagé – atual Rua Comendador Afonso Kherlakian – no centro de São Paulo” (KECHICHIAN, 1983, p.12 *Apud* LOUREIRO, 2011, p.13).

Entre a década de 1940 aos finais de 1960, registram-se algumas das fábricas próprias e rede de lojas para espelhar o crescimento no setor:

A Fábrica de Calçados Dadian, 1944, possuía 45 operários e uma produção anual que chegava a quase 65 mil pares de calçados (...). Em 1967, a

Companhia de Calçados Semerdjian, proprietária da marca “Calçados Merci” possuía fábrica própria, depósito de vendas a atacado e uma filial no Rio de Janeiro. E a “Creações Cry’s Calçados” que a empresa possuía três lojas na cidade de São Paulo. A “Casas Econômica” tinha 39 lojas (...) a “Calçados Moleza” quatro lojas bem localizadas no centro da cidade, mostrando assim a prosperidade dos negócios de calçados entre os armênios. (KECHICHIAN, 1983 *Apud* LOUREIRO, 2010, p.11)

A partir dos anos 1970, lojas como “Babuch”, “Jean Daniel” e “Besni” espelharam o resultado da evolução do ‘segmento chamado de combate’ responsável pela formação de grandes grupos comerciais (GRÜN, 1993, p.67), mesclando venda de calçados e roupas.

Em 1990, a aquisição da loja própria, especialmente em nome de filho adolescente, passa a ser prática corrente e os espaços mais disputados são os de shoppings. Nessa fase, a venda de produtos, diversificados a partir de então, não se relaciona mais com fabricação/produção própria (KECHICHIAN, 1983, p.65 *Apud* LOUREIRO, 2010). Kechichian (1983, p.12) destaca ainda as regiões de Santana e Imirim, na zona norte da capital paulista, como “regiões escolhidas por parcela desses indivíduos que procuravam imóveis de valor baixo para viver e manter seus negócios calçadistas” (KECHICHIAN, 1983, p.65 *Apud* LOUREIRO, 2010).

2.5 As comunidades armênias em números

2.5.1 Âmbito mundial e América do Sul

O mapa a seguir propicia dados genéricos acerca das comunidades armênias no mundo em números aproximados.

Mapa 12 – Diáspora armênia distribuída por países (2013)¹¹⁰

Fonte: ARTINIAN; PAPAZIAN (2013, p.19).

¹¹⁰ Extraído da Revista Genocídio Armenio. Educación en Derechos Humanos. Fundación Luiza Hairabedián, Buenos Aires, 2013, p.19.

Os indivíduos e respectivas comunidades formadas a partir do genocídio armênio e ora abordadas, até a atualidade, são grupos menores dessa diáspora em termos globais. O Quadro 7, a seguir, apresenta o número estimado da diáspora armênia no mundo em 2010, e o Quadro 8 os números por país na América do Sul.

Quadro 7 – Diáspora armênia em números estimados: 2010

País	População
Rússia e Geórgia (“diáspora interna”)	1.400.000
Estados Unidos e Canadá	1.150.000
Síria, Líbano, Irã, Egito, Grécia, Chipre, Jerusalém, Turquia (países do Oriente próximo)	650.000
França	350.000
Demais países da Europa	200.000
América do Sul	150.000
Austrália	30.000
Outros países	200.000
Total	4.130.000

Fonte: SAPSEZIAN (2010, p.270).

Quadro 8 – Diáspora armênia na América do Sul: 2003

Países	População
Argentina	130.000
Brasil	40.000
Chile	1.000
Colômbia	250
Venezuela	2.500

Fonte: ARAK-29 FOUNDATION (2003)

Trata-se de grupo minoritário e contemporâneo na América do Sul, que se instalou majoritariamente na Argentina onde até os dias atuais conta com maior número de descendentes em relação às comunidades formadas no Brasil, no Uruguai, em São Paulo, Montevideu e outras formadas nos países vizinhos¹¹¹.

2.5.2 As novas diásporas: Buenos Aires 1990-2003

De acordo com Varela (2009), uma das novas ondas da diáspora armênia foi desencadeada na década de 1990 a partir da desintegração da União Soviética e o conflito entre a recente e financeiramente instável república da Armênia e o Azerbaijão pela disputa de Nagorno-Karabakh, ocasionando entre os anos de 1994 e 2003 um número constante de

¹¹¹ Conforme dados do Ministério da Diáspora da República da Armênia.

entradas em Buenos Aires em relação às outras nacionalidades ingressantes no mesmo período.

Quadro 9 - Ingresso de Cidadãos do Leste Europeu em Buenos Aires (1994-2003)

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Total
Albânia			2							22	24
Armênia	25	20	26	26	11	8	14	21	16	67	234
Belarus	0				9	15	21	28	29		102
Bulgária	6	6	9	17	13	21	69	98	88	350	677
Estônia	2			1		2				110	115
Geórgia	8	17	9	9	2	12	14	11	12	9	103
Hungria		1	1	2						6	10
Letônia	1	1	0							124	126
Lituânia		1	0	2						75	78
Moldávia	1	1	1	11	5	7	24		20	6	76
Polônia		18	6	11						14	49
República de	11					2	2	1	2		18
Bósnia e Herzegovina	4									15	19
Croácia	1		2		1					1	5
República Eslovaca										6	6
Eslovênia	1	2	2					1	1	2	9
Romênia	14	9	10	42	16	53	88	42	50	173	497
Rússia	1	69	282	539	408	499	907	863	1026	1470	6064
Ucrânia	338	689	896	1677	1903	3410	5349	4775	5489	125	24651
URSS	175	289	48		33	27	28	28	12		640
Yugoslávia	3	3	1	5				1		6	19
Total	591	1126	1295	2342	2401	4056	6516	5869	6745	2581	33522

Fonte: VARELA (2009, p.303), tradução nossa.

A autora menciona a aplicação de políticas estatais sobre imigrantes indesejados ou não, através da lei promulgada à época da ditadura militar e em vigência no mencionado período das chegadas e também a partir de 2004:

(...) normativa regida a partir da ideologia e representação do aparato estatal- 3 etapas: penetração (1976-1983); transição (1984-1989) e consolidação (1989-1995) referentes às Ley General de Inmigraciones y fomento de la inmigración 22.439/81 formulada pela ditadura cívico-militar, substituída pela Ley de Migraciones n. 25.871/04 (VARELA, 2002. p.295).

2.6 Escolas e imprensa armênia em retrospectiva: São Paulo e Buenos Aires

Embora os dados sobre a criação de escolas em Buenos Aires já tenha composto seção desse capítulo, optamos por tabela comparativa a seguir onde é possível visualizar número de escolas criadas em São Paulo em relação às de Buenos Aires por igual período.

Quadro 10 – Número de escolas armênicas: Argentina e Brasil (1928-2015)

	Buenos Aires ^a	São Paulo ^b
1928	01	
1931	07	
1934	15	03
2015	03	01

^a Dados de Buenos Aires HEKIMIAN (1990)

^b Dados de São Paulo SAPSEZIAN (2010)

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda que se trate de dados pontuais e não exaustivos sobre a imprensa armênia no Brasil (LOUREIRO, 2012; 2014) e Buenos Aires entre os anos de 1923 e 1967, é possível a partir da próxima tabela também visualizar um número bem menor de publicações da imprensa do Brasil, sendo essas últimas publicadas apenas em português.

Quadro 11 – Imprensa Armênia na Argentina e Brasil (1923-1967)

Argentina (em armênio)		Brasil (em português) ¹¹²	
1923	Pequeno manual de frases armênio-espanhol Arjantinian Mamul (imprensa argentina)		
1925-31	Arjantinian Mamul (semanal, tabloide)		
1931	Armenia (edições semanais)		
1936	Armenia -2x semana	1940 ~1950	Ararat: a voz do povo armênio
1954	Armenia – diárias	~1955	Marachá
1967	Armenia – suplemento semanal em espanhol	1967	Armênia

Fonte: HEKIMIAN (1990); SAPSEZIAN (2010).

Contribuíram para os dados apresentados: o número menor de integrantes da comunidade brasileira e, decisivamente, a própria Constituição de 1937 que proibiu o ensino de língua estrangeira nas escolas e restringiu a produção e circulação de jornais apenas em português.

Nesses cenários distintos, a retenção de uma memória coletiva envolvendo a prática da língua armênia e contato regular com outras comunidades externas ao país de reassentamento esteve diretamente associado às situações peculiares de fixação e permanência em cada país,

¹¹² Dados coletados pela pesquisadora.

mesmo que Argentina e Brasil estejam em relativa proximidade geográfica e tenham recebido e trocado levas internas desses grupos.

Pelo exposto busca-se a seguir verificar nos relatos dos descendentes integrantes das comunidades atuais o sentimento de nacionalidade presente em cada um, considerando questões respondidas sobre identidade e pertencimento e, também, a partir dos relatos, a existência de elementos de manutenção de uma memória coletiva através da ativação das memórias individuais e indiretas.

CAPÍTULO 3 – MEMÓRIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

3.1 Procedimentos Metodológicos: a análise qualitativa

Esta pesquisa tem foco exclusivo nos membros que se declararam participantes ativos de uma ou mais organizações comunitárias armênicas sediadas na América do Sul.

Por utilizar a abordagem qualitativa como instrumento de análise, o trabalho foi direcionado ao longo de seu desenvolvimento e compreendeu basicamente as seguintes etapas: a) definição da problemática, cujo objeto é o estudo da memória da diáspora armênia nos relatos de seus descendentes e, a partir dela, como vêm construindo sua própria formação identitária; b) coleta de material bibliográfico seguida de revisão e triagem a partir da participação no programa *Genocide and Human Rights Program*¹¹³ e no grupo de estudos *Armênios: genocídio, imigração e memória*¹¹⁴, e também nas visitas a campo, em São Paulo e Buenos Aires, às associações comunitárias, escolha dos grupos e indivíduos participantes, preparação e aplicação das entrevistas ocorridas entre novembro de 2013 e agosto de 2015; c) inclusão de novas referências no ano de 2015, decorrentes da participação nos eventos acadêmicos de rememoração do centenário do genocídio armênio realizados na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo¹¹⁵ e Universidade de São Paulo¹¹⁶ e término da aplicação, transcrição, edição das entrevistas, com respectivo envio aos participantes.

De acordo com Godoy (1995):

A abordagem qualitativa enquanto exercício de pesquisa não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques (p.23).

Nesse sentido justificamos que tanto a etapa de coleta e revisão do material bibliográfico como as visitas a campo, seleção dos participantes e aplicação das entrevistas com opção pelas perguntas abertas, não seguiram uma ordem rígida, sendo retomadas, revistas e readequadas ao longo da pesquisa.

¹¹³ Programa do Zoryan Institute, Toronto, Canadá, em 06 a 18 de agosto de 2012.

¹¹⁴ Projeto integrante do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER), da Universidade de São Paulo.

¹¹⁵ Evento: “Genocídio: uma versão interdisciplinar”, promovido pela Faculdade de Direito da PUCSP em 28 de abril de 2015.

¹¹⁶ Seminário Internacional “100 anos do genocídio armênio: negacionismo, silêncio e direitos humanos (1915-2015)”, Universidade de São Paulo, 11 e 12 de junho de 2015.

Como exemplo desse processo, o recorte relacionado à idade dos entrevistados, inicialmente compreendida entre 20 e 30 anos, abarcou também as gerações anteriores, com idades superiores a 50 e 60 anos.

Outro critério inicial que também foi alterado diz respeito a indivíduos nascidos e residentes nas cidades objeto da pesquisa. No decorrer da investigação, surgiu a oportunidade de se agregar indivíduos nascidos em outras regiões geográficas que obtiveram nacionalidade brasileira e argentina. Tais elementos, não percebidos ao se conceber o projeto de pesquisa, se tornaram de extrema relevância para comprovação da predisposição intergeracional para migrar presente no seio do grupo estudado, bem como a teia de relações extraterritoriais estabelecida com indivíduos e grupos residentes nos países do Oriente Médio, principalmente Síria e Líbano, nos Estados Unidos e no Canadá, na França e no Reino Unido. Essas relações se afirmam pela existência de laços de parentesco que foram mantidos no decorrer das gerações ou resgatados através de buscas individuais e contato entre comunidades para identificação de sobrenomes comuns¹¹⁷, ou ainda, mais recentemente, pelos programas internacionais que visam integração comunitária no âmbito global entre indivíduos descendentes das distintas comunidades, oferecidos pelas associações de cunho recreativo e partidário, focados principalmente nas competições esportivas, como também em outras formas de intercâmbio promovidas pelas associações religiosas da diáspora e outras que atuam na promoção dos direitos humanos.

3.1.1 Estudo de caso, pesquisa documental e etnografia

Dentre as possibilidades oferecidas à pesquisa qualitativa, Godoy (1995, p.21) destaca o estudo de caso, a pesquisa documental e a etnografia. A presente pesquisa as utilizou da seguinte forma: com o estudo de caso se buscou uma análise dos grupos de descendentes tendo em vista onde vivem seus integrantes, partir da delimitação estabelecida para os indivíduos residentes nas cidades de Buenos Aires e de São Paulo. Com a pesquisa documental, referindo-se a “materiais que já receberam um tratamento analítico, mas que ainda assim permitem um reexame com vistas a uma interpretação nova e/ou complementar” (GODOY, 1995, p.21), se procurou analisar, além das fontes bibliográficas e disponíveis sobre os armênios compreendendo a antiguidade, Império Otomano, genocídio, diáspora e migrações, contexto sócio-político recente da América do Sul, também entrevistas com

¹¹⁷ Geralmente o sufixo “ian” designa sobrenomes armênios.

descendentes de armênios em São Paulo que foram aplicadas no ano de 2012 por integrantes de grupo de pesquisa do curso de graduação em Letras/Armênio da USP, cujo acesso à leitura norteou a escolha dos entrevistados (dois deles participaram daquela e, posteriormente, desta pesquisa¹¹⁸) e o livro ‘Imigração árabe no Brasil’, de Samira Adel Osman, que lida com depoimentos orais, foi particular referência para a construção do roteiro de perguntas das entrevistas.

Do exposto prevaleceu o método etnográfico como percurso natural do trabalho, dado que sua ênfase recaiu sobre a pesquisa de campo e seu intuito de buscar estabelecer de laços de confiança com integrantes das associações comunitárias, principalmente com os indivíduos que aceitaram participar das entrevistas, sem as quais a pesquisa não se tornaria viável.

Oriundo da antropologia o método etnográfico é “a arte e a ciência de descrever uma cultura ou um grupo” (FETTERMAN, 1989, p.11 *Apud* GODOY, 1995, p.28). E acerca do trabalho de campo Godoy (1995, p.28) complementa:

O trabalho de campo é o coração da pesquisa etnográfica, pois sem um contato intenso e prolongado com a cultura ou grupo em estudo será impossível ao pesquisador descobrir como seu sistema de significados culturais está organizado, como se desenvolveu e influencia o comportamento grupal.

O uso dessas três diferentes técnicas interpretativas previstas pela pesquisa qualitativa teve o “intuito de decodificar componentes de um sistema complexo de significados” (NEVES, 1996, p.1), envolvendo o universo armênio em sua vertente sul americana atual, derivado da diáspora pós-genocídio, e sua teia de relações intra e extra comunidades da diáspora.

Trata-se de uma análise restrita ao diagnóstico, devido à reduzida possibilidade de controle dessa vasta atmosfera que envolve a coletividade armênia no mundo, através das associações, várias de caráter multinacional, das quais os entrevistados fazem parte. Se pôde perceber que, de forma peculiar, todas têm o intuito abrangente de manter a integração dessas comunidades através da disseminação da cultura e língua armênia no ambiente da diáspora. Em algumas dessas organizações, destaca-se explicitamente o comprometimento com a chamada “causa armênia” para reconhecimento do genocídio, ainda que entre elas existam divergências de atuação em relação às políticas de reparação.

E reforçando a tônica estabelecida para a vereda etnográfica, por estar marcada pela visão de um todo, se buscou estabelecer um caráter holístico a esse dito universo armênio de

¹¹⁸ As respostas das primeiras entrevistas, realizadas pelos pesquisadores Fernando Januário Pimenta e Beatriz Rodrigues Lima, não foram utilizadas neste trabalho, entretanto serviram como fonte de inspiração e importante diretriz para organização das perguntas.

alta complexidade, desde as dimensões religiosas às ativistas, passando por questões que envolvem cultura e etnia. A pergunta norteadora “quem são” persistiu, implícita ou explicitamente, no decorrer de toda a pesquisa na busca de respostas a partir de uma mítica civilizacional e seus elementos culturais, referências históricas, geográficas, seus flagelos genocidas, deslocamentos forçados e continuação geracional fora de uma região ancestral, denominada mãe pátria original pela diáspora pós-genocídio, que integra atualmente o território do “outro” – apresentadas nos capítulos iniciais - para, finalmente, perguntar-lhes diretamente “quem são agora”.

A descrição se concentra no processo social, através do significado que os entrevistados dão aos fatos marcantes vivenciados pelo grupo, também os anteriores por relatos de memória indireta, e à sua própria vida nesse contexto. Contudo esse trabalho de forma alguma tem o intuito de contrastar os elementos teóricos às falas como meio de buscar sua veracidade.

Especialmente em relação aos relatos de memória indireta dos ancestrais sobre o genocídio armênio, pretendemos em total concordância com Márcio Selligman¹¹⁹, “ouvir o que resta do testemunho e salvá-lo da servidão das provas”. Ao citar Jean François Lyotard e Jacques Derridá, Selligman identifica o século XX como a era do genocídio¹²⁰ e do arquivo, resultando na compreensão baseada no “então prove” como discurso e prática autorizados “enquanto se apaga as provas, ao se cometer o ato genocida”.

Como se ancora no estudo diagnóstico e não exatamente numa explicação dos fenômenos estudados, busca um sentido para os fatos, interpretações possíveis acerca da memória indireta das gerações de descendentes de armênios sobreviventes do genocídio de 1915. A formação em secretariado executivo da pesquisadora quiçá pôde contribuir à coleta e organização das informações dos arquivos vivos.

Memória e identidade foram categorias de análise aplicadas aos relatos dos descendentes, mais de 80% deles nascidos na América do Sul e dois naturalizados, justamente os mais idosos, sendo um nascido na cidade de Tessalônica, Grécia, e outra em Alepo, Síria.

Dos resultados esperados, “os quais devem conter significado independente da preferência ou a admiração do pesquisador ou dos leitores do estudo, a objetividade requerida à pesquisa acadêmica” (NEVES, 1996, p.4), a despeito de já conhecer alguns dos

¹¹⁹ Palestra: “Marc Nishanian e sua reflexão sobre o testemunho a partir do Genocídio Armênio” – Prof. Dr. Márcio Selligman-Silva, no Seminário Internacional Genocídio Armênio - 100 anos, realizado na Universidade de São Paulo, em 11 e 12 de junho de 2015.

¹²⁰ Também o faz o historiador Eric Hobsbawm (1996).

entrevistados, constituiu desafio maior à imparcialidade ao ouvir os relatos, permeados de choros em determinadas passagens, mesmo daqueles cujo primeiro contato foi o da entrevista.

3.2 Buscando a essência da memória

Uma das definições de memória enquanto fenômeno físico se relaciona diretamente ao corpo, mais precisamente ao cérebro. Outras, complementares e não excludentes, se referem às categorias psíquica e cultural.

Na memória estão as lembranças que, a partir de um ponto de vista individual, trazem imagens parciais de um grupo.

A lembrança para Halbwachs (2008, p.91) é:

Uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados para outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada.

Dessa intrínseca relação com a lembrança, memória é o que se apropria do que se extraviou na vertigem, e tanto a lembrança como o esquecimento se operam nas suas armadilhas (FERREIRA, 2004). E também é “parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais” (BOSI, 2013, p.20).

Para Ferreira (2004), a vida individual, assim como a própria história intelectual da humanidade, é “uma luta pela memória” (p.78), contando sempre “com vários tipos de esquecimento, o restaurador, o devastador, ou simplesmente o olvido e o silêncio que antecipam a morte” (BOSI, 2013, p.2).

Ferreira (2004) estabelece ainda relação direta proposta por Iuri Lotman entre memória e cultura ao atribuir que a última, em sua essência, se dirige contra o esquecimento. Nesse sentido, cultura, entendida como sinônimo de memória é um:

Teatro de uma batalha ininterrupta de tênues desencontros e conflitos de toda a ordem, lutando-se pelo monopólio da informação, que tem no esquecimento um mecanismo explorado por uma instituição hegemônica, para excluir da tradição, elementos indesejáveis da memória coletiva. (FERREIRA, 2004, p.76-77)

Nesse contexto são oportunas as abordagens das três tipologias de memória: individual, coletiva e histórica (HALBWACHS, 2008), bem como seu enlaçamento que remete à psicologia, sociologia e história, para o entendimento da formação de uma cultura que é memória longa de uma comunidade, e seu par esquecimento “enquanto seleção e fixação de determinados aspectos a serem mantidos” (HALBWACHS, 2008, p.80). Uma terceira via,

externa, é “a tentativa de um ‘esquecimento obrigatório’ imposto por um sistema político ou pela comunicação de massas” (HALBWACHS, 2008, p.80) e dela também nos apropriamos para a busca do entendimento que permeia o trauma intergeracional causado pelas perdas do genocídio armênio e sua negação.

3.2.1 Memórias: individual, coletiva, histórica

Halbwachs (2008) afirma que a memória individual se apoia na história vivida e não na história aprendida, tendo nas lembranças os reflexos de vivências, de forma que para todo ato de memória pressupõe a existência de uma consciência individual como elemento específico capaz de se bastar (p.75).

A memória individual alimenta a memória coletiva e cumpre papel fundamental na manutenção dos grupos, evitando que o esquecimento os faça desaparecer (HALBWACHS, 2008, p.105). E aqui exemplificamos a célebre frase do escritor da diáspora Willian Saroyan¹²¹ ao mencionar: “onde tiver dois ou mais armênios a Armênia se recria”, que permeou as falas dos entrevistados denotando uma “Armênia” extra e supra territorial que povoa e revive na memória coletiva dessa diáspora.

Outra distinção importante em Halbwachs se refere à memória social definida como “reconstrução de dados do presente da vida social e projetada no passado reinventado” em relação à memória coletiva que é “recomposição mágica do passado”; essas duas direções “desenvolvem diversas formas de memória que mudam de acordo com os objetivos em questão” (HALBWACHS, 2008, p.73).

A memória coletiva é fenômeno múltiplo, formado entre os trânsitos da memória pessoal e social, não havendo nela “linhas de separação claramente traçadas, como na história, mas apenas limites irregulares e incertos” (HALBWACHS, 2008, p.104), de maneira que o indivíduo participa simultaneamente da memória individual e coletiva, com interpenetração de lembranças, adoção de atitudes diferentes e até opostas entre a vida pessoal e como membro de um grupo quando evoca lembranças impessoais.

A memória individual se apoia na coletiva para confirmar lembranças, preencher lacunas, tornar a última mais exata, de maneira que ambas se confundem porque estão estreitamente interligadas. (HALBWACHS, 2008, p.70)

¹²¹ Escritor e dramaturgo norte americano (1908-1981), da região de Fresno (Califórnia), descendente de armênios.

Importa-nos especialmente, em relação aos relatos coletados, que tudo de fora pode ser incorporado à substância da memória individual uma vez que ela não é inteiramente isolada, porque, de acordo com Halbwachs, as palavras e ideias podem ser emprestadas do meio ambiente ao indivíduo, ele não as inventou.

A memória tomada de empréstimo (não a minha) delimita a passagem entre a individual e a coletiva. Os relatos indiretos do genocídio, o qual os entrevistados não presenciaram, se recriou no imaginário através de conversas entre familiares e dentro das associações, além da conexão que pôde se estabelecer com a memória histórica através de leituras.

Os acontecimentos na vida de um grupo são sinais exteriores ao indivíduo, sendo possível que ele constitua uma memória histórica a partir das contribuições do que lhe foi contado ou do que leu, e que foram incorporadas à sua memória individual (HALBWACHS, 2008, p.72).

Algumas características atribuídas à memória coletiva por Halbwachs são importantes para o estabelecimento da relação de diferença com a memória histórica. A memória coletiva opera no grupo visto “de dentro”, prevalece o período da vida humana no qual o passado recomeça em imagens sucessivas e contínuas, consciência do grupo e isolamento dos outros, buscando mais semelhanças que diferenças. Já a memória histórica examina “grupos de fora” e sua temporalidade é estabelecida através dos séculos.

Assim Halbwachs (2008, p.102) distingue a memória coletiva:

Contínua e não artificial. Retém o que está vivo do passado ou o que é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém, não ultrapassa os limites do grupo e há sucessão de grupos quando um grupo (prévio) deixa de interessar.

Em oposição, a memória histórica:

Opera na divisão dos séculos em períodos, trazendo a impressão de renovação de um período para outro, opera divisões simples na corrente dos fatos em obediência a uma necessidade didática de sistematização, onde cada período é como um todo, em boa parte independente do período que o sucede, não levando em conta jovens e velhos encerrados num mesmo horizonte, busca imparcialidade e objetividade.

Embora este trabalho tenha se apoiado na objetividade requerida à memória histórica, é a memória coletiva que mais nos interessa porque, além de englobar fragmentos da anterior, vem ao encontro da “necessidade de reconstrução social após o caos das guerras, não tem interrupção e se recria, incluindo jovens e velhos que juntos aproveitam a tradição” (HALBWACHS, 2008, p.104), justificando inclusive a faixa etária heterogênea do grupo de entrevistados.

Contudo convém recuperar Bosi ao reconhecer a tensão existente entre história oficial e memória institucional, ou memória coletiva, em relação à autenticidade:

Não vá alguém pensar que as testemunhas orais sejam sempre mais “autênticas” que a versão oficial. Muitas vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se dobram à memória institucional. (BOSI, 2013, p.17)

E, nesse sentido, é desafiador lidar com a fonte oral, dado que ela “sugere mais do que afirma, caminha em curvas e desvios, obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” (BOSI, 2013, p.20).

É também desafiador para o entrevistado, dado que a memória individual na época líquido-moderna “é um mundo repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p.18-19). Tem como agravante os deslocamentos forçados de seus antepassados, provocando o “desenraizamento, condição desagregadora da memória” (BOSI, 2013, p.29), “a mais perigosa doença que atinge a cultura”. (BOSI, 2013, p.178). Por fim, o grau de complexidade aumenta ao se considerar a influência dos ambientes geográficos onde fixaram residência, ambos fruto de vários fluxos migratórios massivos que as influenciam e transformam num processo de hibridização cultural. Por mais isoladas que as comunidades diaspóricas possam estar, as culturas não estão separadas por cordões sanitários (GARCIA CANCLINI, 2011).

3.2.2 Memória e con-formação identitária

No decorrer da pesquisa o nexos causal entre identidade e genocídio ganhou destaque, tendo a religião cristã e a história antiga outros importantes referenciais, conforme uma das falas dos entrevistados e confirmando que é “do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade” (BOSI, 2013, p.16):

La identidad indefectiblemente pasa mucho por el genocidio, mucho. Me parece, es mi opinión. Pasa mucho por el genocidio y después es una confusión de lo que fue la religión y la importancia de la religión en la historia armenia. O sea, eso van en conjunto, me parece, la vez lo que fue la religión y la historia armenia tienen muchos años de historia de cristianismo. No sé si saben pero la iglesia armenia fue la representación de la ciudadanía armenia en el Imperio Otomano. Entonces, van como de la mano la historia y la religión. (SAMANDJAN, 2013).

Para os grupos estudados, o vínculo identitário dos descendentes da diáspora pós-genocídio está remetido à “questão armênia” do Império Otomano, enquanto processo de discriminação, depreciação e eliminação de minorias religiosas, e à “causa armênia”, luta pelo

reconhecimento do genocídio perpetrado por aquele império. A ele se agregou o estigma das pessoas rejeitadas na condição refugiada de seus ancestrais, reforçando o *status* de subclasse social às vítimas do genocídio e sua aceitação restrita nos países receptores ao atribuir-lhes a pecha de indesejados e inassimiláveis. Por fim, se considera o hibridismo enquanto estratégia de sobrevivência (BAHBA, 1998, p.311) à construção cultural comunitária das gerações que nasceram ou migraram para as cidades da América do Sul objeto da pesquisa.

Do exposto, a problemática da identidade é fator crucial para compreensão do universo armênio da diáspora ora tratado, bem como para qualquer outro grupo de diáspora, pois “para quem sempre viveu num mesmo lugar, a questão da identidade não faz sentido” (BAUMAN, 2005, p.25).

A ruptura e a negação da identidade nacional otomana provocada pelo genocídio confirmam em que medida identidade nacional é “uma noção agonística e um grito de guerra” (BAUMAN, 2005, p.27), delimitando as fronteiras de pertencimento e exclusão à nação.

A expressão “somos desse lugar”, que em sua gênese remeteria a um espaço ancestral, foi substituída pela experiência não natural denominada Estado Moderno e suas definições de nação e nacionalidade, cujo binômio pode ser definido como um “plebiscito diário” (BAUMAN, 2005).

3.3 Identidade e Identidades

Ao tratar da problemática Bauman (2005) afirma que identidade é um assunto novo para as Ciências Sociais e, em concordância, Hall (2011) complementa que seu próprio conceito “é demasiado complexo, pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser posto à prova” (p.8).

A arena de embate é o lugar natural da identidade assim como também o é da cultura e da memória e sua estreita relação de sinonímia, de maneira que “identidade é um conceito altamente contestado. Sempre que se ouvir esta palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha” (BAUMAN, 2005, p.83), e “somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2011, p.8).

Para Hall identidade é interação entre o indivíduo e a sociedade, onde “o ‘eu’ real é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2011, p.11-12)

Bauman (2005) a define como “um ‘eu’ postulado”, num “jogo constante de ajustamento” (p.60), “uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado” (p.83).

A questão das identidades envolve intenções de inclusão complementadas pelas de segregar, isentar e excluir. Ela une e divide, delimitando as fronteiras entre o “eu” e o “outro”. (BAUMAN, 2005, p.84).

E essa delimitação é fundamental para entendimento da formação da identidade contemporânea da diáspora armênia pós-genocídio enquanto discurso comunitário ao aludir e evocar uma “armenidade”, que teve sua gênese na formação dos *millets* do Império Otomano, como sistema que segregou minorias, confirmando o exposto por Bauman (2005) que “a questão da identidade só surgiu com a exposição a ‘comunidades’ consideradas de segunda categoria” (p.17).

A fronteira entre o “eu” e o “outro” é base da explicação para a forja de uma identidade nacional exclusivamente turca e outra, da diáspora, exclusivamente armênia. E a identidade nacional, cita Bauman (2005) ao aludir a Agamben e Carl Schmitt, tem origem do estado moderno e sua razão de ser, que consiste no “direito monopolista de traçar, impor e policiar a fronteira entre o ‘nós’ e o ‘eles’” para justificar a superposição do território domiciliar em nome da sua soberania indivisível (p. 27-28).

A fronteira entre o “nós” e o “eles” põe também em evidência o subjacente conceito de inimigo, que escondeu e ainda esconde questões econômicas e sociais. O genocídio armênio em relação a outros genocídios recentes atualiza antigos conflitos cujo pretexto aparente é a diferença religiosa e étnica. A luta pela soberania dos Balcãs no final do século XIX e início do século XX não foi menos sangrenta que a Guerra dos Balcãs ocorrida nos anos 1990 na mesma região ¹²². Assim se verifica o caráter “didático” do genocídio armênio para compreender porque uma vez mais os vizinhos se voltaram uns contra os outros, culminando em massivos assassinatos e estupros, confirmando ainda que “as vítimas em potencial não são temidas e odiadas por serem diferentes, mas porque não são suficientemente diferentes, misturando-se facilmente à multidão” (BAUMAN, 2005, p.64).

¹²² Guerra dos Balcãs 1990 entre sérvios e croatas.

3.3.1 Identidade e Nacionalidade

A busca da identidade pode ser explicada pelo “desejo de segurança, sentimento ambíguo, enervante e produtor de ansiedade”. (BAUMAN, 2005, p.35). Na época globalizada “identidade se apresenta como lugar inseguro e desconfortável frente a tantas opções do mundo moderno”. (BAUMAN, 2005, p.36)

Esse desejo frustrado pela incompletude do que promete, se relaciona ao pertencimento à nação com uma “entidade imaginada” e não natural, em especial para os grupos de refúgio e diáspora:

A aparência de naturalidade, e assim também a credibilidade do pertencimento declarado, só podia ser produto final de antigas batalhas postergadas. E sua perpetuação não podia ser garantida a não ser por meio de batalhas ainda por vir. (BAUMAN, 2005, p.29)

Para os grupos de descendentes da diáspora estudada a já declarada guerra do pertencimento se encontra uma vez mais deflagrada, aumentando a multiplicidade e o conflito entre as identidades de diásporas várias, posteriores ao grupo estudado: do país Armênia, a partir de 1990, devido à dissolução da União Soviética; e a partir de 2011, dos armênios que nasceram e viviam na Síria, agora integrantes do grande contingente de refugiados da Guerra civil, ou novamente de um genocídio em curso.

3.3.2 Identidade e pertencimento

Identidade e pertencimento são intrínsecos à arena de embate que é a cultura em sua relação direta com a formação da nação e da nacionalidade, de maneira que a atribuição de “identidade é dada ao nascer, ela se impõe sobre o indivíduo”. (BAUMAN, 2005, p.66)

No ambiente da diáspora o pertencimento adquire formas frágeis, como considera Bauman e Hall¹²³, eles mesmos indivíduos de diásporas¹²⁴. Bauman (2005) estabelece a relação entre pertencimento e identidade nesse contexto:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. As decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. A ideia de “ter

¹²³ Além de Edward Said, de origem palestina, cujos estudos focam o Oriente como invenção do Ocidente para garantir estratégias de dominação sobre o primeiro.

¹²⁴ Também por esse motivo, a partir de suas próprias experiências desterritorializadas, integraram as referências teóricas escolhidas.

uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (p.17-18)

No contexto pós-moderno, como situa Hall (2011, 2013), ou líquido moderno a que se refere Bauman (1998, 2003, 2005, 2013), “pertencer”, “não pertencer”, são o cerne da questão identitária. E buscamos o termo “multipertencer” (grifo nosso) para designar a eleição de uma identidade, que não envolve necessariamente uma escolha de nacionalidade dentre as opções ou falta de opção existente, caso dos descendentes estudados, surgindo explicitamente nas falas de alguns entrevistados, justamente os que também se declararam descendentes de outras etnias, “eu elegi minha identidade armênia” e a busca das associações comunitárias já na vida adulta, construindo, por assim dizer, “um retorno à armenidade”, que se traduz em participação na comunidade através dessas associações.

3.3.3 Viver na comunidade

Há dois tipos distintos de comunidade (BAUMAN, 2005): uma de vida e de destino, cujo pertencimento é garantido, e outra, que justamente reflete o ambiente comunitário dos integrantes dessa pesquisa. Trata-se de:

Comunidade fundida unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios – aqui é que a questão da identidade aparece porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida tal tipo de comunidade frente à exposição constante ao nosso mundo de diversidades e policultural. (p.17)

Nesse sentido, ser integrante de uma comunidade armênia fora da Armênia, cujos ancestrais são oriundos de outra região que não aquele país, engloba o exercício de um tipo de “armenidade”, que pode ser traduzida como con-formação de ideias e princípios peculiares acerca do que é “continuar sendo armênio”, e envolve negociações identitárias relacionadas aos contextos locais onde nasceram considerando seus amálgamas e hibridizações culturais nesses espaços que são simultaneamente solo natal e diaspórico.

Essas ideias e princípios comunitários estão relacionados à língua armênia, à religião cristã e ao genocídio armênio, cuja difusão se dá através de instituições transnacionais dessa diáspora representadas por igrejas, partidos políticos e associações de benemerência e recreativas. São comunidades armênicas que integram a grande coletividade da diáspora e Porto (2011, p.7) destaca o papel exercido pela Igreja Apostólica Armênia na reprodução e manutenção das comunidades no mundo, a que se pode chamar de coletividade.

(...) grande parte da relevância que a Igreja Apostólica Armênia assume perante a comunidade, por exemplo, está ancorada na função milenarmente exercida pela

instituição na manutenção da coesão da coletividade, pois mesmo a ideia de “nação armênia” não se justifica sem que se refira às suas origens e aos seus símbolos históricos, dentre os quais a Igreja é peça central. Nesse sentido, a população armênia deve ser entendida como uma comunidade imaginada, resultado de uma abstração que, baseada em elementos concretos, produz uma identificação entre indivíduos que, de outro modo, jamais se perceberiam como parte de uma mesma coletividade.

A partir do referencial teórico exposto, são apresentados no próximo capítulo os relatos dos descendentes de armênios desta pesquisa.

CAPÍTULO 4 – MEMÓRIA DOS ANCESTRAIS E CONSTRUÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES, NOVAS “ARMENIDADES”

4.1 Relatos e notas prévias

Os relatos dos descendentes de armênios residentes em Buenos Aires e São Paulo são apresentados neste capítulo. Inicialmente, referindo-nos às notas prévias, apresenta-se o grupo com dados compilados das entrevistas a partir de quadros que sumarizam informações indicadas pelas falas, sobre a origem dos ancestrais e formação de famílias na diáspora, existência e contato com parentes que residem em outros países, as línguas faladas no ambiente familiar e participação de cada um nas associações comunitárias. A partir das memórias indiretas sobre o genocídio armênio, procurou-se manter trechos selecionados da transcrição de falas permeados, quando oportuno, de respectivas intervenções com vistas a completar o quadro diagnóstico pretendido. Os relatos aqui apresentados estabelecem relação direta entre identidade armênia e genocídio e se fazem presentes no sentimento de reparação, impressões sobre governos turco e armênio, turcos e armênios. Também trazem as impressões sobre a Turquia e os turcos, a Armênia atual e sua população, as comunidades armênias de São Paulo e de Buenos Aires. Ainda, se “turco ofende”, no sentido de ser chamado ou confundido como tal. Ao final desses blocos, respostas às perguntas sobre “armenidade”, envolvendo perguntas diretas sobre identidade e pertencimento: o que é ser armênio, como é ser armênio, você se sente armênio, bem como as evocações possíveis a uma Armênia geográfica, projetada ou onírica, são apresentadas. Os trechos das falas selecionadas do grupo de Buenos Aires foram mantidos em espanhol.

4.1.1 Quem são os entrevistados

Os indivíduos são integrantes: da União Armênia de Benevolência (UGAB), Clube armênio/ Sociedade Artística Melodias Armênias (SAMA) em São Paulo e *Asociación Cultural Armenia* em Buenos Aires, participantes das ramificações político-partidárias; também, acadêmicos ligados às áreas da História e do Direito (Buenos Aires), língua e cultura armênia e geopolítica (São Paulo), do Conselho Nacional Armênio (CNA) nos dois países, *Fundación de Derechos Humanos Luíza Hairabedián* (Buenos Aires), participantes da

comunidade religiosa da Igreja Apostólica Armênia. Expressiva parte dos entrevistados participa ao mesmo tempo de mais de uma das organizações citadas.

O quadro a seguir relaciona os integrantes por nome, data da entrevista, local de nascimento, instrução formal, em atendimento à proposta inicial “quem são”:

Quadro 12 – Apresentação do Grupo

Participante	Data da Entrevista	Local de nascimento (cidade, estado, país)	Formação
Aris Diego Samandjan	Novembro/2013	Buenos Aires, Capital Federal da Argentina	Administração de empresas
Francisco José Balassanian	Agosto/2015	Buenos Aires, Capital Federal da Argentina	Economia
Juan Pablo Artinian	Novembro/2013	Buenos Aires, Capital Federal da Argentina	História
Manuela María Diaz Arslanian	Novembro/2013	Buenos Aires, Capital Federal da Argentina	Estudante de Comunicação Social
Marina Lusinê Sarafian	Agosto/2015	Buenos Aires, Capital Federal da Argentina	Economia
Roberto Mesrob Malkassian	Junho/2015	Tessalônica/ Grécia	Direito
Beatriz Vahan Kilikian	Junho/2015	São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil	Engenharia
Denis Tchobnian Cardoso*	Novembro/2014	Osasco, Estado de São Paulo, Brasil	Economia
James Onnig Tamdjian	Outubro/2014	São Paulo Estado de São Paulo	Geografia
Lucia Helena Barsumian	Abril/2015	São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil	Ensino Médio
Nairi Chahinian Apovian	Novembro/2014	Alepo, Síria	Administração de Empresas
Sarkis Ampar Sarkissian**	Novembro/2014	São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil	Relações Internacionais/ Letras

Fonte: Elaborado pela autora

Nos quadros e trechos de entrevistas apresentados a seguir os entrevistados passam a ser mencionados pelos seus sobrenomes e destacados entre parênteses ao final de cada trecho de suas falas editadas.

4.1.2 Origem dos ancestrais

Sobre a região geográfica dos ancestrais, os entrevistados de Buenos Aires mencionaram as cidades de Hadjin e Aintab, ambas na província de Marash, Esmirna,

Rodosto, Zeitun e os de São Paulo: Hadjin e Marash, (também na província de Marash)¹²⁵, Urfá, todas à época do genocídio integradas ao Império Otomano. Os próximos quadros, por grupos, proporcionam visualização sumarizada dos depoimentos em relação às regiões de origem, países onde ocorreram os primeiros refúgios com registros de nascimentos e outros locais intermediários de passagem até a vinda para os países da América do Sul ora tratados.

Quadro 13 – Grupo de Buenos Aires: Regiões de origem e países de passagem

Buenos Aires	Origem dos ancestrais: Império Otomano	Gerações em fuga: nascimentos	Mais passagens intermediárias
Samandjan		Romênia, Grécia e Síria	França e Brasil
Balassanian	Hadjin e Urfá		
Artinian	Van, Esmirna e Rodosto		Romênia, Ucrânia, França
Diaz Arslanian	Aintab		Brasil (São Paulo)
Sarafian	Urfá, Sis, Zeitun e Abadazar	Grécia	
Malkassian	Cesaréia, Konia, Yosgat e Esmirna	Grécia	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 14 – Grupo de São Paulo: Regiões de origem e países de passagem

São Paulo	Origem dos ancestrais: Império Otomano	Gerações em fuga: nascimentos	Mais passagens intermediárias
Kilikian	Urfá, Adaná, Marach	Síria (Alepo)	
Tchobnian	Hadjin e Sis	Líbano	
Tamdjian		Egito	
Barsumian	Marash		
Apovian	Marash	Síria (Alepo)	
Sarkissian	Marash	Palestina	Israel

Fonte: Elaborado pela autora.

Por oportuno, as regiões de origem seguem relacionadas em blocos com respectivas nomenclaturas empregadas à época do Império Otomano e as que sofreram alteração quando da constituição do país Turquia ou, ainda, no decorrer do século XX.

¹²⁵ Informação imprecisa em algumas falas: se a própria cidade ou alguma outra cidade dentro da província homônima.

Quadro 15 – Regiões de origem dos ancestrais:

Império Otomano	Turquia
Marach	Kahramanmaraş
Aintab	Gaziantep
Cesaréia	Kayseri
Zeitun	Süleymanli
Urfá	Sanliurfa
Hadjin	Saimbeyli
Rodosto	Tekirdağ

Fonte: Elaborado pela autora

Os relatos a seguir mencionam as cidades onde viviam seus ancestrais. O primeiro acerca da chegada do avô ao Brasil:

Meu avô chegou ao Brasil em 1932. Muitos anos se passaram do genocídio, eles já viviam no Líbano. Primeiro veio o meu avô, e trabalhou como pedreiro na construção do Edifício Martinelli e depois no Mercado Central, já se inserindo na história de São Paulo. É possível que ele tenha feito a viagem com a intenção de ir para a Argentina. Isso aconteceu com muitos armênios que desembarcavam em Santos, gostavam e ficavam. Todos os navios aportavam em Santos e uma parte dos armênios, ocasionalmente, ficava. (KILIKIAN, 2015).

E os dois próximos, em que há menção às cidades de origem, no Império Otomano. O último cita os topônimos que foram alterados posteriormente:

Por parte de papa, eran de la ciudad de Urfa, Hetesia , actual Turquía. Por parte de mama: Sis, Zeitun y Adabazar, actual Turquía. (SARAFIAN, 2015).

De los dos lugares, de ambas partes. Padre y madre. Mi abuelo paterno era de Cesaréa. Guesaréa, se dice, Kayseri, en turco. Y mi abuela de Konya. En cambio... Eso del lado de mi padre. Por el lado de mi madre, mi abuelo materno era de Yozgat, y mi abuela materna de Smyrna. Nombres que fueron cambiados: Kayseri o Kayseli. Smyrna sigue siendo Smyrna. Ahora no sé, no sé si Yozgat cambió de nombre. Konya sigue existiendo. (MALKASSIAN, 2015).

Em outro relato o entrevistado fez menção aos países cuja permanência se estendeu até o término da Segunda Guerra Mundial, com nascimentos e rumo posterior à Argentina, onde já havia parentes. Na fala “meu pai tinha medo que houvesse uma Terceira Guerra Mundial”, a Grécia, e mesmo a própria Europa, configuravam-se como região instável em 1950 e a Argentina acenava para um futuro melhor:

Mis abuelos maternos vivieron y murieron en Grecia. Los paternos, después de la Segunda Guerra se quedaron un par de años y les pareció que era mejor, que había más futuro, más desarrollo en Argentina, para ser breve, pero no fueron a otro lugar. Vinieron directamente a Argentina. Antes había venido un hijo de ellos, un tío mío, que vio y, bueno, dijo "está bien, hay una buena comunidad armenia, además en Argentina. Bueno, vayamos para allá". Pero, mira, digamos que no vinieron por problemas económicos, ese es una... Ni, entonces estamos

en 1950, 51, tampoco había problemas de genocidio, la guerra había terminado, y ellos vinieron por esa razón. Después, nosotros, mi padre, mi madre y yo, venimos en 57 a residir. Y porque mi padre tenía miedo que hubiese una Tercera Guerra Mundial. Bueno, yo me imagino pobre, la memoria de bebe, chiquito, todos sufriendos... Y pensó en que a mí, que yo no pasara por situaciones tan traumáticas como las que él pasó. (MALKASSIAN, 2015).

Nas passagens intermediárias a fala contundente acerca da troca de sobrenomes forjando “novas famílias” como meio de viabilizar deslocamentos dos refugiados operacionalizados pela Certidão Nansen revela ainda a existência de crianças adolescentes sozinhas e órfãs. Esse entrevistado também enviou imagem do próprio documento, ao qual aludiu enfaticamente na entrevista e nos autorizou reproduzir a imagem.

Os meus bisavós... são nascidos também... não na Armênia... no registro deles, nos papéis ... (...)Um acho que está escrito Síria.. não, para os dois (...)Líbano. Não tem indicação de Armênia Apesar de ser um documento... aquele... certidão Nansen,(...) Acho que tem alguma referência, mas não está bem conservado que eu não consigo pegar muita informação ali. Então, não está legível, é esse que é o problema. Imagina que você dobra um papel em oito ou mais vezes. Guarda no fundo de uma gaveta, então ele está cheio de dobras e colaram com durex e esses durex tiraram, colocaram, tiraram, colocaram, então tem muita coisa que você não consegue ler. Mas existe. Eu tenho alguns nomes você vê ali. Tchobinian. Por parte de mãe, dos avós. Um primo tem o Tchobanian, o resto é tudo Tchobinian, mas o sobrenome não é esse (...) sobrenomes. Tem um monte ... É um problemão. (...) meu avô (...) veio para cá... sozinho num navio... ele estava, menor de idade, para desembarcar tinha que ter uma família para adotar. Adotou, colocou o nome de Tchobanian na verdade. Apesar de que registraram Tchobinian. Desceram, ele ficou, eles voltaram e foram para Buenos Aires. Eu conheço a família lá... Não tem nada a ver comigo. Bem, aí veio aqui... Casou com a minha vó. (TCHOBNIAN, 2014).

A esse depoimento outro relato de cunho autobiográfico evidencia a impossibilidade de obter documentos prévios ao Nansen (ou outros destinados à permanência) está presente na obra literária *Mairik*, de Ashot Malakian, conhecido também por Henry Verneuil. O autor, ainda criança, juntamente com sua família integrou esse vasto contingente de refugiados vitimados pelo genocídio armênio, tendo como destino o porto de Marselha, na França:

‘Refugiado de origem armênia’. Estas eram as palavras manuscritas na frente do item ‘Nacionalidade’, nas carteiras de identidade sanfonadas que teríamos de retirar na delegacia de polícia. (...) Nas vastas salas providas de bancos de madeira, esperávamos dias inteiros que nosso nome, estropeado pela pronúncia francesa e deformado pela escrita, fosse chamado. (VERNEUIL, 1985, p.38)

E prossegue, mencionando as solicitações dos funcionários franceses:

Quero ver os documentos e a certidão de nascimento. Eu preciso da certidão. “Entre em contato com o cartório onde foi registrada.” E ‘o próximo’ encerrava o interrogatório. Seguíamos para outras salas de espera e outros bancos, em busca da inacessível ‘certidão de vida’. Entrar em contato com os nossos cartórios de origem significava pedir aos nossos algozes de ontem que certificassem que estávamos

vivos, que escapáramos à certidão de óbito coletiva dos 1.500.000 de armênios que acabavam de ser massacrados. (VERNEUIL, 1985, p.38-39)

Figura 7 – Certidão Nansen

Fonte: Imagem de documento do arquivo pessoal de Denis Tchobnian.

Uma das entrevistadas identifica que os refugiados, desde o início do século XX, inauguram uma nova espécie de nomadismo de natureza forçada, provocado pelas guerras, especialmente as que envolveram e envolvem disputas por territórios. Ainda que se trate do início do século passado, poderia se tratar de relato atual sobre refugiados que vêm se espalhando pelo continente europeu em decorrência dos conflitos na Síria iniciados em março de 2011.

Eles estavam soltos nesse mundo. Sem certeza sobre onde iriam viver. E eu fico tentando me colocar no lugar deles. Que dureza! Hoje viajamos super organizados! Eles saíram do outro lado do mundo, chegaram aqui com outro idioma, e algumas vezes, desembarcavam num país que nem sequer era o país imaginado... É estar muito solto nesse mundo para fazer isso. (KILIKIAN, 2015).

4.1.3 Casamentos intergeracionais

Os dados sintetizados desse bloco informam, por grupos, a ascendência a partir dos que se declararam descendentes de famílias armênias unicamente, mencionando não haver outras etnias em suas linhagens ascendentes diretas; os que admitem não saber exatamente a composição étnica dos seus ancestrais e os que mencionam a sabida composição miscigenada. O mesmo quadro apresenta o número de casamentos ditos interétnicos e miscigenados informados.

Quadro 16 – Ascendências e casamentos armênios declarados

	Buenos Aires	São Paulo
Ascendência unicamente armênia	05	01
Filhos de etnias mistas	01	02
Admitem não saber	00	03
Casamentos “armênios”	02	02

Fonte: Elaborado pela autora.

As falas a seguir espelham tais situações acerca da ascendência:

Da minha árvore genealógica a gente pode resgatar que 95% é de origem armênia. Eu posso ter tido uma tataravó, digamos, um pouco mais, grega, já que uma pequena parcela da família de meu avô paterno viveu por muitos anos onde tinha muitos gregos. Mas acrescenta muito também, já aqui me deixa muito mais feliz que muito mais gente faz parte de meu passado. (TAMDJIAN, 2014).

Ascendência armênia pela minha mãe, que é nascida aqui, e meus avós maternos. Minha avó é nascida no Líbano. Meu avô não sei se é nascido no Líbano. (TCHOBNIAN, 2014).

Si, todos. Abuelos y busabuelos. Todos armenios! Abuelos, abuelas... Padre, mama...Todos. (SARAFIAN, 2015).

De sangre armenia llamo, todos nacidos afuera de Armenia. Mis bisabuelos fueron los últimos que nacieron en Armenia. Mis dos abuelos maternos nacieron en Siria, y mi abuelo paterno nació en Rumania y mi abuela paterna nació en Grecia. Mi abuela materna nació en Alepo, Siria. Su padre había dejado todo en Armenia con en el genocidio que se habían escapado. Y en Siria estaban pasando una mala situación económica y tuvieron que viajar en barco, llegaron hasta la costa del Mediterráneo y allí subieron en un barco. Ya un familiar de ella, el hermano mayor, había viajado para la Argentina, y había armado acá, digamos, una

pequena base. Tenía acá una casa, un trabajo acá, él se empezó a hacer amigos, se empezó a conocer la gente, y con esa base, digamos, viajaron al resto de la familia en barco. Fueron de Siria a Francia, y de Francia vinieron para acá, para la Argentina. (SAMANDJAN, 2013).

Sobre os casamentos, além dos que se declararam fruto de uniões mistas, se destacam também alguns trechos sobre a aceitação de elementos exógenos ao grupo, incluindo também: as impressões e convicções acerca da continuidade de casamentos “armênios”¹²⁶, envolvendo a própria escolha individual ou arranjos familiares.

A aceitação familiar de casamentos com “não armênios” presente em três falas aqui reproduzidas:

Mi mama es la menor de tres hermanos, un hermano varón y dos hermanas mujeres y era la única que se casó con alguien no armenio, pero digamos, mi papa es carismático y... cayó bien y también sufrió, lo cargamos en la familia, un proceso de “armenización” porque ahora sabe hablar ciertas palabras, le encanta la comida armenia, se interesa por la causa, la da a conocer, así que sí, más que aceptado, pero era todo un acontecimiento extraño, que, en esa época se casen con un no armenio. ¿Si hay una necesidad de escoger una persona que sea de descendencia armenia para pareja? Mi compañero es descendiente de armenios de la región de Aintab, como mis abuelos maternos. (DÍAZ ARSLANIAN, 2013).

Eu cresci ouvindo minhas tias falando sobre casamento de uma forma como se a única alternativa aceitável fosse uma união entre armênios. Inclusive minhas tias eram casamenteiras. (...) Elas tinham certa habilidade para porem as pessoas em contato com o intuito de arranjar casamento entre elas (...). Na medida em que eu comecei a ter amigos brasileiros e até mesmo, namorados brasileiros, eu passei a encarar com naturalidade minha brasilidade para além da armenidade tão intensa na qual cresci. Quando apresentei ao meu pai meu namorado, que queria se casar comigo, foi para mim um momento de apreensão e surpresa, pois, a reação do meu pai foi de carinho com ele. (KILIKIAN, 2015).

Casamento com armênia. Isso nunca estive na minha preocupação. Na preocupação de meus pais e meus avós estive. Mas eles não internalizaram para mim. Sabem o que penso. No caso dos meus pais foi muito tranquilo, teve surpresa, mas não crítica. (...) eu não casei com uma moça armênia. Meu irmão tampouco, e nós não deixamos a armenidade. Estamos sempre engajados, participando, sem nenhuma crítica. Ao contrário de casamentos exclusivamente armênios, onde as pessoas se casam e não fazem absolutamente nada: não mandam os filhos à escola, não vão à igreja, não participam. Para ser armênio, você precisa praticar a armenidade. Só é armênio quem pratica a armenidade. Você pode ser armênio sem ser armênio (...) praticando, é vivenciando, é participando. Então, casamentos miscigenados não são de forma alguma impeditivos para extensão da comunidade. (TAMDJIAN, 2014).

E dois noivados armênios:

Sí, mi novia es brasileña de São Paulo también con descendencia armenia. (BALASSANIAN, 2015).

¹²⁶ O termo “casamento armênio” é aqui empregado para designar uniões conjugais intra ou entre comunidades que se atribuem de descendência armênia, independentemente da nacionalidade dos consortes. Naturalmente, o termo também se estende ao casamento com indivíduos nascidos no país Armênia.

Suruiu, aconteceu um encontro de um amigo que apresentou. Não é o arranjado. Tentaram me arranjar uma e não funcionou (...) aí surgiu (...) coincidentemente ela é de Hadjan também (...) ela entrou na comunidade através de mim. (...) Quando eu comecei a participar aqui no Clube, viajar, conhecer as outras pessoas, eu falei "eu vou buscar uma armênia. Não precisa ser. Mas eu prefiro que seja". E aconteceu. (TCHOBNIAN, 2014).

Um arranjo:

Sim um "hoscap"¹²⁷, eu fiquei revoltadíssima. (...) minha tia de Osasco veio com um papo, na época, "a gente vai te levar numa festa". Eu ainda não tinha 15 anos. (...) "você vai se arrumar que você vai conhecer o seu namorado". "Como assim, o meu namorado?". Eu me revoltei, vim embora... Ele era armênio (...) e eu não quis (...) sinceramente, eu me arrependo (...) de não ter deixado seguir esse rumo da vida. (BARSUMIAN, 2015).

Uma crítica ao casamento armênio:

No casamento intra-armênio não está em jogo a questão da cultura e da armenidade. O importante é ter uma mulher que já vem normatizada pela sociedade; se vier com amor, melhor ainda; se vai se manter, ou não, é conforme a força de cada lado. De todos os casamentos entre armênios que eu conheço, grande parte não vão à igreja, não vão ao clube, não falam armênio. (...) E eu vejo pelo lado antropológico mesmo, é uma garantia, porque as armênias não vão querer se separar. Você escolhe uma mulher armênia por garantia. Não fala, não cultua, não participa, mas é armênia. (TAMDJIAN, 2014).

Uma explicação sobre a possibilidade de haver mais casamentos intracomunidade na Argentina:

Mais casamentos endogâmicos na Argentina? Se ocorrem com maior frequência? Talvez a explicação seja mais simples do que a gente imagina. A vida comunitária armênia formada na Argentina é boa. Oito escolas. Oito/ nove igrejas formadas com todas as condições. Sabe o que é uma comunidade com oito igrejas? Essa é uma das coisas que faz com que funcione. É muita gente, instituições sólidas, clube fraternalmente estabelecido. Esta no número. Matematicamente a possibilidade é maior de se encontrar com alguém lá. Isso facilita. (TAMDJIAN, 2014)

Nas falas acerca da identidade armênia apresentadas adiante, por expressiva parte do grupo o quesito "etnia" ou "sangue armênio" foi ignorado ou mesmo rechaçado enquanto único elemento capaz de defini-la.

¹²⁷ Designação em armênio ao compromisso firmado pelos pais para que a união aconteça. Conhecido no Brasil como "casamento arranjado". Ao pé da palavra se traduziria "atar a fala".

4.1.4 Parentes em outros países

O quadro abaixo relaciona, a partir dos depoimentos, os contatos com parentes em outros países, mantidos entre gerações ou recuperados por buscas, e seu grau de afinidade estabelecido.

Quadro 17 – Parentes em outros países

Participante	País	Contato
Samandjan	Estados Unidos, Canadá, Armênia	Próximo
Balassanian	Brasil	Próximo (primos)
Artinian	Estados Unidos: Boston, Nova Iorque, Los Angeles Armênia	Próximo Distante
Diaz Arslanian	Estados Unidos	Não
Sarafian	Grécia	Sim
Malkassian	Grécia	Sim
Kilikian	Canadá, Argentina, Austrália, Líbano, França, Estados Unidos	Próximo (primos Canadá)
Tchobnian	Argentina?	Buscas pela internet
Tamdjian	Argentina (Córdoba), França, Estados Unidos (Nova Jersey) Armênia, Líbano	Próximo Sim Distante
Barsumian	Venezuela, Uruguai, Estados Unidos, Líbano	Buscas de mesmo sobrenome pela Internet
Apovian	5 continentes (sem especificação)	sem especificação
Sarkissian	Palestina Armênia	Distante (contato por internet)

Fonte: Elaborado pela autora.

Tios palestinos e retornos familiares ao Egito:

Tenho tios palestinos sim. Ainda tenho contato. Não com todos. Eles são onze irmãos. A família é enorme. E a gente acabou perdendo muito contato. Coisas de família... Casa, um vai para um lado, outro vai para outro. Então atualmente eu não tenho tanto contato com eles, mas conheço os onze. Todos vieram quando crianças, com a família. E não retornaram para viver de volta lá. Meu avô tinha pretensão de voltar a morar... não digo, talvez, na Palestina, porque já havia criado o Estado de Israel, então assim, ele tinha pretensão de voltar para a região ali. Tanto que ele foi, ele chegou a retornar para, se não me engano, para o Cairo, Egito. Mas é isso mesmo, ele voltou com um dos filhos, para acertar todas as condições da família, então. Ver onde iriam morar, emprego e tudo mais. Aí aconteceram uns imprevistos no meio do caminho e eles retornaram, e infelizmente o plano dele não deu certo. Aí ele acabou ficando por aqui mesmo. (SARKISSIAN, 2014).

Parentes distantes em Ierevan, próximos nos Estados Unidos. A família se dividiu durante os refúgios, em alusão não explícita ao enrijecimento das políticas migratórias norte-

americanas (abordadas no capítulo 2 desta pesquisa). E o contato mantido de maneira a reconhecê-los como “minha família”.

Hay parientes lejanos del lado de mi mamá actualmente, en Iriban, Armenia. Yo tengo primos en Estados Unidos, en particular en Boston, en Nueva York y en los Angeles...porque mi abuelo de parte de mi papa vino a Argentina pero sus hermanos fueron a Estados Unidos...Se dividió la familia. La primera vez que fui a Estados Unidos en 1986, los fuimos a visitar y cuando yo estuve allá residiendo en Estados Unidos... también estuve en contacto con mis primos, con mis primas tengo muy buena relación con mis tíos y son mi familia. (ARTINIAN, 2013).

No relato a seguir, além da informação sobre parentes Brasil adentro, a ênfase é dada aos do Canadá, onde há uma expressiva e próspera comunidade armênia.

Tenho parentes em Uberaba; Canadá, Argentina, Austrália, Líbano, França e Estados Unidos. Tenho afinidade com os primos do Canadá, me sinto em casa com eles. Como irmãos. Nós perdemos contato os da Argentina e os da França, que eram por parte do meu pai. E da Austrália, não tenho mais o contato. (KILIKIAN, 2015).

Parentes e geografia próximos, incluindo menção à cidade platina de Córdoba onde há a segunda maior comunidade armênia na Argentina:

Tenho contato com os primos da minha mãe, de Córdoba. Os primos do meu pai de Buenos Aires, com eles sempre falo porque vou muito à Argentina, no mínimo quatro vezes ao ano, ou mais. (TAMDJIAN, 2014).

Sobre o país Armênia, dos doze entrevistados, nove informaram conhecer através de viagens curtas; um mencionou participação em intercâmbio de aproximados seis meses e dois, à época das entrevistas, ainda não tinham ido.

Sí, he ido dos veces (2002 y 2011) y siempre que tenga oportunidad, quiero volver. (BALASSANIAN, 2015).

Conozco Armenia, fui en el año 2007, en un viaje de 14 días. Me gustaría volver en breve. (SARAFIAN, 2015).

Sim, duas vezes, 2005 e 2008. Em 2005 foram dez dias de passeio. Em 2008 foi de uma semana, mas foi num Fórum pela Igreja. (TCHOBNIAN, 2014).

Sí. Durante muchos años no fui. Toda la época en Ginebra e demás, no fui. Pero, ahora, hace 5, 6 años que voy todos los años. Cuando voy me quedo unos 10 días a la vez, porque me voy a un congresos. De temas jurídicos... Pero voy, todos los años voy. (MALKASSIAN, 2015).

Um entrevistado manifestou grande identificação com o país: “alí era o meu lugar”. Também informou ter estudado em escola armênia desde criança e participado do grupo de escoteiros e de outros grupos para adolescentes da comunidade armeno-platina:

Estuve en Armenia. Creo que fueron 12 o 13 días, algo así. Yo no soy en serio llorón, pero cuando estuve en Armenia lloré todo el tiempo y no podría creerlo. Veía cosas que estudié toda mi vida, en el colegio armenio, la agrupación scout, acá en UJA, en club. O caminar en la calle y hablar el mismo idioma que el resto y que no sea el español. Entonces, era todo muy emocionante, y yo sentía que era todo mío, y yo había llegado a mí lugar. Y no es que no me sienta así en la Argentina, pero era como mi casa hubiera estado siempre ahí, y ahí era... un sentimiento como mi casa, como me siento en el barrio de Palermo, yo me sentía igual allá. Entonces, era una mezcla de emociones. Está eso, y está después también que te podías hablar con un taxista y te trataba mal y todo, pero bueno. Hoy en día si tuviera que viajar a algún lugar, iría con prioridad a Armenia, y después de aparte iría a Siria. A Siria o a Líbano... (SAMANDJAN, 2013).

Em oposição, outra entrevistada relatou sua não identificação com o país:

Como eu cresci com a Armênia dentro da União Soviética, então raramente se tinha notícia da Armênia. O que eu sabia era que os turcos tomaram as terras deles. No meu imaginário, portanto, não existia uma Armênia física. Quando cheguei à Armênia em 2008, me dei conta de que no meu imaginário continuava a ideia de que não existe uma Armênia. Para as minhas tias, não havia mesmo. O que era Armênia para elas, os turcos tomaram. Eu cresci ouvindo isso. (...) Eu me identifico com todas as comunidades armênias que encontro pelo mundo, inclusive, bem mais do que com a Armênia Oriental. (KILIKIAN, 2015).

A Armênia como sonho e destino:

Eu preferiria viver a Armênia. Eu sinto necessidade de conhecer a Armênia, sim. Eu acho que eu gostaria de terminar os meus dias lá. (BARSUMIAN, 2015).

E para estudar:

Eu fiquei na verdade quase seis meses, cinco meses e alguma coisa, eu voltei bem no dia vinte e quatro de dezembro, então foi esse tempo. Peguei um pouco do frio marcante porque é um frio de verdade que a gente não imagina, só sentindo na pele mesmo, e se acostumar com aquela vida que mudou totalmente. Eu vivia em uma hospedaria de estudante, um Hostel, e ali apenas estudantes habitavam aquele prédio. Eu dividia quarto com um armênio, era estudante armênio da Síria, fora ele na verdade a grande maioria que vivia e também que estudava na universidade eram estrangeiros, não armênios. Então eram, sírios, não armênios, iranianos não de origem armênia, indianos. As minhas colegas de classe, a minha sala era composta totalmente por indianos. (...) Eu fazia as aulas de língua porque era como uma faculdade preparatória, de praticamente um ano, para depois iniciar de fato a Universidade. Então era um período de adaptação de estudantes estrangeiros. Quando eu fui eu lembro que, dentre os meus amigos apenas um voltou, poucos mesmo tinham ido para Armênia, pouca gente conhecia a Armênia de fato. Viajar para Armênia era algo muito exótico ainda, então eu fui um dos primeiros, e desde que eu voltei muita gente indo e voltando e retornando e já indo pela terceira vez, e eu ainda não retornei. Pelo que eu vejo está muito diferente, em muitos aspectos, como se diz, é mais globalizado, mais urbanizado pelo menos a capital. Até na questão cultural mesmo eu vejo fotos em que eu digo, nossa quando eu estava lá eu não me lembro de ter visto garotas usando certas roupas. Então assim eu vejo que mudou muito em dez anos, pode parecer pouco tempo e é claro que é pouco tempo mesmo, mas as transformações foram bem rápidas para um período de dez anos. Então eu pretendo voltar em breve. E esses jovens que tem ido com mais frequência em grande parte são do Núcleo

Comunitário, eles fazem parte, frequentam as instituições, não com uma rigidez assim, mas sabem onde nasceram os pais, vivem em algum meio. (SARKISSIAN, 2014).

4.1.5 Línguas familiares: armênia, turca, outras...

Dos entrevistados platinos quatro cursaram escola armênia desde a infância, um menciona ter aprendido armênio em casa e outra menciona não ter cursado escola armênia.

Os indivíduos de São Paulo três informaram que o armênio esteve muito presente na sua comunicação familiar durante a infância. Três informaram não ter cursado escola armênia.

Embora não se trate de extrato quantitativo, as falas revelam maior viabilidade de domínio da língua armênia pela instrução formal dentro de Buenos e seu maior número de escolas em relação a São Paulo, remetendo novamente aos dados apresentados no capítulo 2 deste trabalho.

De todos, dois indivíduos de São Paulo e uma de Buenos Aires, justamente os que se declararam filhos de uniões mistas, informaram ter procurado cursos para aprender a língua, dois já na vida adulta e um na adolescência, devido à intensa participação na vida comunitária das associações do partido FRA-Tashnagsutun.

Nos recortes de falas abaixo se destacam as línguas de domínio e/ou de aprendizado, as utilizadas no ambiente familiar, bem como o grau de conhecimento (e ocasiões de uso) das línguas armênia e turca:

Si, portugués porque mi mujer es brasileña. Español, inglés, portugués, armenio. ¿Lengua turca? No. (BALASSANIAN, 2015).

Sí, español y armênio. ¿La Lengua turca? No. Conozco inglés. (SARAFIAN, 2015)

A instrução formal em armênio e espanhol retroalimentando a fala da casa e o uso do armênio no ambiente social da diáspora:

Asistí a una escuela armenia. Hice la primaria y la secundaria... ¿Otras lenguas en casa además del español? Mira, el armenio sí. Dentro de la casa se habla mucho el español igual pero por ejemplo en otras situaciones vos vas no se a un lugar y quieres hablar sobre algún tema, bueno hablas un poco en armenio. O con amigos o con gente de nuestra edad o incluso cuando vas a otro país y te encuentras con otra persona que es armenio hablas el idioma. Yo no lo hablo tan fluidamente, y tan perfectamente pero lo entiendo... pero sí se habla depende eso mucho de cada casa. En el caso de mi casa se hablaba el español... (ARTINIAN, 2013).

Aprendendo armênio na comunidade:

El idioma armenio lo aprendí más que nada por venir, por ir al club. Yo también soy scout de Homentmen y soy miembro de la Unión Juventud Armenia (UJA). Antes cuando era chiquita formaba parte de Badanegán Miutiun. Ambos sitios me acercaron más a la lengua porque en mi casa, a diferencia de mis primos hermanos, ellos sí hablan en armenio porque sus dos papas son armenios. En mi casa no se podía hacer eso y además mis abuelos fallecieron cuando yo era bebé, por lo cual no pude hablar con ellos tampoco. Entonces supongo que hubiese tenido otra proximidad con el idioma si mis abuelos hubiesen estado vivos, pero no fue así, así... mi contacto con el armenio. Yo no fui al colegio armenio, me sentía medio sapo de otro pozo, decimos acá, porque todas mis amigas iban al mismo colegio armenio, pero bueno me sirvió para, para darme cuenta de otras realidades y también... para... siento que yo elijo, yo elijo este compromiso que yo tengo con Armenia y... bueno y hablar en armenio porque yo decidí sí bien cuando era chiquita no decidí ir al club, pero ahora decido seguir yendo y decido ocupar la mayoría de mi tiempo antes que la facultad en esto, en la militancia y en dar a conocer si hay genocidio, es conocido, pero bueno, luchar por el reconocimiento, la reparación lo que siempre decimos. (DIAZ ARSLANIAN, 2013).

Outro caso de comunicação bilingue no ambiente familiar:

En mi casa, el español o el armenio. Sé hablar, leer en inglés. Y en este momento también empecé a estudiar el francés, pero lo tuve que dejar, porque no había tiempo entre la facultad, el trabajo, la UJA, el scautismo... (SAMANDJAN, 2013).

A manutenção da língua armênia em diferentes países e ao longo das gerações:

Com meus pais e os irmãos, era 100% armênio. Com o marido, hoje em dia? No meu caso foi diferente, porque eu conheci o meu marido, ele é de ascendência armênia também, apesar de nascido aqui, mas de pais armênios. Nós nos conhecemos no meio dos jovens armênios daqui, da UGAB, aliás, e falando em português, assim como se falava com todos os outros. Como ele, na família dele, também falava armênio, depois que casamos aquilo que foi, mais ou menos, automaticamente, foi virando para o armênio, porque nas famílias, se visitava um e um, e outro falava-se armênio. E aí, quando ia nascer o meu filho, foi uma decisão nossa mesmo, de realmente ficar falando em armênio porque pra criança a gente sabe que o que entra... O português iria vir automaticamente em todos os meios, estava morando no Brasil. Mas o armênio, não. Teria que ser em casa. E meu filho quando entrou na escolinha, com 1 ano e meio, antes dos 2 anos, muita gente falou pra mim "mas como você vai colocar numa escola, numa escolinha maternal sem ele falar português?", "ah, se ele precisar de um copo de água, como é que vai fazer?", mas eu falava "poxa, mas tem um monte de crianças que estão entrando junto com ele, e não sabem falar português". Ele por acaso, ele já era um pouquinho mais adiantado, falava um pouco em armênio. E os outros que não sabem falar nem em português, como é que vão fazer? Vão chorar e se virar... Sabe... e foi assim, quer dizer, o armênio não foi um impeditivo, assim como os outros aprenderam, ele também aprendeu, e aprendeu bem... Na conversa familiar, nós fazemos de tudo para manter o armênio. Infelizmente, com o passar dos anos está entrando o português, está entrando mais facilmente, que é a língua que todos nós usamos fora de casa, e a tendência é vir com isso para dentro de casa. A gente faz um esforço maior para manter ainda. Porque os meus filhos até os dez anos foram em escola armênia da UGAB, que nós tivemos aqui até uns oito anos atrás. E frequentaram até os seus dez anos, foram alfabetizados e a gente tenta manter isso. (APOVIAN, 2014).

A instrução formal em Aleppo e o aprendizado de vários alfabetos durante a infância como característica do Oriente Médio:

Como eu vim pequena, o árabe não ficou tão forte em mim... Eu tenho conhecimento. O alfabeto e algumas palavras, mas na minha época o árabe ainda não era tão forte. Quando eu era pequena, convivia no meio de famílias armênias. A televisão não era tão frequente dentro das casas na época. O francês, na época, ainda era mais forte nas famílias. Então eu não domino, mas eu tenho noções... Compreendo bem. E o inglês fiz só aqui no Brasil mesmo. Mas lá, com nove anos eu já era alfabetizada em armênio, inglês e árabe. Eu tenho os caderninhos meus de pequena. Pelo menos os alfabetos todos eu tinha domínio. O armênio, claro. Sim, é uma característica das populações do Oriente Médio... Entrei com três anos. Então era maternal. Maternal você entrava com três anos até os seis anos que a gente passa para o primeiro grau, era só o armênio. Quando começou a alfabetização propriamente dita, aos seis anos, entrou o árabe, e logo após o segundo ano já entrou o inglês. Então, vamos dizer no pré entrou o árabe, no primeiro, segundo e terceiro ano já era árabe, armênio e inglês. (APOVIAN, 2014).

E a perda da língua mesmo tendo frequentado a escola armênia em São Paulo. O mesmo relato fala do fechamento da unidade do Externato José Bonifácio sediado então no bairro do Imirim, na zona norte de São Paulo. Hoje apenas a unidade do Bom Retiro encontra-se em funcionamento, nas dependências da sede da Igreja Apostólica Armênia.

Meu avô e minha avó nasceram aqui, mas desde a infância aprenderam. Minha avó fala muito bem o armênio. O turco ela não dominava, ela não sabia. Aprendeu posteriormente algumas coisas, com a convivência com a sogra, com a família. O meu pai chegou a estudar em escola armênia. A minha mãe estudou em escola pública aqui em São Paulo. Meu pai estudou no externato José Bonifácio, na unidade do Imirim, onde existia antigamente. Hoje em dia não existe mais. Mas era uma outra filial que existia ali na região do Imirim, e atendia aquela comunidade toda. Então, ele teve educação de língua armênia, ele sabia recitar, sabia o alfabeto, porém com o passar do tempo, ele não praticou mais. A irmã dele também estudou em colégio armênio, mas por falta de uso, de prática, aquilo se restringiu ao núcleo escolar. Isso não chegou a casa. Por mais que os pais deles falassem o armênio, em casa, no cotidiano já não utilizavam mais, como uma língua, assim. Falavam às vezes entre si, quando queriam também não ser entendidos, em público. Eram poucas vezes. Eles sempre fizeram, por muito tempo, parte das entidades, da comunidade, e nesses ciclos, eles falavam. Porém em casa, isso acabou entrando em desuso. Claro que, até hoje ele sabe algumas coisas, ele fala, mas não tem uma fluência muito grande. Ele entende muito, ele entende bastante o diálogo, porém na conversação ele não consegue uma desenvoltura. (SARKISSIAN, 2014).

Constatou-se a forte presença da língua árabe nesses grupos de descendentes devido à principal fixação prévia e formação de comunidades na Síria, Líbano e Egito.

A minha mãe, como a mãe dela não falava armênio, ela (avó) de origem árabe, e meu avô falava armênio, mas também falava o árabe e outras línguas. Então em casa a língua que dominava era o árabe. Então ela aprendeu o árabe como primeira língua, antes de aprender português, porque era uma família recém-chegada. Ela foi aprender português na escola. E a língua árabe sempre foi língua franca na casa dela. E os próprios armênios também. O ciclo de relacionamento dentro da família da minha mãe com os armênios, muitos vinham de

países árabes, então falavam também árabe, entendiam árabe, então dominavam, de certo modo, o árabe. Então eles falavam. Ela não passou pra mim, infelizmente. Acho que ela não via, talvez, a importância, talvez, que... não havia necessidade. Ela nasceu no Brasil. Parte da família nasceu na palestina, e outra parte nasceu aqui. Então alguns irmãos dela, se não me engano, quatro ou cinco, vieram já nascidos, bebês, crianças. (SARKISSIAN, 2014).

E outras línguas faladas em família:

Lá da minha família materna: um pouco de francês, muito pouco, turco e armênio. Do lado de meu pai: alemão, armênio, bastante inglês, e árabe, porque eles são de Egito. Agora, você tocou em algo que não tinha pensado. Meu avô materno falava umas palavras em francês... E meu avô e minha avó maternos falavam muito bem o inglês, porque habitaram uma colônia inglesa. Meu pai fala muito bem inglês. (TAMDJIAN, 2014).

Os relatos adiante complementam de que forma a língua turca esteve (ou ainda está) presente no cotidiano familiar, bem como a confusão que se estabelece entre as línguas turca e armênia. A depender da região de origem dos ancestrais no Império Otomano, o turco era língua corrente e única autorizada. Após o genocídio e refúgios, os que discerniam uma língua da outra, desenvolveram uma espécie de antagonismo à língua turca e, embora tendo domínio, procuraram não ensiná-la aos filhos, restringindo-se a utilizá-la como língua secreta dos adultos, para alusão a situações jocosas ou troca de insultos. Palavras turcas se agregaram ao léxico armênio dessa diáspora; no limite, se atribui ser armênia a própria língua turca, constatação de que o fenômeno de formação da identidade armênia da diáspora não teve como se apoiar naturalmente numa língua exclusiva para se constituir devido à sua origem armênia otomana. A própria criação de escolas de língua armênia teve o intuito de con-formar essa identidade relacionada à língua armênia. De acordo com Matiossian (2011), a maioria dos refugiados pós-genocídio que chegou e se instalou em Buenos Aires falava turco e não armênio. Em São Paulo, não há conhecimento de estudo exaustivo acerca da proporção de falantes das duas línguas, entretanto as cidades de origem do Império Otomano, quando não próximas, são as mesmas. Ademais, trata-se de mesma onda migratória para a América do Sul, além dos trânsitos estabelecidos no eixo Buenos Aires São Paulo após chegadas dos países do Oriente Médio e da Europa.

Os próximos trechos espelham os usos da língua turca no ambiente familiar.

O turco em família, língua secreta dos adultos:

Eu tomo contato com o turco por vários fatores. Eu falo um pouco, muito pouco. De onde vieram meus avós maternos, era uma região onde era proibido falar armênio. Os turcos pressionavam para não se falasse, apesar deles falarem muito bem o armênio porque aprendiam em casa. Então, os maternos falavam bem o turco. Mas era para as crianças não entenderem. O turco era uma língua secreta deles. Do lado de meu avô paterno, era um pouco mais difícil, porque era padre. Então, era inadmissível usar o turco. Mas também,

tanto ele quando minha avó, quando queria falar algo pra gente não entender, usava turco. Isso piora minha relação com os turcos. Porque para mim eu tinha que aceitar essa língua, e os caras falavam para eu não entender. (TAMDJIAN, 2014).

O ensino de palavras e expressões turcas, usadas em ocasiões específicas, no meio de frases armênias:

¿Si sé un poquito de la lengua turca? Bueno, en realidad mi mamá siempre me dice modismos o cuando, insultos cada que puede, pero me aclara siempre esto es en turco, porque ellos tienen como una...parece hasta armenio pero hay palabras de origen turco que no, no sienten como turcas pero sí, algunos modismos, algunos insultos, algunas bromas. (DIAZ ARSLANIAN, 2013).

Conozco unas pocas palabras en turco, no sé hablar, enseñar, tampoco escribir. Mis abuelos paternos usan algunas palabras en turco, pero no se habla turco. Usan palabras puestas en el medio de una frase en armenio, por ejemplo, para designar ciertas cosas. Entiendo las palabras porque son palabras que las usan desde que soy chico. O sea ellos pueden decir en armenio lo dicen en turco, por ejemplo. Son palabras así que no sé de dónde las aprendieron ellos así, y las usan así. Entonces, no es que ellos hablan el turco. Usan las palabras en medio de una frase en armenio, como si fuera parte de armenio, digamos. (SAMANDJIAN, 2013).

Uma explicação do porque a língua turca não foi ensinada ao longo das gerações:

Mis padres no, pero mi abuela sí lo hablaba, lo conocía... ¿cuándo utilizaban? Bueno, esto es una pregunta graciosa mi abuela y abuelo se peleaban y discutían y yo nunca entendía y era un idioma que a mí me sonaba muy fuerte y muy agresivo... no me gustaba y un día le pregunte ¿pero por qué no entiendo nada? Porque están hablando en turco me dijo mi mamá ese era como un idioma que a mí me resultaba... no, además bueno, que no entendía, el tono era fuerte era como...como muy agresivo... Que yo recuerdo pero ellos sabían muchos proverbios en turco también, sabían proverbios...y no lo aplicaban para los chicos no, pero entre ellos sí...¿Sí conozco la lengua turca? No, conozco algunas palabras. Ellos no transmitieron la lengua turca para otras generaciones... Yo creo que era la lengua que ellos vivían porque estaban oprimidos dentro de esa sociedad y estaban obligados a hablar ese idioma. Mi abuela también hablaba el griego, porque, después que los expulsaron del imperio Otomano. Ella vivió en Grecia algunos años. (ARTINIAN, 2013).

Os casos de não distinção entre o turco e o armênio:

Não, não conheço (a língua turca). Apesar de falar algumas pensando que é em armênio. Mas eu não conheço... Meu sogro, por outro lado, na última novela... Como chamou a última novela (da Rede Globo) que era na Turquia? Isso, a novela "Salve Jorge". E ele chegou para mim e falou "Você viu estão falando em armênio na novela". Eu falei "Não é armênio. É turco.". Do mesmo jeito, teve uma tia da minha noiva, ela falou... Ela sabia que eu era armênio, né? Estava namorando fazia uns três, quatro meses, foi num aniversário, ela começou a falar comigo, e eu não entendi metade do que ela falou. Aí, depois, falei que não falava armênio, em armênio eu falei que não falava em armênio para ela. Saí e disse à minha noiva: "Dani, ela estava achando que estava falando armênio, ela estava falando um monte de coisa em turco". Minha avó falava turco. Minha bisavó falava turco. É... eles achavam que estavam falando armênio. Consequência do genocídio. Não tem como, eu não posso culpar

eles, eu não vou criticar... Minha avó, minha bisavó não é mais viva, mas essa tia da minha noiva, eu não posso falar pra ela "não fala turco". Para ela, aquilo lá é armênio. E aí tem todas as ações que aconteceram durante o genocídio que levaram ela a falar. Minha avó é de Sis, minha bisavó é de Sis. Só se falava turco lá. Minha avó é de Hadjan. Já não se falava turco lá. Mas eu não sei o que ele falava, porque eu não o conheci. Mas eu sei que pessoal em Osasco fala turco, assim, quase fluente. Tanto que vão pra Turquia e conversam de boa lá. Mas é consequência, né? Esses eram os atos que eles queriam, as coisas que eles queriam que acontecesse. (TCHOBNIAN, 2014).

No relato a seguir as várias línguas aprendidas nos múltiplos itinerários de refúgio configuram rica bagagem de vida aliada aos conhecimentos e tradições trazidos da terra natal, espécie de instrução informal, e aqui a presente pesquisa enfatiza a importância dos recursos oferecidos pela história oral para valorização e registro desse tipo de experiência. Nesse sentido, menos importa o analfabetismo, a confusão que se estabeleceu entre as línguas, sendo o próprio conceito de cultura letrada posto em xeque, especialmente quando se trata de adaptação ao país de chegada.

Bueno varias cosas en primer lugar yo utilicé la palabra analfabetismo que suena en la imagen de uno en el siglo XXI a atraso, a falta de cultura. Es exactamente lo contrario. Esa gente tenía una sabiduría muy grande en particular por cuestiones orales, tradiciones, proverbios... mucho de lo que es cultura oral. O sea, ellos no sabían leer mi abuela específicamente el español pero sí sabían el armenio y sí sabían otros idiomas sabían hablar griego eran gente que sin una instrucción formal tenían mucho conocimiento, conocimiento sobre lo que es la vida, saber vivir como dicen los franceses. Vos me preguntas sobre idioma que se hablaba, por ejemplo, con mi abuela, mi abuela hablaba el español, el castellano a veces ponía cosas en armenio pero ella se comunicaba en español con nosotros, con los nietos lo cual hablaba mucho de lo que ella quería estar dentro del país, no se sentía ajena al país. Otros familiares sí te hablaban en armenio verdad..., tíos por ejemplo, o tíos abuelos de la parte de mi papá, pero mi abuela de parte de mi mamá hablaba el español con un acento muy fuerte... realmente el recuerdo era muy lindo. (ARTINIAN, 2013).

A continuidade da fala anterior sintetiza a experiência singular de sobrevivência oferecida pelas passagens por vários países intermediários, envolvendo o aprendizado de outras línguas e o enfrentamento da questão crucial e controversa em relação à identidade e pertencimento a um Estado-nação que, dada a sua limitação de conceito, não pode ser aplicada aos grupos de diáspora. As passagens intermediárias os fizeram pertencer provisoriamente àqueles países e levar as marcas culturais dessas passagens, resgatando aqui o termo “cultura enquanto arena de embate” (BAUMAN, 2005; HALL, 2011), propiciando, através da prática migrante de origem forçada, um contínuo exercício de concepção de mundo em relação à fragilidade da soberania dos Estados e de percepção aguçada das catástrofes.

La historia de mi abuelo de parte de mi papá es más compleja aún, porque se fueron del imperio Otomano a Rumania entonces, él creció en Rumania después lo mandaron a vivir a

Odessa, en Ucrania. Después volvió a Rumania... y después de Rumania se fueron por el Stalinismo a Francia. Entonces mi abuelo hablaba, sin casi educación formal, hizo solo la primaria... armenio, entendía el turco,... ruso, francés... lo entendía y el, el español y era gente que no fue, no fue a la universidad y tenían esa, esa sabiduría ¿no? Y esa manera de adaptarse y que entendían mucho sobre la vida antes de la globalización, antes de internet, ellos tenían una visión del mundo mucho más compleja que el Estado Nación, ¿no? Esa cosa pequeña de vos sois argentino, sois brasileño y esta es tu cultura, y estas son tus películas, esta es tu música, y esto es lo que vos sois, y se acabó y lo otro es externo ¿no? Esa gente tenía una visión del mundo más compleja y tenía una visión de que los países tenían un principio y un fin, el imperio ruso se termina con la revolución, el imperio otomano también, el imperio austrohúngaro, y ellos tenían siempre esa visión catastrófica del lado de mi papa de que bueno sabes que en algún momento esto se puede terminar. Argentina o todos los países tienen un ciclo, cosa para alguien que no es de una... diáspora que sufrió persecución no es tan fácil de ente...de pensar el fin de un país ...el colapso, el desmembramiento, la guerra, el genocidio, en fin...(ARTINIAN, 2013).

4.1.6 Vida na comunidade e participação na coletividade

Esse bloco apresenta as narrativas dos entrevistados sobre participação nas associações da diáspora, revelando a atuação através de dois grandes agrupamentos ligados direta ou indiretamente aos partidos Fra-Tashnagtsutium e Hamgavar Azadagan. Apresenta também narrativas de dois entrevistados de São Paulo sobre a frequência nas igrejas, área de Língua Armênia da Universidade de São Paulo (USP) e de dois integrantes de Buenos Aires envolvidos nas áreas acadêmicas de Direito e História da Universidade de Buenos Aires (UBA); e em ambos os grupos participantes do Conselho Nacional Armênia e de outras instituições em prol dos Direitos Humanos.

Dois integrantes platinos declararam participação ativa nos agrupamentos diretamente ligados ao âmbito do Partido Fra-Tashnagtsutium, cujas atividades se apresentam sistematicamente divididas por faixa etária e apresentam mundialmente semelhante nível de organização e equivalência. São elas: Escotismo: destinado à recreação para crianças, Homenetmen: participação na comunidade a partir dos 12 anos, *Unión Juventud Armenia* e *Encuentro Armenia*, nas quais se passa a exercer a militância partidária propriamente dita e a participar dos assuntos que envolvem a sociedade do país de acolhida da diáspora.

Os primeiros relatos, de Samandjan e Arslanian, proporcionam entendimento do envolvimento dos entrevistados no funcionamento dessas estruturas partidárias desde a tenra idade. Nesse sentido, confirmando o aporte teórico (HALBWACHS, 2008, p.70), enlaçam a memória individual à coletiva, com preponderância da segunda na medida em que explicam

detalhadamente o funcionamento desses agrupamentos para abordar seu tempo de envolvimento em cada uma delas. Ambos deixam transparecer o orgulho em fazer parte.

Homenetmen yo empecé a ir desde que nací, me llevó mi familia. Y a los 7 años empecé a participar en la agrupación scout. Hoy en día tengo 23 años y sigo participando... Así que es una actividad que me añadió muchísimas experiencias, muchísimas anécdotas, momentos muy felices. Igual, también gracias a pertenecer a la agrupación puede viajar a Armenia... yo cuando viaje a la Armenia en 2006, viaje al acampamiento mundial scout de Homenetmen. Igual, para mí la importancia de lo que es la agrupación scout y UJA en lo que es hoy en día mi identidad, no armenio, mi identidad como persona, es fundamental. Aprendí muchísimas cosas. Yo pasé prácticamente una vida ahí adentro, y también lo siento el club armenio para mí es mi segunda casa, como también, acá yo, en esta salita, en la sala del Encuentro Armenia también, son dos lugares me marcaron, y marcaron quién soy hoy en día, seguramente. Pero, pero voy a seguir participando en toda la vida afuera en la Unión Encuentro Armenia hasta avanzar la edad, y seguir participando en el partido y después en club también. Mi intención es eso... después con las circunstancias de la vida puede acercar o alejar más, pero yo espero poder seguir haciéndolo, es algo que es muy gratificante, y más que el resultado de lo muestran... porque creo que eso es lo más importante. Ver que ya se salgan más allá de nosotros mismos y hay un más importante. Es una causa que supere al “mismo” y a nuestro propio “ismo”. (SAMANDJAN, 2013).

Mi familia estuvo siempre involucrada con el partido (Tashnag) y con Homenetmen, por lo cual yo siempre participé en actos, siempre estuve en festivales, en ceremonias. Yo empecé a participar activamente Homenetmen en el grupo de adolescentes dentro del partido que acá en Argentina, por lo menos, nosotros tenemos un rango de edad entre chicos de 12 años hasta 18 años. La comisión de UJA también, me egresé, y a partir de mis 18 años empecé a participar en Encuentro Armenia. Encuentro Armenia o UJA es un órgano de jóvenes. Sí, son los jóvenes del UJA que empezaran a dar un rol mucho más activo hacia al exterior. El scout es más de período de formación interna o más recreativa para nosotros niños. Después de UJA, ya empiezas con el activismo, digamos, con tu participación hacia afuera, ya sea, en la comunidad, en el partido o en la comunidad argentina. (SAMANDJAN, 2013).

E uma explicação detalhada acerca da ramificação das associações do partido Tashnag nos âmbitos mundial, regional e local. A estrutura regional *Unión Encuentro Armenia* conta com uma comissão regional composta pelas cidades de Córdoba, Montevideu e Buenos Aires; São Paulo não integra.

Unión Encuentro Armenia en Argentina tiene sedes en muchos países. Entonces, nosotros podemos hacer cosas desde acá, pero lo más eficiente seria que lo hagan directamente en el otro país, por ejemplo, en los Estados Unidos, Siria. Hemos mantenido contactos de la gente de otros países. En ese momento hay una chica de la provincia de Córdoba, de Argentina, que está viajando en este momento a Armenia por la reunión de comisiones regionales de Unión Encuentro Armenio. O sea de las regiones de todo el mundo se envía un participante para participar de esa comisión... una asamblea mundial de Unión Encuentro Armenio que se hace a cada 2 años. Para hacer parte de esa reunión hay que ser miembro de la comisión regional. Yo nunca fui parte de la comisión regional. La comisión regional abarca Córdoba, Montevideo y Buenos Aires. En Buenos Aires tenemos tres filiales además, que son una filial en Flores, una filial en Gran Palermo y una filial en Valentín Alsina. Estamos trabajando

para que haya en Brasil un Encuentro Armenio. Hubo un grupo y ahora parece que se disolvió, pero uno de los proyectos que planteamos este año para los próximos 2 años, es tratar de hacer efectivo la operación del Encuentro Armenia en Brasil. En São Paulo. (SAMANDJAN, 2013).

A continuação da narrativa, ainda que intimista, confirma o distanciamento não apenas geográfico da comunidade de São Paulo ao ser utilizada a expressão, aqui traduzida ao português, “a língua é um entrave”.

Nosotros... Las organizaciones tienen filial en Montevideo tanto Córdoba como Rosario. Ahí hay agrupaciones scout, también hay un Encuentro Armenia, también hay evento por lo cual nosotros nos vemos seguido con ellos. Tenemos, en verdad, una muy buena relación con ellos. Sí, somos parecidos. No tenemos la suerte de tener contacto con chicos de Brasil. Yo por lo menos no tengo la suerte de haber tenido tanto contacto con ellos, como con los chicos de Uruguay, Cordoba y Rosario. Sí, la lengua es una traba, sin duda. Pero no más que nada porque yo las pocas veces que me cruzo con gente de São Paulo, armenia es en los juegos. Sí están en el lugar, pero yo no me rosé mucho con ellos. Entonces es, la verdad, que es algo circunstancial. No veo que haya una gran diferencia entre nosotros, sólo eso, en mi caso particular. (SAMANDJAN, 2013).

O relato de Arslanian, de mesma natureza e tempo de participação nas atividades, menciona o espaço cultural *Clube Armenio*, no bairro de Palermo, Buenos Aires:

Desde Chiquita mi mamá me llevo al club, se quedaba todos los sábados religiosamente porque no me quería quedar sola. Siento que ahora, esta todo un poco volviendo, porque soy jefa de scout y... bueno veo a las chicas en situaciones que yo viví hace cinco años y... me resulta muy emocionante, transmitirles también los valores del escautismo y que además que nosotros que somos scout armenios y también tenemos todo un peso atrás que las caracteriza. Y en cuanto, y en paralelo al escautismo que lo veía más como lúdico, pero a su vez me fui interiorizando en la política de allá como se vive allá cosas que el escautismo tal vez no me daba esa herramienta, y ahora estoy en UJA que es como el periodo de más acción diría yo, es el periodo de estar pendiente de las coyunturas de acá de la región sudamericana de los que les pasa a ellos y de transmitirlo de manifestarnos (...). Siento que UJA se trata de eso un poco... de salir a la calle y darnos a conocer.

Sobre los acampamentos, UJA trata de hacer una vez por año, no, cada año tres campamentos, uno que sea acá, uno que sea en Uruguay, y uno que sea en Córdoba, entonces nos vemos, estamos obligados a vernos tres veces al año si o si con los chicos, y...mi contacto es que tienen formas de trabajar distintas, por ejemplo algunos son más ortodoxos que otros... pero, bueno, la base es la misma, como siendo hermanos. (DIAZ ARSLANIAN, 2013).

Os quatro últimos entrevistados de Buenos Aires mencionaram participação efetiva nas atividades da *Unión General Armenia de Beneficencia* (UGAB). Assim como os envolvidos com as atividades relacionadas ao partido FRA-Tashnagsutun, se pôde verificar que os nomes abaixo constam nas páginas dos sítios de internet dessas associações como ocupantes de cargos e funções no passado e/ou no presente, cuja teia de relações de

parentesco identificada pelos mesmos sobrenomes confirmou, corroborando falas dos entrevistados, a proeminência do envolvimento familiar intergeracional dentro dessas associações.

Participo de la UGAB en Argentina. (BALASSANIAN, 2015).

Estoy a cargo de un grupo de jóvenes de la institución Unión General Armenia de Beneficencia en Buenos Aires, que se encarga de organizar actividades relacionadas con el deporte, la cultura, el esparcimiento y la recreación entre otros. (SARAFIAN, 2015)

Menção à participação na UGAB da Argentina e dos Estados Unidos, e com a Fundación Luisa Hairabedián por ocasião da entrevista:

Yo fui a escuela de UGAB. Soy miembro de una organización que se llama jóvenes profesionales, y a la vez la UGAB me hizo hace un año miembro honorario de la filial acá de Buenos Aires. Suena como pedante pero es algo, algo que pasó... más que nada, por el aporte de las cuestiones de investigación del genocidio armenio y la migración armenia acá en Argentina...pero bueno... Sí, soy miembro acá de la Fundación Luisa Hairabedián que es una organización que tiene gente que es propia armenia y gente que no, pero que es un lugar abierto a todos aquellos que se interesan en los derechos humanos, los genocidios, es una visión universal y compartida. Estuve en contacto con UGAB en Estados Unidos y tuve la posibilidad de ir al curso sobre genocidios en Canadá. La verdad que es lindo poder ver esas cuestiones transnacionales, vuelvo un poco y eso es un poco la cuestión de lo armenio. (ARTINIAN, 2013).

E o registro de um percurso de participação nas associações.

En la comunidad armenia, mis padres hicieron algo fantástico, fue no empurarme para que participe en cosas de la colectividad. Nunca me obligaron... Pero yo veía como el ejemplo. Ellos iban a todas las entidades benéficas. Mi madre trabajó, fue presidente de la Asociación de Damas “Diguin”, de los armenios. ¿Homenetmen? No, Homenetmen, no. Dentro de los armenios hay, como partido político. Homenetmen, también, a pesar de que no eran tan afines a Tashnagsutiun, al partido Tashnag. Pero también mi tío era un playboy, un bon vivant, el hermano de mi madre, era... Sí, sí, era entrenador de vóley de Homenetmen, pero en Salónica. Y el equipo de basquetbol... ¿Sí tuve alguna participación en Tashnag? No, efectivamente. Pero sí, ya un poco más acá... en Argentina, cuando yo tenía ya unos 17, 18 años alguna cosa así. Bueno, empecé a ayudar en justamente de la gente de Homenetmen, digamos, se hacía algunas quermeses la iglesia. Bueno, y yo ayudaba lo que podía. Pero eso era esporádico, en la realidad, participé de forma más activa en el Parecordzagán, la UGAB, la Unión General Armenia Beneficencia. De la que mi padre fue presidente. (MALKASSIAN, 2015).

Uma menção a quatro organizações comunitárias em São Paulo:

A associação que o meu pai frequentava era a Melodias Armênicas SAMA - Sociedade Artística Melodias Armênicas - que na época funcionava no salão da Igreja Apostólica São Jorge e hoje está no Clube Armênio. Na minha juventude, entre meus dezessete e vinte e dois anos, participei da União Juventude Armênia, que era o braço jovem do Tashnagsutiun. (KILIKIAN, 2015).

Os dois relatos a seguir falam da participação ativa na comunidade a partir da vida adulta a qual atribuem “percepção e retorno à armenidade”. Além de menção à UGAB, Clube Armênio/SAMA e ao grupo de Osasco, Comunidade Armênia de Osasco (CAO), que funciona na sede da Igreja Armênia daquela cidade, no bairro de Presidente Altino. Ambos apontam o desejo ou necessidade de aprender a língua armênia.

Eu comecei a ter noção de que eu sou armênio com vinte, vinte e um anos. Antes disso... Meu pai é brasileiro. Não que ele falasse “Não, não vai”, nem nada, mas minha mãe trabalhava para viver então a gente não participava de tantas coisas aqui. Só a irmã mais nova que fez a UGAB. Durante três anos, mas fez. E eu não fiz. Minha outra irmã não fez. Então a gente nunca teve... esse contato com a comunidade. Nosso contato era restrito, era uma boda armênia ou outra. Era... como eu vou dizer... festinha de final de ano da UGAB, uma confraternização, ou em Osasco. Não tinha tanta participação assim. E minha participação se deveu mais a um evento que teve em Osasco. Me chamaram para uma festa, aí comecei a participar mais. Tem uns vinte anos, que eu comecei essa busca de armenidade. Em Osasco, me chamaram para fazer parte da diretoria, e uma das coisas que precisava fazer era o site, e eu sou perfeccionista. Me deram uns textos e eu falei “eu vou revisar esses textos”. Eu não gosto de português, mas eu sou chato. Eu corrijo erro de português. E aí eu comecei a ler e... um dos blocos do site era sobre o genocídio. Eu li de verdade. No meu Face (book) hoje você vê os livros que eu tenho em casa. Não posso dizer que eu li todos, mas está lá para hora que eu posso, pra eu ler. Deve ter uns 30, 40 livros, seja dos Estados Unidos, seja da Argentina, seja daqui... da Armênia que eu consegui. Sempre que dá, eu leio um pouquinho. Mas eu acho que perdi vinte e dois anos de Armênia e tento recuperar o máximo possível esse atraso. A língua é o mais difícil, o resto dá para recuperar tudo. A língua eu sinto essa dificuldade. (TCHOBNIAN, 2014).

A solidão foi o motor para o “retorno à armenidade”:

Praticamente 99% dos meus amigos são de origem armênia. Eles estão em São Paulo, Osasco, na internet. Também tenho alguns amigos em Ierevan, Armênia. Às vezes eles me ligam. É muito interessante que os da Armênia lembram a data do meu aniversário, ligam todo aniversário. Esses da Armênia eu tenho contato há uns quatro anos e nós nos tratamos por primos, nos sentimos parentes. Com os amigos de São Paulo eu comecei a me relacionar de uns seis anos para cá. Porque foi assim... Eu fui casada e meu marido não era armênio, então eu perdi o contato... E depois que me divorciei, eu vi uma necessidade de procurar a minha família... Aí, já tinha perdido o meu pai, as minhas tias, mas... Aí que eu percebi que faltava isso pra mim. Talvez para me manter em pé. Voltar à armenidade. Voltar ao que eu sou, e eu não sabia, porque eu casei muito nova, ele me proibia de frequentar a família, a busca pela minha identidade. Então, eu não sei dizer, assim, dentro de mim dizia “procura a tua família, se una”, sabe? Eu acho que foi a solidão. Hoje eu frequento o Clube Armênio. Eu comecei ir à igreja apostólica armênia, às missas todos os domingos. Isso tem me feito muito bem. Quando eu era criança, eu ia às missas com a minha tia, irmã do meu pai. Ia com o meu pai. Fui com o meu pai algumas vezes. Então foi automático. E também... ainda no final do meu casamento, eu quis estudar armênio... Esqueci esse ponto principal, e que eu não sabia falar... Eu queria aprender a ler e a escrever. E como eu já não tinha pai, as minhas tias... A minha tia, ela já tem certa idade, ainda, ela é surda, então fica difícil. E fui fazer os cursos de extensão na USP. E o meu primeiro curso foi “alfabetização” com a Sandra

Palomo. E foi daí que ressurgiu, que eu percebi essa coisa armênia dentro de mim. (BARSUMIAN, 2015).

E a frequência em todas as associações, sem distinção das ramificações políticas e religiosas.

Frequento a Igreja Apostólica, mas não sou assíduo. Aos clubes quando há algum evento, SAMA Clube Armênio e também a UGAB. Pra mim é super-tranquilo. Um casamento, ou batismo. Assim. Festa junina, eu vou à Igreja Católica Armênia. Na igreja evangélica eu fui a um evento que era com Aharon (Sapsezian); ele estava aqui no Brasil e ele foi dar uma palestra, autografou o livro. É questão de ter alguma coisa. Para ir apenas para o culto religioso é um pouco mais difícil de fato, mas quando eu vou eu acabo indo na Apostólica por questão de gosto talvez. Eu fui batizado lá, eu gosto e me identifico com o cerimonial, com aquela igreja. Meus pais também não eram assim fervorosos com religião, não assíduos na igreja. A minha mãe era, por conta da minha avó também ser árabe, a minha avó era árabe cristã católica, não católica armênia, mas minha mãe frequentava mais a igreja católica armênia do que a apostólica, então eu também. Então assim, eu, pelo menos, não diferencio mais essa de: “ah, porque eu sou dessa e não vou à outra, eu vou me fechar no meu modelo, na minha forma, e eu sou esse armênio deformado que não pode sair.” Não, eu vou, eu tenho essa flexibilidade. (SARKISSIAN, 2014).

A entrevistada nascida na Síria abordou detalhadamente a participação na União Geral Armênia de Beneficência (UGAB) desde a infância na cidade de Aleppo. Os relatos de sua história pessoal estão interligados com a da instituição e a própria história da diáspora armênia de modo que coube abordar na entrevista os conflitos na Síria e desdobramentos atuais em relação à situação do grupo de armênios existente naquele país. Dada a relevância das falas enquanto exemplo longo de participação na coletividade para além das fronteiras, bem como atualidade revisitada do tema refúgios e refugiados abordados, os blocos com relatos mais longos seguem reproduzidos.

Como meus pais já eram da comunidade ugabiana, a escola que eu frequentei lá era da UGAB, a escola que até o início das confusões políticas, começaram a guerra da Síria, era uma das duas escolas mais fortes da comunidade armênia, com uma média de 1.300 alunos, mesmo na época que eu estudei. É uma escola com dez anos de existência, na época, se eu não me engano. Eu me lembro que era perto de casa, então nós frequentávamos. Assim, praticamente, o meu mundo era a UGAB, desde pequena. Tinha tanto a parte cultural, quanto a parte de jovens, o clube esportivo... Enfim, era nosso mundo. E é interessante porque quando nós viemos para cá, com a família, meu pai veio já sabendo que estava havendo uma comunidade longínqua, porque, na época, sim, os armênios, a maioria costumava ir, talvez, para o Líbano, Beirute, que era perto e tinha outra comunidade muito grande de armênios. E várias cidades nos Estados Unidos, Los Angeles, na Califórnia, aonde já havia filiais de UGAB já, e no Brasil não existia. Então quando o meu pai veio para cá, em São Paulo, uma das preocupações maiores dele era a fundação de uma UGAB. Tanto é que nós viemos em 1963, e posso dizer que ele foi um dos mentores principais, senão o mentor. Esse ano a UGAB está comemorando cinquenta anos. Foi fundada em 1964, em São Paulo. Ele com outros amigos que aqui ele conheceu, conseguiram fazer, porque a UGAB como é uma

organização armênia mundial, estava se sentindo falta aqui de ter essa filial. Essa comunidade com centro de atuações voltado para a cultura, para interesses mais educativos. Se o foco é cultura e educação? Sim. Sempre foi. Na realidade, o foco, no decorrer dos anos, ele foi se adaptando às necessidades de cada colônia. (APOVIAN, 2014).

A instituição UGAB:

A UGAB quando foi fundada em 1906, a UGAB mundial lá atrás, no Egito, o foco principal era a ajuda às crianças órfãs que tinham sofrido todas as dificuldades de uma perseguição de armênios, de uma guerra. Isso antes no genocídio maior, antes de 1915. Em 1906, no Egito. Então, era ajuda humanitária para órfãos, famílias que perderam os seus pais, ajuda humanitária mesmo, ajuda com escolas, com todo o tipo de auxílio. E isso durante os anos, e dependendo da filial que estava, dependendo da cidade onde os armênios estavam instalados, ele foi se adaptando às necessidades regionais, necessidades locais. Uma vez que, talvez, os armênios não precisassem mais... não eram famílias tão carentes, aquilo passou a ser uma ajuda educacional, ajuda mais cultural. A UGAB sempre manteve seus laços com a Armênia, apesar de a Armênia, depois de 1915, depois do genocídio, que a gente sabe, depois da instalação da Primeira República, a Armênia fez parte da União Soviética, a UGAB sempre manteve os seus laços com o país, com a Armênia mãe. E, depois, quando começou a se permitir esse ir e vir, eles sempre estiveram ao lado, e daí a nossa ligação maior com a Armênia, mesmo na época da União Soviética. Isso na década de 1950, 1960 e 1970. (APOVIAN, 2014).

UGAB é instituição partidária?

Na realidade, essa parte, o Hamgavar Azadagan foi sempre o braço político, e a UGAB foi fundada com fins não-políticos. O Hamgavar foi, é um partido político. Teve as suas opiniões, sempre fez parte, desde a fundação da Armênia, ele é um partido. E a UGAB não. Ela tem justamente no seu estatuto os seus interesses voltados não para a política e, sim, para simplesmente fazer o armênio conviver melhor no local que ele está, nas suas ligações culturais, nas suas ligações esportivas, na formação do ser humano armênio e nas suas ligações com o país. É mais amplo. Independente. Ele fez questão de se manter neutro. Apesar de que muitos lugares, o pessoal não acredite muito nisso, porque sempre teve aquela dualidade, Tashnagtsutiun e Hamgavar. Então, uma vez que você não partidário, automaticamente, acham que é o outro, mas, pelo menos, na minha casa sempre teve essa independência, meus pais sempre criaram a gente, primeiro armênio, depois a sua opção política. (APOVIAN, 2014).

Filiais da UGAB

Até uns anos atrás eram mais de 90 filiais. O site mundial “AGBU”, a filial, de uns anos para cá, ela está nos Estados Unidos onde fica o presidente, mas hoje temos uma filial bem grande, aliás está em construção uma sede nova na Armênia, em Ierevan. A atuação, agora, tem na Armênia o seu foco maior. Pauta comum do trabalho das UGABs no mundo? Sempre... a UGAB é uma só. Tem a presidência nos Estados Unidos, e tem todas as suas diretorias em todos os locais. É claro que pode haver divergência. Não pode dizer que todo lugar tem uniformidade total, mas são coisas pontuais. Mas, assim, a ideologia, a ideia, tudo uma coisa só. (APOVIAN, 2014).

Ajuda humanitária: armênios.

Eu acho que a gente tenta levar junto. É claro que o foco maior, hoje em dia, a preocupação maior é no bem-estar, na estabilidade do armênio na sua terra, na Armênia. Se antes, muitos anos atrás, como eu te falei, no início, a ideia era a sobrevivência do armênio, logo após o genocídio, dessas famílias mais carentes, dessas famílias enlutadas, se era a estabilidade deles como ser humano, como manutenção da família armênia, fora da Armênia, isso foi se adaptando com os tempos. Digamos que nas décadas de 1950 e 1960, o foco foi manter a cultura viva. E hoje se pode falar que ela tem o interesse de manter as diásporas todas ligadas, mas o principal é o foco do armênio na Armênia. Nas escolas... Veja, são dois paralelos que eles tentam manter. Então, essa ligação com a Armênia é o principal para nós. Levar o pessoal para lá. Tanto é que a UGAB se preocupou na manutenção da cultura viva. (APOVIAN, 2014).

Curso de armênio pela internet.

Tem o projeto AVC, que é o ensino do Armênio à distância que é uma iniciativa da UGAB, e é um curso de armênio totalmente pelos meios eletrônicos, e você tem isso em várias línguas. É um curso que foi feito, produzido, elaborado em Los Angeles, e muitos, muitos armênios ao redor do mundo, e não-armênios também, usam essa ferramenta para se atualizar. Tanto culturalmente quanto na língua. No ano passado, o mentor e criador, o senhor Yervant Zorian. Não é do instituto Zoryan, não. Ele é um dos diretores da UGAB central. Ele veio aqui no Brasil. De tempos em tempos ele vem nas filiais, ele visita, e faz atualização, fez uma palestra na UGAB. E assim as novidades que eles colocaram é uma coisa superinteressante, junto com o Google... Você entra vê a página, já conhece os monumentos. Enfim, tem o foco voltado não só no ensino da língua quanto o ensino de cultura. Você pode escolher o curso. São dados em módulos... Enfim, é uma coisa muito, muito interessante. Muito bem estruturado. Ele até ganhou prêmio de um dos cursos de ensino à distância, um prêmio internacional como um curso muito bem elaborado e didaticamente muito bem feito. (APOVIAN, 2014).

A situação na Síria a partir de 2011:

É muito complicado, porque lá teve uma ruptura geral da ordem política do país. A guerra é uma coisa que corta as ligações humanas de qualquer jeito. Então, no início da guerra, por um bom tempo, a central da UGAB lá, se manteve cuidando das famílias dos alunos, das famílias dos seus associados, inclusive arrecadando junto às suas outras filiais no mundo inteiro. Foram feitas muitas doações de todas as filiais, inclusive do Brasil e outros, para tentar ajudar a permanência desses armênios em volta da escola. Então, você via que o pessoal fazia questão de manter ainda os cursos, apesar de muitas famílias saírem de lá. Então, você vê que juntavam as classes maiores e menores, e faziam até as festas do fim de ano e tal. Pra falar a verdade, esse ano que é o mais difícil... Até junho eu vi que eles fizeram isso. Ajudas com distribuições cestas básicas, de cestas para as famílias. Circulavam no Youtube, pela internet, você via filminhos onde eles mostravam como eles faziam isso. Tem grupos de escoteiros... sempre eles tiveram. A UGAB teve grupo de escoteiro, na época o meu irmão era lutador-sócio. Então, você vê que se ajudavam. O pessoal com aquelas peruas escrito "UGAB" iam de família em família e distribuía. Agora, depois de julho, que é a época de fim de ano, não sei mais como está sendo. Está sendo muito difícil a situação. Mesmo porque as próprias igrejas hoje foram saqueadas. Muitas, fora de Alepo, nas periferias. Agora na central mesmo. Eu realmente não sei. Eu sei que a situação é muito difícil. (APOVIAN, 2014).

Sírios-armênios e refúgios:

Então, exatamente, tem da comunidade toda, em si. Mas exatamente da UGAB só para eles... eu acho que a coisa se rompeu tanto que até as lideranças... como a diretoria da UGAB, um está aqui, o outro está lá. Não sei como foi feito isso. Sei que até um tempo atrás a diretora principal da escola ainda se encontrava em Alepo... mas é uma situação que é cada um por si. Mas a escola existe, o prédio existe. Até julho (2014), eles estavam ainda na formação. Olha, o que eles podem estar fazendo... festinha de fim de ano e esse tipo de coisa a gente andou vendo muito. Mas é uma situação extrema, de guerra total. O mais triste é que não sabe até onde vai. O Líbano, que é muito próximo disso, ainda tem toda a sua organização intacta. (APOVIAN, 2014).

A UGAB e a diáspora:

Isso também foi se adaptando conforme o tempo. Teve uma época que a França era a maior... O berço. A Europa, basicamente a França, no início. Depois passou a ser os Estados Unidos. Teve uma época que vieram muito para a América do Sul, a Argentina, isso no início do século passado até os anos 1920, 1930, 1940. Mas, basicamente, 1930. Mas eu acho que a partir de então, os Estados Unidos passou a ser o destino prioritário. Muitos de várias cidades nos Estados Unidos, primeiro na costa leste, em Boston, em Nova Iorque, e depois passou a ser a Califórnia. Isso também desde a época do Fresno, aquela comunidade do (escritor Willian) Saroyan. Agora a França, historicamente, recebeu muitos. Hoje em dia, pode-se falar que estão indo também, isso da Armênia, né. Está indo para muitos outros países, Alemanha. Suécia tem sido um país que tem recebido muitos armênios. Sabemos que tem uma comunidade bem grande lá. (APOVIAN, 2014).

Destino dos sírios-armênios hoje:

Além da Turquia, acho que muitos também vão para os países árabes. Arábia Saudita, Dubai. Já tinham comunidades armênias, os armênios sempre foram trabalhar muito nessas regiões, na área de poços, na área de construções, hotelaria e agora mais ainda. Sabemos da fixação de muitos armênios pela própria facilidade que eles já dominam o árabe e são muito bons em inglês. Então, nesses países tem uma fixação muito grande de armênios.

Na Armênia também. Eu não citei porque é o destino maior. Muitos foram, mas não ficaram por causa das dificuldades políticas e econômicas da própria Armênia. A Armênia, sabemos todos nós, que é um país em construção depois da sua independência, ela ainda não encontrou a sua estabilidade econômica. Se os próprios armênios, da Armênia, já têm dificuldade de trabalho, mais ainda os armênios vindos de fora, em situação de guerra e fugitivos, com todas as opções de se estabelecer em um lugar próspero. E toda a comunidade mundial está trabalhando para isso. Para segurar não só o próprio armênio da Armênia, quanto o armênio que veio de uma guerra para se estabelecer lá. Mas sabemos de exemplos muito felizes. Do pessoal que vem com a garra toda e tem se estabelecido na área de restaurantes... enfim... Todas as pessoas que conhecem, falam que tem experiências boas. Construção civil, mas, enfim, é uma dificuldade que todos têm que encarar e... É real. E tem essa diferença toda e... Aliás o que está se fazendo muito... Fiquei sabendo agora que, porque tem essa diferença do armênio ocidental e do armênio oriental na língua. E essas crianças todas que saíram fugidas, digamos assim, da guerra, estão chegando na Armênia e fora qualquer outra dificuldade tem essa dificuldade da língua. E, agora, a própria UGAB está ajudando na fixação de escolas com o ensino do armênio ocidental dentro da Armênia.

Na Síria se fala árabe, porque é língua oficial. Principalmente. É a língua do país. Então são bilíngues. Na minha época, no ensino, o armênio era mais forte do que o árabe. Isso até as classes menores, digamos. Até um primeiro grau. E agora é o contrário. O árabe é muito mais forte. Logicamente como qualquer outro país... Como uma escola, por exemplo, aqui no Brasil, o ensino principal é em português e o armênio vem a ser uma língua a mais. (APOVIAN, 2014).

A fala intimista de outra entrevistada sobre Aleppo complementa o sentimento em relação à destruição provocada pelo Estado Islâmico na Síria:

Quando eu fui para a Armênia, fui também para o Líbano. Conheci a única prima que mora lá, todos saíram, a maioria para o Canadá. Beirute é próxima a Aleppo e naquela época não existia o atual conflito. Eu pedi a ela ia falar para irmos de carro para Aleppo. Eu queria ver as ruas que a minha mãe descrevia e talvez até encontrar a casa dela, que é também a casa dos avós dela. E ela me disse "ah, não... Não vamos porque é um lugar muito pobre, muito miserável". Eu deveria ter insistido ou ter ido sozinha. Arrasaram Aleppo. A diáspora é assim, têm armênios com toda sorte de pensamento sobre sua própria cultura. E esses armênios espalhados pelo mundo árabe? Eles são mais uma vez vítimas do genocídio, o genocídio cristão. Uma continuação do genocídio, pois, não há motivo para destruir igrejas armênias seculares, o monumento Deirez-Zor, que não seja o fanatismo do Estado Islâmico. O que isso contribui para essa causa deles? Nada! Zero! É só uma oportunidade, de mais uma vez, varrer os armênios. Agora eles estão varrendo o cristianismo no Oriente Médio e, de quebra, "vamos varrer os armênios daqui também". Como agora, na época do centenário, alguns turcos saíram com faixas dizendo "Que pena que não liquidamos todos. Ainda restam armênios". (KILIKIAN, 2015).

UGAB de São Paulo e contatos com as filiais da Argentina e EUA:

Então, assim, são duas coisas em paralelo, separadas. Como diretoria, ele tem um contato muito grande com a sede que é nos Estados Unidos, mas no seu dia a dia, inclusive para os jovens, inclusive para essa manutenção, hábitos, nós temos um contato grande com a Argentina. Argentina, Uruguai e Córdoba que são as filiais da América do Sul. Isso por meio das condições políticas do Brasil, desde que se estabeleceu em 1964, a constituição dos jovens na década de 1970, alguns anos depois da UGAB, e desde que se constituiu o grupo de jovens que na época se chamava "Armenik", que foi o grupo de jovens do Brasil. E na Argentina e no Uruguai, eles têm o nome de "Liga de Jóvenes". Uma vez por ano era feito as Olimpíadas Sul-Americanas, e isso fez com que os jovens se integrassem bastante. Eram quatro anos seguidos. Um ano em Buenos Aires, Montevideu, São Paulo e Córdoba. Por muitos anos se manteve bem firme. Ainda, até hoje, isso acontece. Apesar de que no ano passado, como agora com a globalização, o mundo está mais próximo, foram feitos jogos mundiais em Los Angeles. Então, todos os jovens daqui, da Argentina... Mas isso tudo muda muito conforme a economia do país, conforme as situações. Mas essa integração entre filiais existe, bem próxima. Muitos jovens se conheceram, mantiveram as amizades, os hábitos são mais próximos apesar da língua não ser a mesma. Sempre foram feitas olimpíadas de futebol, basquete, vôlei, principalmente, feminino e masculino. Isso acontecia durante uma semana. Então sempre houve uma confraternização muito grande. A tônica é o esporte, que une. É claro que com o tempo, você vê que a culinária é igual, os livros de receitas as pessoas trocam. As famílias acabaram um casando lá e outro aqui. Existe essa integração entre as filiais. Se há uma pauta distinta para a América Latina que possa envolver questões sociais ou sociais e políticas? Eu não acredito, não. Eu acho que não. Inclusive nós sempre, fora o

fato da UGAB no Brasil ter se estabelecido depois dos outros, e a Argentina é muito mais antiga, ela, por um bom tempo, era a filial-mãe, digamos. Então, do Brasil se espelhava muito nos outros. Por exemplo, uma coisa que acontecia muito, quando as comunicações não eram tão fortes quanto agora, quando acontecia de vir algum cantor ou da Armênia, ou da França, geralmente, o pessoal aproveitava e faziam turnês na América Latina. Então, quando vinha pra Argentina, geralmente, eram tomadas as decisões pelo pessoal da Argentina onde a comunidade é maior, a comunidade é bem maior..., eles tomavam a decisão de trazer tal cantor, em tal data, e São Paulo tentava se adaptar com as mesmas datas e tal, e fazer um show aqui, outros na Argentina, no Uruguai... enfim... O que ligava também era isso. As mesmas épocas de turnês culturais... ou mesmo quando vinha algum político, alguma autoridade, sempre faziam essas turnês na mesma época. Agora diferente do resto das filiais, eu não acredito. Eu acho que o que tem mais em comum é língua, a proximidade. Não acredito, acho que o armênio é o mesmo em todas as instâncias do mundo. O que muda é a situação política na época, se o país está mais em abertura, enfim, se a economia vai melhor... como o Brasil se manteve mais ou menos igual a Argentina, eu acho que não.

Informativo impresso? Já teve, hoje em dia, são todos por meios eletrônicos. Mais páginas do Facebook, onde o pessoal anuncia venda de convite, turnês, shows, cantores... Agora mesmo nós vamos ter uma festa de comemoração dos 50 anos que vai ser agora domingo, e isso antigamente era muito boca a boca, feito pelas senhoras da comunidade, senhoras da entidade, que eram vendidas pessoa a pessoa. Hoje em dia, é muito boca a boca e pelos meios da internet. (APOVIAN, 2014).

Um outro entrevistado distingue de forma sucinta as atuações da UGAB e do Partido Fra-Tashnagtsutiun:

A UGAB é a instituição que teve a maior efetividade em relação à Armênia. Eles sobreviveram para ajudar a Armênia. Nós sobrevivemos para não deixar a causa morrer. (TAMDJIAN, 2014).

E os acontecimentos dentro das instituições:

Foi muito triste o que aconteceu no Uruguai, as instituições tomaram na cabeça. Tanto lá a UGAB e o nosso partido sofreu lapidadas dos próprios dirigentes Então vamos fazer isso. Vamos nos juntar porque, já levaram de nós dois mesmos... é assim que tem que ser, nós temos que nos unir. É uma mágoa muito grande dos caras da UGAB, que eles chamam a gente de... Eles são o poder... Tem uma questão ali de dicotomia rural urbana, das terras de origem. É. A UGAB negociava a vida na cidade. A origem está aí. A UGAB talvez já tenha sido mais importante do que o governo. Hoje não. (TAMDJIAN, 2014).

O Partido FRA- Tashnagtsutiun liderou a primeira breve República da Armênia no início do século XX, mencionada no capítulo 1 deste trabalho. Após a tomada de poder pelos russos se tornou um dos principais partidos da diáspora. Nos trechos abaixo o entrevistado discorre sobre o tempo de existência do partido, sua relação com a grande diáspora, e desdobramentos.

Os armênios se negam a fazer uma leitura da armenidade. Assim as instituições são muito frágeis. Faço parte de um partido político faz 124 anos, que com sorte tem se modernizado na

medida do possível. Nossas instituições são instituições decadentes. Nós não acompanhamos o mundo. Na hora que o mundo percebeu as ONGS. Nós não, nós não somos homens de ONGS com apelos mais diretos. Nós mantivemos as mesmas estruturas de sempre. Tem uma história muito linda, e que vai se apagar, a diáspora vai se apagar em 30 anos. Entre 30 e 40 anos. O armênio ocidental desaparece ou permanece. As instituições armênias se desvinculam das administrações. Muitas igrejas fecham, o patrimônio vai ser vendido e vai ser enviado para a Armênia. Eu penso isso hoje. Amanhã, em São Paulo, eu posso te ligar e dizer: mudou tudo, novos fatos. Mas eu torço por isso. As condições dadas hoje... (TAMDJIAN, 2014).

Se o FRA é o partido das comunidades formadas a partir da grande diáspora? Ainda é. A política mergulha muito. Os poucos que ficaram são muito aderidos, mais muito, não esmorecem. Você chama... que tem uma reunião às três da manhã e ele está pronto. A maioria, né? Tem uma minoria que não é mais assim, mas a maioria... Quando começou a diáspora... “nos vamos criar uma Pátria na diáspora” diz uma instituição que entrou em baixo do partido para criar a Pátria assistencial. Três professores de educação física de Istambul formaram a parte esportiva... então, tudo isso está sob a bandeira do partido, a Federação Revolucionária Armênia. Se você quiser contar o que somos nós em números, se você fala dos afiliados no mundo todo. Eu citaria entre 30 e 40 mil filiados. Porém, se somar as grandes famílias que nós criamos. Que os dirigentes antigos criaram... representa... eu diria que um milhão são de... Nem tudo é do partido. É simpatizante, mas não entra no partido. Os dirigentes são o mesmo, nem todos são do partido, mas são simpatizantes. E a mesma coisa com todos. Quantos de 30 a 40 anos? Dez mil. (TAMDJIAN, 2014).

O FRA na América:

E na América eles são muito fortes. Eles são muito espertos na América. Em outro sentido eles modernizam muitas instituições e, por ser uma comunidade grande, tem um fundo muito forte de dinheiro: dois canais de TV, um jornal que aparece, um diário de trinta páginas em armênio. Pela internet... O partido hoje, pelo outro dado que a gente falou, ele tem 20 colégios no mundo todo... Na Armênia não temos os colégios, é proibido. Na Argentina tem um colégio grande que é o premiado. Fica fora de Buenos Aires, a uns 40 minutos. Lá é onde tem uma grande comunidade. Hoje o colégio é meio a meio. Metade da população argentina, metade da população armênia. Por quê? Porque nós prestamos um serviço para o país que nos recebeu. E muito bonita essa história... muito bonita. É tão rico esse bairro do Bernal, lá tem uma União da Juventude Armênia. Uma das filiais lá. 20-30 jovens do partido que se organizam, e o amigo deles que não é armênio sempre interagiu nas lutas. Há uns anos atrás nós tivemos uma surpresa, que esse amigo pediu participar na associação sem ser armênio. (TAMDJIAN, 2014).

4.2 Memória ancestral do genocídio

Ao serem indagados sobre a existência de relatos de ancestrais envolvendo fatos do genocídio, dos doze participantes, dois não responderam e indicaram obras alusivas de própria autoria ou de autoria de parente, quatro apontaram situações relativas às consequências e seis apresentaram depoimentos, cujos extratos de memória indireta seguem reproduzidos a seguir.

Houve mais de uma menção ao longo período silêncio: bisavós e avós não costumavam falar em casa sobre o genocídio. Uma delas segue reproduzida:

El principio general de contar, en los armenios, no va. No se aplica. Porque, en general, evitan hablar, o por lo menos, evitaron los abuelos, aquellos que eran protagonistas directos de la masacre... El silencio para no transmitir esa pena profunda, no transmitir esa memoria de desastre a las generaciones futuras. Como decir "tapamos esto y que empiece a crecer un nuevo árbol, sin que esté contaminado por un pasado oscuro, tremendo". (MALKASSIAN, 2015).

Um relato da luta do bisavô para defender a cidade de Aintab dos turcos:

Mi bisabuelo, el abuelo de mi mamá, estuvo en la defensa para defender la ciudad de Aintab en el momento que estaban llegando los turcos. Y él participaba del grupo de guerrilleros que defendían. Y esto me lo contó, también, la hermana de mi abuela que vive acá. Y me decía que de chiquitos, se acordaba ella, que es más grande que mi abuela, que se acuerda como le papá le pedía que le llevara agua, que le llevara la comida y que fuera de la casa hasta dónde estaban ellos, que ellos estaban siempre en trincheras, o en lugar más al frente y la casa quedaba más atrás. Y como la madre y le papá le pedía estos favores. Ella se acuerda de eso. Ella me contó. Más de una vez. (SAMANDJAN, 2013).

Os próximos relatos são sobre famílias que foram assassinadas, deportações e doenças.

Igreja Incendiada:

O meu pai enquanto vivo contava e a minha mãe também me conta essa história(...)meu primo, de Osasco, eles sempre falaram pra mim, desde criança, que os meus bisavós morreram queimados na igreja, no genocídio. E o meu avô tinha uma família e morreram todos. Ele era bem jovem. E ele só não foi para a igreja, porque ele foi jogar gamão. Só sobrou ele. E ele conheceu a minha avó fugindo... acho que só essa minha tia e esse meu primo tem essas informações, documentos... Por onde eles passaram fugindo... Eu sei que eles se conheceram na fuga, e (...) ficaram juntos. (BARSUMIAN, 2015).

Perda de 29 familiares e recomeço:

Mi abuelo materno era el único importador de café de Brasil para todo los Balcanes, y tenía una gran fortuna. Y en 1915, este hombre, que estaba casado y tenía toda su familia en, digamos, territorios históricamente armenios, en Turquía, en Yozgat, se entera que... Bueno, pasó lo que pasó, las matanzas, y que a toda su familia, veinte y nueve personas, padre, madre, tíos, mujeres, hijos los habían... les habían cortado la cabeza, pesadamente, esa era la situación, y él se salva porque estaba en Macedonia, Serbia, qué sé yo, por sus negocios de café. Y se queda sólo en el mundo, con una fortuna importante, pero solo, con toda su familia liquidada, arrasada... nada, no le quedó nada, salvo dinero, que lo tenía por no estar ahí. Bueno, y él también empieza del cero. Y empieza de cero cuando conoce a mi abuela materna que tuvo que huir con su hermana de Smyrna, cuando los turcos pusieron fuego a la ciudad y mataron cuanto armenio, griego, en fin, cristianos en general, que pudieron. Básicamente armenios, sobretudo, y griegos. Y esto se pasa a 1922 y 23 (...) el hombre estaba casado, tenía toda una familia, hijos, padres, tíos, abuelos... veinte y nueve personas han liquidado.(...) Y después formó otra familia con mi abuela. (MALKASSIAN, 2015).

Caravanas da morte:

Yo tenía quince años (...) tuve yo que pedirle a mi abuelo paterno que me cuente que pasó. Y menos mal que lo hice (...) mi abuelo como mi abuela, formaban parte de las llamadas "Caravanas de la Muerte". Mi abuela con mi papa de 1 mes, 2 meses, un bebe, que, para decir la verdad, tampoco era su bebe. Era el bebe de su hermana. La hermana es salvajemente matada, y ella puede salvar el bebe, y lo lleva como se fuera su propio hijo. Y así lo trataron toda la vida. (...) en estas caravanas... caminaban y caminaban en un punto a la noche paraban, ponían como unas carpas... Estos eran, dirigían los turcos y quién eran soldados simples eran kurdos, en general. Más kurdos, pero los que dirigían, los que van a caballo, eran los oficiales turcos. Y los kurdos eran soldados que maltrataban la gente... Acampaban y a la mañana, mi abuelo tenía como función o trabajo con un palo, me decía, levantaba una parte de esa carpa miserable que ponían (...) para ver si dentro había gente viva o estaban muertos. Esto pasaba de una noche a la mañana siguiente. Ese era su función. Si había un muerto tenía que sacar, no sé, tirarlo del camino. Si había tiempo, enterarlos. En fin... Él y otro, claro, tenían... Pero un grupo tenía esa misión. Mirar quién estaba vivo al día siguiente. Y él había guardado dos monedas de oro. Con una moneda de oro, se la da a un guardia kurdo, y el guardia cierra los ojos y lo deja escaparse con mi abuela y el bebe en brazos. Bueno, se escapan. Llegan en un lugar donde, con la otra moneda, compra un caballo y un carro. Pone a mi abuela arriba con el bebe en brazos, y se sube al carro, y el caballo no va, no camina. Se baja, le tira las riendas y el caballo camina. Sube, no camina. Se baja, le tira las de riendas y camina. Le habían vendido un caballo ciego. Se pasó cuatro días corriendo en el desierto tirando del caballo para que camine. Conto hoy que tuvieron suerte porque se salvaron. Y así llegaron a un punto donde después pudieron embarcarse dar toda la vuelta al Mar Negro, me dijo que había dado por tierra, aparentemente, una distancia grande. Y, finalmente, llegan y se instalan en Grecia. Bueno, y ahí, se quedan para empezar una nueva vida. Mi padre era muy chico. Tendría, cuando llegaron, año y medio, dos años, una cosa así, pues no llegaron en seguida. Y empezaron una nueva vida de cero. Bueno, y fue bien. Así se salvaron definitivamente. (MALKASSIAN, 2015).

Deportações no deserto e malária:

Minha mãe (...) ficou órfã de pai e mãe. Ela era a mais velha de cinco irmãos. Com treze anos ela viu matarem o pai na casa dela. E a mãe com cinco filhos, o mais novo de colo, saíram para andar pelo deserto, como se fazia quando esvaziavam as cidades. Ela viu a mãe e o irmãozinho de colo ainda, caindo no rio, se jogando. Ela se perdeu dos outros irmãos. Mais tarde, depois de um ano (...) eram só os dois irmãos. Eles se encontraram... Ela contava... ela (...) pegou malária e caiu também no deserto e, depois, à noite, passavam e recolhiam os mortos e os doentes. Levaram-na para um centro (...) é até em turco essa palavra. É um depósito onde jogavam as pessoas doentes (...) ela foi levada para lá, e parece que passou uma família, de um médico da cidade, que era amigo do pai, reconheceu e deu carona, e adotou como se fosse a filha dele. (...) passou pela segurança toda, e levou ela para Alepo. (APOVIAN, 2014).

O genocídio, refúgios, retornos, atrocidades e sobrevivência ao prolongado genocídio (1915-1923). Tratados Internacionais firmados no decorrer sentenciaram o amargo destino dos armênios: Lausanne, se cumprido, apontava devolução de terras do Império Otomano aos armênios; Sevres, posterior, não reconheceu a devolução territorial e integrou o espaço à recém-criada Turquia.

Meu pai (...) teve a felicidade de não perder os pais. Mas ele vivenciou... A cidade de Marash passou duas vezes pelo genocídio. Em 1915, a primeira vez, na época, o meu pai tinha dois anos, era o mais jovem da família, eram oito ou nove irmãos. A família toda saiu de Marash e foi até Aleppo. Foi a primeira retirada deles. Logo após, quando a Turquia perdeu a guerra, junto com o Eixo... falaram para voltar para as suas terras, para ocuparem as suas casas, e que os armênios todos poderiam voltar são e salvos para a sua terra natal. E eles fizeram esse mesmo caminho, voltaram. Após dois anos, em 1921, início de 21, teve a segunda matança, digamos, quando os franceses estavam em Marash, os europeus se retiraram todos, o exército francês, e os turcos atacaram os armênios, tiveram a oportunidade de aí atacarem, mais uma vez a minha família do meu pai teve sorte que ele já maior, com sete anos, ele saiu fugido e conseguiram alcançar... voltaram de novo pra Aleppo. Talvez os armênios todos de Marash tiveram essa, alguns tiveram essa sorte de... algumas famílias que saíram inteiras. Meu sogro já não teve isso, perdeu os pais e a família toda na guerra. Nessa época em Marash. Mas, então, o meu pai conseguiu vir, ele contava mais dessa época. A primeira saída dele, ele não lembrava, mas essa com sete anos ele contava para nós. Aliás, não falava muito, ele sempre falava com alguma lágrima no olhar. Ele chorava e a gente chorava junto, lógico, porque tinha marcado muito ele... Enfim... tinha situações que ele contava que eles saíram escondidos dentro de um cesto de mantimentos. Minha avó sentada em um burro e os dois filhos menores em um cesto que levava os alimentos, e os irmãos mais velhos iam andando com o meu avô, depois passaram por um automóvel de algum conhecido, que deu espaço para eles, e aí chegaram... enfim... eram muito tristes as lembranças dele. (APOVIAN, 2014).

Deportações, fome e sobrevivência:

Na minha família pouco se falava a respeito de genocídio. Apenas sabia que, os armênios foram mortos pelos turcos, e porque em maioria, os armênios eram cristãos e os turcos não eram cristãos. Então assim, de um modo mais simplificado possível. É um pouco difícil de falar, porque eu não conheci meu bisavô paterno. Meu avô disse que o pai dele era uma pessoa muito fechada nesse aspecto, não comentava essas questões. Ele não falava, talvez fosse um trauma, ou porque não via importância. Creio que é muito mais provável um trauma, e não querer passar aquilo para o filho, para criança. Não querer falar dessas coisas porque já estava em outro país, já tinha constituído uma família, quer dizer talvez seja isso, sinceramente eu não sei. A mãe dele também não falava nada a respeito disso. A única passagem, pelo menos que eu tenho, que o meu avô já falou para mim, é que o pai dele um dia comentou que em meio da deportação, eles estavam andando marchando com todas aquelas pessoas, estava muito frio e eles pararam para dormir. Um amigo dele uma pessoa que estava junto com a caravana, quando acordaram viram que esse rapaz havia morrido, talvez de frio. Então o pai do meu avô pegou um travesseiro e nesse travesseiro tinha pão, ele guardava pão ali dentro, então meu bisavô pegou esse pão pra comer. (SARKISSIAN, 2014).

Os próximos relatos focaram os fatos e sua relação direta com as consequências.

Separação de famílias:

Mi bisabuelo materno nació en Zeitun (...). Él vivió las matanzas muy de cerca al organizarse grupos de hombres para combatir en pueblos cercanos contra los saqueadores y asesinos genocidas. Ya casado y con un hijo, al volver a su casa después de unos días de resistencia se encuentra con la noticia de que su familia se había escapado a otro pueblo. Al cabo de unos meses de búsqueda, finalmente se entera que su esposa y su hijo no sobrevivieron, pero igualmente, con mucho pesar siguió buscándolos por varios meses. Luego, entendió que era inútil y con todo el dolor de su alma dejó de insistir. El tiempo pasó y las heridas lentamente

se sanaron. Le presentan a la que luego fue mi bisabuela proveniente de Sis. Ellos se casan y emigran a Grecia donde tienen seis hijos: incluso mi madre. Al cabo de muchos años, mi abuelo recibe una carta de su primo en su lecho de muerte, desde Siria. La misma explicaba que la familia que había dado por muerta estaba viva y en Siria. Para mi abuelo la noticia fue terrible. Su respuesta reza: "Hubiera preferido estar muerto antes de saber que ellos siguen vivos". Mi bisabuelo falleció con esa pena en el alma, y lo único que se me viene a la mente es pensar que no es el único que vivió una historia de este estilo. Sus hijos, nietos y bisnietos sabemos que en algún lugar del mundo hoy hay familiares que no conocemos. Una prueba más de las consecuencias del primer genocidio del siglo XX. (SARAFIAN, 2015)

Casualmente mi abuelo antes de... nos contó... que huir del genocidio era muy chico, separarse de sus hermanos, fue a parar a Sao Paulo, pero... por situaciones que no sé, no se quiso quedar ahí, no se sentía muy cómodo, vino a la Argentina y trabajó como zapatero con sus hermanos. La historia que siempre me conto mi mamá, es la de mi abuelo, el sufrimiento de separarse de sus hermanos y el mucho no hablaba de ese momento, lo quería borrar por decirlo de alguna manera, bueno, que se tuvieron que separar, que primero fue a Brasil, que después vino para acá. Mi abuelo materno trabajo desde muy chico porque era el más grande, tenía que mantener a la familia, mantener a sus, a sus, hermanas, sobre un poco como padre también, hasta que después llegan más familiares de él, a la Argentina. (DIAZ ARSLANIAN, 2013).

Orfandade:

Minha árvore genealógica é de difícil reconstituição porque dos meus quatro avós, três são órfãos e não conheceram nem o pai e nem a mãe, e se conheceram, foi por tempo mínimo. (TAMDJIAN, 2014).

Vida na nova comunidade, casamentos e a comida como forma de manter tradição:

En los clubes sociales se encontró con mi abuela y ahí se conocieron desde muy jóvenes y...bueno mi abuela también era muy chiquita cuando tuvo que venir para acá, así que no tenía mucha memoria de...digamos de las atrocidades del genocidio y lo que siempre me cuenta mi mamá, es, digamos que ellos vivían en Vicente López y compartieron la misma casa con sus primos, iban a jugar, a hablar en armenio, a armenizar a los vecinos que no eran armenios, reunirse para cocinar, para comer todos juntos, me contaba que los domingos era que siempre mi abuela tenía algo para cocinar, algo para servir. Eso que se mantenía la tradición y las costumbres por las comidas y por el hábito.(ARTINIAN, 2013).

4.2.1 Reflexos do genocídio

Os subitens abaixo relacionam os reflexos do genocídio às falas dos entrevistados quanto à reparação e busca de pauta comum para tal. São apresentadas também as impressões acerca da Turquia e Armênia, governos e povo, e sobre as comunidades armênias na América do Sul, além das respostas à pergunta “turco ofende?”, no sentido de ser confundido ou propositalmente evocado como tal.

4.2.2 Reparação

Especificamente sobre genocídio e reparação, reproduzimos algumas falas: “Meu bisavô lutou”, “genocídio: sentimento de impotência e incerteza” referindo-se a ele e outras coisas que ficam impunes, “dor”, “luta por direitos” e “negação da oportunidade de ter sido outra coisa, mesmo que esteja feliz (aqui) e agora”. “Devolva o Monte Ararat”, “reconhecimento para haver justiça e imparcialidade da mídia internacional”, “reconhecimento, com devolução de terras e bens pecuniários”. A palavra “perdão” apareceu nas falas de todos os entrevistados e, para a maioria, como atitude fundamental a ser tomada pelo governo turco atual para reconhecimento oficial do genocídio armênio.

Ao longo do bloco as formas vislumbradas indicando possíveis políticas de reparação tomam consistência nas falas dos entrevistados. Ao final, sob a ótica jurídica, um dos entrevistados aponta as vias para pleito de indenização nos âmbitos global e individual, dado ser o genocídio um crime imprescritível.

Sentimento de impotência e incerteza:

A mí, el genocidio lo que me causa una impotencia de saber que ocurrió esto, y que todavía no está reconocido. (...) lamentablemente, hay muchas cosas que quedan impunes, y eso todo me causa esta impotencia no sólo por este hecho, pero esto me parece que fue algo muy grande, que por eso también genera impotencia saber tanto años y todavía no se pude reconocer. Y también incertidumbre si algún momento se va a reconocer, no se va a reconocer. Qué pasa si la reconocen, también. Esas son las nuevas temáticas, digamos, que estamos planteando. (SAMANDJAN, 2013).

Desculpas, reparação econômica e territorial:

El reconocimiento es... Reconocimiento y pedir disculpas. No sé si tampoco, no sé si pueden pedir perdón ellos, como Estado podrían pedirle. Entonces, primero eso, reconocimiento y pedir disculpas, y después reparación económica, reparación territorial... Sí, me parece que serían eso. Económica y territorial, lo principal, sobre todo con lugares que son históricamente del pueblo armenio que pertenecen a la historia armenia, y que en este momento están en el territorio turco, y que a través del cierre de la frontera muchos armenios dejan de poder ver su historia, porque quedó del otro lado de la frontera. (SAMANDJAN, 2013).

Reparação, memória e reconhecimento: “Os armênios também fizeram parte da criação do que hoje em dia é a Turquia.”

Y además hablando de reparación cultural que se dejen de destruir monumentos históricos armenios que están en el territorio turco, que se acepte que mucho de los edificios que están, hoy en día, en Estambul son de arquitectos armenios, porque eso lo esconden, se cambian nombres... Entonces, que reconozcan esto también, que en su territorio hubo una población armenia y muy activa, y que empujó dentro de lo que, hoy en día, es Turquía.

Porque también fueron parte de la creación do que hoy en día es Turquía. Entonces reconocer eso también, creo que sería importante. Parece que hubo una ruptura del Imperio Turco-Otomano con varias nacionalidades, y esto hecho, esta cosa horrible que hubo durante una guerra, y después se camina a formar una Turquía con turcos de hoy, y no tiene pasado.(SAMANDJAN, 2013).

“Reparação cultural, histórica, material, moral. Muitos armênios que vivem na Turquia não se manifestam por temor à discriminação, ao ódio, ao assassinato.”

Me gusta más la idea de una reparación en términos morales culturales históricos. Habría que manejarse en esos tres niveles en primer lugar que la población que vivía dentro del imperio otomano, en este caso, los armenios que tenían sus antiguos reinos, en el este de lo que sería actualmente la república de Turquía tienen derecho a una reparación en primer lugar cultural, la preservación de sus monumentos, la preservación de esa cultura y la libertad total de poder practicar su religión, su lengua, su cultura, sin ser discriminados, sin ser molestados. Hasta el día de hoy hay muchísimos, y eso es uno de los temas de los tabú, más de lo que paso hace cien años y no tuvo repercusión, hay muchísimas personas que son armenias que están en Turquía lo saben y no lo quieren manifestar por temor a la discriminación, al odio, al asesinato, como pasó contra el periodista Hrant Dink. Entonces es un problema actual del gobierno de Turquía eso es un tema tabú. Entonces hay un primer nivel que es un nivel cultural, preservación de un patrimonio cultural, de toda la humanidad. (ARTINIAN, 2013).

“Que se estude o genocídio armênio nas escolas turcas.”

Y un nivel histórico, que se sepa que es lo que pasó que en las escuelas en Turquía se estudie cual fue el genocidio armenio, por qué se realizó, que políticas específicas el estado otomano perseguía al realizar esas matanzas, esas persecuciones, esa destrucción sistemática, que el pueblo turco sepa que no es cuestión de nacionalismo, no es que el pueblo armenio... con su reclamo lo que busca es mancillar o manchar el nombre de Turquía, sino justamente lo que busca es que el pueblo turco pueda abrazar a una cultura que pertenece y perteneció a ese territorio más allá de que hoy en ese territorio, diga, república de Turquía, sino que lo que justamente hay ahí históricamente son reinos, que existieron durante miles de años, culturas que van más allá de las tradiciones que hoy se tratan de imponer a esa población y que mucha de esa población hoy no sabe quién es, por más que se le quiera imponer una identidad específica entonces ...esta es una cuestión cultural, una cuestión histórica y creo también una cuestión material. (ARTINIAN, 2013).

“Reparação material não só aos descendentes do genocídio, também ao povo da Turquia”.

Yo creo que el estado turco debería reparar materialmente, no solamente a los descendientes del genocidio, sino a el pueblo de Turquía que sufrió eso, en particular los descendientes de armenios, o mitad armenios y a los habitantes de la república, por todas las consecuencias políticas históricas y legales de lo que fue ese genocidio, el estado turco tiene los medios materiales para realizarlo. Así como existe el precedente de que el pueblo judío, todo aquello que sufrió durante el holocausto hasta el día de hoy. Vos señalabas de placas de memoria, bueno que existan placas de memoria acá en esta parte de Estambul que antiguamente se le llamaba Constantinopla. Había un barrio armenio, había un cementerio armenio, había una iglesia armenia. (ARTINIAN, 2013).

“O roubo e espoliação de armênios financiaram sua própria morte.”

Bueno, poder... constituir dentro de esos lugares, no solamente de memorias sino lugares donde vos me habías dicho en off, había gente armenia que tenía miedo de viajar a Turquía bueno...que eso no exista más, que se le pueda garantizar a la gente visitar el lugar donde vivían sus abuelos, donde fueron expulsados, asesinados y sus bienes robados, por qué no existe una posibilidad de que exista además una reparación más allá de la cuestión del dinero, una reparación moral y ética por todo lo que trabajó esa gente y que de un día para el otro se lo ehh ...se lo robo el estado para financiar su propia muerte. Hay estudios hechos en Taner Arçam, historiador turco que investigó como el propio robo y exfoliación de armenios financio su propia muerte. (ARTINIAN, 2013).

“O Estado Turco pode, mas não quer reparar a injustiça.”

Entonces, específicamente el estado turco puede realizar acciones. Obviamente no las quiere realizar, acá ya entramos en una cuestión más compleja, geopolítica o el orden de la política real. Entonces es una cuestión muy compleja que puede tener una resolución como puede no tenerla, depende de la acción de todas las personas que estén interesadas en que esta injusticia en algún momento se termine y que esta injusticia pueda tener un final en una reparación del orden ético, del orden histórico y del orden cultural, no solamente para el pueblo armenio sino para toda la humanidad. (ARTINIAN, 2013).

“Reconhecimento e reparação do genocídio armênio como exemplo histórico aos povos; que celebre a vida e não seja um culto à injustiça, ao abuso de poder do Estado e seus pseudo-acadêmicos pagos que mentem e falsificam.”

Ese es un ejemplo para todo aquello que paso en el siglo XX, en el siglo XXI pueda tener una resolución pacífica, por medios legales, por medios culturales, para que los pueblos puedan tener un ejemplo histórico en el cual aquellos que sufrieron un genocidio durante el siglo XX en el siglo XXI, puedan tener un enaltecimiento, una reparación que celebre la vida y no sea un culto a la injusticia, al abuso, al poder que ampara miente y falsifica una historia que todos saben los propios que la falsifican, que en este caso es el estado turco y sus académicos o sus pseudo academicos pagos.(ARTINIAN, 2013).

“A negação do genocídio faz com que a sociedade turca sofra de amnésia.”

En realidad el genocidio es un fenómeno que hasta el día de hoy, hace que la propia sociedad turca sufra, sufra de amnesia, sufra de la falta de la cultura y el aporte de muchísimos habitantes de ese territorio que fueron perseguidos destruidos y que por su voluntad, por su subjetividad y por su fuerza porque la humanidad y... a pesar de todos los intentos de que se...le destruya por alguna razón sobrevive ...y creo que el ejemplo del pueblo armenio es eso, a parte de la narrativa universal, de la humanidad, en la cual se demuestra que ante el intento de destrucción por parte de otros seres humanos, esto hay que decirlo: no es que son seres monstruosos que bajaron de otro lugar, sino ante propios seres humanos, hay una parte de la humanidad que quiere sobrevivir, crear y reconstituirse... con lo que es la creatividad de la alegría, con lo que es la creatividad del conocimiento, con lo que es la creatividad de la verdad. (ARTINIAN, 2013).

A impunidade incomoda

¿Mi sentimiento respecto al genocidio? Digamos me da bronca la impunidad. Por otro lado trato de ser optimista y siento que hemos logrado bastante cosas, como el reconocimiento en bastantes países y siento que es una lucha que no está acabada, digamos, la satisfacción sería, que el estado Turco lo reconociera y que reparara las tierras por sobre todas las cosas, no sé si por sobre todas las cosas, creo que el lineamiento lógico es que lo reconozca que pidan perdón digamos, que se parezca un poco al proceder de, de del nazismo, digamos que ellos hasta el día de hoy siguen pidiendo disculpas. Bueno, con el consiguiente reconocimiento viene la reparación de las tierras. (DIAZ ARSLANIAN, 2013).

Outros conflitos atuais: disputa territorial do enclave de Nagorno- kharabah (Artsah) entre Armênia e Azerbaijão e o conflito na Síria.

No nos olvidemos de Artsah, que es esa tierra que esta relegada en Azerbaijan y eso nosotros lo tenemos bien en claro. Sabemos que en Artsah se vive una realidad muy distinta tan bien a lo que se vive en las demás pequeñas provincias de Armenia. Siento que también se está haciendo mucho por dar a conocer que pasa en Armenia que es una digamos es una República que está consolidada, que es democrática, y... también esa es una de nuestras prioridades además del genocidio no, porque hemos también a veces nos sesgamos mucho al genocidio, pero también hay otras cosas que están ocurriendo como el conflicto latente en Siria que no podemos olvidarnos. (ARSLANIAN, 2013).

Genocídio e Ditadura Militar na Argentina: “Teu Estado tem que te defender, que te cuidar e te mata; é o mesmo que se passou com as ditaduras na América Latina.”

Técnicamente bueno nosotros decimos a nuestra dictadura que fue un genocidio. Es una discusión epistemológica. Pero siento que nos une frente a un pasado trágico. También otro punto en contacto es la memoria. Y también otra cosa que ahora siento en común porque yo he ayudar talleres sobre genocidio muchas veces en los colegios o al menos armenios, muchas veces los comparamos y siento que es comparable porque en el imperio Otomano todos éramos parte del imperio Otomano, Armenios, Turcos y convivíamos pacíficamente aunque los armenios estaban relegados por ser cristianos y por otras cuestiones, pero en el genocidio eran ellos contra ellos, ósea su Estado el imperio Otomano que los tenía que defender, que los tenía, que cuidar, que brindar salud, educación, se rebelaron contra ellos contra ellos mismos tu Estado que te tiene que defender, que te tiene que cuidar, te mata y es lo mismo que nos pasó con las dictaduras en Latinoamérica, así que siento que ese también es un punto en contacto. (ARSLANIAN, 2013).

Reconhecimento como “principal” solução para que se reconheça a verdade e reparação na forma de fundo de ajuda à Armênia.

En mi opinión, y más filosóficamente hablando, el reconocimiento como principal “solución” tiene que ver con que el mundo sepa y reconozca la verdad, y con que Turquía pida disculpas como Estado. Luego estaríamos hablando de devolución de territorios, al menos los que están alrededor de Armenia actual (el resto sería irrisorio solicitarlos), y por supuesto que reparación económica o algún fondo de ayuda para mejorar la situación de Armenia actual. Realmente quiero reconocimiento del Genocidio Armenio por parte del Estado Turco. Quiero justicia y reparación. Pero también pienso que aquél dolor, torturas y padecimiento que vivieron nuestros ancestros armenios se nos licuó en la sangre y se transformó en ENERGÍA. Falta tanto por hacer, por mejorar, por difundir. Tenemos una cultura milenaria, leyendas

antiquíssimas que enriquecem la literatura y la historia, un idioma –o dos- cuyo alfabeto data del 405 d.C., arquitectura, tradiciones y comidas dignas de compartir, entre otros. Aprendamos a ser DISRUPTIVOS en un mundo lineal, y a liderar los cambios que queremos ver como diáspora, como Nación en Armenia misma, y como sociedad, en todos los países donde radicamos. “Abril” en armenio significa VIVIR. ¿Paradójico? No. Vivamos el cambio y la innovación, el reconocimiento inminentemente va a llegar: no se puede tapar el sol con una mano, y el mundo ya es el sol. (SARAFIAN, 2015).

Desculpas não bastam. Reparação na forma de ajuda às comunidades pobres da Síria e seus recém-imigrados para a Armênia: apoio para ingerência das cidades históricas dentro da Turquia, com reversão da renda para a Armênia.

Não é possível reparar o que houve com minha família: meu avô nasceu na fazenda da família, onde, imagino que eles tenham vivido por várias gerações. Caso eu vá a Marach, eu não poderia localizar a fazenda, se é que ainda é uma fazenda. Eu não vejo reparação material possível. Pedir perdão... Pedir perdão é importante, saber perdoar... Mas de que adianta pedir o perdão? Algo mais efetivo, por exemplo, ajudar comunidades pobres, inclusive os recém-imigrados da Síria para a Armênia. A única reparação concreta seria a Turquia realmente se irmanar com a República da Armênia para que ela cresça, dê empregos aos seus filhos. Tornar as fronteiras seguras, reconhecer Artsah (Nagorno Karabagh) como parte da Armênia. O que mais é concreto? Por exemplo, a diáspora e a República da Armênia terem ingerência sobre as cidades históricas das nossas famílias, Marach, Adana, Urfa, Ani, etc. De dizer "sim, isso faz parte da nossa história", "essas são nossas igrejas". Podermos colocar hotéis para fomentar turismo com a renda voltada para a República da Armênia, centros de estudos para fomentar pesquisa. Atitudes e iniciativas que irmanem os dois países, reparações concretas. Pedir "perdão", como no ano passado o Erdogan pediu "condolências". Você vai ao velório de uma pessoa por obrigação e diz "minhas condolências". Cumpru um papel, e só. (KILIKIAN, 2015).

O Brasil precisa reconhecer o genocídio armênio

Ele tem a obrigação moral frente ao que ele mostra ao resto do mundo. Aí é outra coisa. Não é porque ele recebeu armênio. E, sim, porque o Brasil é uma nação que preza os Direitos Humanos, e por consequência as causas como essa que é o reconhecimento de um genocídio não só armênio, como da Síria ou qualquer outro que tenha ocorrido. O Brasil devia é apoiar o seu reconhecimento e não apoiar o país, ou a nação ou o grupo que praticou o ato. Hoje isso não acontece. O Brasil fala que é a favor dos direitos humanos, mas apoia a Turquia, mas apoia outros países que praticam o genocídio. Continuam praticando. Então, na política de boa vizinhança, eles deixam a coisa avançar até o momento que não vai dar mais. Mas, acredito que... enquanto os Estados Unidos não reconhecerem, o Brasil não reconhece. Eu acho que é condicionado. (TCHOBNIAN, 2014)

Não tem armênio para povoar o território ancestral. “Se a gente quiser avançar para além do Ararat, querer pegar as antigas terras, quem é que vai ser colocado lá?”

Você pega o mapa lá. Você vai pegar, é... Nakitchevan. Não tem armênio. Apesar de ser pequeno não tem armênio para povoar Nakitchevan. Você pega lá em cima, na Geórgia, aquela área que agora não me vem o nome, não sei se vai ter armênio para povoar. É perigoso pela área que é. Artsah é o único lugar que a gente tem chance e, mesmo assim, a

área entre Artsah e a Armênia é uma área que não tem armênio para popular. Se a gente quiser avançar para além do Ararat, querer pegar as antigas terras, quem é que vai colocar lá? O jovem armênio está indo pra Rússia, está indo pra Europa? Não tem... Eu não tenho como ir pra Armênia, morar na Armênia. Eu não falo a língua. Meus amigos vão para lá. Tá, tem gente que fala armênio, eles vão... vão trabalhar no quê? É difícil... (TCHOBNIAN, 2014).

Devolva o Monte Ararat!

Pra começar, a Turquia assumindo o genocídio. Confessar esse crime e devolver as terras. O Monte Ararat. As terras do povo armênio... Indenizar as famílias, porque o sofrimento vai além da perda de todas essas pessoas. O sofrimento que gerou os sobreviventes, e com memória... (BARSUMIAN, 2015).

“Não quero reparação, não quero dinheiro, gostaria apenas do Ararat dentro da Armênia.”

Eu não peço dinheiro, não peço dinheiro, não peço nada até porque eu não tenho nada. Não sei onde eram as terras dos meus avós. Diferente de um amigo que conseguiu encontrar a casa de um avô. Eu não faço ideia de onde eles ficaram, porque eu não tenho documento nenhum. Eles vieram com uma mão na frente e outra atrás. Então, não tenho nada. Não tenho eles para perguntar. E não tenho documento. Então, não quero reparação, não quero dinheiro, gostaria apenas do Ararat dentro da Armênia. Essa é a única coisa que eu queria. São 4 quilômetros até o Ararat, e 40 quilômetros de cuesta para fazer uma cerquinha. É só isso que eu quero. Mas não o território armênio clássico... o Grande Reino. O Ararat. Isso. É esse. É o único.

O Ararat eu não preciso ocupar. Não dá pra colocar casa lá, e nem vai colocar casa lá, é uma montanha. É a única terra que precisa. Está na Bíblia, não tem jeito. Não tem como se eximirem. É... ali é nosso, sempre foi e sempre vai ser. Minha afilhada perguntou outro dia sobre Noé. Eu estou agora esperando achar um filme, um vídeo, uma foto para explicar para ela aqui é a Armênia. Ela queria saber sobre a Arca de Noé... Eu vou dar um jeito de falar sobre a Armênia, sobre o que aconteceu para ela... Então, Monte Ararat são os dois, né? P'vok' r Masis e Mets Masis. O pequeno e o Grande Masis. Sim.. o Ararat. Quero tirar foto dos dois lados e não só de um lado... (TCHOBNIAN, 2014).

A devolução do Ararat que é o monte símbolo da Armênia e a origem de todo povo, quer dizer é representativo demais. A devolução do Ararat, eu acho que seria uma coisa pequena em questão territorial, mas representativa absurda. (SARKISSIAN, 2014).

E reparação num sentido amplo: “É primordial se discutir o que se pretende, se é viável o que queremos: o que é possível e o que é viável e o que é justo. Não tem como retornar a vida a ninguém que já foi. Não tem como ressuscitar ninguém, infelizmente a reparação por maior que seja não vai trazer todas essas vidas de volta.”

Isso é uma questão, até eu acho que é pouco discutida. Se fala muito em reconhecimento de genocídio, mas deixamos em segundo plano ou nem discutimos a respeito do que a gente quer. Beleza, vamos reconhecer o genocídio, reconheceu e aí? Acabou, a gente então não precisa mais lutar por nada porque somos armênios e nossa questão está resolvida. Eu até acho que

é capaz de sofrer ainda um certo choque de falta de causa para lutar. Então às vezes pode chegar num ponto de a gente perder essa motivação, essa referência que se tem com a questão do genocídio. Então assim, eu acho que é primordial se discutir o que se pretende, se é viável o que queremos: o que é possível e o que é viável e o que é justo. Não tem como retornar a vida a ninguém que já foi. Não tem como ressuscitar ninguém, infelizmente a reparação por maior que seja não vai trazer todas essas vidas de volta. Então isso é uma reparação simbólica, digamos assim. (SARKISSIAN, 2014).

Reparação de territórios, propriedades particulares, indenizações financeiras: um difícil litígio.

Então o que eu acho que se deveria buscar de reparação, primeiramente a questão particular de cada um que seria territórios e bens que foram confiscados pelo governo Turco e Otomano, todas essas propriedades particulares, o que essas pessoas tinham naquela época que deveriam se retornar. Também a questão de igrejas, escolas, hospitais e todas essas instituições que pertenciam aos armênios e também foram tomados. Claro que não vai ser fácil, mas eu acho que é mais viável de entrar no litígio que se deseja. E segundo aspecto, muitos falam também de compensações financeiras, que se pague uma indenização, com relação a isso; sinceramente eu não tenho uma posição, eu acho que para mim é indiferente receber dinheiro por conta disso. Por outro lado, também tem uma questão que é difícil de se retomar, provar que tal pessoa viveu naquela época, naquela cidade, por questão de registro. Pelo menos para mim, o menos importante é indenização financeira em dinheiro. Outro aspecto que eu acho que é o mais complexo e também o que se é mais almejado, é o que de fato entrava muita coisa, seriam as compensações territoriais desses tratados. Revisão dos tratados e a legalidade dos tratados, como que se deu toda essa partilha, o desenho dessas fronteiras. A meu ver é o mais importante, porque a armênia perdeu muito do seu território, praticamente quase chegou a desaparecer do mapa por conta disso e porque esses territórios foram tomados de modo, por mais que houvesse tratado, aquilo ali foi o resultado de uma política de genocídio que é ilegal, e você não pode se apossar de um território, logo reconhece que aquilo ali é uma coisa ilegal. Você primeiro precisa retornar aquilo ao que era, e aí entra até que parte deveria se retornar a Armênia, aquela Armênia de Woodrow Wilson (do tratado de Sevres), quer dizer que é a que atende melhor aos anseios dos armênios é a grande Armênia. Pode ser, talvez é um pouco até ideológico, mas porque não pensar também nessa hipótese. Então é difícil, sinceramente eu acho que é de grande importância, porém delimitar e ver o que é possível, enfim. (SARKISSIAN, 2014).

Genocídio e consenso: Armênia, diáspora e políticas de reparação.

*É aquilo que eu disse, não é uma coisa em pauta que é discutido e que a gente tem uma formação em comum. Ah tudo bem, você pode colocar reivindicação territorial, ok, é muito amplo, mas e aí o que? Reivindicar o que? Que território? Já começa por aí, então assim de fato... Quem vai morar lá? Já começa por aí. Então não tem um consenso e nem um pensamento formado para ter divergência. Eu acho que se não tem nem um pensamento concretizado você não tem nem como ter divergência, porque você não tem dois que se oponha. Tem por exemplo, o mais expressivo que faz as reivindicações seria o Partido **Tashnag**, que é o mais nacionalista, eles sempre estão colocando essas coisas em pauta, só que muitos restringem apenas a questão que eles colocam, mas isso outros não colocam, outros partidos e as entidades, outras classes. A Igreja eu nunca vi se manifestar; apenas de retorno de igrejas isso eu já vi algumas vezes, o que quer que retorne. Mas então assim é muito pontual ainda, não entrou de fato como deveria, eu acho, falta ainda essa base para*

depois pensarmos o que vai se reivindicar. Então é uma deficiência grande mesmo. (SARKISSIAN, 2014).

“Pra nós, a aceitação do país, da Turquia, frente à comunidade mundial, ter passado esse genocídio, que aquilo não é uma imaginação nossa, não é uma invenção nossa, é como eles alegam, dizem que é um exagero, que aquilo foi percalços de guerra, que aquilo foi consequência de uma guerra maior, e que nós sabemos que não, foi uma atitude tomada de governo, um verdadeiro genocídio. Então, isso seria uma reparação de justiça total.”

Antes de mais nada, o reconhecimento oficial do país. Porque por muitos anos, por muitos anos, isso eu posso falar pessoalmente. Na Síria, eu vivi muito próximo porque, eu era uma criança, talvez, aquele era um assunto para os mais velhos, mas era uma coisa presente. Então, era perto, mas nem tanto. Não era um assunto meu, era um assunto deles, lógico. Não era uma coisa que se falava todos os dias em casa, porque ninguém consegue viver o dia a dia com crianças com um assunto tão pesado. Mas era uma coisa ali... colocada... atrás, no palco, sempre. Quando mudei de país e vim pra cá, o assunto parece que ficou mais longe ainda. Em casa era uma coisa muito constante, pra comunidade era muito constante, mas no meio de uma escola, no meio de brasileiro, aquilo era um assunto de contos de fadas, de livros... Sabe, se falava "a minha mãe, a minha avó passou por uma guerra", era uma coisa que talvez o pessoal tinha visto num filme, num cinema, ou era você e mais... Falava-se muito do holocausto dos judeus. Então, aquilo sendo um... ano mais próximo era mais falado, como sempre foi mais falado. Então, numa menina de 10, 15 anos... sabe, você estava sonhando com aquilo. Então, era até um assunto que a gente não trazia muito à tona. Sempre tive amigas com interesses maiores que questionavam. Então, era uma coisa que você só contava para quem realmente se interessava, porque se não era uma coisa muito pesada pra você contar, falar e conviver com aquilo diariamente. Então, quando saía alguma notícia em jornais falando de Armênia, era uma coisa, assim, muito forte para nós. O que hoje em dia, eu acho que as crianças, de hoje, têm vantagens em relação à gente da época. As crianças, hoje em dia, estão muito mais acostumadas. (...) Então, eu acho que os jovens de hoje em dia, eles têm essa vantagem muito maior. Pra nós, a aceitação do país, da Turquia, frente à comunidade mundial, ter passado esse genocídio, que aquilo não é uma imaginação nossa, não é uma invenção nossa, é como eles alegam, dizem que é um exagero, que aquilo foi percalços de guerra, que aquilo foi consequência de uma guerra maior, e que nós sabemos que não, foi uma atitude tomada de governo, um verdadeiro genocídio. Então, isso seria uma reparação de justiça total. Hoje em dia, nós não... não existe a reparação física de cada um, porque nada vai voltar, inclusive em termos de território, é uma coisa muito maior que não está em questão hoje. Em primeiro lugar, o que deveria ser fazer é essa aceitação, assim como a Alemanha fez com os judeus. Isso é condição sine qua non. Nós queremos isso. Tem que ter isso. Mas fora isso, nós hoje temos outros interesses também. (APOVIAN, 2014).

“Foi um crime de guerra.”

Devolução de terras e pecúnia? Num primeiro momento eu não diria. Eu acho que se isso é a causa de eles não aceitarem, isso não vem à questão para o meu interesse, no momento. Porque isso, realmente, envolve interesses muito maiores. E isso está fazendo com que não se reconheça. Eu acho muito mais interessante no momento, que haja essa... É uma página que tem que ser virada. Tem que acontecer. Foi um crime de guerra. Foi um crime... Foi uma

época de guerra, mas foi um crime perpetrado por um país. Então, isso tem que ser reconhecido, antes de mais nada, para que nós possamos ao lado das outras nações do mundo sermos considerados e... A história do país tem que ser fechada oficialmente. Aconteceu e pronto. (APOVIAN, 2014).

E um relato de atuação na esfera jurídica para reconhecimento e reparação:

Consejo Profesionales Armenios de Argentina e atuação no Informe Whitaker sobre o Genocídio no âmbito da Organização das Nações Unidas (1984-1992)

Acá en Argentina, hace años, hay el Consejo Profesionales Armenios. De todas las profesiones, médicos, ingenieros, abogados en fin. Bueno, yo fui presidente de esa entidad durante años, y después, también, se formó para impulsar la aceptación de un informe sobre el genocidio en Naciones Unidas entre el año 84 hasta el 92, todos los años, 2 veces, 3 meses a Ginebra, Suiza. 1984 y 85, hasta que en 85 se adoptó el Informe Whitaker sobre el genocidio, dónde el caso armenio aparece como genocidio. Bueno, ahí, Argentina también entró, al lado de Francia, que Francia siempre mantuvo este tema. Argentina se sumó en el 84 gracias a que con otros 4 armenios fuimos a hablar al gobierno, a un contacto muy directo con Alfonsín. Y, bueno. Llamó el ministerio, me puso en contacto con la gente del Ministerio de Relaciones Exteriores, me presentaron al representante... No representante oficial de Argentina, pero era un experto, porque un experto no puede ser un representante de Estado. Era un funcionario del ministerio y con él, lo acompañé a él a Ginebra por todo este tema. Permanentemente, en 85 se aprobó, esa es otra historia, la voy a contar en un libro que tengo que escribir finalmente. Además tengo toda la documentación, grabaciones, todo. Un carrón con esas cosas. Bueno, se aprobó en 85 y para esa acción se formó una entidad, una organización que era AIA, Asamblea Interinstitucional Armenia, formada por todos los partidos políticos, todas las distintas iglesias, católica, apostólica, la dos protestantes... Todas las entidades culturales y deportivas etc., salvo el Tashnag. (MALKASSIAN, 2015).

Pauta comum para reconhecimento do Genocídio Armênio: “Armênia não tem dado pautas. É um país novo, tem que se acostumar com as instituições democráticas e assim como nós respeitamos o governo armênio, eles têm que respeitar as estruturas criadas há muitos anos na diáspora. A reivindicação do genocídio e as consequências, fazemos sob um ponto de vista absolutamente de direitos humanos. Não mesclamos temas de soberania. A própria Armenia diz agora que sobre "este tema não há reclamo". Tampouco dizem que não vão fazê-lo no futuro.”

Armenia no ha dado pautas. O sea, no hay un manual, un instructivo de que hay que hacer así, asá. Y yo creo que han hecho bien, porque es un país nuevo, tiene que acostumbrarse a las instituciones democráticas y, así como nosotros respetamos el gobierno armenio, ellos tienen que respetar las estructuras ya bastante, de hace muchos años, en la diáspora. Y más, en los comienzos, había más expertos en derechos y demás afuera de Armenia que dentro de Armenia. Por lo menos el derecho occidental, quiero decir, y el derecho internacional. No hay instrucciones en este sentido. Lo que Armenia, a través de sus actos y declaraciones, ha dejado bien claro, como dije hoy, desde que existe Armenia independiente en 91, todos los gobiernos han dicho que no tienen reivindicación territorial de soberanía contra nadie. Mira, esto ya, ya marca... De Armenia... Ellos dicen que no quieren. Mira, ahora, eso ya marca una

gran diferencia. Si los Tashnags siguen diciendo reivindicación, quién lo va... quién va votar una moción de ellos? Quién lo va a acompañar? Claro. Muy difícil. Entonces, nosotros, la reivindicación del genocidio y las consecuencias, las hacemos de un punto de vista absolutamente de derechos humanos. No, no mezclamos temas de soberanía, además puesto que Armenia misma dice "este tema yo no hago reclamos". Tampoco dicen que no lo van a hacer en el futuro. No lo sé. No lo sé. Pero ahora, no. Y desde el punto de vista del derecho internacional, es así. Más allá de lo que el gobierno de Armenia diga, no. Es así. Bueno, de modo que no ha ahí instrucciones de Armenia, nosotros hacemos, seguimos adelante a través de medios pacíficos de solución que es de derecho. (MALKASSIAN, 2015)

Genocídio, políticas de reparação e Direitos Humanos: “Temos o reconhecimento de vários países, das Nações Unidas, da União Européia. Se não vais à guerra, o que te resta? O direito. Um juiz. Um tribunal”.

Esto de políticas de reparaciones está en el trabajo que presenté hoy (no Seminário Internacional “100 anos do genocídio armênio: negacionismo, silêncio e direitos humanos - 1915-2015 – Universidade de São Paulo). Los juicios. Bueno. Una vez que llegó a un punto donde tienes todas las pruebas, y el otro niega, qué vas a hacer? Una guerra? Como a veces los Tashnag parecen pensar que van a ir a la guerra contra Turquía, van a vencer el ejército turco, los van a poner de rodillas para que pidan perdón y qué sé yo... Eso no va pasar. Una vez que la situación está clara. Tenemos el reconocimiento de un montón de países, Naciones Unidas, la Unión Europea, si no vas a la guerra, qué te queda? El derecho. Ir a reclamar por el derecho. Y el derecho, si vos o yo no nos ponemos de acuerdo sobre de quien es este teléfono, en definitiva, el derecho que lo va a decir, un juez. Esa es la manera donde dos personas civilizadas resuelven un conflicto que entre ellas no pueden resolver. Van a un tercero, ese tercero es un juez. Y los armenios, lo que, lo que estamos tratando de hacer, y yo desde hace muchos años siempre estuve en esta posición, es con el derecho en la mano. No lo aceptan muy bien. (MALKASSIAN, 2015).

“Há farta documentação para reclamos individuais junto aos tribunais turcos e outros, à Corte Européia de Direitos Humanos, e globais, pela Armênia, junto à Corte Internacional de Justiça. As pessoas responsáveis (pelo crime de genocídio) já morreram. Mas o Estado é responsável.”

Ahora tenemos ya bastante infraestructura, muchísima documentación, de sobra, como para que este tema vaya a parar en algún tribunal. Lo más directo qué es Los tribunales turcos. Los tribunales turcos van a decir "no, no". Buen, pero por alguna razón "no", pero muy bien. Vamos a la Corte Europea de Derechos Humanos. Eso en cuanto las personas y en cuanto la responsabilidad del Estado, porque los responsables seres humanos ya murieron. Pero el Estado es responsable. Hoy, la señora, esta, la socióloga Marijane Lisboa, estaba hablando justamente de "no se puede cometer un genocidio sin el aparato estatal, sin una planificación y ejecución a través del Estado". Esto ya se sabía en 1948. Por eso es que el artículo 9 de la convención contra el genocidio, dice muy claramente que las discusiones, los reclamos por responsabilidad internacional del Estado que cometió un genocidio serán tratadas ante la Corte Internacional de Justicia. Bueno, eso es lo que yo digo que Armenia haga. Los casos individuales, si es que tienen título, un papel largo, primer tribunales turcos, después otro lado, después a otros tribunales. Pero primero entre los turcos... Y en cuanto... Que tiene que ser el Estado, en la Corte Internacional de Justicia, y las individuales, la podemos hacer en

tribunales normales. En principio, turcos, pero, también, no expliqué que hay alternativa que puede no ser en tribunales turcos. (MALKASSIAN, 2015).

Crimes contra a humanidade: o Direito Internacional e a jurisdição universal para a reparação individual

Y, mira, si el tema es... Vos estás acá, supone que eso es Armenia, y tienes algún título de algún... de alguna casa que tenía tu bisabuelo en Armenia, a ver. Entonces, yo expliqué que es para... vos te puedes presentar a un juez brasileño. Decir que "soy brasileña" y que la demanda que vos presentas contra Turquía, por la indemnización de esto, el fundamento es que un genocidio, como el genocidio es un crimen contra la humanidad, el juez brasileño, máximo porque vos sois brasileña, va... te tendría que aceptar la competencia y decir "bien, yo lo que voy a hacer es aceptar tu reclamo, y...", se llama en derecho dar 'traslado', "le voy pasar a estos papeles a la Embajada de Turquía, para el gobierno turco para que lo respondan". De todo, es un caso, es un pleito, no? Es muy probable que Turquía diga "no, yo no acepto la competencia del juez brasileño". Ahora el juez brasileño se puede plantar y decir "bueno, el juicio va a seguir sin ustedes", porque como este es un crimen contra la humanidad, no prescribió, y cualquier juez, de cualquier parte del planeta puede declarar que es competente por la tremenda gravedad de este crimen, comprendes? Esto es lo que se llama, en algunos casos, jurisdicción universal. Vos, por ejemplo, podía ser italiana, vives acá, y vas al juez brasileño por un problema con Turquía, eso es jurisdicción universal. Eso es un poco más difícil, pero no es imposible. En cambio, es mucho más fácil, vos brasileña a un juez de Brasil por un reclamo a Turquía. Por cuestión de nacionalidad, porque el código penal, en general, de todos los países, acepta que el jueces del país sean competentes por delitos cometidos contra sus ciudadanos. (MALKASSIAN, 2015).

“É mais difícil pleitear indenização em país que não reconhece o genocídio armênio”

Es un tema con el juez de acá. Si lo reconoció, más fácil. Si no lo reconoció, vos, al juez, le tienes que demostrar que hubo el genocidio, porque si no, no se va a declarar competente. Va a decir "este es un problema de indemnización común. Mira, vas a tener que ir a un tribunal turco" y tendría razón. Es más difícil sin reconocimiento del país donde se plantea. Y como es genocidio, por eso hay que empezar por ahí, "usted, señor juez es competente porque acá se ha cometido un genocidio. La consecuencia, es que mi bisabuelo perdió a su casa. Acá tengo una prueba", no? Pero fue un genocidio, y fue un genocidio por tal... Darle las razones, justificativas que hubo un genocidio. Entonces él va a decir "sí, en este caso, yo soy competente, y le doy traslado al gobierno de Turquía". El gobierno de Turquía va a decir "usted no es nadie para atender este asunto" o "la señora está loca, yo acá voy a entrar en este juicio". Bueno, muy bien. Te puedes decir "muy bien, yo lo voy a continuar, usted no quiere, yo la continuo... con usted en ausencia". "Yo continuo el juicio". Quiere apelar, apela a la Cámara, y la Cámara vamos ver lo que dicen. O a la Corte Suprema. Bueno, se supone que va a mantener ese criterio. (MALKASSIAN, 2015).

“Nacionalidade turca” para receber a indenização.

Ahora, también... Supone se el juicio sigue, y el juez brasileño condena Turquía a indemnizarte por esa casa. E hasta fija X mil de dólares, por ejemplo. Cómo hacer para ejecutar esta sentencia, para hacerla realidad, digamos? Bueno, tiene que ir a Turquía. Los turcos dicen, ahora, que si quieres, tienes el papel que era tuya, "bueno, venís, toma la nacionalidad turca, y quédate a vivir en esa casa". Lo ves... Eso es lo que expliqué hoy (no

seminário USP). Y esto está en el trabajo que yo presenté. Bueno estas son las alternativas... (MALKASSIAN, 2015).

Indenização global: “É o Estado da Armênia (que representa os armênios daquele país) que tem que negociar com a Turquia”. Diáspora: “O Conselho Nacional de Armênios do Ocidente (CNA) representa as vítimas do genocídio e seus reclamos junto à Turquia. Os judeus fizeram algo assim”.

En cuanto a la indemnización global, es el Estado de Armenia que tiene que negociar con Turquía para eso. Lógicamente para lo global, el Estado de Armenia representa a los armenios de Armenia. Y los que estamos afuera, estamos tratando... Hemos creado esta organización que llama Consejo Nacional de Armenios de Occidente para representar a todos los descendientes de las víctimas del genocidio y sus reclamos a Turquía. Mira, los judíos hicieron algo así. Existe el Congreso Judío Mundial que Israel los autorizó a negociar con Alemania las indemnizaciones, porque en Israel habían 4 judíos y afuera de Israel habían 400 mil judíos. Esta organización Consejo Nacional de Armenios de Occidente mezcla individuos, pero que tienen que ser juristas, con algunos organismos armenios. Mira, en la actualidad, hay como 200 y pico, 300 asociados. Sí, son personas que representan cualitativamente a grandes grupos de armênios. Tashnags? Hay algunos que están, pero oficialmente no están. (MALKASSIAN, 2015).

4.2.3 Governo turco

As falas de três entrevistados apresentam as impressões sobre o governo turco, que podem ser também interpretadas como opinião acerca dos sucessivos governos e não somente o atual.

Negacionista. Pero el sol no se puede tapar com uma mano. Y esta a la luz del mundo lo que sucedió. (SARAFIAN, 2015).

Repudio total!! Ellos continúan con el plan negacionista, no reconocen lo que pasó, en las escuelas no se enseña el genocidio y también prohíben hablar de ello. El gobierno turco actual es parte del genocidio pasado. (BALASSANIAN, 2015).

O governo turco é reativo e não mudará de posição facilmente. (KILIKIAN, 2015).

E a alusão às **perseguições a intelectuais, como o escritor Orhan Pamuk e jornalista Hrant Dink, com base no Artigo 301 do Código Penal Turco** (mencionado no capítulo 1 deste trabalho).

Yo contra los turcos como persona no tengo nada en particular. Me da la sensación de que muchos viven en la ignorancia. No sé si viven con la ignorancia, pero viven con una parte de la realidad porque tienen un gobierno que le prohíbe la otra mitad de la información. He visto como a través de videos en internet, como libros que para ellos... no. Creo que ha sido un hecho particular que no sé qué actor o alguien había hablado mal de Turquía, y salieron a

quemar todos los libros de esa persona. Y a través de hechos así... buen... por ejemplo...cualquier persona que hable con otra visión que no sea la oficial del gobierno termina siendo reprimida, censurada. Y por esa razón creo que la población turca tiene una visión cerrada de lo que es nuestra realidad. Y que esa historia la están liando también por leyes. Tiene ley que prohíbe hablar en contra de lo que ellos suponen que es la, como dicen la ley, en contra de la identidad turca. De lo que para ellos es la identidad turca. (SAMANDJAN, 2013).

O Estado laico de Attatürk e o fanatismo religioso dos últimos governos.

Los últimos gobiernos, llevan al pueblo a la radicalización a través del fanatismo religioso. Lamentablemente. Y eso que era un estado laico. Se suponen que sigan siendo...Eran, sí. Atatürk fue terrible para los armenios, pero yo no dejo de reconocer que para ellos, él había cambiado el alfabeto, y había establecido un estado laico, ha sido un gran progreso para Turquía y su población. Genocidio aparte. Bueno, pero los turcos tienen que reconocer un poquito más al tono de la civilización occidental a la que pretenden pertenecer, integrar, sin que por eso dejen ni su religión, ni algunas costumbres elementares, porque son un pueblo diferente. Bueno. Eso. Lo que pasa a la población es porque el gobierno mantiene esa política. (MALKASSIAN, 2015).

Governo e população turca:

Pasan de amor a odio con la Unión Europea. Están desesperados por entrar, pero cada vez que la Unión Europea les ponen un freno, dicen "a nosotros no nos interesa formar parte", como un chico que quieres, quiere tener la pelota para jugar fútbol. Decís "bueno, no, mira... Bueno no me interesa jugar al fútbol". Tienen esas reacciones muy de sangre sin pensar. Basta lo que contestó Erdogan a, cuando el Papa hizo el reconocimiento. Terrible. Hizo peor efecto lo que dijo Erdogan, que el efecto del Papa reconocer el genocidio. La gente se asombró "pero cómo este hombre insulta de esta manera?", o sea "quién son los turcos?", "si el presidente es así lo que dirán los otros?". Bueno, por eso es que es un problema. Entonces la población, yo creo que la población turca, los pocos que empezaron a revisar la situación, empezaron a mirar hacia adentro, que generalmente es el ámbito académico. Historiadores, juristas... (MALKASSIAN, 2015).

4.2.3 População turca

Opino que su instrucción está muy sesgada, y eso es parte del plan político y educativo del país. Así que no los culpo. (SARAFIAN, 2015)

No tengo opinión, ellos no son culpables de lo acontecido. (BALASSANIAN, 2015).

“Nunca te ensinaram tua história, seguem ocultando tua identidade. É como nós argentinos, não nos ensinam sobre os terríveis acontecimentos que aconteceram em nossa ditadura cívico militar. Um povo que não tem memória pode voltar a repetir as coisas não somente fora como dentro (do país)”

No tienen la culpa, que digamos....nuestra bronca, nuestra lucha no es para con ellos porque digamos sinceramente no saben y viven en la ignorancia. Yo sí creo eso porque si a vos no te

enseñan una historia, nunca te han enseñado tu historia, te siguen ocultando tu identidad, es como a nosotros los argentinos que no nos enseñan los terribles acontecimientos que pasaron en nuestra dictadura cívico militar es lo mismo, digamos, ellos están creciendo sobre cimientos que están flojos y....nada, siento que no tienen la culpa, y siento que también parte del reconocimiento es como pasa en la actual Alemania, que les enseñan su historia, siento que ellos si descubrieran, o si supieran lo del genocidio. Algunos de ellos se solidarizarían porque es también una lucha para con ellos, y para con su historia, para con su memoria, un pueblo que no tiene memoria puede volver a repetir las cosas y no solamente para afuera sino hacia dentro. (ARSLANIAN, 2013).

“Uma sociedade fechada, um sentimento de inferioridade.”

Populación. Yo no los culpo a ellos, te digo. En todo caso, ellos si tienen alguna responsabilidad no le puedo exigir tanto. Qué significa "exigir tanto"? Exigir que ellos se hayan informado, que ellos hayan tenido la preocupación por conocer su historia. Yo creo que también son víctimas de un Estado, de una versión oficial de un Estado, pero, también, eso se debe a cierta característica de los turcos. Sociedad cerrada... que considera aquel que no es turco, lo están mirando mal, lo están mirando como inferior, y lo están mirando no es los iraquís, lo están mirando Europa, como alguien, todavía, bastante primitivo. Y que tienen esa... Cómo te puedo decir? Esa especie de orgullo herido permanentemente, no? De considerarse como inferiores. (MALKASSIAN, 2015).

Novamente... o Artigo 301 do Código Penal Turco: da restrição das liberdades.

Periodistas pasaron de bando inmediatamente. Y gente que arriesgo de su propia libertad, por el famoso artículo 301 del Código Penal Turco sostiene sin problema que fue un genocidio y que Turquía lo debía reconocer. Bueno, así que yo, con la población, lo mejor le deseo que, no sólo conozcan bien su historia, sino también que sean un poco, tengan un poco más de sentido común en general, que no sean tan fanáticos, que no se radicalicen tanto la población. (MALKASSIAN, 2015).

E uma única fala de identificação manifesta com os turcos:

É porque eles também viraram pessoas muito aconchegantes, mas também não te dão conta de nosso passado comum. Era que nem meu avô quando era neto. Você se muda de casa porque seu vizinho brigou com você... de novo. Então isso mostra muito mais identificação com eles (por parte dos avós), que com os armênios de armênia. Ninguém vai te falar isso, mas, eu te garanto que da minha geração quem viveu com os avós entendeu e, são os apátridas do lado ocidental. (TAMDJIAN, 2014).

“Os turcos vivem com medo e ódio.”

Eu acho que os turcos hoje vivem... Atualmente, eles devem viver com medo. Tem gente que fala que o Império Otomano não tem nada a ver com os turcos de hoje em dia. Pra mim é a mesma coisa. Eles já nascem, crescem e aprendem a viver com aquele ódio antigo. (BARSUMIAN, 2015).

Leituras sobre a Turquia e os turcos.

Eu nunca estive na Turquia, a exceção de uma breve passagem por uma ilha, mas isso não conta, portanto, minha opinião é baseada em leituras, principalmente. A que mais me marcou

foi o livro do acadêmico turco Taner Akçam, From Empire to Republic Turkish Nationalism and the Armenian Genocide, no qual ele dedica alguns capítulos à psique turca, à questão dos turcos se sentirem, elementos de segunda categoria (isso vem de séculos) aos olhos dos outros, pois, enquanto império eles barbarizavam, razão pela qual a Europa tinha temor deles e os via como bárbaros. Quando eles evoluíram para uma república, pois, o império ruíra, eles quiseram suplantam esse sentimento de inferioridade. (KILIKIAN, 2015).

“Pesquisa TIMES: a cada 10 turcos, só 2 acreditam que o genocídio armênio aconteceu.”

Reconhecer o genocídio vai ser, portanto, um longo trabalho de educação dentro da Turquia. Eu vejo a população turca com uma minoria esclarecida e uma maioria que vive à margem dessa questão. O TIMES publicou recentemente uma pesquisa segundo a qual de cada 10 turcos, só 2 acreditam que o genocídio armênio aconteceu. Um livro que me marcou muito, escrito por um turco que saiu da Turquia devido à perseguição que sofria por conta de suas ideias, e foi para a Alemanha. É uma história real: ele frequentou aulas de alemão e descobriu que a professora era, embora turca, de ascendência armênia. Tornaram-se grandes amigos. Eu acho que ele se apaixonou por ela, mas ele não põe isso no livro porque ela era casada, na época. Através da amizade com essa professora armênia, ele conheceu a história do genocídio e ficou abismado por nada saber, ele, que se considerava uma pessoa culta. Ele ficou tão motivado que fez uma viagem pela Turquia, pela Armênia Ocidental, no final da década de 80, acho que início da década de 90, e conseguiu colher depoimentos de alguns pouquíssimos sobreviventes do genocídio, que nessa época deveriam ter algo entre 75 e 80 anos. Alguns desses sobreviventes tinham memória viva de acontecimentos como os incêndios provocados por turcos nas igrejas que abrigavam armênios. A forma como ele coloca tudo isso no livro, é muito emocionante. Eu li a versão em espanhol, traduzida na Argentina. Todas as passagens são emocionantes, numa delas uma enfermeira de origem armênia que saiu da Turquia para trabalhar num hospital na Alemanha e lá conheceu uma turca, também enfermeira. Vieram a ser amigas até que a enfermeira turca soube ser sua amiga não exatamente turca, mas, descendente de armênios, e não quis mais sua amizade, pois, ela fazia parte do grupo de traidores da Turquia. "Aqueles vermes armênios...". Isso aconteceu no final da década de 80 e início dos anos 90. Então, isso ilustra um pouco o que se passa na cabeça da população turca. Veja que elas já eram amigas, conviviam. "Imagina uma armênia! Vocês são inimigos do nosso país, querem nos prejudicar". A enfermeira turca não sabia absolutamente nada da verdade. (KILIKIAN, 2015).

4.2.4 “Turco”, “turca” ofende?

Si, ser llamado de turco ofende. Ser confundido con turco ofende. Si, ofende. (BALASSANIAN, 2015).

Sim, muito. Muito. Mas eu explico por quê. Eu explico para a pessoa que está me ofendendo. Eu não xingo de volta e nem viro a cara. É aí que está. Aqueles momentos dos 99% que eu estou falando para você. A pessoa me chama de turco, é o meu momento de falar "não, não sou turco. Não gosto. Nenhum armênio gosta de ser chamado e só estamos aqui porque aconteceu isso, isso e isso". Eu aproveito para tentar virar a mesa. Às vezes dá certo. Alguns continuam provocando, né? Quando é muito próximo, a pessoa faz brincadeira, mas sabe que chateia. A gente tenta educar, por assim dizer. (TCHOBNIAN, 2014).

Me molesta que la gente no sepa la diferencia entre un turco y un armenio, pero entiendo que no tienen por qué saberlo. En vez de enojarme o ofenderme, me parece más inteligente explicarles: que los armenios somos cristianos, que tenemos una lucha por el reconocimiento en contra del estado turco, y que no es de buen gusto confundirnos. ¿Ser confundida? Nuevamente, me molesta que la gente no sepa la diferencia, pero en vez de ofenderme, prefiero "educar" a ese tipo de gente. (SARAFIAN, 2015).

Muito. É ofensa. Porque infelizmente no Brasil a migração foi feita com base em passaporte romano, então quem vem do interior de Roma, é tudo turco. Se você para pra pensar, graças à comunidade Sírio-libanesa a gente passa a deixar de ser visto como turco. Porque eles conseguiram com muito afinho, com muita luta, se auto-afirmar como sírio-libaneses. “¡Não, não, não! Não sou turco, sou libanês”. Não tinha um cara na novela que falava isso? Eu acho que hoje são quinze milhões, segundo o IBGE. Fagner, o cantor, é árabe, João Bosco é libanês... Estão mais dentro da vida da gente, que o que a gente imagina. E os armênios entraram nessa amalgama. Mas, o fato do genocídio impera; ele transforma a situação numa situação imperiosa. Então, nós armênios devemos aos sírios e libaneses o fato de que hoje, a gente é muito pouco confundido. Graças a Deus, muito pouco. (TAMDJIAN, 2014).

No, no. Ofendía a la generación de mis padres. Después lo tomamos como un tema folclórico de gente que, en el fondo, no sabe lo que pasó. Sí, primero que no saben lo que pasó, y en segundo lugar, todos los inmigrantes de esa zona que nacionalidad tenían? Turcos. Entonces, al entrar a Brasil, Argentina, Francia, Estados Unidos, qué papel tenían? Turco. Nacionalidad? Turco. Y la gente que no sabe "oh... turco". Por eso que yo tomo como una ofensa además que, en el fondo, nosotros con la nación turca, el pueblo turco... Bueno, no es... El problema no pasa por ahí. Entonces que te digan "turco" a menos que conozcan la historia, y lo digan a propósito. Si lo dicen a propósito es una ofensa. Es porque como se a un judío le dice "nazi". Pero vos sabes lo que pasó con los judíos. Entonces si no sabes, y en vez de decirle "nazi", decís "alemán", por ejemplo, bueno, cuál es el problema? No hay problema. Bueno, yo, a mí, que digan... Es que no es normal que digan "turco" por empezar. Porque vivís en un mundo que cada cual sabe que nacionalidad tiene. Ya no es el problema de los año 20, de los años 10, después de la Primera Guerra Mundial...Y... Ahora... Claro. Puede ser. Puede ser. Entonces se te dices "turco", ese tipo es ignorante. Bueno, está bien. Tiene que aclarar "mira... turco, pero yo sé que yo no soy turco. Soy argentino de origen armenio", "no, pero 'ian', qué sé yo?", "bueno, está bien". Per decir cariñosamente "turco", no está perfecto, pero mira que... "no, yo te explico, para mí, que me digas 'turco' es un problema porque acá hay una historia que vos no conoces y que yo, entonces, para aclarar te explico", y punto. Y si después ese tipo insiste ya le digo "mira, me ofende". Porque ya sabes que hubo un genocidio por los turcos. "Entonces, no me digas eso". (MALKASSIAN, 2015).

Seria até natural ser confundida, mas ser chamada, nunca me aconteceu acho que reagiria imediatamente "não, turca, não". Incomoda porque é uma questão não resolvida. Mas olha uma coisa curiosa. Uma das tias que sempre nos dizia que "os turcos são os nossos inimigos", quase namorou o turco da loja de sapatos aqui no Brasil. E quando eu tinha 37 anos estive na Alemanha por algumas semanas, onde vivem muitos turcos. No hotel havia uma sauna e o funcionário responsável pelas toalhas era um turco. Registreí meu nome ao pegar uma toalha, o que de imediato me denunciou. Eu estava na companhia de uma amiga que chamou a minha atenção para a forma como o funcionário turco olhava para mim com seus olhos arregalados. Foi a primeira vez em minha vida que entrei em contato com a questão armênia turca “na pele”. Senti certo desconforto. Aconteceram outras vezes, poucas, mas sempre o desconforto de ambas as partes. Não posso e não devo enxergar um assassino de armênios

em cada turco com quem venha a me encontrar, mas há uma questão a resolver. Acaso ele dissesse de forma simples e direta "eu sou um turco trabalhando aqui", eu diria "muito prazer, nasci no Brasil", mas, não era assim, ficava algo no ar. É possível que em alguns turcos a reatividade contra nós seja maior do que a nossa. Há, portanto, uma questão importante pelo lado da Turquia também, que precisa ser tratada. Em Berlin vi turcos vendendo bugigangas e frutas espalhadas em panos estendidos no chão, o que me fez pensar quão anti-higiênicos eles eram, praticando seus hábitos sujos num país tão limpo como a Alemanha. Entrou em cena aí meu preconceito, para minha surpresa! Um camelô turco me encarou com os olhos arregalados, tal como o funcionário do hotel, e perguntava insistentemente as minhas origens! Bem-vinda à questão turco armênia na pele. Enfim, parece que sentimo-nos ofendidos todos, armênios e turcos, como a enfermeira turca, que desfez sua amizade com uma armênia, por considerá-la inimiga de seu país. (KILIKIAN, 2015).

Eu acho que enquanto eu tiver um certo ressentimento, um certo sentimento ainda de que aquilo não está bem resolvido, que você tem uma certa dívida com essa situação acaba sendo ofensivo porque você está sendo qualificado como aquele que cometeu as piores atrocidades para sua família e para todo aquele seu povo que você se identifica. Então assim, nesse ponto, é totalmente o oposto do que você é. Isto eu estou dizendo "Turco" em um contexto geral, e no contexto colocando esse termo lá no comecinho do século vinte. Então assim seria essa coisa, não digo que confundido com o Turco atual, algo desse ponto claro que não tem nada a ver. Lógico que também você vai fazer um esforço para explicar que você é armênio e não turco e vai pautar suas diferenças porque aquilo você não se vê parte, você não se considera parte daquilo que te trouxe tantos problemas existenciais, de identidade e tudo mais o que te causou. Agora ser confundido com turco, eu acho até que é um pouco mais compreensivo, mas isso é totalmente normal aqui, principalmente aqui Brasil esse conceito de turco, quer dizer essa ideia que passam sobre turco, que árabe é turco, armênio é turco, todo mundo aí é turco. É um termo utilizado genericamente, até pejorativamente com certeza. Então assim, você é confundido como turco. Mas aí eu acho que não é uma confusão porque a pessoa te viu, porque acha que tem traços turcos, eu acho que é uma coisa até proposital digamos. Ah isso aqui é árabe, ele é mão de vaca ele é turco, ele é isso. Tem um estereótipo por trás, então assim, o próprio brasileiro não tem esse conhecimento amplo e bom do que é o turco, do que é o árabe e do que é o armênio. Então muita gente confunde, todos falam sírio-libanês e o que o cara é? Ou ele é sírio, ou ele é libanês. Então a gente não sabe o que é árabe, o que é sírio, e o que é libanês, poxa são três coisas diferentes. Então assim, tem essas coisas, então eu acho que é mais um desconhecimento da pessoa. Eu relativizo bastante, acho que é uma questão de conhecimento, de educação. Isso é normal e como as pessoas falam é mais por que generalizam e tem esse estereótipo por trás. Mas quando você é, talvez, chamado assim em uma questão, você é chamado de turco, quer dizer quando alguém fala assim "seu turco" ou alguma assim, soaria estranho. É porque aí entra a questão, você então classifica que turco é uma coisa ruim, você está sendo chamado de turco, mas você não gosta porque você acha que aquilo é uma.. (SARKISSIAN, 2014).

A questão da "turquiserunt"¹²⁸, sinceramente eu, tem assim, claro, com relação da diáspora, com os armênios da Armênia. A diáspora também considera eles, de certo modo, que eles são atrasados, que eles pensam diferente. Inclusive com relação ao genocídio, assim, a luta pelo reconhecimento, e tudo mais. Então assim, tem chances grandes assim, com relação a isso, mas de ser chamado de turco por um armênio da Armênia, por conta que seus avós eram

¹²⁸ Expressão usada pelos armênios da Armênia para designar filhos da diáspora, cujos ancestrais residiam no Império Otomano (literalmente "descendente de turco")

armênios, mas viviam na Anatólia, quer dizer, eu acho que isso, não tem assim, acho que é mais de brincadeira, uma questão mais de gozação. Claro que tem também um fundo de querer se dividir e tal, mas eu não acho que dá pra relativizar. É uma brincadeira, como a gente considera os armênios da Armênia como, eles mais atrasados assim, mais rurais, mais... Então assim, a gente acha também que eles têm, assim, esse estereótipo. (SARKISSIAN, 2014).

Mi mamá me contaba que a mi abuela le decían la turca en el barrio para enojarla y ellas las perseguían con una escoba. Es decir mi abuela las perseguía con una escoba porque no le puedes decir turca. O nosotros acá para hacer “surch”, el café, usamos café molido a la turca y mi mamá se niega a decir que es molido a la turca. (ARSLANIAN, 2013).

Se ofende ser chamada de turca? Muito. Talvez pela ignorância do povo, assim. Mas há tempos atrás, assim... "ah, turco". É muita ofensa. Muita raiva. Ser confundida com turca não alivia, ofende também. Tudo bem as pessoas... Tem muita gente que até hoje em dia não sabia sobre o genocídio, não entendia. Ouve o que os turcos falavam na história. Tanto é que você coloca na internet tem a parte turca brigando, metendo pau, mas, então... tem gente, parte da população, eu digo, brasileira que eu vejo, assim, conhecidos... "tá, se vocês ficam lutando por uma coisa que foi há tantos anos atrás...". Mas poderia ser com qualquer povo, poderia ser hoje, em algum lugar. E aí, então, "ah, é tudo turca. É tudo farinha do mesmo saco". Não. Turco bom é turco morto. (BARSUMIAN, 2015).

4.2.5 Armênios da Armênia atual

“Na União Soviética estavam reprimidos ideologicamente e agora com um governo neoliberal estão reprimidos economicamente.”,

Ellos vivieron tiempos muy difíciles bajo el gobierno de la Unión Soviética, y se acostumbraron a un sistema, a un modelo del cuál ahora pasaron al totalmente inverso, y que es muy difícil, pero están adaptándose de a poco. Están entendiendo como funcionan más las sociedades occidentales porque... Me parece que que están tratando de “occidentalizarse” a través del gobierno. Creo que ellos sienten como peligroso todavía hablar de ciertos temas...un miedo... un temor... de involucrarse... Por fronteras y también interno. Hoy en día, se sabe que, lamentablemente, el sistema económico del país es un sistema neoliberal bastante agresivo, y que las mafias manejan la economía. Y por ese lado también, ellos venían de la Unión Soviética estaban reprimidos ideológicamente, y ahora con un gobierno neoliberal están reprimidos económicamente, digamos. (SAMANDJAN, 2013).

Deseo que puedan salir adelante y desarrollarse como país, pues después del genocidio y de ser parte de la Unión Soviética, es un país que debe crecer mucho. (BALASSANIAN, 2015).

Uma fala recorrente: “Há diferenças culturais profundas entre nós”.

Considero que existen diferencias culturales profundas entre nosotros (los descendientes de armenios occidentales), y ellos. Sin embargo, la globalización nos va acercando. (SARAFIAN, 2015).

“Gostaria de fazer voluntariado na Armênia.”

Si hay una de las metas que me gustaría hacer es ir a Armenia para ver ellos, que opinan. Pero los armenios de la Armenia que viven en las afueras, tenemos una visión distinta. Siento que los jóvenes armenios, están yendo a estudiar, se están yendo de Armenia, se están yendo. Y nosotros tenemos planes como el voluntariado en Armenia, y muchos de nosotros sudamericanos lo han hecho. A mí me gustaría hacer de voluntaria en Armenia. Y eso me parece una oportunidad impresionante para conocer cómo se vive ahí y para ayudarlos porque sí, digamos su democracia es súper fraudulenta y las condiciones académicas tampoco son muy buenas, y bueno se tienen que ir también, poniéndome en su lugar, yo me iría a estudiar a otro lado así que esa es mi concepción. (DIAZ ARSLANIAN, 2013).

“Sinto que há uma tendência à ocidentalização.”

Y si ellos están viviendo una occidentalización como dijo él, pero de todas maneras siguen teniendo ciertas reticencias a las grandes marcas, como paso con un acontecimiento de querer instalar un Carrefour, un supermercado y ellos se negaron pero también por toda una mafia de ciertos empresarios que tienen digamos, que son los, los poderosos y que no quieren que otras cadenas se instalen ahí. Como todos los países post soviéticos, algunos vivieron bien en ese momento y otros no. Entonces los que vivieron bien siguen pensando que digamos que el soviétismo y blablablá y, y hay otros que no. Pero siento que está más tendiendo a la occidentalización, que se quieren parecer a nosotros. Que la cultura yanke llegó para quedarse y que no quieren ser, quieren entrar en la Unión Europea....o no sé quieren parecerse más a occidente. (ARSLANIAN, 2013).

“Durante os últimos 100 anos esse povo aguentou a miséria, um sistema político de falta de liberdades, terremotos, privações.”

Sí, yo a veces lo veo como se fueran... como se pertenecieran a la pre-historia. Como un pueblo que quedó petrificado en una cueva. Ahora ese pueblo petrificado en una cueva, resulta que durante los últimos 100 años se aguantó la miseria, se aguantó un sistema político tremendo, por la falta de libertades, se aguantó terremotos, privaciones y no dejó su religión, no dejó su idioma y no dejó sus costumbres. Lo digo que pueden sacar de sus sombreros y decirle "gracias". (MALKASSIAN, 2015).

O período soviético na fala de uma jovem nascida na Armênia: “Os pais gostavam. Segundo eles, era muito melhor que agora.”

Estive na Armênia em 2008 e identifiquei duas gerações: a dos mais velhos, saudosos da União Soviética, e extremamente soviéticos; e os mais jovens, educados, falando um inglês impecável sem nunca terem saído da Armênia. Essa Armênia jovem, se não todos, mas uma boa parte tem um grande potencial. Uma jovem guia de excursão, falava tão bem o inglês que surpreendeu um americano que quis saber onde ela havia aprendido. Ela falou "aqui mesmo". Perguntei a ela "quais as boas lembranças Ela disse que os pais dela gostavam, segundo eles, era muito melhor que agora". Penso que isso seja positivo, pois, eles viveram a educação de qualidade e sabem que hoje é diferente. Mesmo que eles não tenham o que eles tinham, eles sabem que é possível ser melhor. Um país com muito potencial, mas muito diferente de nós, da diáspora. (KILIKIAN, 2015).

“País pequeno, vulnerável, isolado. Se os países vizinhos quisessem tomar, seria fácil.”

É um país pequeno, vulnerável e isolado, isso assusta. Houve um momento que eu estava sentada numa linda praça em Yerevan, tarde de calor e as pessoas tomavam sorvete. Deu-me a impressão de estar num cenário de filme, pois, se os países vizinhos quiserem tomar, seria fácil. Por isso que eu penso que a melhor reparação possível seria ajudar. (KILIKIAN, 2015).

4.2.6 Descendentes e comunidades na América do Sul: Argentina, Uruguai, Brasil

Os recortes das entrevistas aqui apresentados retomam as relações intra e inter comunidades a partir de graus de parentesco e amizade, e ao funcionamento dessas comunidades, complementando os blocos 4.1.5 *Parentes em outros países* e 4.1.7 *Vida na comunidade, participação na coletividade*, deste capítulo.

Conozco también muchos descendientes de armenios en las ciudades de Córdoba (Argentina), Montevideo (Uruguay) y São Paulo (Brasil). Con todos ellos compartimos el mismo sentimiento de hermandad. (BALASSANIAN, 2015).

“A comunidade de Buenos Aires é mais numerosa, ativa e forte. Aqui no Brasil, há armênios espalhados por todo o país, muitos já não se sabem armênios, mas a maioria em São Paulo.”

Tive um contato muito breve com a comunidade de Buenos Aires, há muitos anos, uma comunidade mais numerosa, mais ativa e mais forte até os dias de hoje. Por exemplo, eles têm jornal, revista, traduzem para o espanhol vários livros a partir do original em armênio além de livros em inglês, viabilizando a leitura para nós brasileiros também. Por exemplo, assistimos o documentário "Órfãos do Genocídio", uma produção americana dublada por eles, uma comunidade armênia mais atuante sim. Aqui no Brasil, há armênios espalhados por todo o país, muitos já não se sabem armênios, mas a maioria em São Paulo. (KILIKIAN, 2015).

Sobre o funcionamento das comunidades na América do Sul:

Em Buenos Aires e em Córdoba, a chamada "coletividade" que representa todas as entidades e igrejas, realizando as ações em nome de todas. Em Buenos Aires tem, funciona. Há um rodízio de presidências, então, provavelmente é cada vez de uma entidade que participa. Então nunca ninguém fica menosprezado. Até a menor acaba sendo representada. E Córdoba eu sei que tem. Tem até material deles, a história da coletividade de Córdoba, um material interessante que eu consegui uma edição. E no Uruguai acredito que tenha. Eu sei que Chile tem, na Venezuela tem. Em Rosário, na Argentina, também tem, entre Buenos Aires e Córdoba. E neles, a entidade "Coletividade", que abraça todas as outras, funciona. Aqui em São Paulo nós não temos uma entidade que abraça todas. Temos a Igreja Apostólica que liga duas Igrejas. A Apostólica em Osasco e a Apostólica em São Paulo. Temos a Católica e Evangélica. E duas evangélicas, cada uma numa ramificação ali, não sei bem qual que é a diferença das duas. Eu, eventualmente, vou às duas. O consulado não tem todas as entidades ali 100%. Não sei o motivo que não consegue unir todas. A Embaixada é recente. É diferente

de Buenos Aires, que a capital é ali, a Embaixada é ali e... É tão mais fácil. (TCHOBNIAN, 2014).

A comunidade armênia em São Paulo: “A gente sabe que tem preconceito, mas não em relação ao imigrante. O armênio se adaptou muito bem aqui”.

É uma comunidade pequena, mas unida. Já foi maior. Mas é uma comunidade onde tudo o que você fizer com muito trabalho e afinco, ela dá fruto. O pessoal tem também esse orgulho. Eu acho que cada comunidade, ela se adapta ao meio que vive. E no Brasil, eles vieram, os armênios vieram numa época que a cidade estava em expansão, nossa industrialização, os primeiros armênios vieram... O armênio é muito grato à terra que chega, ele tem muito amor pelo seu convívio. Então, ele se adaptou muito bem... talvez pelo fato de ser uma comunidade num país cristão, e o brasileiro ser um povo que abre os braços facilmente... A gente sabe que tem preconceito, mas não em relação ao imigrante. Então, o armênio se adaptou muito bem aqui. Em países mulçumanos, a gente vê que eles ficaram mais isolados, talvez o fato de se manter armênio é mais fácil em países onde tinham religiões diferentes, porque eles se fecharam mais, e aqui não, as coisas eram muito iguais, assim como o brasileiro era católico, o armênio também era muito chegado à igreja, então foi mais fácil essa integração. (APOVIAN, 2014).

“Eu gostaria que a coletividade armênia de São Paulo conhecesse mais a área de Armênio da Universidade de São Paulo.”

Nesse ano de 2015 minha visão sobre a coletividade armênia de São Paulo mudou um pouco, para melhor, em função das atividades e suas lideranças, no centenário do genocídio. A UGAB fechou a escola, encolheu o espaço dela, mas eu quero acreditar que as próximas gerações se articulem de outra forma. Eu acho que esse modelo das entidades se esgotou, está claro isso. Novos modelos estão surgindo, sobretudo, pelas mãos dos jovens que estão fortalecendo a ligação com a República da Armênia, através de programas de empreendedorismo. Eu gostaria que a coletividade armênia conhecesse mais o trabalho que se faz na área de Armênio no Departamento de Línguas Orientais da Universidade de São Paulo. É um privilégio imenso termos um espaço dentro dessa universidade. Hoje o curso de armênio tem muitos alunos, muitos não armênios, e poucos são os armênios que conhecem a extensão do trabalho. Considerando o reduzido tamanho da nossa comunidade em relação ao Brasil, é um privilégio termos um curso na universidade, que se dedica a todas as facetas, língua, cultura, história, fazendo jus ao tripé pesquisa, ensino e extensão, sem distinção de raça, credo e cor. Alguém batalhou muito lá atrás e conquistou esse espaço. Sou muito grata à Universidade de São Paulo por ter feito a minha carreira aqui, parte da minha vida está aqui. (KILIKIAN, 2015).

4.3 Ser armênio

As seleções das falas apresentadas nesse bloco constituem respostas à tríade de perguntas: “O que é ser armênio?”, “Como é ser armênio?”, “Se sente armênio?”. Como

soaram intrínsecas aos entrevistados, devido à sua relação direta entre identidade e pertencimento, são apresentadas a seguir em extratos não rigidamente delimitados.

Nessa fase final de compilação das entrevistas, acredita-se que o conjunto de perguntas, apresentados em forma de trechos editados nos blocos anteriores, buscou já responder as principais questões identitárias que envolvem universo armênio em questão. Nesse sentido, se confirma com poucos acréscimos todo o exposto.

Sobre “o que é ser armênio”, relatos individuais apontam “luta por direitos”, “estar na coletividade”, “conhecer a longa trajetória histórica do povo armênio”, e “conhecer a língua armênia”, e a “culinária própria”. O ponto comum manifesto nas falas é “a luta pelo reconhecimento do genocídio”, dentre outros controversos.

Eu vou pegar uma frase de Michael Arlem júnior, escritor do livro Passagem para o Ararat, editor do New York Times. “Ser armênio é ser estigmatizado pelo passado.” Nosso passado está na nossa pele. Isso é um peso, e se for bem tratado é um combustível. Ser armênio é vivenciar a armenidade. Ser armênio para mim é falar a língua. A língua é muito importante para nós. E lutar pela causa. Tem uma terceira vertente, no meu caso, que é o clube armênio, a minha segunda casa. Então para mim é: militar a armenidade principalmente na causa armênia politicamente, cultivar a língua, falar e ajudar a comunidade no que posso: no meu caso o clube armênio. (TAMDJIAN, 2014).

Não existe pré-requisito. Pra ser armênio, eu creio que basta se reconhecer como tal, você se definir como armênio. (...) é uma questão muito além de se levar um “Ian” no sobrenome. Eu me considero armênio, lógico. (...) claro que cada um tem sua singularidade, mas assim, de um modo geral, como me reconheço parte desse povo. E o orgulho (...) eu só vou ter orgulho de ser armênio, se o ser armênio for algo bom, algo que me traga coisas positivas. Então eu acho que o orgulho seria fruto disso. Por esse ponto de vista, sim, eu tenho orgulho de ser armênio. (SARKISSIAN, 2014).

Para mi ser armenia es todo e implica un trabajo y un esfuerzo mucho mayor, porque estamos trabajando por una Armenia que nos queda lejos, por una Armenia que en mi caso yo nunca conocí personalmente, no tuve la suerte de haber ido pero que la siento a su vez muy cercana. Siento que Armenia son los amigos que viven ahí que día a día se bancan todo lo que se bancan, pero también siento, que son los ...sobrevivientes del genocidio, la memoria de los que no sobrevivieron, y todos los que conformamos la diáspora en todos los lugares del mundo. (ARSLANIAN, 2013).

Ser armênio é ter o orgulho de fazer parte de um grupo, de um povo que tem muita história, que ela conseguiu se manter apesar das dificuldades dos séculos, se manteve unido, firme nos seus princípios, em volta da sua religião, em volta da sua cultura e tem orgulho de tudo isso. Não quer dizer, nem melhor e nem pior que os outros povos, apenas um povo entre eles, mais um, e que teve seus princípios sempre muito firmes, muito fortes, ao lado dos seus ideais (...) que apesar de todas as dificuldades que teve, sempre soube renascer, feliz e enfim... Ser armênio, pra mim, é isso. Um orgulho muito grande de pertencer a esse povo. (APOVIAN, 2014).

Es mi identidad. Fui criado con valores, educación y cultura armenia. Son también los valores que pretendemos mantener junto a mi mujer el día que formemos una familia, ella también fue criada de forma parecida. Me siento armenio, mucho. (BALASSANIAN, 2015).

Ser armenio no significa tener padres armenios. Eso, seguro. Ser armenio pasa por un sentimiento más que yo. Por ejemplo, hoy en día, yo podría dejar de participar de la comunidad armenia al 100%, pero yo me seguiría definiendo como armenio. O sea, tampoco participar en la comunidad te define como armenio. Pero es una mezcla de cosas... vivencias que puedes haber tenido en el entorno armenio que de alguna manera te tiene afectado, y que haya sentido, y te ha identificado con algo que tuviera haber con lo armenio y que lo adoptas. Para mí ser armenio, es como muy complejo. Es una mezcla de todo. No lo define nada en particular y, a la vez, lo define todas las particularidades. Por ejemplo, la comida, se puede hacer sentir un poco más armenio, pero no por comer comida armenia vas a ser armenio. Y, bueno, la causa de derechos humanos, en general, nosotros somos fervientes luchadores por la causa de derechos humanos de todos, y por eso me siento armenio, pero no por eso vas a ser armenio. No sé cómo explicarlo de otra manera. Sí, yo me siento armenio. Yo me siento armenio también por las instituciones a las que pertenezco, las instituciones que participo. Me siento armenio, porque me siento orgulloso de la historia. (...) me gustaría de tener algo de este espíritu en mí. Es como una idealización, me parece. Es raro de responder eso. (SAMANDJAN, 2013).

O (sobrenome com sufixo)“-ian” não faz o armênio. O sangue não faz o armênio. A característica física não faz o armênio. O que faz ser armênio é sentimento. Por que é que eu falo isso? Porque eu não falo armênio. Esse sentimento de armenidade se mistura com a minha ação dentro da comunidade. Sim, eu me sinto armênio. Só armênio. Eu sou nascido no Brasil. Eu sou armênio. Deveria ter nascido lá. É claro que no contexto de Armênia na Turquia... Se não fosse o genocídio, eu teria nascido lá. Minha terra era Armênia na Turquia. (TCHOBNIAN, 2014).

¿Qué es ser armenio hoy? Bueno para mí...es bueno, toda una tradición, una historia que va más allá del trauma o un genocidio, esto por ahí mucha gente siente lo armenio, a partir de una identificación con un trauma, muchas teorías sostienen eso, para mí va más allá. Para mí ser armenio significa poder pertenecer a un tipo específico de cultura milenaria, antigua, que para mí quizás suene polémico va más allá de la religión, o más allá del idioma va más allá... de ciertas prácticas culturales, significa...sentir un fenómeno que yo no sé cómo describirlo con palabras, pero que incluye todo esto que yo te nombré y la posibilidad de sentirte...viviendo en cualquier lugar del mundo más allá de un territorio específico. y...reclamar justicia ante un hecho tan aberrante como fue el genocidio, pero para mí la armenidad no se circunscribe a esa persecución o a una identidad de víctima sino a algo superador y algo que engloba todo los fenómenos pasados. (ARTINIAN, 2013).

Buena pregunta, yo a veces me la pregunto también. Yo, lo primero que siento, es que lo que hago y lo que siento es por la dignidad de mis abuelos. Esa dignidad de mis abuelos tiene mucho que ver con el reconocimiento, porque hay una versión que es de los turcos que dice que fueron casi, prácticamente, traidores, y si les pasó lo que les pasó es porque eran traidores que atentaban contra Turquía. No es así. Entonces que reconozcan que cometieron un crimen del cual yo también he sufrido las consecuencias por mejor situación económica que tuvieran mi familia. Y no es suficiente. Por qué estoy en Argentina? Por qué nací en Grecia? No tendría que haber estado ahí. En todo caso, si yo quería, si mis padres querían, voluntariamente, podrían haber se ido de sus ciudades originarias, pero por un acto

voluntario (...) Primero, para mí, lo fundamental, es la dignidad... es recuperar esa cuenta pendiente es de 1915 o, incluso, antes. (...) Ese tema es o una herida abierta. Es esto. Y lo armenio es porque, a pesar de esas circunstancias (...) siento que tengo una visión del otro que está cargada de elementos éticos, de principios, de una especie de humanidad que tiene un color particular. Yo creo que tiene enormemente que ver con el tema del genocidio. Te causa una sensación, un sentimiento de solidaridad, de compartir, que en otras situaciones no tienes. (MALKASSIAN, 2015).

Eu me sinto armênia. Eu lembro o que os meus ancestrais passaram, os meus avós. Tem uma força dentro de mim inexplicável. Tem também as características físicas, acho que a sobrancelha, o nariz e... Mas em relação a sentimento, assim, a força, a luta, a vontade de lutar, assim. Eu acho que a identidade dos armênios e descendentes está ligada ao genocídio. (BARSUMIAN, 2015).

É uma pergunta difícil de responder. Eu tenho uma bagagem de cultura e de língua que me faz armênia, mas eu não me senti em casa na Armênia. Nosso espalhamento pelo mundo tem o lado bom, pois, aonde quer que você vá há uma comunidade armênia, que mesmo tendo algumas características diferentes da minha, sinto-me em casa. Isso é um “plus” da armenidade. (...) Nós estamos no mundo. Realmente, onde existem mais de dois armênios nós temos uma comunidade. E isso é uma coisa muito boa. Eu me sinto mais armênia na diáspora do que lá na Armênia. Essa é a nossa marca, a de levarmos nosso país para qualquer lugar no mundo. A analogia entre a diáspora e a romã é ótima, pois, ao ser aberta, ela tem suas sementes espalhadas. Os acontecimentos do centenário reforçaram muito a questão de ser o genocídio realmente uma cola entre nós, algo em comum. (...) Aqui no Brasil eu me sinto armênia e brasileira. Que isso não fique mal entendido, pois minha mãe que não foi educada aqui no Brasil, leu os livros do Jorge Amado, do Érico Veríssimo e outros, com alguma dificuldade, mas lia, pois ela queria conhecer o Brasil. Entender o Brasil. Essa atitude da minha mãe me impressionava. Um adulto que veio do outro lado do mundo lendo em português. Eu cresci assim. Hora tinha a tristeza da memória, das perdas, hora as alegrias. Eu não consigo mergulhar mais na cultura armênia porque não sei ler em armênio, o que me faz muita falta. (KILIKIAN, 2015).

Yo durante años luché con ese tema. La verdad es que no fue fácil para mí. Luché pues yo no nací en Armenia, nací en Grecia. Y hasta cierto punto, digamos, el "ser armenio" fue un tema histórico para mí. Por el origen y por esta herida abierta que no la puedo cerrar. Suponga que la cierro, Turquía reconoce... Yo pienso en la situación... Voy desprenderme lo armenio? No puedo. Así que, por más que, en la época decía, "no, porque yo provengo de una tribu armenia", por ejemplo en orígenes de la historia, "de una tribu armenia, pero nací en Grecia, y tengo formación francesa, bueno, lo armenio es lo armenio". Y ni hablemos de Argentina. Sesenta años viviendo en Argentina... o más de 60 años. No, 58 años. ¿Y que, y me desprendo de la Argentina no significa nada? No... Argentina es importantísima para mí. Pero si uno dice "bueno, en el fondo...", si armenio es ser algo muy profundo, que tiene una raíz muy profunda, y yo diría "me siento armenio". (MALKASSIAN, 2015).

E o papel da culinária armênia como elemento de tradição e visibilidade:

Cada persona que prepara estas comidas y tiene algún ingrediente particular o secretos de cocina dependiendo de la ciudad armenia de donde son descendientes. Entonces, la misma comida puede tener algunos sabores diferentes, lo que hace que sean platos únicos. Son comidas muy elaboradas, de mucha preparación y todas artesanales (no hay maquinas que

puedan hacer en cantidad, todo es a mano). Mi abuela prepara algunas de esas comidas cada 15 días. (BALASSANIAN, 2015).

El tema de la cuestión de la comida armenia es muy fuerte y yo creo que es lo que, una de las cuestiones que más visibilidad dan, seguramente vos estuviste en la calle armenia, viste los restaurants y todo lo que es la visibilidad de lo armenio está pasando por la cuestión de la comida. Pero sí, sí hay periodicidad y de hecho la cuestión de la comida armenia es muy meticulosa. Esto de preparar pequeños platos que son como muy complejos y que van más allá de una sociedad donde hay muchos estudios hechos, donde la comida está muy industrializada y estandarizada. Se supone que todos tenemos comer lo mismo y bueno esto de lo que es el ritual de la comida, la pervivencia de una tradición... sí, hay un consumo muy...y el lugar de reunión. La gente va al restaurant armenio y se juntan y se mantiene la cuestión de la tradición en un lugar bastante inesperado como es un lugar de comida. Uno espera que todo se va a dar en grandes círculos no sé, literarios, artísticos... la gente va y se sienta a comer y la pasa bien y... habla y circula la información, circulan los sentimientos, los sueños de la personas y las tradiciones. En una palabra, sí, comemos y aparte es rico. (ARTINIAN, 2013).

Muchas: lehmeyun, suberek, mantí, kebab. Sí, preparo una vez por semana.(Sarafian)

4.3.1 “Como evoca a ‘sua’ Armênia?”

Quando indagados: onde é a (sua) Armênia? Se observa a predominância da resposta: “Onde tiver dois ou mais armênios”, remetendo à célebre frase do escritor da diáspora Willian Saroyan, nascido na Califórnia; e as expressões dali derivadas “**onde tiver armênios**”, hibridizadas à literatura brasileira “em toda a parte...”, **todas** em alusão as comunidades da diáspora. Há também várias referências geográficas, a maioria não coincidente com o país Armênia, “na solidariedade” “na oração Hai Mer¹²⁹ e “na música Erebuni Ierevani”¹³⁰ “na música clássica de Komitás”,

Mi armênia esta em la iglesia que construyo mi abuelo Jorge Sarafian, em Nor Hetesia, actual Turquía. (SARAFIAN, 2015).

Síria, Armênia atual e região armênia otomana.

Siria yo siento como la Armenia ideal. Y hay un poco de eso también. Sí, la verdad es que nuestro... Es un poco de todo, pero sí, cuando vamos a Siria, digamos, es... nos sentimos muy familiares. Con Armenia también. Y con la Armenia ancestral no sé porque nunca fui, pero sí calculo que también tendrás un impacto cuando va allá. (SAMANDJAN, 2013).

“Em qualquer lugar que tenha armênios”:

¹²⁹ Հայր մեր, Pai Nosso.

¹³⁰ Երեբունի Երեւանի. Alusão ao velho e novo país Armênia.

A Armênia não se restringe a uma forma física para mim. É uma coisa superior. É mais sentimental assim, é uma questão de referência que a gente tem com aquele território que historicamente pertenceu aos armênios. Mas a Armênia enfim está por toda parte, inclusive aqui no Brasil, então essa dispersão também acaba caracterizando bastante parte desse conceito do que é Armênia. Hoje onde quer que você vá, você vai achar a comunidade armênia, por incrível que pareça em países que a gente menos espera você achar ali uma comunidade armênia, o sudeste Asiático você tem ali, em Singapura, por exemplo, você tem comunidade armênia, tem armênios nos quatro cantos do mundo em todos os continentes. (...) transpor aquele trecho de Saroyan: “E aí forma nova Armênia onde quer que eles estejam.” É praticamente isso, aonde quer que tenha um armênio ali ele vai formar uma pequena Armênia. Então aqui para mim, a Universidade, a Cadeira de Armênio na U.S.P. é minha Armênia porque aqui eu tenho contato com a língua armênia, aqui que eu aprendo sobre a história da Armênia, aqui que eu vejo a literatura e tudo mais. Então é justamente isso, é aonde eu encontro essa Armênia e coisa que daqui para fora eu não iria conseguir. Então é isso, essas pequenas armênias que a gente constrói. (SARKISSIAN, 2014).

“Armênia”: qualquer lugar que possibilite reconstrução da vida.

Yo quiero señalar acá, es un poco lo que hablábamos antes de la dispersión, no solamente de la diáspora global producto del genocidio, sino que lo armenio es. Además de todos estos territorios que yo estoy de acuerdo con todos los que son parte del territorio, porque son territorios ancestrales. Lo armenio significa la posibilidad de la construcción de un lugar que a veces no tiene un territorio específico, que puede ser Argentina, que puede ser Brasil, que puede ser Nueva York y que está unido no solamente por ese recuerdo de un territorio ancestral, sino por la posibilidad de la construcción de un lugar nuevo y específico. (ARTINIAN, 2013).

(...) Armenia es Artsah (Nagorno) y todos estos territorios en Georgia y Azerbaijan que son las tierras ancestrales nuestras y en Turquía incluso. Armenia es Ararat. Armenia son los armenios que viven en Siria, por lo que también nos solidarizamos con ellos. (...) Así que Armenia es Siria. Armenia es la diáspora y eso también siento que ellos (os armenios da Armênia) no lo ven, no aprecian todo el trabajo que la diáspora hace por ellos pero siento que es mucho. Y Armenia es también vos, haciendo un trabajo sobre, sobre nosotros sin tener ningún tipo de relación biológica que te una a Armenia, eso también es Armenia. (ARSLANIAN, 2013).

Qualquer lugar do bom acolhimento. “Córdoba”.

Qualquer lugar que tenha armênios. Você se sente... (...) eu tenho maior atração por Córdoba. Aí já une amigos e uma expectativa de familiaridade com o local (...) te recebem como se estivesse em casa. E na Armênia é assim. E em qualquer outro lugar que tenha armênios... Se você não fala pra pessoa que você vai para lá, se você não vai para casa dela, ela se sente mal. E, na verdade, se você reserva um hotel, ela se sente mal. Queria que ficasse na casa dela. Então, isso acontece... Então a Armênia é em qualquer lugar que tem armênio. Claro que na Armênia, é Armênia, mas para mim, quando eu estou em Buenos Aires, eu tenho casa onde ficar. Eu não tenho parente nenhum lá. Quando eu estou em Córdoba, eu tenho onde ficar, e não tenho parente. E no Uruguai eu também tenho. Se eu for para o Egito e avisar os meus amigos, eles vão falar para eu ficar na casa deles (...) Para ir à Armênia então, não precisa conhecer a pessoa, basta você falar "fulano está indo", vão te receber no

aeroporto. Te levam para casa. Te levam para passear. Você não pode pagar nada. No Brasil não tem isso. (TCHOBNIAN, 2014).

Nas comunidades armênias no mundo, Marach e Alepo.

Eu me identifico com todas as comunidades armênias que encontro pelo mundo, inclusive, bem mais do que com a Armênia Oriental. Geograficamente o que me vem à mente, embora eu nunca tenha estado lá, é Marach, onde imagino meu avô na fazenda com o pai, a mãe e os irmãos, até que aconteceu a tragédia. Esse é o local físico no meu imaginário. Alepo também está no meu imaginário, pois, minha mãe frequentemente relatava a infância dela, as ruas da cidade, a neve, de como a mãe dela preparava os mantimentos para o inverno e os colocava no porão da casa. (KILIKIAN, 2015).

Na solidariedade, na arquitetura, na música, e nos sentimentos que despertam.

No tiene una frase hecha, pero Armenia está adentro mío. (...) tiene que ver con (...) una manera de ver el mundo (...)de ver a la otra persona, al próximo. Una manera de solidarizarse con problemas de otros pueblos. Si uno dice "le hago lo que puedo, porque el sufrimiento, conozco lo que es el sufrimiento, a través de mis abuelos o bisabuelos". Entonces no puedo quedar indiferente frente al sufrimiento de otros pueblos. Así que Armenia está a dentro a mí...Me emociona la música... en partes, la arquitectura tan increíble de la Edad Media. La gente que pudo hacer eso... Que, que capacidad! Que cabeza que tenían... Independientemente de la cuestión de fe, la religión y demás. Eso cobre por cada cuadro. Así que creo que en mí... Armenia es ese sentimiento tan fuerte de solidaridad, de participación, de unión con el otro. Y... un aspecto específico de Armenia es su música, su música clásica, la música de Komitás que me conmueve profundamente. (MALKASSIAN, 2015).

Eu acho que é no íntimo, mais íntimo. Naquela música que fala que "mesmo sendo um povo pequeno, estamos muito presentes no coração de todos vocês"... Na hora que canta-se o "Pai Nosso", no lugar em que estiver... Quando um grupo de armênios se encontra e começa a cantar o "Pai Nosso" que é tão nosso, assim como é de todos os cristãos, mas aquilo em armênio, com a musicalidade que tem, e eu vejo, pode ser meia dúzia, pode ser cinquenta, pode ser cem, quando levantam a voz e cantam em armênio, aquilo pra mim é uma Armênia. Aquilo pra mim... Quando cantam "Yerevan Erebuni" que não é o nosso hino, mas hoje em dia é considerado como se fosse, com aquelas palavras quem falam da nossa cidade, e você se encontra como responsável pela manutenção, de você pertencer àquele povo... como eu te falei, pode ser um grupo pequeno, pode ser um grupo médio, um grupo grande... aquela voz em uníssono saindo com aquela música, e todo mundo se sentindo armênio, aquilo pra mim é a minha Armênia. (APOVIAN, 2014).

Esse capítulo teve o intuito de apresentar atualização mais recente à pergunta inicial deste trabalho “quem são os armênios”. Buscou-se dar corpo a essa atualização através das respostas presentes na seleção das falas dos entrevistados apresentadas, cujos recortes de depoimentos, de forma implícita ou não, tiveram o intuito oferecer um mapeamento acerca de “quem são agora”. Os recortes finais das falas dos entrevistados justamente versaram sobre formas de “armenidade” identificadas e exercidas em resposta à tríade de perguntas que

justificaram a utilização da pesquisa etnográfica através da aplicação das presentes entrevistas objeto da pesquisa: o que é ser armênio, como é ser armênio, se sente armênio.

Esperamos que a multiplicidade de informações presentes nos depoimentos, que constituíram aproximadas desessete horas totais de entrevistas e cujas transcrições editadas ao final deste trabalho, que compõem os anexos I e II, possam ser utilizadas em outras pesquisas, tendo em vista a constatação de sua utilização parcial e reduzida e cujo tratamento se buscou uniformidade e imparcialidade no manejo das informações requeridas à pesquisa acadêmica. Assim esperamos ter logrado, ao menos em parte, a proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos a presente investigação após apresentação de pesquisa bibliográfica nos dois capítulos iniciais sobre armênios, genocídio, migrações e refúgios, com ênfase para dois países da América do Sul, Argentina e Brasil e a fixação intergeracional nas suas respectivas cidades de Buenos Aires e São Paulo.

A utilização de aporte teórico de abordagem qualitativa envolvendo as categorias de análise memória e identidade, intrínsecas ao pertencimento, indicado no capítulo 3, teve o intuito de dar corpo a essas ditas categorias através das respostas selecionadas das falas dos descendentes entrevistados apresentadas no capítulo 4, cujos recortes de depoimentos, de forma implícita ou não, possibilitaram elaborar e apresentar um mapeamento acerca de “quem são agora”. Nele se destacam elementos de busca e afirmação do pertencimento à vida comunitária relacionada diretamente a um passado comum de seus ancestrais vítimas do genocídio armênio de 1915, seus refúgios e vinda a América do Sul à procura de uma nova vida e onde puderam se fixar.

Nos trechos dos relatos individuais apresentados, os tipos de “armenidade” balizados e vivenciados se apoiam nesse dito passado comum da coletividade e também remetem aos laços de parentesco, enlaçando as memórias coletivas às familiares, aliadas ao conhecimento histórico explícito presente nas falas de alguns. Numa tímida nostalgia da terra ancestral e grande tristeza ao falar sobre o genocídio, tendem ao ativismo, na luta contra a injustiça de uma “conta pendente” que representa o genocídio e seu não reconhecimento pela Turquia, herdeira do Estado perpetrador.

A partir da análise-diagnóstico das falas, especialmente na segunda metade do capítulo 4, se identificou a existência desses traços comuns à identidade coletiva de diáspora em todos os depoimentos, confirmando que as identidades individuais, tal qual se apresentaram, são síntese de uma memória predominantemente coletiva e seus traços culturais presentes nos mitos, ritos e flagelos compartilhados na vida comunitária local e em relação e sintonia com outras comunidades regionais e fora dos dois países, em que pese elementos peculiares de identificação a exemplo de problemas locais como as ditaduras cívico-militares ocorridas num contexto recente na Argentina e no Brasil, e sua associação às práticas genocidas do Império Otomano, presentes em mais de uma fala do grupo platino.

Enquanto positividade, a crença nos mitos e liberdade para exercício dos ritos destaca-se o amálgama regional presente nas falas: Argentina e Brasil permitiram o livre exercício de

uma “armenidade” cristã. Ainda, “poder ser uma coisa e outra ao mesmo tempo”, ou seja, ser argentino ou brasileiro sem deixar de ser “armênio” ao identificar Buenos Aires e São Paulo como cidades globais “onde se pode torcer pelo Corinthians, sem negar a armenidade” (TAMDJIAN, 2014), embora ao patrono São Jorge se aluda origem à Capadócia, terra ancestral mesma do Império Otomano ou, também, onde passos de tango gravados na calçada da *calle* Armenia, no bairro de Palermo, na entrada do Clube armênio, aludem ao ritmo fundador de um novo mundo de interações imigrantes. Passos cravados no chão: gratidão à acolhida ancestral. Clara fusão da marca identitária armeno-platina.

O orgulho que transparece em relação à auto-identificação armênia evidencia um peculiar multipertencimento como vantagem, está presente nas falas que mencionam parentes ou amigos de mesma descendência em vários locais do planeta sempre prontos a acolher por ocasião de viagens, criando situações privilegiadas para o exercício da “armenidade”. Para alguns, a vida na diáspora se mostrou a melhor forma de viver, considerando essa ênfase às viagens e sentimento familiar partilhado com membros da coletividade fora do país onde vivem. Os fatores apontados consideram a ascensão social de membros desses grupos de maneira a eleger um tipo de vida globalizado, marcado pela participação das comunidades transnacionais através de viagens de lazer e de intercâmbios de natureza vária.

De confim austral a local que pode enviar e receber esse ser armênio, a América do Sul permite exercícios de intercâmbio de “armenidades” com seus tons e mesclas locais exclusivas a cada região de nascimento e residência. Através das cidades objeto do trabalho, indivíduos dos dois grupos têm compartilhado sentimento de alegria ao exercer as identidades contíguas e não excludentes. Contudo, as comunidades referência no ambiente da diáspora estão situadas no hemisfério norte, notadamente Estados Unidos, Canadá, França e Reino Unido, através da presença de uma extensa produção acadêmica, literária e cinematográfica da diáspora neles produzida e traduzida às demais comunidades, constituindo uma das balizas de sustentação da memória da coletividade armênia em seu sentido mais amplo.

Do exposto, se confirma a ascensão social e pouca visibilidade enquanto grupo presente na região sul americana, conforme constatação de um entrevistado:

Lo que parece ser como una comunidad invisible, los armenios parecen ser invisibles, no solamente en el caso de Brasil, pero en Argentina que es una gran comunidad (...) Creo que uno de los problemas es que dentro de lo que podríamos denominar, “cultura popular”, la presencia armenia es marginal.(...) uno de los déficit y creo que sí viene vinculado con el tema del genocidio, es que los armenios en dos noches perdieron a todos sus intelectuales, líderes políticos, líderes religiosos y referentes culturales y reconstituir todo ese fenómeno llevó mucho tiempo, de hecho yo te había mencionado antes que mi abuela no podía leer... el español. Entonces poder reconstituir una identidad cultural y poder reconstituir

algo simple como una biblioteca, o poder tener una producción académica seria que va más allá del sentimentalismo o un reclamo, del dolor. Es muy difícil.
(ARTINIAN, 2013).

Sobre a possibilidade de migrar aqui apontada, trata-se de situação muito diferente e mesmo inversa em relação aos armênios que nasceram e vivem no país Armênia, acentuando a questão econômica como fator não único, porém imperativo, das diferenças culturais. Os armênios nascidos na Armênia são possuidores de único documento de identificação interna e externa, o passaporte. Têm dificuldade de aceitação nos países europeus e outros, ainda que recentemente tenha havido ações diplomáticas para isenção dos vistos turísticos entre Brasil e Armênia. Além da formação universitária, cuja taxa é acima de 90%, dominam uma terceira ou quarta línguas, além do armênio e do russo, configuram mão de obra barata nos países europeus, concorrendo com os locais – aos moldes dos chineses no Japão – daí sua aceitação restrita. Nesse contexto resta a Rússia como destino dessa chamada “migração interna” que é responsável pelo envio de somas importantes à manutenção do PIB de uma Armênia em estágio de frágil desenvolvimento, com escassez de empregos e redução anual de seu número de habitantes. Expressivo número de jovens ali nascidos pretende migrar. E assim se verifica que os embates culturais entre os armênios e a diáspora de forma alguma estão alijados das questões econômicas, o que remete à questão “das identidades intrusas ou indesejadas sobre nós, especialmente quando não temos dinheiro” (BAUMAN, 2005, p. 44).

Por oportuno cabe abordagem sobre a população armênia que vive na Turquia, cuja questão identitária é ainda mais complexa não apenas por ser território epicentro do genocídio, mas também pela existência de armênios que professam outra religião, a muçulmana, pondo em xeque as bases da identidade armênia construída enquanto estado ancorado no cristianismo armênio e elemento homogeneizador da diáspora no mundo. A identidade armênio-turco-muçulmana soa como perigo e afronta dentro e fora da Turquia, contudo configura estratégia de sobrevivência dos que ficaram às formas oficiais severas para imposição de única identidade possível, a turca muçulmana, prevista no artigo 88 da Constituição turca de 1924. E se identidade pressupõe a aceitação de si e o reconhecimento pelo outro, a grande incógnita e desafio é o reconhecimento da Armênia, da diáspora e da própria Turquia dessa porção também armênia.

O ano de 2015 marcou um século do genocídio armênio, ocasião para a qual os grupos de diáspora se organizaram em torno dessa data com o intuito de chamar atenção da mídia internacional e nos âmbitos locais, orquestrados pelas comunidades existentes, para dar a conhecer o que foi e para o pedido de reparação sob o lema “eu lembro e reivindico”. Na data

rememorativa de 24 de abril do referido ano, a Alemanha declarou seu reconhecimento e participação ativa no flagelo. O Vaticano, o Parlamento Europeu se manifestaram. Também o fez o Senado Federal Brasileiro, causando incidente diplomático com a Turquia e aqui recortamos breve artigo publicado pela pesquisadora em 11 de junho de 2015 no Jornal *O Estado de São Paulo* que espelha a contínua situação reativa dos sucessivos governos turcos em relação ao reconhecimento da autoria do genocídio:

O recente estremecimento das relações diplomáticas entre Turquia e Brasil, em decorrência da moção de apoio do Senado Brasileiro em 02 de junho último para reconhecimento do genocídio Armênio, reacende novas questões sobre a continuidade das relações bilaterais dos dois países a partir da responsabilização da Turquia pelos massacres ocorridos em 1915.

Somente após 6 dias da aprovação da moção, o governo turco manifestou clara desaprovação ao teor do documento, retirando seu embaixador em Brasília, além de pressionar o Brasil, chamando para consultas o embaixador brasileiro em Ancara.

O Genocídio de armênios perpetrado pelo Império Otomano culminou no assassinato de aproximados dois terços da população armênia que ali vivia e na formação de sua grande diáspora pelo mundo. Implicou em grandes perdas territoriais pelos armênios, ratificadas pelo Tratado de Lausanne após a Primeira Guerra Mundial. A partir dessas perdas, se formou a geografia da Turquia atual, responsabilizada pelo genocídio, uma vez sucessora daquele extinto Império. Transcorrido um século, a Turquia tem sido mais frequentemente pressionada a reconhecer o genocídio armênio, tendo dois fatos marcantes em abril último: o discurso do Papa Francisco e a resolução aprovada pelo Parlamento Europeu na busca de abertura de caminhos para a reconciliação entre os povos turco e armênio.

A persistente negação da Turquia pela responsabilização do genocídio armênio tem sido adotada por seus sucessivos governos e relativizada pelo governo do atual presidente Recep Tayyip Erdogan ao admitir que autoridades otomanas cometeram atrocidades contra os armênios, mas tanto a responsabilização pelos massacres como o uso termo genocídio para nominá-los continuam a ser rechaçados.

A partir da moção de apoio do Senado Federal, o Brasil convida a Turquia a um reposicionamento sobre o genocídio armênio, sob o risco de comprometimento de acordos estratégicos entre os dois países. Na melhor das alternativas, acena para que aquele país busque o estabelecimento de laços de cooperação com a Armênia, possibilitando o necessário e urgente crescimento econômico daquele país fronteiriço.

Em outras situações de flagelos recentes narrados pela cobertura jornalística das grandes empresas de notícias transmitidas nos âmbitos global e local, os armênios, ainda que de forma muito tímida, reapareceram na mídia. Trata-se do exponencial crescimento dos conflitos na Síria iniciados em março de 2011. Como não previsto no início desta pesquisa, os acontecimentos ganharam destaque e inevitavelmente perpassaram as falas de alguns dos entrevistados, levantando inquietações acerca da existência de comunidades armênias naquele país e sua precária situação atual junto aos demais cidadãos sírios, cruzando novos e antigos conflitos envolvendo guerra e condição refugiada, cuja gênese se pôde observar através da

ancestralidade do grupo estudado no contexto da Primeira Grande Guerra e reaparecendo atualmente sob a forma regional e dispersa de um conflito nomeado Terceira Guerra Mundial pelo Papa Francisco.

A problemática eclodiu na Síria a partir da grande seca que o país vivenciou até 2010 e progressivamente passou a ocupar destaque na mídia internacional sob o tema da guerra e dos refugiados, cujas identidades da região são apresentadas em único bloco de nacionalidade síria. Aos poucos são informados quantos e quais grupos formam esse vasto contingente, revisitando a questão apátrida do início do século passado que originou o documento Nansen, cujas nacionalidades à época não foram discriminadas devido à urgência da lida cotidiana na solução de problemas relacionados aos fluxos e sua respectiva autorização para trânsitos.

A esses conflitos somam-se outros também atuais produtores de grandes saldos de refugiados provenientes dos países africanos, todos eles rumo aos países europeus, como no passado. Ainda que se trate de outro contexto, em todos os países europeus, a falta de estrutura e principalmente a não predisposição para acolher é fato recorrente, ainda que a Alemanha – em relação aos sírios – venha tentando operacionalizar estratégias consistentes de permanência com o intuito maior de evitar o *déficit* populacional já sentido no país.

Esse novo flagelo sírio em forma de conflito pluridimensional, envolve combates entre milícias e soldados do governo ditatorial sírio de Bashar Al Assad contra e entre outros grupos rebeldes. Culmina no oportunismo e risco iminente de dominação da radical e ultraviolenta facção muçulmana Estado Islâmico (Daesh), e suas aspirações fronteiriças para formação de um novo país em forma de califado da Idade Média, cujo intuito é abarcar para dentro das novas fronteiras as áreas de petróleo e gás que vão desde o oeste Síria ao norte do Iraque. Somam-se ao contexto interferências recentes de outros países com uso de forças militares, a exemplo dos Estados Unidos, Rússia e França, além do temor e defesa da Turquia em sua zona fronteiriça, num quadro de inexistente consenso e empenho comum no combate ao crescimento e dominação do Estado Islâmico, culminando em represálias terroristas daquele grupo, especialmente na França, e resultando na morte de civis inocentes.

Nesse cenário, questões religiosas novamente se adensam e se agravam num fatídico retorno às questões culturais que se tornaram pretexto maior para justificar arena de embate e seu desfecho brutal que foi o genocídio armênio, ressurgido sob a égide de nova roupagem de radicalismo religioso para justificativa de extermínio às minorias religiosas cristãs e outras, tendo também como alvo, senão o principal, os próprios muçulmanos.

Em poucas matérias de imprensa que não armênia se menciona de forma direta ou indireta a existência de pequenas comunidades armênias na Síria, seus flagelos e destinos de refúgio. Da feita foram selecionadas algumas a seguir onde são abordadas, no contexto amplo dos refúgios da atualidade:

Antes do início da guerra civil, em março de 2011, a Síria era um bom exemplo de relacionamento harmonioso entre seus diferentes grupos étnicos e religiosos, árabes, curdos, gregos, armênios e assírios - cristãos, judeus, sunitas, alauitas e xiitas. A família Assad governava desde 1970, e se orgulhava da relativa harmonia. Quando os manifestantes começaram a reivindicar reformas imprescindíveis no sistema político da Síria, o presidente considerou esse movimento uma iniciativa revolucionária ilegal, cujo objetivo seria derrubar seu regime "legítimo", e, equivocadamente, decidiu eliminá-la usando a força militar. Por diversas e complexas razões, ele tinha apoio de suas tropas - na maior parte, formadas por cristãos, judeus, xiitas, alauitas e outros que temiam que muçulmanos sunitas radicais tomassem o poder. (CARTER, 2015).

De outra matéria do editorial da BBC - seção Europa - publicada em 10 de setembro de 2015 intitulada “Syria's Armenians look to ancient homeland for safety”, dois trechos sobre as cidades de população armênia na Síria e número de refugiados que procuraram asilo na Armênia seguem abaixo traduzidos.

Antes do conflito o número estimado de armênios étnicos na Síria era de aproximados 100.000. Mais de 60.000 deles instalados em Alepo e pequenas comunidades em Kessab, Qamishli, Yacubiyah, Kobane e Damasco. (...) O influxo de refugiados sírios na Armênia teve início em 2012, quando mais de 6.500 pessoas escaparam. Em 2013, o número de sírios armênios chegou a 11 mil e em agosto de 2015, mais de 15 mil procuraram asilo na Armênia.¹³¹

O blog norte americano “The Rightscope” publicou em 26 de março de 2014 a tomada da cidade armênia de Kessab, na Síria, por grupos islâmicos radicais. Abaixo seguem os principais parágrafos traduzidos do texto “ISIS Islamist groups capture Armenian Christian city in Syria”:

Forças islâmicas sírias assassinaram Hilal Assad, parente do presidente Sírio Bashar al Assad e principal comandante das forças militares do governo que estava defendendo a cidade cristã armênia de Kessab na última semana. (...) Cristãos representam 8% da população síria e tem sofrido gravemente com os grupos de rebeldes islâmicos que destroem igrejas e, às vezes, vilas inteiras. (...) Grupos rebeldes do ISIS disseram que não iriam molestar cristãos nem suas igrejas, mas relatos mostram justamente o contrário (...) mais de 80% foram assassinados e ao menos três igrejas destruídas, obrigando os sírios cristãos a abandonar a região.¹³²

¹³¹ Tradução nossa. Original: "Before the conflict, the estimated number of ethnic Armenians in Syria was about 100,000. More than 60,000 of them settled in Aleppo, with smaller communities in Kessab, Qamishli, Yacubiyah, Kobane and Damascus. (...) The influx of Syrian refugees into Armenia started in 2012, when over 6,500 people fled. In 2013, the number of Syrian Armenians fleeing reached 11,000 and by August 2015, over 15,000 Armenians had been reported to be seeking asylum in Armenia." Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-34210854>>. Acesso em: 15 set. 2015.

¹³² Tradução nossa. Original: "Syrian Islamist forces have killed Hilal Assad, a relative of Syrian President Bashar al Assad and key commander of the government military forces who was defending the Armenian

Em 20 de abril de 2015 *Al Jazeera* publicou: “Syrians in Armenia: not just another refugee story”. A matéria cita a Armênia país como terra ancestral e dela seguem traduzidos excertos sobre relatos de refugiados sírio-armênios:

Angel Agamyan (...) traumatizada pelos assassinatos de seu marido e sogro pelo ISIL na região norte de Aleppo, (...) decidiu abandonar a Síria após receber repetidamente ligações telefônicas maliciosas do grupo com ameaças de morte a ela e seus três filhos crianças.¹³³

A matéria complementa que cerca de quatro milhões de civis sírios já deixaram o país, configurando a maior população refugiada do mundo. Contam com passagens mortais ao cruzar o Mar Mediterrâneo para tentar sobreviver. Enfrentam maus tratos e discriminação por cada país que passam.

Complementa o quadro, matéria de Jamil Chade, publicada em 9 de setembro de 2015 em *O Estado de São Paulo*:

Pela lei da EU (União Europeia), refugiado é obrigado a permanecer no país por onde entrou no bloco e ali pedir seu asilo. Mas, para os estrangeiros, a forma de apagar esse registro é justamente picando o documento e reaparecendo na Áustria ou Alemanha como se jamais tivessem passado pela Europa.

E alguns recortes das causas ambientais que corroboraram para a crise Síria, extraídos da matéria de Thomas Friedman, *New York Times* – traduzida por Celso Paciornik e publicada em 21/5/2013 em *O Estado de São Paulo* intitulada “Seca foi combustível para a revolução na Síria”¹³⁴:

Numa era de mudanças climáticas, provavelmente, veremos muitos outros conflitos desse gênero. “A seca não causou a guerra civil na Síria”, disse o economista Samir Aita, mas a incapacidade do governo de responder a ela alimentou a insurgência. Segundo Aita, depois que Assad assumiu, em 2000, ele abriu o regulado setor agrícola da Síria para grandes fazendeiros, muitos protegidos do governo, para acumular terra e extrair do subsolo toda a água que queriam, acabando por reduzir drasticamente o lençol freático do país. Isso começou a expulsar os pequenos agricultores do campo para as cidades, onde eles tinham de implorar por trabalho.

Desastre. Por conta da explosão demográfica, que começou nos anos 80 e 90 graças à melhora do sistema de saúde, os que deixavam o campo chegavam com famílias

Christian city of Kassat last weekend. (...) Christians, who make up around 8 percent of the Syrian population, have suffered heavily, with Islamic rebel groups destroying churches and sometimes entire towns (...) ISIS rebel groups said they would not harm any Christians or their churches, but reports are already showing otherwise (...) up to 80 people have been killed and at least three churches desecrated as Syrian Christians flee the town.”. Disponível em: <<http://therightscoop.com/isis-islamist-groups-capture-armenian-christian-city-in-syria/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

¹³³ Tradução nossa. Original: “Angel Agamyan (...) traumatised by ISIL's killing of their father and grandfather, in northern Aleppo, (...) decided to flee Syria after repeatedly receiving malicious phone calls from the group, threatening to find and kill her children, too.”. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2015/04/syrians-armenia-refugee-story-150412132753714.html>>. Acesso em: 30 out. 2015.

¹³⁴ Disponível em: < <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,seca-foi-combustivel-para-revolucao-na-siria-imp-,1033918> >. Acesso em: 22 mai. 2013.

enormes e se estabeleciam em cidades menores em torno de cidades como Aleppo. Algumas dessas cidadezinhas incharam, de 2 mil habitantes para 400 mil em uma década. O governo não conseguiu prover escolas, empregos e serviços adequados a essa massa jovem, que chegava à adolescência e à faixa dos 20 quando a revolução eclodiu.

Entre 2006 e 2011, cerca de 60% da Síria foram devastados pela seca e, com o lençol freático baixo demais e a irrigação prejudicada, não havia mais meios de sustento para 800 mil agricultores. "Metade da população da Síria entre os rios Tigre e Eufrates trocou a terra por áreas urbanas durante a última década", disse Aita.

Com Assad não fazendo nada para ajudar os refugiados, uma grande quantidade de agricultores muito simples e seus filhos se politizaram. "Estado e governo foram inventados nesta parte do mundo, na antiga Mesopotâmia, precisamente para organizar a irrigação e o cultivo de plantas", disse Aita. "E Assad fracassou nessa tarefa básica." Os jovens e agricultores, carentes de emprego, e a terra, carente de água, foram uma receita para a revolução. Basta perguntar aos que estavam aqui, a começar por Faten, a quem conheci em seu flat simples em Sanliurfa, cidade turca perto da fronteira síria.

Finalizando os recortes, as matérias abaixo estabelecem relações para defesa firmadas entre curdos e armênios na região Autônoma de Rojava que conta com milícias femininas desses grupos para combater o ISIL e também a explicação de Patrick Cockburn intitulada "De onde vêm tantos refugiados?", ambas publicadas no blog eletrônico Outras Palavras cuja figura da última matéria segue também reproduzida.

Com a queda do regime secular do Iraque e a guerra civil da Síria as áreas curdas ganharam liberdade. "A Região Autônoma da Rojava é um dos poucos pontos brilhantes a emergir da tragédia da revolução síria. Depois de expulsar os agentes do regime de Assad, em 2011, e apesar da hostilidade de quase todos os seus vizinhos, Rojava não só manteve a sua independência como constitui uma experiência democrática notável. Foram criadas assembleias populares enquanto órgãos de decisão final, os conselhos foram constituídos com um cuidadoso equilíbrio étnico (em cada município, por exemplo, os três principais responsáveis têm de incluir um curdo, um árabe e um assírio ou armênio cristão, e pelo menos um dos três tem de ser uma mulher). Existe um exército feminista, a milícia YJA Star (União de Mulheres Livres, a estrela refere-se à antiga deusa mesopotâmica Ishtar), que realizou uma grande parte das operações de combate contra as forças do Estado islâmico", escreve David Graeber, antropólogo e ativista do Occupy Wall Street no The Guardian. (ALMEIDA, 2014).

Figura 8 – Refugiados sírios em números nos países vizinhos

Fonte: Disponível <<http://outraspalavras.net/posts/de-onde-vem-tantos-refugiados/>>. Acesso 03 dez. 2015.

Nove guerras civis simultâneas devastam mundo islâmico. Há algo comum entre elas: a destruição dos Estados nacionais árabes e o estímulo ao ultra-fundamentalismo, promovidos por EUA e seus aliados. (...) São tempos de violência no Oriente Médio e Norte da África, com nove guerras civis acontecendo em países islâmicos, situados entre o Paquistão e a Nigéria. É por isso que há tantos refugiados tentando escapar para salvar suas vidas. Metade da população de 23 milhões da Síria foi expulsa de suas casas; quatro milhões transformaram-se em refugiados em outros países. (...) Cerca de 2,6 milhões de iraquianos foram deslocados pelas ofensivas do Estado Islâmico, o Isis, no último ano, e se espremem em tendas ou edifícios inacabados. Invisíveis para o mundo, cerca de 1,5 milhão de pessoas foram deslocadas no sul do Sudão, desde que os combates recomeçaram por lá, no final de 2013. Na grande faixa de terra entre as montanhas Hindu Kush e o lado ocidental do Saara, conflitos religiosos, étnicos e separatistas estão destruindo os países. Em toda parte há Estados em colapso, enfraquecidos ou sob ataque; e em muitos desses lugares, as insurgências islâmicas radicais sunitas, em ascensão, usam o terror contra civis para provocar fuga em massa. (COCKBURN, 2015).

Numa revisitada e igualmente dolorosa realidade, a questão refugiada emerge nessas questões e coloca em evidência a Síria e seus conflitos recentes, atualizando e multiplicando de forma dramática e não resolvida a questão refugiada no mundo e questões econômicas

definindo novas fronteiras. Abarca de forma geral uma área periférica denominada por Edward Said (2007) como o “eu subterrâneo da Europa” e “região de atraso exotismo e distância, do mundo ocidental”, justamente dela a maioria dos novos refugiados provém rumo à Europa.

Nesse cenário é importante mencionar um grupo - os curdos – e as questões territoriais demarcadas, mas não em profundidade, no capítulo 1. Uma das províncias armênias do então Império Otomano, Diyarbakir, também é aludida terra ancestral pelos curdos.

Mapa 13 - Novas fronteiras: Turquia, Armênia e Curdistão

Fonte: PETERS (2006). Disponível em <<http://web.deu.edu.tr/atiksu/ana82/afj2.jpg>>. Acesso em 16 nov. 2015.

O mapa apresentado, extraído do sítio de internet Dokuz Eylül Üniversitesi (DEBIS), trata de um estudo de 2008 acerca das fronteiras turcas e de outros países que num futuro próximo apresentariam perdas (países escritos em vermelho) e ganhos territoriais (escritos em preto). Cabe notar o caso da Armênia, numa sutil delimitação fronteiriça pouco se identifica acerca do Ararat que parece ocupar seu território, contudo há limites incertos acerca do enclave Nagorno-Kharabah (Artsah, mencionado pelos entrevistados), indicando um paradoxo no mapa: a perda territorial maior se integrado ao litigante Azerbaijão, e não um ganho.

Outro ponto polêmico é a constatação turca por ocasião da publicação do estudo da iminente ameaça curda para recomposição da porção atribuída também à terra ancestral, cujo espaço transfronteiriço abarca parte do norte da Síria e porção do Iraque. Atualmente, a área conhecida como Curdistão é região autônoma, não se trata de um Estado. O estudo, em seu caráter mais abrangente, previu uma fratura no mapa turco, cujos litígios para recuperação territorial se multiplicaram e se tornaram ainda mais complexos. Compreensível que nas falas dos entrevistados deste trabalho o pleito para recuperação territorial da armênia otomana não tenha aparecido como imperativo unânime, até mesmo entre os que são membros do partido mais ativo nessa questão: o Tashnagtsutun. Ademais (conforme estudo jurídico do entrevistado Roberto Malkassian) pelas normas do Direito Internacional o pleito somente pode ocorrer pelo país Armênia, em sua dupla frágil situação: econômica e fronteiriça, ao sul do Cáucaso e integrante da Ásia Menor, do Oriente Próximo, ou ainda em cabal sinonímia, do Oriente Médio (Akcelrud, 1986), em que pese não poucos mapas e referências geográficas apontarem sua miraculosa localização na Europa.

Essas questões surgidas no decorrer da pesquisa, cujos objetivos anteriores não contemplavam, deram outro doloroso tom de atualidade ao genocídio armênio envolvendo a questão dos refugiados hoje. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) somam 60 milhões de pessoas no mundo, cifra nunca antes tão alta.

A esse flagelo, em breve retrospectiva citamos outros genocídios ocorridos no decorrer do século XX, cujos métodos de extermínio variaram do “rudimentar” ao “industrial”: na então república alemã da Namíbia (1904-1908), “Holodomor”, na Ucrânia (1932-1933), holocausto judeu na Alemanha (1939-1945), no Camboja (1975-1979), no Tibete (1987-1989), na Bósnia (1992-1995), na Chechênia (1994-2003), em Ruanda (1994), Darfur (2003-atual), dentre outros numerosos conflitos, passados e em curso inclusive, cuja tipificação do ato e nomenclatura jurídica (ainda?) não foram aplicados.

O trauma dos sobreviventes às atrocidades e seus deslocamentos forçados apontam para um registro geral de existências marcadas por estigma identitário. Nesse sentido, o escritor da diáspora armênia norte-americana Michael Arlen (filho) num dos trechos da sua obra *Passagem para o Ararat* (1978, p.88), abaixo reproduzido, bem espelha a situação refugiada e a perda da nacionalidade:

A capacidade de um povo prosseguir além da nacionalidade. Pois, ser uma nação – um membro de uma nação moderna – é herdar território, orgulho por sua propriedade, e estar ligado a sonhos coletivos de quase impossíveis grandezas e selvageria, fertilidade e ódio. Ser um armênio significou que se foi obrigado pelas circunstâncias a passar por cima ou bem por baixo – ou, de qualquer modo, a ficar à margem – desses imperativos de nacionalidade, e dessa maneira ter sido livre, para

tentar a luta de uma vida comum, e sonhar sonhos mais modestos, e tentar lidar com esses sonhos o melhor que se pôde.

Esperamos que o presente trabalho quiçá possa em modesta parcela contribuir, através da história e memória do grupo estudado, para a constatação desse cruzamento de novos e antigos conflitos envolvendo refúgios e refugiados num contexto multissecular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. de p.(Org.). **A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- AKCELRUD, I. **O Oriente Médio. São Paulo: Atual**. Campinas, SP: Ed. UNESP, 1986.
- ANTUNES, S. p.**Introdução ao universo armênio**. São Paulo: Sésamo, 2012.
- ARLEN, M. J.. **Passagem para o Ararat**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ARTINIAN, J.; PAPAZIAN, A.. **El Genocidio Armenio: Educación en Derechos Humanos**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Luisa Hairabedian, 2013.
- ARAK-29 FOUNDATION. **Armenia 2020: Diaspora-Homeland Issue Paper**. Yerevan, Armênia: Arak-29 Foundation, 2003.
- BAER, W.. **A industrialização e o desenvolvimento econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966.
- BAHBA, H. K.. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BALAKIAN, P.. **The Burning Tigris**. New York: Harper Collins Publishers, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. **A Comunidade**. Tradução: Plinio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. **A Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: C.A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z.. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Tradução: C.A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BEIRED, J.; BARBOSA, C. (orgs.). **Política e identidade cultural na América Latina**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.
- BILHÃO, I. La importancia del primero de mayo en la construcción de la identidad obrera: estudio centrado en Porto Alegre, Brasil, 1896-1920. **Latin American Research Review**. Austin, v.44, n. 3, 2009. p. 155-175.
- BOGOSSIAN, P.. **Construções e reconstruções da identidade armênia no Brasil**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2011.

- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- BRYCE, J.; TOYNBEE, A.. **Atrocidades turcas na Armênia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- CAMARERO, A. A. C.. **Armênios em São Paulo: mobilização e genocídio**. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Geografia), FFLCH. Universidade de São Paulo, 2013.
- COHEN, Robin. **Global Diasporas: an Introduction**. Londres: UCL Press, 1997.
- COHEN, Robin. **Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora**. Tradução: Maria Lavinia S. de Magalhães e Daniel S. de Magalhães. Caderno CRH. Salvador, v.21, n.54, p.519-532, set/dec. 2008.
- FERREIRA, J. C. P.. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 21^a ed. São Paulo: Editora Nacional, 1986.
- GARCIA CANCLINI, N.. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Tradução: Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2011.
- GODOY, A. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, mai./jun.1995.
- GRÜN, R.. **Negócios & famílias: armênios em São Paulo**. Série Imigração. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.
- HALBWACHS, M.. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: SOVIK, Liv (org.) **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HEKIMIAN, Kim. Armenian Immigration to Argentina: 1909-1938. **Armenian Review**. Watertown, MA, v.43, n.1, p.85-113, Spring 1990.
- HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- HUTINGTON, S. **Choque de civilizações**. Tradução: M.H.C. Côrtes. São Paulo: Editora Objetiva, 1993.
- KERIMIAN, N.. **Massacre de armênios**. São Paulo: Comunidade da Igreja Apostólica no Brasil, 1998.
- KEROUZIAN, Y. O. O povo armênio e sua evolução histórica. **Revista de História**. São Paulo, DH/FFLCH/USP, v. XXVIII, n.58, p.257-293, abril-junho, 1964.
- KEROUZIAN, Y. O. **Origens do Alfabeto Armênio**. Série Armênia n.3, São Paulo: FFLCH/USP, 1970.
- KILIKIAN, B. V.. **A história da família Kilikian**. São Paulo: 2013.
- LE GOFF, Charles. **História & Memória**. Tradução: B. Leitão. 7^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LOUREIRO, H. A. C.. **O Comunismo dos Imigrantes Armênios de São Paulo (1935-1969)**. Dissertação (Mestrado em História), PUCSP. São Paulo. 2012.
- LOUREIRO, H. A. C.. Os armênios em São Paulo e a repressão da Polícia Política durante o governo Vargas. In: GONÇALVES, L. P.; SARMIENTO, E.; VIANNA, M. de A. G. (org.). **Presos Políticos e Perseguidos estrangeiros na Era Vargas**. 1^a ed.. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, v. 1, p.211-228. 2014.
- LOUREIRO, H. A. C.. **Genocídio Armênio: uma introdução histórica**, 2015. (no prelo)
- MARCARIAN, M. N.. Diáspora armênia no Brasil. **Revista de Estudos Orientais**. São Paulo: DLO/FFLCH/USP, n.6, p.109-115, 2008.
- MARDIGANIAN, A.. **Ravished Armenia: The Story of Aurora Mardiganian, the Christian Girl, Who Lived Through the Great Massacres**. London: Forgotten Books, 2012.
- MATIOSSIAN, Vartan. **Passado sin retorno, futuro que espera: los armênios em la Argentina ayer y hoy**. Montevideo: Ediciones ASCUA, 2011.
- MORAES, A. C.. O Social na América Latina: dilemas e perspectivas. **Cadernos PROLAM**, ano 3, v.1 , p.23-36. 2004.
- MORGENTHAU, H.. **A história do Embaixador Morgenthau**. Tradução Marcelo Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v.1, nº 3, 2ºsem. 1996.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- ORMANIAN, M.. **A Igreja dos Armênios: sua história, doutrina, hierarquia, reforma, liturgia, literatura e situação atual.** Diocese da Igreja Apostólica Armênia no Brasil. São Paulo: Edições O.L.M., 2003.
- OSMAN, S. A.. **Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses, muçulmanos e cristãos.** São Paulo: Xamã, 2011.
- PAIVA, Odair da C.. **Breve história da Hospedaria de Imigrantes e da imigração para São Paulo.** São Paulo: Memorial do Imigrante, 2000.
- PAMUK, Sevket. The Price Revolution in the Ottoman Empire reconsidered. **Journal Middle East Studies.** Cambridge, n. 33, p.73-82. 2001.
- PEREIRA, D. C.. O Genocídio Armênio e seus Reflexos na Literatura. **Revista de Estudos Orientais.** São Paulo, n. 8, p. 91-105. 2010
- PIRES, Julio Manuel; PAVERCHI, Silvia. **A Era Vargas e o trabalho do migrante armênio no Brasil.** Anais do 4º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais-ABRI, 2013, p.3-4.
- QUINTEROS, M. C.. **Os olhos da nação – As imagens construídas sobre o estrangeiro nas políticas imigratórias argentinas (1930-1955).** Curitiba: Instituto Memória, 2008.
- REDGATE, A. E. **The Armenians.** Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd, 1998, 2000.
- SAFRAN, W.. **Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return.** Diaspora 1, no. 1 (Spring 1991), p.84-90.
- SAID, E.. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, F. L. B. **Gênese e atualidade da noção de América Latina: uma reflexão sobre o sentido histórico da integração Continental.** In Faces da História, Assis-SP, v.2, nº1, p.06-16, jan-jun, 2015.
- SAPSEZIAN, A.. **História da Armênia.** São Paulo: Emblema, 2010.
- SEMERDJIAN, E.. Calçados: o ramo dos armênios no Brasil. **Cadernos de Cultura Armênia.** São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, p.175-179. 2001.
- SHAIN, Yossi and BARTH, Aharon. Diásporas and International Relations Theory. **International Organization.** Cambridge (UK), v.57 n.3, p.449-479. Summer 2003
- SOMEL, Selcuk Aksin. **Historical Dictionary of the Ottoman Empire** (Ancient civilizations and Historical Eras). Lanham: Scarecrow Press, 2003.

- SUMMA, R. F.. Vozes Armênicas: memórias de um genocídio. **Revista Ética e Filosofia na Política**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), v.10, n.1, Junho 2007.
- VARELA, Brisa. **Inmigración Armenia en Argentina: la ruptura del mito del retorno**. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2002.
- VARELA, Brisa. **Geografías de la Memória: lugares, desarraigos y reconstitución identitaria em situación de genocídio**. 1ª. Ed. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2009.
- VASCONCELLOS, A. S; GREMAUD, A. P.; TONETO JR, R.. **A economia brasileira contemporânea**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.
- VERNEUIL, H. **Mayrig**. Tradução: Charles Apovian. Robert Lafont, S.A.:Paris, 1985.
- VILLELA, A. V.; SUZIGAN, W.. **Política do governo e crescimento da economia brasileira: 1889-1945**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1973.
- YEGHIAZARYAN, L.. O Papel da Tradução no Desenvolvimento da Estruturação da Arte Literária Armênia. **Revista de Estudos Orientais**. São Paulo, DLO/FFLCH/USP, n.5, p.185-194. 2006.

DA INTERNET

- ALMEIDA, Nuno R. de. Os curdos numa armadilha da História. **Outras Palavras**, Comunicação Compartilhada e Pós-capitalismo. 14 out. 2014. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/os-curdos-numa-armadilha-da-historia/>>. Acesso em: 14 out. 2014.
- ALTMAN, Max. Hoje na História – 1923: Turquia assina Tratado de Lausanne, que legitima limpezas étnicas e redefine suas fronteiras. **Opera Mundi**. São Paulo, 24 jul. 2014. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/37148/hoje+na+historia++1923+turquia+assina+tratado+de+lausanne+que+legitima+limpezas+etnicas++redefine+suas+fronteiras.shtml>>. Acesso em: 08 ago. 2015.
- ARMENIA MAIN PORTAL. Disponível em: <<http://www.welcomearmenia.com/>>. Acesso em: 05 jul.2015.
- ARMENIAN GENERAL BENEVOLENT UNION (AGBU). Disponível em: <<http://agbu.org/>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

ARMENIAN GENOCIDE – ARMENIAN NATIONAL INSTITUTE.
<http://www.armenian-genocide.org/> >. Acesso em 11 nov. 2014.

ARMENIAN GENOCIDE MUSEUM OF AMERICA. Disponível em:
<http://www.armeniangenocidemuseum.org/>>. Acesso em: 25 fev. 2014

ARMENIAN POPULATION. World Bank. Disponível em:
<http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>>. Acesso em 25 ago. 2015.

ARMENIAN REVOLUTIONARY FEDERATION. DASHNATSUTYUN. Disponível em
<http://www.arfd.info/>>. Acesso em 09 set.2015.

ARMENICA.ORG. Disponível em: <<http://www.armenica.org>>. Acesso em: 05 jul.2015.

BBC NEWS. Syria's Armenians look to ancient homeland for safety. Editorial BBC Europa.
 10 set. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-34210854>>.
 Acesso em: 15 set. 2015.

BOULGORDJIAN, N.. Del Imperio Otomano a La Argentina: recepción de los armênios
 post-genocidio ¿Inmigrantes o refugiados?. **Jornadas de Trabajo Exilios Políticos
 del Cono Sur em el Siglo XX**. La Plata, setiembre, 2012. Disponível em
<http://jornadasexilios.fahce.unlp.edu.ar>>. Acesso em 20 mai.2015.

CARTER, Jimmy. Um plano para salvar a Síria. **The New York Times**. 27 out. 2015.
 Tradução Anna Capovilla. Disponível em <
[http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,um-plano-para-salvar-a-siria--imp-
 ,1786518](http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,um-plano-para-salvar-a-siria--imp-1786518) >. Acesso em: 27 out. 2015.

CHADE, Jamil. Especial: Nos trilhos da esperança e do fracasso. **O Estado de São Paulo**.
 09 set. 2015. Disponível em <[http://internacional.estadao.com.br/blogs/jamil-
 chade/especial-nos-trilhos-dos-refugiados](http://internacional.estadao.com.br/blogs/jamil-chade/especial-nos-trilhos-dos-refugiados)>. Acesso em: 09 set. 2015.

CLUBE ARMENIO SAMA. Disponível em: <<http://www.clubearmenio.com.br>>. Acesso
 em: 25 fev. 2014.

COCKBURN, Patrick. De onde vêm tantos refugiados? **Outras Palavras**, Comunicação
 Compartilhada e Pós-capitalismo. 17 set. 2015. Tradução Inês Castilho. Disponível em:
 < <http://outraspalavras.net/posts/de-onde-vem-tantos-refugiados/>>. Acesso em : 17 set.
 2015.

ÉDEN BÍBLICO. Disponível em: <[http://100anos100fatos.com.br/fatos/garden-eden-
 traditions-located-armenia/](http://100anos100fatos.com.br/fatos/garden-eden-traditions-located-armenia/)>. Acesso em 25 jul. 2015.

FRIEDMAN, Thomas. Seca foi combustível para a revolução na Síria. **The New York
 Times**. 21 mai. 2013. Tradução Celso Paciornik Disponível em: <

<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,seca-foi-combustivel-para-revolucao-na-siria-imp-,1033918> >. Acesso em: 22 mai. 2013.

FUNDACIÓN LUISA HAIRABEDIAN. Disponível em: <<http://genocidios.org/>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

GENOCIDE & HUMAN RIGHTS UNIVERSITY PROGRAM. Disponível em: <<http://genocidestudies.org/GHRUP/index.html>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

GENOCIDE WATCH. Disponível em: <<http://www.genocidewatch.org/>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

GOVERNMENT OF THE REPUBLIC OF ARMENIA. Disponível em <<http://www.gov.am/en/official/>>. Acesso em 26 ago.2015.

GRUPO DE CULTURA DE ARMENIA. Disponível em: <http://grupos.emagister.com/cultura_de_armenia>. Acesso em: 05 jul.2015

HAGOP GARAGEM.COM. Disponível em: <http://www.hagopgaragem.com/armeniacultural_alfabeto.html>. Acesso em: 05 jul.2015.

LIGA DAS NAÇÕES. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/ligaDasNacoes>>. Acesso em: 08 ago. 2015.

LOUREIRO, H. C.. Mascates, sapateiros e empresários: um estudo da imigração armênia para São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História**. São Paulo: ANPUH-SP, v.1, p.1-15, 2011. Disponível em:<http://www.academia.edu/1480743/Mascates_sapateiros_e_empresarios_um_estudo_da_imigracao_armenia_para_Sao_Paulo>. Acesso em 14 mai. 2013

MEMORANDUM OF THE "TEN COMMANDMENTS" OF THE COMMITTEE OF UNION AND PROGRESS. Disponível em <<http://www.armenian-genocide.org/br-cup-memo-text.html>>. Acesso em: 25 jul.2015.

MINISTRY OF ARMENIAN DIASPORA OF THE REPUBLIC OF ARMENIA. Disponível em <<http://www.mindiaspora.am>>. Acesso em 11 nov.2014.

MORÊZ, F.. O refúgio e a questão da identificação oficial dos refugiados no Brasil. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**. UNIBRASIL, n.5, janeiro 2009. Disponível em: <<http://br.vlex.com/vid/gio-quest-identifica-oficial-refugiados-69309856>>. Acesso em 14 mai. 2015.

- NIGMATULINA, Anna. Syrians in Armenia: not just another refugee story. **Al Jazeera**. 20 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2015/04/syrians-armenia-refugee-story-150412132753714.html>>. Acesso em: 30 out. 2015.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção para a Prevenção e Repressão ao Crime de Genocídio (1948). Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Sistema-Global.-Declara%C3%A7%C3%B5es-e-Tratados-Internacionais-de-Prote%C3%A7%C3%A3o/convencao-para-a-prevencao-e-a-repressao-do-crime-de-genocidio-1948.html>>. Acesso em: 30 mai. 2015.
- PAVERCHI, Silvia. Genocídio Armênio. **O Estadão** (suplemento noturno). em 11 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,os-destaques-do-estadao-noite-desta-quinta-feira--11,1704652>>. Acesso em: 13 jun. 2015.
- PETERS, Ralph. Middle East borders. **Dokuz Eylül Üniversitesi (DEBIS)**. 2006 Disponível em: <<http://web.deu.edu.tr/atiksu/ana82/afj2.jpg>>. Acesso em de 18 nov. 2015.
- PINTEREST. Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/434878907743222058/>>. Acesso em: 05 jul.2015.
- PORTAL GENOCÍDIO ARMÊNIO 2015. **Genocídio Armênio: Quem Reconhece**. Disponível em: <<http://genocidioarmenio.com.br/historia/quem-reconhece/>>. Acesso em 04 set. 2015.
- PORTAL HORIZON WEEKLY. 2.5 million Muslim Armenians live in Turkey. **Horizon Weekly**. October 28, 2014. Disponível em <http://www.horizonweekly.ca/news/details/51752#.VUxur_vSSJk>. Acesso em: 08 mai.2015.
- PORTAL WIKIMEDIA.ORG. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Armenia_2002_CIA_map.jpg>. Acesso em: 05 jul.2015.
- PROJETO 100 ANOS 100 FATOS. Disponível em: <<http://100anos100fatos.com.br/fatos/garden-eden-traditions-located-armenia/>>. Acesso em 26 ago.2015.
- THE ARMENIAN GENOCIDE MUSEUM INSTITUTE. NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES OF THE REPUBLIC OF ARMENIA. Disponível em: <www.genocide-museum.am/>. Acesso em: 24 fev. 2014.

THE GOVERNMENT OF THE REPUBLIC OF ARMENIA. Disponível em: <<http://www.gov.am/en/official/>>. Acesso em 26 ago.2015.

THE RIGHT SCOOP. ISIS Islamist groups capture Armenian Christian city in Syria. **The Rightscope**. 26 mar. 2014. Disponível em: <<http://therightscoop.com/isis-islamist-groups-capture-armenian-christian-city-in-syria/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

TRATADO DE LAUSANNE. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/37148/hoje+na+historia++1923+turquia+assina+tratado+de+lausanne+que+legitima+limpezas+eticas+e+redefine+suas+fronteiras.shtml>>. Acesso em: 08 ago.2015

TRATADO DE SÉVRES. Portal Estação Armênia. Disponível em: <http://estacaoarmenia.com/15048>. Acesso em 08 ago. 2015.

UNIÃO GERAL ARMÊNIA DE BENEFICÊNCIA. São Paulo. Disponível em: <www.ugab.com.br>. Acesso em: 24 fev. 2014.

UNION GENERAL ARMENIA DE BENEFICENCIA. Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.ugab.org.ar/site/institucion-mundial.asp>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

ENTREVISTAS

APOVIAN, Nairi Chahinian. Entrevista I. [nov. 2014]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. São Paulo, 2014. 2 arquivos .mp3 (91 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo I desta tese.

ARSLANIAN, Manuela María Díaz. Entrevista I. [nov. 2013]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. Buenos Aires, 2013. 1 arquivo .mp3 (42 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo I desta tese.

ARTINIAN, Juan Pablo. Entrevista I. [nov. 2013]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. Buenos Aires, 2013. 1 arquivo .mp3 (87 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo I desta tese.

BALASSANIAN, Francisco José. Entrevista I. [ago. 2015]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. Buenos Aires, 2015. Perguntas respondidas por email. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo II desta tese.

BARSUMIAN, Lucia Helena. Entrevista I. [abr. 2015]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. São Paulo, 2015. 1 arquivo .mp3 (45 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo II desta tese.

- KILIKIAN, Beatriz Vahan. Entrevista I. [jun. 2015]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. São Paulo, 2015. 1 arquivo .mp3 (106 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo II desta tese.
- MALKASSIAN, Roberto Mesrob. Entrevista I. [jun. 2015]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. São Paulo, 2015. 1 arquivo .mp3 (98 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo I desta tese.
- SAMANDJAN, Aris Diego. Entrevista I. [nov. 2013]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. Buenos Aires, 2013. 1 arquivo .mp3 (46 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo I desta tese.
- SARAFIAN, Marina Lusinê. Entrevista I. [ago. 2015]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. São Paulo, 2015. Perguntas respondidas por email. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo II desta tese.
- SARKISSIAN, Sarkis Ampar. Entrevista I. [nov. 2014]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. São Paulo, 2014. 1 arquivo .mp3 (105 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo II desta tese.
- TAMDJIAN, James Onnig. Entrevista I. [out. 2014]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. São Paulo, 2014. 1 arquivo .mp3 (108 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo I desta tese.
- TCHOBNIAN, Denis. Entrevista I. [nov. 2014]. Entrevistador: Silvia Regina Paverchi. São Paulo, 2014. 1 arquivo .mp3 (110 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo II desta tese.

FILME

- GOLDBERG, Andrew. The Armenian Genocide: Exploring the Issues. PBS Panel Discussion. EUA. PBS, 2012.

ANEXO I

Entrevistas com integrantes da comunidade armênia de Buenos Aires:

1. Aris Diego Samandjan
2. Francisco Jose Balassanian
3. Juan Pablo Artinian
4. Maria Manuela Díaz Arslanian
5. Marina Lusine Sarafian
6. Roberto Mesrob Malkassian

1. Aris Diego Samandjan

Novembro/2013

Mi nombre completo es Aris Diego Samandjian. Tengo 23 años. Yo estudio licenciatura en administración. Trabajo en una empresa que vende productos dentales, soy administrador. Nací acá, en la capital federal de Argentina. En Buenos Aires.

Origem armênia, países e trajetos dos ancestrais

Todos armênios! Abuelos, abuelas... Padre, mama...Todos. De sangre armenia llamo, todos nacidos afuera de Armenia. Mis bisabuelos fueron los últimos que nacieron en Armenia. Mis dos abuelos maternos nacieron en Siria, y mi abuelo paterno nació en Rumania y mi abuela paterna nació en Grecia. Mi abuela materna nació en Alepo, Siria. Su padre había dejado todo en Armenia con en el genocidio que se habían escapado. Y en Siria estaban pasando una mala situación económica y tuvieron que viajar en barco, llegaron hasta la costa del Mediterráneo y allí subieron en un barco. Ya un familiar de ella, el hermano mayor, había viajado para la Argentina, y había armado acá, digamos, una pequeña base. Tenía acá una casa, un trabajo acá, él se empezó a hacer amigos, se empezó a conocer la gente, y con esa base, digamos, viajaron al resto de la familia en barco. Fueron de Siria a Francia, y de Francia vinieron para acá, para la Argentina.

En mi familia son todos casados con armenios. ¿Yo, persona para enamorarme? Puede ser cualquiera. Por parte de mis padres, lo pueden aceptar. Mis abuelos, ya allí va a ser más difícil.

Parentes em outros países

Tengo parientes en Estados Unidos, en Canadá, en Armenia, en Australia, en Siria. No sé si tengo en el Líbano, allí ya estoy divagando. Pero sí, tengo por todos los lados. La hermana de mi abuela materna vive en Ereván, Armenia. El contacto, generalmente, lo mantiene mi abuela. Habla una vez por semana. Y nosotros hablamos más por Facebook... y nos etiquetamos en fotos y allí empezamos las conversaciones, pero no hay un tiempo, una periodicidad marcada. Bueno, con mi tía abuela de Armenia, y con la familia de mi otra tía abuela en Estados Unidos, en Los Ángeles, el contacto es más frecuente. Yo tengo la casualidad que viaje a los dos lugares y los dos lugares estuve con mis familias de ahí. Los conozco personalmente. Y muchas veces ellos han viajado para acá también.

Narrativas dos ancestrais

Mi bisabuelo, el abuelo de mi mamá, estuvo en la defensa para defender la ciudad de Aintab en el momento que estaban llegando los turcos. Y él participaba del grupo de guerrilleros que defendían. Y esto me lo contó, también, la hermana de mi abuela que vive acá. Y me decía que de chiquitos, se acordaba ella, que es más grande que mi abuela, que se acuerda como le papá le pedía que le llevara agua, que le llevara la comida y que fuera de la casa hasta dónde estaban ellos, que ellos estaban siempre en trincheras, o en lugar más al frente y la casa quedaba más atrás. Y como la madre y le papá le pedía estos favores. Ella se acuerda de eso. Ella me contó. Más de una vez.

As línguas na comunicação familiar

En mi casa, el español o el armenio. Conozco unas pocas palabras en turco, no sé hablar, enseñar, tampoco escribir. Mis abuelos paternos usan algunas palabras en turco, pero no se habla turco. Usan palabras puestas en el medio de una frase en

armenio, por ejemplo, para designar ciertas cosas. Entiendo las palabras porque son palabras que las usan desde que soy chico. O sea ellos pueden decir en armenio lo dicen en turco, por ejemplo. Son palabras así que no sé de dónde las aprendieron ellos así, y las usan así. Entonces, no es que ellos hablan el turco. Usan las palabras en medio de una frase en armenio, como si fuera parte de armenio, digamos. Sé hablar, leer en inglés. Y en este momento también empecé a estudiar el francés, pero lo tuve que dejar, porque no había tiempo entre la facultad, el trabajo, la UJA, el scautismo...

Ser armênio

Ser armenio... Hoy en día si hay algo de que estoy seguro que ser armenio no significa tener padres armenios. Eso, seguro. Ser armenio pasa por un sentimiento más que yo. Por ejemplo, hoy en día, yo podría dejar de participar de la comunidad armenia al 100%, pero yo me seguiría definiendo como armenio. O sea, tampoco participar en la comunidad te define como armenio. Pero es una mezcla de cosas... vivencias que puedes haber tenido en el entorno armenio que de alguna manera te tiene afectado, y que haya sentido, y te ha identificado con algo que tuviera haber con lo armenio y que lo adoptas. Para mí ser armenio, es como muy complejo. Es una mezcla de todo. No lo define nada en particular y, a la vez, lo define todas las particularidades. Por ejemplo, la comida, se puede hacer sentir un poco más armenio, pero no por comer comida armenia vas a ser armenio. Y, bueno, la causa de derechos humanos, en general, nosotros somos fervientes luchadores por la causa de derechos humanos de todos, y por eso me siento armenio, pero no por eso vas a ser armenio. No sé cómo explicarlo de otra manera. Sí, yo me siento armenio. Yo me siento armenio también por las instituciones a las que pertenezco, las instituciones que participo. Me siento armenio, porque me siento orgulloso de la historia. Porque... no sé si porque, un poco, me gustaría de tener algo de este espíritu en mí. Es como una idealización, me parece. Pero sí, yo pertenezco a dos instituciones como Homenetmen y como UJA (Unión Juventud Armenia) que siento que me definieron como armenio. Y a partir de ellas puede descubrir lo que es ser armenio, y después como ampliar mi visión. Porque te dan una visión y después ampliar mi visión de lo que es para mí ser armenio. Es raro de responder eso.

Participação nas associações da comunidade armênia

Con respecto al Homenetmen yo participé en mi primera entrada, digamos. Más allá, mi familia fue siempre una familia que estuvo siempre involucrada con el partido (Tashnag) y con Homenetmen, por lo cual yo siempre participé en actos, siempre estuve en festivales, en ceremonias. Yo empecé a participar activamente Homenetmen es el grupo de adolescentes dentro del partido que acá en Argentina, por lo menos, nosotros tenemos un rango de edad entre chicos de 12 años hasta 18 años. Yo durante esa etapa de mi vida participé de Homenetmen y bueno, conforme la comisión de UJA también, me egresé, y a partir de mis 18 años empecé a participar en Encuentro Armenia. Encuentro Armenia o UJA es un órgano de jóvenes. Sí, son los jóvenes del UJA que empezaran a dar un rol mucho más activo hacia al exterior. El escaut es más de período de formación interna o más recreativa para nosotros niños. Después de UJA, ya empiezas con el activismo, digamos, con tu participación hacia afuera, ya sea, en la comunidad, en el partido o en la comunidad argentina. Unión Encuentro Armenia en Argentina es que tiene sedes en muchos países. Entonces, nosotros podemos hacer cosas desde acá, pero lo más eficiente sería que lo hagan directamente en el otro país, por ejemplo, en los Estados Unidos, Siria. Hemos mantenido contactos de la gente de otros países. En ese momento hay una chica de la provincia de Córdoba, de Argentina,

que está viajando en este momento a Armenia por la reunión de comisiones regionales de Unión Encuentro Armenio. O sea de las regiones de todo el mundo se envía un participante para participar de esa comisión... una asamblea mundial de Unión Encuentro Armenio que se hace a cada 2 años. Para hacer parte de esa reunión hay que ser miembro de la comisión regional. Yo nunca fui parte de la comisión regional. La comisión regional abarca Córdoba, Montevideo y Buenos Aires. En Buenos Aires tenemos tres filiales además, que son una filial en Flores, una filial en Gran Palermo y una filial en Valentín Alsina. Estamos trabajando para que haya en Brasil un Encuentro Armenio. Hubo un grupo y ahora parece que se disolvió, pero uno de los proyectos que planteamos este año para los próximos 2 años, es tratar de hacer efectivo la operación del Encuentro Armenia en Brasil. En São Paulo. No dice nada de cómo fue mi participación escutismo. Terminé hablando de como participé en UJA pero no hable de Homenetmen que yo empecé a ir desde que nací, me llevó mi familia. Y a los 7 años empecé a participar en la agrupación scout. Hoy en día tengo 23 años y sigo participando... Así que es una actividad que me añadió muchísimas experiencias, muchísimas anécdotas, momentos muy felices. Igual, también gracias a pertenecer a la agrupación puede viajar a Armenia... yo cuando viaje a la Armenia en 2006, viaje al acampamiento mundial scout de Homenetmen. Igual, para mí la importancia de lo que es la agrupación scout y UJA en lo que es hoy en día mi identidad, no armenio, mi identidad como persona, es fundamental. Aprendí muchísimas cosas. Yo pasé prácticamente una vida ahí adentro, y también lo siento el club armenio para mí es mi segunda casa, como también, acá yo, en esta salita, en la sala del Encuentro Armenia también, son dos lugares me marcaron, y marcaron quién soy hoy en día, seguramente. Pero, pero voy a seguir participando en toda la vida afuera en la Unión Encuentro Armenia hasta avanzar la edad, y seguir participando en el partido y después en club también. Mi intención es eso... después con las circunstancias de la vida puede acercar o alejar más, pero yo espero poder seguir haciéndolo, es algo que es muy gratificante, y más que el resultado de lo muestran... porque creo que eso es lo más importante. Ver que ya se salgan más allá de nosotros mismos y hay un más importante. Es una causa que supere al "mismo" y a nuestro propio "ismo". Entonces creo que estaría muy igual. Nosotros... Las organizaciones tienen filial en Montevideo tanto Córdoba como Rosario. Ahí hay agrupaciones scout, también hay un Encuentro Armenia, también hay evento por lo cual nosotros nos vemos seguido con ellos. Tenemos, en verdad, una muy buena relación con ellos. Sí, somos parecidos. No tenemos la suerte de tener contacto con chicos de Brasil. Yo por lo menos no tengo la suerte de haber tenido tanto contacto con ellos, como con los chicos de Uruguay, Córdoba y Rosario. Sí, la lengua es una traba, sin duda. Pero no más que nada porque yo las pocas veces que me cruzo con gente de São Paulo, armenia es en los juegos. Sí están en el lugar, pero yo no me rosé mucho con ellos. Entonces es, la verdad, que es algo circunstancial. No veo que haya una gran diferencia entre nosotros, sólo eso, en mi caso particular.

A identidad armenia

La identidad indefectiblemente pasa mucho por el genocidio, mucho. Me parece, es mi opinión. Pasa mucho por el genocidio y después es una confusión de lo que fue la religión y la importancia de la religión en la historia armenia. O sea, eso van en conjunto, me parece, la vez lo que fue la religión y la historia armenia tienen muchos años de historia de cristianismo. No sé si saben pero la iglesia armenia fue la representación de la ciudadanía armenia en el Imperio Otomano. Entonces, van como de la mano la historia y la religión.

Genocídio e reparação

A mí, el genocidio lo que me causa una impotencia de saber que ocurrió esto, y que todavía no está reconocido. Y suelo tener este sentimiento no sólo con el genocidio armenio, lamentablemente, hay muchas cosas que quedan impunes, y eso todo me causa esta impotencia no sólo por este hecho, pero esto me parece que fue algo muy grande, que por eso también genera impotencia saber tanto años y todavía no se pude reconocer. Y también incertidumbre si algún momento se va a reconocer, no se va a reconocer. Qué pasa si la reconocen, también. Esas son las nuevas temáticas, digamos, que estamos planteando.

El reconocimiento es... Reconocimiento y pedir disculpas. No sé si tampoco, no sé si pueden pedir perdón ellos, como Estado podrían pedirle. Entonces, primero eso, reconocimiento y pedir disculpas, y después reparación económica, reparación territorial... Sí, me parece que serían eso. Económica y territorial, lo principal, sobre todo con lugares que son históricamente del pueblo armenio que pertenecen a la historia armenia, y que en este momento están en el territorio turco, y que a través del cierre de la frontera muchos armenios dejan de poder ver su historia, porque quedó del otro lado de la frontera.

Y además hablando de reparación cultural que se dejen de destruir monumentos históricos armenios que están en el territorio turco, que se acepte que mucho de los edificios que están, hoy en día, en Estambul son de arquitectos armenios, porque eso lo esconden, se cambian nombres... Entonces, que reconozcan esto también, que en su territorio hubo una población armenia y muy activa, y que empujó dentro de lo que, hoy en día, es Turquía. Porque también fueron parte de la creación de lo que hoy en día es Turquía. Entonces reconocer eso también, creo que sería importante. Parece que hubo una ruptura del Imperio Turco-Otomano con varias nacionalidades, y esto hecho, esta cosa horrible que hubo durante una guerra, y después se camina a formar una Turquía con turcos de hoy, y no tiene pasado.

Sobre os turcos

Yo contra los turcos como persona no tengo nada en particular. Me da la sensación de que muchos viven en la ignorancia. No sé si viven con la ignorancia, pero viven con una parte de la realidad porque tienen un gobierno que le prohíbe la otra mitad de la información. He visto como a través de videos en internet, como libros que para ellos... no. Creo que ha sido un hecho particular que no sé qué actor o alguien había hablado mal de Turquía, y salieron a quemar todos los libros de esa persona. Y a través de hechos así... buen... por ejemplo...cualquier persona que hable con otra visión que no sea la oficial del gobierno termina siendo reprimida, censurada. Y por esa razón creo que la población turca tiene una visión cerrada de lo que es nuestra realidad. Y que esa historia la están liando también por leyes. Tiene ley que prohíbe hablar en contra de lo que ellos suponen que es la, como dicen la ley, en contra de la identidad turca. De lo que para ellos es la identidad turca.

Os armênios da Armenia

Vivieron tiempos muy difíciles bajo el gobierno de la Unión Soviética, y se acostumbraron a un sistema, a un modelo del cuál ahora pasaron al totalmente inverso, y que es muy difícil, pero están adaptándose de a poco. Están entendiendo como funcionan más las sociedades occidentales porque son... Me parece que vienen de eso lado que están tratando de “occidentalizarse” a través del gobierno. El pueblo en si es un pueblo que también a través de la represión hicieron como calmarse, pero que no se involucren mucho en ciertos asuntos que ellos sienten... Creo que es algo más del

inconsciente, creo que ellos sienten como peligroso todavía hablar de ciertos temas...un miedo... un temor... de involucrarse... Por fronteras y también interno. Hoy en día, se sabe que, lamentablemente, el sistema económico del país es un sistema neoliberal bastante agresivo, y que las mafias manejan la economía. Y por ese lado también, ellos venían de la Unión Soviética estaban reprimidos ideológicamente, y ahora con un gobierno neoliberal están reprimidos económicamente, digamos. E ideológicamente, no sé si también. Pero está cambiando, de a poco, han cambiado... Fueron muchos años, y ahora por lo menos tienen más contacto con el exterior. Así que creo que va a ser cuestión de tiempo... Siempre históricamente fuimos un pueblo que salió adelante en todas las situaciones, así creo que se va poder salir adelante de este también.

Os “novos armenios” em Buenos Aires

Durante la década de los noventa hubo muchos armenios que vinieron acá, y nosotros, yo por lo menos en el colegio, yo fue en colegio armenio y conviví con muchos. Y, sí, resultaba difícil adaptarse acá. La verdad es que somos distintos. Los armenios de la Armenia que venían en ese momento era distinto a la Armenia de acá, de Argentina. Pero es súper entendible. Bueno, ya partiendo de que la historia de todos que estaban acá, en Argentina, la mayoría de la parte occidental de la Armenia y ellos vienen de la oriental. Y a partir de esa diferencia, las historias de cada familia y de cada región también fueron haciendo que haya diversidad de identidades armenias.

Onde é a sua Armênia?

Sí, Siria yo siento como la Armenia ideal. Y hay un poco de eso también. Sí, la verdad es que nuestro... Es un poco de todo, pero sí, cuando vamos a Siria, digamos, es... nos sentimos muy familiares. Con Armenia también. Y con la Armenia ancestral no sé porque nunca fui, pero sí calculo que también tendrás un impacto cuando va allá.

Viagem à Armenia

Estuve en Armenia. Creo que fueron 12 o 13 días, algo así. Yo no soy en serio llorón, pero cuando estuve en Armenia lloré todo el tiempo y no podría creerlo. Veía cosas que estudié toda mi vida, en el colegio armenio, la agrupación scout, acá en UJA, en club. O caminar en la calle y hablar el mismo idioma que el resto y que no sea el español. Entonces, era todo muy emocionante, y yo sentía que era todo mío, y yo había llegado a mí lugar. Y no es que no me sienta así en la Argentina, pero era como mi casa hubiera estado siempre ahí, y ahí era... un sentimiento como mi casa, como me siento en el barrio de Palermo, yo me sentía igual allá. Entonces, era una mezcla de emociones. Está eso, y está después también que te podías hablar con un taxista y te trataba mal y todo, pero bueno. Hoy en día si tuviera que viajar a algún lugar, iría con prioridad a Armenia, y después de aparte iría a Siria. A Siria o a Líbano...

2. Francisco Jose Balassanian

Agosto/2015

30 años, Licenciado en Economía, egresado en la UBA (Universidad de Buenos Aires), Buenos Aires.

Origem armênia

Abuelos, bisabuelos. Si, todos ellos. No hay otras descendencias en mi familia.

Região de origem dos ancestrais

Padre: Hadjin, en la región de Silicia. En aquella época, era parte de Armenia. Y madre: Urfá, en la región de Silicia. En aquella época, era parte de Armenia pero durante los años del genocidio, Turquía expropió todas las tierras y hoy es parte de su país.

Noiva

Sí, es brasileña de São Paulo también con descendencia armenia. Ella es Licenciada en Comunicación y Marketing.

Profissão dos pais

Mi madre es profesora de Geografía. Mi padre es Licenciado en Administración y Contador.

Parentes em outros países

En Armenia, no. Sí, en Brasil hay primos.

História dos ancestrais

Hay muchas historias, si!! Y la persona que mejor te las puede contar es mi primo hermano Juan Carlos Balassanian. El escribió un libro recopilando todas las historias que mi abuela le contó sobre Genocidio. Es realmente increíble y muy emocionante.

Outras línguas

Si, portugués porque mi mujer es brasileña. Español, inglés, portugués, armenio. Lengua turca? No

Ser armênio

Es mi identidad. Fui criado con valores, educación y cultura armenia. Son también los valores que pretendemos mantener junto a mi mujer el día que formemos una familia, ella también fue criada de forma parecida. Me siento armenio, mucho.

Comunidade armênia

Participo de la UGAB (Unión General Armenia de Beneficencia) en Argentina.

Comidas típicas armênias

Si, claro!!! Algunas de ellas y adjunto fotos: Manti (Mini barquitos de masa relleno con carne), Shish Kebab (Brochete de carne y verduras asadas), Lesmeyun (Empanada abierta de carne. También es llamada Esfiha o Fatai,)Subereg (Lasagna de queso) y Ishli Keofte (Bola de carne picada y trigo.)

La comida armenia yo personalmente no preparo. Son comidas muy elaboradas, de mucha preparación y todas artesanales (no hay maquinas que puedan hacer en cantidad, todo es a mano). Mi abuela prepara algunas de esas comidas cada 15 días. Cada persona que prepara estas comidas tiene algún ingrediente particular o secretos de cocina dependiendo de la ciudad armenia de donde son descendientes. Entonces, la misma comida puede tener algunos sabores diferentes, lo que hace que sean platos únicos. Voy a restaurantes armenios una vez cada 3 semanas aproximadamente.

La Identidade dos armênios

Más fuertemente relacionada al História Antiga y Genocídio.

Genocídio

Fue un hecho terrible, es la primera masacre del siglo XX y todavía no fue reconocida por Turquía, el país perpetrador. De la misma manera, muchos países tampoco lo reconocieron por salvar intereses personales.

La idea de matar sistemática y de forma programada a los armenios debe ser condenada por la comunidad internacional y el estado turco debe reconocer y reparar el daño.

Sin embargo, ellos continúan con su fuerte plan de negacionismo y Azerbaijan (también aseríes) aún hoy continúa con el proyecto de aniquilamiento de armenios.

População turca hoje

No tengo opinión, ellos no son culpables de lo acontecido.

Governo turco atual

Repudio total!! Ellos continúan con el plan negacionista, no reconocen lo que pasó, en las escuelas no se enseña el genocidio y también prohíben hablar de ello. El gobierno turco actual es parte del genocidio pasado.

Armênios da Armênia

Deseo que puedan salir adelante y desarrollarse como país, pues después del genocidio y de ser parte de la Unión Soviética, es un país que debe crecer mucho.

Descendentes da América do sul: Argentina, Brasil, outros

Conozco también muchos descendientes de armenios en las ciudades de Córdoba (Argentina), Montevideo (Uruguay) y São Paulo (Brasil). Con todos ellos compartimos el mismo sentimiento de hermandad.

Viagem à Armenia

Si, he ido dos veces (2002 y 2011) y siempre que tenga oportunidad, quiero volver!

“Turco” ofende?

Si, ser llamado de turco ofende. Ser confundido con turco ofende. Si, ofende.

3. Juan Pablo Artinian (aguarda aprovação)

Novembro/2013

34 años. Ciudad de nacimiento: Buenos Aires, Argentina. Soy profesor de historia. Yo estudie historia en la Universidad de Buenos Aires. En el año 2005 gane una beca para ir a Canadá para hacer un curso en la Universidad de Toronto sobre genocidios. Yo antes había publicado un artículo académico sobre Genocidio Armenio con testimonios orales y también estaba por publicar un libro sobre genocidio armenio, estaba dando clases como ayudante en la Universidad de Buenos Aires, y bueno postulé a una beca para hacer mi doctorado y gané, una beca para estudiar en Nueva York. Estuve viviendo 4 años en Nueva York. Hace unos años termine los cursos y este año defendí mi tesis doctoral sobre historia Argentina. Estuve dando clases también en la Universidad de Buenos Aires, un seminario sobre cultura y política en América Latina.

Origem armênia e cidades dos ancestrais

Todos. Mis abuelos y mis padres son todos armenios.

Todos mis abuelos vivían en el imperio Otomano. De parte de mi mamá eran de un pueblo cerca de Esmirna y del lado de mi papá de un poblado que se llamaba Rodostof. Originalmente del lado de mi papá, dicen que eran de la región de Van y que después migraron. Entonces todos fueron sobrevivientes del genocidio armenio... contra los armenios.

Parentes em outros países

Hay parientes lejanos del lado de mi mamá actualmente, en Iriban, Armenia. Yo tengo primos en Estados Unidos, en particular en Boston, en Nueva York y en los Angeles... porque mi abuelo de parte de mi papa vino a Argentina pero sus hermanos fueron a Estados Unidos... Se dividió la familia. La primera vez que fui a Estados Unidos en 1986, los fuimos a visitar y cuando yo estuve allá residiendo en Estados Unidos... también estuve en contacto con mis primos, con mis primas tengo muy buena relación con mis tíos y son mi familia.

Argentina: impressões da avó

Mi abuela, de parte de mi mamá, ella llegó huérfana a Argentina le mataron a la mamá y al papá. Ella se murió sin saber leer los carteles en español pero era una persona muy feliz y muy orgullosa. En el buen sentido, ella no sentía que quería ser una víctima o decir a los demás que ella había sufrido. Al contrario, era una persona muy agradecida a Argentina. Ella era acá muy feliz de vivir en Argentina. Cuando llegaron, llegaron muy pobres acá vivían todos en una casa muy chiquita dormían todos en un cuarto...

Hay una anécdota que yo le escuche que cuando Perón, era Presidente, abrían la residencia del Presidente para que la gente pudiera visitar entonces ella dijo bueno, yo ahora vivo en un país donde puedo conocer la casa del Presidente y puedo ver como el Presidente brinda con la gente. Así que esa anécdota hablaba de cómo ella agradecía a Argentina, independientemente de la cuestión política... porque a ella le gustaban, bueno todos los grupos políticos en el sentido de que no tenía una, una cuestión específica con uno sino que ella era muy agradecida a Argentina como país donde se recibieron a los inmigrantes, no se los discriminaba, tenía la posibilidad de progresar económicamente, culturalmente. O sea, mi abuela era analfabeta. Yo pude ir a la Universidad pude ganar una beca y estudiar fuera del país, o sea eso habla de un

país donde existe el ascenso social y donde existe una sociedad donde los inmigrantes pueden sentirse y no abandonar sus costumbres, pero no dejar de ser argentinos.

Avós: línguas e vivências

Bueno varias cosas en primer lugar yo utilicé la palabra analfabetismo que suena en la imagen de uno en el siglo XXI a atraso, a falta de cultura. Es exactamente lo contrario. Esa gente tenía una sabiduría muy grande en particular por cuestiones orales, tradiciones, proverbios... mucho de lo que es cultura oral. O sea, ellos no sabían leer mi abuela específicamente el español pero sí sabían el armenio y sí sabían otros idiomas sabían hablar griego eran gente que sin una instrucción formal tenían mucho conocimiento, conocimiento sobre lo que es la vida, saber vivir como dicen los franceses. Vos me preguntas sobre idioma que se hablaba, por ejemplo, con mi abuela, mi abuela hablaba el español, el castellano a veces ponía cosas en armenio pero ella se comunicaba en español con nosotros, con los nietos lo cual hablaba mucho de lo que ella quería estar dentro del país, no se sentía ajena al país. Otros familiares sí te hablaban en armenio verdad..., tíos por ejemplo, o tíos abuelos de la parte de mi papá, pero mi abuela de parte de mi mamá hablaba el español con un acento muy fuerte jeje...ehh...realmente el recuerdo era muy lindo ¿no? de una persona muy, muy, muy vital, muy, con una función de vida y un deseo de vida muy fuerte y que ella... se sentía amiga de todos. De sus vecinos siempre les regalaba cosas, que esto para mí era como costumbres campesinas. Que venían de, de la solidaridad del trato... de igual a igual con todo el mundo.

Yo conocí a mi abuela hasta los once años. Mi mamá le hizo una entrevista a mi abuela en la cual ella conto muchas cosas y de hecho yo usé el testimonio de ella para un libro que hice, con respecto a lo que vos me preguntaste de bueno...a nosotros como chicos que nos transmitía bueno, realmente era que nosotros podíamos hacer todo lo que nosotros quisiéramos...ustedes son muy inteligentes, ustedes saben leer, saben escribir, pueden resolver todo... todo lo que quieran... No había quizás específicamente esto de decirte bueno cuando yo vivía en mi pueblo, y no era esto, entonces vos sí lo tienes, o come toda la comida porque yo sufrí no...nunca, nunca hacía esas cosas. Te decía pequeñas fabulas o proverbios o cuestiones que vinculaban un mundo rural o de animales con metáforas para que vos podas resolver cuestiones cotidianas o problemas de la vida, eso sí, existía. Y eso estaba muy presente en, en nuestra infancia también de parte de mi abuelo muchas historias muchas leyendas de cosas muy, muy pequeñas y muy particulares que, que si estaban pero no había una cuestión de transmitirte dolor o tristeza todo lo contrario.

De un proverbio a ver que ella...bueno, ella nos decía no un proverbio, pero sí una frase que era como vos sois el preferido de la abuela y lo más gracioso es que tenía un montón de nietos y todos nos decía eso y la idea era hacerte sentir a vos especial, ella siempre buscaba que todos tengan como la autoestima alta los chicos que se sienten que se sientan bien con ellos mismos, pero generalmente los proverbios sobre enseñanzas se los decía más a mi mamá o a sus hermanas. Con nosotros era más cariñosa o de bueno darnos, si quieres un chocolate, toma. Cosas de abuela.

¿Otras lenguas en casa además del español? Mira, el armenio sí. Dentro de la casa se habla mucho el español igual pero por ejemplo en otras situaciones vos vas no se a un lugar y quieres hablar sobre algún tema, bueno hablas un poco en armenio. O con amigos o con gente de nuestra edad o incluso cuando vas a otro país y te encuentras con otra persona que es armenio hablas el idioma. Yo no lo hablo tan fluidamente, y

tan perfectamente pero lo entiendo...pero sí se habla depende eso mucho de cada casa. En el caso de mi casa se hablaba el español...

A língua turca

Mis padres no, pero mi abuela sí lo hablaba, lo conocía.... ¿cuándo utilizaban? Bueno, esto es una pregunta graciosa mi abuela y abuelo se peleaban y discutían y yo nunca entendía y era un idioma que a mí me sonaba muy fuerte y muy agresivo... no me gustaba y un día le pregunte ¿pero por qué no entiendo nada? Porque están hablando en turco me dijo mi mamá ese era como un idioma que a mí me resultaba... no, además bueno, que no entendía, el tono era fuerte era como...como muy agresivo... Que yo recuerdo pero ellos sabían muchos proverbios en turco también, sabían proverbios...y no lo aplicaban para los chicos no, pero entre ellos sí...¿Sí conozco la lengua turca? No, conozco algunas palabras.

Ellos no transmitieron la lengua turca para otras generaciones... Yo creo que era la lengua que ellos vivían porque estaban oprimidos dentro de esa sociedad y estaban obligados a hablar ese idioma. Mi abuela también hablaba el griego, porque, después que los expulsaron del imperio Otomano. Ella vivió en Grecia algunos años.

La historia de mi abuelo de parte de mi papá es más compleja aún, porque se fueron del imperio Otomano a Rumania entonces, él creció en Rumania después lo mandaron a vivir a Odessa, en Ucrania. Después volvió a Rumania... y después de Rumania se fueron por el Stalinismo a Francia. Entonces mi abuelo hablaba, sin casi educación formal, hizo solo la primaria... armenio, entendía el turco,... ruso, francés... lo entendía y el, el español y era gente que no fue, no fue a la universidad y tenían esa, esa sabiduría ¿no? Y esa manera de adaptarse y que entendían mucho sobre la vida antes de la globalización, antes de internet, ellos tenían una visión del mundo mucho más compleja que el Estado Nación, ¿no? Esa cosa pequeña de vos sois argentino, sois brasileño y esta es tu cultura, y estas son tus películas, esta es tu música, y esto es lo que vos sois, y se acabó y lo otro es externo ¿no? Esa gente tenía una visión del mundo más compleja y tenía una visión de que los países tenían un principio y un fin, el imperio ruso se termina con la revolución, el imperio otomano también, el imperio austrohúngaro, y ellos tenían siempre esa visión catastrófica del lado de mi papa de que bueno sabes que en algún momento esto se puede terminar. Argentina o todos los países tienen un ciclo, cosa para alguien que no es de una... diáspora que sufrió persecución no es tan fácil de ente...de pensar el fin de un país ...el colapso, el desmembramiento, la guerra, el genocidio, en fin...

Escola armênia e outras línguas

Asistí a una escuela armenia. Hice la primaria y la secundaria...

¿Lenguas? Yo aprendí el inglés. Trato de comprender el francés, bueno el portugués que hablamos portuñol, por viajar mucho a Brasil...

Ser armênio

¿Qué es ser armenio hoy? Bueno para mí...es bueno, toda una tradición, una historia que va más allá del trauma o un genocidio, esto por ahí mucha gente siente lo armenio, a partir de una identificación con un trauma, muchas teorías sostienen eso, para mí va más allá. Para mí ser armenio significa poder pertenecer a un tipo específico de cultura milenaria, antigua, que para mí quizás suene polémico va más allá de la religión, o más allá del idioma va más allá... de ciertas prácticas culturales, significa...sentir un fenómeno que yo no sé cómo describirlo con palabras, pero que incluye todo esto que yo te nombré y la posibilidad de sentirte...viviendo en cualquier

lugar del mundo más allá de un territorio específico ¿no sé si soy claro? Yo no me siento en mi casa en Nueva York, en París, en Sao Paulo, en cualquier lugar, así como no me siento en mi casa en algunos lugares en el interior de Argentina y sí en Buenos Aires, como no me siento en mi casa en algunos lugares del interior de Estados Unidos, o en el interior de algún país en el cual el nacionalismo o el tema de estar cerrado, no permite que yo pueda convivir o estar con todos lo que yo quiero estar, pero para mí es eso, ser parte de, de una corriente o de una idea del cosmopolitismo. Eso para mí es ser armenio, y no significa vivir en un lugar específico que puede ser armenia o puede ser la calle acá del barrio armenio, sino de convivir con todos los que yo quiera estar...para mí es eso... la posibilidad de estar abierto manteniendo muchas de las que son cuestiones históricas muy antiguas, que incluyan distintas religiones distintas tradiciones, y la memoria histórica de gente que vivió en muchos lugares y en algún momento sintió... Ser parte de una historia universal y al mismo tiempo sobrevivió a un gran trauma, yo creo que la clave es esa, poder sobrevivir y transmitir eso y...reclamar justicia ante un hecho tan aberrante como fue el genocidio, pero para mí la armenidad no se circunscribe a esa persecución o a una identidad de víctima sino a algo superador y algo que engloba todo los fenómenos pasados.

¿Vos decís negociar en cuanto uno es argentino...? Lo que pasa que habría que definir y que para mí es un problema, lo que es la cultura argentina o la identidad argentina en contraposición a otras identidades. Yo creo que la identidad argentina y en esto por ahí suena complejo, la identidad de Buenos Aires como una ciudad de recepción de inmigrantes, cosmopolita, no sé si es un fenómeno cerrado, y único, contrapuesto a...por ser hoy la identidad armenia, mañana la identidad coreana, identidad judía, yo creo que parte justamente de ese fenómeno es la hibridación, la mezcla de esas distintas culturas que también son híbridas de por sí, que es la armenidad. Bueno, mis abuelos pasaron por imperio otomano, Rumania, Francia y tienen muchas cosas de esas culturas, entonces vos me preguntas por un porcentaje. Bueno, no sé, no sé, eso tampoco como eso se puede mensurar, como se puede cuantificar, lo que sí sé, es que dentro de lo que sería el cosmopolitismo, la idea de una modernidad y de construir una cultura moderna... Argentina fue o es quizás, un lugar donde pueden coexistir distintos fenómenos y articularse de forma compleja para dar saltos cualitativos a cosas que todavía no sabemos que van a hacer porque hoy en día hay inmigrantes de Corea, de África,....

Los países latinoamericanos, entonces eso es Buenos Aires, eso es Argentina como una ciudad de recepción, y una ciudad global, como es una ciudad global New York, como es una ciudad global Sao Paulo, como es una ciudad global París, como es una ciudad global Londres, ahora que el Estado Argentino dictamine que es la identidad argentina y la cultura a mí no me interesa. O sea, si el Estado argentino dice que ser argentino es bailar tango leer a... Borges... bueno uno puede coincidir con todo eso más allá de que el ministerio de cultura argentino diga eso, o el ministerio de cultura de Brasil dice que ser brasileiro es escuchar a Caetano Veloso, bailar samba....jejeje y que te gusten los cuadros de Cándido Portinari, y en la época de los militares dirían que era otra cosa ser brasileño, que también es un fenómeno complejo. Entonces no sé, es una pregunta que va a nivel de las políticas de Estado, a la propia cultura que uno busca elegir y uno va cambiando todo el tiempo como subjetividad ...y no cerrarse a nada, me parece a mí o es la postura que a mí me interesa. Entonces yo siento la armenidad, como esa cuestión, y que... se sienta además, no solo como argentino sino como latinoamericano, yo me siento hermano de un brasileño, me siento hermano de uno de Uruguay, de Chile por un sufrimiento en común, por una identidad común como latinoamericanos, como proyecto, como cultura, como sociedad, en el cual Caetano Veloso es nuestro,

Tom Jobim es nuestro, así como es de ustedes Borges y es de ustedes Julio Cortázar. O sea, no podemos pensar más como naciones porque eso era un fenómeno del siglo XX, que ahora, si nosotros somos suficientemente inteligentes tendríamos que pensar de otra manera, ojala no lo sé, más allá que el ministro de cultura de un país diga una cosa y el otro diga otra, las personas van de un lugar a otro de hecho Cortázar escribe su obra en Paris... Francia, entonces, me parece que el territorio, la nación, algún día va a empezar hacer otro tipo de lugar donde las personas se piensen de otra forma... Personas que viven en grandes ciudades... Sí, que uno va a tener mucho más en común, a mí me pasa con una persona de Sao Paulo que con alguien del interior de Argentina, es una cultura urbana, quizás ciertas cuestiones de clase media, cosmopolitismo, que hacen que uno se sienta hermanado, lo que me pasaba con el colega en común, con Heitor, que tenemos el mismo idioma las mismas intereses, creo que eso. Y porque también eso es un proceso y va cambiando a lo largo de los años, a lo largo de la historia.

Participação nas associações comunitárias

Yo fui a esta escuela de UGAB. Soy miembro de una organización que se llama jóvenes profesionales, y a la vez la UGAB me hizo hace un año miembro honorario de la filial acá de Buenos Aires. Suena como pedante pero es algo, algo que pasó... más que nada, por el aporte de las cuestiones de investigación del genocidio armenio y la migración armenia acá en Argentina...pero bueno... Sí, soy miembro acá de la Fundación Luisa Hairabedián que es una organización que tiene gente que es propia armenia y gente que no, pero que es un lugar abierto a todos aquellos que se interesan en los derechos humanos, los genocidios, es una visión universal y compartida. Estuve en contacto con UGAB en Estados Unidos y tuve la posibilidad de ir al curso sobre genocidios en Canadá. La verdad que es lindo poder ver esas cuestiones transnacionales, vuelvo un poco y eso es un poco la cuestión de lo armenio ¿no? Pensar identidades previas a los estados-nación y previa a los nacionalistas cierto que existe también formas de nacionalismo armenio pero al mismo tiempo la identidad armenia, vos hablabas algo de la cuestión de la antigüedad que tienen miles de años....es previa a los nacionalismos que son fenómenos de la modernidad y previo a la constitución de un estado-nación armenio y paradójicamente el nacionalismo armenio es un nacionalismo, esto los sostiene un autor que es Razmik Panossian, que es multi local y diaspórico, eso significa que surgió en varios lugares y que no estuvo anclado a un territorio, entonces esa cuestión me parece a mí, que, que es muy interesante ¿no? No fue creado por un estado tampoco fue creado por una diáspora... ¿Sí podríamos comparar con... grupos las comunidades judías, por ejemplo, si hay alguna semejanza? Sí, sí, por supuesto. Yo creo que hay muchísimos elementos en común, como hay muchas diferencias, obviamente el elemento en común fue la persecución y el intento de destrucción sistemático del pueblo judío durante el holocausto, también hubo elementos en común entre lo que sufrieron los judíos a fines del siglo XIX, en Rusia y en Europa central y los Balcanes, si bien no es el término para hablar de las persecuciones a fines del siglo XIX en el imperio otomano, pero bueno, está cuestión en común, está obviamente ciertas actividades en particular lo que es el comercio, que es casi como un estereotipo para hablar de la colectividad armenio, la colectividad judía creo que es mucho más complejo que...obviamente que las primeras actividades que realizaron tanto armenios como judíos estaban vinculados a la cuestión comercial pero bueno... hay muchos fenómenos de retroalimentación entre estas dos comunidades y también la comunidad griega que es importante nombrar que, por lo menos acá en Argentina... pero sí hay muchos elementos que permiten ver similitudes y también algunas diferencias ...

Comidas típicas armenias

Sí, por supuesto. El tema de la cuestión de la comida armenia es muy fuerte y yo creo que es lo que, una de las cuestiones que más visibilidad dan, seguramente vos estuviste en la calle armenia, viste los restaurants y todo lo que es la visibilidad de lo armenio está pasando por la cuestión de la comida. Pero sí, sí hay periodicidad y de hecho la cuestión de la comida armenia es muy meticulosa ¿no? Esto de preparar pequeños platos que son como muy complejos y que van más allá de una sociedad donde hay muchos estudios hechos, donde la comida está muy industrializada y estandarizada ¿no? Se supone que todos tenemos comer lo mismo y bueno esto de lo que es el ritual de la comida, la pervivencia de una tradición... sí, hay un consumo muy...y el lugar de reunión ¿no? La gente va al restaurant armenio y se juntan y se mantiene la cuestión de la tradición en un lugar bastante inesperado como es un lugar de comida ¿no? Uno espera que todo se va a dar en grandes círculos no sé, literarios, artísticos... la gente va y se sienta a comer y la pasa bien y... habla y circula ¿no? la información, circulan los sentimientos, los sueños de la personas y las tradiciones. En una palabra, sí, comemos y aparte es rico.

Identidade armênia: igreja, história antiga ou genocídio?

Para mí, el tema del genocidio es importante, pero no en una cuestión particular, del sufrimiento del pueblo armenio, sino como un fenómeno universal, y que se engloba en una narrativa de la modernidad y los pueblos. Para mí, vuelve un poco lo de antes, para mí lo armenio es sentirme parte de una tradición, de un pueblo que tiene miles de años de historia y que fue parte de una historia que bueno lo hablábamos antes, está siempre como...bajo un manto de obscuridad o de silencio y...muchas veces uno piensa hitos, de la historia armenia, desde las épocas milenarias o del imperio romano, no por quedar como bueno...esta cosa de los armenios inventaron esto, los armenios hicieron esto... o este armenio estaba cuando... pero sí... de ver como un pueblo pequeño en proporción ... bueno a lo que es su número de población, en proporción a lo que es... su baja capacidad de agresión o militarismo pudo aportar tantas cosas a la historia universal a la cultura, entre comillas de occidente, pero también estar no, entre este lugar entre el oriente y el occidente y... con una vocación de querer progresar, o de querer, entre comillas, progresar es uno termino ahora que muy... pero que a mí me gusta ¿no? de querer superarse... creo que es eso ¿no? son valores de querer aportar algo o por lo menos como yo lo siento, subjetivamente al lugar donde estoy, que hoy puede ser argentina y mañana puede ser Brasil, o puede ser donde sea, pero poder comprender el género humano, de forma universal y poder aportar a esta gran empresa que es la humanidad desde el lugar del conocimiento, del arte, de la cultura, y esos fenómenos que podrían estar asociados a la idea de la modernidad...entonces eso para mí es...parte de un fenómeno que hoy es reconocimiento del genocidio armenio, pero que también engloba esto, de pensar todo este fenómenos de los genocidios, de las persecuciones, de manera tal que pueda ser superado y que pueda entrar en esa gran narrativa de la historia armenia que incluye siglos y fenómenos culturales muy, muy ricos, muy interesantes que me parecen que pueden dar luz a... yo le podría contar un montón de anécdotas de la Armenia que vos conoces que van bueno desde, no sé... armenias que llegaban hasta eh... Filipinas. El rol que tenían los armenios en lo que era, bueno, el comercio internacional, bueno, el rol que tuvieron los armenios por ejemplo en la segunda guerra mundial, en la derrota de la Alemania nazi, no sé un montón de anécdotas que van más allá de la entrevista...

Genocidio

En primer lugar el sentimiento es como un fenómeno muy injusto que eh...además del genocidio yo creo que el fenómeno más complejo. El sentimiento es como una injusticia. Además del tema del genocidio que es algo que vivieron bueno, nuestros abuelos, está el tema de la negación una de las cuestiones más particulares del genocidio armenio es la negación constante del Estado turco, que es algo así como la última fase del genocidio, la última instancia el último momento y que reproduce el ciclo del dolor y la no posibilidad de hacer un duelo de lo que fue este genocidio. Entonces el sentimiento está vinculado con esta injusticia y la posibilidad de hacer algo contra esa injusticia. Eso significa que todo el trabajo que se hace acá desde la fundación, no solamente es difundir y dar a conocer eso que pasó y esa injusticia, sino encontrar los mecanismos históricos legales y morales para combatir contra esa injusticia y tratar de que eso tenga correlación con los otros genocidios. Acá en la fundación el escribano Señor Gregorio, realizó una acción legal, dentro de los que es el denominado derecho a la verdad, en el año 2000. Él, quiso saber la suerte de sus antepasados durante los años 1915 y 1923, él recopiló una serie de documentos, de distintos archivos de Alemania, de Turquía, del imperio austrohúngaro...que era aliado de Turquía, pero también del Vaticano, de Francia de Jerusalén, de Inglaterra, de Estados Unidos donde se describían los distintos acontecimientos que habían sucedido, además de una serie de entrevistas que bueno...yo realicé con otro profesor argentino, Alejandro Schneider, a los últimos sobrevivientes, esto fue hace diez años del genocidio armenio bueno, después de muchos años de investigación en el año 2011, un juzgado argentino dictaminó que lo que pasó entre mil nueve quince y mil nueve veintitrés fue un genocidio, ese dictamen no tiene un carácter punitivo, no es que obliga a Turquía a llevar acciones para reparar todo eso que pasó, sino que es un antecedente legal, que permite, que futuras acciones legales sí tengan el amparo de que si existió un genocidio, es el único caso en el mundo que no es una declamación de un Parlamento o del Poder Ejecutivo, sino que un juzgado dentro de lo que es el marco del derecho a la verdad, está señalando que lo que pasó fue un genocidio, entonces ante esa injusticia, uno siente de forma muy pequeña, que uno puede realizar algo y además que lo que uno estudió, que es historia, que parece ser algo completamente alejado, que no tiene ningún tipo de vinculación con lo que pasa en el presente y que además no tiene una repercusión con la vida material, lo que uno puede sentir es que parte de lo que uno estudio, puede tener una utilidad o puede tener una suerte de acción dentro de la realidad y que además vincula el plano personal, siendo uno descendiente de ese genocidio, el plano de investigación académico, habiendo uno estudiado historia y el plano si, si usted quiere político o... ético ¿no? de luchar contra la negación la política específica de negación de un estado, en este caso Turquía, que tenemos que diferenciar con su propia sociedad, y esto es importante eh...es el estado el que niega, pero hay muchos sectores dentro de esa sociedad, que...reconocen que hubo un genocidio. Hay académicos, hay intelectuales, hay periodistas, que poco a poco van rompiendo ese tabú y muchos sectores de su sociedad que ignoran porque compran el paquete de la historia o la narración del estado turco... entonces... ante eso lo que nosotros señalamos, es, bueno, ante esa injusticia están hermanados tanto armenios como turcos, en conocer la verdad, en saber qué es lo que pasó. Y no hay un odio no hay un revanchismo, sino justamente todo lo contrario. Es la posibilidad de poder encontrar...un lenguaje en común que a la vez de luz sobre ese pasado y esa injusticia que fue un genocidio. Eso es lo más importante destacar. Un genocidio a pesar de los intentos del estado turco de negar, distorsionar, comprar académicos

para señalar que eso que pasó no sabemos bien que fue y hay que dejárselos a los historiadores, lo que nosotros, nosotros los historiadores recogimos eso y junto a abogados y junto a instancias del poder judicial, pudimos hacer esta investigación y pudimos lograr algo pequeño que en cierta forma está arrojando algo distinto a un nuevo momento histórico que va ser los cien años de este genocidio. Entonces... mi sentimiento es que eso que sufrieron nuestros abuelos no nos paralizó, no nos destruyó, no nos, desunió. Todo lo contrario, generó, vos hablás de subjetividades, subjetividades nuevas más complejas y con la posibilidad de poder entender globalmente que es lo que le pasa, no solamente al pueblo armenio, sino también a otros pueblos y darse cuenta que lo que le paso a los armenios, después les paso a los judíos y antes les había pasado a los pueblos originarios en Argentina, en Brasil, en los Estados Unidos y es esa narrativa universal que yo te había señalado antes, entonces esa injusticia nos hermana, no solamente con aquellos que sufrieron, sino con aquellos que luchan, que pueden ser armenios o no armenios, como es tu caso, para que esos fenómenos no se repitan. Entonces cada vez más sabemos que somos argentinos, latinoamericanos, armenios, brasileños, franceses y que todo ese fenómeno, al contrario de generar una identidad pequeña, lo que genera es una identidad más grande y más rica, una identidad universal como seres humanos.

Reparação

Creo que hay tres niveles y esto es algo que discutimos dentro de la fundación mucho. Gregorio Hairabedián, que es el presidente de la fundación, tiene una visión muy interesante y que yo en muchos niveles comparto y que más allá de una cuestión de una retribución. A mí no me gusta la palabra me gusta más la idea de una reparación en términos morales culturales históricos. Habría que manejarse en esos tres niveles en primer lugar que la población que vivía dentro del imperio otomano, en este caso, los armenios que tenían sus antiguos reinos, en el este de lo que sería actualmente la república de Turquía tienen derecho a una reparación en primer lugar cultural, la preservación de sus monumentos, la preservación de esa cultura y la libertad total de poder practicar su religión, su lengua, su cultura, sin ser discriminados, sin ser molestados. Hasta el día de hoy hay muchísimos, y eso es uno de los temas de los tabú, más de lo que paso hace cien años y no tuvo repercusión, hay muchísimas personas que son armenias que están en Turquía lo saben y no lo quieren manifestar por temor a la discriminación, al odio, al asesinato, como pasó contra el periodista Hrant Dink. Entonces es un problema actual del gobierno de Turquía eso es un tema tabú. Entonces hay un primer nivel que es un nivel cultural, preservación de un patrimonio cultural, de toda la humanidad. Y un nivel histórico, que se sepa que es lo que pasó que en las escuelas en Turquía se estudie cual fue el genocidio armenio, por qué se realizó, que políticas específicas el estado otomano perseguía al realizar esas matanzas, esas persecuciones, esa destrucción sistemática, que el pueblo turco sepa que no es cuestión de nacionalismo, no es que el pueblo armenio... con su reclamo lo que busca es mancillar o manchar el nombre de Turquía, sino justamente lo que busca es que el pueblo turco pueda abrazar a una cultura que pertenece y perteneció a ese territorio más allá de que hoy en ese territorio, diga, república de Turquía, sino que lo que justamente hay ahí históricamente son reinos, que existieron durante miles de años, culturas que van más allá de las tradiciones que hoy se tratan de imponer a esa población y que mucha de esa población hoy no sabe quién es, por más que se le quiera imponer una identidad específica entonces ...esta es una cuestión cultural, una cuestión histórica y creo también una cuestión material. Yo creo que el estado turco debería reparar materialmente, no solamente a los descendientes del genocidio, sino a

el pueblo de Turquía que sufrió eso, en particular los descendientes de armenios, o mitad armenios y a los habitantes de la república, por todas las consecuencias políticas históricas y legales de lo que fue ese genocidio, el estado turco tiene los medios materiales para realizarlo. Así como existe el precedente de que el pueblo judío, todo aquello que sufrió durante el holocausto hasta el día de hoy. Vos señalabas de placas de memoria, bueno que existan placas de memoria acá en esta parte de Estambul que antiguamente se le llamaba Constantinopla. Había un barrio armenio, había un cementerio armenio, había una iglesia armenia. Bueno, poder... constituir dentro de esos lugares, no solamente de memorias sino lugares donde vos me habías dicho en off, había gente armenia que tenía miedo de viajar a Turquía bueno...que eso no exista más, que se le pueda garantizar a la gente visitar el lugar donde vivían sus abuelos, donde fueron expulsados, asesinados y sus bienes robados, por qué no existe una posibilidad de que exista además una reparación más allá de la cuestión del dinero, una reparación moral y ética por todo lo que trabajó esa gente y que de un día para el otro se lo ehh ...se lo robo el estado para financiar su propia muerte. Hay estudios hechos en Taner Arçam, historiador turco que investigó como el propio robo y exfoliación de armenios financio su propia muerte. Entonces, específicamente el estado turco puede realizar acciones. Obviamente no las quiere realizar, acá ya entramos en una cuestión más compleja, geopolítica o el orden de la política real. Entonces es una cuestión muy compleja que puede tener una resolución como puede no tenerla, depende de la acción de todas las personas que estén interesadas en que esta injusticia en algún momento se termine y que esta injusticia pueda tener un final en una reparación del orden ético, del orden histórico y del orden cultural, no solamente para el pueblo armenio sino para toda la humanidad. Ese es un ejemplo para todo aquello que paso en el siglo XX, en el siglo XXI pueda tener una resolución pacífica, por medios legales, por medios culturales, para que los pueblos puedan tener un ejemplo histórico en el cual aquellos que sufrieron un genocidio durante el siglo XX en el siglo XXI, puedan tener un enaltecimiento, una reparación que celebre la vida y no sea un culto a la injusticia, al abuso, al poder que ampara miente y falsifica una historia que todos saben los propios que la falsifican, que en este caso es el estado turco y sus académicos o sus pseudo academicos pagos, que en realidad el genocidio es un fenómeno que hasta el día de hoy, hace que la propia sociedad turca sufra, sufra de amnesia, sufra de la falta de la cultura y el aporte de muchísimos habitantes de ese territorio que fueron perseguidos destruidos y que paradójicamente, no paradójicamente, por su voluntad, por su subjetividad y por su fuerza porque la humanidad y... a pesar de todos los intentos de que se...le destruya por alguna razón sobrevive ...y creo que el ejemplo del pueblo armenio es eso, a parte de la narrativa universal, de la humanidad, en la cual se demuestra que ante el intento de destrucción por parte de otros seres humanos, esto hay que decirlo: no es que son seres monstruosos que bajaron de otro lugar, sino ante propios seres humanos, hay una parte de la humanidad que quiere sobrevivir, crear y reconstituirse... con lo que es la creatividad de la alegría, con lo que es la creatividad del conocimiento, con lo que es la creatividad de la verdad.

Yo creo que vos me preguntabas antes sobre qué es el pueblo armenio o como lo siento yo. Yo creo que es la búsqueda constante de la verdad, la búsqueda constante del conocimiento para poder iluminar o para poder recrear una cultura específica que a la vez se vincule con todos los aportes de lo que es la cultura universal.

Turquia: governo e população

Bueno voy hablar en, en nombre mío y con varias anécdotas mías ¿población turca de hoy? Creo que, yo la gente de Turquía que conocí por ejemplo en Canadá o en Estados Unidos en primer lugar era gente que reconocía que existió el genocidio, no es que uno tiene un criterio específico bueno voy hablar con vos y reconocer todo el genocidio ...pero lo que yo creo la percepción que tengo que dentro de Turquía la población vivió una suerte de amnesia impuesta por la narrativa o la historia oficial del Estado Turco y que poco a poco esa narrativa está haciendo erosionada, está haciendo desmitificada por otras voces que van más allá del relato oficial.

Obviamente hay que diferenciar el estado del pueblo. Entonces, el pueblo turco, en su mayoría creo que conoce mucho sobre el tema, tiene muchos estereotipos formado sobre que la diáspora armenia es un gran ente oscuro que opera en las sombras para no sé que... y que en realidad la diáspora armenia está conformada por sobrevivientes de un genocidio que llegaron pobres a lugares del mundo que algunas no pueden ni siquiera poner en un mapa, como es Argentina, piensan que es la Pampa, o piensan que es la Patagonia, entonces,.. el sentimiento es bueno, ojalá esa gente en algún momento pueda comprender su pasado y poder pedir perdón en nombre de un pueblo y creo que eso los va a enaltecer y poder pedir perdón, significa más allá de las palabras, querer reparar históricamente eso que se hizo, que seguramente deben tener el conocimiento de abuelos o de familiares que sí participaron directamente en el genocidio, otros no y otros que sí se beneficiaron directamente porque bueno en esa casa vivía un armenio y se quedaron con esa casa o en esta casa.. en este lugar había una iglesia y yo me la quedé para hacer no sé...un taller, entonces bueno qué es lo que pasa ahí, dentro de ese pueblo, hasta el día de hoy pervive, porque el odio contra lo que es externo, lo que es ajeno, eh...lo que no es, lo que uno cree, que debe ser la identidad o la propia identidad, esa creo que es la pregunta más allá de lo que el Estado dictamine yo no sé eso como se mide y no sé si hasta el día de hoy alguien en Turquía, si vos como vos me preguntaste a mí, subjetivamente ¿te gustaría tener un vecino armenio o cristiano al lado de tu casa sí o no? más allá de lo que te dice el estado, es algo a saber, yo en particular, lo que me gustaría es que exista un, un perdón genuino y un, una posibilidad que se puedan ver su propia historia... de forma tal que eso que paso sea algo que entre dentro de su narrativa y que se pueda enseñar en sus escuelas.

¿ Odio como miedo? Sí, yo creo que en realidad el miedo deriva generalmente en odio, en violencia, en la falta de comunicación en la falta de dialogo. Creo que en realidad... de vuelta, hay que diferenciar el pueblo del Estado y que gran parte del pueblo vive en uno de los países que tiene mayor cantidad de periodistas presos en el mundo, donde hay un control muy fuerte de lo que es la opinión, de lo que es. Entonces, ellos viven enmarcados en ese tipo de sociedad, en ese tipo de sociedad controlada o con intentos de control del gobierno. Como Argentina, o Brasil en la década del 70, tenía dictaduras militares que trataban de controlar la opinión pública. Bueno, habría que estudiar mejor qué es lo que pasa dentro de esa sociedad y como esa sociedad en algún momento va poder superar esos tabúes. Es un tabú.

Os armênios da Armênia

Es una buena pregunta. Yo, lo que tengo es un gran respeto por la gente que vive en Armenia, porque ellos viven en una situación material mucho más compleja que la nuestra, más dificultosa, hablando de geopolíticas. La frontera de Armenia con Turquía está cerrada, ellos están técnicamente en una situación muy delicada con sus vecinos Azerbaiján. Sufrieron una guerra muy fuerte y además sufrieron las consecuencias del desmembramiento de la Unión Soviética, entonces esa gente está en

una situación muy delicada y muy compleja, entonces yo lo que tengo es un gran respeto por la gente que vive ahí, en particular por el pueblo. Y obviamente muchas, como todo el mundo muchas críticas, algunas políticas y algunos políticos de ahí, pero bueno yo soy un ciudadano argentino descendiente de armenios no tengo voto en Armenia y no tengo una voz como para estigmatizar nada de lo que es los eventos de la república de Armenia. Pero sí, es un respeto a la gente que vive ahí y que tiene una vida todos los días muy dificultosa y de tratar de ayudar en todo lo que uno pueda ayudar a la república de Armenia y en realidad yo también me siento participe de algo que podríamos definir como la república de la diáspora, que es un lugar donde también puede ser coextensiva a Armenia o a los armenios.

Os descendentes do Brasil e Uruguai

En particular con respecto a los armenios de Uruguay, creo que hay mucha similitud por lo que es la interacción, obviamente del idioma, del español, de la cultura, entre comillas rioplatense. De hecho, hay muchos armenios del Uruguay que vienen acá y terminan residiendo acá en Argentina eh... entonces hay como muchas similitudes y un cariño muy grande por el pueblo de Uruguay. El caso de Brasil creo que por lo menos es más difícil porque están en Sao Paulo, la comunidad es menor y yo no tengo tanto conocimiento sobre el caso de Brasil. Me da mucha curiosidad, me gustaría entender más, verlo mejor físicamente. Pero sí, yo creo que sí la interacción entre estas tres comunidades debería ser, debería ser más fluida, más rica. Ojalá que en el siglo XXI, estas tres comunidades interactúen mejor, porque yo sí sé, creo que hay mucho sí en los que es términos institucionales, con respecto a lo que es el deporte, las olimpiadas, el intercambio de ese tipo, pero lo que me gustaría más es que haya un intercambio mayor en términos culturales, en términos científicos, en términos literarios, pensando en las distintas corrientes e influencias, que por ejemplo Brasil tiene con su cultura particular, Argentina, Uruguay ... y creo que está por conocerse esa historia en común, o quizá no, quizá es más diferente de lo que nosotros creemos.

Invisibilidad

Lo que parece ser como una comunidad invisible, los armenios parecen ser invisibles, no solamente en el caso de Brasil, pero en Argentina que es una gran comunidad o lo que hay es una serie de estereotipos sobre los armenios... Creo que uno de los problemas es que dentro de lo que podríamos denominar, entre comillas, cultura popular, la presencia armenia es marginal. Existía por ejemplo esto, es casi anecdótico: un luchador armenio que era Martin Karadagian, por ahí escuchaste hablar, y ese era como la puerta de entrada para el no armenio de lo que eran los armenios entonces. Hoy en día si hay algunas figuras como por ejemplo el tenista David Nalbaldian, y otra serie. Pero uno de los déficit y creo que sí viene vinculado con el tema del genocidio, es que los armenios en dos noches perdieron a todos sus intelectuales, líderes políticos, líderes religiosos y referentes culturales y reconstituir todo ese fenómeno llevó mucho tiempo, de hecho yo te había mencionado antes que mi abuela no podía leer... el español. Entonces poder reconstituir una identidad cultural y poder reconstituir algo simple como una biblioteca, o poder tener una producción académica seria que va más allá del sentimentalismo o un reclamo, del dolor. Es muy difícil. Entonces, creo que hoy en el siglo XXI empiezan a aparecer algunos escritores, algunos artistas que más allá de representar lo armenio a través del trauma, del dolor o de la idea de la víctima, empiezan a pensar esa identidad de forma distinta y vinculada articulada, entre comillas, con la cultura argentina. Entonces la invisibilidad de lo armenio creo que está vinculada a su presencia baja dentro de los grandes canales de difusión de la

cultura popular como pueden ser los films, como puede ser el teatro. Poco a poco acá desde la fundación se hizo una obra de teatro escrita por Claudia Pinheiro que es “Un mismo árbol verde”, que vincula los crímenes de la última dictadura cívico militar acá en la argentina desde mil nueve setenta y seis hasta mil nueve ochenta y tres, con lo que había sido anteriormente el genocidio armenio, entonces a partir de ese fenómeno, a partir de la idea de realizar documentales, películas es que se empieza a difundir más la historia de esta comunidad y que a mí me gustaría que se retrate o que se represente más allá de la idea de un trauma o de la persecución del genocidio. Entonces la invisibilización pasa porque dentro de la colectividad armenia mayoritariamente las personas de esa comunidad se dedicaron a actividades comerciales, a actividades manufactureras y no tanto a actividades culturales o difusión en un nivel profesional y en un nivel que va más allá del amateur ¿no? Yo puedo escribir a un libro porque sobreviví a un genocidio con memorias, con mucho dolor pero que quizá no tiene el valor literario o el valor de difusión para que lo puedan leer otras personas y puedan sentir empatía por lo que paso. Entonces, yo creo que recién ahora se empieza a reconstituir personas, subjetividades, que puedan escribir filmar o relatar lo armenio más allá de una cuestión sentimental o nacionalista o de revancha, eso a mí me parece lo más importante ...y de forma conjunta, las cuestiones principales y que a mí me interesa de la fundación es que somos un grupo de personas algunos armenios, otros mitad armenios , otros no armenios, que en distintos niveles se interesan por los temas de los genocidios y los derechos humanos

Ir à Armenia

Sí, por supuesto. Es un lugar donde me da mucha curiosidad conocer... y es un lugar que, bueno, esperemos que ahora con el cien aniversario podamos verlo... de primera mano.

Onde é a (sua) Armênia?

Yo quiero señalar acá, es un poco lo que hablábamos antes de la dispersión, no solamente de la diáspora global producto del genocidio, sino que lo armenio es. Además de todos estos territorios que yo estoy de acuerdo con todos los que son parte del territorio, porque son territorios ancestrales. Lo armenio significa la posibilidad de la construcción de un lugar que a veces no tiene un territorio específico, que puede ser Argentina, que puede ser Brasil, que puede ser Nueva York y que está unido no solamente por ese recuerdo de un territorio ancestral, sino por la posibilidad de la construcción de un lugar nuevo y específico.

4. Maria Manuela Díaz Arslanian

Novembro/2013

**Aintab, a cidade dos ancestrais maternos, Império Otomano.
Hoje, “Gaziantep”, Turquía.**

Me llamo Manuela María Díaz Arslanian. Nací en la Capital Federal, Argentina, Buenos Aires. Tengo 19 años, estudio primer año de comunicación social en la Universidad Nacional de Buenos Aires. Es una mezcla entre periodismo, relaciones públicas, publicidad... amplía después una se dedica a lo que quiere. Periodismo gráfico me gusta, me gusta escribir pero no sé todavía.

Origem Armênia

Mi papá no es armenio pero mi mama sí. Por parte de mi mama los abuelos también eran armenios. Mi mama es Arslanian por parte de su papa. Su mama era Barberian. Todos de “Aintab”. Mis abuelos se conocieron acá, cuando ambos tuvieron que escapar del genocidio, así que se conocieron acá mis abuelos, ambos armenios y mi mama vivía en Vicente López que es en provincia, un barrio de acá.

¿Sobre parientes cercanos o lejanos en Armenia? Que yo conozca no. Hay muchos en diáspora, principalmente Estados Unidos. Todavía no estamos en contacto con estos. De a familia de mi mamá, los Arslanian, están todos acá, en el barrio Vicente López.

O casamento “não armênio” de seus pais

Mi mama es la menor de 3 hermanos, un hermano varón y dos hermanas mujeres y era la única que se casó con alguien no armenio, pero digamos, mi papa es carismático y... cayó bien y también sufrió, lo cargamos en la familia, un proceso de “armenización” porque ahora sabe hablar ciertas palabras, le encanta la comida armenia, se interesa por la causa, la da a conocer, así que sí, más que aceptado, pero era todo un acontecimiento extraño, que, en esa época se casen con un no armenio.

¿Si hay una necesidad de escoger una persona que sea de descendencia armenia para pareja? Mi compañero es descendiente de armenios de la región de Aintab, como mis abuelos maternos. Entonces siento que está el prejuicio de que un chico armenio, digamos un chico de familia, que uno tiene que encontrar a alguien así, pero también por otro lado uno se rodea en otros ámbitos que no son solo los armenios y...también siento por experiencia propia, mismo de mi papa, que si la otra parte está interesada ... digamos, que a veces la identidad es mucho más que a donde uno nació, porque de hecho, creo que lo escuché de mi compañero, si uno no se siente armenio... por más que yo tenga la mitad de un armenio y una española, me siento mucho más armenia y...sin embargo no nací ahí.

Memória familiar e impressões do genocídio

Casualmente mi abuelo antes de... nos contó... que huir del genocidio era muy chico, separarse de sus hermanos, fue a parar a Sao Paulo, pero... por situaciones que no sé, no se quiso quedar ahí, no se sentía muy cómodo, vino a la Argentina y trabajó como zapatero con sus hermanos.

La historia que siempre me conto mi mamá, es la de mi abuelo, el sufrimiento de separarse de sus hermanos y el mucho no hablaba de ese momento, lo quería borrar por decirlo de alguna manera, bueno, que se tuvieron que separar, que primero fue a Brasil, que después vino para acá. Mi abuelo materno trabajo desde muy chico porque era el más grande, tenía que mantener a la familia, mantener a sus, a sus, hermanas,

sobre un poco como padre también, hasta que después llegan más familiares de él, a la Argentina y en los clubes sociales se encontró con mi abuela y ahí se conocieron desde muy jóvenes y...bueno mi abuela también era muy chiquita cuando tuvo que venir para acá, así que no tenía mucha memoria de...digamos de las atrocidades del genocidio y lo que siempre me cuenta mi mamá, es, digamos que ellos vivían en Vicente López y compartieron la misma casa con sus primos, iban a jugar, a hablar en armenio, a armenizar a los vecinos que no eran armenios, reunirse para cocinar, para comer todos juntos, me contaba que los domingos era que siempre mi abuela tenía algo para cocinar, algo para servir. Eso que se mantenía la tradición y las costumbres por las comidas y por el hábito.

Língua armênia, militância, outras línguas

El idioma armenio lo aprendí más que nada por venir, por ir al club. Yo también soy scout de Homentmen y soy miembro de la Unión Juventud Armenia (UJA). Antes cuando era chiquita chiquita formaba parte de Badanegán Miutiun. Ambos sitios me acercaron más a la lengua porque en mi casa, a diferencia de mis primos hermanos, ellos sí hablan en armenio porque sus dos papas son armenios. En mi casa no se podía hacer eso y además mis abuelos fallecieron cuando yo era bebé, por lo cual no pude hablar con ellos tampoco. Entonces supongo que hubiese tenido otra proximidad con el idioma si mis abuelos hubiesen estado vivos, pero no fue así, así... mi contacto con el armenio. Yo no fui al colegio armenio, me sentía medio sapo de otro pozo, decimos acá, porque todas mis amigas iban al mismo colegio armenio, pero bueno me sirvió para, para darme cuenta de otras realidades y también... para... siento que yo elijo, yo elijo este compromiso que yo tengo con Armenia y... bueno y hablar en armenio porque yo decidí si bien cuando era chiquita no decidí ir al club, pero ahora decido seguir yendo y decido ocupar la mayoría de mi tiempo antes que la facultad en esto, en la militancia y en dar a conocer si hay genocidio, es conocido, pero bueno, luchar por el reconocimiento, la reparación lo que siempre decimos.

¿Si sé un poquito de la lengua turca? Bueno, en realidad mi mamá siempre me dice modismos o cuando, insultos cada que puede, pero me aclara siempre esto es en turco, porque ellos tienen como una...parece hasta armenio pero hay palabras de origen turco que no, no sienten como turcas pero sí, algunos modismos, algunos insultos, algunas bromas.

Mi mamá me contaba que a mi abuela le decían la turca en el barrio para enojarla y ellas las perseguían con una escoba. Es decir mi abuela las perseguía con una escoba porque no le puedes decir turca. O nosotros acá para hacer “surch”, el café, usamos café molido a la turca y mi mamá se niega a decir que es molido a la turca.

Sobre otras lenguas, estoy aprendiendo inglés e italiano.

Ser armênia

Para mí ser armenia es todo e implica un trabajo y un esfuerzo mucho mayor, porque estamos trabajando por una Armenia que nos queda lejos, por una Armenia que en mi caso yo nunca conocí personalmente, no tuve la suerte de haber ido pero que la siento a su vez muy cercana. Siento que Armenia son los amigos que viven ahí que día a día se bancan todo lo que se bancan, pero también siento, que son los ...sobrevivientes del genocidio, la memoria de los que no sobrevivieron, y todos los que conformamos la diáspora en todos los lugares del mundo. Como armenia me siento en la obligación y como armenia argentina de... mi obligación moral que es poner todo para, para que ...bueno... en la Argentina se reconoció el genocidio, pero encontrar espacios como, hace poco fuimos a la televisión y contamos la causa en...y también teniendo contacto con, con mis ex compañeros y amigos de Uruguay, de Córdoba, de Sao Paulo ahora

también, siento que nos estamos acercando más a través de las redes sociales no siento que el idioma sea un impedimento porque...si queremos hablar hablamos en una mezcla entre castellano, portugués, armenio,...inglés. Sí, hay posibilidad, así que no le veo impedimento. Siento que también se está trabajando mucho, también en Venezuela para acercarnos a los chicos y en Chile también, para que puedan viajar lo más que puedan ...y para que se conforme un club también allá y nuestro sueño es que los encuentros regionales en un momento se hagan allá así poder ver más o menos sus instalaciones, que hacen, nos da curiosidad, más porque conocemos todo de los Uruguayos, todo de los Cordobeses y...siento cuando los veo a los chicos que son chicos que tienen los mismos intereses, que son muy parecidos a nosotros y me da una pena de que por que no tengan un club o un “uska” o una organización no tan formada ...se pierdan de vivir todo lo que vivimos nosotros .

Participação nas associações comunidade armenia: Homentmen e UJA, do partido FRA Tashnag

Desde Chiquita mi mamá me llevo al club, se quedaba todos los sábados religiosamente porque no me quería quedar sola. Siento que ahora, esta todo un poco volviendo, porque soy jefa de scout y... bueno veo a las chicas en situaciones que yo viví hace cinco años y... me resulta muy emocionante, transmitirles también los valores del escautismo y que además que nosotros que somos scout armenios y también tenemos todo un peso atrás que las caracteriza. Y en cuanto, y en paralelo al escautismo que lo veía más como lúdico, pero a su vez me fui interiorizando en la política de allá como se vive allá cosas que el escautismo tal vez no me daba esa herramienta, y ahora estoy en UJA que es como el periodo de más acción diría yo, es el periodo de estar pendiente de las coyunturas de acá de la región sudamericana de los que les pasa a ellos y de transmitirlo de manifestarnos (...). Siento que UJA se trata de eso un poco... de salir a la calle y darnos a conocer.

Sobre los acampamentos, UJA trata de hacer una vez por año, no, cada año tres campamentos, uno que sea acá, uno que sea en Uruguay, y uno que sea en Córdoba, entonces nos vemos, estamos obligados a vernos 3 veces al año si o si con los chicos, y...mi contacto es que tienen formas de trabajar distintas, por ejemplo algunos son más ortodoxos que otros... pero, bueno, la base es la misma, como siendo hermanos.

Comidas típicas armenias? Bueno, en esos encuentros, en el piso de abajo comiendo todos juntos comida armenia así que siento que eso es parte. En mi casa siempre hay las comidas típicas así que la periodicidad es frecuente, no sé, un día si un día no prácticamente. Así vamos a quedar todos gordos.

El trabajo de UJA, siento es un trabajo que no se va acabar, ni el reconocimiento, ni la reparación (de genocidio). Siento que vamos a lograr y que nosotros luchamos por mantener la identidad armenia por más que estemos tan lejos de allá, pero nos sentimos a la vez muy cerca, y que militar en UJA ser scout nos abrió a todos, la cabeza y un montón de posibilidades que no hubieran ocurrido, de otra manera.

Identidade armênia, genocídio, reparação

Siento que lo que nos une es el genocidio. En cuanto al cristianismo digamos, siento que acá jóvenes como yo, son muy poco practicantes de ir todos los domingos a misa y... tal vez tiene que ver con el escepticismo de los jóvenes para con la religión, pero siento la importancia de los armenios que nos unimos y decimos que fuimos los primeros cristianos que el arca desembocó en el Ararat, pero si vamos a la práctica no siento que eso sea lo distintivo de los jóvenes armenios en la diáspora, por lo menos sudamericana...pero sí el genocidio, es emocionante vamos, cuando manifestamos es

lo primero que tratamos de transmitir porque nos une un pasado fuerte y común que es lo que hizo que llegemos hasta acá también a estos países y la otra cuestión era las de las tierras ancestrales.

¿Mi sentimiento respecto al genocidio? Digamos me da bronca la impunidad. Por otro lado trato de ser optimista y siento que hemos logrado bastante cosas, como el reconocimiento en bastantes países y siento que es una lucha que no está acabada, digamos, la satisfacción sería, que el estado Turco lo reconociera y que reparara las tierras por sobre todas las cosas, no sé si por sobre todas las cosas, creo que el lineamiento lógico es que lo reconozca que pidan perdón digamos, que se parezca un poco al proceder de, de del nazismo, digamos que ellos hasta el día de hoy siguen pidiendo disculpas. Bueno, con el consiguiente reconocimiento viene la reparación de las tierras. No nos olvidemos de Artsah, que es esa tierra que esta relegada en Azerbaijan y eso nosotros lo tenemos bien en claro. Sabemos que en Artsah se vive una realidad muy distinta tan bien a lo que se vive en las demás pequeñas provincias de Armenia. Siento que también se está haciendo mucho por dar a conocer que pasa en Armenia que es una digamos es una República que está consolidada, que es democrática, y... también esa es una de nuestras prioridades además del genocidio no, porque hemos también a veces nos sesgamos mucho al genocidio blablablá, pero también hay otras cosas que están ocurriendo como el conflicto latente en Siria que no podemos olvidarnos.

Sobre turcos e armênios

¿Mi sentimiento en relación a la población turca de hoy? Que no tienen la culpa, que digamos....nuestra bronca, nuestra lucha no es para con ellos porque digamos sinceramente no saben y viven en la ignorancia. Yo sí creo eso porque si a vos no te enseñan una historia, nunca te han enseñado tu historia, te siguen ocultando tu identidad, es como a nosotros los argentinos que no nos enseñan los terribles acontecimientos que pasaron en nuestra dictadura cívico militar es lo mismo, digamos, ellos están creciendo sobre cimientos que están flojos y....nada, siento que no tienen la culpa, y siento que también parte del reconocimiento es como pasa en la actual Alemania, que les enseñan su historia, siento que ellos si descubrieran, o si supieran lo del genocidio. Algunos de ellos se solidarizarían porque es también una lucha para con ellos, y para con su historia, para con su memoria, un pueblo que no tiene memoria puede volver a repetir las cosas y no solamente para afuera sino hacia dentro.

¿Mi sentimiento en relación a los armenios de la Armenia? Si hay una de las metas que me gustaría hacer es ir a Armenia para ver ellos, que opinan. Pero los armenios de la Armenia que viven en las afueras, tenemos una visión distinta. Siento que los jóvenes armenios, están yendo a estudiar, se están yendo de Armenia, se están yendo. Y nosotros tenemos planes como el voluntariado en Armenia, y muchos de nosotros sudamericanos lo han hecho. A mí me gustaría hacer de voluntaria en Armenia. Y eso me parece una oportunidad impresionante para conocer cómo se vive ahí y para ayudarlos porque sí, digamos su democracia es súper fraudulenta y las condiciones académicas tampoco son muy buenas, y bueno se tienen que ir también, poniéndome en su lugar, yo me iría a estudiar a otro lado así que esa es mi concepción. Y si ellos están viviendo una occidentalización como dijo él, pero de todas maneras siguen teniendo ciertas reticencias a las grandes marcas, como paso con un acontecimiento de querer instalar un Carrefour, un supermercado y ellos se negaron pero también por toda una mafia de ciertos empresarios que tienen digamos, que son los, los poderosos y que no quieren que otras cadenas se instalen ahí.

¿Si Armenia actual está más cercana de Rusia o de occidente? Como todos los países post soviéticos, algunos vivieron bien en ese momento y otros no. Entonces los que vivieron bien siguen pensando que digamos que el sovietismo y blablablá y, y hay otros que no. Pero siento que está más tendiendo a la occidentalización, que se quieren parecer a nosotros. Que la cultura yanke llego para quedarse y que no quieren ser, quieren entrar en la Unión Europea.....o no sé quieren parecerse más a occidente.

Onde é a (sua?) Armênia?

Yo siento que Armenia son ellos que están ahí como ya dije antes, bancándose todo son ellos los que viven en esa Armenia, pero también Armenia es Artsah (Nagorno) y todos estos territorios en Georgia y Azerbaijan que son las tierras ancestrales nuestras y en Turquía incluso. Armenia es Ararás. Armenia son los armenios que viven en Siria, por lo que también nos solidarizamos con ellos. En agrupación escout hicimos un aniversario y Uruguay y Córdoba también hizo lo mismo, y con lo recaudado fue a parar a Siria. Así que Armenia es Siria. Armenia es la diáspora y eso también siento que ellos no lo ven, no aprecian todo el trabajo que la diáspora hace por ellos pero siento que es mucho. Y Armenia es también vos, haciendo un trabajo sobre, sobre nosotros sin tener ningún tipo de relación biológica que te una a Armenia, eso también es Armenia.

Genocídio e Ditadura Militar na Argentina

Técnicamente bueno nosotros decimos a nuestra dictadura que fue un genocidio. Es una discusión epistemológica. Pero siento que nos une frente a un pasado trágico. También otro punto en contacto es la memoria. Y también otra cosa que ahora siento en común porque yo he ayudar talleres sobre genocidio muchas veces en los colegios o al menos armenios, muchas veces los comparamos y siento que es comparable porque en el imperio Otomano todos éramos parte del imperio Otomano, Armenios, Turcos y convivíamos pacíficamente aunque los armenios estaban relegados por ser cristianos y por otras cuestiones, pero en el genocidio eran ellos contra ellos, ósea su Estado el imperio Otomano que los tenía que defender, que los tenía, que cuidar, que brindar salud, educación, se rebelaron contra ellos contra ellos mismos tu Estado que te tiene que defender, que te tiene que cuidar, te mata y es lo mismo que nos pasó con las dictaduras en Latinoamérica, así que siento que ese también es un punto en contacto.

5. Marina Lusine Sarafian

Agosto/2015

25 años, Economista, Ciudad de Buenos Aires, Argentina.

Origem armênia

Sí, todos. Abuelos y busabuelos.

Cidades dos ancestrais

Por parte de papa, eran de la ciudad de Urfa, Hetesia (actual turquía). Por parte de mama: Sis, Zeitun y Adabazar (actual Turquía).

Profissões

Madre: ama de casa. Padre: comerciante. Abuelos maternos: comerciante têxtil. Abuelos paternos: comerciante têxtil. Bisabuelos maternos: comercio têxtil. Bisabuelos paternos: comercio de curtiembres.

Parentes em outros países

En Grecia y hay contacto. En Armênia? No

Relatos dos familiares

Mi bisabuelo materno Garabed Nahabetian nació en Zeitun, lugar de verdaderos héroes. Él vivió las matanzas muy de cerca al organizarse grupos de hombres para combatir en pueblos cercanos contra los saqueadores y asesinos genocidas. Garabed ya casado y con un hijo, al volver a su casa después de unos días de resistencia se encuentra con la noticia de que su familia se había escapado a otro pueblo. Al cabo de unos meses de búsqueda, finalmente se entera que su esposa y su hijo no sobrevivieron, pero igualmente, con mucho pesar siguió buscándolos por varios meses. Luego, entendió que era inútil y con todo el dolor de su alma dejó de insistir.

El tiempo pasó y las heridas lentamente se sanaron. Le presentan a la que luego fue mi bisabuela Luzadsin Asilian proveniente de Sis. Ellos se casan y emigran a Grecia donde tienen seis hijos: Kisak, Nahabed, Sirvart, Zevart, Harutiun y Nevart, mi madre. Al cabo de muchos años, mi abuelo recibe una carta de su primo en su lecho de muerte, desde Siria. La misma explicaba que la familia que había dado por muerta estaba viva y en Siria. Para mi abuelo la noticia fue terrible. Su respuesta reza: "Hubiera preferido estar muerto antes de saber que ellos siguen vivos".

Mi bisabuelo Garabed falleció con esa pena en el alma, y lo único que se me viene a la mente es pensar que no es el único que vivió una historia de este estilo. Sus hijos, nietos y bisnietos sabemos que en algún lugar del mundo hoy hay familiares que no conocemos. Una prueba más de las consecuencias del primer genocidio del siglo XX.

Outras línguas em casa

Sí, español y armênio. La Lengua turca? No. Conozco inglês.

Ser armênia

Si bien soy de nacionalidad argentina, siento que en mi ADN se mezclan muchas características de mi descendência armenia: la responsabilidad hacia el trabajo, el compromiso con la patria, cualquiera sea ésta, el amor a la familia, como así también

el sentimiento de dolor y desarraigo que vivieron nuestros antepassados. Sí! Me siento armenia.

Identidade armênia

La identidad de los armenios y suyos descendientes está más fuertemente relacionada al Cristianismo (Iglesia) y Genocidio.

Participação na comunidade

Si, estoy a cargo de um grupo de jóvenes de la institución Unión General Armenia de Beneficencia em Buenos Aires, que se encarga de organizar atividades relacionadas com el deporte, la cultura, el esparcimiento y la recreación entre otros.

Comidas típicas armênias

Muchas: lehmeyun, suberek, mantí, kebab. Sí , preparo una vez por semana.

Genocídio armênio: Reparação

Las soluciones, si bien es un crimen irreparable, rondan entre, reparación económica de las víctimas y familiares, la devolución de los territorios, la erradicación de la política de negacionismo que lleva a cabo Turquía como estado actualmente, lo que entiende el reconocimiento del genocidio.

Reconhecimento

En mi opinión, y más filosóficamente hablando, el reconocimiento como principal “solución” tiene que ver con que el mundo sepa y reconozca la verdad, y con que Turquía pida disculpas como Estado. Luego estaríamos hablando de devolución de territorios, al menos los que están alrededor de Armenia actual (el resto sería irrisorio solicitarlos), y por supuesto que reparación económica o algún fondo de ayuda para mejorar la situación de Armenia actual.

Realmente quiero reconocimiento del Genocidio Armenio por parte del Estado Turco. Quiero justicia y reparación. Pero también pienso que aquél dolor, torturas y padecimiento que vivieron nuestros ancestros armenios se nos licuó en la sangre y se transformó en ENERGÍA.

Falta tanto por hacer, por mejorar, por difundir. Tenemos una cultura milenaria, leyendas antiquísimas que enriquecen la literatura y la historia, un idioma –o dos- cuyo alfabeto data del 405 dC., arquitectura, tradiciones y comidas dignas de compartir, entre otros. Aprendamos a ser DISRUPTIVOS en un mundo lineal, y a liderar los cambios que queremos ver como diáspora, como Nación en Armenia misma, y como sociedad, en todos los países donde radicamos.

“Abril” en armenio significa VIVIR. ¿Paradójico? No. Vivamos el cambio y la innovación, el reconocimiento inminentemente va a llegar: no se puede tapar el sol con una mano, y el mundo ya es el sol.

Además, comparto una nota sobre mi abuelo paterno y su historia de vida, em uma entrevista que me hicieron para el sitio web The 100 lives:

<https://100lives.com/es/stories/detail/regular/5898/jorge-sarafian-y-un-legado-que-contina>

“Turca” ofende?

¿Ser llamada? Me molesta que la gente no sepa la diferencia entre un turco y un armenio, pero entiendo que no tienen por qué saberlo. en vez de enojarme u ofenderme, me parece más inteligente explicarles: que los armenios somos cristianos, que tenemos

una lucha por el reconocimiento en contra del estado turco, y que no es de buen gusto confundirnos.

¿Ser confundida? Nuevamente, me molesta que la gente no sepa la diferencia, pero en vez de ofenderme, prefiero "educar" a ese tipo de gente.

População turca de hoje

Opino que su instrucción esta muy sesgada, y eso es parte del plan político y educativo del país. Así que no los culpo.

Governo turco atual

Negacionista. Pero el sol no se puede tapar com uma mano. Y esta a la luz del mundo lo que sucedió.

Os armênios da Armênia

Considero que existen diferencias culturales profundas entre nosotros (los descendientes de armenios occidentales), y ellos. Sin embargo, la globalización nos va acercando.

Descendentes da América Latina: Argentina, Uruguai, Brasil, outros

Los que vivimos em estas latitudes, lentamente estamos perdendo las costumbres religiosas e idiomáticas. Sin embargo, creo que como cultura tenemos mucho tempo para sobrevivir. El armênio esta orgulloso de ser armênio.

O país Armênia

Conozco Armênia, fui em el 2007 em um viaje de 14 días. Me gustaría volver em breves.

A terra ancestral dos armênios

La tierra ancestral es em actual Turquía. Em Guiliguiá, y em Aní.

Onde é a (sua) Armênia?

Mi armênia esta em la iglesia que construyo mi abuelo Jorge Sarafian, em Nor Hetesia, Actual Armenia.

6. Roberto Mesrob Malkassian (aguarda aprovação)

Junho/ 2015

Soy Roberto Mesrob Malkassian. Soy abogado, profesor de derecho internacional público de la facultad de derecho de la Universidad de Buenos Aires, también, en la misma facultad soy profesor de derechos humanos y garantías. Y en la misma facultad soy profesor de una materia que se llama "Aspectos Jurídicos del Genocidio Armenio". Tengo también, en la misma facultad y universidad, a mi cargo, una cátedra libre sobre "Holocausto, Genocidios y Luchas contra la Discriminación". Nací en Tesalónica, Grecia. Vivo en Buenos Aires, Argentina, desde mí 10 años de edad.

Ascendência armênia

De los dos lugares, de ambas partes. Padre y madre.

Mi abuelo paterno era de Cesaréa. Guesaréa, se dice, Kayseri, en turco. Y mi abuela de Konya. En cambio... Eso del lado de mi padre. Por el lado de mi madre, mi abuelo materno era de Yozgat, y mi abuela materna de Smyrna. Nombres que fueron cambiados: Kayseri o Kayseli. Smyrna sigue siendo Smyrna. Ahora no sé, no sé si Yozgat cambió de nombre, y no sé se Konya cambió. Sí, Konya sigue existiendo.

Outras descendências na família e casamentos

Le digo claramente. Mi primer matrimonio fue con una descendiente de armenios que también es una otra prueba de destino de refugio de los sobrevivientes. Esta mi ex-mujer había nacido en Rumania, de padres armenios, que sus padres, a su vez, eran refugiados... refugiados, sobrevivientes del genocidio de 1915. En el caso mío, yo nací en Grecia. Bueno, y terminamos encontrándonos en Argentina, conociéndonos en Argentina. Ese matrimonio, digamos, terminó, y el posterior, con quién tuve dos hijas, es de ascendencia italiana y franco-irlandesa. Así es...

Parentes em em outros países

En Armenia ya no tengo más. En Grecia tengo dos primas primeras, seria. Primeras hermanas. Y en los Estados Unidos, que no los se contactados, sé que existe parte de la familia de mi madre. En otro lado ya no quedan. No quedan familiares, salvo Argentina, no.

En Brasil, no. Y en Armenia, había, pero murieron. Eso de Armenia era un caso extraño, porque después de la Primera Guerra, después de refugiados, hubo como un regreso hacia Armenia, como Armenia se declaró independiente. Algunos dos que serían sobrevivientes volvieron con la voluntad, la gana de que hay un nuevo Estado etc., que surge... Ahí parte de la familia volvió, y esos son los que después murieron, por así ya pasó el tiempo.

¿Dificultad de comunicación con países del Este Europeo, de Unión Soviética? Claro ese era un grave problema. Cartas... Recibíamos cartas cada tanto. Era difícil. Nunca sabíamos si la carta llegó o no llegó. Si hubo respuesta y no la tuvimos. Pero también la distancia y la falta de practicidad del medio de comunicación marcaron una diferencia. Por ejemplo, los parientes de los Estados Unidos, hasta que un tío de mi madre, el nombre, Sukiassian, hasta que... mientras él vivió mantuvimos un contacto viviendo en Grecia, nosotros. Yo era muy chico. Mantuvimos un contacto directo, frecuente. El hombre siempre mandaba regalos para Navidad y... Pero el murió y mi madre mantuvo el contacto con un primo de él. Este hombre también se puso grande, se murió y yo ya no guardo más contacto. No tengo más contacto. Se perdió.

Os que foram à Armênia Soviética

Volvieron creyendo que la situación política iba a cambiar en el sentido que el paraíso comunista que les habían prometido se iba a ser realidad. Y de decepcionaron. No resultó como se pensaba, pero no se fueron. Se tuvieron que quedar. Entonces las pocas cartas que venían, hablaban de, digamos, de un estado espiritual fuerte en cuanto a la sobrevivencia, después del genocidio, el régimen comunista no era nada, era una papada, nada como la dificultad para vivir. Esta genta era sobreviviente del genocidio. Pero lamentaban un nivel, digamos, económico y de bien estar bajo. No decían que no... Bueno, les podía faltar algunas cosas del mundo occidental en cuanto mayor confort o lujo, lo básico, lo tenían, pero, claro, ellos habían visto, como sus parientes en occidente habían evolucionado, a pesar de ser también víctima del genocidio, y lamentaban estar en una situación económica elemental.

Parentes que saíram da Armênia

Me refiero a los años 80, le diría, cuando la Unión Soviética con el Glasnost y, después, el Gorbachev aflojó la dureza de las fronteras... Una prima de mi padre salió de Armenia con el marido. Fueron, se instalaron en Estados Unidos. Justamente se fueron a Los Ángeles No les gustó y volvieron a Armenia. Claro, en los años 80, ya son varias generaciones habituadas a vivir en un sistema que bien o mal, les garantiza trabajo, casa, salud, seguro. Estas cosas, educación están cubiertas. Era un país donde dice "mira, usted se tienen que arreglar por las suyas, hacer su vida, el Estado no le va a dar todo lo que daba antes". Eso es un poco difícil de acostumbrarse. De ahí también que en Armenia, de lo que yo conocí en Armenia, años después, también la gente, sobretudo la gente mayor, era muy nostálgica del comunismo, porque le aseguraba una serie de elementos de bien estar y de no preocupación. De golpe, se vieron enfrentados a la necesidad de salir a luchar todos los días para mantener su casa, pagar la luz al fin del mes, el teléfono que antes no tenían problemas.

Genocídio e memória familiar

El principio general de contar, en los armenios, no va. No se aplica. Porque, en general, evitan hablar, o por lo menos, evitaron los abuelos, aquellos que eran protagonistas directos de la masacre... El silencio para no transmitir esa pena profunda, no transmitir esa memoria de desastre a las generaciones futuras. Como decir "tapamos esto y que empiece a crecer un nuevo árbol, sin que esté contaminado por un pasado oscuro, tremendo". Bueno, esto por un lado. Yo tenía 14, 15 años, ya mis padres habían decidido ir a Argentina. Estoy hablando de los años 70. En los años 70, tuve yo que pedirle a mi abuelo paterno que me cuente que pasó. Y menos mal que lo hice, porque, más allá de tener consciencia por los datos históricos, por pertenecer a una comunidad que conmemora, y tiene memoria de esta cuestión, la experiencia personal de él, me sirvió enormemente, como experiencia de supervivencia, y el sacrificio que el ser humano es capaz de hacer para tratar de salvar la vida suya y la de su familia. En este caso, formaban parte, tanto mi... mi abuelo como mi abuela, formaban parte de las llamadas "Caravanas de la Muerte". Mi abuela con mi papa de 1 mes, 2 meses, un bebe, que, para decir la verdad, tampoco era su bebe. Era el bebe de su hermana. La hermana es salvajemente matada, y ella puede salvar el bebe, y lo lleva como se fuera su propio hijo. Y así lo trataron toda la vida. La cuestión es que se van con el chiquito y... Bueno, y van estas... Impresionante de yo... Han pasado tantos años... Que me afecta, me afecta... Bueno, en estas caravanas... bueno, caminaban y caminaban en un punto a la noche paraban, ponían como unas carpas... Estos eran, dirigían los turcos y quién

eran soldados simples eran kurdos, en general. Más kurdos, pero los que dirigían, los que van a caballo, eran los oficiales turcos. Y los kurdos eran soldados que maltrataban la gente, en fin... Acampaban y a la mañana, mi abuelo tenía como función o trabajo con un palo, me decía, levantaba una parte de esa carpa miserable que ponían. Carpa es como una tienda. Para ver si dentro de la carpa había gente viva o estaban muertos. Esto pasaba de una noche a la mañana siguiente. Ese era su función. Si había un muerto tenía que sacar, no sé, tirarlo del camino. Si había tiempo, enterarlos. En fin... Él y otro, claro, tenían... Pero un grupo tenía esa misión. Mirar quién estaba vivo al día siguiente. Y él había guardado dos monedas de oro. Con una moneda de oro, se la da a un guardia kurdo, y el guardia cierra los ojos y lo deja escaparse con mi abuela y el bebe en brazos. Bueno, se escapan. Llegan en un lugar donde, con la otra moneda, compra un caballo y un carro. Pone a mi abuela arriba con el bebe en brazos, y se sube al carro, y el caballo no va, no camina. Se baja, le tira las riendas y el caballo camina. Sube, no camina. Se baja, le tira las de riendas y camina. Le habían vendido un caballo ciego. Se pasó cuatro días corriendo en el desierto tirando del caballo para que camine. Conto hoy que tuvieron suerte porque se salvaron. Y así llegaron a un punto donde después pudieron embarcarse dar toda la vuelta al Mar Negro, me dijo que había dado por tierra, aparentemente, una distancia grande. Y, finalmente, llegan y se instalan en Grecia. Bueno, y ahí, se quedan para empezar una nueva vida. Mi padre era muy chico. Tendría, cuando llegaron, año y medio, dos años, una cosa así, pues no llegaron en seguida. Y empezaron una nueva vida de cero. Bueno, y fue bien. Así se salvaron definitivamente.

Ahora, de lado de mi madre... De lado de mi madre, mi abuelo materno era el único importador de café de Brasil para todo los Balcanes, y tenía una gran fortuna. Y en 1915, este hombre, que estaba casado y tenía toda su familia en, digamos, territorios históricamente armenios, en Turquía, en Yozgat, se entera que... Bueno, pasó lo que pasó, las matanzas, y que a toda su familia, 29 personas, padre, madre, tíos, mujeres, hijos los habían... les habían cortado la cabeza, pesadamente, esa era la situación, y él se salva porque estaba en Macedonia, Serbia, qué sé yo, por sus negocios de café. De importador de café. Y se queda sólo en el mundo, con una fortuna importante, pero solo, con toda su familia liquidada, arrasada... nada, no le quedó nada, salvo dinero, que lo tenía por no estar ahí. Bueno, y él también empieza del cero. Y empieza de cero cuando conoce a mi abuela materna que tuvo que huir con su hermana de Smyrna, cuando los turcos pusieron fuego a la ciudad y mataron cuanto armenio, griego, en fin, cristianos en general, que pudieron. Básicamente armenios, sobretudo, y griegos. Y esto se pasa a 1922 y 23. Bueno. Ahí mi abuela llega, no digo a nado, pero más o menos, a Grecia, conoce a mi abuelo, se casan, y ahí nace un tío y mi madre. Así que me admira, mira, que historia, no. Pero el hombre estaba casado, tenía toda una familia, hijos, padres, tíos, abuelos... 29 personas han liquidado.

Y después formó otra familia con mi abuela, que también era una joven que había terminado el Anatolia College, que era un colegio americano en Smyrna, de una educación enorme, ella hablaba corrientemente francés, inglés etc. Totalmente occidental. Me había visto una foto que no sé donde están, de mi abuela en el colegio americano, 1908 o 9, con poseras largas jugando al básquet, o tirando con arco, o haciendo esgrima. Bueno, era una educación, para la época, muy adelantada, muy avanzada. Pero, también, por eso, se decía que Smyrna era la pequeña Paris de Medio Oriente, como después dijeron de Beirut. Pero en esa época Smyrna era una especie de joya extraña puesta ahí. Bueno, esta es la historia de la familia.

Destino Argentina

Mis abuelos maternos vivieron y murieron en Grecia. Los paternos, después de la Segunda Guerra se quedaron un par de años y les pareció que era mejor, que había más futuro, más desarrollo en Argentina, para ser breve, pero no fueron a otro lugar. Vinieron directamente a Argentina. Antes había venido un hijo de ellos, un tío mío, que vio y, bueno, dijo "está bien, hay una buena comunidad armenia, además en Argentina. Bueno, vayamos para allá". Pero, mira, digamos que no vinieron por problemas económicos, ese es una... Ni, entonces estamos en 1950, 51, tampoco había problemas de genocidio, la guerra había terminado, y ellos vinieron por esa razón. Después, nosotros, mi padre, mi madre y yo, venimos en 57 a residir. Y porque mi padre tenía miedo que hubiese una Tercera Guerra Mundial. Bueno, yo me imagino pobre, la memoria de bebe, chiquito, todos sufriendos... Y pensó en que a mí, que yo no pasara por situaciones tan traumáticas como las que él pasó. Y siendo un hombre, que creo era uno de los cinco comerciantes más importantes de Salónica, en el Norte de Grecia, dijo "voy a dejar esto", "El dejar esto" era, por el lado de mi madre, vivíamos en un hotel particulier, como eran esos franceses, un pequeño palacio, una villa. Tesalónica. Al borde del mar, había el minuto del centro. Lo sé lo raso, hecho por un pintor francés. Terraza, columnas, escaleras de mármol, corleones, en fin. Y los americanos querían comprar eso para hacer consulado en Salónica. Por eso habían dado a mi padre la visa como "inmigrante definitivo" para Estados Unidos. Pero como a mi padre no le gustaba el "american way of life", pensó, pensó, pensó que, en realidad, lo que quería él era ir a un país europeo, pero que no estuviera en Europa. Y en eso, entonces, Argentina, Buenos Aires, más específicamente, aparecía como un país muy europeo, la verdad, es que cuando llegamos a Buenos Aires era bastante europeo. Y, después, se tropicalizó. Nací en Tesalónica. No tengo hermanos.

Línguas faladas em casa

En casa, con mi madre, hablábamos francés. Porque ella, a su vez, con su madre, la de Smyrna hablaba francés, y su madre con sus padres hablaban... mis bisabuelos y demás. Una tradición que la mantuvo mi madre, y la mantuvo, hoy, yo, con mis dos hijas. Hasta hoy, no hemos hablado nunca en español. Y tienen 32 y 35 años. Así, imagínate. Solamente en francés. Y sí, porque había que mantener, porque si a un chiquito hablante de otro idioma que es más fácil el español, en Buenos Aires, ya de pronto hablan más en francés. Así que fuimos rígidos en el sentido de... si ellas me decían algo en español, cuando eran chiquitas, yo contestaba en francés. Y les decían, antes de contestar, les decían "Vos me estás diciendo, me estás preguntando tal cosa y tal cosa?", yo vos decía en francés. Bueno, así que hoy saben un poquito el francés... Terminaron el liceo, el bac, en el liceo francés. Bueno, una vive en Francia, la otra vive en el sur del país, hace juicio defendiendo a los indios, mapuches y compañía. Buenos, pero, volviendo, en casa hablábamos francés con mi madre, y cuando estaba mi padre, ya todos los días, armenio. Y el idioma que, lamentablemente, no seguimos hablando o no seguí hablando yo era el griego. Porque hablaba el griego en el colegio. En el colegio, con los amigos... en fin... La vida. Viví en Grecia, sí que hablaba griego, pero eso se perdió porque seguimos manteniendo el francés como el idioma con mi mamá, en casa, en Grecia, siempre se habló armenio, los tres. Así que es la historia. Entonces, con mamá y papá en armenio. Y yo. Los tres, armenio. Sí. Pero con la mamá, directamente, a mí, en francés. Y yo a ella, francés. Y con las hijas, francés. Sólo francés.

Bueno. Armenio, me salgo bien. Bien, bien, digamos, bueno. El español, el francés, yo hablo, estudio y trabajo en francés también. Estuve... Hice un posgrado de... al nivel muy alto en Bruselas, en la Universidad de Bruselas, que es francés, bueno, en fin.

Español, francés, armenio son los idiomas más directos, pero, a través de mi madre, que ella había estudiado en colegio italiano, en Italia, ya de chico algunas cosas en italiano hablábamos, después estudié italiano, porque tenía una base, que hasta ahora la mantengo bastante bien. Forzosamente el inglés, es necesario para trabajar. Así que, si bien, no es un idioma que hablo con fluidez, me la arreglo bien, leo bien, no tengo dificultad en ese sentido. Estudié 2 años o 3 de portugués también, pero no practico, lamentablemente. Bueno, eso... Suena suficiente.

Mira, cuando mi madre vivía, sí bueno hablábamos armenio. Cada tanto, alguna cosa, sí bien hablábamos francés, perdón. alguna cosa en armenio me decía desde la imaginación, un poco mi madre es un personaje muy especial, muy querida por todos, pero en una época tuvo un perro. Entonces, a veces, no me hablaba en francés. Me decía, me hablaba en armenio para que el perro no entienda. Suponía que el perro, español y francés, el perro entendía.

O griego, a veces me decía algo en griego para que el perro no entienda. Muy bien... No, pero, normalmente, yo, el armenio, lo hablo cuando entro en contacto con la comunidad armenia. Bueno, si no es todas las semanas, a cada dos semanas, el arzobispo, algunos personajes, en fin. O a veces, mira, lo que pasa con el idioma algo muy interesante que es que, la gente de más o menos mi edad, mis primos que tienen 50, 60 ahí. Amigos que son de origen armenio, y quién hablaba al igual que nuestros, los de mi edad, los padres hablaban armenio. Y nosotros, porque en casa se hablaba armenio. Pero después esto se fue, se fue perdiendo, nuestros hijos ya no hablan armenio. Entonces, lo que sucede cuando nos encontramos, a veces, recordamos frases de nuestros padres que son muy coloridas, muy folclóricas, y nos matamos de risa. Y entonces empezamos a recordar, y uno se recordó de una frase, otro se recuerda de otra, de una expresión, de una anécdota en armenio, y bueno... eso no es frecuente. Pasa a cada tanto, y tenemos nostalgia de ese idioma y de esas expresiones. Pero no... En mi vida personal normal, puedo decir que 2 veces por mes tengo oportunidad de hablar armenio con alguien.

A língua turca

Cuando era chiquito, cuando era muy chico, y vivíamos en Grecia, íbamos casi todos los veranos a Estambul, a Constantinopla, porque teníamos parientes ahí. Y que están, todavía, en Constantinopla, que no sufrieron tanto porque como eran muy visibles, los armenios de Constantinopla, después de esa razia del primer grupo que se hizo, en los años siguientes se los dejó tranquilos, o más o menos. No podían hablar armenio, por supuesto, no podían decir que eran armenios, pero, bueno, no los mataron. Y como estaban bien económicamente, los turcos no los dejaron salir del país, pero sí nosotros podíamos ir a visitarlos. Temo que a cada verano, normalmente, iba con mi mamá, y nos quedábamos en casa de tío de mi padre, por lo menos 1 mes. Yo tenía, bueno, de mis 4, 5 años hasta los 9. Muy chico. Claro, hasta los 9, y aprendí... Aprendí bastante frases elementares en turco. Pero, por ejemplo, veo... hace poco vi una película turca, malísima. Pero, bueno, me causó una satisfacción entender el sentido... algunas palabras, muy bien, y después el sentido general de lo que estaban diciendo. Decían alguna cosa simple. Ahora lo que te aseguro, me pasó, después de esta experiencia de ir poner a 4 veces, 5 veces a Turquía 1 mes, es que puede estar al lado mío alguien hablando árabe, que sé yo, sirio, libanés, iraquí, pero él que habla turco, yo sé digo "ese habla turco". Lo identifico perfectamente y sin error.

Ser armênio

Buena, buena pregunta, yo a veces me la pregunto también. Yo, lo primero que siento, es que lo que hago y lo que siento es por la dignidad de mis abuelos. Esa dignidad de mis abuelos tiene mucho que ver con el reconocimiento, porque hay una versión que es de los turcos que dice que fueron casi, prácticamente, traidores, y si les pasó lo que les pasó es porque eran traidores que atentaban contra Turquía. No es así. No es así. Entonces que reconozcan que cometieron un crimen del cual yo también he sufrido las consecuencias por mejor situación económica que tuvieran mi familia. Y no es suficiente. Por qué estoy en Argentina? Por qué nací en Grecia? No tendría que haber estado ahí. En todo caso, si yo quería, si mis padres querían, voluntariamente, podrían haber se ido de sus ciudades originarias, pero por un acto voluntario. Como puedes, hoy, vos decidir estar en San Francisco, entiendes? O en Ecuador? Pero porque es tu voluntad. No porque no tiene más remedios, porque tu vida y la de tu familia corre peligro. Primero, para mí, lo fundamental, es la dignidad, es la... es como recuperar una cuenta pendiente. Esa cuenta pendiente es de 1915 o, incluso, antes. Yo no puedo estar firme en este planeta, estar pisando tranquilo, teniendo una cuenta pendiente. Esto es yo quiero cerrar. Es como enterrar un muerto. El cadáver ahora está afuera. Es Antígona. Es exactamente el caso de Antígona. Pobrecita que iba tapando la tierra a su hermano con las manos. Y otro dice "te lo prohíbo". Y la chica dijo "no, no, yo lo voy a seguir haciéndolo". Bueno, en fin... Ese tema es o una herida abierta. Es esto. Y lo armenio es porque, a pesar de esas circunstancias, a lo largo de mis 68 años, a lo largo de estos 68 años, siento que tengo una visión del otro que está cargada de elementos éticos, de principios, de una especie de humanidad que tiene un color particular. Un color que, a mí me resulta, en todo caso, más cálido de lo que observo en personas que provienen, también, del mundo occidental, de una cultura occidental, pero, a lo mejor, no son tan... Cómo te puedo decir?... Tan dados, tan, como generoso con el otro, no? Tampoco, bueno, mi experiencia personal de mi familia, tampoco interesados en sacar provecho de alguien, en utilizar al otro. Al contrario, el ejemplo fue "hay que estar servicio de...", del que es más débil, del que necesita más. Ese sentido de la solidaridad que, para mí, es una base ética, un compromiso, yo digo, enorme, lo aprendí de mi familia armenia. Y esta situación tiene que ver, porque yo, toda a mi vida tuve compañeros y amigos que no eran armenios, pero nunca observé esto tipo de actitud. Era gente muy buena, por supuesto, pero nunca esto de decir "bueno, yo sacrifico mi tiempo", o si tengo 10 pesos, saco 5, y se lo doy, porque realmente necesita esta persona. Yo creo que tiene enormemente que ver con el tema del genocidio. Te causa una sensación, un sentimiento de solidaridad, de compartir, que en otras situaciones no tienes. Yo creo que no tienes.

Se sentir armênio

Yo durante años luché con ese tema. La verdad es que no fue fácil para mí. Luché pues yo no nací en Armenia, nací en Grecia. Y hasta cierto punto, digamos, el "ser armenio" fue un tema histórico para mí. Por el origen y por esta herida abierta que no la puedo cerrar. Suponga que la cierro, Turquía reconoce... Yo pienso en la situación... Voy desprenderme lo armenio? No puedo. No puedo. Así que, por más que, en la época decía, "no, porque yo provengo de una tribu armenia", por ejemplo en orígenes de la historia, "de una tribu armenia, pero nací en Grecia, y tengo formación francesa, bueno, lo armenio es lo armenio". Y ni hablemos de Argentina. Sesenta años viviendo en Argentina... o más de 60 años. No, 58 años. ¿Y que, y me desprendo de la Argentina no significa nada? No... Argentina es importantísima para mí. Pero si uno dice "bueno, en el fondo, en el fondo...", si armenio es ser algo muy profundo, que tiene una raíz muy profunda, y yo diría "me siento armenio".

Participação nas associações comunitárias

En la comunidad armenia, mis padres hicieron algo fantástico, fue no empurarme para que participe en cosas de la colectividad. Nunca me obligaron, nunca me... Pero yo veía como el ejemplo. Ellos iban a todas las entidades benéficas. Mi madre trabajó, fue presidente de la Asociación de Damas "Diguin", de los armenios. ¿Homenetmen? No, Homenetmen, no. Dentro de los armenios hay, como partido político. Homenetmen, también, a pesar de que no eran tan afines a Tashnagsutiun, al partido Tashnag. Pero también mi tío era un playboy, un bon vivant, el hermano de mi madre, era... Sí, sí, era entrenador de vóley de Homenetmen, pero en Salónica. Y el equipo de basquetbol... ¿Sí tuve alguna participación en Tashnag? No, efectivamente. Pero sí, ya un poco más acá... en Argentina, cuando yo tenía ya unos 17, 18 años alguna cosa así. Bueno, empecé a ayudar en justamente de la gente de Homenetmen, digamos, se hacía algunas quermeses la iglesia. Bueno, y yo ayudaba lo que podía. Pero eso era esporádico, en la realidad, participé de forma más activa en el Parecordzagán, la UGAB, la Unión General Armenia Beneficencia. De la que mi padre fue presidente.

Conselho de Profissionais Armênios e Informe Whitaker sobre o Genocídio Armênio

Años después, yo fui vice-presidente, y también en entidades que algunas existieron, entonces formaron acá en Argentina, hace años, el Consejo Profesionales Armenios. De todas las profesiones, médicos, ingenieros, abogados en fin. Bueno, yo fui presidente de esa entidad durante años, y después, también, se formó para impulsar la aceptación de un informe sobre el genocidio en Naciones Unidas entre el año 84 hasta el 92, todos los años, 2 veces, 3 meses a Ginebra, Suiza. 1984 y 85, hasta que en 85 se adoptó el Informe Whitaker sobre el genocidio, dónde el caso armenio aparece como genocidio. Bueno, ahí, Argentina también entró, al lado de Francia, que Francia siempre mantuvo este tema.

Argentina se sumó en el 84 gracias a que con otros 4 armenios fuimos a hablar al gobierno, a un contacto muy directo con Alfonsín. Y, bueno. Llamó el ministerio, me puso en contacto con la gente del Ministerio de Relaciones Exteriores, me presentaron al representante... No representante oficial de Argentina, pero era un experto, porque un experto no puede ser un representante de Estado. Era un funcionario del ministerio y con él, lo acompañé a él a Ginebra por todo este tema. Permanentemente, en 85 se aprobó, esa es otra historia, la voy a contar en un libro que tengo que escribir finalmente.

Además tengo toda la documentación, grabaciones, todo. Un carrón con esas cosas. Bueno, se aprobó en 85 y para esa acción se formó una entidad, una organización que era AIA, Asamblea Interinstitucional Armenia, formada por todos los partidos políticos, todas las distintas iglesias, católica, apostólica, la dos protestantes... Todas las entidades culturales y deportivas etc., salvo el Tashnag.

No, ellos, no. Entonces, esa... A través de esa entidad que sostuvieron todo el trabajo que se hizo, un trabajo enorme, hasta que, afortunadamente, en 85, en el verano europeo de 85, en agosto, se aprobó este Informe Whitaker. Yo después seguí yendo 2 veces por año hasta 92. Pero, bueno, siempre cuidando del tema armenio y, además, comprometiéndome, también, con la lucha de otros pueblos. Que buscaban su... por ejemplo, su autodeterminación. En el 88 y 89, estalló la Guerra de Kharapah, también intervine en Naciones Unidas en mismo órgano. Los órganos eran... Adonde yo iba era la Comisión de Derechos Humanos y la Subcomisión de Derechos Humanos. El tema del Informe Whitaker sobre el genocidio que fue en la Subcomisión de Derechos

Humanos, pero iba en los dos órganos... yo, bueno, también me ocupaba de cuestiones, también, de derechos de mi especialidad, tema de tortura, está bien, no era un tema armenio, pero, bueno, no me podía deshacer de esa responsabilidad de ayudar a gente que sufría, porque tenía problemas de tortura en sus países. Bueno, eso, la autodeterminación de Kharapah fue también una otra lucha grande desde el comienzo, defender desde el derecho que esta gente tenía derechos, realmente, a ser... a ser libres, a auto-determinarse. Bueno, esas cosas.

Informe Whitaker e partido Fra Tashnagsutiun

¿Por qué no estaban? Yo lo pensé durante años, también. En mi casa nunca hubo una palabra sobre "este es bueno" o "este es malo". Empecemos por ahí. Así que yo...

No, no se asociaban... Donde había que ayudar... Bueno, yo hice lo mismo. Yo participaba de varias cosas en Tashnagsutiun en Buenos Aires, sin decir "no lo hago porque usted...". Había que hacerlo, poco me importa vamos al resultado. Se hace. Yo creo que el problema en los años 80 fue que este es un partido que, desde mi punto de vista, se consideran que ellos mantuvieron viva la llama de la reivindicación por el genocidio y los territorios, pues ellos incluyen el territorio, no. Y... lo hicieron de buena y mala manera. De buena manera era modo pacífico, y mala manera tuvieron un brazo armado que empezó a matar diplomáticos turcos y atacar contra aerolíneas turcas, banco y además, en el exterior.

¿Década de 70? Exactamente. ASALA era el movimiento. Ellos se consideraban como los salvadores de la armenidad. Nunca aceptaron que existieron una Armenia Soviética. Mientras que el resto estarían de acuerdo o no, más bien no con el régimen soviético, pero siempre, o por lo menos, se vi armenios, esta gente salvó a lo que están ahí del avance turco. Armenia tuvo que aceptar formar parte de la Unión Soviética para que se salve lo que se pudo salvar, entiendes? E de golpe, de pronto, en el año 80, aparece en Argentina un grupo de personas que dicen "vamos ocuparnos de este tema de genocidio en Naciones Unidas, dónde ellos, los Tashnagsutiun, había impulsado la adopción, la realización de un informe sobre el genocidio". Lo hicieron antes de 84. Lo hicieron a fines de los 70. Allí hubo, en el mismo órgano, Subcomisión de Derechos Humanos, se había designado, la subcomisión designó uno de sus miembros, son 26. Uno de sus miembros que era un experto de origen, de nacionalidad de Ruanda, que se llamaba, o se llama, no sé, Ruai Soisiko. Este hombre hizo un informe con un párrafo, en la parte histórica del informe sobre el genocidio, no era un informe sobre el genocidio armenio. Era un informe sobre el tratado, la convención contra el genocidio. Esa fue la llave, la manera de introducir un capítulo histórico donde este experto iba decir que el caso armenio, las matanzas armenias, eran un genocidio. Y el hombre lo hizo. Puso un párrafo que decía que era un genocidio. Ahora, el problema fue que presentó un trabajo preliminar, con ese párrafo, todos los armenios contentísimos, eso lo había impulsado lo Tashnag. Estaba detrás de eso. El resto que yo sé, no participó. Que también fue un error de los otros partidos, grupos, lo que fuera, instituciones culturales. Esto... es como que esto está en manos de ellos. Ahora, que pasó en los 70. Eso fue un informe preliminar, había un párrafo dedicado a los armenios como genocidio. El informe definitivo lo tenía que presentar este Ruai Soisiko a la subcomisión que él pertenecía en el año 79, agosto de 79. El hombre no aparece. Ruai Soisiko desaparece, y a la subcomisión llega un sobre con el informe adentro. Firmado con Ruai Soisiko, y ese párrafo no existía más. Y en realidad, como la verdadera que ese informe se hacía para los armenios, la comisión lo rechazó. No lo trató. Ruai Soisiko desaparece y todos los armenios estamos de luto pues "ahora cómo hacer para que otra vez..."

Porque eso significaba, sin ese informe con él, con la mención armenia se aprobaba, significaba que un órgano de Naciones Unidas, o sea, Naciones Unidas admite que lo que pasó con los armenios era un genocidio. ¿Te imagina la importancia del tema? Bueno, los Tashnag reflotan el tema, logran que vuelva a designarse un nuevo relator especial, de los 26, que también fue inglés Whitaker, de ahí el nombre del Informe Whitaker.

Designa uno nuevo que el hombre iba a presentar un primer informe preliminar en el año 84. Pero él no estaba seguro porque no sabía que iba a encontrar en los otros 25. Ahí entra Argentina a través de esta unión de todas las organizaciones armenias. Primera reunión para que vea ahí como fue, también, los Tashnag. En la primera reunión vinieron. O sea que no quedó a nadie afuera. Y se trató este... La cuestión de que va ir con un experto argentino ahora forma parte de la subcomisión. Entonces estas tres personas y yo contactamos al gobierno. Yo estuve con conversaciones con el experto. El hombre me dice "mire, muy bien, me parece bárbaro, pero yo del genocidio armenio lo único que sé es que 24 de abril, en Francia", porque este experto se había exiliado de Argentina a Francia, "en Francia, el 24 de abril, se celebra el genocidio". Este hombre, Leandro Despouy. Leandro Despouy, además de continuar como experto de las Naciones Unidas sobre derechos humanos, desde hace ya, 12 años, es el presidente de la Auditoría General de la Nación, que es un cargo de la Constitución para la oposición. Él controla los actos del gobierno a través de informes. Bueno, se va bien o mal, tiene esa función, y sigue siendo hasta hace poco, por lo menos, experto de las Naciones Unidas. No miembro de la subcomisión, pues ya dejó de serlo. Bueno, él, lo recebo en Francia, me lo presentan como se "mire, este es el hombre que a ustedes hace falta, porque este hombre va a la subcomisión. Es uno de los 26". Así que... Y él me dice "mire, yo de esto" en una palabra "sé muy poco. Usted tiene que venir conmigo".

Leandro Despouy. Bueno, si entras ahí vas a ver que el hombre tiene un currículo infernal. Él es radical, del radicalismo en Argentina. Por eso, como el radicalismo la primera oposición... No, no. Eso fue en la época de los militares. Con la democracia, primero fue un presidente radical, Alfonsín, por eso vuelve de Francia. Y espera que el ministerio le dé un cargo. A su vez, para simultáneamente, lo designan miembro de la sub-comisión de derechos humanos de Naciones Unidas.

Lo contacto él me dice "mire, usted tiene que venir conmigo, pues yo no sé mucho del tema". Y yo lo planteo a los armenios, en una reunión de todas las entidades armenias, y me dicen "tienes que ir con él". Bueno, no lo pensaba, realmente, no lo pensaba. Bueno, muy bien, y estaba el Tashnag también. Y vamos con Leandro a Ginebra, con la idea de pedirle a Whitaker que haga una primera presentación. En Ginebra, yo contacto a otros, había otros expertos. Una griega, profesora griega, imagínate que conmigo, era como mi mamá. Un experto egipcio, en fin, varios. Contactamos canadiense, belga... Todos muy, muy bien. Todos muy favorable. Y el inglés era muy reservado, muy reservado.

El contacto de Whitaker era el Tashnagsutun. Y como ellos también tienen la política general de los armenios dicen "Tarnir" (palavra armênia para designar segredo). O sea todo es secreto. ¿Pero porque es secreto? ¿Tener derecho, tener razón o no tener razón? ¿Porque no hacer las cosas con claridad? Bueno, no importa. La cuestión es que este hombre tenía miedo de hablar con cualquiera. Vas a saber lo que lo habían dicho los Tashnag. Y intento hablar con él. "Hey, hombre...", me escuchas mientras estás saliendo para tomar un ascensor dentro del edificio. En eso entonces, en 84, todavía, un edificio antiguo, de Naciones Unidas, de la Sociedad de Naciones que estaba en Ginebra, que Naciones Unidas lo utilizaba como sede europea. "Hey,

hombre...", y yo explico "no, mire, fíjese que también van a apoyarlo, la griega, el egipcio, este otro...". Pero no me contestaba. Las puertas se empiezan a cerrarse. Pongo el pie, paro las puertas y le digo "mire, la Argentina también está. El Leandro Despouy, que es su nuevo colega, o si usted habla él va hablar y lo va a apoyar específicamente". Entonces, se miró a mí y "ah, oh yes?", "sí" le digo, "está bien" me dice. Y a la mañana siguiente donde se sienta, y hace una primera presentación de su informe, remarcando el caso armenio como que se dio. Todos los que estaban, no digo unanimidad, pero la mayoría de los 26, todos reaccionaron diciendo "bravo", "muy bien", "sí, es muy importante la memoria", "tiene que haber una parte histórica", lo armenio, evidentemente, fue, tal vez el primer caso, o uno de los primeros casos de genocidio. Al día siguiente está en todos los diarios... Y en Argentina también. Y el embajador turco que va a golpear la puerta del ministerio, y el ministro que se llamaba Dante Caputo, el ministro de Alfonsín de las relaciones exteriores, dice "quién es este loco que está hablando de genocidio en Ginebra?", porque a él no le dijeron, como la orden venía del presidente... Ni le dijeron al ministro, y además no pensaban que tendrían una reacción tanto...

Entonces hubo una desinformación diplomática, entre gobierno y diplomacia, pero eso se solucionó en seguida. No fue ahí. Esto te lo cuento por los Tashnag. Entonces como fue un gran triunfo porque quedó el antecedente que después, más o menos, nos salvó al año siguiente, si no íbamos estar hundidos directamente... Quedó este antecedente y comprometió a un buen grupo de expertos, de los 26, a favor de lo tema armenio. Y los Tashnag, en realidad, estaban de acuerdo con Whitaker, para que Whitaker no hable, no abra la boca. Y nosotros nos decíamos "¿pero porqué si ya tiene el informe preliminar, está mencionando los armenios, porque no exponerlo?". Y tuvimos éxito. Yo, todavía, volando, volviendo a Buenos Aires, y en el diario Tashnag, ponen en la primera pagina, que yo soy un irresponsable e improvisado. Yo soy un profesor de derecho internacional, perdón, no. Bueno, e hicimos un trabajo magnífico. Porque? Porque no era lo que ellos habían pensado. No era el procedimiento...

Y fijate vos, que yo en Ginebra, contacté al, digamos, a la persona de los Tashnag que se ocupaba de este tema. Varoujan Attarian, era un bioquímico, que me dijo "por favor, no me menciones a mí". El hombre estaba escondido detrás de unos arbustos cuando... ahí en el... lamentablemente, mira que el pobre hombre trató de defender su memoria. En el... en Naciones Unidas, en el parque. Así me encontró. Yo me quedé buscándolo, y me salió detrás de unos arbustos y dijo "yo soy Attarian, profesor Roberto", y "bueno, a mi no me menciones, porque acá estoy... como soy extranjero, estoy en Suiza no quiero tener nada que ver", "y cuando yo vi el informe" dice, "no sé lo que pasó". Sabiendo cómo es esta gente, si yo decía que fui sólo iba me decir "ah! Mira este Malkassian, y nosotros trabajando en esto y más...". Me reuní, este Attarian me llevó a tener una reunión con dos jefes de Tashnag que en ese momento estaba en Suiza. Tuvimos un almuerzo bien, les expliqué lo que estábamos haciendo. Les dice que nosotros no mezclábamos el tema territorio con el tema de derechos humanos porque íbamos a un lugar, una organización que era sólo de derechos humanos. No era un lugar para reclamar reivindicación territorial.

Que la medida que siguiéramos reclamando el territorio, mezclando el territorio con genocidio, no nos iban a votar. Porque ya era un problema de soberanía territorial. ¿Imagínate que esta gente vote que Turquía devuelva el territorio armenio? Jamás lo iban a hacer. Son áreas distintas. Vos quieres derechos humanos, la puerta está ahí. Anda por esa puerta. Si en vez de tomar esta puerta, vos vas contra esta pared, vas estar años golpeando y no te van a votar, no te lo van a aceptar. Entonces nosotros circunscribimos el tema "derechos humanos". Genocidio, quién te va a decir que no? A

pesar de que tuvimos tremendas disputas políticas. Y esta gente, y cuando yo hago el informe digo que había, no lo mencioné porque el hombre me pidió que no lo mencionara, que había un armenio además de mí, había también un otro armenio para dejar un rastro, y estos, que querían estar en contra, tomaron como pretexto como que yo, que no es un informe mío, en definitivo, era AIA, de esta organización, dice que esa cosa le hice sólo. Que infantil! Aunque lo hubiera hecho sólo, bravo! Se logró un objetivo, pero dije también lo de Attarian, sin mencionar el nombre, porque el hombre le pidió que dijera que no, que no había ningún problema. Igual dije un armenio. Bueno, esa... ese fue el pretexto de la ruptura de ellos, supuestamente, por esa razón no siguieron formando parte de la Asamblea Interinstitucional Armenia, y mandaron delegaciones en Ginebra, independientemente de la que iba desde Argentina, y nos encontrábamos con los franceses, los americanos y demás, en una acción en común. Ellos tomaban otro camino. Y cuando los expertos, al año siguiente, nos reunieron a todos, a todos armenios que estaban ahí en Ginebra, diciendo "mañana es el punto crucial. La fecha determinante. Se va a tratar del informe. Por favor, no digan nada de territorio y demás. Sólo el genocidio y nuestro abuelos y demás", "sí, sí, sí". A la mañana siguiente, todos Tashnags con carteles "Turcos asesinos devuelvan los territorios". Entonces eso no se decían, incluso con Tashnags que razonaban. ¿Pero esta gente, qué quiere? Que no aprueben esto? Que no reconozcan que fue un genocidio? Y hay una teoría, también, que esta gente no lo hacen, porque ellos viven del conflicto. Como es una entidad...organizada, entendiste? Como es organizada y tiene empleados, y todos estos viven de la extorsión patriótica a los que tienen dinero diciéndolos "pongan plata, porque si no ustedes no son armenios, no son esto, no son otro..." y no sé si no hay amenaza de por medio... Bueno, han hecho un patrimonio, pensemos bien, partidario, no personal, instalado en el Líbano, pero a partir de eso, en Buenos Aires tienen 11 o 12 representantes que reciben... al menos hasta poco recibían su sobre de Líbano. Al mejor cambio, porque a esos los colocaron dentro del gobierno actual. En fin... esto es otra historia, esa... Pero te quiero decir que ese fue el centro del problema. Hicieron lo imposible para que ese informe no fuera aprobado. Todo porque no eran sólo ellos. Qué, qué, qué egoísmo? Qué miseria humana? Por eso digo, yo la verdad no tengo nada ideológico contra ellos, pero esa forma de actuar es fatal. Yo formé un grupo de cuatro personas para trabajar. Teníamos que hablar con no menos de 70 embajadores. Con libros, textos, notas resumidas para explicarles en 85, todo este trabajo... trabajo infernal, por eso formé un grupo. Del grupo que éramos cuatro, dos era Tashnag. Y tengo las grabaciones que nosotros a cada noche nos reuníamos, y ellos decían "pero esta gente no quieren que se apruebe el informe. Hacen exactamente al revés de lo que tienen que hacer". Bueno, en fin... Por eso te explico un poco la cosa interna que es fatal, de punto de vista, digamos, llevar adelante algo. No basta que, eso por si ya es un trabajo enorme, tener que arrastrar el peso de un grupo que está en contra. Cualquier cosa que no pase por sus manos está en contra. ¿No sé, no sé qué piensan?

Pauta comum para reconhecimento do Genocídio Armênio

Mira, Armenia no ha dado pautas. O sea, no hay un manual, un instructivo de que hay que hacer así, así. Y yo creo que han hecho bien, porque es un país nuevo, tiene que acostumbrarse a las instituciones democráticas y, así como nosotros respetamos el gobierno armenia, ellos tienen que respetar las estructuras ya bastante, de hace muchos años, en la diáspora. Y más, en los comienzos, había más expertos en derechos y demás afuera de Armenia que dentro de Armenia. Por lo menos el derecho occidental, quiero decir, y el derecho internacional. No hay instrucciones en este sentido. Lo que

Armenia, a través de sus actos y declaraciones, ha dejado bien claro, como dije hoy, desde que existe Armenia independiente en 91, todos los gobiernos han dicho que no tienen reivindicación territorial de soberanía contra nadie. Mira, esto ya, ya marca... De Armenia... Ellos dicen que no quieren. Mira, ahora, eso ya marca una gran diferencia. Si los Tashnags siguen diciendo reivindicación, quién lo va... quién va votar una moción de ellos? Quién lo va a acompañar? Claro. Muy difícil. Entonces, nosotros, la reivindicación del genocidio y las consecuencias, las hacemos de un punto de vista absolutamente de derechos humanos. No, no mezclamos temas de soberanía, además puesto que Armenia misma dice "este tema yo no hago reclamos". Tampoco dicen que no lo van a hacer en el futuro. No lo sé. No lo sé. Pero ahora, no. Y desde el punto de vista del derecho internacional, es así. Más allá de lo que el gobierno de Armenia diga, no. Es así. Bueno, de modo que no ha ahí instrucciones de Armenia, nosotros hacemos, seguimos adelante a través de medios pacíficos de solución que es de derecho.

Políticas de reparação e Direitos Humanos

Yo, mira, esto de políticas de reparaciones está en el trabajo que presenté hoy (Seminário Internacional "100 anos do genocídio armênio: negacionismo, silêncio e direitos humanos -1915-2015 – Universidade de São Paulo). Los juicios. Bueno. Una vez que llegó a un punto donde tienes todas las pruebas, y el otro niega, qué vas a hacer? Una guerra? Como a veces los Tashnag parecen, parecen pensar que van a ir a la guerra contra Turquía, van a vencer el ejército turco, los van a poner de rodillas para que pidan perdón y qué sé yo... Eso no va pasar. Una vez que la situación está clara. Tenemos el reconocimiento de un montón de países, Naciones Unidas, la Unión Europea, si no vas a la guerra, qué te queda? El derecho. Ir a reclamar por el derecho. Y el derecho, si vos o yo no nos ponemos de acuerdo sobre de quien es este teléfono, en definitiva, el derecho que lo va a decir, un juez. Esa es la manera donde dos personas civilizadas resuelven un conflicto que entre ellas no pueden resolver. Van a un tercero, ese tercero es un juez. Y los armenios, lo que, lo que estamos tratando de hacer, y yo desde hace muchos años siempre estuve en esta posición, es con el derecho en la mano. No lo aceptan muy bien. Ahora tenemos ya bastante infraestructura, muchísima documentación, de sobra, como para que este tema vaya a parar en algún tribunal. Lo más directo qué es? Los tribunales turcos. Los tribunales turcos van a decir "no, no". Buen, pero por alguna razón "no", pero muy bien. Vamos a la Corte Europea de Derechos Humanos. Eso en cuanto las personas y en cuanto la responsabilidad del Estado, porque los responsables seres humanos ya murieron. Pero el Estado es responsable. Hoy, la señora, esta, la socióloga Marijane Lisboa, estaba hablando justamente de "no se puede cometer un genocidio sin el aparato estatal, sin una planificación y ejecución a través del Estado". Esto ya se sabía en 1948. Por eso es que el artículo 9 de la convención contra el genocidio, dice muy claramente que las discusiones, los reclamos por responsabilidad internacional del Estado que cometió un genocidio serán tratadas ante la Corte Internacional de Justicia. Bueno, eso es lo que yo digo que Armenia haga. Los casos individuales, si es que tienen título, un papel largo, primer tribunales turcos, después otro lado, después a otros tribunales. Pero primero entre los turcos... Y en cuanto... Que tiene que ser el Estado. E individuales, en la Corte Internacional de Justicia, y las individuales, la podemos hacer en tribunales normales. En principio, turcos, pero, también, no expliqué que hay alternativa que puede no ser en tribunales turcos.

Reparação individual

Y, mira, si el tema es... Vos estás acá, supone que eso es Armenia, y tienes algún título de algún... de alguna casa que tenía tu bisabuelo en Armenia, a ver. Entonces, yo expliqué que es para... vos te puedes presentar a un juez brasileño. Decir que "soy brasileña" y que la demanda que vos presentas contra Turquía, por la indemnización de esto, el fundamento es que un genocidio, como el genocidio es un crimen contra la humanidad, el juez brasileño, máximo porque vos sois brasileña, va... te tendría que aceptar la competencia y decir "bien, yo lo que voy a hacer es aceptar tu reclamo, y...", se llama en derecho dar 'traslado', "le voy pasar a estos papeles a la Embajada de Turquía, para el gobierno turco para que lo respondan". De todo, es un caso, es un pleito, no? Es muy probable que Turquía diga "no, yo no acepto la competencia del juez brasileño". Ahora el juez brasileño se puede plantar y decir "bueno, el juicio va a seguir sin ustedes", porque como este es un crimen contra la humanidad, no prescribió, y cualquier juez, de cualquier parte del planeta puede declarar que es competente por la tremenda gravedad de este crimen, comprendes? Esto es lo que se llama, en algunos casos, jurisdicción universal. Vos, por ejemplo, podía ser italiana, vives acá, y vas al juez brasileño por un problema con Turquía, eso es jurisdicción universal. Eso es un poco más difícil, pero no es imposible. En cambio, es mucho más fácil, vos brasileña a un juez de Brasil por un reclamo a Turquía. Por cuestión de nacionalidad, porque el código penal, en general, de todos los países, acepta que el jueces del país sean competentes por delitos cometidos contra sus ciudadanos. Entiendes?

Y no necesariamente hay necesidad de Brasil formalmente reconocer el genocidio para facilitar el tramite? Para nada. Es un tema con el juez de acá. Si lo reconoció, más fácil. Si no lo reconoció, vos, al juez, le tienes que demostrar que hubo el genocidio, porque si no, si no, no se va a declarar competente. Va a decir "este es un problema de indemnización común. Mira, vas a tener que ir a un tribunal turco" y tendría razón.

Es más difícil sin reconocimiento del país donde se plantea. Y como es genocidio, por eso hay que empezar por ahí, "usted, señor juez es competente porque acá se ha cometido un genocidio. La consecuencia, es que mi bisabuelo perdió a su casa. Acá tengo una prueba", no? Pero fue un genocidio, y fue un genocidio por tal... Darle las razones, justificativas que hubo un genocidio. Entonces él va a decir "sí, en este caso, yo soy competente, y le doy traslado al gobierno de Turquía". El gobierno de Turquía va a decir "usted no es nadie para atender este asunto" o "la señora está loca, yo acá voy a entrar en este juicio". Bueno, muy bien. Te puedes decir "muy bien, yo lo voy a continuar, usted no quiere, yo la continuo... con usted en ausencia". "Yo continuo el juicio". Quiere apelar, apela a la Cámara, y la Cámara vamos ver lo que dicen. O a la Corte Suprema. Bueno, se supone que va a mantener ese criterio. Ahora, también... Supone se el juicio sigue, y el juez brasileño condena Turquía a indemnizarte por esa casa. E hasta fija X mil de dólares, por ejemplo. Cómo hacer para ejecutar esta sentencia, para hacerla realidad, digamos? Bueno, tiene que ir a Turquía. Los turcos dicen, ahora, que si quieres, tienes el papel que era tuya, "bueno, venís, toma la nacionalidad turca, y quédate a vivir en esa casa". Lo ves... Eso es lo que expliqué hoy (no seminário USP). Y esto está en el trabajo que yo presenté. Voy a mandar copia para su publicación acá. Bueno estas son las alternativas...

Indenização global

En cuanto a la indemnización global, es el Estado de Armenia que tiene que negociar con Turquía para eso. Lógicamente para lo global, el Estado de Armenia representa a los armenios de Armenia. Y los que estamos afuera, estamos tratando... Hemos creado esta organización que llama Consejo Nacional de Armenios de Occidente para representar a todos los descendientes de las víctimas del genocidio y sus reclamos a

Turquía. Mira, los judíos hicieron algo así. Existe el Congreso Judío Mundial que Israel los autorizó a negociar con Alemania las indemnizaciones, porque en Israel habían 4 judíos y afuera de Israel habían 400 mil judíos.

Esta organización Consejo Nacional de Armenios de Occidente mezcla individuos, pero que tienen que ser juristas, con algunos organismos armenios. Mira, en la actualidad, hay como 200 y pico, 300 asociados. Sí, son personas que representan cualitativamente a grandes grupos de armênios. Tashnags? Hay algunos que están, pero oficialmente no están.

Tashnag

Y además, saben ya, la verdad, que lo que pasó con el Tashnag, te digo, en último dato, es que era tan evidente que estaba malo lo que estaban haciendo que se pelearon entre ellos. Y desde hace, fácil, 10, 12 años, se dividieron en 2 grupos. Un grupo, el más progresista, más con sentido común, trabaja harmónicamente con todo lo resto de los armenios. Y el otro, sigue siendo una isla. Pero los que hablan por el Tashnag son lo que son una isla. Entiendes?

Esto se pasa en Buenos Aires y en nivel mundial, pasó esto.

Sobre sus histórico? Sí, sí. Son profesionales. Hace 100 años que esta gente trabaja... este, los Tashangs, es el único partido que quedó bien organizado. No importa si era equivocado o no, pero es una estructura que permaneció.

Los armenios con todos los problemas segregaron. Después volvieron a empezar a crear algunas estructuras. Los Tashnags siempre mantuvieron esa, ese esquema vertical de partido. Bien o mal, pero lo mantuvieron. De ahí la presencia importantísima de ellos en la diáspora. Pero llega un punto donde decís "abuelo, porque no descansas y deja que sigamos nosotros? Porque el mundo cambió, los procedimientos cambiaron, las ideas cambiaron... Gracias por lo que hiciste en el pasado, pero ya no va esto". Bueno, este es...

Las formas de funcionamiento que ahora están en juego. Exactamente. Eso es lo que el Tashnag no aceptó, y llevó a una ruptura entre los jóvenes, la gente nueva de Tashnagsutium, no quieren ser Tashnag como ellos, pero lo que dicen es que "así no va". Esto realmente perjudica a todos armenios. No es primero el partido y después los armenios. Es primero los armenios y después el partido. Es al revés, la cosa. Bueno, esto es lo que hizo que se dividieron.

Sí ello fue importante la existencia en pasado para mantenerse, por lo menos el grupo, una identificación? Sí... Claro. Mira, vos. Los armenios se identifican más no por lo que son, sino por lo que no son. O sea, los armenios son, son los "no-tashnag" y los Tashnag. Los "no-tashnag", cada uno tiene un nombre distinto, color, partido A, B o C, pero se unen porque son "no-tashnag". Esa es la realidad.

Identidad dos armênios e de seus descendentes

¿Sí está más ligada fuertemente al cristianismo, a la historia antigua o al genocidio? Yo creo que es el genocidio, de lejos, porque es la razón por la cual no están adonde tenían que estar.

População e governo turco

Populación. Yo no los culpo a ellos, te digo. En todo caso, ellos si tienen alguna responsabilidad no le puedo exigir tanto. Qué significa "exigir tanto"? Exigir que ellos se hayan informado, que ellos hayan tenido la preocupación por conocer su historia. Yo creo que también son víctimas de un Estado, de una versión oficial de un Estado, pero, también, eso se debe a cierta característica de los turcos. Sociedad cerrada... que

considera aquel que no es turco, lo están mirando mal, lo están mirando como inferior, y lo están mirando no es los iraquís, lo están mirando Europa, como alguien, todavía, bastante primitivo. Y que tienen esa... Cómo te puedo decir? Esa especie de orgullo herido permanentemente, no? De considerarse como inferiores. De ahí que pasan de amor a odio con la Unión Europea. Están desesperados por entrar, pero cada vez que la Unión Europea les ponen un freno, dicen "a nosotros no nos interesa formar parte", como un chico que quieres, quiere tener la pelota para jugar fútbol. Decís "bueno, no, mira... Bueno no me interesa jugar al fútbol". Entiendes? Tienen esas reacciones muy de sangre sin pensar. Basta lo que contestó Erdogan a, cuando el Papa hizo el reconocimiento. Terrible. Hizo peor efecto lo que dijo Erdogan, que el efecto del Papa reconocer el genocidio. La gente se asombró "pero cómo este hombre insulta de esta manera?", o sea "quién son los turcos?", "si el presidente es así lo que dirán los otros?". Bueno, por eso es que es un problema. Entonces la población, yo creo que la población turca, los pocos que empezaron a revisar la situación, empezaron a mirar hacia adentro, que generalmente es el ámbito académico. Historiadores, juristas...

Periodistas pasaron de bando inmediatamente. Y gente que arriesgo de su propia libertad, por el famoso artículo 301 del Código Penal Turco sostiene sin problema que fue un genocidio y que Turquía lo debía reconocer. Bueno, así que yo, con la población, lo mejor le deseo que, no sólo conozcan bien su historia, sino también que sean un poco, tengan un poco más de sentido común en general, que no sean tan fanáticos, que no se radicalicen tanto la población. Lamentablemente, estos últimos gobiernos, los llevan a la radicalización a través del fanatismo religioso. Lamentablemente. Y eso que eran un estado laico. Se suponen que sigan siendo...

Eran, sí. Atatürk fue terrible para los armenios, pero yo no dejo de reconocer que para ellos, él había cambiado el alfabeto, y había establecido un estado laico, ha sido un gran progreso para Turquía y su población. Genocidio aparte. Bueno, pero los turcos tienen que reconocer un poquito más al tono de la civilización occidental a la que pretenden pertenecer, integrar, sin que por eso dejen ni su religión, ni algunas costumbres elementares, porque son un pueblo diferente. Bueno. Eso.

Lo que pasa a la población es porque el gobierno mantiene esa política.

Os armenios da Armênia

Sí, yo a veces lo veo como se fueran... como se pertenecieran a la pre-historia. Como un pueblo que quedó petrificado en una cueva. Ahora ese pueblo petrificado en una cueva, resulta que durante los últimos 100 años se aguantó la miseria, se aguantó un sistema político tremendo, por la falta de libertades, se aguantó terremotos, privaciones y no dejó su religión, no dejó su idioma y no dejó sus costumbres. Lo digo que pueden sacar de sus sombreros y decirle "gracias".

Viagens à Armênia

Sí. Durante muchos años no fui. Toda la época en Ginebra e demás, no fui. Pero, ahora, hace 5, 6 años que voy todos los años. Quando voy me quedo unos 10 días a la vez, porque me voy a un congresos. De temas jurídicos... Pero voy, todos los años voy.

O descendientes da América del Sur

Es común, es común. La diferencia está en nivel de organización, nada más. Porque a cada año decís gente... descendiente de armenio que se preocupe por lo armenio, hay. Hay en Sao Paulo, hay en Córdoba, o Montevideo, Buenos Aires. Ahora, yo entiendo que en Buenos Aires, están mejor organizados, porque, por ejemplo, en estos temas jurídicos, no? No es posible que solamente Malkassian y alguno otro vayan. También

tiene que ir gente de acá, fue Regina Kherlakian. Fue a una reunión jurídica en Armenia en 2013. Bueno, está muy bien. Bravo! Pero también tiene que ir otra gente. No basta con uno o dos. Tiene que haber una participación más directa para que después vengan formen gente, como estamos... Juan Pablo Artinian. Es un chico joven. Formen gente para que continúen con estos temas. Y si Turquía reconoce el genocidio, no importa, continua igual, no una lucha contra Turquía, una lucha de la afirmación de cosa que se perdieron. De a rescatar costumbres, idiomas, monumentos, cementerios, joyas de la arquitectura mundial que son patrimonios de la humanidad, no de los armenios, solamente. Bueno, esa cosa. Es una cultura, una civilización muy antigua, y quien es.... han estudiado la cultura no pueden no apreciar el aporte que ha hecho Armenia a la humanidad. Y uno no lo siente desde el punto de vista de orgullo chauvinista. No. formamos parte de una humanidad en la cual cada uno hace lo que puede. Y Armenia hizo lo suyo durante muchos siglos, y lo hizo en un lugar tremendamente difícil, rodeado por la enemistad y el odio de otros y, sin embargo, mantuvo este, mantuvo esa bandera hasta que la destruyeron. Y nosotros somos lo que quedó de esta destrucción. Y tratando de reconstruirnos y ayudar a que Armenia se reconstruya.

A Siria

Cómo es mi sentimiento, hoy, respecto a las poblaciones armenias que se quedaban en Siria y todavía se quedan, y son refugiados en el mundo, hoy? La verdad es que el sacrificio de esta gente es tan grande que el único motivo por lo cual creo que sean quedado es porque entienden que se quedaron fuera del mundo, y que es muy tarde para volver al mundo, o sea, se ir al occidente. Y que, mal o bien, su vida, sus costumbres, su forma... es ahí. Es ahí. No quieren salir. No quieren. Creen que es peor, que empezaron una vida demasiado diferente y nueva, y que siempre guardan la esperanza de que no va a ser tan terrible quedarse ahí.

“Turco” ofende?

No, no. Ofendía a la generación de mis padres. Después lo tomamos como un tema folclórico de gente que, en el fondo, no sabe lo que pasó. Sí, primero que no saben lo que pasó, y en segundo lugar, todos los inmigrantes de esa zona que nacionalidad tenían? Turcos. Entonces, al entrar a Brasil, Argentina, Francia, Estados Unidos, qué papel tenían? Turco. Nacionalidad? Turco. Y la gente que no sabe "oh... turco". Por eso que yo tomo como una ofensa además que, en el fondo, nosotros con la nación turca, el pueblo turco... Bueno, no es... El problema no pasa por ahí. Entonces que te digan "turco" a menos que conozcan la historia, y lo digan a propósito. Si lo dicen a propósito es una ofensa.

Es porque como se a un judío le dice "nazi". Pero vos sabes lo que pasó con los judíos. Entonces si no sabes, y en vez de decirle "nazi", decís "alemán", por ejemplo, bueno, cuál es el problema? No hay problema. Bueno, yo, a mí, que digan... Es que no es normal que digan "turco" por empezar. Porque vivís en un mundo que cada cual sabe que nacionalidad tiene. Ya no es el problema de los año 20, de los años 10, después de la Primera Guerra Mundial...

Y... Ahora... Claro. Puede ser. Puede ser. Entonces se te dices "turco", ese tipo es ignorante. Bueno, está bien. Tiene que aclarar "mira... turco, pero yo sé que yo no soy turco. Soy argentino de origen armenio", "no, pero 'ian', qué sé yo?", "bueno, está bien". Per decir cariñosamente "turco", no está perfecto, pero mira que... "no, yo te explico, para mí, que me digas 'turco' es un problema porque acá hay una historia que vos no conoces y que yo, entonces, para aclarar te explico", y punto. Y si después ese

tipo insiste ya le digo "mira, me ofende". Porque ya sabes que hubo un genocidio por los turcos. "Entonces, no me digas eso".

Onde é a (sua) Armênia?

Yo creo, la verdad, no tiene una frase hecha, pero Armenia está adentro mío. Es... tiene que ver con lo que expliqué al comienzo. Con una manera de ver el mundo. Con una manera de ver a la otra persona, al próximo. Una manera de solidarizarse con problemas de otros pueblos. Si uno dice "le hago lo que puedo, porque el sufrimiento, conozco lo que es el sufrimiento, a través de mis abuelos o bisabuelos". Entonces no puedo quedar indiferente frente al sufrimiento de otros pueblos. Así que Armenia está a dentro a mí... Me emociona la música... Tremendamente, tremendamente. Komitás que tocó esta chica en el piano, hay que ser de piedra para no emocionarse. Sí, sobretodo la música. La música y, en partes, la arquitectura tan increíble de la Edad Media. La gente que pudo hacer eso... Que, que capacidad! Que cabeza que tenían... Independientemente de la cuestión de fe, la religión y demás. Eso cobre por cada cuadro. Así que creo que en mí... Armenia es ese sentimiento tan fuerte de solidaridad, de participación, de unión con el otro. Y... un aspecto específico de Armenia es su música, su música clásica, la música de Komitás que me conmueve profundamente.

ANEXO II

Entrevistas com integrantes da comunidade armênia de São Paulo:

1. Beatriz Vahan Kilikian
2. Denis Tchobnian
3. James Onnig Tamdjian
4. Lucia Helena Barsumian
5. Nairi Chahinian Apovian
6. Sarkis Ampar Sarkissian

1. Beatriz Vahan Kilikian

Junho/ 2015

Um livro de presente de Natal

Meu nome é Beatriz Vahan Kilikian. Nasci em São Paulo em 1954, filha de pai e mãe armênios, imigrados para o Brasil.

Escrevendo um livro sobre a história familiar

Nos últimos anos passei a sentir uma necessidade urgente em registrar a história de minha família, o que me levou a escrever um pequeno livro. Essa idéia brotou do receio que me assaltou, "e se eu morrer de repente? O que os meus filhos vão saber da nossa história?". Como eu convivi com pai, mãe e parentes armênios, imigrantes, muitos dos quais sobreviventes do genocídio, eu cresci ouvindo menções aos fatos da época do genocídio e os motivos da imigração, mas meus filhos não. O meu receio era que o pouco da memória que restou, a minha e das minhas irmãs, se apagasse.

Quero revisar meu livro, pois, na medida em que eu converso com algumas pessoas que não via há algum tempo, eu vou me lembrando de relações e até de parentescos que eu omiti. Não propositalmente. Quando eu terminei de escrever era o mês de dezembro e queria presentear meus filhos, Pedro e Marina, e minha sobrinha, Regina, no natal daquele ano, 2013. No início do mês daquele dezembro, eu tinha escrito pouquíssimo, então, passei as duas ou três semanas que restavam para o Natal, trabalhando ferozmente, parei com qualquer outra coisa que estivesse fazendo, não preparei Natal, não comprei presentes. Achei que não tinha a menor importância eu deixar de fazer isso uma vez. Eu sabia que fazendo daquela forma, rapidamente, eu iria ficar com vontade de rever o conteúdo, mas seria melhor terminar uma versão ainda que incompleta, do que não tê-la. E quando eu terminei, imprimir e entreguei para eles na noite do Natal, eu tive uma sensação de missão cumprida. Agora vou revisá-lo, incluir pessoas que não incluí.

Entreguei o livro a alguns poucos amigos, os mais próximos, que não são de origem armênia, para conhecerem um pouco de nossa história recente. Custei mais a mostrá-lo aos armênios, pois, me causa constrangimento mostrar a eles memórias tão pessoais. Algumas pessoas não deram retorno, inclusive meus filhos e minha sobrinha. Eu estou esperando.

Aceitação familiar aos maridos não armênios

Para mim foi uma grande surpresa. Eu cresci ouvindo minhas tias falando sobre casamento de uma forma como se a única alternativa aceitável fosse a união entre armênios. Inclusive minhas tias eram casamenteiras, eu cito isso no livro. A "militância" casamenteira de minhas tias estava perdida em minhas memórias e, de repente, me veio à lembrança. Elas tinham certa habilidade para porem as pessoas em contato com o intuito de arranjar casamento entre elas, ao menos era o que me parecia.

Na medida em que eu comecei a ter amigos brasileiros e até mesmo, namorados brasileiros, eu passei a encarar com naturalidade minha brasilidade para além da armenidade tão intensa na qual cresci. Quando apresentei ao meu pai meu namorado, que queria se casar comigo, foi para mim um momento de apreensão e surpresa, pois, a reação do meu pai foi de carinho com ele.

A instrução formal entre gerações

Há coisas que hoje eu faria de outra forma.

A partir dos meus 19 anos, quando fui pra faculdade, passei a ter convívio maior com brasileiros. Digo “maior”, pois, eu fui criada dentro da comunidade armênia: missa, festas da comunidade. Quando meus filhos nasceram eu estava distante da comunidade armênia. Quando eles chegaram à idade escolar, eu fui à escolinha da UGAB que, por acaso, era período integral, o que seria ótimo para eu trabalhar tranquila. Porém, ouvi opiniões sobre a escola não era ser boa o que me deixou receosa a ponto de eu desistir da ideia e hoje vejo que foi um erro. Seriam apenas alguns anos e uma semente teria sido plantada no sentido de aprenderem um pouco de armênio, embora eu tenha culpa porque poderia ter conversado em armênio com eles, de terem amigos dentro da comunidade, laços com a UGAB.

A minha mãe veio pro Brasil já mocinha, com 23 anos, de Beirute para São Paulo, embora tenha sido criada em Aleppo, uma cidade com uma comunidade armênia secular, com escolas, igrejas e um núcleo cultural muito forte, mas, agora com a guerra civil isso desapareceu. Minha mãe, embora nascida na Síria e nunca pisado em território armênio, nem República da Armênia e nem Armênia Ocidental, era muito armênia. É por essa razão que digo que hoje faria diferente quanto a educação dos meus filhos.

Minha mãe tem uma história de vida que foi pesada para ela: ter ficado órfã muito de pai aos 8 anos de idade e de mãe aos 13 ou 14. Ela passou então a viver dificuldades financeiras que fizeram que ela nos dissesse a mim e minhas irmãs, que nós tínhamos que ter profissão e independência. Ela nunca fez questão que nós aprendêssemos a cozinhar ou cuidar da casa. O meu pai veio também de uma história muito sofrida, marcada pelo genocídio. Embora participante na comunidade armênia da época, ele também não fez questão que nós estudássemos na escola armênia, então minha mãe nos matriculou na escola de freiras da rua onde morávamos, o que viabilizava nosso cotidiano uma vez que eles não tinham carro. Os nomes que nós três recebemos, Suzana, Beatriz e Margarete, são nomes universais, para que não nos causassem dificuldades caso decidíssemos viver em outro país. Os nomes armênios, às vezes, são estranhos e podem criar dificuldades. Como imigrantes adultos, meus pais pensavam que poderíamos procurar outro país para viver.

Línguas faladas em reuniões familiares, no convívio do dia a dia

Minha mãe e meu pai só falavam em armênio comigo e com minhas irmãs. Já minhas tias falavam em turco, porque elas foram criadas na Armênia Ocidental que está dentro da Turquia, então o idioma nas ruas, no comércio, na escola era o turco. Eu cito muito essas tias, são duas, porque moramos juntos por anos. É curioso que elas não deixassem eu e minhas irmãs falarmos uma palavra sequer em turco, mas eu entendia tudo, pois, crianças têm facilidade para aprenderem idiomas. Muitas vezes elas contavam alguma fofuquinha, algum segredinho, e acreditavam que nós não entendíamos, ledo engano de minhas tias.

Na comunidade: memórias da infância

Era um relacionamento muito bonito, muito familiar, pois, várias famílias com as quais meu pai se relacionava, eram da época da chegada ao Brasil, e que por absoluta falta de recursos moraram juntas: cada família num quarto e cozinha compartilhada. Esse início de história fez com que essas famílias mesmo não sendo famílias de sangue, quando se reuniam era como se fora. Acredito que seja parecido com viver em república estudantil, uma época da vida que marca muito.

Viajei para Buenos Aires com um grupo de jovens armênios em 1972, uma viagem organizada pelo partido político Tachnagtsutiun, quando conheci a irmã do meu avô,

de quem meu avô se viu separado na época do genocídio e nunca mais voltou a encontrar. Eles passaram boa parte da vida sem saber que estavam próximos e vivos. Foi emocionante porque ela era muito parecida com o meu avô: ao vê-la reconheci de imediato meu avô, de vestido preto. Ela nunca se adaptou à vida em Buenos Aires, pois, estava de cócoras fazendo kebab dentro de um apartamento todo arrumadinho, como se estivesse no Cáucaso. Tinha os mesmos olhos azuis do meu avô, o mesmo rosto, e uma grande tristeza, essa era a grande diferença com o meu avô, pois, ele não transmitia tristeza.

Participação nas associações comunitárias

A associação que o meu pai frequentava era a Melodias Armênicas SAMA - Sociedade Artística Melodias Armênicas - que na época funcionava no salão da Igreja Apostólica São Jorge e hoje está no Clube Armênio. Na minha juventude, entre meus 17 e 22 anos, participei da União Juventude Armênia, que era o braço jovem do Tashnagsutium.

Memórias dos ancestrais: passagens intermediárias e chegada ao Brasil

Meu avô chegou ao Brasil em 1932, portanto, muitos anos se passaram do genocídio, eles já viviam no Líbano. Primeiro veio o meu avô, e trabalhou como pedreiro na construção do Edifício Martinelli e depois no Mercado Central, já se inserindo na história de São Paulo. É possível que ele tenha feito a viagem com a intenção de ir para a Argentina. Isso aconteceu com muitos armênios que desembarcavam em Santos, gostavam e ficavam. Todos os navios aportavam em Santos e uma parte dos armênios, ocasionalmente, ficava. Isso dá uma ideia do quanto eles estavam soltos nesse mundo. Sem certeza sobre onde iriam viver.

E eu fico tentando me colocar no lugar deles. Que dureza! Hoje viajamos super organizados! Eles saíram do outro lado do mundo, chegaram aqui com outro idioma, e algumas vezes, desembarcavam num país que nem sequer era o país imaginado só porque o clima fosse bom, a paisagem... É estar muito solto nesse mundo para fazer isso.

Partidos políticos e diáspora(s)

Nos os anos 80 era muito nítido que Tashnagsutium estava junto com a SAMA e os Hangavar com a UGAB. Nos anos 90, essa ligação tão nítida passou a se desfazer. Quando eu frequentava a União Juventude Armênia, para mim era uma forma de exercer a armenidade, mas eu era ingênua e não enxergava com clareza algumas atitudes fanáticas. Até que um colega disse que nós deveríamos planejar ações terroristas contra os turcos. Eu fiquei abismada. Era uma época que algumas ações terroristas aconteceram em Portugal e nos Estados Unidos. Na minha maturidade os via somente como fanáticos, mas hoje acredito que eles são importantes para a armenidade ao redor do mundo.

Hoje não tem sentido a diáspora ter partido, a diáspora tem que ser única, embora isso seja muito difícil, pois, as várias comunidades da diáspora são diferentes. A do Líbano é muito mais armenizada do que a nossa, mais politizada, e extremamente preconceituosa quando se referem à população muçulmana. A população muçulmana faz parte do Líbano, assim como aqui nós convivemos com várias etnias. Aqui no Brasil convivemos com várias etnias. A comunidade armênia de Los Angeles deve ser diferente. É bonito o discurso de uma diáspora única, mas acho muito difícil.

O que foi o genocídio

Falarei de minhas lembranças do meu avô, da minha avó, do meu pai e minhas tias paternas, pois, minha mãe não viveu diretamente o genocídio. Foi uma tragédia que marcou a vida deles a ferro e fogo. Meu avô raramente aparentava tristeza, somente o vi triste nos últimos meses de sua vida, porque o meu pai faleceu antes e isso foi demais pra ele. Ele era traumatizado, pois, tinha pesadelos durante os quais gritava "ah, os turcos estão chegando... os turcos estão matando os meus pais... estão matando os meus irmãos", pois ele assistiu o assassinato da família. As minhas tias se queixavam por terem perdido a melhor fase da vida, vivendo a juventude em dificuldades no Líbano. Elas diziam que se não fosse aquela tragédia, elas teriam tido uma vida normal, namorado, casamento. O meu pai não falava, era calado, e minha avó paterna, a esposa do meu avô que sobreviveu, faleceu cedo, aos 50. A minha lembrança dela é uma mulher extremamente triste, ao contrário do meu avô. Ela era de Adana e não sei como sobreviveu ao massacre de 1909. Ela era uma criança, pois, em 1914, pouco antes do genocídio, ela se casou com o meu avô, ainda uma adolescente. Algo de terrível aconteceu na vida dela, mas ela não falava.

Meu avô contava, sabíamos que ele vira o pai, a mãe e os irmãos serem assassinados. A irmã que sobreviveu não estava em casa quando da tragédia. Anos mais tarde ela foi para a Argentina. Meu avô não teve notícias dela por décadas, não sabia se a irmã estava viva. Ele sobreviveu a ter sido prisioneiro dos turcos para fazer aquela estrada de ferro e conseguiu fugir. Ele sobreviveu a tudo isso, mas raramente falava sobre esses fatos. Já minhas tias se lamentavam bastante.

Como eu cresci com a Armênia dentro da União Soviética, então raramente se tinha notícia da Armênia. O que eu sabia era que os turcos tomaram as terras deles. No meu imaginário, portanto, não existia uma Armênia física. Quando cheguei à Armênia em 2008, me dei conta de que no meu imaginário continuava a ideia de que não existe uma Armênia. Para as minhas tias, não havia mesmo. O que era Armênia para elas, os turcos tomaram. Eu cresci ouvindo isso.

Genocídio e reparação

Não é possível reparar o que houve com minha família: meu avô nasceu na fazenda da família, onde, imagino que eles tenham vivido por várias gerações. Caso eu vá a Marach, eu não poderia localizar a fazenda, se é que ainda é uma fazenda.

Eu não vejo reparação material possível. Pedir perdão... Pedir perdão é importante, saber perdoar... Mas de que adianta pedir o perdão? Algo mais efetivo, por exemplo, ajudar comunidades pobres, inclusive os recém-imigrados da Síria para a Armênia. A única reparação concreta seria a Turquia realmente se irmanar com a República da Armênia para que ela cresça, dê empregos aos seus filhos. Tornar as fronteiras seguras, reconhecer Artsah (Nagorno Karabagh) como parte da Armênia. O que mais é concreto? Por exemplo, a diáspora e a República da Armênia terem ingerência sobre as cidades históricas das nossas famílias, Marach, Adana, Urfa, Ani, etc. De dizer "sim, isso faz parte da nossa história", "essas são nossas igrejas". Podemos colocar hotéis para fomentar turismo com a renda voltada para a República da Armênia, centros de estudos para fomentar pesquisa. Atitudes e iniciativas que irmanem os dois países, reparações concretas. Pedir "perdão", como no ano passado o Erdogan pediu "condolências". Você vai ao velório de uma pessoa por obrigação e diz "minhas condolências". Cumpru um papel, e só.

Sobre a Turquia atual e o povo turco

Eu nunca estive na Turquia, a exceção de uma breve passagem por uma ilha, mas isso não conta, portanto, minha opinião é baseada em leituras, principalmente.

*Com respeito às minhas leituras, a que mais me marcou foi o livro do acadêmico turco Taner Akçam, *From Empire to Republic Turkish Nationalism and the Armenian Genocide*, no qual ele dedica alguns capítulos à psique turca, à questão dos turcos se sentirem, elementos de segunda categoria (isso vem de séculos) aos olhos dos outros, pois, enquanto império eles barbarizavam, razão pela qual a Europa tinha temor deles e os via como bárbaros. Quando eles evoluíram para uma república, pois, o império ruíra, eles quiseram suplantar esse sentimento de inferioridade. Reconhecer o genocídio vai ser, portanto, um longo trabalho de educação dentro da Turquia. Eu vejo a população turca com uma minoria esclarecida e uma maioria que vive à margem dessa questão. O TIMES publicou recentemente uma pesquisa segundo a qual de cada 10 turcos, só 2 acreditam que o genocídio armênio aconteceu.*

O governo turco é reativo e não mudará de posição facilmente.

Um livro que me marcou muito, escrito por um turco que saiu da Turquia devido à perseguição que sofria por conta de suas idéias, e foi para a Alemanha. É uma história real: ele frequentou aulas de alemão e descobriu que a professora era, embora turca, de ascendência armênia. Tornaram-se grandes amigos. Eu acho que ele se apaixonou por ela, mas ele não pôe isso no livro porque ela era casada, na época. Através da amizade com essa professora armênia, ele conheceu a história do genocídio e ficou abismado por nada saber, ele, que se considerava uma pessoa culta. Ele ficou tão motivado que fez uma viagem pela Turquia, pela Armênia Ocidental, no final da década de 80, acho que início da década de 90, e conseguiu colher depoimentos de alguns pouquíssimos sobreviventes do genocídio, que nessa época deveriam ter algo entre 75 e 80 anos. Alguns desses sobreviventes tinham memória viva de acontecimentos como os incêndios provocados por turcos nas igrejas que abrigavam armênios. A forma como ele coloca tudo isso no livro, é muito emocionante. Eu li a versão em espanhol, traduzida na Argentina. Todas as passagens são emocionantes, numa delas uma enfermeira de origem armênia que saiu da Turquia para trabalhar num hospital na Alemanha e lá conheceu uma turca, também enfermeira. Vieram a ser amigas até que a enfermeira turca soube ser sua amiga não exatamente turca, mas, descendente de armênios, e não quis mais sua amizade, pois, ela fazia parte do grupo de traidores da Turquia. "Aqueles vermes armênios...". Isso aconteceu no final da década de 80 e início dos anos 90. Então, isso ilustra um pouco o que se passa na cabeça da população turca. Veja que elas já eram amigas, conviviam. "Imagina uma armênia! Vocês são inimigos do nosso país, querem nos prejudicar". A enfermeira turca não sabia absolutamente nada da verdade.

Parentes em outros países

Tenho parentes em Uberaba, no Canadá, Argentina, Austrália, Líbano, França e Estados Unidos. Tenho afinidade com os primos do Canadá, me sinto em casa com eles. Como irmãos. Nós perdemos contato os da Argentina e os da França, que eram por parte do meu pai. E da Austrália, não tenho mais o contato.

O que é ser armênio? Armenidade e diáspora

É uma pergunta difícil de responder. Eu tenho uma bagagem de cultura e de língua que me faz armênia, mas comentei isso com você, eu não me senti em casa na Armênia. Nosso espalhamento pelo mundo tem o lado bom, pois, Aonde quer que você vá há uma comunidade armênia, que mesmo tendo algumas características diferentes da minha, sinto-me em casa. Isso é um "plus" da armenidade. Por exemplo, minha filha morou em Milão, e ela veio saber que havia uma comunidade armênia, uma UGAB, que ela

frequentou um pouco e fez até uma aula de culinária. Depois ela foi para Londres e nós ficamos muito apreensivos. Procurei a comunidade armênia lá, era 24 de abril e foi muito gostoso, fui à missa numa linda igreja armênia no coração de Londres, fui à passeata com eles e vi como os armênios de Londres lutam pelo reconhecimento do genocídio por lá. Eu estava em Londres, mas estava na Armênia também, aquela da diáspora com a qual me identifico. Nós estamos no mundo. Realmente, onde existem mais de 2 armênios nós temos uma comunidade. E isso é uma coisa muito boa. Eu me sinto mais armênia na diáspora do que lá na Armênia. Essa é a nossa marca, a de levarmos nosso país para qualquer lugar no mundo. A analogia entre a diáspora e a romã é ótima, pois, ao ser aberta, ela tem suas sementes espalhadas. Os acontecimentos do centenário reforçaram muito a questão de ser o genocídio realmente uma cola entre nós, algo em comum. O armênio que está lá em Singapura, com uma cultura diferente da nossa, mas com algo importante em comum. Mas, o tempo nos ameaça, pois, as comunidades vão gradativamente diminuindo e nossa cultura se diluindo. É algo que não há como deter. É o curso natural da história. No curso da história algumas etnias foram varridas. No frigar dos ovos, nós não somos nem melhores nem piores do que outros. Somos uma etnia com uma história particular. A questão do ser humano é encontrar a paz, independente da sua etnia, cultura. Aqui no Brasil eu me sinto armênia e brasileira. Que isso não fique mal entendido, pois minha mãe que não foi educada aqui no Brasil, leu os livros do Jorge Amado, do Érico Veríssimo e outros, com alguma dificuldade, mas lia, pois ela queria conhecer o Brasil. Entender o Brasil. Essa atitude da minha mãe me impressionava. Um adulto que veio do outro lado do mundo lendo em português. Eu cresci assim. Hora tinha a tristeza da memória, das perdas, hora as alegrias. Eu não consigo mergulhar mais na cultura armênia porque não sei ler em armênio, o que me faz muita falta.

Sobre a Armênia atual e os armênios: impressões de viagem

Estive na Armênia em 2008 e identifiquei duas gerações: a dos mais velhos, saudosos da União Soviética, e extremamente soviéticos; e os mais jovens, educados, falando um inglês impecável sem nunca terem saído da Armênia. Essa Armênia jovem, se não todos, mas uma boa parte tem um grande potencial. Uma jovem guia de excursão, falava tão bem o inglês que surpreendeu um americano que quis saber onde ela havia aprendido. Ela falou "aquí mesmo". Perguntei a ela "quais as boas lembranças Ela disse que os pais dela gostavam, segundo eles, era muito melhor que agora". Penso que isso seja positivo, pois, eles viveram a educação de qualidade e sabem que hoje é diferente. Mesmo que eles não tenham o que eles tinham, eles sabem que é possível ser melhor. Um país com muito potencial, mas muito diferente de nós, da diáspora.

É um país pequeno, vulnerável e isolado, isso assusta. Houve um momento que eu estava sentada numa linda praça em Yerevan, tarde de calor e as pessoas tomavam sorvete. Deu-me a impressão de estar num cenário de filme, pois, se os países vizinhos quiserem tomar, seria fácil. Por isso que eu penso que a melhor reparação possível seria ajudar.

Quando eu fui para a Armênia, fui também para o Líbano. Conheci a única prima que mora lá, todos saíram, a maioria para o Canadá. Beiruth é próxima a Aleppo e naquela época não existia o atual conflito. Eu pedi a ela Ia falar para irmos de carro para Aleppo. Eu queria ver as ruas que a minha mãe descrevia e talvez até encontrar a casa dela, que é também a casa dos avós dela. E ela me disse "ah, não... Não vamos porque é um lugar muito pobre, muito miserável". Eu deveria ter insistido ou ter ido sozinha. Arrasaram Aleppo. A diáspora é assim, têm armênios com toda sorte de pensamento sobre sua própria cultura.

E esses armênios espalhados pelo mundo árabe? Eles são mais uma vez vítimas do genocídio, o genocídio cristão. Uma continuação do genocídio, pois, não há motivo para destruir igrejas armênicas seculares, o monumento Deirez-Zor, que não seja o fanatismo do Estado Islâmico. O que isso contribui para essa causa deles? Nada! Zero! É só uma oportunidade, de mais uma vez, varrer os armênios. Agora eles estão varrendo o cristianismo no Oriente Médio e, de quebra, "vamos varrer os armênios daqui também". Como agora, na época do centenário, alguns turcos saíram com faixas dizendo "Que pena que não liquidamos todos. Ainda restam armênios".

Os descendentes e comunidades sul-americanas

Tive um contato muito breve com a comunidade de Buenos Aires, há muitos anos, uma comunidade mais numerosa, mais ativa e mais forte até os dias de hoje. Por exemplo, eles têm jornal, revista, traduzem para o espanhol vários livros a partir do original em armênio além de livros em inglês, viabilizando a leitura para nós brasileiros também. Por exemplo, assistimos o documentário "Órfãos do Genocídio", uma produção americana dublada por eles, uma comunidade armênia mais atuante sim.

Aqui no Brasil, há armênios espalhados por todo o país, muitos já não se sabem armênios, mas a maioria em São Paulo.

Nesse ano de 2015 minha visão sobre a coletividade armênia de São Paulo mudou um pouco, para melhor, em função das atividades e suas lideranças, no centenário do genocídio.

A UGAB fechou a escola, encolheu o espaço dela, mas eu quero acreditar que as próximas gerações se articulem de outra forma. Eu acho que esse modelo das entidades se esgotou, está claro isso. Novos modelos estão surgindo, sobretudo, pelas mãos dos jovens que estão fortalecendo a ligação com a República da Armênia, através de programas de empreendedorismo.

Eu gostaria que a coletividade armênia conhecesse mais o trabalho que se faz na área de Armênio no Departamento de Línguas Orientais da Universidade de São Paulo. É um privilégio imenso termos um espaço dentro dessa universidade. Hoje o curso de armênio tem muitos alunos, muitos não armênios, e poucos são os armênios que conhecem a extensão do trabalho. Considerando o reduzido tamanho da nossa comunidade em relação ao Brasil, é um privilégio termos um curso na universidade, que se dedica a todas as facetas, língua, cultura, história, fazendo jus ao tripé pesquisa, ensino e extensão, sem distinção de raça, credo e cor. Alguém batalhou muito lá atrás e conquistou esse espaço. Sou muito grata à Universidade de São Paulo por ter feito a minha carreira aqui, parte da minha vida está aqui.

“Turca” ofende?

Seria até natural ser confundida, mas ser chamada, nunca me aconteceu acho que reagiria imediatamente "não, turca, não". Incomoda porque é uma questão não resolvida.

Mas olha uma coisa curiosa. Uma das tias que sempre nos dizia que "os turcos são os nossos inimigos", quase namorou o turco da loja de sapatos aqui no Brasil.

Quando eu tinha 37 anos estive na Alemanha por algumas semanas, onde vivem muitos turcos. No hotel havia uma sauna e o funcionário responsável pelas toalhas era um turco. Registrei meu nome ao pegar uma toalha, o que de imediato me denunciou. Eu estava na companhia de uma amiga que chamou a minha atenção para a forma como o funcionário turco olhava para mim com seus olhos arregalados. Foi a primeira vez em minha vida que entrei em contato com a questão armênia turca “na pele”. Senti certo desconforto. Aconteceram outras vezes, poucas, mas sempre o desconforto de ambas as

partes. Não posso e não devo enxergar um assassino de armênios em cada turco com quem venha a me encontrar, mas há uma questão a resolver. Acaso ele dissesse de forma simples e direta "eu sou um turco trabalhando aqui", eu diria "muito prazer, nasci no Brasil", mas, não era assim, ficava algo no ar. É possível que em alguns turcos a reatividade contra nós seja maior do que a nossa. Há, portanto, uma questão importante pelo lado da Turquia também, que precisa ser tratada.

Em Berlin vi turcos vendendo bugigangas e frutas espalhadas em panos estendidos no chão, o que me fez pensar quão anti-higiênicos eles eram, praticando seus hábitos sujos num país tão limpo como a Alemanha. Entrou em cena aí meu preconceito, para minha surpresa! Um camelô turco me encarou com os olhos arregalados, tal como o funcionário do hotel, e perguntava insistentemente as minhas origens! Bem vinda à questão turco armênia na pele. Eis aí uma questão interessante para o Dr Hototian.

Enfim, parece que sentimo-nos ofendidos todos, armênios e turcos, como a enfermeira turca, que desfez sua amizade com uma armênia, por considerá-la inimiga de seu país.

Onde é a “sua” armênia?

Eu me identifico com todas as comunidades armênias que encontro pelo mundo, inclusive, bem mais do que com a Armênia Oriental. Geograficamente o que me vem à mente, embora eu nunca tenha estado lá, é Marach, onde imagino meu avô na fazenda com o pai, a mãe e os irmãos, até que aconteceu a tragédia. Esse é o local físico no meu imaginário. Aleppo também está no meu imaginário, pois, minha mãe frequentemente relatava a infância dela, as ruas da cidade, a neve, de como a mãe dela preparava os mantimentos para o inverno e os colocava no porão da casa.

2. Denis Tchobinian (aguardo versão aprovada)

Novembro/2014

“O Ararat. Quero tirar foto dos dois lados e não só de um lado...”

Denis Tchobanian Cardoso. Quarenta e um anos. Profissão analista de sistemas. Formado em Economia. Solteiro. Nascido em Osasco, Estado de São Paulo.

Ascendência armênia

Pela minha mãe, que é nascida aqui, e meus avós maternos. Minha avó é nascida no Líbano. Meu avô, não sei se é nascido no Líbano. Os meus bisavós... são nascidos também... não na Armênia... no registro deles, nos papéis, posso te mandar até depois uma cópia... Um acho que está escrito Síria.. não, para os dois acho que está escrito Líbano. Não tem indicação de Armênia não. Apesar de ser um documento... aquele... certidão Nansen, é... Acho que tem até alguma referência, mas eu acho que não está bem conservado que eu não consigo pegar muita informação ali. Então, não está legível, é esse que é o problema. Imagina que você dobra um papel em oito ou mais vezes. Guarda no fundo de uma gaveta, então ele está cheio de dobras e colaram com durex e esses durex tiraram, colocaram, tiraram, colocaram, então tem muita coisa que você não consegue ler. Mas existe. Eu tenho alguns nomes você vê ali. Tchobinian. Por parte de mãe, dos avós.

Vinda dos avós ao Brasil

Mais sobrenomes? Tem um monte, mas é um problemão. Na verdade é assim, meu avô... Eu vou te falar a história até um ano e meio atrás. Meu avô veio para cá... sozinho num navio... para desembarcar, ele estava, menor de idade, para desembarcar tinha que ter uma família. Para... fazer isso a família tinha que adotar ele. Adotou, colocou o nome de Tchobanian na verdade. Apesar de que registraram Tchobinian era Tchobanian. Desceram, ele ficou, eles voltaram e foram para Buenos Aires. Eu conheço a família lá... Não tem nada a ver comigo. Bem, aí veio aqui... Casou com a minha vó.

Família e sobrenomes

Um primo tem o Tchobanian, o resto é tudo Tchobinian, mas o sobrenome não é esse. Tá? Aí, volta. Falei um ano e meio atrás. Um ano atrás, ou um ano e cinco meses para ser preciso, é... eu tenho uma carta... toda em armênio, pensava eu, e eu dei para o Padre Der Boghos e falei “Vamos ler”, ele começou a ler, essa carta estava em turco. Então ele lia e eu “Aí, mas o senhor está falando turco”, Não, é armênio, palavras turcas. Começou a ler e eu sabia que em algum momento iria ter o nome da família, aí tem lá, tem lá, tem o Kalaidjian. Só que escrito em turco. Não é... Bem, não só isso, eu descobri. Descobri que o meu avô veio com uma irmã... não faço ideia de onde ela foi parar. Talvez até as famílias Kalaidjan, tem três ou quatro famílias Kalaidjian aqui. Eu não tenho muito contato com elas, mas é... talvez até seja que essa minha avó, tia-avó, tenha ido para outro lado e feito uma dessas famílias, não sei. Nessa carta, a irmã mais nova dele pergunta quando que ele volta, porque eles tinham marcado de se encontrar na Armênia e tudo o mais. Então eles eram em quatro irmãos, ela dá o nome dos filhos, então eu tenho tios que eu não conheço, mas só dá o nome e não o sobrenome. Como ela é mulher, ela pegou outro sobrenome, então eu não tenho como, assim, não tenho não, eu até tenho como achar, mas vou ter uma certa dificuldade porque já se passaram três gerações. Então assim, tenho o Kalaidjian, tem, tem Avidikian, que é da minha

bisavó... Tem Assadur que é do meu bisavô... Então uma vez eu postei no facebook todos esses nomes. Então, se eu não me engano é Avidikian, Assadur/Assadurian, né? Ai tem o Kalaidjian e o Tchobinian por adoção.

À procura da armenidade

Eu comecei a ter noção de que eu sou armênio com vinte, vinte e um anos. Antes disso... Meu pai é brasileiro. Não que ele falasse “Não, não vai”, nem nada, mas minha mãe trabalhava para viver então a gente não participava de tantas coisas aqui. So a irmã mais nova que fez a UGAB. Durante três anos, mas fez. E eu não fiz. Minha outra irmã não fez. Então a gente nunca teve esse... esse contato, é... com a comunidade nosso contato era tão restrito, era uma boda armênia ou outra. Era... como eu vou dizer... era festinha de final de ano da UGAB, uma confraternização, ou em Osasco. Não tinha tanta participação assim. E minha participação se deveu mais a um evento que teve em Osasco. Me chamaram para uma festa, aí comecei a participar mais. Tem uns vinte anos, que eu comecei essa busca de armenidade.

Em Osasco, me chamaram para fazer parte da diretoria, e uma das coisas que precisava fazer era o site, e eu sou perfeccionista. Me deram os textos e eu falei "eu vou revisar esses textos". Eu não gosto de português, mas eu sou chato. Eu corrijo erro de português. E aí eu comecei a ler... e um dos blocos do site era sobre o genocídio. Falei "caracolis, isso aconteceu?". Aí vai... aí li tudo, né? Li, lendo, não li por cima. Eu li de verdade. No meu face hoje você vê os livros que eu tenho em casa. Não posso dizer que eu li todos, mas está lá para hora que eu posso, pra eu ler. Deve ter uns 30, 40 livros, seja dos Estados Unidos, seja da Argentina, seja daqui... da Armênia que eu consegui. Sempre que dá, eu leio um pouquinho porque eu perdi vinte e dois anos disso daí. Eu acho que perdi. Foi motivo de discussão com a minha mãe. Bronca, nela, porque não me ensinou falar armênio e tal. Mas ela deu as justificativas dela, não cabe aqui, né? Mas eu acho que perdi 22 anos de Armênia e tento recuperar o máximo possível esse atraso. A língua é o mais difícil, o resto dá para recuperar tudo. A língua eu sinto essa dificuldade.

Fotos e cartas familiares

Então, junto com essa carta eu encontrei, trouxe até para te mostrar aqui, uma série de fotos, era aquelas fotos meio postais, em que a pessoa escrevia atrás. Eu os entendi pelos meus tios, que essas fotos eram destinadas ao meu avô, que eu não conheci. Ele faleceu antes de eu nascer, três anos antes. Mas me falaram que era tudo direcionado a ele, essas cartas. Chegava muita carta, e tem muita coisa escrita em armênio. São cartas de pessoas da família e em armênio. Eu ainda preciso pegar o Der Boghos para me ajudar na tradução disso. Tem uma só é que eu consegui desmembrar um pouquinho que estava em inglês ... É! Em inglês o nome da pessoa e o endereço. Fui atrás do endereço, não achei nada, porque a carta é de... sessenta e nove. É da Califórnia. Achei o endereço, peguei foto da casa, entrei no Google Maps, achei o endereço, tudo, mas não mora mais ninguém armênio lá. E a pessoa que cuida da casa, da questão de vender e tudo não... não respondeu minhas mensagens. Então tenho várias fotos, e aí algumas fala-se é... que “esse é o tio”, “essa é tia”, é... sobrinhos... com essa indicação, mas nada muito preciso, falando o tio de quem, é... pai de quem, primo, que eu vi que em algumas tinha essa observação, vamos dizer. Mas agora achar... Outras não tem muita indicação do endereço. Estava em armênio e não tem o selo postal. Se tivesse selo postal então dava para ver... não tem, o que tem é... alguns indicando o primo ou não. Tem cartão postal que está em francês e inglês, mas sem selo não dá para saber. E é cartão que vinha às vezes dentro de envelope e o envelope

já foi embora. Tem um que fala “primos do meu avô Karmig”, “avó do meu avô Karmig”. Numa das cartas, sem indicação, o que eu entendi é que uma tia, irmã da minha vó, falava que era da França, mas não tenho prova falando que “é, é da França”. Porque eles estavam no Líbano. Do Líbano devem ter saído para a Europa.

Região ancestral

A intenção era voltar para a Armênia, no caso do meu avô. A intenção era voltar para a Armênia. Meu avô não voltou, ficou doente aqui e... aqui ficou. Mas a intenção, pela carta, era voltar para a Armênia. O ponto de encontro era na Armênia. Sendo que eles viviam no Líbano, e devem ter fugido da... Armênia que estava na Turquia, alguma cidade. Ele era de Hadjan, na região da Anatólia. Então eles devem ter saído todos de lá e ido para o Líbano, do Líbano para a França, e da França voltariam para a Armênia.

Minha avó é de Sis, mas a gente não tem indicação nenhuma do que eles estavam fazendo, se iam voltar, porque... veio uma... e toda família, e pronto, ficou por aqui.

Contato com parentes

Então, seguindo nessas... aí tem outras cartas que vão aparecendo. Minha mãe quando casou recebeu uma carta no casamento dela. É que minha mãe não é mais viva, então não tenho muita informação. No casamento dela veio uma pessoa de Córdoba. Posteriormente ela mandou uma carta a essa tia Carmem e, se eu não me engano, tio Pablo/Paulo. E aí mandou-se uma carta perguntando como estava, se deu tudo certo a lua de mel e coisa e tal. Perguntou do meu outro tio que tinha casado próximo ao casamento dela. Então assim, ninguém pergunta do nada esse tipo de coisa. É... tinha que ter algum laço familiar. E nessa carta tinha indicações de endereço e tudo. E eu participo, desde dois mil e três, de todas as viagens do Clube Armênio para fora. Buenos Aires, Córdoba, Uruguai. E numa eu criei coragem de começar a procurar. Mesmo fora das viagens eu já fui muitas vezes para Córdoba. Córdoba é meu principal destino. Eu tenho amigos ali, é... e então eu acabei indo mais para lá. E essa família é de Córdoba. Só que eles vivem fora, na cidade de Carlos Paz. Eles têm hotel, é uma família que tem certa independência financeira ali. E era difícil de encontrar eles. E as pessoas que eu ficava na casa, em Córdoba, conheciam eles. Primeira vez que eu fui eles não estavam, segunda [vez que eu fui] eles não estavam, e uma vez eu fiquei hospedado no hotel. Por coincidência ou não, eu fiquei. Aí falei “agora vai”. Escrevi uma carta, acho que deve ter dado duas páginas, e deixei essa carta para o dono do hotel, que é neto desse Pablo, é Pablo Metrevian, Metrevian o nome dele. E deixei uma carta falando “olha, eu sou assim, assim, assado”, deixei uma cópia da carta que eu tinha, né? E falei “Olha, eu estou vindo, faz tempo que eu estou tentando falar com você. É... e eu preciso saber o que é que você tem de informação, é... sobre o assunto tal”. É Pablo Metrevian e Cristian Metrevian, são os dois que eu contatei. E eu falei “eu preciso saber como que vocês se ligam na minha família” Ele me deu muita informação, mas nenhuma chegava. Então eu ainda tenho dúvidas... se tem realmente algum relacionamento ou não comigo. Eu tenho esperança que tenha. Se ele tem esse relacionamento, é por parte da minha vó. É. Ele é um primo um pouco distante, eu acho. Pode até ser que ele seja da família que adotou meu avô. Mas eu não tenho certeza.

Passaporte Nansen e laços consanguíneos

Eu vou localizar o scan que eu fiz do Nansen, te passo, mas não dá para ver muita informação lá. Infelizmente não dá. Eu passei para o Professor Hagop, para incluir no trabalho dele também, mas não sei que sequência que ele deu.

É esse Tchobanian. Uma senhora chegou para mim em Buenos Aires. Procurou entre os diversos brasileiros que estavam lá, que a gente estava participando de uma série de jogos: “você é Tchobanian?”, “sou”, “você tem algum parentesco comigo?” Aí eu expliquei a situação para ela. Assim, direto não tem, porque esse Tchobanian não sei quem da sua ascendência adotou meu avô que assumiu o nome Tchobanian. Conversamos um tempo, eu devo ter ela no meu facebook ainda, mas não existe um... infelizmente eu não consigo criar esse laço. Tem gente que cria. Do mesmo jeito se eu descobrir que tem uma família aqui que é Kalaidjian e que é realmente da irmã do meu avô... vai ser difícil hoje criar um laço. Não é impossível, mas é difícil. Eu, Denis, sinto que é difícil. Do mesmo jeito tem muita gente aqui que fala “tio”, “tia”, vai para a Armênia fazer voluntariado e fala “a minha mãe lá”, eu não consigo. Esse criar/inventar, entre aspas, um laço, isso eu não consigo. Agora esse que eu fui procurar em Córdoba eu queria acreditar, quero ainda que ele tenha um parentesco consanguíneo. Mas vai ser um primo, um primo distante, numa cidade que eu gosto, dentro da minha... do meu sangue, por assim dizer. Mas criar assim do nada como foi essa Tchobanian eu não consigo. Talvez Kalaidjian aqui e esse pessoal em Córdoba. Mais em Córdoba, porque eu tenho provas mais... né? Agora o Kalaidjian aqui não sei, vamos ver, ainda vou chegar nos Kalaidjian daqui, não cheguei, preciso ter mais informação.

Noiva armênia

É isso só começou depois que eu passei a frequentar o clube. De querer casar com uma armênia. Mas não era assim algo... Ninguém em casa nunca falou... precisava casar, mas não precisava ser armênia. E aí surgiu, aconteceu um encontro de um amigo que apresentou tudo. Não é o arranjado. Tentaram me arranjar uma e não funcionou, graças a Deus. E aí surgiu a Dani, e coincidentemente ela é de Hadjan também. Tem parentesco com algumas pessoas que a gente não esperava. Eu fui descobrindo... Ela entrou na comunidade através de mim. Ela não participava da comunidade, apesar de ter parentes que já foram presidência aqui do clube, não participava. Hoje ela entrou e participa do grupo de dança, tudo, você já deve ter visto foto e vídeo. E ela acabou descobrindo parentes que não esperava. Então, por assim dizer, tem duas pessoas, não vou dizer 100% ativas, mas uma é, e são da colônia e que ela não conhecia. Então é legal. Mas não é “precisa ser armênia”. Quando eu comecei a participar aqui no Clube, viajar, conhecer as outras pessoas, eu falei “eu vou buscar uma armênia. Não precisa ser. Mas eu prefiro que seja”. E aconteceu.

Contatos em outros países

Conheço pessoal do mundo inteiro. Mas eu não posso dizer que eu tenho uma amizade. Porque eu já participei de alguns eventos mundiais, então você acaba tendo contato e mantendo via facebook. Sempre facebook, né? A gente acaba mantendo, ou pelo menos acompanhando os trabalhos de amigos, eu tenho amigos na Austrália, tenho no Canadá, tenho na França, tive um em Portugal, infelizmente o rapaz faleceu. Era o primeiro armênio que eu conhecia de Portugal. Apesar da Cauloste Gulbenkian, né, Aliás. Era o único que eu conhecia de Portugal, Manuel. Era um Manuel armênio, né? Muito diferente. Mas tem, tem pessoal no Irã, Iraque, no Egito... E na Armênia. Eu também tenho na Armênia, tenho um que está muito ligado à Igreja lá e eu acabo acompanhando os trabalhos dele, de vez em quando eu elogio, ele vê alguma coisa aqui e elogia, aí a gente troca elogios, por assim dizer, pelo trabalho que cada um realiza, cada um sabe o que o outro faz.

A língua de comunicação? Na Armênia, o único que eu eventualmente converso, em inglês. No Egito também em inglês, porque o meu armênio é muito pobre. Do Iraque e Irã? Eu não converso com esse pessoal. Acabo mais acompanhando o que eles fazem. Às vezes convite para um evento, sabendo que a pessoa não vai vir, mas para ela ver que está acontecendo alguma coisa aqui. Mas só nesse nível. Os da França e Austrália com post também. Canadá a gente acaba tendo mais um contato porque eu tenho amigos que estão morando lá, casaram lá, aí a gente acaba tendo um contato um pouquinho maior, em inglês. Teve gente que já veio aqui, participou do acampamento com a gente, então, no escotismo. Seja no Homenetmen, seja no escotismo, nas duas coisas.

Síria

Eu não tenho, não sei de parente nenhum lá. Não tenho, o máximo que eu tenho é por intermédio dos daqui que tem amigos lá ou parentes. O nosso arcebispo tem parentes lá. Ai a gente acabava sabendo das notícias perguntando para ele se estava tudo bem ou se não estava, como que estava, “ah, consegui conversar”, “ah, hoje eu não consegui”, né? Mas eu não tenho nenhuma ligação lá, não, na Síria, mas que está feio, que foi feio e que vai continuar feio isso é certeza.

Sírios e refúgio no Brasil

É, então, eu vou ser sincero, eu não acompanho muito isso daí, porque está tão fora da minha alçada que a gente não pode ajudar, por outro lado a gente recebe as consequências das ações de outros e da consequência direta do que acontece lá. Onde eu trabalho veio trabalhar um senhor da Síria, e ele é professor, formado, professor de física... Veio trabalhar como auxiliar de escritório. Então ficou uns três, quatro meses lá. Mas não consegue, é fora do ambiente dele, não conseguiu. Então assim, é difícil para eles. A adaptação é difícil, a língua é difícil, nem todos conseguem assimilar. Existe a esperança de retorno “ai eu vou voltar”, “eu vou voltar para a Síria”, “eu vou para a Armênia”, “eu vou para a Rússia”, ele falava que iria para o... Abu Dhabi, lá para aquelas terras lá. E aí não conseguiu. É, Iraque. Queria ir porque tinha amigos lá, e não sei o que... Então assim, eles estão vindo aos poucos, existe um grupo formado para dar apoio a eles, mas ninguém sabe quando vem, quantos vem, qual situação, se vem com dinheiro, se vem sem dinheiro, se vem com referência de onde ficar, se não tem aonde ficar. Existe um local para ficar se precisar, já tem um abrigo, tem cama, tem cozinha, tem roupa, tudo separado. Só que não se sabe quando vem, quantos vem e como vem, se vem família, se vem só uma pessoa.

A comunidade patrocinada pela Igreja, as três igrejas, as três religiões, as três Igrejas que nós temos estão encampando um grupo do qual todas as entidades participam. Tem que ser a Igreja, né? Porque você fala Clube ou da UGAB, cada um tem, entre aspas, uma ligação com um partido, você fala da Católica, é só a católica. Você fala da Evangélica, é só a evangélica. Você fala da Apostólica, é só a apostólica. Então tem que ser um negócio maior. O ideal seria o consulado, mas quem levantou a voz foram as igrejas.

Como está sendo em Buenos Aires? É, então, eu não sei como é que está o trabalho lá, mas eles são muito mais preparados para receber do que a gente. Sempre foram. Eles tiveram um fluxo mais constante de armênios. Maior? Não é nem o maior, é o constante. Nós tivemos um fluxo até mil novecentos e sessenta. Depois parou. Eles tiveram em setenta, tiveram em oitenta, tem ainda, tem, você vai ver... do mesmo jeito que tem nos Estados Unidos tem grupo de resto de Sis, armênios da Armênia, bastante, não é pouco. Então tem um fluxo constante e a gente não tem e aí acaba que a gente não está

preparado para receber. Uma família a cada dois, três anos, não precisa ter estrutura, né? Para receber, simplesmente chegam e pronto! Você vai encaixando. Sei que daqui quem está e não vai voltar, não querem voltar para Europa, Armênia... ficam aqui! Fica! Porque não dá, a dificuldade da língua é maior, é complicado. Eu acredito que não vão. Pode ser que vão, mas eu acredito que não.

Viagem à Armênia

Sim, duas vezes, 2005 e 2008. Em 2005 foram dez dias de passeio. Em 2008 foi de uma semana, mas foi num Fórum pela Igreja.

Como foi? Então, vamos lá fazer a conta de novo? Eu comecei a frequentar a comunidade vinte anos atrás, né? Aqui eu estou desde 2003, no clube. Mas vinte, então 2014, 2004, 1994? Por aí, né? Então, mas significa que foi em 92, então. 92 eu comecei a realmente a frequentar a comunidade. 2005 eu fui pra Armênia. Eu fui do mesmo jeito que eu tinha ido já para o Nordeste... Eu fui para conhecer mais um país. Eu fui com amigos que falam armênio, mas eu não tive aquela sensação de "oh meu Deus, eu estou na Armênia!". Não. Eu vi, putz, é lindo. Eu tirei muita foto. A cada dia eu descarregava meu pente de memória e, meu cartão de memória e jogava num CD... cópias... uma na mala outra na mochila, para não perder. Muita foto. É lindo! Mas... não era "oh! Voltei às origens". Eu não consegui sentir isso. Na segunda vez, 2008 eu já sentia. Foi diferente. Eu estava num grupo isolado, eu não tinha tantos amigos. Fiz amigos novos. Aí... Reúne muitas coisas. Minha mãe tinha acabado de falecer. Minha avó tinha acabado de falecer. É... Então, aí eu fui sozinho, literalmente. Então, eu não sei por que nessa eu senti. Essa eu saí da igreja. Saí de Etchimiadzin chorando. Primeiro entrei em Etchmiadzin, tirei foto... "que lindo!". Sai. Tirei mais foto... Isso é a Armênia. Mas nessa outra eu entrava na igreja e saía chorando... Na rua "nossa, isso é armênio!". Fechava o olho assim... Todo o mundo me falando em armênio. Aí... me deu uma sensibilidade maior. Mas aí, vamos lá, né? 92, 94, que seja, até 2003, eu fazia trabalho voluntário na igreja de Osasco. E a armenidade exercida lá é muito local, e eu estava mais trabalhando pela manutenção da comunidade em si, do que por armenidade. A armenidade era muito pouquinho, que a gente trabalhava. Hoje já mudou. É... e aí, mas no Clube eu comecei a ver essa coisa de armenidade maior, aí sim, em 2003, então eu tinha pouco tempo ainda disso pra falar "pô, eu estou voltando para a minha terra", e eu ainda sou frio nisso. É... minha terra não é na Armênia. Meus avós, se vieram, vieram das terras que são na Turquia. Então, assim, todo mundo fala "eu vim da Armênia". Eu não vim, meus avós vieram de Sis, vieram de Hadjan. Não era na Armênia, já tinham perdido e isso faz tempo. Era um Reino! Então, assim, eu ainda tenho essa visão seca da coisa. Não consegui ter aquela coisa "oh meu Deus! Aquilo tudo era Armênia! Temos que receber de volta".

Genocídio e reparação

Não tem como receber de volta. Já foi. Infelizmente, não tem. Não tem povo para popular aquilo lá. Imagina você conseguir as suas terras de volta? Negócio é metade da Turquia. Agregar à Armênia, se o pessoal da Armênia está indo embora, imagina voltar para lá? Então eu não tenho essa sensibilidade de "meus avós vieram da Armênia".

Ser armênio

Eu sou armênio. Pergunta pra mim. "Você é brasileiro?" Te respondo. Posso te responder na hora, se perguntar. Mas eu não tenho essa coisa de "minha terra era Armênia". Minha terra era Armênia na Turquia. É, aquela ancestral. Quando eu

conhecer toda a Armênia... Eu já me prometi que quando eu ver toda a Armênia e Artsah, aí eu vou para a Turquia. Bandeira da Armênia na mochila, camisa da seleção no peito, se não com a bandeira mesmo no peito... Não no aeroporto que pode dar zica. Mas lá, em algum momento, vou estar usando isso daí. Tenho amigos que fizeram todo o circuito de cidades antigas da Armênia, tudo. Então já tenho um roteiro prévio... Existe um trabalho que vai ser publicado o ano que vem também, que é material fotográfico sobre essas cidades... É... Então... Assim, já tem material para fazer esses passeios aí, mas tem sim. Na verdade existe até uma empresa de turismo que já faz esses passeios. Com todo o roteiro das cidades armênias na Turquia. Mas só depois que eu ver toda a Armênia. Ainda falta 60%, eu acho... Não dá tempo. Tem que ser muitas viagens... tem que precisar de pelo menos mais duas para ver tudo. Armênia e Artsah.

Semelhanças físicas? Eu sou meio a meio. Meu pai brasileiro, minha mãe armênia. Tenho foto do meu pai com 14 anos, é a minha cara com 14 anos, então, assim, eu na minha ingenuidade, meu rosto é típico brasileiro. Apesar de eu ter ascendência italiana... Aí, estou lá no último dia da viagem, estou sozinho. Nos dois últimos dias eu estou sozinho. E eu peguei um pacote de um dia de passeio por Aragatz. Fiz uma série, ali, de passeios... E tem uma moça armênia que vivia... Ela era armênia e vivia na Suécia... algum país europeu, nos Alpes, sei lá... E “bá ba ba ba ba bá”. Tentei tirar foto... Fui aonde tem as letras do alfabeto, a escultura, em Oshagan. Queria tirar foto da letra D. D de Denis. Ela queria que eu tirasse do T. As transliterações... E aí, pois é... E aí, insistiu, insistiu. E eu não consigo tirar a foto com a minha letra. E eu não sei onde está bem essa... esse jardim de alfabeto... de letras, mas fomos lá, e ó... Eu não consegui. Bem, detalhes à parte, fomos conversando todo o caminho. Tinha um casal de italianos, nada de ascendência armênia, que estava lá. Perguntei por quê, qual a ligação... “A arquitetura armênia”... Aí descobri que muita gente vai para a Armênia sem... Sem ser armênio. E aí, eu vi muito japonês, coreano... Bem, muita gente que não-armênio. E aí eu.... Bem, essa mulher. Conversa vai, conversa vem. Ela... falou assim “sabe que você tem uma cara de armênio? Os seus pais são armênios?”. “Não, não, não. Meu pai é brasileiro.” “Nossa, mas você tem todo o perfil de armênio...”, eu falei “meu Deus”. Me arrepiou. Me arrepiou porque eu nunca imaginei que... Que alguém fosse falar “você realmente tem uma cara de armênio”. E ela falou, de graça. Aí, na rua passeando, aí você começa a tentar a ver o perfil do armênio, e... Eu achei difícil. Achei difícil, por quê? Lá em 2008 foi mais fácil. Em 2005, eu esperava aquele armênio, sei lá, que a gente via nas fotos, né... E eu não sabia bem como era esse armênio. Você não guarda o rosto. Até guardo. “Pô, aquele rosto é cheio. Aquele rosto é comprido. É largo. Orelha abano, né...”. Eu não guardo. Aqui se associa pelo nome. Mas lá eu comecei a ver “pô, esse aqui está com cara de armênio daqui”, “esse tem um jeito turco...”. Você vê o rosto, azeri... O russo... as meninas com as bochechas mais gordas, avermelhadas. Aí você começava a falar “nossa, esse armênio não é da Armênia... Esse armênio é de lá. Esse é dali. Esse é de acolá”, né? Eu fiz esse tipo de associação. Não tentar pontuar “olha só a cara da minha avó... ó cara...”. Não, não consegui. Mas eu consegui visualizar as diversas raças que povoavam a Armênia. Você esteve lá, você deve ter visto um pouco disso daí. Ah! 2008 eu senti mais porque o grupo era formado por armênios de todas diásporas. Eram 120 pessoas e eram de todos os países. E aí eu consegui pontuar direitinho a fisionomia de cada um deles. Porque se sabia “aquela ali é da Rússia” e você começava a montar... “Aquele ali é do Egito”, e eles se pareciam... “Aqueles são do Azerbaijão” e aí você, né?... “Oh, esse é da Armênia. Esse é Artsakh. Então, sentia isso. Foi muito especial.

Se sentir armênio

Eu vou fazer por eliminação. Vou fazer o contrário. O “-ian” não faz o armênio. O sangue não faz o armênio. A característica física não faz o armênio. O que faz ser armênio é sentimento. Por que é que eu falo isso? Porque eu não falo armênio. Ah! A língua também não serve para falar... “você é armênio porque você fala a língua”, porque você fala a língua e você não é armênio. Não é verdade? Como outros falam a língua e não são. Não sei se você se sente... Eu nunca fiz essa pergunta pra você. Fora da entrevista eu pergunto. É... Eu não falo a língua, eu não nasci dentro da comunidade, eu não frequentei escola armênia, eu não sabia da história até um amigo falar para revisar um site, e eu conhecer a história do genocídio que até então, com vinte e dois anos, eu não sabia do genocídio. Sabia que aconteceu, mas não sabia o que tinha rolado. Não convivi com amigos armênios. Então assim, tinha tudo para ser um armênio perdido, mas eu me sinto. Então para mim o sentimento é que o faz você ser armênio. Não precisa ter o sangue, a língua, ser filho, ser neto, ser bisneto. Porque que eu posso... Eu afirmo isso por A mais B. Porque eu vejo algumas pessoas, e eu tenho, em específico, um garoto na escola armênia e ele estava na noite da cultura, inclusive. E ele pronunciou tudo o que eu penso dele. Desde os dez meses de idade, ele estuda na escola armênia. Ele é filho de uma professora brasileira, e ele é muito mais armênio do que muito armênio. Ele fala o armênio, ele dança... Ele lê o armênio. Sabe ler, sabe escrever, entende, fala, dança, está na escola armênia como muitos não estão... Quer casar com uma armênia para se sentir dentro da comunidade. Precisa ser armênio para se sentir armênio? Ele nem precisa casar com uma menina. Ele já é armênio. Por isso que eu falo que é sentimento. Não basta você ter o sangue, a língua, o pai, o seu avô ter sido padre... Nada! Teve um dos seus entrevistados que o avô é padre. Precisava... Ele automaticamente era armênio? Não... Então, assim... inclusive, foi o que me batizou. Então, o sentimento é o que faz. Eu vejo muito armênio que eu não chamo de armênio.

Na comunidade

Esse sentimento de armenidade se mistura com a minha ação dentro da comunidade. Então, o quanto desse meu Denis que funciona dentro da armenidade tem esse genocídio? 99%. Eu não posso falar 100% porque a gente sempre tem outros pensamentos, mas 99%... Eu não consigo é.... fazer... dizer nada sem pensar se eu consigo encaixar o tema genocídio na conversa. Eu não consigo, porque se eu tiver falando com alguém e perguntarem “mas da onde é o seu sobrenome?” Eu vou tentar na terceira ou quarta palavra falar sobre o genocídio. É porque... Porque é que eu estou... Eu vou pedir pra você fazer a pergunta que eu estou esperando... Pergunta se eu sou armênio? Sim, eu me sinto armênio. Ontem só para você... Só armênio. Eu sou nascido no Brasil. Eu sou armênio. Japonês não atende? Quando você fala “aquele japonês”. Você não fala que é brasileiro com ascendência japonesa. É japonês. Eu sou armênio, nascido no Brasil, uma casualidade fatal. Mas casualidade. “Ah, mas sem seu pai é brasileiro, você não teria nascido”. Preferia não ter nascido. Eu sou armênio. Deveria ter nascido lá. É claro que no contexto de Armênia na Turquia de novo para não... Se não fosse o genocídio, eu teria nascido lá. Eu não consigo tirar... Quem acolheu o meu bisavô e a minha bisavó que vieram para cá, e é claro meu avô e minha avó que são nascidos fora e não nasceram aqui, quem acolheu foi o Brasil. Ponto. Fez a obrigação dele. Eu não sou... Eu não posso ser conivente com ... o resto da ação. Porque assim, tá, eles são agradecidos ao Brasil. Eu não tenho que agradecer. Para quê eu tenho que agradecer? Eu nasci aqui, mas eu não queria ter nascido. Eu não sei

se estou conseguindo explicar... Essa coisa... Mas se eu estou fora. Mas se eu estou na Armênia... "aonde você nasceu?". Eu nasci no Brasil.

O Brasil e o reconhecimento do genocídio

Ele tem a obrigação moral frente ao que ele mostra ao resto do mundo. Aí é outra coisa. Não é porque ele recebeu armênio. E, sim, porque o Brasil é uma nação que preza os Direitos Humanos, e por consequência as causas como essa que é o reconhecimento de um genocídio não só armênio, como da Síria ou qualquer outro que tenha ocorrido. O Brasil devia é apoiar o seu reconhecimento e não apoiar o país, ou a nação ou o grupo que praticou o ato. Hoje isso não acontece. O Brasil fala que é a favor dos direitos humanos, mas apoia a Turquia, mas apoia outros países que praticam o genocídio. Continuam praticando. Então, na política de boa vizinhança, eles deixam a coisa avançar até o momento que não vai dar mais. Mas, acredito que... enquanto os Estados Unidos não reconhecer, o Brasil não reconhece. Eu acho que é condicionado.

“Turco” ofende?

Sim, muito. Muito. Mas eu explico por quê. Eu explico para a pessoa que está me ofendendo. Eu não xingo de volta e nem viro a cara. É aí que está. Aqueles momentos dos 99% que eu estou falando para você. A pessoa me chama de turco, é o meu momento de falar "não, não sou turco. Não gosto. Nenhum armênio gosta de ser chamado e só estamos aqui porque aconteceu isso, isso e isso". Eu aproveito para tentar virar a mesa. Às vezes dá certo. Alguns continuam provocando, né? Quando é muito próximo, a pessoa faz brincadeira, mas sabe que chateia. A gente tenta educar, por assim dizer.

Palavras turcas

Não, não conheço. Apesar de falar algumas pensando que é em armênio. Mas eu não conheço... Meu sogro, por outro lado, na última novela... Como chamou a última novela que era na Turquia? Isso, a novela “Salve Jorge”. E ele chegou para mim e falou “Denis você viu estão falando em armênio na novela”. Eu falei “Seu Tepã, não é armênio. É turco.”. Mesmo jeito, teve uma tia da minha noiva, ela falou... Ela sabia que eu era armênio, né? Estava namorando fazia uns 3, 4 meses, fui no aniversário, ela começou a falar comigo, e eu não entendi metade do que ela falou. Aí, depois, falei que não falava armênio, em armênio eu falei que não falava em armênio para ela. Tá acabou. Saí e disse à minha noiva: “Dani, ela estava achando que estava falando armênio, ela estava falando um monte de coisa em turco”. Minha avó falava turco. Minha bisavó falava turco. É... eles achavam que estavam falando armênio. Consequência do genocídio. Não tem como, eu não posso culpar eles, eu não vou criticar... Minha avó, minha bisavó não é mais viva, mas essa tia da minha noiva, eu não posso falar pra ela “não fala turco”. Para ela, aquilo lá é armênio. E aí tem todas as ações que aconteceram durante o genocídio que levaram ela a falar. Minha avó é de Sis, minha bisavó é de Sis. Só falava turco lá. Minha avó é de Hadjan. Já não se falava turco lá. Mas eu não sei o que ele falava, porque eu não conheci ele. Mas eu sei que pessoal em Osasco fala turco, assim, quase fluente. Tanto que vão pra Turquia e conversam de boa lá. Mas é consequência, né? Esses eram os atos que eles queriam, as coisas que eles queriam que acontecesse.

Armênia e fala russa

Quando o fui para Armênia, você falou dos russos... os filmes... eu fiquei dez dias lá, e não todos eu ficava com os meus amigos, ou se ficava, não ficava o tempo inteiro. A

gente ia para passear, às vezes ficava sozinho de noite ou final de tarde. E tinha cinema lá, falei "que legal, vou assistir filme". Então eu escuto o armênio, né? Imagina... era russo, no máximo a legenda era em russo. Era em inglês com legenda em russo. Então, é... eu nem entrei no cinema. Eu vi já na entrada que era legenda em russo, mas essa questão da língua é delicada. O pessoal acha que fala armênio, quando fala russo. E antes eu só escutava que falavam isso. Hoje eu presencio, né?

Genocídio e rememoração do centenário

Olha... vinte anos atrás, então era oitenta anos. Então desde os 80 anos eu participo de todos os eventos de rememoração do genocídio. Eu, Denis. Não falo em nome de nenhuma entidade na qual eu faço voluntariado. Para mim não nada. 99, 98, 97... quatro anos atrás eu fui pra Córdoba. Há cinco, eu tinha ido para Buenos Aires para passar o 24 de abril. Há quatro, eu fui para Córdoba. O sentimento é muito mais forte, mas todos os anos são ano para lembrar, não importa se está chegando aos cem ou não. Eu preferia que tivesse reconhecido nos 80, nos 70, nos 60... É... Aí que está, a data não existe. Não existe um ano, vinte anos, oitenta, cem... Todo dia é dia. Falei pra você que 99% quando... Se o tema é armenidade, se eu posso falar. Então é todo o dia! Não posso esperar o 24 de abril pra falar.

Armênia e Genocídio na mídia

Teve uma entrevista. Tem aquele programa "Idas e Vindas"... E a moça, ela entrevista pessoas que estão chegando de viagem, passaram um bom tempo fora. E uma amiga fez voluntariado na Armênia e voltou. A entrevistadora falou com a família dela antes, entrevistou a avó da menina que deve estar com os seus oitenta e alguma coisinha. Eu parabeneizei essa senhora outro dia aqui. Eu falei "a senhora foi o show no programa. Os seus trinta segundos valeu a entrevista inteira, a participação da sua neta. Valeu tudo". Ela foi lá, em rede nacional, e chegou assim: "você sabia que nós somos armênios? Nós viemos de um povo que sofreu genocídio." É isso que precisa acontecer. É a qualquer momento, não é em um momento. Há 1 mês atrás teve o Globo Repórter. Falou-se sobre o genocídio. Foi um momento. Eu estava no consulado, com várias pessoas, a vibração quando falou, todo o mundo esqueceu o resto do programa. Teve gente que criticou, fora dali, "ai, o programa foi isso, foi comercial, foi turístico". Não importa, em rede nacional, falou "genocídio armênio perpetrado pelos turcos". Na semana seguinte a esse programa, teve um outro programa sobre esportes, foi falado sobre o tema genocídio durante 5 minutos dos 15 que eles foram entrevistados. E um menino de vinte anos falou sobre o genocídio. Pontuou. O programa fez até um mapa na tela. Mostrando Turquia, Armênia. Como era a Armênia. Como ficou a Armênia. Esperou o 24 de abril? Não esperou. É todo o dia. Então, 100 anos é só um número redondo. Ficar bolando o logo para fazer os 100 anos. É só isso que muda. Todo dia é dia de lembrar os que morreram, que tombaram e de espalhar a informação, de transmitir a informação para o outro. Você já conhece. Alguém que escutar agora, que estivesse escutando, ia acabar escutando isso.

Genocídio e reparação: pauta comum das comunidades da América do Sul

Não sei... Eu conheço aqui. Eu conheço um pouco na América do Sul. Agora falar lá fora, porque cada entidade trabalha de um jeito. Talvez, eu não sei como é lá fora... Talvez, exista o que eu vejo em Buenos Aires e em Córdoba, que é a chamada "coletividade" que representada todas as entidades em igrejas. Aí esses, em momentos pontuais, que é o que eu não gosto, que é o que eu falei. Essa aglomeração pontual não deve existir, mas quem sou eu para falar isso, né? Para tentar impor isso, nem queria.

Mas existe a entidade chamada "Coletividade" que abraça todas e acaba realizando as ações em nome de todas. Em Buenos Aires tem, funciona. Há um rodízio de presidências, então, provavelmente é cada vez de uma entidade que participa. Então nunca ninguém fica menosprezado. Até a menor acaba sendo representada. E Córdoba eu sei que tem. Tem até material deles, a história da coletividade de Córdoba, um material interessante que eu consegui uma edição. E no Uruguai acredito que tenha. Eu sei que Chile tem, na Venezuela tem. Mesmo na condição política atual que tem lá, eles trabalham um pouquinho isso. Em Rosário, na Argentina, também tem, entre Buenos Aires e Córdoba. E neles, a entidade "Coletividade", que abraça todas as outras, funciona. Age.

Aqui em São Paulo nós não temos isso. Não temos uma entidade que abrace todas. Temos a Igreja Apostólica que liga duas Igrejas. A Apostólica em Osasco e a Apostólica em São Paulo. Temos a Católica e Evangélica. E duas evangélicas, cada uma numa ramificação ali, não sei bem qual que é a diferença das duas. Eu, eventualmente, vou às duas. Mas não existe alguém que abraça tudo. O consulado não tem todas as entidades ali 100%. Não sei se eles não querem ou os outros são convidados e não vão. Não sei o motivo que não consegue unir todas. A Embaixada é recente, então, não dá para falar, e ela está afastada, né? É diferente de Buenos Aires, que a capital é ali, a Embaixada é ali e... É tão mais simples o embaixador trabalhar com eles. Aqui depende de um voo, ter lugar para ficar. É complexo e o embaixador é novo. É. Seis meses que ele está aqui. Então não sei bem o motivo que o consulado não consegue, ou não apoia, não sei. Eu não posso... O fato é que não interliga para formar essa coletividade local. Tem muito... Na nossa comunidade a gente fala que tem muito cacique pra pouco índio. Tem muito general aqui. Não tenho medo de falar isso daí. É público e notório. Tem muito general. Todo mundo quer aparecer. Todo o mundo quer que o nome esteja na placa, todo mundo quer que o nome saia no jornal. Mas a ação que precisa não acontece, e não abraça todo mundo. Então tem muito armênio que não participa porque não sabe que está tendo as coisas, não é avisado... Porque o grupinho dele não participa do grupo maior "coletividade" porque não existe. Eu tenho algumas opiniões sobre algumas entidades que não querem levar adiante, mas aí não cabe eu falar da entidade. Eu tenho a minha visão de como cada entidade funciona, até onde ela quer chegar e por que a nossa comunidade não funciona. Se eu falar vai acabar atingindo uma pessoa ou outra e eu não... Esse pensamento de "vamos esquecer, já passou... Já morreram, deixa eles lá. Nós estamos aqui, estamos no Brasil", aí vem o sentimento. Você é armênio, nascido no Brasil ou você é um brasileiro de ascendência armênia? Eu sou armênio nascido no Brasil. Tem gente que pensa que é brasileiro descendente de armênio. E, para mim, esse que pensa que é brasileiro descendente de armênio, só fica nisso, esse não está interessado em reconhecimento, não se preocupa. Para ele tanto faz, como tanto fez, não vai afetar nada dele aqui. Eu não peço dinheiro, não peço dinheiro, não peço nada até porque eu não tenho nada. Não sei onde eram as terras dos meus avós. Diferente de um amigo que conseguiu encontrar a casa de um avô. Eu não faço ideia de onde eles ficaram, porque eu não tenho documento nenhum. Eles vieram com uma mão na frente e outra atrás. Então, não tenho nada. Não tenho eles para perguntar. E não tenho documento. Então, não quero reparação, não quero dinheiro, gostaria apenas do Ararat dentro da Armênia. Essa é a única coisa que eu queria. São 4 quilômetros até o Ararat, e 40 quilômetros de cuesta para fazer uma cerquinha. É só isso que eu quero. Mas não o território armênio clássico... o Grande Reino.

O Ararat

Isso. É esse. É o único. Porque a gente não tem, não adianta. Você pega o mapa. Você pega o mapa lá. Você vai pegar, é... Nakitchewan. Não tem armênio. Apesar de ser pequeno não tem armênio para povoar Nakitchewan. Você pega lá em cima, na Geórgia, aquela área que agora não me vem o nome, não sei se vai ter armênio para povoar. É perigoso pela área que é. Artsah é o único lugar que a gente tem chance e, mesmo assim, a área entre Artsah e a Armênia é uma área que não tem armênio para popular. Se a gente quiser avançar para além do Ararat, querer pegar as antigas terras, quem é que vai colocar lá? O jovem armênio está indo pra Rússia, está indo pra Europa? Não tem... Eu não tenho como ir pra Armênia, morar na Armênia. Eu não falo a língua. Meus amigos vão para lá. Tá, tem gente que fala armênio, eles vão... vão trabalhar no quê? É difícil... O Ararat eu não preciso ocupar. Não dá pra colocar casa lá, e nem vai colocar casa lá, é uma montanha. É a única terra que precisa. Está na Bíblia, não tem jeito. Não tem como se eximirem. É... ali é nosso, sempre foi e sempre vai ser. Minha afilhada perguntou outro dia sobre Noé. Eu estou agora esperando achar um filme, um vídeo, uma foto para explicar para ela aqui é a Armênia. Ela queria saber sobre a Arca de Noé e eu volto naquele tema dos 99%. Eu vou dar um jeito de falar sobre a Armênia, sobre o que aconteceu para ela... Então, Monte Ararat são os dois, né? P'vok'r Masis e Mets Masis. O pequeno e o Grande Masis. Sim.. o Ararat. Quero tirar foto dos dois lados e não só de um lado...

Religiosidade

Os que ficaram na Turquia? Sim, é armênio lá. O sobrenome "-ian" desapareceu? Sim, mas eu falei para você que não precisa ter o nome para ser armênio. Cristão? Não tem armênio não-cristão. É... eu não conheço esses. Esses eu não tenho contato. É o tipo de coisa que a gente não se mete... a religião da pessoa. Eu não falava para minha avó que ela falava turco. Não falo para tia da minha noiva que ela fala turco. Nem para o meu sogro eu falo que ele fala turco. Porque é que eu vou questionar que o cara não tem a religião cristã? Não faz diferença... Era pagã? O museu de Erebuni é muito bonito, mas dentro não tem muita coisa. Material arqueológico. Fora tem um painel. E aí você vê o pagão... o paganismo na Armênia. O painel mostrava um rei com o Sol em cima, representando que ele acreditava no deus sol... E aí alguns animais na coisa... Na lateral do museu também tem mais alguns desenhos. Então, você vê muito do paganismo lá e esse culto a n deuses... Você vê um templo pagão ainda erigido lá, e montado e como ponto turístico. Etchmiadzin ter preservado embaixo de Etchmiadzin um altar pagão. Não foi destruído. Quer dizer, você pode negar isso? Você não nega. Porque vai... outras religiões você vai negar? Hoje está cheio de igreja lá na Armênia. Até Igreja Universal tem lá. Eu não sei como é que é outras, sei lá espiritismo... Mas é... Estão lá. Esses aí estão lá, quer a gente goste ou não. Pra mim não faz diferença a religião no armênio. O que eu preciso é que o armênio seja o armênio que a Armênia precisa. Só. Não importa a religião Eu tenho um amigo que é ateu. E aí? A mãe casou na Igreja Armênia, os pais foram batizados, ele foi batizado, os irmãos foram batizados. Ele é ateu. Faz diferença? Ele deixa de ser armênio? Não me importo com a religião.

A causa armênia

Como eu falei "servir à Armênia", a gente liga em causa. Não tem com não ligar em causa, mas você não precisa estar lá pra servir. Eu não estou lá agora. Eu tinha me prometido a ir a cada três anos. Em 2011 eu não consegui, esse ano também não. Ano que vem também não. E continuo servindo a ela. Para mim servir é divulgar informação. Falar que ela existe. Falar sobre um genocídio que ocorreu. Falar o quanto ela é bonita. O que tem de ponto positivo e de negativo também. Não dá para

não falar dos negativos. "Não é lindo?" É lindo... "Não, mas tem prostituta". Mas é claro que tem prostituta na Armênia. Não tem como... Claro que tem, tem máfia! Então, não é o paraíso. Apesar de ser no começo, né? Dizem que a Armênia era o Paraíso. O Éden era lá. Mas, na realidade, é um país como outro qualquer. Aquela é a minha Armênia. Do mesmo jeito que tem o "ai, eu sou francês", "eu sou italiano", "eu sou espanhol". Eu sou armênio! Então aquela é a minha Armênia. Mas eu não preciso estar lá. Defender ou ser armênio que a Armênia precisa aqui na diáspora a gente precisa muito mais do que estar na Armênia. Por ser na Diáspora, a Armênia é mais fraca. É isso que eu penso, assim... Quantos milhões você disse que provavelmente tem?

Se não tivéssemos 10 milhões de armênios. Que sejam 5, vamos diminuir. 5 milhões de armênios na Diáspora, a Armênia não teria a força que tem para enfrentar um Azerbaijão, uma Turquia. Porque só com o apoio desses armênios de fora, é que os armênios de dentro conseguem encarar. Apesar de que eles passam fome, tem a corrupção, tem inflação, tem todos os problemas que um país de quarto, quinto mundo tem. Só que eles continuam tendo o território deles, graças ao país e a quem está fora, que apoia as ações de lá, e vai brigar com quem está atacando. De um jeito ou de outro. Existe um ministério da diáspora, mas que é novo, que ainda está tentando fazer um trabalho, mas que não sabe qual, como... o modo de agir dele ainda não tá afinado com as necessidades... Pergunto "vocês precisam disso, disso...". "Tá, a gente vai tentar mandar". Mas é um país pobre. É complicado... Mas que é importante ele existir, é.

Repatriamento? Tem uma entidade RepatArmenian. Essa entidade existe. Mas eu nunca tomei conta... É da Armênia. Mas eu nunca fui atrás de saber exatamente o que é que é. Já vi vários vídeos. Realmente, é para repatriar armênios. Trazer aquele armênio, dar condição para o armênio viver lá, retornar às suas origens. Mas eu não sei exatamente como que é essa ação deles... Como que eles fazem, quais as consequências... Mas tem, tem essa entidade sim. E a de voluntariado que faz repatriamento bem pontual, né? Tem jovem que fica lá 2 meses, 3 meses, 9... Como teve dois... um menino e uma menina. A menina ficou 9 meses e o outro ficou 7, fazendo trabalho voluntário. Tem um amigo do Uruguai que ficou também uns 7, 8 meses e voltou para o Uruguai, e depois, agora está voltando para lá de novo. Vai ficar mais um tempo. Mas isso é um programa bem caro. O pessoal vai e volta, mas muitos querem ficar. Por outro lado, também muito querem sair. Eles querem casar e vir para cá. Ou pra Argentina, ou para os Estados Unidos, pra Europa. Tem esses dois lados. Eu tenho 1, 2, 3, acho que 4 amigos que trouxeram as armênias da Armênia e do Líbano para cá. Nada contra, são meus amigos, ainda, e elas também. É opção...

E a gente mesmo se imagina morando lá, mas é difícil, né? Você tem que ter uma condição financeira muito estável para poder se manter lá sem trabalhar, porque como você vai conseguir um emprego ou montar um negócio numa sociedade que é ainda, como eu disse, tem uma máfia, tem corrupção. E aí como é que você vai viver num lugar assim, não sendo do país? Eu acho que é complicado. Precisa abrir um negócio... Porque pra trabalhar é difícil. Eu já perguntei lá "como que é? O armênio de fora é bem recebido?", e não é... pra trabalhar. Eu perguntei para um armênio de lá... O armênio de lá fala que é. O armênio da Síria ou do Líbano que vai pra lá pra trabalhar, fala como que é a realidade. Fala "Olha, a gente não é bem recebido aqui. Eles acham que a gente está tomando o emprego deles". Aí é complicado, né? Como é que você vai sair do Brasil, para ir lá? É... não dá. E é compreensível, um povo que passou por um genocídio, passou por um comunismo, e o país começou do zero em 91.

Armênia e genocídio

Eu acho que eles não, eles não se preocupam com o reconhecimento. O problema deles é portas fechadas para os armênios da Turquia, é falta de acesso ao mar. Eles estão preocupados em sobreviver como um país. Genocídio, pra eles, é segundo, terceiro nível de preocupação. Eu acho que eles estão querendo sobreviver como país, tal qual o armênio que está na Turquia, está preocupado em sobreviver lá, ele não pode falar em genocídio. Hoje ele já está melhor, mas ele não está preocupado com o reconhecimento do genocídio porque ele corre o risco de ser morto, deportado, perder seus bens. Então, a gente precisa medir muito... Medir muito as ações nossas de Diáspora frente ao armênio da Armênia e frente ao armênio que vive na Turquia hoje. Pauta comum, nós e eles? Não. Não porque eles veem o armênio de fora diferente do jeito que a gente vê o armênio de dentro. Eu não acredito que eles vão ver do mesmo jeito que a gente. É complicado. A gente não vive lá. As ações nossas, a gente age e não mede as consequências que vai sofrer lá, ou na Turquia. Eu acho que, um dia, pensar que vai ter uma pauta comum, um pensamento de unidade, assim é difícil. Eles adoram quando alguém vai lá fazer voluntariado. É... 24 de abril, eles rememoram como todos. Independência. Adoram quando vai visita fazer turismo, lá. Mas eu acho que pensar em reconhecimento é umas ideias que estão bem afastadas para eles. "Deixa o governo pensar, o armênio não precisa. Deixa o governo pensar, e a Diáspora pensar". Eles precisam sobreviver. É complexo. Lá a questão primeira é de sobrevivência deles. Eu acho que o genocídio é uma questão de segundo plano. Eu acho a gente... Não que a gente tem que pensar por eles. Eles são um país. São cidadãos daquele país. Eu não sou cidadão daquele país. Não tenho o passaporte, não tenho a nacionalidade armênia, apesar de eu falar que sou armênio. Mas não posso ditar como ele tem que viver, o que eles têm que fazer. Eu não me preocuparia com isso. Eu me preocuparia em ter o meu negócio funcionando, ter o meu emprego normal. Ter meu salário, a minha família sobrevivendo... Eu iria me preocupar com isso. Eu não iria me preocupar com o genocídio, não. Eu não vou ganhar nada de volta. Eu não vou ser reparado financeiramente. Eu não vou ganhar um ovo de Páscoa a mais porque... Nem um presente de Natal a mais... O que eles vão ganhar com o reconhecimento? Vai ter mais terra.. Ah! Eles vão devolver as terras... Não tem gente para ocupar. Ah! Eles vão pagar em dinheiro. Para quem? Para os armênios que foram mortos, mas não foi a gente. Então, assim, é uma questão... Não, não vejo como desesperança. Eu vejo como uma não necessidade. Eu vejo que não há necessidade deles por esse pensamento. Não sei se é o que acontece.

Tenho amigos que trabalham muito em apoio ao voluntariado dentro da Igreja. Eles são preocupados em manutenção de jovens dentro da Igreja. Que tenham acesso a todos e que todos tenham acesso à Igreja. Ter acesso aos menos afortunados para levá-los à Igreja. Aí, tenho amigos que estão na UJA, em escotismo. Então jovens, escotismo, que é formação de pessoas. Eles estão preocupados em formar pessoas. É... eu acho que quem está se preocupando com o genocídio é governo e Diáspora. Eles lá não vão se preocupar. É a última coisa... Pelo menos eu não vejo... Não deveria ter essa necessidade. A preocupação imediata deles não é essa. É... do pouco que eu vi já fiquei triste. Imagine eles vivendo lá. O que eu vi é uma coisa, e o que eu não vi? O que eu não vi é pior. Tem muita gente desempregada lá, sem formação. Porque viveu no interior, né? Então... Eu estive um dia no interior. Você vê uma casa que não tem cimento na frente... É uma lamaceira só. Casa, parede, não tem pintura. Aquele cimento. A cama está na sala. O filho está com uma roupa bem simples. Um simples pacote de café já faz a felicidade da pessoa. Então, é esse armênio aí que não está preocupado, com certeza, com o genocídio, está preocupado em sobreviver. De ter a oportunidade de o filho fazer algo melhor... Por isso eles não se preocupam com o filho

que vai pra Rússia, que vai para algum outro lugar... Sim, ele vai mandar dinheiro para a Armênia. Para os pais.

Onde é a “sua” Armênia?

Qualquer lugar que tenha armênios. Você se sente... Porque, como eu falei no começo, eu tenho maior atração por Córdoba. Aí já une amigos e uma expectativa de familiaridade com o local, que eu já tinha colocado. Mas te recebem como se estivesse em casa. E na Armênia é assim. E em qualquer outro lugar que tenha armênios... Se você não fala pra pessoa que você vai para lá, ela se sente mal. Se você não vai para casa dela, ela se sente mal. E, na verdade, se você reserva um hotel, ela se sente mal. Queria que ficasse na casa dela. Então, isso acontece... Então a Armênia é em qualquer lugar que tem armênio. Claro que na Armênia, é Armênia, mas para mim, quando eu estou em Buenos Aires, eu tenho casa onde ficar. Eu não tenho parente nenhum lá. Quando eu estou em Córdoba, eu tenho onde ficar, e não tenho parente. E no Uruguai eu também tenho. Se eu for para o Egito e avisar os meus amigos, eles vão falar para eu ficar na casa deles. E assim vai... Para ir à Armênia então, não precisa conhecer a pessoa, basta você falar "fulano está indo", vão te receber no aeroporto. Te levam para casa. Te levam para passear. Você não pode pagar nada.

Hospitalidade brasileira

Aí no Brasil não tem isso. Não tem. Não... separa um hotel... "Ó, tem um hotel lá". Às vezes até esquece. Se é difícil ser armênio no Brasil? Não, não é isso, eu acho que não. Eu acho que o sentimento de armênio no Brasil é diferente do que tem em outros lugares. Eu acho que a gente não tem aquele histórico, aquela sensação do que aconteceu, e não tenta evitar um de novo. Antes, eu acho que, com o genocídio, todo mundo saiu e todo mundo era família. "Ei, você que está sozinho, vem para cá, vem comigo e vamos seguir em frente. Esquece o que aconteceu. Já foi. Vamos seguir. Não olha para trás, porque se olhar, vão te matar". Aqui não, aqui é "aquele ali é armênio? É... não vou falar 'oi'. Se ele pedir dinheiro? Se ele não tiver lugar para ficar?". "É... Eu vou ter que ajudar... Não, não, deixa ele quietinho...". Nem fala, nem levanta a mão. Porque armênio, reconhece armênio, né? Não tem jeito. Você olha, você "ele é armênio". De algum jeito você sabe. E eu acho que aqui, eu já vi, já presenciei. Então, eu acho que aqui ainda não tem esse sentimento.

Eu acho que o brasileiro não é hospitaleiro. Ele gosta de turista, porque traz dinheiro, é bonito, né? Só. Pega bem no filme.

Eu acho que aqui não tem hospitalidade. Eu sei que é convencimento da minha parte, mas eu tenho amigo no Uruguai. Do mesmo jeito que eu tenho esse em Córdoba, eu tenho amizade. Por 4 dias em 2004, por 3 dias em 2005, e 2006 quando eu falei "eu estou indo para a Argentina. Em Córdoba eu quero ficar perto da sua casa ou do Clube". "Sem problema, eu te acho um hotel". Uma semana antes da minha viagem, ele disse "você vai ficar na minha casa". Me deu a chave do carro e da casa. Esse do Uruguai é o mesmo esquema. Conheço de pontual, 3 ou 4 dias no ano. "Denis, meu irmão está indo com amigos aí para o Brasil assistir a Copa. É... eles não tem onde ficar". Falei "como assim? Ficam em casa." Quatro. Não tem cama para isso em casa. Mande para o meu pai, para o sítio, e arranja colchão e ficaram 4 dias lá. Iam vir mais 2, mas não conseguiram passagem. E aí? Mas você faz... Muita gente não faz. Não é comum. Mas eu só faço isso hoje, porque eu tive isso. Eu fui recebido bem na Armênia. Eu fui recebido bem na Argentina. Então, aí eu tenho que retribuir de algum jeito. E aí eu faço isso. O meu filho eu tenho certeza que vai fazer isso.

Difusão

Trabalhos sobre Armênia, os armênios, o genocídio precisam existir, a gente precisa colaborar o máximo possível para que eles aconteçam, e eu sei que é multiplicador o negócio, né? Porque um dá origem a outros, que vai dar origem a vários outros. E um não-armênio se interessando pelo tema armênio é o que mais importa para a gente hoje. A minha namorada faz dança e ela se apresenta/tem se apresentado com uma certa frequência em eventos não-armênios para mostrar a cultura. Creio que o grupo já participou de 3 ou 4, se não mais. Tem um ano e meio, só, e já participou de quatro eventos fora da comunidade em que é ovacionado, e num dele, foi convidado pela comunidade russa, para um evento que não tinha nada a ver com o armênio, era o Leste Europeu. Foi convidado a participar do evento, e ainda apareceu lá na programação... "comunidade armênia" se apresentando... E sai, aplausos, aplausos, aplausos... Então, eu acho que não só para o armênio a gente tem que passar adiante a informação, mas para o não-armênio a gente precisa passar o dobro de informação. Não porque ele não sabe, mas porque ele precisa ter uma bagagem maior ainda para passar mais para a frente.

3. James Onnig Tamdjian

Outubro/2014

Sou brasileiro, nascido em São Paulo onde vivi a maior parte da minha vida, tenho 49 anos, sou um professor de geografia e geopolítica e autor de livro de didática.

Origem armênia

A história da minha família é o combustível do meu trabalho. Eu por sorte, tanto do lado materno, quanto do lado paterno, uma das maiores e melhores heranças que eu recebi, foi o engajamento dos meus avós e dos meus pais na vida comunitária. E esse engajamento vem há 80 anos no Brasil, já que os meus avós chegaram em 1920. Ao final dos anos 20, eles chegaram à cidade Lins no interior de São Paulo. Mesmo que Lins é uma benção para nossa família, a gente nunca esqueceu o nosso lado armênio. Então ele tem esses eixos, a participação dos quatro avós. Mas a parte política, eu herdei especificamente da minha avó materna e de meu pai, os dois sempre foram muito engajados, em partidos políticos, em organizações. E eu carrego essa herança até hoje com muita alegria, porque é um dos pilares da minha existência.

Minha árvore genealógica é de difícil constituição porque, meus quatro avós são órfãos... Não, desculpa, minha avó conviveu com o pai dela, minha avó paterna, os outros não conheceram nem o pai nem a mãe; ou se não, conheceram foi por tempo mínimo, muito pouco. Da minha árvore genealógica a gente pode resgatar que 95% é de origem armênia. Eu posso ter tido uma tataravó, digamos, um pouco mais, grega, já que uma pequena parcela da família de meu avô paterno viveu por muitos anos onde tinha muitos gregos. Mas acrescenta muito também, já aqui me deixa muito mais feliz que muito mais gente faz parte de meu passado.

Aqui é uma família muito grande o lado materno. Do lado paterno é muito pequena.

Família e casamentos dos descendentes

Predominantemente miscigenados. Eu não vejo o casamento intra armênio como forma de manter a armenidade. No meu caso, eu não casei com uma moça armênia. Meu irmão tampouco, e nós não deixamos a armenidade. Estamos sempre engajados, participando, sem nenhuma crítica. Ao contrario de casamentos exclusivamente armênios, onde as pessoas se casam e não fazem absolutamente nada: não mandam os filhos à escola, não vão à igreja, não participam. Para ser armênio, você precisa praticar a armenidade. Só é armênio quem pratica a armenidade. Portanto, não é armênio quem não precisa ser armênio. Você pode ser armênio sem ser armênio. É praticando, é vivenciando, é participando. Então, casamentos miscigenados não são de forma alguma impeditivos para extensão da comunidade. Não vejo assim.

Aceitação dos pais e avós

Você não é a primeira pessoa que me pergunta isso. Mesmo porque que acho que muitas dessas pessoas (que não é seu caso), me perguntam isso por meu engajamento; eu sou muito engajado porque eu não casei com uma moça armênia, e então deu para ser feliz. Eu optei por casar com a pessoa ideal. Pouco me identificava com as meninas armênias de meu tempo, apesar de serem meninas maravilhosas. E também não procurei fazer o histórico cultural de alguém, nem tampouco permiti que o procurassem em mim. Sempre fui um cara independente, livre pensador. Posso falar que sou um cara de esquerda. Adquiri minha individualidade bem antes da faculdade, com a faculdade que fiz na minha cabeça, com os livros que meus pais me deram. Então isso nunca

esteve na minha preocupação. Na preocupação de meus pais e meus avós esteve. Mas eles não internalizarem para mim. Sabem o que penso. No caso dos meus pais foi muito tranquilo, teve surpresa, mas não crítica. No caso da minha avó, não teve tempo de contar porque estava muito adoentada. Mas conseguiu estar no meu casamento. Porém o assunto dela, nos últimos dez anos de vida, foi “Avó Armênia se libertou”. Ela achava que era brincadeira. E eu tive que convencê-la “... Olha, conseguiu sua liberdade, esta em caminho...”. Morreu sabendo que Armênia era livre. Então, o fato é que meu casamento talvez chame a atenção de alguns dos amigos meus, pelo meu nível de engajamento, mais a mim não...

Mais casamentos endogâmicos na Argentina? Se ocorrem com maior frequência? Talvez a explicação seja mais simples do que a gente imagina. A vida comunitária armênia formada na Argentina é boa. Oito escolas. Oito/ nove igrejas formadas com todas as condições. Sabe o que é uma comunidade com oito igrejas? Essa é uma das coisas que faz com que funcione. É muita gente, instituições sólidas, clube fraternalmente estabelecido. Esta no número, matematicamente a possibilidade é maior de se encontrar com alguém lá. Isso facilita. Outra coisa importante que eles mantiveram; não digo para esta geração, mas para a anterior: as reuniões compatrióticas de grupos vindos das mesmas cidades. Nas outras gerações isso era comum, já hoje não é mais. Então, talvez sim, para eles foi mais simples acontecer isso. Eu vejo, pelo grau de coesão facilitou. Mas na mesma forma, e não é uma crítica: o que isso significa se não se tem engajamento? Eu não consigo entender. Aliás, consigo, mas não é o lugar para a gente discutir. Mas, o que leva a uma pessoa a se querer casar com outra armênia se não vai vivenciar isso? Existe uma explicação sociológica, mas não que é um tema de muita suscetibilidade. Quando alguém procura uma pessoa de origem armênia, há um critério desenvolvido e isso é uma questão econômica. Unir riqueza, unir patrimônios. Isso é uma questão cultural. Tem também uma terceira questão que é a pressão da sociedade, do grupo social. Quando existe um casamento armênio, dificilmente o casal vai ser da mesma cidade. É por uma questão de segurança; pelo lado machista. A mulher armênia não vai se separar. Nas gerações que eu percebi que fizeram isso, a primeira coisa que as mulheres falaram é “saia da comunidade”. Porque ela vai ser condenada por ter abandonado casamentos armênios. São poucas, existem e eu dou muito valor para essas mulheres, porque se impuseram ante uma sociedade retrógrada; por não terem se rendido a essa segurança, e procurarem ser felizes.

No caso armênio também tem outra questão que é muito forte nesse sentido; não ter o problema do rompimento. Você entra na normalidade e tira o foco de você. Muitos casamentos triunfaram, graças a Deus. Outros viravam verdadeiro caos social.

E eu acho que casamento tem outro aspecto. No casamento intra-armênio, não está em jogo a questão da cultura e da armenidade. O importante é ter uma mulher que já vem normatizada pela sociedade; se vier com amor, melhor ainda; se vai se manter, ou não, é conforme a força de cada lado. De todos os casamentos entre armênios que eu conheço, grande parte não vão à igreja, não vão ao clube, não falam armênio.

Porque o que acontece é o seguinte, o valor da armenidade é diferente para cada casamento. Você vai poder perceber, qual é o valor que cada casamento dá para a armenidade.

E eu vejo pelo lado antropológico mesmo, é uma garantia. Você escolhe uma mulher armênia por garantia. Não fala, não cultua, não participa, mas é armênia.

Ser armênio

A primeira coisa... eu vou pegar uma frase de Michael Arlem júnior, escritor do livro Passagem para o Ararat, editor do New York Times. Durante muito tempo ele não soube de sua armenidade. O pai, uns dos maiores escritores dos Estados Unidos, Michael Arlem, omitiu sua essência armênia e adotou um nome americano. Quando o Michael Arlem júnior soube da origem armênia, ele vivia num colégio interno na Suíça. Ele cobrou depois do pai por que havia omitido isso. O pai explicou, no final da vida. É aí, quando ele se reconcilia com a armenidade dele. Michael Arlem júnior escreve uma frase que eu acho fundamental para quem quer entender a vida da armenidade: “ser armênio é ser estigmatizado pelo passado”. Nosso passado está na nossa pele. Isso é um peso e se for bem tratado é um combustível. Mas no meu caso, ser armênio é um motivo de muita alegria. Meu passado me dá uma herança milenar, num país maravilhoso como o Brasil que não me impede exercer isso. Eu posso torcer pelo Corinthians, mas tenho simpatia por outros times. Eu posso ser brasileiro até o último fio do cabelo, mas lutar pela causa dos meus avós. Isso é um motivo de muita alegria poder exercer a minha armenidade num país livre que me considera assim. Então eu sou muito alegre por ser descendente de armênios. A armenidade para mim é ser estigmatizado pelo passado, misturado com a alegria de poder vivenciar ela.

Se sentir armênio

Ser armênio é vivenciar a armenidade. Aliás, eu me senti armênio quando aprendi do meu avô, que me ensinou uma brincadeira que se fazia muito em casa e em várias outras casas de armênios. Quando a criança está muito turbulenta, na minha casa pelo menos, e vai acabar a novela ou o filme, e vai passar o letreiro. O avô dá um papel para a criança e fala: “Quantos armênios têm? Conta aí”. Mas ser armênio para mim é falar a língua. A língua é muito importante para nós. E lutar pela causa. Tem uma terceira vertente, no meu caso, que é o clube armênio, a minha segunda casa.

Ajudar o clube armênio, participar da vida do clube, que é um lugar ao qual tenho um carinho enorme. Ele ficou no meu passado com lembranças tão excelentes, marcas muito boas de morar tão perto de um lugar assim querido. Para mim um sábado à tarde, estar no clube é motivo de alegria. Então para mim é: militar a armenidade principalmente na causa armênia politicamente, cultivar a língua, falar e ajudar a comunidade no que posso: no meu caso o clube armênio.

Línguas faladas em família

Lá da minha família materna: um pouco de francês, muito pouco, turco e armênio. Do lado de meu pai: alemão, armênio, bastante inglês, e árabe, porque eles são de Egito. Agora, você tocou em algo que não tinha pensado. Meu avô falava umas palavras em francês e gostava de brincadeiras... isso pelo lado materno. E meu avô e minha avó maternos falavam muito bem o inglês, porque habitaram uma colônia inglesa. Meu pai fala muito bem inglês.

A língua turca no cotidiano familiar

Eu tomo contato com o turco por vários fatores. Eu falo um pouco, muito pouco. De onde vieram meus avós maternos, era uma região onde era proibido falar armênio. Os turcos pressionavam para não se falasse, apesar deles falarem muito bem o armênio porque aprendiam em casa. Então, os maternos falavam bem o turco. Mas era para as crianças não entenderem. O turco era uma língua secreta deles. Do lado de meu avô paterno, era um pouco mais difícil, porque era padre. Então, era inadmissível usar o turco. Mas também, tanto ele quando minha avó, quando queria falar algo pra gente

não entender, usava turco. Isso piora minha relação com os turcos. Porque para mim eu tinha que aceitar essa língua, e os caras falavam para eu não entender. Eu tive um avanço enorme na vida. De ter o meu amigo Eduardo Seronian, ele morreu. Edu é um irmão. Eu tenho o David que é meu irmão de sangue, querido. Mas o Edu é o meu irmão que a vida me deu e, o pai de ele meu tio Renato, era uma figura. Falava turco para caramba. Principalmente xingava em turco, que eu adorava! Então, aprendi um pouco com meu tio Renato. Chegava à minha casa e brigava com meu irmão em turco. Eu tive esse contato com a língua turca nessa segunda casa de meus tios, tia Betty e tio Renato, que são meus pais também. Frequentei sua casa desde os onze anos de idade até os dezesseis. Ia para lá nos finais de semana. Lembranças muito boas, lindas e legais. Ficávamos no futebol o dia todo. Bem da hora! Era de rolar de tanto rir, porque se explicava um palavrão e aí você rolava no tapete dando risada. Muito Legal! O árabe? Por incrível que pareça foi mais meu pai que meu avô. Meu pai fez colégio em inglês no Cairo. E ele tinha amigos árabes aqui em São Paulo. Tinha amigos libaneses, sírios; eles se encontravam e trocavam umas palavras árabes, só para cortar o gelo. Não ficavam falando em árabe, no concreto falavam português, alguns em inglês. Principalmente eu aprendi dos amigos de meu pai e de um padrinho, que inventava uma expressão em árabe para me chamar. Era muito engraçado! Pessoal muito gente fina... Meu padrinho, eu tenho saudade. Então é: de meu pai os amigos dele da colônia árabe e meu padrinho, sabia muito bem o árabe do Líbano. Também com a música, porque se escutava alguma ou outra música árabe em casa.

A região geográfica das Armênicas ancestral e atual: Europa ou Oriente Médio?

Eu tendo a acreditar que é o Oriente Médio. Não é o Oriente Médio islâmico. E, por que tenho convicção? É muito simples. Quando eu li O Povo sem Pátria Nações sem Território, era o começo dos anos oitenta. O mapa do mundo era totalmente diferente, e eu tive a coragem de fazer isso. Com onze anos dentro dos Estados Unidos, aparece um assessor da Casa Branca... Um assessor do governo Norte americano, com um conceito de grande de Oriente Médio. O Oriente Médio começa na Argélia, passa África e termina na fronteira de Cazaquistão. A isso lhe dá o nome do grande Oriente Médio. Um avião para fazer a curva para atacar a Síria, faz a curva quase na Armênia. Se não fosse o Oriente Médio... O Oriente Médio dos Armênios por ser uma nação milenar, seria ofensivo dizer que é o Oriente Médio arabizado. Por nós termos passado pela Síria e pela Turquia existe uma arabizarão de uma parcela da diáspora armênia. Essa singularidade não nasce pela proximidade física. Nasce por eles terem passado pela Síria, pelo Líbano, a Jordânia, Egito, e outros. Mas culturalmente é muito diferente; querer fazer uma amálgama. Regionalmente nós estamos no Oriente Médio. Isso de forma caleidoscópica, multifacetada, e dentro desse Oriente Médio cabe a cultura armênia também.

Sobre os armênios se reconhecerem como Europa? Eu acho que é mais uma temeridade cultural, do que uma resistência cultural. Porque se o Irã é Oriente Médio, Armênia também é oriente meio. Nós estamos a quilômetros da fronteira do Irã. Não há ideologia ou coisas imateriais que possa dizer que nós não somos. Então é mais um medo mesmo de ser assimilado a ser mais um povo do Oriente Médio e a os demais povos similares ao armênio. Digo similar por histórias parecidas. Acho que essa resistência é maior ainda porque os povos não tem Pátria, os assírios e os caldeus não tem país. Porém, se você se permitir se encaixar no Oriente Médio, você também não tem país. Talvez isso inste a ser investigada, essa resistência de se assumir como Oriente Médio.

Parentes armênios em outros países

Tenho sim, parentes diretos na Argentina, Nova Jersey, na França. Um pouco mais distantes na Armênia e no Líbano.

Tenho contato com os primos da minha mãe, de Córdoba. Os primos do meu pai de Buenos Aires, com eles sempre falo porque vou muito à Argentina, no mínimo quatro vezes ao ano, ou mais. A minha prima de Nova Jersey ela é viúva, falamos quase semanalmente. Meu primo da França, com ele é com quem tenho menos contato, é por sua personalidade tímida, mas nada que não permita que eu fale com ele por Skype, com um pouco mais de recursos. Não fala armênio, tentamos no francês.

Indo à Armênia

Eu vou ser sincero para você, na visita oficial fui para dar palestra na embaixada brasileira. Eu desembarquei e eu fiquei muito chateado. Na fila de desembarque tinha um camarada gigante. O cara gritou “quero passar rápido por aqui” e a guarda veio e o tirou da fila para ele passar. Eu pensei “Estou na Armênia há cinco minutos e já tem corrupção”. E isso piorou. Quando sai e fiquei na fila para passar na imigração e, tinha um rapaz do meu lado, com uma placa com meu nome. “Professor James da Armênia, eu sou o motorista e estou aqui para levar ao senhor a um hotel” - falou. “Sou um motorista da embaixada brasileira”. Aí perguntei para ele: mas como é que você dez para estar aqui dentro?- o rapaz respondeu, “é um esquema para entrar”. 10 minutos e duas coisas assim chocantes. Eu já estava com o senso crítico lá em cima. Me levou para um hotel, muito bom por certo. Entrei e e encontrei uns cartões russo. Aquilo foi fazendo com que eu ficasse mais nervoso. Mas fui dormir. Ao outro dia acordei e fiz meu trabalho. Participei do encontro, tentei passar da melhor forma possível, mas senti nada de emoção. Era Erevan, mas não era minha Armênia. Então, não me identifiquei com nada daquilo. Já no terceiro dia me levaram para fazer um passeio. Como eu não sou religioso, aquilo começou me tocar um pouco, saber que isso tem uma função importante na minha vida. Isso foi importante. Saí dali e me levarem num lugar a setenta quilômetros de Erevan, ao norte, onde íamos participar de uma reunião. Nessa reunião eu me senti membro de uma história de gente que luta. vale muito a pena, moraria lá fácil, amei. Tem uma identificação cultural, mas não me emocionou nada. Para ir embora o voo para Paris sai as cinco da manhã e, aquele aeroporto foi feito de sacanagem. Você sente que você vê a Ararat... Aí pegou... E falei eu sou daqui.

Os turcos

É porque eles também viraram pessoas muito aconchegantes, mas também não te dão conta de nosso passado comum. Era que nem meu avô quando era neto. Você se muda de casa porque seu vizinho brigou com você... de novo. Então isso mostra muito mais identificação com eles (com os avós), que com os armênios de armênia. Ninguém vai te falar isso, mas, eu te garanto que da minha geração quem viveu com os avós entendeu e, são os apátridas do lado ocidental.

“Turco” ofende?

Se ofende ser confundido com turco? Muito. É ofensa. Porque infelizmente no Brasil a migração foi feita com base em passaporte romano, então quem vem do interior de Roma, é tudo turco.

Se você para pra pensar, graças à comunidade Sírio-libanesa a gente passa a deixar de ser visto como turco. Porque eles conseguirem com muito afinco, com muita luta, se autoafirmar como sírio-libaneses. “¡Não, não, não! Não sou turco, sou libanês”. Não

tinha um cara na novela que falava isso? Eu acho que hoje são quinze milhões, segundo o IBGE Fagner, o cantor, é árabe, João Bosco é libanês ... Estão mais dentro da vida da gente, que o que a gente imagina. E os armênios entraram nessa amalgama. Mas, o fato do genocídio impera; ele transforma a situação numa situação imperiosa. Então, nós armênios devemos aos sírios e libaneses o fato de que hoje, a gente é muito pouco confundido. Graças a Deus, muito pouco.

Relações Armênia e Rússia

Uma dívida. É eu não tiro a razão aos armênios. Na Armênia, teve um dia que eu encontrei com um rapaz no trânsito Eu estava num taxi e ele do meu lado numa BMW com musica russa no último volume. E eu, para dar uma cutucada, falei uma frase. Ele colocou uma musica armênia, acelerou e foi embora, mas aí, no outro farol já tinha colocado a música russa de novo... Eu acho que sim, que tem uma dívida em relação a isso, no caso deles é de segurança, né?

Eu vejo uma coisa que a gente estava conversando, e eu fiquei com muito temor do futuro da Armênia, a hora que o bicho apertar a Armênia volta para a mão dos russos, então fica sendo um Estado russo... Está tudo encaminhando para isso, se a nossa política interna não se desenvolver. O que é uma questão dramaticamente complicada. Eu vejo muitos russos como... de novo nós vamos virar uma colônia russa ... Não sei dizer quanto isso vai afetar a diáspora.

Melhor que ter uma invasão? Sem dúvida. Eu acho que eles não vão conseguir atravessar a fronteira do Irã. Nós estamos guardados por causa disso. Mas, eu digo numa eventualidade maior, a discussão vai entrar no meio. Eu vou te falar uma coisa, mas não sei se estou certo: a Armênia seria para a Rússia o que a Hawaï é para os Estados Unidos: um território extraterritorial. Os havaianos tem a cultura deles, mas são americanos também. Dói muito falar isso... Dói muito, porque... Vai ter outra diáspora... Há outra diáspora e eu não posso ficar com isso... Você entendeu o que eu quis dizer? Há outros grupos que chegaram nos anos 90 que representam as novas diásporas... Eu sou um filho de otomano. Vai criar uma nova situação se os russos entrarem com muita força. Isso vai depender do pé da pegada deles, se eles ficarem na pegada pesada, a diáspora... Pode até florescer, mas nem a nossa nem a deles. Não na nossa linha de origem sírio-libanês-turca-grega. Vai ser mais oriental ainda. Porque eu os vejo com uma nova diáspora. Nós somos descendentes, temos de esse engajamento como eu falo, mas diáspora mesmo... O que passa com usar o termo diáspora; é que ela é dispersão de um povo, né? E o que nós somos é descendentes. Nós não nascemos lá.

Contudo, a Armênia não é menos hospedeira. O que ela é homogênea. Você sabe que na diplomacia, certos círculos veem muito mal a Armênia porque é muito homogêneo o país, não tem mistura. Então, alguns círculos intelectuais, mais ostentabilizados “você tem que olhar meu, eles não se misturam”. Na França se você pegar o Sarkozy, o pai dele não é francês, não é francês, é filho de imigrante e é Primeiro Ministro. São muito mais tolerantes... Se eu senti preconceito? Muito.

Armênia, diásporas e ações para o reconhecimento do genocídio

O ministério da diáspora tem sempre um trabalho extraordinário nesse sentido. Nós temos que nós pautar pelo ministério da diáspora para que o trabalho tenha continuidade. Porém, o ministério da diáspora faz um discurso amplo, generalista, sem levar em consideração as especificidades de cada uma das comunidades. O que os representantes do governo da Armênia estão esquecendo, especialmente aqui na América do Sul, é que cada lugar tem sua especificidade. Portanto, do que foi tirado de lá, dos cem anos lá na Armênia, para cá tem que ser visto como adaptações, sendo de

que Armênia é um país pobre. Então não há como você fazer aquele projeto todo que o ministério da diáspora criou. Do ponto de vista de divulgação, sim. Mas do ponto de vista operacional, muito difícil. E como é que se comemoram cem anos de um genocídio? Estão se fazendo coisas sem fazer essa pergunta principal, necessária. Eu tenho uma visão muito clara. Cem anos de genocídio se comemora, ocupando as embaixadas todas turcas, no meio de tudo, ao mesmo tempo. Eles estão, não sei por que, organizando concertos na cidade de São Paulo, balões pela cidade. Eu não vejo eficácia a não se de agradar a meus semelhantes. Quem vai num concerto na cidade de São Paulo? Isso eu bem sei. Um intelectual que já sabe, já conhece; ou seus pares na universidade “chamaremos o Élson, mandamos convite para ele”, isso exemplificando, né? Para o mundo pode ser que não seja Armênia, seja um concerto numa sala de São Paulo. Faz pouco, que uma portuguesa começou a fazer uma exposição de vinhos e conhaques da Armênia para rememorar o genocídio... É contra os meus princípios, eu não participo disso.

Uma pauta comum para a causa armênia

Para o governo da Armênia, a causa armênia é uma casca de proteção. ...está sofrendo ataques. Ele está na fronteira, disposto a negociar, amenizando varias vezes, e de qualquer jeito negociar. Protocolo para lá, protocolo para cá. Só não negociarem cumprindo uma parte discutida na mesa aqui na diáspora, mandando eles a... É assim, eu me orgulho muito de ser... por causa disso. Porque a gente não tem medo, que se... nós vamos para cima. E assim quando a gente jura em cima da arma a gente jura fazer isso! E não deixar isso acontecer! Mas eles têm essa tendência, pode falar o que ele quiser, fazer jogo de cena, mas ele... Convidou a... para assistir um jogo de futebol... Ele tirou o monte Ararat do símbolo daquele jogo, do estandarte. Ele falou, só vou se você tirar do estandarte o símbolo do Ararat e, ele tirou. Então, um governo que se presta a isso não é confiável nem seus representantes. Eu não confio em nenhum embaixador da Armênia na diáspora. Eles obedecem cegamente ao governo da Armênia porque são funcionários, não poderia ser diferente. Mas, eles estão a serviço de oportunidades para romper barreiras econômicas e esquecer a nossa história...

Uma parcela da UGAB... se aderiu a eles... não todos, uma parcela. Por quê? Muito ofendidos os jovens, a verdade é essa, quem foi atingido pelo genocídio vai enfrentar a diáspora. Não os caras que estão na Síria. Lá do genocídio pouco chegou.

Então também quem tem família em Ierevan região, há 200 anos pouco viu...

Outra coisa que muito seria é que ali existe também... Eu diria... Político vai. A constituição do material do genocídio. E a manifestação da Armênia soviética pedindo o reconhecimento do genocídio em 65 foi instrumentalizada pelos russos para atacar a Turquia que era aliada da OTAN. Então nós seguimos vindo como isso aconteceu dentro do contexto da Guerra Fria. Não foi espontâneo do povo quando saiu nas ruas gritando. A juventude política foi muito bem orientada por Moscou. Tinha essa demanda? Lógico que tinha. São armênios, eu tenho certeza que eles sentem, mas, o sentir deles é diferente que o sentir nosso. O sentir deles tem um lado burocrático, estadista. O sentir deles tem um lado...

Nesse sentido a simbologia é diferente. Por isso é que eu não confio em nenhum embaixador. Se tem uma informação de primeira mão eles guardam bem.

Novas diásporas

Nos anos 90, eles vinham para cá e ficavam abismados. “Caramba!” Tem vida aqui. Nos anos 2000 veio menos. Os que têm vindo nos últimos anos, chegam... “oh! E aí?” A diáspora teve pouquíssima efetividade para o conforto da população. A diáspora por

sorte teve um papel muito importante na guerra do Kharapah A diáspora teve um papel muito importante no terremoto. A diáspora teve muita importância nos protocolos. Mas a mentalidade progressista ocidental não conseguiu se estabelecer. E isso para eles... O que eu tenho visto são muitos jovens armênios e armênicas que moram em Nova York, no Rio de Janeiro. Como o executivo de uma empresa norte americana, nasceu na Armênia, foi para os Estados Unidos. Lá viraram... exóticos, quase como judeus...

E Teve também uma família aqui que o cara foi para Armênia, abriu um negócio, ganhou um dinheiro, mas não é tudo... Paga-se uma taxa de juros de 7% ao mês que em nenhum lugar do mundo paga...

E nós vamos a ter que aprender a viver com essa nova modalidade (de diáspora).

É a nova armenidade. Nós estamos nos transformando nos netos dos italianos. Não precisamos falar italiano, não precisamos passaporte italiano, mas a festa do clube dá para pegar.

“Armenidade” e instituições

Os armênios se negam a fazer uma leitura da armenidade. Assim as instituições são muito frágeis. Faço parte de um partido político faz 124 anos, que com sorte tem se modernizado na medida do possível. Nossas instituições são instituições decadentes. Nós não acompanhamos o mundo. Na hora que o mundo percebeu das ONGS. Nós não, nós não somos homens de ONGS com apelos mais direitos. Nós mantivemos as mesmas estruturas de sempre. Tem uma historia muito linda, e que vai se apagar, a diáspora vai se apagar em 30 anos. Entre 30 e 40 anos. O armênio ocidental desaparece ou permanece. As instituições armênicas se desvinculam das administrações. Muitas igrejas fecham, o patrimônio vai ser vendido e vai ser enviado para a Armênia. Eu penso isso hoje. Amanhã, em São Paulo, eu posso te ligar e dizer: mudou tudo, novos fatos. Mas eu torço por isso. As condições dadas hoje...

Se o FRA é o partido das comunidades formadas a partir da grande diáspora? Ainda é. A política mergulha muito. Os poucos que ficaram são muito aderidos, mais muito, não esmorecem. Você chama... que tem uma reunião as 3 três da manhã e ele esta pronto. A maioria, né? Tem uma minoria que não é mais assim, mas a maioria...

Quanto filiados hoje?

Quando começou a diáspora... “nos vamos criar uma Pátria na diáspora” diz uma instituição que entrou em baixo do partido para criar a Pátria assistencial. Três professores de educação física de Istambul formaram a parte esportiva... então, tudo isso está sob a bandeira do partido, a Fundação Revolucionária Armênia. Se você quiser contar o que somos nós em números, se você fala dos afiliados no mundo todo. Eu citaria entre 30 e 40 mil filiados. Porém, se somar as grandes famílias que nós criamos. Que os dirigentes antigos criaram... representa... eu diria que um milhão são de... Nem tudo é do partido. É simpatizante, mas não entra no partido. Os dirigentes são o mesmo, nem todos são do partido, mas são simpatizantes. E a mesma coisa com todos. Quantos de 30 a 40 anos?

Dez mil.

E na América eles são muito fortes. Eles são muito espertos na América. Em outro sentido eles modernizaram muitas instituições e, por ser uma comunidade grande, tem um fundo muito forte de dinheiro: dois canais de TV, um jornal que aparece, um diário de trinta páginas em armênio. Pela internet... O partido hoje, pelo outro dado que a gente falou, ele tem 20 colégios no mundo todo... Na Armênia não temos os colégios, é proibido. Na Argentina tem um colégio grande que é o premiado. Fica fora de Buenos

Aires, a uns 40 minutos. Lá é onde tem uma grande comunidade. Hoje o colégio é meio a meio. Metade da população argentina, metade da população armênia. Por quê? Porque nós prestamos um serviço para o país que nos recebeu. E muito bonita essa história... muito bonita. É tão rico esse bairro do Bernal, lá tem uma União da Juventude Armênia. Uma das filiais lá. 20-30 jovens do partido que se organizam, e o amigo deles que não é armênio sempre interagiu nas lutas. Há uns anos atrás nós tivemos uma surpresa, que esse amigo pediu participar na associação sem ser armênio.

UGAB e FRA-Dashnag

Foi muito triste o que aconteceu no Uruguai, as instituições tomaram na cabeça. Tanto lá a UGAB e o nosso sofreu lapidadas dos próprios dirigentes. Então vamos fazer isso. Vamos nos juntar porque, já levaram de nós dois mesmos... assim que tem que ser, nós temos que nos unir. É uma mágoa muito grande dos caras da UGAB, que eles chamam a gente de... Eles são o poder... Tem uma questão ali de dicotomia rural urbana, das terras de origem. É. A UGAB negociava a vida na cidade. A origem está aí. O governo não existe, a verdade é uma pena. A UGAB talvez já tenha sido mais importante do que o governo. Hoje não, é só fachada. A UGAB é fantástica. É a instituição do ponto de vista de... que teve a maior efetividade em relação a Armênia. Ao país... o FRA logrou sobreviver para não deixar a causa morrer. Eles sobreviveram para ajudar a Armênia. Nós sobrevivemos para não deixar a causa morrer. São visões políticas. A UGAB é a entidade que tem dentro dela outros partidos. E na década de 60 e 70, do que eles acusavam a gente? De sermos nacionalistas, nazistas, porque a gente era contra a União Soviética. Repare que paradoxo: os burgueses ricos eram a favor do regime soviético e nós que éramos socialistas éramos contra. Porque para nós vinha primeiro a questão da liberdade. Por isso eles nos chamavam de nazistas.

ASALÁ

Asalá nasceu com um grupo de jovens descontentes como os partidos antigos. É um terceiro. Vinculada à esquerda do movimento Palestino. Ela foi criada dentro da esquerda do movimento Palestino. Por nosso lado, nós tínhamos a ARA, que se identificou em instâncias turcas, enquanto a Asalá eram os alvos imperialistas. Algumas empresas aéreas que apoiavam a Turquia, nós éramos só os turcos. Sendo que das muitas histórias, a mais famosa é de Lisboa... decidiram que a causa estava sendo esquecida, necessitava de um evento para chamar a atenção do mundo para que a causa não fosse esquecida. A decisão que eles tomaram foi a de entregar a própria vida deles... e acabaram se tornando heróis. A minha idade, todos eles tinham a nossa idade, era para estarem aqui hoje, então, o estado turco é o culpado pela morte deles... foram eles que procuraram e o governo não quis negociar... os da minha geração sabiam que eles eram heróis... mas foi um momento, eu diria que esses momentos de libertação da história armênia foram didáticos, muito sintomáticos. Porque não ficamos esperando acontecer. A geração de hoje, ela é espelhada nesses movimentos. Os jovens que nós temos hoje nas linhas de imprensa foram criados por esses caras, e um deles...

E eu posso estar redondamente enganado. Mas a Armênia não vai ser o receptáculo do Armênio do Líbano quando a guerra estiver ali. Talvez as terras dos militares, sirvam para os armênios de Oriente Médio que não se adaptarem ao lado da Armênia de... poderem ocupar. Isso é um delírio o que eu te estou falando nas condições de hoje em dia, mas pensemos em kibutz. Você não vai apresentar um modelo aos armênios perdidos no mundo, para virem. O que nós estamos fazendo é entregá-los para um país que não é deles.

Ativismo

Leve em conta este na sua pesquisa: eu luto por justiça, eu luto pela minha comunidade. Se é para resgatar os traços culturais eu estou feliz da vida. Mas eu também luto por um país que não me reconhece ou, se me reconhece, me vê do lado tributarista. Então eu tenho que lutar, só que elegi politicamente. Mas na política, todos nós temos um limite de atuação, aonde não preciso ficar abaixando a cabeça para todas as bandeiras. Existe um limite. E eu sinto que meu partido está me levando ao limite. E nós não vamos pestanejar. Tenho a impressão que vai ser antes do que você imagina. Botar eles em seu devido lugar. E fazer uma oposição boa, não violenta, honesta, mas ela vai pedir para largar da barra da causa deles. Eles não dão respostas efetivas à armenidade. Pergunta feita ao atual embaixador da Armênia no Brasil sobre o que o governo da Armênia está fazendo para deter a saída de armênios do país. A resposta foi: “Armênia é um país livre, não pode deter ninguém.”

O país Armênia e os descendentes da grande diáspora

A Armênia está se descobrindo como nação. São duas dissociações muito grandes. Nós somos dissociados a nossa Pátria por causa do genocídio. E isso é muito doloroso. Nós somos dissociados de nossa Pátria pelo modelo armênio. E é muito ruim ter aqueles que se acham muito armênios, incluindo meu partido...

4. Lucia Helena Barsumian

Abril/2015

**“Acho que a solidão me fez retornar à comunidade armênia”
“O lugar mais acolhedor é a igreja”**

Sou secretária, tenho 40 anos de idade e nasci em São Paulo, capital. Os meus avós paternos são de origem armênia. Ambos, avô e avó, são de Marash. Tenho parentes de descendência armênia em São Paulo. Minha única tia sobrevivente, irmã do meu pai, mora na cidade de São Paulo. Ela tem 90 anos e se chama Maria. O sobrenome de casada dela eu não me recordo... Seria Maria Barsumian. Eu não lembro. O meu irmão também mora em São Paulo E o resto da minha família, meus três primos de primeiro grau e os meus sobrinhos moram em Osasco, no bairro de Presidente Altino. Eu também tenho descendência italiana por parte de mãe.

Parentes em outros países

Com a internet, eu descobri que tenho o Andrés Barsumian, em Caracas. O Fabio no Uruguai. Fabio Barsumian que faleceu... Fiquei sabendo que faleceu no ano passado, infelizmente. O Juan Carlos na Áustria. Esses são os que eu converso pela internet. E nos Estados Unidos, também, tem uns primos... Texas... o Bob Barsumian, o Todd Barsumian, a Jane Barsumian. E por esses primos que eu converso via internet, a gente descobriu que também tem alguns Barsumians no Líbano.

Amigos armênios e busca da comunidade

Praticamente 99% dos meus amigos são de origem armênia. Eles estão em São Paulo, Osasco, na internet. Também tenho alguns amigos em Ierevan, Armênia. Às vezes eles me ligam. É muito interessante que os da Armênia lembram a data do meu aniversário, ligam todo aniversário. Esses da Armênia eu tenho contato há uns quatro anos e nós nos tratamos por primos, nos sentimos parentes.

Com os amigos de São Paulo eu comecei a me relacionar de uns 6 anos para cá. Porque foi assim... Eu fui casada e meu marido não era armênio, então eu perdi o contato. Ele, de certa forma me isolou da comunidade, até da minha família. E depois que me divorciei, eu vi uma necessidade... não sei explicar... "Ah! Eu vou procurar os meus primos, vou procurar a minha família...". Aí, já tinha perdido o meu pai, as minhas tias, mas... Aí que eu percebi que faltava isso pra mim. Talvez para me manter em pé. Voltar à armenidade. Voltar ao que eu sou, e eu não sabia, porque eu casei muito nova, então... Eu não sei explicar. A solidão, talvez... Procurar a minha família... Porque como eu casei com 19 anos, e eu fiquei 17 anos casada ... e pensei na minha família. Tem a minha mãe, meu irmão. O meu irmão é casado. Assim, vive isolado da gente... Eu e meu filho, eu falei "não, eu tenho família". Agora, ele me proibia de frequentar a família, a busca pela minha identidade. Então, eu não sei dizer, assim, dentro de mim dizia "procura a tua família, se una", sabe? Eu acho que foi a solidão. Hoje eu frequento o Clube Armênio. Eu comecei ir à igreja apostólica armênia, às missas todos os domingos. Isso tem me feito muito bem. Quando eu era criança, eu ia às missas com a minha tia, irmã do meu pai. Ia com o meu pai. Fui com o meu pai algumas vezes. Então foi automático.

Ah! E também... ainda no final do meu casamento, eu quis estudar armênio... Esqueci esse ponto principal, e que eu não sabia falar... Eu queria aprender a ler e a escrever. E como eu já não tinha pai, as minhas tias... A minha tia Maria, ela já tem certa idade,

ainda, ela é surda, então fica difícil, né? E fui fazer os cursos de extensão na USP. E o meu primeiro curso foi "alfabetização" com a Sandra Palomo. E foi daí que ressurgiu, que eu percebi essa coisa armênia dentro de mim. A necessidade... e é isso.

Língua armênia e comunicação familiar

Os meus avós eu não conheci. Eles faleceram antes de eu nascer. Mas as minhas tias e o meu pai sempre conversaram em armênio.

Quando eu era criança só aprendi palavras com os meus primos. Os meus primos, já eram bem mais velhos, então eles tinham filhos que, no caso, seriam a segunda geração igual o meu filho. Só que, hoje em dia, o meu filho... vai fazer 20 anos, os que seriam primos de primeiro grau dele seriam... tem 20 e pouco, 30 e pouco, então, são mais velhos... Então, nossos primos de primeiro grau são mais velhos que nós. No meu caso, essas crianças falavam... ouviam os pais falando, e me ensinaram depois, aí a gente só falava besteira. Mas não que eu não entendia, não sabia qual que era o rumo das conversas dos adultos. Se eles estavam xingando alguém ou não. A gente achava muito engraçado falar palavra em armênio. Então ficava aquela coisa, né? De um xingando o outro. Mas a parte adulta, eu não sei... Tanto é que eu fiz questão de procurar entender, estudar... porque eu não me conformava. Eles estão falando uma língua e... também assim... Como os meus pais eram separados, então, eu não tive um contato desde cedo, assim, todo dia com a língua armênia. E aí, só depois com 34, 35 anos que eu tomei essa decisão de aprender. Que também não sei nada, se for ver... Sinto muita falta do pai, das minhas tias... Hoje em dia seria muito bom poder conversar.

Memórias familiares

O meu avô era sapateiro, tanto é que veio para o Brasil, tinha fábrica de sapato. Eu sei que era no bairro do Imirim. Meu avô se chamava Levon Barsumian, e a minha avó era Arusiak Barsumian.

O meu pai era arquiteto, só que trabalhava com... Ele tinha uma loja em Santana de gravação de prata e charutaria. Na época que eu nasci e um pouco depois. Antes eu não sei se ele exercia a função de arquiteto...

Eu tenho um tio que faleceu, e deixou os meus primos, o Roberto e o Renê, muito jovens, e a minha tia Santur que criou eles... Essa minha tia era da comunidade de Osasco. Ela e o tio Hrant Haroutiounian E a tia Helena sempre morou em São Paulo. Tinha uma relojoaria com o tio Arbis. A tia Helena também é falecida. E a tia Maria, igual a minha tia, casou e criou os filhos, a família, só porque também ficou viúva. Esse tio que faleceu, eu não sei o nome, porque, também, não era nascida na época.

Preparação de um casamento armênio

Sim um "hoscap". Nossa, eu fiquei revoltadíssima. Eu deixei de frequentar a casa dos meus tios. Eu... Eu acho que eu tinha uns 15 anos... 14. Acho que uns 14. Eu frequentava a casa da minha tia... Tia Santur em Osasco, no fim de semana. Nossa, eu adorava. E ela veio com um papo, na época, "ah, Lucinha, a gente vai te levar numa festa". Eu ainda não tinha 15 anos, não. Tinha uns 13, 14. Eu falei "festa, aniversário...", "não, é uma festa, você vai se arrumar que você vai conhecer o seu namorado". "Como assim, o meu namorado?". Naquela época, assim, eu comecei... Bom, eu namorei o meu marido, foi o meu primeiro namorado, então não tinha essa coisa naquela época. Eu ainda, sei lá, brincava de boneca. Eu me revoltei, vim embora.... Ele era armênio. Então, ele viria da Armênia para cá com esse intuito de se casar ou já estava, né? Na família... e eu não quis. Assim, sinceramente, eu me arrependo amargamente, sabe, de não ter deixado seguir esse rumo da vida.

Se aparecesse um pretendente armênio hoje em dia? Ah, com certeza. Gostaria de alguém que... Todo mundo fala "ah, porque...". Bom, tem gente que fala "você está velha, você tem filho, ninguém vai te querer, nem armênio, brasileiro ... Mas, assim, um companheiro armênio pra poder ir às missas comigo, ao clube, aos eventos... ter as mesmas ideias que eu... Porém preferência, não totalmente. Porque eu não quero um mais um buraco na minha vida. Não é por mal, sabe? Eu acho que eu deveria ter ouvido a minha tia com 13, 14 anos de idade.

As memórias indiretas do genocídio

Então, o meu pai enquanto vivo contava e a minha mãe também me conta essa história. O meu primo Carlinhos, de Osasco, filho da tia Santur. Eles sempre falaram pra mim, desde criança, que os meus bisavós eles morreram queimados na igreja, no genocídio. E o meu avô tinha uma família que morreram todos. Ele era bem jovem. E ele só não foi para a igreja, porque ele foi jogar gamão... alguma coisa assim. Jogava. Só sobrou ele. E ele conheceu a minha avó na... acho que fugindo... Só que eu não sei, ninguém me fala, porque acho que só essa minha tia e esse meu primo tem essas informações, documentos... E como que foi, assim. Por onde eles passaram fugindo... Eu sei que eles se conheceram na fuga, e constituíram... quer dizer, ficaram juntos, né... Não sei, então. Pra algum lugar eles foram... porque a tia Maria, ela já veio para o Brasil de outro país. Ela não nasceu no Brasil. Só os outros irmãos. O meu pai, o meu tio e as minhas duas tias, as outras tias. E... e foi assim. Aí eu sei que... A minha mãe me conta uma história que eles vieram pra... Eles moraram na beira da... não sei o nome... É do lado da Ladeira Porto Geral, da 25 de março. Moraram quando o meu pai era criança. Até que minha mãe conta que o meu pai quando conheceu ela, falou que foi atropelado ali, naquela ladeira e quase morreu. E, depois, já jovem, ainda com o meu avô, veio para Santana, trabalhava como sapateiro no Imirim. Tinha uma fabriquinha no interior de... deve ser uma fábrica pequena, não sei... E moravam na Amaral Gama. Quando a minha mãe conheceu o meu pai, ele morava na Rua Amaral Gama, em Santana, com os meus avós. Sobre a minha tia... A minha tia Santur não sei como ela conheceu o meu tio com quem se casou. E eu acho que ele já devia ser de Osasco, então ela foi morar pra lá. Era a única tia que morava em Osasco.

O que foi o Genocídio

O meu sentimento... Em primeiro lugar, de tristeza profunda e ódio, porque, independe que foi o meu povo, poderia ser qualquer outro, um crime bárbaro, assim, contra a humanidade. Muita tristeza e muito ódio.

E a Turquia não reconhece, né? Nega. Não entendo por que negar uma coisa que foi feita, e alguns países como o Brasil não reconhecer. E... é muita tristeza, é muita mágoa. Eles... Agora os mártires viraram santos. As almas se libertaram de alguma forma, mas tem que ter justiça, né? Não é certo... Assim, meu ódio eterno em relação aos turcos, tanto é que as pessoas, às vezes, me recriminam que tem certas coisas que não se deve falar, mas turco bom é turco morto. Pra mim não se pode tirar esse sentimento de mim.

Se ofende ser chamada de turca,? Muito. Talvez pela ignorância do povo, assim. Mas há tempos atrás, assim... "ah, turco". É muita ofensa. Muita raiva. Ser confundida com turca não alivia, ofende também.

Tudo bem as pessoas... Tem muita gente que até hoje em dia não sabia sobre o genocídio, não entendia. Ouve o que os turcos falavam na história. Tanto é que você coloca na internet tem a parte turca brigando, metendo pau, mas, então... tem gente, parte da população, eu digo, brasileira que eu vejo, assim, conhecidos... "tá, se vocês

ficam lutando por uma coisa que foi há tantos anos atrás...". Mas poderia ser com qualquer povo, poderia ser hoje, em algum lugar. E aí, então, "ah, é tudo turca. É tudo farinha do mesmo saco". Não. Turco bom é turco morto.

Reparação

Pra começar, a Turquia assumindo o genocídio. Confessar esse crime e devolver as terras. O Monte Ararat. As terras do povo armênio... Indenizar as famílias, porque o sofrimento vai além da perda de todas essas pessoas. O sofrimento que gerou os sobreviventes, e com memória...

Eu acho que os turcos hoje vivem... Atualmente, eles devem viver com medo. Tem gente que fala que o Império Otomano não tem nada a ver com os turcos de hoje em dia. Pra mim é a mesma coisa. Eles já nascem, crescem e aprendem a viver com aquele ódio antigo.

E os armênios da Armênia, eu acho que eles vivem com sentimento de justiça, querendo justiça.

Armenidade e vida na comunidade

O que é ser armênia? Não sei se... o que eu penso, assim, o que é ser armênia. Eu sou armênia. Me sinto num... pode parecer uma coisa meio nacionalista, mas, não é o caso. Mas, assim, a força, a garra que eu tenho e que eu lembro o que os meus ancestrais passaram, os meus avós. Tem uma força dentro de mim inexplicável. Tem também as características físicas, acho que a sobrancelha, o nariz e... Mas em relação a sentimento, assim, a força, a luta, a vontade de lutar, assim.

Eu acho que a identidade dos armênios e descendentes está ligada ao genocídio. E a igreja. Isso. Genocídio, primeiro, e igreja apostólica. E Eu só fui umas duas vezes na igreja evangélica, numa comemoração e, também, para conhecer. Duas, duas vezes.

Noto que os membros da comunidade que frequentam o Sama, que frequentam a UGAB, eles se encontram nas igrejas. Também há quem frequente igrejas diferentes e, na hora das celebrações, no Sama ou em outras partes, essas pessoas costumam se encontrar lá. Essa comunidade, de certa forma, ela é coesa.

Os grupos que eu... Bom, começar pela USP. Fui muito bem recebida por você, Silvia Jan, pela Lusine, pela Sandra e pelo Sarkis... É... Fui muito bem recebida. E mantenho, assim, esse vínculo com vocês até hoje, e espero sim, pro resto da minha vida.

E a igreja, assim, fui encontrando amigos dos meus tios, do meu pai, conhecidos. E pergunta "qual que é o seu ian?", e você fala e, "ah, eu conheci seu pai, eu conhecia a sua tia". Aí você acaba fazendo uma amizade. Mas, assim, no geral é muito acolhedor.

O lugar mais acolhedor é a igreja. Depois da USP, a igreja. O clube, os eventos que eu vou. Mas eu acho que... É vou falar assim, a igreja, assim, mas a igreja, pra mim, é o lugar mais acolhedor, mais... É um acolhimento bom. Sim.

A Armênia como sonho e destino

Sobre o Brasil? Eu sou brasileira, em primeiro lugar. Eu nasci aqui, mas não gosto da cultura daqui. Não gosto... Não me sinto bem. Eu me sinto perdida. Apesar de ter nascido aqui. Eu acho que essa busca só vai terminar no dia que eu conhecer a terra dos meus avós. Só vou ter paz, vou poder conhecer, realmente. E parece que cada dia que passa a vontade, a força... E é engraçado que a armenidade... Muita gente pode falar que estou falando besteira, mas tem me dado uma força, pra mim, pra Lucia Helena... da minha vida, assim. Do meu dia a dia, dos meus problemas. Tem me dado muita força de enfrentar, e eu sei que eu tenho capacidade, e eu vou conseguir. E antes, quando, por exemplo, eu era casada, e eu... Sabe, parece que tinha alguma coisa

apagada dentro de mim. E agora sim, eu tenho uma força que eu sei que eu vou conseguir esse meu sonho de ir para a Armênia. Um dia, quem sabe, morar lá, em qualquer região da Armênia. E se, hoje eu fosse pra Armênia, eu iria para as cidades armênias que foram tomadas pela Turquia.

Eu preferiria viver a Armênia. Eu não sei, tem uma coisa assim, dentro de mim que, eu não sei se é alguma coisa ancestral, se... Eu sinto necessidade de conhecer a Armênia, sim. Eu acho que eu gostaria de terminar os meus dias lá, sinceramente. E, talvez, conhecer o Líbano, porque tenho alguns parentes por lá.

Onde fica a “minha Armênia ancestral”? Seria a antiga Pérsia.

5. Nairi Chahinian Apovian (aguardo versão aprovada)

Novembro/ 2014

Meu nome é Nairi Chahinian de solteira, Apovian de casada, tenho 60 anos. Cidade de nascimento? Eu sou nascida em Alepo, infelizmente uma terra de tantos acontecimentos de agora, na Síria. E moro no Brasil há quase 50 anos. Vim pequena com a minha família e, praticamente, fiz todo o resto do meu estudo aqui. Eu sou formada administração de empresas. E trabalho, sempre trabalhei, sempre convivi no meio armênio, aqui em São Paulo. Meus pais sempre foram muito engajados. Desde pequena eu sei que eles frequentavam. Em Alepo já pertenciam à União Geral Armênia de Beneficência. Eu frequentei a escola da UGAB até os meus 9 anos, e quando eu vim pro Brasil fiz escola armênia, e continuei nos estudos em colégios locais.

Outras ascendências e descendências na família

Não. Eu não conheço. Todos de origem armênia até onde a gente sabe... Eu tenho dois filhos solteiros.

Da nacionalidade síria para a brasileira

A Síria parece que não aceita dupla nacionalidade. Não sei como está agora. Na época, uma vez brasileira, você não tinha mais a cidadania síria. Não sei como está agora. Eu tenho o meu passaporte antigo que não...Sem uso. Nunca mais usei. Até a década de 1970 eu usava. Agora só brasileiro. Fiz toda a documentação brasileira sem problemas.

França

Meus filhos, eles têm... meu marido, como pai dele era francês, armênio-francês que saiu da época do... ele sofreu o genocídio, foi órfão do genocídio, se estabeleceu mais tarde, jovem, na França. Ele lutou inclusive no exército francês, ele teve cidadania francesa, ele é falecido agora. Meu marido tem e meus filhos também têm. Então, eles têm dupla cidadania, francesa e brasileira. Meu marido é francês e brasileiro. Meus filhos também.

Marash, Alepo e ...Brasil

Agora os meus pais foram... Meu pai, ele não foi órfão, graças a Deus, a família dele conseguiu sair toda de Marash, se estabeleceu na Síria, pequeno. Então, ele era de nascimento do Império Turco de Marash, do Império Otomano, e depois sírio. E a minha mãe era nascida em Alepo, mesmo. E mais tarde brasileiros. Se naturalizaram.

1960: armênios na Síria

Eu gostaria só de comentar, você falou deles, eu acho uma coisa interessante. Você falou deles, como é que eles fizeram... como era natural essa nossa condição de armênios na Síria. Meu pai, pelo fato de ser muito próximo ao mundo armênio, à comunidade armênia, o amor à cultura armênia... Quando a Armênia abriu as suas ligações com a União Soviética... abriu as suas ligações culturais, primeiramente, com os outros países, um dos primeiros países foi a Síria e o Líbano. E eles fizeram, isso eu lembro, uma das minhas primeiras memórias, eles fizeram... havia um grupo de danças nacionais, o Kohar... orquestra sinfônica e de dança, de bailado, de coro, e foram um dos primeiros turnês, se não foi o primeiro, foi em Alepo. Isso em 1960, 61, 62. Era uma turnê mundial que eles fizeram e houve também aqui no Brasil uns 2 a 3 anos atrás. E foi assim, uma coisa que veio... Teve três apresentações de Kohar em Alepo. Foi

reservado um lugar mais ou menos parecido com o Anhembi para a época, um lugar de exposições enormes para ter a apresentação num número maior possível para a comunidade armênia. Aquilo foi assim uma coisa que foi falado nas famílias todas, queriam vir, enfim... eram um grupo de 150, 200 participantes. E, eu, pequena, não sabia, só escutava eles falando, e meu pai tinha conseguido convite para todos os dias, para levar a família toda, enfim... A família dele, os pais, irmão, primos... Era uma coisa assim muito grandiosa. E quando foi chegando a data e os convites começaram a ficar mais difíceis, as pessoas não conseguiam e tal, meu pai tinha um amor tão grande pela coisa, que eu lembro que, por um lado foi uma frustração para mim, mas eu tenho orgulho em lembrar como meu pai tinha interesses em fazer com que mais pessoas frequentassem ou conhecessem... enfim... tinham famílias armênias, digamos, mais carentes que não tinha aquela mesma facilidade em conseguir os ingressos. Eu lembro que na apresentação que eu iria estar em uma das noites, ou à tarde, não sei como foi, ele comentando pra minha mãe "a nossa filha", meus irmãos mais velhos foram, eu era muito pequena na época, talvez tivesse 5, 6 ou 7 anos, "ela não vai curtir tanto quanto a senhora tal", que era uma família mais simples e os filhos trabalhavam com o meu pai. Ele falou "não, eu vou levar essa senhora que vai ser muito mais útil do que ela". E eu acabei ficando em casa. Não me levaram. Aquilo por um lado foi muito triste pra mim, porque eu fui deixada de lado, mas eu lembro que o interesse dele era muito maior, era uma coisa assim, sabe... Ele sempre teve essa, esse interesse em levar o benefício que é a armenidade, a coisa boa da armenidade para todo o mundo e não só para o restrito à sua família, enfim... É uma coisa, assim...

É uma coisa que eu sempre tenho em mente. Como a vontade dele era sempre muito grande, sabe? Não alguma coisa restrita a sua família... enfim... a sua pessoa ou ao seu mundo e, sim, pra um mundo maior. Pra levar a coisa para os armênios em geral. Se ele conseguisse mais uma alma para os armênios, ele estava muito feliz. Eu acho que isso aí é sempre uma coisa que me marcou muito. E sim, eu vi o Kohar aqui em São Paulo.

Conhecimento de línguas

Além do armênio e do português? Como eu vim pequena, o árabe não ficou tão forte em mim... Eu tenho conhecimento. O alfabeto e algumas palavras, mas na minha época o árabe ainda não era tão forte. Quando eu era pequena, convivia no meio de famílias armênias. A televisão não era tão frequente dentro das casas na época. O francês, na época, ainda era mais forte nas famílias. Então eu não domino, mas eu tenho noções... Compreendo bem. E o inglês fiz só aqui no Brasil mesmo. Mas lá, com 9 anos eu já era alfabetizada em armênio, inglês e árabe. Eu tenho os caderninhos meus de pequena. Pelo menos os alfabetos todos eu tinha domínio. O armênio, claro. Sim, é uma característica das populações do Oriente Médio... Entrei com 3 anos. Então era maternal. Maternal você entrava com 3 anos até os 6 anos que a gente passa para o primeiro grau, era só o armênio. Quando começou a alfabetização propriamente dita, aos 6 anos, entrou o árabe, e logo após o segundo ano já entrou o inglês. Então, vamos dizer no pré entrou o árabe, no primeiro, segundo e terceiro ano já era árabe, armênio e inglês.

Língua familiar

Com meus pais e os irmãos, era 100% armênio.

Com o marido, hoje em dia? No meu caso foi diferente, porque eu conheci o meu marido, ele é de ascendência armênia também, apesar de nascido aqui, mas de pais armênios. Nós nos conhecemos no meio dos jovens armênios daqui, da UGAB, aliás, e

falando em português, assim como se falava com todos os outros. Como ele, na família dele, também falava armênio, depois que casamos aquilo que foi, mais ou menos, automaticamente, foi virando para o armênio, porque nas famílias, se visitava um e um, e outro falava-se armênio. E aí, quando ia nascer o meu filho, foi uma decisão nossa mesmo, de realmente ficar falando em armênio porque pra criança a gente sabe que o que entra... O português iria vir automaticamente em todos os meios, estava morando no Brasil. Mas o armênio, não. Teria que ser em casa. E meu filho quando entrou na escolinha primeira, com 1 ano e meio, antes dos 2 anos, muita gente falou pra mim "mas como você vai colocar numa escola, numa escolinha maternal sem ele falar português?", "ah, se ele precisar de um copo de água, como é que vai fazer?", mas eu falava "poxa, mas tem um monte de crianças que estão entrando junto com ele, e não sabem falar português". Ele por acaso, ele já era um pouquinho mais adiantado, falava um pouco em armênio. E os outros que não sabem falar nem em português, como é que vão fazer? Vão chorar e se virar... Sabe... e foi assim, quer dizer, o armênio não foi um impeditivo, assim como os outros aprenderam, ele também aprendeu, e aprendeu bem... Na conversa familiar, nós fazemos de tudo para manter o armênio. Infelizmente, com o passar dos anos está entrando o português, está entrando mais facilmente, que é a língua que todos nós usamos fora de casa, e a tendência é vir com isso para dentro de casa. A gente faz um esforço maior para manter ainda. Porque os meus filhos até os 10 anos foram em escola armênia da UGAB, que nós tivemos aqui até uns 8 anos atrás. E frequentaram até os seus 10 anos, foram alfabetizados e a gente tenta manter isso.

Parentes e amigos armênios ou descendentes em outros países

A nossa família, propriamente, é muito espalhada, assim como muitos armênios. Mas a nossa família, eu posso dizer que tem parentes próximos, de primeiro grau, nos cinco continentes. Então qualquer viagem que você faça, você acaba se deparando com um membro da família. Isso é um primeiro contato. Mas fora isso, a gente fez questão, eu e meu marido, quando meus filhos estavam crescendo, de colocar... fora nós termos ido com eles para a Armênia entre os 10 e 15 anos, a gente fez questão de levar, que eu acho que é a época que mais fixa. Tivemos a oportunidade de ir com eles, então tiveram contatos com armênios fora do Brasil. Fora isso, eles frequentaram também, tivemos a oportunidade de mandar eles em grupos fora da comunidade da UGAB... nos Estados Unidos tem uns acampamentos armênios de jovens. Eles foram por três anos seguidos e tiveram muito contato, fizeram muitos amigos lá. E, por incrível que pareça, fizeram amigos no Brasil que acabaram conhecendo lá, que no Brasil eles não conheciam... Lá foi o ponto de encontro de armênios e que aí mantiveram, pelo menos, pro resto da vida. São muito amigos e que são armênios-brasileiros de famílias que também frequentavam os mesmos lugares. Isso também na idade deles, 14, 15, 16 anos, foi uma coisa que fixou muito, porque viram armênios do mundo inteiro frequentando. Jovens, meninos da idade deles.... E enfim, do Canadá, da Itália, que eram famílias que mandavam as crianças para o acampamento, então aquilo é uma coisa que fez uma união muito grande. Eles, hoje, posso dizer, que eles têm o espírito armênio muito bem trabalhado neles. Por conta dessa interação, por conta de toda a informação que eles receberam aqui da família. Enfim, de contatos jovens da idade deles. Frequentando clube, clube armênio. Nós nunca colocamos distinção UGAB não-UGAB. Eu te falei no início. Isso é uma coisa que veio dos meus pais e do meu marido também, da família dele. Sempre foi a ideia principal, o armênio em primeiro lugar depois a sua opção política. A gente sabe que essa opção política não é nenhuma opção individual de cada um, sempre veio muito trabalhado pela família. E essa família construiu essa opção numa época de histórias diferentes. Então, não tem nada a ver com a realidade de agora. Os partidos

políticos se fizeram numa época que os armênios estavam em dificuldades na terra mãe para conseguir uma independência... Então, não tem nada a ver levar isso aqui a sério num dia de hoje, você está em outro lugar, a sua preocupação é outra, a sua preocupação é manter o armênio dentro do seu contexto cotidiano. É outro propósito. Não tiro a importância, porém não é o dia-a-dia deles hoje.

Participação na União Geral Armênia de Beneficência (UGAB)

Como meus pais já eram da comunidade ugabiana, a escola que eu frequentei lá era da UGAB, a escola que até o início das confusões políticas, começaram a guerra da Síria, era uma das duas escolas mais fortes da comunidade armênia, com uma média de 1.300 alunos, mesmo na época que eu estudei. É uma escola com 10 anos de existência, na época, se eu não me engano. Eu me lembro que era perto de casa, então nós frequentávamos. Assim, praticamente, o meu mundo era a UGAB, desde pequena. Tinha tanto a parte cultural, quanto a parte de jovens, o clube esportivo... Enfim, era nosso mundo. E é interessante porque quando nós viemos para cá, com a família, meu pai veio já sabendo que tava havendo uma comunidade longínqua, porque, na época, sim, os armênios, a maioria costumava ir, talvez, para o Líbano, Beirute, que era perto e tinha outra comunidade muito grande de armênios. E várias cidades nos Estados Unidos, Los Angeles, na Califórnia, aonde já havia filiais de UGAB já, e no Brasil não existia. Então quando o meu pai veio para cá, em São Paulo, uma das preocupações maiores dele era a fundação de uma UGAB. Tanto é que nós viemos em 1963, e posso dizer que ele foi um dos mentores principais, senão o mentor. Esse ano a UGAB está comemorando 50 anos. Foi fundada em 1964, em São Paulo. Ele com outros amigos que aqui ele conheceu, conseguiram fazer, porque a UGAB como é uma organização armênia mundial, estava se sentindo falta aqui de ter essa filial. Essa comunidade com centro de atuações voltado para a cultura, para interesses mais educativos. Se o foco é cultura e educação? Sim. Sempre foi. Na realidade, o foco, no decorrer dos anos, ele foi se adaptando às necessidades de cada colônia.

A instituição UGAB

A UGAB quando foi fundada em 1906, a UGAB mundial lá atrás, no Egito, o foco principal era a ajuda às crianças órfãs que tinham sofrido todas as dificuldades de uma perseguição de armênios, de uma guerra. Isso antes no genocídio maior, antes de 1915. Em 1906, no Egito. Então, era ajuda humanitária para órfãos, famílias que perderam os seus pais, ajuda humanitária mesmo, ajuda com escolas, com todo o tipo de auxílio. E isso durante os anos, e dependendo da filial que estava, dependendo da cidade onde os armênios estavam instalados, ele foi se adaptando às necessidades regionais, necessidades locais. Uma vez que, talvez, os armênios não precisassem mais de uma... não eram famílias tão carentes, aquilo passou a ser uma ajuda educacional, ajuda mais cultural. A UGAB sempre manteve seus laços com a Armênia, apesar de a Armênia, depois de 1915, depois do genocídio, que a gente sabe, depois da instalação da Primeira República, a Armênia fez parte da União Soviética, a UGAB sempre manteve os seus laços com o país, com a Armênia mãe. E, depois, quando começou a se permitir esse ir e vir, eles sempre estiveram ao lado, e daí a nossa ligação maior com a Armênia, mesmo na época da União Soviética. Isso na década de 1950, 1960 e 1970. Se é partidária? Na realidade, essa parte, o Hamgavar Azadagan foi sempre foi o braço político, e a UGAB foi fundada com fins não-políticos. O Hamgavar foi, é um partido político. Teve as suas opiniões, sempre fez parte, desde a fundação da Armênia, ele é um partido. E a UGAB não. Ela tem justamente no seu estatuto os seus interesses voltados não para a política e, sim, para simplesmente fazer o armênio conviver melhor

no local que ele está, nas suas ligações culturais, nas suas ligações esportivas, na formação do ser humano armênio e nas suas ligações com o país. É mais amplo. Independente. Ele fez questão de se manter neutro. Apesar de que muitos lugares, o pessoal não acredite muito nisso, porque sempre teve aquela dualidade, Tashnagtsutiun e Hamgavar. Então, uma vez que você não partidário, automaticamente, acham que é o outro, mas, pelo menos, na minha casa sempre teve essa independência, meus pais sempre criaram a gente, primeiro armênio, depois a sua opção política.

Filiais em 11 países?... Não, são mais... são 90 filiais... Não eu acho que deve ter mais países.

Até uns anos atrás eram mais de 90 filiais. O site mundial “AGBU”, a filial, de uns anos para cá, ela está nos Estados Unidos onde fica o presidente, mas hoje temos uma filial bem grande, aliás está em construção uma sede nova na Armênia, em Ierevan. A atuação maior, agora, é muito na Armênia, o seu foco maior.

Pauta comum do trabalho das UGABs no mundo? Sempre... a UGAB é uma só. Tem a presidência nos Estados Unidos, e tem todas as suas diretorias em todos os locais. É claro que pode haver divergência. Não pode dizer que todo lugar tem uniformidade total, mas são coisas pontuais. Mas, assim, a ideologia, a ideia, tudo uma coisa só.

Ajuda humanitária: armênios

Eu acho que a gente tenta levar junto. É claro que o foco maior, hoje em dia, a preocupação maior é no bem-estar, na estabilidade do armênio na sua terra, na Armênia. Se antes, muitos anos atrás, como eu te falei, no início, a ideia era a sobrevivência do armênio, logo após o genocídio, dessas famílias mais carentes, dessas famílias enlutadas, se era a estabilidade deles como ser humano, como manutenção da família armênia, fora da Armênia, isso foi se adaptando com os tempos. Digamos que nas décadas de 1950 e 1960, o foco foi manter a cultura viva. E hoje se pode falar que ela tem o interesse de manter as diásporas todas ligadas, mas o principal é o foco do armênio na Armênia. Nas escolas... Veja, são dois paralelos que eles tentam manter. Então, essa ligação com a Armênia é o principal para nós. Levar o pessoal para lá. Tanto é que a UGAB se preocupou na manutenção da cultura viva, que eles tem o projeto AVC, que é o ensino do Armênio à distância que é uma iniciativa da UGAB, e é um curso de armênio totalmente pelos meios eletrônicos, e você tem isso em várias línguas. É um curso que foi feito, produzido, elaborado em Los Angeles, e muitos, muitos armênios ao redor do mundo, e não-armênios também, usam essa ferramenta para se atualizar. Tanto culturalmente quanto na língua.

No ano passado, o mentor e criador, o senhor Yervant Zorian. Não é do instituto Zoryan, não. Ele é um dos diretores da UGAB central. Ele veio aqui no Brasil. De tempos em tempos ele vem nas filiais, ele visita, e faz atualização, fez uma palestra na UGAB. E assim as novidades que eles colocaram é uma coisa superinteressante, junto com a Google... Você entra vê a página, já conhece os monumentos. Enfim, tem o foco voltado não só no ensino da língua quanto o ensino de cultura. Você pode escolher o curso. São dados em módulos... Enfim, é uma coisa muito, muito interessante. Muito bem estruturado. Ele até ganhou prêmio de um dos cursos de ensino à distância, um prêmio internacional como um curso muito bem elaborado e didaticamente muito bem feito.

A situação na Síria hoje

É muito complicado, porque lá teve uma ruptura geral da ordem política do país. A guerra é uma coisa que corta as ligações humanas de qualquer jeito. Então, no início da guerra, por um bom tempo, a central da UGAB lá, se manteve cuidando das famílias

dos alunos, das famílias dos seus associados, inclusive arrecadando junto às suas outras filiais no mundo inteiro. Foram feitas muitas doações de todas as filiais, inclusive do Brasil e outros, para tentar ajudar a permanência desses armênios em volta da escola. Então, você via que o pessoal fazia questão de manter ainda os cursos, apesar de muitas famílias saírem de lá. Então, você vê que juntavam as classes maiores e menores, e faziam até as festas do fim de ano e tal. Pra falar a verdade, esse ano que é o mais difícil... Até junho eu vi que eles fizeram isso. Ajudas com distribuições cestas básicas, de cestas para as famílias. Circulavam no Youtube, pela internet, você via filminhos onde eles mostravam como eles faziam isso. Tem grupos de escoteiros... sempre eles tiveram. A UGAB teve grupo de escoteiro, na época o meu irmão era lutador-sócio. Então, você vê que se ajudavam. O pessoal com aquelas peruas escrito "UGAB" iam de família em família e distribuíam. Agora, depois de julho, que é a época de fim de ano, não sei mais como está sendo. Está sendo muito difícil a situação. Mesmo porque as próprias igrejas hoje foram saqueadas. Muitas, fora de Alepo, nas periferias. Agora na central mesmo. Eu realmente não sei. Eu sei que a situação é muito difícil.

Sírios-armênios e refúgios

Então, exatamente, tem da comunidade toda, em si. Mas exatamente da UGAB só para eles... eu acho que a coisa se rompeu tanto que até as lideranças... como a diretoria da UGAB, um está aqui, o outro está lá. Não sei como foi feito isso. Sei que até um tempo atrás a diretora principal da escola ainda se encontrava em Alepo... mas é uma situação que é cada um por si. Mas a escola existe, o prédio existe. Até julho, eles estavam ainda na formação. Olha, o que eles podem estar fazendo... festinha de fim de ano e esse tipo de coisa a gente andou vendo muito. Mas é uma situação extrema, de guerra total. O mais triste é que não sabe até onde vai. O Líbano, que é muito próximo disso, ainda tem toda a sua organização intacta.

A UGAB e a diáspora

Isso também foi se adaptando conforme o tempo. Teve uma época que a França era a maior...

O berço. A Europa, basicamente a França, no início. Depois passou a ser os Estados Unidos. Teve uma época que vieram muito para a América do Sul, a Argentina, isso no início do século passado até os anos 1920, 1930, 1940. Mas, basicamente, 1930. Mas eu acho que a partir de então, os Estados Unidos passou a ser o destino prioritário. Muitos e muitos de várias cidades nos Estados Unidos, primeiro na costa leste, em Boston, em Nova Iorque, e depois passou a ser a Califórnia. Isso também desde a época do Fresno, aquela comunidade do Saroyan. Agora a França, historicamente, recebeu muitos. Hoje em dia, pode-se falar que estão indo também, isso da Armênia, né. Está indo para muitos outros países, Alemanha. Suécia tem sido um país que tem recebido muitos armênios. Sabemos que tem uma comunidade bem grande lá.

Destino dos sírios-armênios hoje

Além da Turquia, acho que muitos também vão para os países árabes. Arábia Saudita, Dubai. Já tinham comunidades armênias, os armênios sempre foram trabalhar muito nessas regiões, na área de poços, na área de construções, hotelaria e agora mais ainda. Sabemos da fixação de muitos armênios pela própria facilidade que eles já dominam o árabe e são muito bons em inglês. Então, nesses países tem uma fixação muito grande de armênios.

Na Armênia também. Eu não citei porque é o destino maior. Muitos foram, mas não ficaram por causa das dificuldades políticas e econômicas da própria Armênia. A Armênia, sabemos todos nós, que é um país em construção depois da sua independência, ela ainda não encontrou a sua estabilidade econômica. Se os próprios armênios, da Armênia, já tem dificuldade de trabalho, mais ainda os armênios vindos de fora, em situação de guerra e fugitivos, com todas as opções de se estabelecer em um lugar próspero. E toda a comunidade mundial está trabalhando para isso. Para segurar não só o próprio armênio da Armênia, quanto o armênio que veio de uma guerra para se estabelecer lá. Mas sabemos de exemplos muito felizes. Do pessoal que vem com a garra toda e tem se estabelecido na área de restaurantes... enfim... Todas as pessoas que conhecem, falam que tem experiências boas. Construção civil, mas, enfim, é uma dificuldade que todos têm que encarar e... É real. E tem essa diferença toda e... Aliás o que está se fazendo muito... Fiquei sabendo agora que, porque tem essa diferença do armênio ocidental e do armênio oriental na língua. E essas crianças todas que saíram fugidas, digamos assim, da guerra, estão chegando na Armênia e fora qualquer outra dificuldade tem essa dificuldade da língua. E, agora, a própria UGAB está ajudando na fixação de escolas com o ensino do armênio ocidental dentro da Armênia.

Na Síria se fala árabe, porque é língua oficial. Principalmente. É a língua do país.

Então são bilíngues. Na minha época, no ensino, o armênio era mais forte do que o árabe. Isso até as classes menores, digamos. Até um primeiro grau. E agora é o contrário. O árabe é muito mais forte. Logicamente como qualquer outro país... Como uma escola, por exemplo, aqui no Brasil, o ensino principal é em português e o armênio vem a ser uma língua a mais.

UGAB de São Paulo e contatos com as filiais da Argentina e EUA

Então, assim, são duas coisas em paralelo, separadas. Como diretoria, ele tem um contato muito grande com a sede que é nos Estados Unidos, mas no seu dia a dia, inclusive para os jovens, inclusive para essa manutenção, hábitos, nós temos um contato grande com a Argentina. Argentina, Uruguai e Córdoba que são as filiais da América do Sul. Isso por meio das condições políticas do Brasil, desde que se estabeleceu em 1964, a constituição dos jovens na década de 1970, alguns anos depois da UGAB, e desde que se constituiu o grupo de jovens que na época se chamava "Armenik", que foi o grupo de jovens do Brasil. E na Argentina e no Uruguai, eles tem o nome de "Liga de Jóvenes". Uma vez por ano era feito as Olimpíadas Sul-Americanas, e isso fez com que os jovens se integrassem bastante. Eram 4 anos seguidos. Um ano em Buenos Aires, Montevideu, São Paulo e Córdoba. Por muitos anos se manteve bem firme. Ainda, até hoje, isso acontece. Apesar que no ano passado, como agora com a globalização, o mundo está mais próximo, foram feitos jogos mundiais em Los Angeles. Então, todos os jovens daqui, da Argentina... Mas isso tudo muda muito conforme a economia do país, conforme as situações. Mas essa integração entre filiais existe, bem próxima. Muitos jovens se conheceram, mantiveram as amizades, os hábitos são mais próximos apesar da língua não ser a mesma. Sempre foram feitas olimpíadas de futebol, basquete, vôlei, principalmente, feminino e masculino. Isso acontecia durante uma semana. Então sempre houve uma confraternização muito grande. A tônica é o esporte, que une. É claro que com o tempo, você vê que a culinária é igual, os livros de receitas as pessoas trocam. As famílias acabaram um casando lá e outro aqui. Existe essa integração entre as filiais.

Se há uma pauta distinta para a América Latina que possa envolver questões sociais ou sociais e políticas? Eu não acredito, não. Eu acho que não. Inclusive nós sempre, fora o fato da UGAB no Brasil ter se estabelecido depois dos outros, e a Argentina é muito

mais antiga, ela, por um bom tempo, era a filial-mãe, digamos. Então, do Brasil se espelhava muito nos outros. Por exemplo, uma coisa que acontecia muito, quando as comunicações não eram tão fortes quanto agora, quando acontecia de vir algum cantor ou da Armênia, ou da França, geralmente, o pessoal aproveitava e faziam turnês na América Latina. Então, quando vinha pra Argentina, geralmente, eram tomadas as decisões pelo pessoal da Argentina onde a comunidade é maior, a comunidade é bem maior... então, eles tomavam a decisão de trazer tal cantor, em tal data, e São Paulo tentava se adaptar com as mesmas datas e tal, e fazer um show aqui, outros na Argentina, no Uruguai... enfim... O que ligava também era isso. As mesmas épocas de turnês culturais... ou mesmo quando vinha algum político, alguma autoridade sempre faziam esses turnês na mesma época. Agora diferente do resto das filiais, eu não acredito. Eu acho que o que tem mais em comum é língua, a proximidade. Não acredito, acho que o armênio é o mesmo em todas as instâncias do mundo. O que muda é a situação política na época, se o país está mais em abertura, enfim, se a economia vai melhor... como o Brasil se manteve mais ou menos igual a Argentina, eu acho que não. Informativo impresso? Já teve, hoje em dia, são todos por meios eletrônicos. Mais páginas do Facebook, onde o pessoal anuncia venda de convite, turnês, shows, cantores... Agora mesmo nós vamos ter uma festa de comemoração dos 50 anos que vai ser agora domingo, e isso antigamente era muito boca a boca, feito pelas senhoras da comunidade, senhoras da entidade, que eram vendidas... pessoa a pessoa. Hoje em dia, é muito boca a boca e pelos meios da internet.

Periódicos da comunidade

Só da UGAB, não. Tem na colônia toda. Existia até antes do meu conhecimento tiveram outros periódicos, mas eu lembro que de uma revista que tinha que se chamava "Armênia", e por alguns anos ela foi bem ativa. Se circulava em todas as comunidades? N: Em todas, não. Em filiais separadas. De circulação geral? Os jornais em Buenos Aires que tinham circulação bem maior e vinham os exemplares para cá sempre que eram distribuídos. No caso da UGAB, o Sardarabad. Ele pode ter alguma simpatia de partidária, mas ele quer manter uma linha, se não independente, ele tem uma simpatia, mas não é uma associação direta. Ele tem também, agora, eletronicamente, a gente vê. Ele tem em castelhano e tem páginas em armênio.

Há também a revista AGBU publicada nos Estados Unidos. Antigamente era uma revista maior, mas é um periódico mensal e que fala de todas as notícias do mundo ugabiano e, claro, muita coisa das suas relações com a Armênia, e das filiais. Tudo o que acontece nas filiais do mundo inteiro. Porque atualiza muito a respeito do que está sendo discutido hoje em dia.

O Genocídio, refúgios, retornos, atrocidades

Meu pai, ele até vivenciou, mas ele teve a felicidade de não perder os pais. Mas ele vivenciou... a cidade de Marash teve uma situação interessante. Isso a gente muito vê no livro "Lions of Marash", "Leões de Marash", que foi traduzido há alguns anos atrás aqui no Brasil, até por minha irmã, a Catherine... Mas você vê a história de Marash passou duas vezes pelo genocídio. Em 1915, a primeira vez, quando a família do meu pai, na época, o meu pai tinha 2 anos, era o mais jovem da família, eram 8 ou 9 irmãos. A família toda saiu de Marash e foi até Alepo. Foi a primeira retirada deles. Logo após, quando a Turquia perdeu a guerra, junto com o Eixo... falaram para voltar para as suas terras, para ocuparem as suas casas, e que os armênios todos poderiam voltar são e salvos para a sua terra natal. E eles fizeram esse mesmo caminho, voltaram. Após 2 anos, em 1921, início de 21, teve a segunda matança, digamos, quando os franceses

estavam em Marash, os europeus se retiraram todo, o exército francês, e os turcos atacaram os armênios, tiveram a oportunidade de aí atacarem, mais uma vez a minha família do meu pai teve sorte que ele já maior, com 7 anos, ele saiu fugido e conseguiram alcançar... voltaram de novo pra Alepo. Talvez os armênios todos de Marash tiveram essa, alguns tiveram essa sorte de... algumas famílias que saíram inteiras. Apesar de meu sogro já não teve isso, perdeu os pais e a família toda na guerra. Nessa época em Marach. Mas, então, o meu pai conseguiu vir, ele contava mais dessa época. A primeira saída dele, ele não lembrava, mas essa com 7 anos ele contava para nós. Aliás, não falava muito, ele sempre falava com alguma lágrima no olhar. Ele chorava e a gente chorava junto, lógico, porque tinha marcado muito ele... Enfim... tinha situações que ele contava que eles saíram escondidos dentro de um cesto de mantimentos. Minha avó sentada em um burro e os dois filhos menores em um cesto que levavam os alimentos, e os irmãos mais velhos iam andando com o meu avô, depois passaram por um automóvel de algum conhecido, que deu espaço para eles, e aí chegaram... enfim... eram muito tristes as lembranças dele.

Outros relatos das atrocidades, turcos e alemães

A família da minha mãe, ela, sim, ficou órfã de pai e mãe. Ela era a mais velha, com 13 anos, de cinco irmãos. Então, quatro irmãos menores e ela era a mais velha. Com 13 anos, perdeu o pai. Ela viu matarem o pai na casa dela. O viu matando. E a mãe com cinco filhos, o mais novo de colo, saíram para andar pelo deserto, como se fazia quando esvaziavam as cidades. Ela viu a mãe e o irmãozinho de colo ainda, caindo no rio, se jogando. Ela se perdeu dos outros irmãos. Mais tarde, depois de 1 ano, quando ela se... quando foi achada, enfim, o irmão logo depois dela, 1 ano mais novo, ela encontrou e pelo resto da vida eram só os dois irmãos. Eles se encontraram, né... Ela contava... ela parece que pegou malária e caiu também no deserto e, depois, à noite, passavam e recolhiam os mortos e os doentes. Levaram ela para um centro, que falavam que era ... é até em turco essa palavra. É um depósito onde jogavam as pessoas doentes, enfermarias, enfim... Ela foi levada para lá, e parece que passou uma família, de um médico da cidade, que era amigo do pai, reconheceu e deu carona, e adotou como se fosse a filha dele. E passou pelo... parece que ele passou pela segurança toda, e levou ela para Alepo. Ela já era noiva, mais tarde, então, localizaram o noivo e ela acabou casando com ele. Ela falava que ela tinha uma gratidão enorme, porque ele poderia não ter ficado com ela. Ele com 18, ela com 13. Eram de famílias com posses. Então, o reinício da vida deles foi com alguma facilidade. Isso já em Alepo. Ela contava que foi um dos primeiros casamentos de alegrias que foram feitos no meio das dificuldades todas. Mais tarde... o pai dela parece que trabalhava... Era um diretor. Parece que tinha fábricas grandes de tapetes que era de um alemão. Um alemão. Os alemães sempre tiveram uma ligação muito grande com os turcos. Os próprios turcos foram do lado dos alemães na Primeira Guerra. E o pai dela era o diretor mais próximo desse dono. Mais tarde, ela encontrou com esse alemão, e viu o anel do pai no dedo desse alemão. Isso foi uma coisa que foi muito, muito, muito chocante. E com mais informações ficou sabendo que o dono alemão tinha sido quem tinha entregue o pai dela para os turcos. Teve uma cena, até meio forte, meio violenta, ela foi exigir algum direito ou acusá-lo, e ele empurrou ela para uma escada. Teve essa história que ela contava para os irmãos mais velhos. Isso tudo quem contou foi um irmão desse alemão que era uma pessoa mais humana, e depois que encontrou com a minha avó e o irmão, e contou do alemão... "foi assim, assim. Meu irmão, infelizmente, fez isso. Então, são assim, algumas informações dos turcos... ele era uma pessoa muito bem relacionada, mas foi entregue para os turcos.

Propriedade familiar

Tenho, tenho, tenho... A casa ainda existe. Parece que era uma família com vários irmãos e muito bem estabelecidos...

Essa casa é da minha avó, era da família do meu avô, pai da minha mãe. Esse que depois casou com a minha avó em Alepo. É uma casa que foi, pra época, foi construída... parece que o arquiteto veio de fora... enfim... conta-se que... a minha avó contava que era uma casa cristais e não sei o quê, estilo... sabe, todo... conhecido, arquitetura conhecida. Essa casa existe até hoje. Foi transformada em um hotel. Esses hotéis boutique... são os hoteizinhos mais caprichados, com mais charme que falam. E o meu sobrinho e um primo meu também dos Estados Unidos, tiveram a oportunidade de visitar essa casa. Hoje em dia, foi reconstruída, essa casa existe, fala-se que era propriedade de um turco importante. Eles em nenhum momento falam que era uma casa de família armênia. Essa casa foi toda filmada. Nós temos as imagens dessa casa, e a coisa mais interessante é que atrás de um dos armários... Tem um registro de uma inscrição atrás de um armário na própria parede, onde um dos irmãos escreveu para o outro na saída dessa casa, em armênio. Essa inscrição tem até hoje. Tem filmado: "Irmão, eu estive aqui, data tal, data tal eu saí daqui." Enfim, isso aí... tem uma foto do meu sobrinho nessa casa ao lado dessa inscrição em armênio. Só pra provar para todos os moradores, enfim... Que existia... Que essa casa era de armênios.

Genocídio, convívio com o tema, reparação

Antes de mais nada, o reconhecimento oficial do país. Porque por muitos anos, por muitos anos, isso eu posso falar pessoalmente. Na Síria, eu vivi muito próximo porque, de novo, eu era uma criança, talvez, aquele era um assunto para os mais velhos, mas era uma coisa presente. Então, era perto, mas nem tanto. Não era um assunto meu, era um assunto deles, lógico. Não era uma coisa que se falava todos os dias em casa, porque ninguém consegue viver o dia a dia com crianças com um assunto tão pesado. Mas era uma coisa ali... colocado... atrás, no palco, sempre. Quando mudei de país e vim pra cá, o assunto parece que ficou mais longe ainda. Em casa era uma coisa, que era uma coisa muito constante, pra comunidade era muito constante, mas no meio de uma escola, no meio de brasileiro, aquilo era um assunto de contos de fadas, de livros... Sabe, se falava "a minha mãe, a minha avó passou por uma guerra", era uma coisa que talvez o pessoal tinha visto num filme, num cinema, ou era você e mais... Falava-se muito do holocausto dos judeus. Então, aquilo sendo um... ano mais próximo era mais falado, como sempre foi mais falado. Então, numa menina de 10, 15 anos... sabe, você estava sonhando com aquilo. Então, era até um assunto que a gente não trazia muito à tona. Sempre tive amigas com interesses maiores que questionavam. Então, era uma coisa que você só contava para quem realmente se interessava, porque se não era uma coisa muito pesada pra você contar, falar e conviver com aquilo diariamente. Então, quando saía alguma notícia em jornais falando de Armênia, era uma coisa, assim, muito forte para nós. O que hoje em dia, eu acho que as crianças, de hoje, têm vantagens em relação à gente da época. As crianças, hoje em dia, estão muito mais acostumadas. Os jovens de hoje em dia, os armênios de hoje em dia, os jovens, eles veem um time de futebol armênio jogando... eles veem numa olimpíada, armênio participando... é uma coisa que a gente não tinha isso, na época. Não tinha pela própria... as comunicações não eram frequentes, a Armênia era um dos países da União Soviética, então, não tinha uma atuação individual, sozinha. Quando aparecia em alguma... Eu lembro que no Brasil teve uma feira industrial muito grande na década de 1970 que vieram os países da... A União Soviética como um todo participou e um

grupo dos participantes trouxe um computador que se falava na época, era uma máquina enorme, por acaso tinha o meu nome "Nairit" que era famosa. E aquilo, assim, para nós, a colônia armênia do Brasil, foi uma coisa muito grande. Nossa! Então, eu acho que os jovens de hoje em dia, eles têm essa vantagem muito maior. Pra nós, a aceitação do país, da Turquia, frente à comunidade mundial, ter passado esse genocídio, que aquilo não é uma imaginação nossa, não é uma invenção nossa, é como eles alegam, dizem que é um exagero, que aquilo foram percalços de guerra, que aquilo foram consequências de uma guerra maior, e que nós sabemos que não, foi uma atitude tomada de governo, um verdadeiro genocídio. Então, isso seria uma reparação de justiça total. Hoje em dia, nós não... não existe a reparação física de cada um, porque nada vai voltar, inclusive em termos de território, é uma coisa muito maior que não está em questão hoje. Em primeiro lugar, o que deveria ser fazer é essa aceitação, assim como a Alemanha fez com os judeus. Isso é condição sine qua non. Nós queremos isso. Tem que ter isso. Mas fora isso, nós hoje temos outros interesses também.

Reconhecimento e ações

Devolução de terras e pecúnia? Olha, num primeiro momento, eu não sei. Num primeiro momento eu não diria. Eu acho que se isso é a causa de eles não aceitarem, isso não vem à questão para o meu interesse, no momento. Porque isso, realmente, envolve interesses muito maiores. E isso está fazendo com que não se reconheça. Eu acho muito mais interessante no momento, que haja essa... É uma página que tem que ser virada. Tem que acontecer. Foi um crime de guerra. Foi um crime... Foi uma época de guerra, mas foi um crime perpetrado por um país. Então, isso tem que ser reconhecido, antes de mais nada, para que nós possamos ao lado das outras nações do mundo sermos considerados e... A história do país tem que ser fechada assim... sabe, oficialmente. Aconteceu e pronto.

A mídia e os acontecimentos recentes

O que machuca mais a gente, hoje, são acontecimentos, por exemplo, que nem teve a cidade de Kessab,... todos os armênios falaram... É uma cidade na Síria que chama Kessab, em armênio é Kesab, eu não sei como escrevê-lo. Essa cidade fica no norte da Síria, fronteira com a Turquia, onde 80% a 90% dos moradores são armênios. De uma hora para outra, entraram pela fronteira da Turquia, entraram um número enorme de combatentes e tiraram os armênios todos das suas casas. Aconteceu um mini genocídio sem muita morte, mas tiraram todos os armênios das suas terras e jogaram, e colocaram em vans e levaram embora. Tomaram todo o poder das propriedades e fizeram levantes e tal. Isso não foi falado na imprensa mundial de maneira nenhuma. Recente, coisa de 1 ano. E não foi falado na imprensa. Isso só foi falado pelos armênios e quem conhecia muito a história, e quem está ligado com tudo o que está acontecendo na Síria hoje. Ao mesmo tempo, quando... e outra coisa: a cidade que mais, simbolicamente, mostra o genocídio dos armênios, se chama Deir el-Zor, que é uma cidade no meio do deserto. Ela fica no meio do deserto, onde os armênios, na sua passagem para a Síria, ficaram muitos mortos no caminho e outros... é onde a minha avó foi salva, digamos. Aquela cidade onde recolhiam os corpos. E isso uns 30 anos atrás, uns 20 anos atrás, foi erguida uma igreja, nessa cidade, em homenagem aos mártires. Uma igreja armênia, e foi feito um monumento ao lado com restos mortais dos sacrificados... enfim... Isso aí foi explodido, agora, coisa de 2, 3 meses atrás...

Se é essa que aparece nos noticiários da comunidade armênia? Isso! Me diga qual imprensa no Brasil, nós estamos no Brasil, vamos falar da imprensa no Brasil, a mídia que noticiou isso? E, ao mesmo tempo, não é se comparando, mas é sim, se

comparando, quando sumiu a placa... Não sei se você viu, o Auschwitz, os judeus na Alemanha, que foi o campo de concentração maior deles, que hoje lá também tem um monumento em homenagem. Quando sumiu a placa aonde se dizia o nome "Auschwitz" o Jornal Nacional na hora deu, publicou. E, lá, uma igreja inteira foi bombardeada, foi saqueada, acabaram tudo e a imprensa não dá. Então, essa diferença entre os povos, que a gente... que eu acho... se não reconhecimento, seria feito a justiça, então a imprensa mundial tem que ser muito mais imparcial em dar as notícias para o mundo. Então, essa comparação eu acho muito boa. Se uma placa de um monumento quando some a imprensa mundial fala, a imprensa no Brasil, a mídia noticia. E quando uma igreja inteira, com todos os monumentos, uma história toda, não se fala nada. Então, eu acho que essas diferenças não têm que existir. A Turquia, realmente, tem que reconhecer. Assim, como todos os países e o Brasil estão na fila para ser um dos primeiros. É o que a gente exige.

Ser armênio

Ser armênio é ter orgulho. É o orgulho de fazer parte de um grupo, de um povo que tem muita história, que ela conseguiu se manter apesar das dificuldades dos séculos, se manteve unido, firme nos seus princípios, em volta da sua religião, em volta da sua cultura e tem orgulho de tudo isso. Não quer dizer, nem melhor e nem pior que os outros povos, apenas um povo entre eles, mais um, e que teve seus princípios sempre muito firmes, muito fortes, ao lado dos seus ideais e enfim... muito orgulhoso da sua cultura. Um povo que apesar de todas as dificuldades que teve, sempre soube renascer, feliz e enfim... Ser armênio, pra mim, é isso. Um orgulho muito grande de pertencer a esse povo.

A comunidade armênia em São Paulo

É uma comunidade pequena, mas unida. Já foi maior. Mas é uma comunidade onde tudo o que você fizer com muito trabalho e afinho, ela dá fruto. O pessoal tem também esse orgulho. Eu acho que cada comunidade, ela se adapta ao meio que vive. E no Brasil, eles vieram, os armênios vieram numa época que a cidade estava em expansão, nossa industrialização, os primeiros armênios vieram... O armênio é muito grato à terra que chega, ele tem muito amor pelo seu convívio. Então, ele se adaptou muito bem, mas manteve as suas... talvez pelo fato de ser uma comunidade num país cristão, e o brasileiro ser um povo que abre os braços facilmente... a gente sabe que tem preconceito, mas não em relação ao imigrante. Então, o armênio se adaptou muito bem aqui. Em países mulçumanos, a gente vê que eles ficaram mais isolados, talvez o fato de se manter armênio é mais fácil em países onde tinham religiões diferentes, porque eles se fecharam mais, e aqui não, as coisas eram muito iguais, assim como o brasileiro era católico, o armênio também era muito chegado à igreja, então foi mais fácil essa integração. Mas ao mesmo tempo, hoje a gente sabe que é mais difícil, a cidade é muito grande, o país é muito grande... a influência para os jovens é muito maior, mas é uma coisa que se você, com o advento, por exemplo, da internet, do facebook, das redes sociais, hoje em dia, você vê que o pessoal se... muitos, muitos armênios, filhos de armênios que não frequentavam mais, você vê que eles têm o orgulho de falar "eu quero participar, eu quero chegar, eu quero"... Então, eu acho que vale a pena fazer todo o esforço em manter essa união grande.

Onde é a sua Armênia?

Eu acho que é no íntimo, mais íntimo. Naquela música que fala que "mesmo sendo um povo pequeno, estamos muito presentes no coração de todos vocês"... Na hora que

canta-se o "Pai Nosso", no lugar em que estiver... Quando um grupo de armênios se encontra e começa a cantar o "Pai Nosso" que é tão nosso, assim como é de todos os cristãos, mas aquilo em armênio, com a musicalidade que tem, e eu vejo, pode ser meia dúzia, pode ser cinquenta, pode ser cem, quando levantam a voz e cantam em armênio, aquilo pra mim é uma Armênia. Aquilo pra mim... Quando cantam "Yerevan Erebuni" que é o nosso... não é o hino, mas hoje em dia é considerado como se fosse o hino, com aquelas palavras, fala da nossa cidade, e você se encontra como responsável pela manutenção, de você pertencer àquele povo... como eu te falei, pode ser um grupo pequeno, pode ser um grupo médio, um grupo grande... aquela voz em uníssono saindo com aquela música, e todo mundo se sentindo armênio, aquilo pra mim é a minha Armênia. Eu acho que da minha parte e meu marido fizemos o necessário para os meus filhos ter esse sentimento também, eu tenho certeza. Eu acho que isso é um prazer, não é uma obrigação. Pra mim é um prazer. É um prazer se sentir no meio dos armênios, que sentem igual. Eu acho que é isso.

6. Sarkis Ampar Sarkissian (aguardo versão aprovada)

Novembro/2014

Tenho 28 anos, sou formado em Relações Internacionais, com especialização em Direitos Humanos, concluindo Letras esse ano, em Armênio e Português. Atualmente eu faço pesquisa. Sou pesquisador no projeto do próprio curso, e também sou monitor do curso de Armênio e ministro aulas de curso de extensão. Nasci em São Paulo.

Ascendência armênia, regiões de origem e passagens intermediárias

Sou descendente de armênios por parte de pai e de mãe. Dos dois lados. Os meus avós paternos nasceram no Brasil. O meu bisavô paterno (pai do meu avô por parte de pai), era de Gyumru, uma cidade pequena, mas muito próxima também de BAROZH, na região da Armênia histórica, digamos assim. Perto da região da Cilícia. E a esposa dele era de MARASH. Do lado da minha avó, o pai dela, salvo engano, era de Hrazdan, mas eu não tenho certeza absoluta. Por parte da minha mãe, seriam os meus avós que são estrangeiros. Já não é mais o bisavô. Meu avô materno veio para o Brasil de Jerusalém. Eles moravam em JAFA, mas a família mesmo já tinha vindo da Armênia Oriental para a atual Armênia, digamos assim. Eles se estabeleceram lá, e depois de um tempo ele se dirigiu para a Palestina, tentou a vida lá, e depois com a construção do Estado de Israel, eles tiveram que sair. Então minha avó, mãe da minha mãe, é palestina, árabe, da mesma região. A saída deles ficou condicionada a essa situação da criação do Estado de Israel? Sim, foi justamente por conta disso. Porque eles chegaram bem no começo dos anos 50. Não me recordo direito a data, mas foi 50 ou 52. No máximo 52 que eles chegaram. É então, só pra pontuar algumas coisas, a gente tem Gyumri, na Armênia, a segunda maior cidade da Armênia, e a que eu citei, na verdade é GYUMRU. É um pequeno vilarejo, que é muito próximo de MARASH, e já é na região da Anatólia mesmo. Eu não tenho certeza, mas provavelmente até o nome Gyumri, na Armênia, derivou desse, ou tem alguma relação. Mas enfim, é até um nome turco, pelo menos até onde eu sei. Até hoje existe essa cidade, com esse mesmo nome, na Turquia, né? Então é só isso, porque às vezes a gente confunde, mas tudo bem.

E com relação aos armênios de uma região, de uma parte ou outra, assim, sinceramente, o fluxo de imigrantes armênios para o Brasil, que vieram da região da Armênia país, propriamente dito, assim, quase muito pouco, assim, sinceramente eu não me recordo de alguma família, ou algum outro que tenha vindo desta região, assim, direto, na época do genocídio. Principalmente nessa primeira imigração. Muito possivelmente, como eu disse, meu avô, ele já vem dessa.... Na verdade a família dele era da região mais fronteiriça. Não era da Armênia, digamos assim. Porém, com a questão do genocídio, eles se transferiram para o país Armênia, e ali constituíram uma família, e tudo mais. E depois ele foi... Depois que ele foi pra Jerusalém, e depois ele veio pro Brasil. Então assim, ele era imigrante na Armênia, digamos assim. Assim, a família dele era imigrante. Não era originária assim...

Refúgio nos países próximos

O destino primordial dos armênios que saíram da região da Anatólia era para os países ali mais próximos. Síria, Líbano. E depois vieram para o Ocidente, digamos assim, outros países e tal. Mas os que se situavam na região da Armênia, muitos continuaram lá, ou também teve muitos que saíram de regiões próximas mesmo ali, fronteiriças da atual Armênia e foram para lá buscar refúgio, sobrevivência. Mas eles, a partir de então, como constituíram um Estado independente armênio. Em 1918 teve

uma independência, tal. Então a meu ver, posso estar enganado, mas eles tiveram uma certa estabilidade para não.... Tudo bem que a situação era bem ruim, assim, muita fome, pobreza, país destruído, devastado, mas eles ainda enraizaram de algum modo ali. Se foram para outras regiões, à priori não era tanto essa mesma visão de ir para a América ou alguma outra coisa assim. Foram ali próximo. Talvez Irã, ou a própria Rússia.

Então assim, aqui no Brasil, de fato assim, armênios orientais, digamos, só recentemente que tem um fluxo bem tímido mesmo, que vem da região da Armênia mesmo, assim atual.

Nomes das cidades de origem do Império Otomano, uso de língua turca e formação de associações da diáspora

O que eu me lembro e o que é muito comum, assim, atualmente já não existe mais ...até antes de eu nascer, era muito, eu lembro de questão familiar, de ter ouvido . É que de fato, havia uma distinção entre os armênios, pela cidade originária de onde eles vieram, então isso existia. Mas essa distinção era da mesma região da Anatólia. Então assim, é uma coisa em comum, porém eles se diferenciavam por uma cidade. Então aqui, de fato, uma grande parte da comunidade, se não a maior, veio de MARASH mesmo. Temos também armênios de ADANÁ, de SASSUN, de outras, também, cidades, inclusive que quando chegaram aqui, estabeleceram sociedades compatrióticas. Então assim, eram entidades com clubes, que agregavam todos esses armênios originários de uma mesma região, de uma mesma cidade.

Então ali estabeleciam. O que diferenciava, assim, mais claro eles, talvez fosse uma questão até econômica. Algumas cidades eles eram um pouco melhor abastados, tinham uma condição um pouquinho melhor. Lá pelo menos eles já tinham uma vida, uma cidade mais urbanizada, digamos assim. E os outros de uma cidade um pouco mais rural. Então assim, isso também diferenciava. Então é o próprio estilo de vida, e tal. Outra questão também pode ser relacionada, é o próprio dialeto. Eles falavam, logicamente, o armênio. Outras cidades não falavam. Então por exemplo, isso é curioso: o pai do meu avô por parte de pai, o meu bisavô, ele falava muito bem o armênio. Se comunicava em armênio. E segundo meu avô diz, o que ele dizia para o meu avô que a cidade era primordialmente habitada por armênios. Então se um, isso nas palavras dele, se um turco se estabelecesse naquela cidade, ele não conseguiria se integrar, se não aprendesse o armênio, porque o armênio era muito falado nessa cidade. Por outro lado, a esposa dele, que se casou aqui, que é a mãe do meu avô, ela provinha de MARASH, e ela não dominava a língua, ela não falava. Falava talvez muito pouco. Eu não a conheci. Mas ela só falava em turco. Ela só falava turco, tanto que até hoje minha vó ainda conta que depois que ela se casou com meu avô, ela falava pra sogra dela: Não. Você precisa falar em armênio. Não é pra falar em turco, e tal. E aí ela acabou aprendendo, mais ou menos o armênio, também por conta da minha avó, e tal. Então isso é curioso. E meu avô mesmo, a educação que ele teve foi, claro, pela mãe, então a mãe falava em turco com ele, então ele aprendeu mais o turco. E o pai falava em armênio. Então assim, ele aprendeu também o armênio, mas com uma força um pouquinho maior, a língua turca.

Línguas e instrução familiar

Meu avô e minha avó nasceram aqui, mas desde a infância aprenderam, minha avó fala muito bem o armênio, a mãe dela criou ela. Então eles já vinham de uma cidade que a língua armênia era muito mais propagada, então ela aprendeu já desde criança. E de fato, o turco ela não dominava, ela não sabia. Aprendeu posteriormente algumas coisas,

com a convivência com a sogra, com a família. Então o meu pai, ele chegou a estudar em escola armênia. A minha mãe por outro lado, não. Estudou em escola... Aqui em São Paulo mesmo... Em escola pública brasileira normal. Na verdade meu pai estudou no externato José Bonifácio, porém na unidade do Imirim, onde existia antigamente. Hoje em dia não existe mais. Mas era uma outra filial que existia ali na região do Imirim, e atendia aquela comunidade toda. Então assim, ele teve educação de língua armênia, ele sabia recital, sabia o alfabeto, e tudo mais, porém com o passar do tempo, ele não praticou mais. Então a própria irmã dele também estudou em colégio armênio, tudo, mas por falta de uso, de prática, e tudo mais, aquilo se restringiu ao núcleo escolar. Isso não chegou à casa. Por mais que os pais deles falavam o armênio, em casa mesmo, no cotidiano já não utilizavam mais, como uma língua, assim. Falavam às vezes entre si, quando queriam também não ser entendidos, em público e tudo mais. Mas...

Eram poucas vezes. Eles sempre fizeram, por muito tempo, parte das entidades, da comunidade, e nesses ciclos, eles falavam. Porém em casa, isso acabou entrando num desuso. Claro que, até hoje ele sabe algumas coisas, ele fala, mas não tem uma fluência muito grande. Ele entende muito, ele entende bastante o diálogo, e tudo mais, porém na conversação ele não consegue uma desenvoltura.

A língua árabe

Aí por outro lado, a minha mãe, como a mãe dela não falava armênio, ela de origem árabe e, e meu avô falava armênio, mas também falava o árabe e outras línguas, então em casa a língua que dominava era o árabe. Então ela aprendeu o árabe como a primeira língua dela, antes de aprender português, porque era uma família recém-chegada. Ela foi aprender português na escola. E a língua árabe sempre foi língua franca na casa dela. E os próprios armênios também, o ciclo de relacionamento dentro da família da minha mãe com os armênios, muitos também vinham de países árabes, então falavam também árabe, entendia árabe, então dominavam, de certo modo, o árabe. Então eles falavam. Então, isso acabou que ela não passou pra mim, infelizmente. Acho que ela não via, talvez, a importância, talvez, que teria de... não havia necessidade. Ela nasceu no Brasil. Foi uma das... porque parte da família nasceu na palestina, e outra parte nasceu aqui. Então alguns irmãos dela, se não me engano, quatro ou cinco, vieram já nascidos, bebês, crianças.

Tios palestinos

Tenho sim. Ainda tenho contato. Não com todos, né. A família muito grande. Eles são em onze irmãos. Então assim, a família é enorme. E a gente acabou perdendo muito contato. Coisas de família... Casa, um vai para um lado, outro vai para outro. Então assim, acabou que atualmente eu não tenho tanto contato com eles, mas conheço os onze. Todos vieram quando crianças, com a família. E não retornaram para viver de volta lá. Meu avô tinha pretensão de voltar a morar... não digo, talvez, na Palestina, porque já havia criado o Estado de Israel, então assim, ele tinha pretensão de voltar para a região ali. Tanto que ele foi, ele chegou a retornar para, se não me engano, para o CAIRO, Egito. Mas é isso mesmo, ele voltou com um dos filhos, para acertar todas as condições da família, então. Ver onde iriam morar, emprego e tudo mais. Aí aconteceu uns imprevistos no meio do caminho e eles retornaram, e infelizmente o plano dele não deu certo. Aí ele acabou ficando por aqui mesmo.

Parentes e amigos armênios em outros países

Da família paterna não tenho contato com nenhum outro parente. A gente sinceramente não sabe para onde que eles foram, onde se sucedeu. Então assim, constituiu uma nova família mesmo do zero aqui e para o lado de lá, realmente perdeu todo o contato. Por parte de mãe, é muito interessante a família do meu avô, que era armênio. Meu avô tinha uma irmã que por muito tempo eles se correspondiam por carta e até então, minha mãe lembra que eles recebiam cartas dela, meu avô mandava fotografias da família, dos filhos, para essa irmã do meu avô. Ela, depois eu fiquei sabendo, a princípio eu achei que ela morava na Armênia, mas depois descobrimos que ela estava nos Estados Unidos. Então eles se correspondiam por muito tempo. Minha mãe disse que ela gostaria de vir para o Brasil, gostaria de morar para cá, mas meu avô não aceitava que ela viesse. Não sei o motivo certo, mas talvez por conta dele querer retornar porque ele tinha um desejo de voltar para região onde ele morava. Por muito tempo eles se correspondiam, porém de certo ponto da história nunca mais fizeram contato, perderam totalmente. A princípio minha mãe dizia que eles brigaram por conta disso, porque ela queria vir para o Brasil e meu avô não aceitava, então mais ou menos ocorreu um desentendimento e eles perderam o contato, e aí encerrou com essa parte armênia da família.

Com a parte árabe também da família, minha avó mantinha contato porque as irmãs delas, ela tinha umas duas irmãs, continuaram a viver em Jerusalém. Então também tinha contato com essa parte árabe. Depois de muitos anos, inclusive depois de eu ter ido para Armênia, morei lá há dez anos atrás em 2004. Depois de eu voltar, a igreja católica Armênia entrou em contato com a nossa família, que é a família da minha mãe e que é praticamente a única família, é uma família muito pequena, não é como Sarkissian, meu sobrenome que é do meu avô, que tem Sarkissian pra todo lado e é um sobrenome muito conhecido. Da família da minha mãe não, é um sobrenome muito restrito, poucos existem, e entrou em contato com a família dizendo que uma pessoa do exterior tinha contatado a igreja pedindo se tinham contato com essa família. Ele falou que existia sim uma família, vamos indicar para ver se é quem você está procurando e de fato era, é a filha do meu avô, essa que perdeu o contato pelas cartas. Então, entramos em contato com ela, ela veio para o Brasil com os filhos. Da minha mãe, é prima mesmo, direta, e eu primo de segundo grau. Ela veio, e aí a gente começou a entender a história, porque o meu avô também não falava, por parte de mãe, não comentava nada sobre genocídio e sobre Armênia. Ele, de fato, era um pouco mais moderado nessa questão de ser armênio, então ele não contava também história da família dele, para onde ele foi e tudo mais. Ela, vindo para cá, trouxe as cartas, as fotografias e a gente acabou entendendo. A verdade o que houve é que a irmã dele foi para os Estados Unidos, quer dizer foi com a família se estabeleceu lá nos Estados Unidos e nos anos de, se eu não me engano, 50 ou 60 mais ou menos por aí, sinceramente eu não me lembro bem ao certo, ela retornou para a Armênia, na Armênia soviética, esteve em processo de repatriação dos armênios. Meu avô na verdade não queria que ela fosse, meu avô não queria que ela retornasse para Armênia, mas ela contrariou e voltou para Armênia. Assim que ela voltou já não tinha mais contato porque as cartas não chegavam, porque tinha esse bloqueio do próprio sistema político que não deixava essa comunicação, então o contato foi perdido por isso mesmo. Retomado depois que ela já havia falecido e meu avô também, e a gente foi conhecer essa história, é muito interessante e curioso. Então ela voltou ainda para Armênia, a filha dela nasceu na Armênia e depois a filha voltou para os Estados Unidos. E assim, temos parentes agora um pouco distantes, mas que estão na Armênia. Depois que eu voltei, fiquei sabendo disso. E eu mantenho apenas contato com essa prima da minha mãe, com os filhos dela de fato não, eu falo mais com ela mesmo. É interessante que ela

não fala muito bem o inglês então me comunico somente em armênio com ela, e isso para mim é legal porque acaba sendo um desenvolvimento melhor para língua. Então assim, me comunico com ela, tem também um primo da minha mãe que mora também em Jerusalém, então a gente se fala, mas muito pouco, bastante pela internet, Facebook. Armênios fora do Brasil tenho contato com alguns da Argentina, por conta de ter ido nos jogos, que o clube promove, então acabei conhecendo o pessoal. Agora recentemente no curso que eu fiz no meio do ano em Veneza, que eu acabei conhecendo milhões de armênios, da Turquia, armênios da Bélgica, armênios da Itália, armênios de vários e vários países e aí que eu mantenho contato assim com eles.

Ser e permanecer armênio

É uma questão bastante interessante porque entra num outro ponto, quer dizer: o que é ser armênio, primeiramente, o que é ser armênio, para depois pensarmos o como se manter então armênio. Então, é uma questão muito, de certo modo, controversa, de um modo que podemos imaginar o conceito de nacionalidade que é comum, que, pelo menos, a gente conhece, né. Então assim, quando a gente fala armênio, então é a pessoa que nasceu em território do país Armênia. Só que temos que levar em conta que naquela época não existia a Armênia, um Estado formado. Então eles viviam em cidades, essas cidades do Império Romano, que eram povoadas por uma população que se considerava, que se era etnicamente, digamos assim, armênia. Tinham alguma raiz armênia. Então o que, eles falavam uma língua ou também não, como eu disse. Eles tinham alguns costumes, algumas tradições, ou também não. Isso poderia ser uma tradição turca, ou árabe, ou eles comiam uma comida diferente... É muito tênue. Na verdade, talvez o vínculo um pouco mais distintivo e que diferenciava eles, nesse contexto, talvez a religião. Talvez. Por conta que os armênios majoritariamente possuem... são membros da igreja apostólica armênia, ou seja, eles têm uma igreja nacional. Então isso acabava, creio que distinguindo bastante o que era um armênio do que não era. Mas também nem todos os armênios pertenciam à igreja apostólica armênia. Então haviam armênios católicos e evangélicos já antes do genocídio. Quer dizer, então, qual que é o denominador comum: talvez ser cristão. Como você também tinha gregos no Império Romano. E você também tinha outras minorias, sírios, e tal, que poderiam acabar misturando. Então assim, o que talvez definia, é uma questão, assim, hoje, de se pensar. É complicado. É o fato da pessoa se denominar, se reconhecer como tal. Que é o que eu creio que é levado até hoje. Agora a segunda parte da questão: como se manter armênio.

É um pouco controverso também, assim. Eu acho que vincular também só à religião, é um pouco complicado. Porque... pelo menos naquele contexto eram cristãos de diferentes igrejas. Mas também há armênios judeus. Você tem armênios, inclusive hoje em dia, muçulmanos.

Ou seja, e agora como que você mantém? Então assim, acho que o vínculo da região, ele é um pouco mais... Ele abarca mais a questão, mas também não abarca tudo. Não pode ser entendido como critério... Então, como eu digo, é a pessoa se reconhecer como parte daquele grupo que se denomina armênio. Ou seja, encontra... Ela está situada naquele contexto que ela divide seu território com outras pessoas, que se dizem pertencer a um outro grupo, e ela em contrapartida, ela, por essa distinção, ela diz não... Exemplo: turco, armênio, então eles falam, eles têm uma língua, a gente tem outra. Então espera aí, a gente é diferente nesse ponto. Ah, eles, majoritariamente, professam uma fé, e a gente outra. Então a gente se diferenciou ali bem claramente, o que é um turco e o que é um armênio. Agora um armênio de um grego, por exemplo, eles têm muita coisa em comum. A própria religião. Eles são cristãos. E aí, o que que

você diferencia? Aí é um conjunto de critérios, de características que vão definir. Mas logicamente que tem a hereditariedade. Quer dizer, o avô dele já era, o bisavô, a família toda já vem de uma linhagem armênia, descende de um vínculo sanguíneo, digamos assim. E ele é uma coisa mais étnica mesmo. Eu acredito que seja mais isso. É um pouco difícil falar étnico, porque, claro que no passado também houve mistura, quer dizer, como que a gente vai provar que o armênio daquela época nunca se casou com uma muçulmana...

Tem um sentimento, tem uma... Entende? É um pouco difícil... Acho que é a construção de um imaginário, ou seja... Por mais que eles estavam, eles não viviam num território de uma Armênia como eles imaginavam. É um território turco. Porém eles faziam uma construção, imaginária mesmo, do que era aquilo. Era uma questão meio idealista, do que se imaginava da Armênia. E aí como se manteve isso... E aí a manutenção disso, ela eu acho que ela passou por vários processos, quer dizer, desde a chegada do imigrante, ele se preocupava, primordialmente, em se instalar no país, ter uma estabilidade e primeiro de sobreviver, era a questão principal. Quer dizer, ele chegou, ele precisa dar um jeito de criar sua família e tudo mais. A partir de então, era passar esses valores, toda essa, esse conceito do que era ser um armênio. Era levar, por mais que os seus filhos, seus descendentes, nascessem em território estrangeiro, no caso aqui o Brasil, eles fosse também armênios. Eles tivessem essas características diferenciadas dos brasileiros, mas não como uma questão de exclusão, não como uma questão de não vamos aderir a essa cultura. Não, mas uma questão de manutenção de uma cultura, de um povo ameaçado. Eu vejo dessa forma. Quer dizer, eles viram seu povo praticamente desapareceu do mapa, a sua língua não ser mais falada, a sua fé não ser mais... Então era um modo de enraizar essa questão nos seus descendentes para que não se esquecessem, para que mantivessem aquilo ainda vivo, em terras estrangeiras. Então eu creio que seja isso. Aí agora você diz a geração atual, é isso? Qual a nova geração a respeito disso, é isso?

Por que ainda se luta tanto para se, a justificativa, para se manter essa valorização do ser armênio que precisamos conhecer a história, precisamos conhecer nossa igreja, precisamos aprender nosso idioma? Quer dizer, por que de tudo isso? Por que isso tem, ainda, que ser repetido por muito e muito tempo? Creio eu que justamente por essa questão de ameaça. Esse medo de que todo esse histórico cultural de um povo milenar desapareça. Eu acho que é primordial assim, nesse caso, porque acaba, de certo modo, sendo uma construção, entre aspas, artificial, né. Por que você deve introduzir a língua armênia, levar o seu filho a uma igreja armênia? Quer dizer, por que você precisa forçar, de certo modo, uma coisa que já não possui o valor que já teve no passado. Quer dizer, hoje em dia ele, para conseguir um bom emprego, para se inserir na sociedade, para ele tudo mais, ele não necessariamente precisa saber armênio. Quer dizer, não é uma... e Então assim, é uma questão assim, mais que, é uma questão que é, de certo modo, imposta a essa nova geração, mas que pelo processo natural, ela acaba se tornando artificial, essa... A manutenção dessas características culturais armênias. Quer dizer, eu não estou dizendo que não, não devemos mais falar armênio, não. Eu estou dizendo apenas que muitas vezes isso acaba sendo entendido de um modo artificial mesmo. Muitos jovens não entendem o porquê que se deve aprender armênio, o porquê que deve ser membro da igreja apostólica armênia, por exemplo, o porquê ele precisa saber o alfabeto, porquê ele precisa conhecer a história da Armênia. Quer dizer, isso aí já não representa, é um valor apenas, assim, lógico, é um valor de conhecimento, isso é inevitável, mas não mais representa esse sentimento carregado de paixões e de valores muito enraizados, digamos assim. Entende?

Não distingue mais uma coisa tão nacional, assim, uma coisa nacionalista, para o jovem de hoje, que não teve, que a própria família mesmo deixou de...cultivar... Isso. Quer dizer, se ela deixou de cultivar, é porque ela já não, aquilo deixou de ter uma certa importância, senão ela ia manter. Claro, não é um desrespeito a toda essa história, toda essa tradição. Não. É só apenas que com todo esse processo e que ela se inseriu em uma outra sociedade, isso acabou ficando em um certo segundo plano, mas não perdendo totalmente seu valor. Ela tem um valor, inclusive familiar, de laços familiares, e tudo, de preservação, ok. Só que se perdeu um espaço muito grande que existia antes.

Tenta se delimitar muito o que é ser armênio. Então, hoje em dia ainda, assim, ainda existe um pouco mais flexível, mas eu já vi isso muito mais forte. Do tipo, não, você é armênio, você tem que fazer isso, não, você precisa isso. Assim, é como se fosse uma obrigação, você tem certos requisitos, você precisa cumprir aquilo, para que você seja inserido e receba um título de armênio. Assim, você tenha um certificado de armenidade. Ou seja, isso, com certeza, só tende a piorar essa situação. Quer dizer, é uma tentativa que vai dar uma inversão de objetivo, porque se o objetivo é manter um certo, uma certa unidade em torno que alguma coisa que se defina armênio, você obrigando, você delimitando, restringindo aquilo, só vai tender a dispersar mais, porque pessoas vão se sentir incomodadas, não vão cumprir. Ninguém vai cumprir esses parâmetros. Então, quer dizer, é um padrão artificial também, construído, que não existe. Pra você ser brasileiro, o que você precisa? Você precisa sambar? Você precisa dançar o carnaval? Você precisa comer feijoada todo dia? Entende? Então, isso não existe. Não existe pré-requisito. Pra você ser armênio, eu creio que basta você se reconhecer como tal, você se definir como armênio. Então, você se achar parte daquele meio, não se identificando com cada ponto, cada aspecto que se faz necessário para que, ou que se estipula nesse conceito abstrato de ser armênio. Mas que, pelo menos um traço ou outro, aquilo que você reconheça como parte daquilo. Então eu acho que é justamente isso. E é o que vemos praticamente, hoje, na juventude, nessa nova geração de armênios, que praticamente já está aí na quinta, quarta, quinta geração, outros aí até mais avançados, quer dizer, é lógico que a criança que nasceu agora se o pai dela não falar a história da família, da onde eles vieram, ela nunca vai nem saber que ela pertence a uma família armênia, ou já pertenceu a uma família armênia. Então assim, é uma questão muito além de se levar um Ian no sobrenome, creio que seja justamente isso. A questão de vínculo familiar, quer dizer, uma questão de reconhecimento primeiro das suas origens familiares, das suas raízes, quem você é, quem foi seu avô, de onde ele veio, por que e tal, para depois então você se reconhecer com parte dessa família, logicamente como você é membro da família automaticamente, mas assim, como parte dessa família maior, digamos assim, que é o armênio, talvez. Se eu me sinto armênio, e se eu tenho orgulho de ser armênio?...Eu me considero armênio, lógico. Por quê? Porque eu me reconheço parte de uma grande parte de questões, de características, lógico, também características... Como se diz... De certo modo, generalizadas, assim, claro que cada um tem sua singularidade, mas assim, de um modo geral, como me reconheço parte desse povo. E o orgulho, o orgulho eu acho que é uma questão de reconhecimento, primeiramente, e do devido valor que aquilo representa para você, então assim, “eu só vou ter orgulho de ser armênio, se o ser armênio for algo bom, algo que me traga coisas positivas e tudo mais”. Então eu acho que o orgulho seria fruto disso. Por esse ponto de vista, sim, eu tenho orgulho de ser armênio.

Memória familiar do genocídio

Sinceramente na minha família pouco se falava a respeito de genocídio. Apenas sabia que, os armênios foram mortos pelos turcos, e porque em maioria, os armênios eram cristãos e os turcos não eram cristãos. Então assim, de um modo mais simplificado possível. Com relatos familiares, de fato, isso é um pouco difícil de falar, porque eu não conheci meu bisavô paterno. Não tive contato, então assim, é um pouco difícil. Perguntando para o meu avô, é claro, se o pai dele comentava alguma coisa sobre o genocídio, se ele viu ou o que ele deixou de ver, como ele sobreviveu, como ele chegou até aqui. Ele disse que o pai dele era uma pessoa muito fechada nesse aspecto, não comentava essas questões. Assim, ele não falava, não sei talvez fosse um trauma, ou por que não via talvez importância. Creio que muito mais provável que um trauma, e não querer passar aquilo para o filho, para criança. Não querer falar dessas coisas porque já estava em outro país, já tinha constituído uma família, quer dizer talvez seja isso, sinceramente eu não sei. A mãe dele também não falava nada a respeito disso. A única coisa que... a única passagem, pelo menos que eu tenho, que o meu avô já falou para mim, é que o pai dele um dia comentou que em meio da deportação, eles estavam andando marchando com todas aquelas pessoas, estava muito frio e eles pararam para dormir. Um amigo dele uma pessoa que estava junto com a caravana, quando acordaram viram que esse rapaz havia morrido, talvez de frio. Então o pai do meu avô pegou um travesseiro e nesse travesseiro tinha pão, ele guardava pão ali dentro, então meu bisavô pegou esse pão pra comer. Então assim, é a única, sinceramente, passagem que eu tenho a respeito dessa questão do genocídio com a minha família. Mas eu sei, mais ou menos, o trajeto que eles fizeram para virem até o Brasil, mas seria isso. Também tem a questão de que não se falava certos tabus.

Participação na comunidade

Frequento a Igreja Apostólica, mas não sou assíduo. Aos clubes quando há algum evento, SAMA clube armênio e também a UGAB. Pra mim é super-tranquilo. Porque se tiver um casamento, ou batismo. Assim, atividades fora disso basicamente. Festa junina, festa junina eu vou na Igreja Católica Armênia. Na igreja evangélica eu já fui, em um evento que era um Aron (Sapsezian) que ele estava aqui no Brasil e ele foi dar uma palestra, autografou o livro e tudo mais. Então eu fui, assim é questão de ter alguma coisa. Para ir apenas para o culto religioso, assim, é um pouco mais difícil de fato, mas quando eu vou eu acabo indo na Apostólica por questão de gosto talvez. Eu fui batizado lá, mas de fato eu gosto, me identifico com o cerimonial com aquela igreja. Meus pais também não eram assim fervorosos com religião, não assíduos na igreja. A minha mãe era, por conta da minha avó também ser árabe, a minha avó era árabe cristã católica, não católica armênia, mas minha mãe frequentava mais a igreja católica armênia do que a apostólica, então eu também. Então assim, eu, pelo menos, não diferencio mais essa de: “ah, porque eu sou dessa e não vou na outra, eu vou me fechar no meu modelo, na minha forma, e eu sou esse armênio deformado que não pode sair.” Não, eu vou, eu tenho essa flexibilidade.

Ida à Armênia

Foi em 2004. Eu era ainda muito novo, com dezessete anos. Foi em julho, agosto, bem no finalzinho de julho, agosto por aí. Bem, eu não tinha ideia nenhuma do que era essa Armênia atual, não fazia a menor ideia até porque a um certo tempo atrás por questão de internet, vídeos, imagens, era uma coisa também um pouco precária. Você até achava uma fotografia, alguma coisa, hoje em dia você entra, fotos você vê quase tudo, câmeras ao vivo e tudo mais. Eu tinha uma noção que também não era uma coisa rural como aquela ideia de Armênia que meu avô falava. Falava de um vilarejo, mas eu

imaginava que era uma coisa muito mais simples, pouco desenvolvido. Não que isso também não seja, a gente tem os interiores da Armênia, vilarejos e tudo mais, mas eu imaginava que até a capital era uma coisa assim, nossa absurda. Então eu sinceramente não tinha nenhuma pré concepção de como de fato era, não fazia a menor ideia. Então eu fui com o pé atrás, imaginando o que será que é, ou o que será que não é. Chegando eu vi que era uma cidade normal, uma cidade como qualquer outra, tem tudo tem rua, danceteria, restaurantes, quer dizer uma vida normal, então essa foi a primeira adaptação que eu tive. Com relação a língua mesmo que eu também não falava, sabia algumas palavrinhas, ler e escrever basicamente, sabia pouca coisa, então foi um choque também porque muita coisa eu não conseguia entender. Tentava me virar no inglês, mas era quase que insuficiente porque ninguém entende ou fala, pouca gente falava o inglês, fora do ciclo universitário, na população em geral até que uma palavrinha e outra, mas para ter uma conversação era precário.

Eu fiquei na verdade quase seis meses, cinco meses e alguma coisa, eu voltei bem no dia vinte e quatro de dezembro, então foi esse tempo. Peguei um pouco do frio marcante porque é um frio de verdade que a gente não imagina, só sentindo na pele mesmo, e se acostumar com aquela vida que mudou totalmente. Eu vivia em uma hospedaria de estudante, um Hostel, e ali apenas estudantes habitavam aquele prédio. Eu dividia quarto com um armênio, era estudante armênio da Síria, fora ele na verdade a grande maioria que vivia e também que estudava na universidade eram estrangeiros, não armênios. Então eram, sírios, não armênios, iranianos não de origem armênia, indianos. As minhas colegas de classe, a minha sala era composta totalmente por indianos. Na verdade eu ganhei uma bolsa de estudos para medicina, tanto que eu estudei na Universidade Estatal de Medicina. Então a princípio era o curso de medicina, e eu fazia as aulas de língua porque era como uma faculdade preparatória, de praticamente um ano, para depois iniciar de fato a Universidade. Então era um período de adaptação de estudantes estrangeiros. Depois acabei desistindo da carreira de medicina.

Quando eu fui eu lembro que, dentre os meus amigos apenas um voltou, poucos mesmo tinham ido para Armênia, pouca gente conhecia a Armênia de fato. Viajar para Armênia era algo muito exótico ainda, então eu fui um dos primeiros, e desde que eu voltei muita gente indo e voltando e retornando e já indo pela terceira vez, e eu ainda não retornei. Pelo que eu vejo está muito diferente, em muitos aspectos, como se diz, é mais globalizado, mais urbanizado pelo menos a capital. Até na questão cultural mesmo eu vejo fotos em que eu digo, nossa quando eu estava lá eu não me lembro de ter visto garotas usando certas roupas. Então assim eu vejo que mudou muito em dez anos, pode parecer pouco tempo e é claro que é pouco tempo mesmo, mas as transformações foram bem rápidas para um período de dez anos. Então eu pretendo voltar em breve. E esses jovens que tem ido com mais frequência em grande parte são do Núcleo Comunitário, eles fazem parte, frequentam as instituições, não com uma rigidez assim, mas sabem onde nasceram os pais, vivem em algum meio. Mas também há outros como um amigo, um garoto que surgiu praticamente de paraquedas na comunidade, digamos assim. Ele é do Rio de Janeiro e apesar de a gente saber que há muitos armênios no Rio de Janeiro, lá sempre foi expressiva a quantidade, mas por não ter um centro Comunitário a comunidade acabou se perdendo, acabou que hoje pouca gente que sabemos que é armênio e vive lá. Esse rapaz, é até curioso, o pai dele é boliviano e a mãe é armênia e ele, não sei como, acabou aparecendo acho que pela internet ele acabou entrando em contato com esses outros armênios. Ele acabou descobrindo essa identidade assim, bem pelo acaso, e ele foi para Armênia ficou lá, se eu não me engano, quase um ano. Ele retornou falando armênio e tudo, engajado

mesmo pela questão armênia. Então é bastante curioso isso, eu acho, que tem muita gente que está indo e que nunca tinha ouvido falar sobre sua origem armênia. A questão então seria se brasileiros sem origem nenhuma Armênia estão indo.

Identidade de descendentes armênios

Pra mim, acho que é mais vinculado à questão histórica. Não pelo fato necessário da religiosidade, claro ela exerce um papel imensurável, de grande proporção, porém não é o que eu considero primordial. Ah, o genocídio. O genocídio claro vincula-se a história. É, talvez não em uma hierarquia de segundo plano, mas acho que vinculado a essa origem do povo milenar, de toda essa história que passou. O genocídio claro que entra até por uma questão muito mais próxima a mim, quer dizer, eu tenho um bisavô que sofreu genocídio. Um vínculo assim direto, então eu não colocaria em segundo plano e nem em segundo lugar, eu acho que estaria no mesmo patamar do conceito que eu identifiquei como história. Porque a história também não é só o genocídio.

Genocídio

Eu nasci aqui então minha relação direta e concreta com o genocídio não é uma questão como meu bisavô tinha. Então assim é um pouco diferente, porém eu não posso deixar de considerar esse meu passado, esse meu vínculo com o genocídio. Quer dizer, não é porque eu nasci e me criei aqui, porque não tenho ameaças, porque não aconteceu nada comigo, que eu simplesmente preciso esquecer ou apagar toda essa questão e seguir em frente como se nada houvesse acontecido. Mas é uma questão de levar a voz daqueles que tombaram, que sofreram, adiante. Então é assim, uma questão de não deixar cair no esquecimento, de se procurar fazer justiça, de se divulgar, de se lutar por reconhecimento. Então é mais ou menos o que eu acho que ocorre com qualquer família que porventura um parente, um filho ou o pai foi morto e o assassino está à solta, a família ainda luta por justiça, divulga e fala, e aquilo nunca vai ser silenciado enquanto não se der uma resposta à altura do que se deveria. Então eu acho que é mais ou menos essa comparação que eu faço. É um sentimento coletivo, que não há um armênio, por mais que ele talvez seja muito ponderado com relação ao genocídio de não querer se engajar na causa, não querer lutar, ele muito dificilmente vai negar esse fato porque a sua própria família, sua herança familiar, está ligada a isso. Então eu acho que é uma questão comum e que hoje agrega grande parte dessa armenidade, quer dizer a armenidade também se centra muito na questão do genocídio. A gente às vezes até dispensa muito tempo e muito esforço que poderíamos estar dedicando para outras questões culturais, enfim outras, mas ainda gastamos nessa questão do genocídio que é um pouco maçante de certo modo, então isso é curioso, é um traço também identitário de certo modo.

Reparação

Isso é uma questão, até eu acho que é pouco discutida. Se fala muito em reconhecimento de genocídio, mas deixamos em segundo plano ou nem discutimos a respeito do que a gente quer. Beleza, vamos reconhecer o genocídio, reconheceu e aí? Acabou, a gente então não precisa mais lutar por nada porque somos armênios e nossa questão está resolvida. Eu até acho que é capaz de sofrer ainda um certo choque de falta de causa para lutar. Então às vezes pode chegar num ponto de a gente perder essa motivação, essa referência que se tem com a questão do genocídio. Então assim, eu acho que é primordial se discutir o que se pretende, se é viável o que queremos: o que é possível e o que é viável e o que é justo. Não tem como retornar a vida a ninguém que já foi. Não tem como ressuscitar ninguém, infelizmente a reparação por maior que seja

não vai trazer todas essas vidas de volta. Então isso é uma reparação simbólica, digamos assim. Então o que eu acho que se deveria buscar de reparação, primeiramente a questão particular de cada um que seria territórios e bens que foram confiscados pelo governo Turco e Otomano, todas essas propriedades particulares, o que essas pessoas tinham naquela época que deveriam se retornar. Também a questão de igrejas, escolas, hospitais e todas essas instituições que pertenciam aos armênios e também foram tomados. Então isso é uma questão muito mais simples de se alcançar, claro que também não vai ser muito fácil, mas eu acho que é mais tranquila de entrar no litígio que se deseja. E segundo aspecto, muitos falam também de compensações financeiras, que se pague uma indenização, com relação a isso sinceramente eu não tenho uma posição, eu acho que para mim é indiferente receber dinheiro por conta disso. Por outro lado também tem uma questão que é difícil de se retomar, provar que tal pessoa viveu naquela época, naquela cidade, por questão de registro. Então assim é um pouco difícil, e eu acho que é o menos, pelo menos para mim, importante de indenização financeira em dinheiro. Outro aspecto que eu acho que é o mais complexo e também o que se é mais almejado, é o que de fato entrava muita coisa, seriam as compensações territoriais desses tratados. Revisão dos tratados e a legalidade dos tratados e tudo mais, como que se deu toda essa partilha, o desenho dessas fronteiras. Então assim, isso eu acho que, a meu ver é o mais importante, porque a armênia perdeu muito do seu território, praticamente quase chegou a desaparecer do mapa por conta disso e porque esses territórios foram tomados de modo, por mais que houvesse tratado, aquilo ali foi o resultado de uma política de genocídio que é ilegal, e você não pode se apossar de um território, logo reconhece que aquilo ali é uma coisa ilegal. Você primeiro precisa retornar aquilo ao que era, e aí entra até que parte deveria se retornar a Armênia, aquela Armênia de Woodrow Wilson, quer dizer que é a que atende melhor aos anseios dos armênios é a grande Armênia. Pode ser, talvez é um pouco até ideológico mas porque não pensar também nessa hipótese. E em uma pior e na que menos atenderia a isso, seria apenas a devolução do Ararat que é o monte símbolo da Armênia e a origem de todo povo, quer dizer é representativo demais. A devolução do Ararat, eu acho que seria uma coisa pequena em questão territorial, mas representativa absurda. Então é difícil, sinceramente eu acho que é de grande importância, porém delimitar e ver o que é possível, enfim.

“Turco” ofende?

Vamos lá, ser chamado de turco ofende. Eu acho que enquanto eu tiver um certo ressentimento, um certo sentimento ainda de que aquilo não está bem resolvido, que você tem uma certa dívida com essa situação acaba sendo ofensivo porque você está sendo qualificado como aquele que cometeu as piores atrocidades para sua família e para todo aquele seu povo que você se identifica. Então assim, nesse ponto, é totalmente o oposto do que você é. Isto eu estou dizendo “Turco” em um contexto geral, e no contexto colocando esse termo lá no comecinho do século vinte. Então assim seria essa coisa, não digo que confundido com o Turco atual, algo desse ponto claro que não tem nada a ver. Lógico que também você vai fazer um esforço para explicar que você é armênio e não turco e vai pautar suas diferenças porque aquilo você não se vê parte, você não se considera parte daquilo que te trouxe tantos problemas existenciais, de identidade e tudo mais o que te causou.

Agora ser confundido com turco, eu acho até que é um pouco mais compreensivo, mas isso é totalmente normal aqui, principalmente aqui Brasil esse conceito de turco, quer dizer essa ideia que passam sobre turco, que árabe é turco, armênio é turco, todo mundo aí é turco. É um termo utilizado genericamente, até pejorativamente com certeza.

Então assim, você é confundido como turco. Mas aí eu acho que não é uma confusão porque a pessoa te viu, porque acha que tem traços turcos, eu acho que é uma coisa até proposital digamos. Ah isso aqui é árabe, ele é mão de vaca ele é turco, ele é isso. Tem um estereótipo por trás, então assim, o próprio brasileiro não tem esse conhecimento amplo e bom do que é o turco, do que é o árabe e do que é o armênio. Então muita gente confunde, todos falam sírio-libanês e o que o cara é? Ou ele é sírio, ou ele é libanês. Então a gente não sabe o que é árabe, o que é sírio, e o que é libanês, poxa são três coisas diferentes. Então assim, tem essas coisas, então eu acho que é mais um desconhecimento da pessoa. Eu relativizo bastante, acho que é uma questão de conhecimento, de educação. Isso é normal e como as pessoas falam é mais por que generalizam e tem esse estereótipo por trás. Mas quando você é, talvez, chamado assim em uma questão, você é chamado de turco, quer dizer quando alguém fala assim “seu turco” ou alguma assim, soaria estranho. É porque aí entra a questão, você então classifica que turco é uma coisa ruim, você está sendo chamado de turco, mas você não gosta porque você acha que aquilo é uma...

A questão da “turquiserunt”¹³⁵, sinceramente eu, tem assim, claro, com relação da diáspora, com os armênios da Armênia. A diáspora também considera eles, de certo modo, que eles são atrasados, que eles pensam diferente. Inclusive com relação ao genocídio, assim, a luta pelo reconhecimento, e tudo mais. Então assim, tem chances grandes assim, com relação a isso, mas de ser chamado de turco por um armênio da Armênia, por conta que seus avós eram armênios, mas viviam na Anatólia, quer dizer, eu acho que isso, não tem assim, acho que é mais de brincadeira, uma questão mais de gozação. Claro que tem também um fundo de querer se dividir e tal, mas eu não acho que é uma

Dá pra relativizar. É uma brincadeira, como a gente considera os armênios da Armênia como, eles mais atrasados assim, mais rurais, mais... Então assim, a gente acha também que eles têm, assim, esse estereótipo.

Genocídio e consenso: Armênia, diáspora e políticas de reparação

É aquilo que eu disse, não é uma coisa em pauta que é discutido e que a gente tem uma formação em comum. Ah tudo bem, você pode colocar reivindicação territorial, ok, é muito amplo, mas e aí o que? Reivindicar o que? Que território? Já começa por aí, então assim de fato... Quem vai morar lá? Já começa por aí. Então não tem um consenso e nem um pensamento formado para ter divergência. Eu acho que se não tem nem um pensamento concretizado você não tem nem como ter divergência, porque você não tem dois que se oponha. Tem por exemplo, o mais expressivo que faz as reivindicações seria o Partido Tashnag, que é o mais nacionalista, eles sempre estão colocando essas coisas em pauta, só que muitos restringem apenas a questão que eles colocam, mas isso outros não colocam, outros partidos e as entidades, outras classes. A Igreja eu nunca vi se manifestar; apenas de retorno de igrejas isso eu já vi algumas vezes, o que quer que retorne. Mas então assim é muito pontual ainda, não entrou de fato como deveria, eu acho, falta ainda essa base para depois pensarmos o que vai se reivindicar. Então é uma deficiência grande mesmo.

Tem diferença de realidade mesmo entre as comunidades, entre as próprias comunidades da diáspora e entre a Armênia. Quer dizer, amanhã ou depois vão fazer pagamento de indenização, a Armênia mesmo vai ter pouco retorno com relação a isso. Se devolver os territórios, tem uma questão também complexa de que atualmente os territórios dessa Armênia Oriental ela está povoada majoritariamente por curdos e

¹³⁵ expressão usada pelos armênios da Armênia para designar filhos da diáspora, cujos ancestrais residiam no Império Otomano (literalmente “descendente de turco”)

também alguns turcos claro, mas muita parte de curdos. Então você incorporaria essas populações para Armênia, quer dizer seriam cidadãos armênios. E aí, como faria? E como que essas populações viveriam então sob um estado Armênio? Quer dizer, eles mudariam? Então assim, é bem delicado. Como também disse, aí essas terras voltam, mas outros podem apossar de certo modo... E a grande maioria também muitas pessoas da diáspora, os territórios que os seus ancestrais vieram não é nem ainda dessa Armênia Oriental de sírios, por exemplo, é da Armênia Ciliciana, lá daquela Armênia do reino da Cilícia. Quer dizer, se amanhã ou depois essa Armênia da região da Anatólia ser retornada a Armênia ok, mas não vai ser essa Armênia a terra em que meu bisavô viveu, minha bisavó, então também tem essa questão. Então assim, é bastante complexo.

Onde é a (sua) Armênia?

A Armênia não se restringe a uma forma física para mim assim, é uma coisa superior. O vínculo que tenho... territorial... essas coisas, é mais sentimental assim, é uma questão de referência que a gente tem com aquele território que historicamente pertenceu aos armênios. Mas a Armênia enfim está por toda parte, inclusive aqui no Brasil, então essa dispersão também acaba caracterizando bastante parte desse conceito do que é Armênia. Hoje onde quer que você vá, você vai achar a comunidade armênia, por incrível que pareça em países que a gente menos espera você acha ali uma comunidade armênia, o sudeste Asiático você tem ali, em Singapura, por exemplo, você tem comunidade armênia, tem armênios nos quatro cantos do mundo em todos os continentes. Então é justamente isso, é formar então, não fazendo essa, parece até bobeira, mas transpor aquele trecho de Saroyan: “E aí forma nova Armênia onde quer que eles estejam.” Mas é praticamente isso, aonde quer que tenha um armênio ali ele vai formar uma pequena Armênia. Então aqui para mim, a Universidade, a Cadeira de Armênio na USP. é minha Armênia porque aqui eu tenho contato com a língua armênia, aqui que eu aprendo sobre a história da Armênia, aqui que eu vejo a literatura e tudo mais. Então é justamente isso, é aonde eu encontro essa Armênia e coisa que daqui para fora eu não iria conseguir. Então é isso, essas pequenas armênias que a gente constrói.